GERALD GREEN

HOLOCAUSTO



LIVRARIA
BERTRAND

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

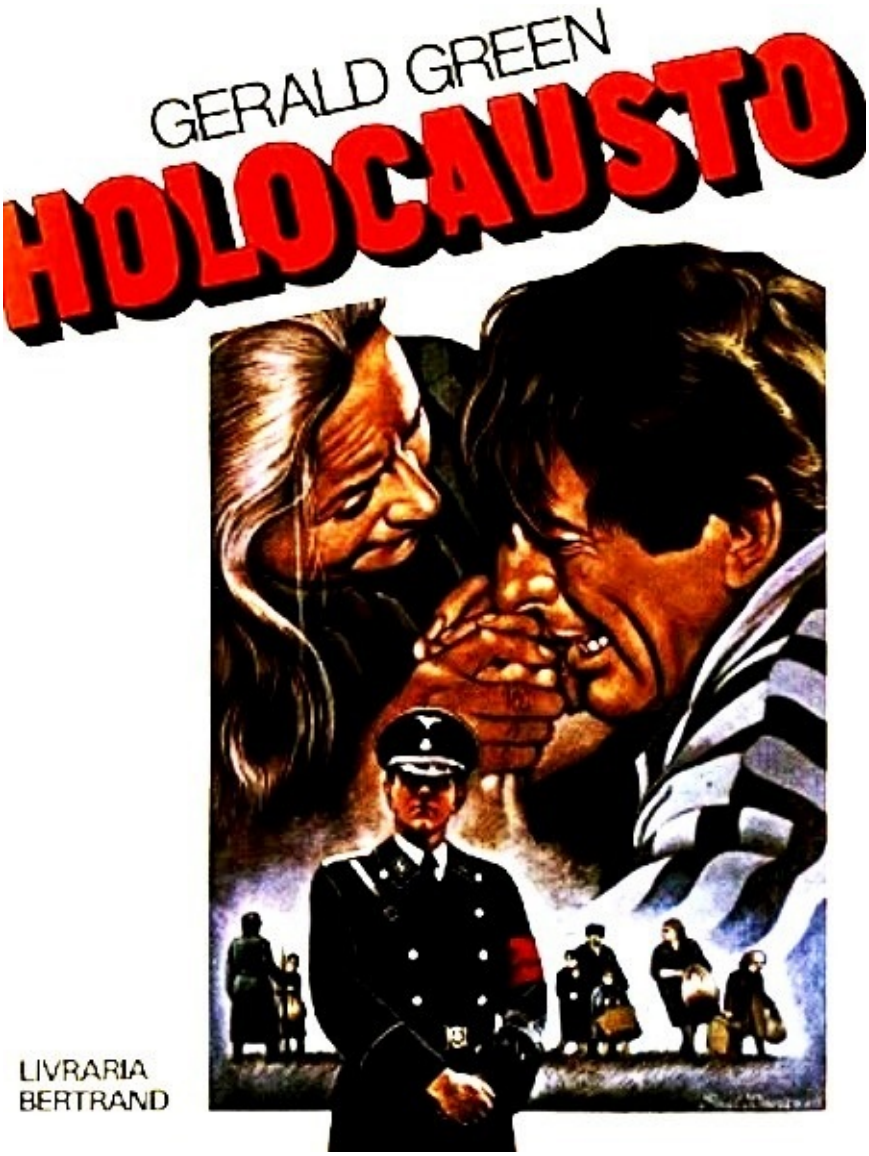
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GERALD GREEN

HOLOCAUSTO

http://groups.google.com/group/digitalsource

LIVRARIA BERTRAND

COLEÇÃO AUTORES UNIVERSAIS

PRÓLOGO

Kibbutz Agam

Israel

Novembro, 1952

Perto da nossa pequena casa, no campo de futebol, os meus filhos, Ari e Hanan, andam ao pontapé com uma bola. Não vão mal, especialmente Hanan, que tem cinco anos. Ari é um ano mais novo, mais magro e mais tímido. Dá a sensação de não apreciar muito o exercício físico. Terei de os trabalhar. Ensinar-lhes os movimentos, o passar da bola, as fintas, como atirar "de cabeça".

Ao observá-los, recordo-me dos tempos em que o meu irmão Karl e eu costumávamos brincar no parquezinho em frente da nossa casa, em Berlim. A nossa casa servia, igualmente, de consultório médico ao meu pai. Algumas vezes, os doentes do meu pai paravam à sombra das árvores, a vê-las.

Ainda lhes consigo ouvir as vozes - talvez a do senhor Lovoy, que foi seu doente desde quando me consigo lembrar - expressando comentários a nosso respeito: "Os filhos do Dr. Weiss. Estás a ver o miúdo? O Rudi Weiss? Ainda vai ser um profissional."

Karl era três anos mais velho do que eu. Magro, calmo, sem “pinta de atleta”, cansava-se com facilidade. Tinha sempre qualquer desenho para acabar, ou então queria ler. Presumo que ambos desapontamos o nosso pai, o Dr. Josef Weiss. No entanto, ele era um homem. brando e meditativo. E amava-nos demasiado para alguma vez nos dar a entender tal coisa.

1 - HOLOCAUSTO

Tudo acabado. Tudo terminado. Karl, os meus pais e toda a minha família morreram no que agora se designa como o holocausto. Um termo curioso para um assassínio em massa. Sobrevivi.

E hoje, sentado neste pequeno bangalô sobre a Galiléia – avisto as suas águas azul-escuras, à distância, para lá dos campas e dos pomares -, dou o toque final a esta crônica da família Weiss. Em alguns aspectos, constitui uma crônica do que aconteceu a milhões de judeus da Europa - aos seis milhões de vítimas, aos poucos que sobreviveram, aos que resistiram.

Tamar, a minha mulher, que é uma sabra (1), ajudou-me a preparar este documento. Recebeu uma educação muito melhor do que a minha. Terminei com

dificuldade o curso dos liceus em Berlim, ocupado como andava a jogar futebol, tênis ou a vagabundear pelas ruas na companhia dos meus amigos.

[1- Sabra - Mulher nascida em Israel e que já não faz parte da Diáspora. (N. da T.)]

Tamar freqüentou a Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Especializou-se em psicologia infantil e fala fluentemente cinco idiomas. Eu tenho as minhas dificuldades com o hebraico. Contudo, já não sou europeu. Israel é o meu país.

Lutei pela sua libertação em 1947 e voltarei a lutar, uma e outra vez, sempre que me pedirem. Nos meus tempos de guerrilheiro na Ucrânia aprendi que é preferível morrer de arma na mão do que submeter-se ao inimigo. Foi isto o que ensinei a Ari e Hanan e, apesar da sua idade, entendem. Porque não haviam de entender afinal?

Várias vezes, durante a semana, a artilharia síria, do outro lado do Jordão, lança bombas sobre o *Kibbutz* Agam, ou alguns dos nossos vizinhos. A cinqüenta metros da nossa casinha há um abrigo antiaéreo fornecido de alimentos e equipado com camas, água e sanitário. Pelo menos uma vez por mês os bombardeamentos atingem proporções suficientes para nos obrigarem a passar lá a noite. Os meus filhos, Tamar e eu ficamos, por vezes, a observar os nossos soldados, que deslocam a artilharia pelas estradas poeirentas, lá embaixo, a fim de pagarem aos sírios na mesma moeda. A minha unidade já foi chamada mais de uma vez para ajudar a "neutralizar" a artilharia do inimigo. Este tipo de obrigação não me dá qualquer prazer, mas cumpro de boa vontade.

Tampouco me sinto satisfeito ante a necessidade de ensinar às crianças que é preciso lutar para sobreviver. Contudo, aprendi muito neste campo e não seria um bom pai se lhes ocultasse este meu conhecimento. Já aprenderam a não ceder, a não curvar a cabeça.

As informações que coligi para esta narrativa sobre a minha família são provenientes de muitas fontes. Visitei a Europa por duas vezes, durante as férias de Verão. (Estou a trabalhar como professor de educação física no liceu local e, à

semelhança de todos os membros da comunidade de Agam, entrego todo o meu ordenado ao *kibbutz* ; no entanto, existem por vezes concessões especiais de

fundos e os pais de Tamar ajudam-me.) Correspondi-me com muitas pessoas que conheceram os meus pais, o meu irmão Karl e o meu tio Moses. Conheci dezenas de sobreviventes aqui em Israel, gente do gueto de Varsóvia. Tamar ajudou-me a traduzir a maior parte do material e também a escrever.

A fonte principal de informações sobre o meu irmão Karl foi-me fornecida pela viúva, uma mulher cristã chamada Inga Helms Weiss e que vive atualmente em Inglaterra.

Há aproximadamente um ano escreveu-me um homem chamado Kurt Dorf que ouviu falar da pesquisa que efetuava sobre a minha família. Era engenheiro civil alemão, ligado ao exército do seu país, e, durante os julgamentos de Nuremberg, fora uma testemunha de acusação de destaque. Descobrira o diário do sobrinho, um oficial das **SS**, chamado Erik Dorf. Kurt Dorf teve a bondade de me enviar uma cópia da enorme e pormenorizada narrativa do sobrinho. Este diário não apresenta nenhuma ligação nem qualquer tipo de método. Freqüentemente, Erik Dorf nem sequer datou os fragmentos, mas, por sorte, nesta descrição desordenada, mencionou o número suficiente de locais e datas para me permitirem situar pelo menos o mês em que cada um foi escrito. Existe uma lacuna entre os anos de 1935 e 1938. Aparentemente, o material deste período perdeu-se ou foi destruído.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

8 de Agosto de 1935, o meu irmão mais velho, Karl, casou com uma rapariga católica chamada Inga Helms.

Os dois tinham vinte e um anos.

Recordo-me com nitidez do sol quente de Verão que pairava sobre Berlim. Nem uma brisa agitava as folhas dos choupos e dos carvalhos no belo jardim do *Restaurante Golden Hart*. O restaurante era famoso pelas suas refeições fora de portas. Estava decorado com pesados cachos de uvas pendentes de latadas pintadas de branco, estátuas, fontes e um macio relvado. Para a nossa festa de casamento fora arranjada uma área privada rodeada por sebes altas e de tons verde-escuros.

Nessa altura tinha eu dezessete anos. A minha irmã Anna tinha treze e era o bebê

da família. Recordo-me vagamente de que me arreliou e corri atrás dela, quase a

tendo atirado para dentro de um dos repuxos. Voltamos para junto da enorme mesa coberta com uma toalha de linho branco, cheia de fruta, champanhe e gelados, além do bolo de casamento, e a minha mãe ralhou-nos com brandura.

- Tenham juízo, filhos! - disse. - O que fizeste à gravata, Rudi

- Está muito calor, mamã.

- Peço-te que a ponhas. Uma ocasião especial.

Claro que obedeci, embora um pouco contrariado. A minha mãe tinha um temperamento autoritário. Conseguia sempre que obedecêssemos. Quando éramos miúdos, chegou e bater-nos as vezes. Em compensação, o meu pai, o Dr. Josef Weiss, era tão calmo, afável, bonacheirão e sempre tão preocupado com os seus doentes que nunca, tanto quanto me recordo, nos repreendeu ou ralhou e muito menos nos bateu.

Estava presente um acordeonista e lembro-me de que tocou valsas de Strauss e árias do Rosenkavalier e do Fledermaus. No entanto, ninguém dançava, e eu sabia porquê. Éramos judeus, e já um povo com estigma. Milhares de judeus tinham já

abandonado a Alemanha, os negócios e os bens roubados pelos *nazis*. Houvera ondas de espancamento pelas ruas, humilhações, manifestações. Contudo, ficáramos. A minha mãe sempre insistira que Hitler era "um político a mais", um novo-rico que, em breve, não demoraria a ser posto no devido lugar. Tinha certeza de que tudo melhoraria. Há

séculos que a sua família vivia naquele país e sentia-se mais alemã do que qualquer desses fanfarrões que andavam a agitar bandeiras pelas ruas.

O agitado ambiente que reinava à mesa do casamento devia-se, porém, a outras razões que não a da nossa qualidade de judeus. As duas famílias, os Helms e os Weiss, não se conheciam uma à outra. Os Helms eram pessoas de condição bastante vulgar. O

pai de Inga era maquinista, um homem tímido, de traços correntes. Não era má pessoa, suponho. A mulher era modesta, com um tipo de beleza semelhante à de Inga: rosto comprido, loura e olhos azuis-claros. Inga tinha um irmão mais novo, que andava pela minha idade. Chamava-se Hans Helms e conhecia-o dos

desafios de futebol. Era um daqueles atletas que fazem grande alarido quando estão a ganhar, mas vão abaixo quando perdem. Tínhamos jogado em equipes opostas algumas vezes e levara a melhor sobre ele. Quando me referi aos jogos, afirmou não se recordar. Era soldado no Exército alemão e, nesse dia, apresentou-se fardado.

Inga beijou subitamente o meu irmão na boca - talvez com intenção de quebrar o pesado silêncio que pairava na mesa. O meu irmão deu a sensação de embaraçado.

Karl era um jovem magro, alto, de cabelos escuros e um olhar pensativo. Conhecera Inga no Instituto de Arte Publicitária. Ela era secretária do diretor. Karl um estudante bolseiro.

A opinião da minha mãe era que Karl fazia um casamento com alguém de condição inferior. Naquele quente dia de Agosto, a humilde família trabalhadora sentada à nossa frente confirmava o seu ponto de vista. Contudo, Berta Weiss não levara a melhor sobre a inquebrantável vontade de Inga. (A minha mãe era uma mulher com bastante força, mas o amor que Karl tinha por Inga não se lhe dobrou.) E estavam verdadeira e profundamente apaixonados. Penso que Karl via em Inga forte determinação, uma jovem entusiasta e vivaz, o tipo de mulher de que precisava. Ele era uma pessoa preocupada e pessimista, muito diferente de Anna e de mim.

- Beija-me outra vez - disse Inga.

- Ainda não estou acostumado em público - retorquiu Karl.

Ela prendeu-o e beijou-o, puxando o véu para trás. Estava encantadora com o vestido de laços e sedas e a pequena coroa de malmequeres na cabeça.

Anna e eu começamos a aplaudir. Assobiei por entre os dedos, o que deu a sensação de descontrair a família Helms. Esboçaram um sorriso hesitante. Hans Helms piscou-me o olho - de homem para homem.

Do nosso lado da mesa estavam os meus pais, Moses, que era o irmão mais novo do meu pai e viera de Varsóvia para assistir ao casamento, e os pais da minha mãe, os meus avós senhor e senhora Max Palitz. O meu avô era um homem de respeito - cabelos brancos, costas retas, condecorado pelo *Kaiser* por heroísmo na guerra de 1914-1918. Era gerente de uma livraria. Sempre declarara que os

nazis não lhe metiam medo e que a Alemanha também era o seu país.

A minha mãe era, indubitavelmente, a pessoa mais elegante das presentes: magra, vestida de azul-claro, luvas brancas e um enorme chapéu branco. Tocou no braço do meu pai.

- Josef! - disse a minha mãe. - É tradicional que o pai faça um brinde.

- Ah, sim... Claro.

O meu pai ergueu-se lentamente. Parecia estar muito longe dali, mais preocupado com a perda de peso de um doente, um caso crônico, uma mulher que morrera de cancro há semanas... A sua prática estava agora reduzida aos doentes e pobres, apenas judeus, os que não haviam tido dinheiro ou provisões para partir. Tratava-os a todos com a mesma consideração que teria mostrado para com um Rothschild.

O meu pai ergueu a taça de champanhe. As pessoas levantaram-se.

- Vou ficar embriagada, Rudi - disse Anna, dando-me uma cotovelada. - Pela primeira vez.

- Vais ficar agoniada, antes - respondi.

- Então, filhos! - interrompeu a minha mãe. - O papá vai fazer um brinde.

- Claro, claro - concordou o meu pai. - Ao feliz casal. A minha nova filha, Inga Helms Weiss, e ao meu filho Karl. Deus lhes conceda longa vida e felicidade.

Tentei iniciar uma salva de palmas, mas a família Helms continuava a parecer muito pouco animada. O acordeonista iniciou outra música. Deitou-se mais champanhe nas taças. Inga obrigou Karl a beijá-la novamente - de lábios entreabertos e os olhos cerradas, apaixonadamente.

O meu pai ergueu a taça aos recém-casados. Apresentou, seguidamente, os pais da minha mãe, os Palitz, dirigiu-se à família Helms pelo nome e apresentou o meu tio Moses.

- Basta de apresentações, Josef e que venha mais champanhe - interrompeu o meu avô. - Dás a sensação de estares a fazer uma conferência médica.

Alguns dos presentes riram.

Havia um homem corpulento, sentado junto do senhor Helms, que não sorriu. Vi que usava na lapela uma *Kakenkreuz*, o que os Ingleses e os Americanos chamam "cruz suástica". Chamava-se Heinz Muller e trabalhava na fábrica com o senhor Helms. E

quando o meu tio Moses, um homem tímido e sem pretensões, foi apresentado, ouvi esse Muller sussurrar ao ouvido do pai de Inga:

- Ouviste, Helms? Moses.

Dei a entender que estava a discutir com Anna e mantive o ouvido bem apurado em relação ao que o indivíduo estava a dizer.

- Alguém tentou convencer a sua irmã a não se meter nisto?- perguntou a Hans.

- Claro - respondeu Hans Helms.- Mas sabe bem como ela é quando decide alguma coisa.

O irmão conhecia a irmã. Inga pusera os olhos em Karl e, agora, tinha-o.

Conseguira superar a oposição da sua própria família e da minha família, bem como a atmosfera dos tempos que corriam, e casara com Karl, pelo registro Civil, a fim de não ferir as suscetibilidades de ninguém. Apesar de toda a força que dela emanava, consegui detectar ternura e receptividade. Era, por exemplo, muito amiga de Anna e de mim, interessando-se pelos nossos problemas escolares e passatempos. Começara a ensinar bordados a Anna; observara-me a jogar futebol. E tratava os meus pais com o máximo respeito.(A minha mãe mantinha-a à distância devo acrescentar, e continuou a fazê-lo durante uns anos).

Chegava, agora a vez do senhor Helms fazer um brinde. Pôs-se de pé, um homem atarracado metido num terno sem vincos, e fez elogios a todos, terminando com um tributo ao seu filho Hans, ao serviço da "gloriosa Pátria". Este fato intrigou o meu avô, senhor Palitz, cujos olhos se iluminaram. Sorriu para Hans.

- Que regimento, meu filho?

-

Infantaria.

- Também estive na infantaria. Capitão do 2.o Regimento de Metralhadoras. Cruz de Ferro. Primeira categoria.- Levou a mão à botoeira. Era como se estivesse a dizer a toda aquela gente: "Prestem atenção, por favor. Sou judeu e um bom alemão, tão patriota como qualquer dos presentes."

- Hoje em dia, não o deixariam limpar uma latrina do Exército - ouvi Muller sussurrar a Hans.

O avô não o ouviu, mas verificou-se um momento de tensão.

Inga sugeriu que dançássemos ao som de *Contos dos Bosgues de Viena.* As pessoas levantaram-se para valsar.

- Anda, Rudi. Vamos dançar - disse Anna, toando-me com o cotovelo.

- Não suporto o teu perfume.

- Não uso nenhum. O meu perfume é natural.

Deitou-me a língua de fora e virou-se para o tio Moses. Tinha-me levantado para estender as pernas e ouvia o meu pai a falar com o irmão.

- Sei o que estás a pensar, Moses - dizia o meu pai num tom de desculpa. - Não é

uma cerimônia religiosa. Não se partem copos. Não fiques com uma idéia errada a nosso respeito. Os rapazes foram *bar-mitzvah'd*. Berta e eu vamos à sinagoga nos feriados.

- Não precisas te desculpar perante mim, Josef.

Anna mostrava-se insistente.

- Dance comigo, tio Moses! -

Arrastou-o até ao relvado por debaixo das árvores estivais. Ainda me recordo de como os raios de sol e as sombras desenhavam padrões por entre os dançarinos.

- Sentes-te feliz? - perguntou o meu pai a minha mãe.

- Se o Karl está, também eu estou.

- Não me respondeste.

- Dei-te a resposta melhor que me é possível.

- Boa gente - continuou o meu pai. - E o Karl ama-a tanto... Dará uma boa esposa. É uma mulher com força.

- Já dei por isso, Josef.

Dei a entender que estava um pouco tocado, andei à volta da mesa e apanhei fragmentos de conversa. Muller voltara a pegar na palavra e dirigia-se em voz baixa ao senhor Helms, a Hans e a alguns dos parentes.

- É pena que não tenham conseguido que a Inga esperasse alguns meses - dizia Muller. - As cúpulas do partido informaram-me de que há novas leis na forja. Nada de casamentos misturados. Podia-vos ter poupado muitas dores de cabeça.

- Oh, mas eles não são como os outros - disse o senhor Helms. - Bem sabe... um médico... o velho é um herói da guerra...

Subitamente, Hans Helms foi acometido de um ataque de tosse. Estava a fumar um charuto e dava a sensação de se ter engasgado. O meu pai, que estava a dançar a valsa com a minha mãe, deixou-a e foi a correr ter com Hans. Obrigou rapidamente Hans a engolir uma chávena de chá. O excesso de tosse acabou.

- Um velho remédio - disse o meu pai. - O chá opõe-se à ação da nicotina. Uma coisa que aprendi quando andava a estudar para médico.

O grupo dos Helms fitou o meu pai com curiosidade. Quase lhes podia ler os pensamentos: "Judeu. Médico. Inteligente. Delicado."

- Que tipo de médico é o senhor, doutor Weiss - perguntou Muller num tom arrogante.

- Um bom médico - gritei, sentindo vontade de acrescentar: "E meta-se na sua vida."

- Rudi! - gritou a minha mãe. - Tem maneiras.

- Estou na clínica geral - retorquiu o meu pai. - Uma pequena clínica privada em Groningstrasse.

Hans deixou-se cair numa cadeira. Tinha os olhos a chorar e o colarinho aberto.

A mãe fazia-lhe festas na cabeça loura:

- Pobre Hans. Espero que o tratem bem no Exército.

O meu pai tentou fazer um pouco de espírito:

- Se isso não acontecer, agora têm um médico na família. E também atendo chamadas noturnas.

Inga e Karl continuavam a dançar, flutuando numa onda de alegria. O mesmo acontecia com mais alguns pares. O meu avô estava sentado em frente do jovem Helms.

- Acho que tudo mudou desde os meus tempos - observou o avô Palitz.

- Sim - concordou Hans. - Esteve em combate alguma vez?

- Combate? Como pensa que ganhei a minha Cruz de Ferro? Verdun, Chemin-des-Dames, Metz. Passei por tudo isso.

- Rezemos para que não haja mais guerras – exclamou a senhora Helms com uma expressão inquieta.

- Ergo a minha taça a esse desejo, minha senhora - retorquiu o meu avô.

Muller estava sentado mesmo ao lado de Hans. Enquanto estudava a cabeça coberta de cabelos brancos do meu avô, transpareceu-lhe um sorriso no rosto.

- Segundo julgo, o seu genro nasceu em Varsóvia – disse subitamente. -

Continua tecnicamente um cidadão polaco.

- E então?

- Pergunto a mim mesmo onde se situa e lealdade da sua família tomando em consideração o momento internacional.

- A política é coisa que não me interessa - anunciou o avô Palitz.

A minha mãe, que estava a dançar mas ouviu o comentário, veio até junto da mesa. A música parou uns momentos. Inga, Karl e o meu pai também se reuniram à

volta.

- Não discutimos política - declarou a minha mãe firmemente. - O meu marido considera-se tão alemão como eu. Foi aqui que freqüentou a Escola Médica e é aqui que tem praticado a profissão.

- Não pretendi ofender, minha senhora - retorquiu Muller, ao mesmo tempo que a boca se lhe abria no mesmo sorriso frio.

Era o tipo de sorriso que iria encontrar em muitos deles, ao longo dos anos. Se observarem as fotografias do fim do gueto de Varsóvia, verão esse mesmo sorriso desenhado nos rostos dos conquistadores, dos assassinos de mulheres e de crianças.

Estudem as fotografias das mulheres nuas, alinhadas do lado de fora das câmaras em Auschwitz, e, em seguida, olhem os rostos dos guardas armados. Sorriem. Há sempre um tipo de estranho humor que os impele a sorrir. Porquê? Será um sorriso de vergonha? Dissimularão o sentido de culpa com o riso? Duvido. Talvez nada mais seja do que um diabolismo intrínseco; um destilar de tudo o que é vil e destrutivo no homem.

Tamar, a minha mulher, que é psicóloga, encolhe os ombros quando falo disto.

- Sorriem porque sorriem - comenta com uma ironia de sabra. - Acham divertido o espetáculo dos que sofrem e morrem.

O meu pai apoiou de imediato a relutância da minha mãe quanto a discutir política com Muller ou qualquer dos membros da família Helms. Observou, com a delicadeza que lhe era peculiar, que apenas era especializado em coisas como gripe e cura de fraturas; a política estava fora do seu âmbito.

No entanto, o avô Palitz não era homem que suportasse insinuações. Inclinou-se por cima da mesa - a fruta e o gelado, a derreterem-se, sofriam nessa altura o rondar de vespas e abelhas e apontou o cachimbo na direção de Muller e de

Helms.

- Hindenberg era homem para si - observou o avô.

- Sem dúvida um patriota, mas antiquado. Fora do seu tempo- argumentou Muller.

- Bah! - exclamou o meu avô. - Hoje estamos a precisar de alguns como ele.

Alguns generais honestos. O Exército deveria correr com essa maralha do Executivo.

- Que maralha? - quis saber Muller, de olhos semicerrados.

- Sabe perfeitamente a quem me refiro. Alguns militares experientes tratavam-lhes da saúde numa tarde.

Verificou-se, novamente, um silêncio embaraçoso. Os meus pais sacudiam a cabeça.

- Hoje não, papá. Por favor - pediu a minha mãe pegando no braço do pai.

Inga veio salvar a situação.

- Não posso acreditar, Karl! - exclamou, no seu tom de voz cantante. - Os militaristas estão todos na tua família.

Ecoaram risos. O meu pai gracejou com o fato de o avô voltar a alistar-se. O

casal Helms e o filho mantiveram-se silenciosos. Muller começou a sussurrar qualquer coisa ao ouvido do senhor Helms e, em seguida, deteve-se.

- Porque não cantamos todos? - sugeriu Inga, tentando animar a festa de casamento. - O que é que gostariam de cantar?

Fez sinal ao acordeonista para que se nos viesse juntar. Inga não demorou a conseguir que todos se pusessem de pé e formassem uma roda.

Inga dispunha deste poder, deste tom de compor situações, de influenciar as pessoas - sem crueldade nem qualquer atitude autoritária, mas com alegria e vivacidade, características da sua personalidade. Dava a sensação de apreciar

intensamente cada minuto da vida e tinha o dom de transmitir essa alegria aos outros. Um dia, levou-me a mim e Anna a passar um dia no jardim zoológico. Não me recordo de alguma vez ter gostado tanto dos animais, nem de caminhar até me doerem os pés. Senti-me feliz por estar na sua companhia e na de Karl. Por estranho que pareça, porém, não era uma rapariga culta - tinha apenas o curso comercial e não se podia dizer que era efusiva ou barulhenta. Estava muito simplesmente viva, amava a vida, e levava os outros a sentirem do mesmo modo.

- Sabe a *Lorelei*? - perguntou a minha mãe.

- Lamento, minha senhora. Mas Heine... - desculpou-se o acordeonista com uma inclinação de cabeça.

- Heine está proibido? - interrompeu-o a minha mãe, num tom incrédulo.

- O Departamento de Música diz que...

- Por favor - replicou a minha mãe.

- Vá lá! - incitou Inga, beijando o músico na testa. - Tem de tocar para a noiva.

Adoro essa música.

O acordeonista começou a tocar. Karl pôs o braço no ombro de Inga, Inga fez o mesmo ao meu pai e assim por diante. Contudo, embora a família Helms participasse na canção, parecia um tanto afastada de nós. A velha melodia e as palavras de há tanto tempo ecoaram no ar quente de Verão:

Não sei porque venho a sentir

Esta tristeza e enorme dor

Uma lenda antiga vem-me a perseguir

Apodera-se-me

do

interior...

- Teria preferido ouvir *Raisins and Almonds* – disse-me o tio Moses, tocando-me

com o cotovelo de leve.

Não fazia a mínima idéia ao que se referia. Era um homem bom e dedicado, mas era diferente. Os judeus polacos, dizia muitas vezes a minha mãe (embora não num tom depreciativo), eram diferentes.

- Cantar é mesmo aborrecido - observou Anna. - Vê só o que trouxe comigo.

Tinha uma bola de futebol e atirou-me contra a cabeça. Não demorei a persegui-la e começamos a jogar à bola no relvado que ficava nas traseiras do restaurante. Arreliei-a, passando a bola por trás dela, fazendo fintas, e só de vez em quando a deixava levar a melhor. Houve uma vez que escorregou na relva e caiu.

- Fizeste de propósito - acusou Anna num tom choroso.

- Não fiz nada!

- Já vais ver como elas te mordem!

Deu um pontapé na bola, que me passou por cima da cabeça e foi aterrar num grupo de indivíduos que jantavam numa zona resguardada do jardim.

Corri atrás da bola. Em seguida, parei. Um dos homens agarrara a bola e conservava-a na mão:

- É tua, miúdo?

- É - respondi.

Eram três. Jovens e bem constituídos. Todos usavam as camisas castanhas, as calças largas e castanhas e as botas pretas das tropas de choque. Cada um trazia uma braçadeira com a cruz suástica - traçada a negro num círculo branco com o resto em vermelho. Observei-lhes os rostos. Rostos vulgares de berlinenses, de homens que se poderiam ver em qualquer esplanada ao domingo, a beber cerveja e a fumar. A única exceção estava nos uniformes.

Sabia quem eram, o que tinham pensado de nós e o que nos estavam a fazer. Há

um ano tivera uma rixa na rua com alguns deles. Ficara com um olho negro, deitara um por terra e, em seguida, fugira como se levasse o diabo atrás de mim,

saltando sebes e voando pelos caminhos, na tentativa de lhes escapar.

- Para que estás a olhar, miúdo? - perguntou o tipo que segurava a bola.

- Nada.

Anna estava a alguns metros atrás de mim. Também os viu e começou a recuar.

Desejei dizer-lhe: "Não. Não lhes mostres que tens medo. Eles não sabem que somos judeus." Estava pálida e continuou a recuar. Parecia entender, talvez melhor do que eu, de que estes eram nossos inimigos, que nada do que fizéssemos, disséssemos ou fingíssemos nos poderia salvar daquele ódio cego e irracional. No entanto, os homens deixaram de nos prestar atenção.

Pontapearam a bola na minha direção. Bati-lhe com a cabeça, descrevendo um arco perfeito, e, quando tocou no solo, passei-a a Anna. Tive e sensação de que escapara por pouco, embora não soubesse bem de quê.

Anna e eu paramos à sombra de um loureiro. Olhamos uma vez mais para os três soldados das tropas de choque.

- A festa de casamento está arruinada - observou.

- Não, não está - contrariei. - Nada têm a ver conosco.

Ouvíamos a nossa família e os Helmes a cantarem do lado de lá da sebe.

- Esquece isso - disse-lhe. - Faço de guarda-redes e tu tentas meter golo.

- Já não me apetece jogar futebol e não quero cantar.

Afastou-se a correr. Atirei-lhe a bola com pouca força, atingindo-a nas costas.

Noutra altura, Anna teria tentado ajustar contas comigo. Mas continuou a correr. Voltei a olhar os homens de camisas castanhas e interroguei-me se todos deveríamos correr.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Setembro, 1935

Hoje, Marta voltou a queixar-se de que estava cansada. Desde o nascimento de Laura que nunca mais ficou bem. Insisti para que fosse ao médico.

Tendo acabado de me mudar para este pequeno apartamento de bairro (onde vivi, há anos, quando era miúdo) recordei-me de um tal Dr. Josef Weiss, que morava em Groningstrasse. Tinha sido médico dos meus pais e continua a ter o consultório no mesmo local, um prédio de tijolo de quatro andares. Ele e a família ainda ocupam os andares de cima e o consultório fica no rés-do-chão.

O Dr. Weiss, um homem delicado, de aspecto bastante cansado, observou Marta cuidadosamente e, depois, declarou, tão suavemente quanto possível, que suspeitava que ela tinha um leve sintoma de sopro sistólico. Marta e eu devemos ter parecido chocados, mas garantiu-nos que não era caso para alarme e que, provavelmente, se relacionava com a sua anemia. Passou-lhe uma receita para fortificar o sangue e recomendou-lhe que não fizesse esforços.

Enquanto estava a falar com ela, aproveitei para observar as paredes de painéis escuros do consultório. Diplomas. Certificados. Fotografias da mulher e dos filhos, incluindo um casal de jovens noivos. Para mim não tem importância, mas recordo-me de os meus pais dizerem que o Dr. Weiss era judeu, mas um indivíduo muito simpático.

Quando o médico foi informado de que tínhamos dois filhinhos em casa, sugeriu que contratássemos uma mulher-a-dias umas tantas vezes por semana e Marta -

sem qualquer vergonha - respondeu-lhe que não nos podíamos dar a esse luxo. Ele respondeu que ela não precisava ser o modelo da dona de casa berlinense, que passava o dia a esfregar e a limpar, embora um pouco de exercício não fosse desaconselhável.

A saída, fez-me parar junto da porta da sala de espera e observou que outrora tivera uns doentes de sobrenome Dorf. Eu seria parente deles? Admiti que o meu pai fora, de fato, um dos seus doentes quando eu era um miúdo, há uns doze anos.

O Dr. Weiss pareceu-me comovido. Lembrava-se bem dos meus pais. A senhora Weiss costumava ir comprar pão e bolos à padaria de Klaus Dorf. Ficou felicíssimo por tornar a ver-me!

Porque não lhe dissera logo?

Marta ergueu o queixo e, com aquele orgulho muito especial da Alemanha do Norte que a caracteriza, observou que o seu marido, Erik Dorf, advogado, não gostava de pedir favores a quem quer que fosse. Não empregou um tom ríspido nem o fez para por o médico no seu lugar. Estava meramente a pôr os pontos nos *ii*.

Fosse como fosse, o Dr. Weiss não ficou de maneira alguma ofendido e continuou a conversar. Recordou como me tratara de bexigas quando eu tinha seis anos e assistira minha mãe durante um grave ataque de pneumonia. E onde estávamos agora?

Respondi que o meu pai morrera, que tinha ficado sem a loja durante a depressão e que a minha mãe vivia com uns parentes em Munique.

Vi que ficara comovido e comentou como era triste que tantas pessoas tivessem sido afetadas durante esses anos.

- E aqueles maravilhosos bolos cobertos, às quintas? - disse subitamente.

- Quartas - corrigi, sem conseguir evitar um sorriso. - Era eu que me encarregava das entregas.

Quase se mostrou relutante em nos deixar ir embora, como se a recordação da humilde padaria do meu pai e dos meus serviços como moço de fretes, lhe fosse agradável. Marta fez questão em acentuar até onde eu conseguira chegar: um advogado que pagara os próprios estudos na universidade. O Doutor concordou. Atravessamos, em seguida, a sala de espera. Reparei que a maior parte dos seus doentes parecia uma clientela pobre.

Mais tarde, sentamo-nos num pequeno parque e fiquei a ler os anúncios de ofertas de emprego, como de há muito a esta parte. Guarda-noturno. Fiel de armazém.

Escriturário. Nada de interesse para um brilhante e jovem advogado, particularmente com dois filhos e uma mulher a sustentar. Marta tem falado em se empregar, mas não quero ouvir nem uma palavra sobre o assunto. Não temos avós ou outros parentes que olhem pelas crianças e, para falar francamente, ela não tem habilitações. Os pais, oriundos de Brema e de idéias antiquadas,

achavam que uma mulher não devia trabalhar.

Foi educada para casar, ter filhos, cozinhar e ir à igreja.

Observei que era muito possível que tivesse dificuldades em relação ao pagamento das consultas médicas, e ela respondeu que, já que o Dr. Weiss se mostrara tão satisfeito por me voltar a ver, e até se recordava das bolos da padaria do meu pai, decerto não se importaria em esperar até me ser possível arranjar emprego. Marta é sempre a mulher otimista e cheia de planos que olha em frente e vê um futuro melhor. Eu não sou assim.

Desde que vi o meu pai perder o negócio, a loja, a sua autoconfiança e, por fim, a vida, sempre tendi a dissimular a minha melancolia nata com uma falsa fachada de alegria. A minha aparência ajuda: magro, alto, elegante. Marta e eu fazemos um casal atraente: ela pequena e loura, com um corpo muito bonito e umas mãos maravilhosas.

Embora se tratasse de uma extravagância, devido ao montante das nossas contas, comprei gelados de baunilha para os dois e demos um passeio pelo parque. De início suavemente e depois num tom mais firme, Marta começou e fazer-me um sermão. Sou demasiado tímido e apagado. Não apregôo às pessoas que, quando me formei, fiquei entre os primeiros dez da minha aula. Porquê? Como é possível explicar-lhe que, devido à vergonha que sinto pelo falhanço do meu pai, não consigo fazer autopropaganda, lançar-me para a frente?

Atirou o cone meio comido para uma lata de lixo e fez uma expressão aborrecida.

- Nunca aceitas as minhas sugestões - observou. - Por favor, Erik...

Sabia o que queria, o que quer. Repeti-lhe uma dúzia de vezes que não quero ser polícia. Um tio dela conhece o general Reinhard Heydrich, que se diz ser um dos mais poderosos de todos os novos líderes políticos em ascensão - à frente da *Gestapo*, das e outros serviços de segurança. Marta nunca hesitou em dizer que acha que, pelo menos, eu deveria falar com este homem poderoso. Milhares de jovens universitários, alemães, dariam dez anos de vida por uma oportunidade semelhante. Contudo, nem sequer sou membro do partido. Tampouco Marta. Somos pessoas bastante afastadas da política.

Oh! Claro que percebemos diariamente de que as coisas melhoram: mais

empregos, estabilização da moeda, dinamização de fábricas. No entanto, a política está fora do meu âmbito.

Disse-lhe que é possível que o meu pai tenha sido outrora socialista. Os *nazis*, decerto, acabariam por descobrir. E depois?

Mas desta vez, no parque, mostrou-se excepcionalmente dura. Declarou que lhe estava a fazer mal ao coração, que devia isso aos filhos, que provavelmente o erro estava em eu não acompanhar entusiasticamente o avanço da nova Alemanha. Recordei-lhe que, nos últimos anos, tenho sido escravo de livros de advocacia, trabalhei em *part-time* numa companhia de seguros, dificilmente conseguindo manter a saúde e a sanidade mental, e, portanto pouco tempo me restou para políticos, desfiles ou comícios.

Acabou por ganhar. Concordei em pedir ao tio que me arranjasse uma entrevista com Heydrich. A verdade é que amo e respeito Marta, e talvez ela seja mais arguta do que eu ao perceber que o novo Governo oferece novas oportunidades.

Abraçamo-nos e, como dois jovens apaixonados, descemos a rua ladeada de árvores. Ao passarmos por um quiosque, olhei de relance para os cartazes - Hitler com armadura de cavaleiro, avisos para nada se comprar aos judeus, incitamentos a uma maior produtividade. Talvez ele tenha razão.

Hoje, 20 de Setembro, fui introduzido no gabinete de Reinhard Heydrich para me avistar com ele.

É um homem alto, elegante, de aspecto imponente. A nenhum homem ficaria melhor o uniforme preto das **SS**. Detém vários postos - chefe da *Gestapo*, chefe dos Serviços de Segurança. Trabalha diretamente com o *Reichs führer* Himmler, a cabeça das **SS**, um "exército dentro de outro exército, essa leal legião de homens postados sob juramento em manter a doutrina *nazi*, a pureza da raça e a segurança da Alemanha.

Enquanto Heydrich lia o meu *curriculum vitae*, aproveitei para o analisar. Ouvi dizer que é

um atleta de marca (é um belo espécime humano) e um violinista consagrado. Num suporte próximo, havia um violino. Via-se uma cantata de Mozart aberta. Sei um pouco a seu respeito - antigo oficial da Marinha, organizador do partido, um teórico brilhante, um homem com uma crença profunda na necessidade de

segurança e ordem e no poder ilimitado de uma força policial.

Tinha modos corteses. Nada observei nele que justificasse os boatos de rua que ouvi (de indivíduos esquerdistas que estudaram advocacia comigo) de que no partido é

conhecido como "o jovem e diabólico deus da morte". Como as pessoas podem errar tanto! A minha frente, via um homem requintado, inteligente, de trinta e um anos de idade.

Ergueu os olhos abruptamente e perguntou-me o que me levava a pensar que estava apto para trabalhar nos departamentos especiais das **SS** sob o seu comando, como os Serviços de Segurança ou a *Gestapo*.

Para ser honesto, não sabia qual a resposta a dar e por isso decidi-me pela saída mais fácil. Contei-lhe a verdade.

- Preciso de um emprego, senhor - esclareci.

A resposta divertiu-o. Revelou imediatamente o tipo de indivíduo perspicaz que é - vendo claramente através das pessoas, consciente das motivações, presciente, um psicólogo nato. Retorquiu que lhe dera uma resposta franca e refrescante. Havia todo o gênero de embusteiros e farsantes que iam ter com ele à procura de emprego, e ali estava eu, um brilhante e jovem advogado, sem fazer quaisquer longos discursos sobre o meu amor pela Pátria e pelo *Führer*, mas meramente a pedir um emprego.

Troçava de mim? Não. Estava a ser sincero. Mesmo assim, havia algo de trocista nos seus olhos, de um azul metálico, e, quando se virou na minha direção, senti-me como se estivesse ante uma pessoa diferente. Os dois lados do rosto - um rosto bonito davam a sensação de díspares, incompatíveis. Estaria entregue a qualquer tipo de graça pessoal e cínica, à minha custa? Não tenho certeza.

Heydrich falou no partido, no novo Governo, na abolição do corrupto e ineficaz Parlamento. Declarou-me que o poder da polícia, quando utilizado devidamente, é o verdadeiro poder do Estado. Acho que deveria ter argumentado. Aprendi noções diferentes na advocacia. E os tribunais? O processo jurídico? Os direitos humanos? No entanto, ele intimidava-me demasiado para que fosse capaz de lhe dizer tudo isto.

- Graças aos modernos conhecimentos técnicos e ao patriotismo do povo alemão - declarou -, não existem limites relativamente ao que podemos fazer nem inimigos capazes de as vencerem.

Devo ter parecido confuso, pois riu e perguntou-me se sabia, de fato, a diferença entre as **SS**, a *SD* , a *Gestapo* e a *RSHA*. Ao confessar-lhe a minha ignorância, riu-se e deu uma pancada na mesa:

- Esplêndido, Dorf! Nós próprios algumas vezes temos dificuldade em as separar. Não interessa. Todas me apresentam relatórios, e evidentemente ao nosso amado *Reichsführer*, *Herr* Himmler.

Quis saber em seguida a minha opinião sobre os Judeus e respondi-lhe que nunca dedicara muita atenção ao assunto. Virou uma vez mais o lado duro e irregular do rosto na minha direção. Apressei-me a acrescentar que estava de acordo quanto ao fato de terem uma influência desmesurada, em relação ao seu número, em âmbitos como jornalismo, comércio, bancos e profissões, o que provavelmente era mau para a Alemanha e para os próprios Judeus.

Heydrich fez com a cabeça um aceno afirmativo. Lançou-se, em seguida, numa das suas teses preferidas - uma amplificação das próprias palavras do *Führer* em *Mein Kampf*. Por vezes, via-me em dificuldades para o seguir, mas dava a sensação de se resumir ao fato de que tal como o bolchevismo, para ter êxito na Rússia, necessitava de um inimigo de classe também o movimento *nazi*, para singrar na Alemanha, precisa de um inimigo racial. Daí os Judeus. -

- Mas claro que eles são o inimigo.

Heydrich manobrara-me inteligentemente e com a maior precisão para me fazer chegar à posição em que queria ver-me – na realidade, à atitude que eventualmente espera que todos os alemães, de todas as categorias, classes e crenças aceitem. Os Judeus não são apenas um instrumento para o domínio; são, de fato, e com toda a evidência histórica, inimigos.

Ia ganhando calor na exposição do tema. Citou *Mein Kampf*, a implicação dos Judeus em todo o tipo de corrupção humana, a sua traição para com a Alemanha na guerra mundial, o seu controle dos bancos e do capital estrangeiro, bem como o seu domínio no bolchevismo.

Sentia a cabeça vazia, mas sempre tive a capacidade de parecer interessado, de

concordar com um aceno de cabeça, uma exclamação, um sorriso. Ele deliciava-se com as próprias palavras e não me atrevia a interromper. Numa altura senti-me tentado a perguntar como é que os Judeus podiam ser bolchevistas e capitalistas. No entanto, contive-me prudentemente.

- Acredite-me, Dorf - disse. - Resolveremos uma infinidade de problemas (políticos, econômicos, militares e sobretudo raciais) se não pouparmos o Povo Eleito.

Confessei que pisava um terreno desconhecido. No entanto, lembrei-me das recomendações de Marta e declarei ter um espírito aberto.

O comentário agradou-lhe. Mesmo quando confessei não ser membro do partido nem ter usado uniforme desde os meus tempos de escuteiro, deu a sensação de ficar indiferente ao fato, chegando mesmo a acrescentar que qualquer idiota podia usar uma farda, mas que o importante era ver-se rodeado de pessoas inteligentes e com espírito de organização. Observou ainda que as **SS** tinham a sua dose de vadios, vendidos e excêntricos. Estava a tentar erguer a organização eficiente.

- Devo, pois, presumir, senhor, que estou contratado?

Fez um aceno de cabeça afirmativo e senti um arrepio súbito percorrer-me a espinha, como se tivesse transposto um obstáculo, escalado uma montanha.

Disse-me ainda que seria empossado e se procederia ao juramento assim que se fizessem as investigações a meu respeito. A voz adquiriu inflexões metálicas. Durante uns segundos meteu-me medo. Em seguida, riu-se:

- Suponho que não se atreveria a vir aqui se a sua vida não estivesse limpa.

- Julgo não haver problema, senhor - anuí.

- Bom. Dirija-se ao andar de baixo, à Secção de Pessoal, e preencha os impressos necessários.

Quando ia embora, disse-me ainda:

- Mais uma coisa, Dorf. Estou a arriscar-me consigo. Hitler declarou uma vez que não descansaria enquanto não conseguisse que para o Alemão fosse uma

vergonha ser advogado.

Viu-me pestanejar e acrescentou:

- Estou a brincar. *Heil Hitler*, Dorf.

- *Heil Hitler* - repeti, achando muito fácil pronunciar as palavras.

***

Ontem, 26 de Setembro, vesti pela primeira vez o uniforme preto das **SS**. Mais tarde, ainda nessa noite, fiz o juramento de sangue:

“Faço, perante Deus, o juramento sagrado de que obedecerei incondicionalmente a Adolfo Hitler, *Führer* da Nação e do Povo Alemão, supremo comandante das Forças Armadas, e estou preparado como um bravo soldado a arriscar a minha vida em qualquer altura, a bem deste juramento.”

Deram-me a patente de tenente e destacaram-me para uma pequena guarnição do quartel-general de Heydrich. A verdade é que sou muito mais do que um funcionário competente e um apoio de somenos importância para Reinhard Tristan Eugene Heydrich. Grande parte do meu tempo é gasta a destrinçar as relações entre a *Gestapo*, a *SD*, a *RSHA* e outras ramificações das **SS**. Heydrich costuma dizer-me, num tom de troça, que prefere manter a mistura, desde que todas saibam que é ele quem manda.

Marta ajudou-me a vestir o casaco preto, as calças pretas e as botas pretas. Enfiei a *Luger* no coldre de cabedal e senti-me um idiota. Marta foi buscar os filhos ao quarto, para que admirassem o pai. Peter tem agora cinco anos e Laura três. Marta, que sempre preferiu o Peter, pegou-lhe ao colo. Ele olhou, para o boné preto e desatou a chorar!

Senti-me súbita e estranhamente preocupado. Será que tomara a decisão certa? É

evidente que não se pode dar importância às lágrimas de uma criança ao ver o pai vestido de maneira fora da habitual. Nada de mais natural. No entanto, Marta ficou aborrecida ao ver que ele não parava com a choradeira, e foi-se embora. Peter e a pequena Laura observavam-me, chorosos, espreitando pela porta.

Disse a Marta que esperava não ser obrigado a usar sempre aquela farda. Não

estamos em guerra. Para quê andar por aí de botas de montar?

- Mas tens de o fazer. Serás respeitado pelas pessoas - argumentou. - Os negociantes locais saberão quem és. Conseguirei a melhor carne, a melhor fruta e a melhor hortaliça. Se tens poder,serve-te dele.

Não lhe respondi. Nunca me ocorrera que uma das vantagens de usar um uniforme das **SS** residisse em escalopes mais altos e melões mais maduros. No entanto, Marta foi sempre uma mulher prevista. A lesão cardíaca nunca lhe afetou a perspicácia ou a inteligência.

Tentei uma vez mais estender os braços e fazer com que Peter me viesse dar as boas-noites. Mas fugiu de mim. Quando me despedi de Marta e saí para a cerimônia de posse no quartel-general, veio-me à memória a cena da *Ilíada* em que Heitor coloca o brilhante capacete emplumado. A mulher, Andrômeda, ergue o filho nos braços para que ele o admire e a criança grita de terror. O aspecto do pai assusta-a.

A reação de Peter perturba-me. Não me imagino como o gênero de pai de quem os filhos fogem.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Nos três anos que decorreram entre 1935 e 1938 continuou a lenta asfixia da vida dos judeus da Alemanha. Não abandonamos o país. A minha mãe continuava a insistir que "tudo melhoraria"; o meu pai cedeu.

Anna vira-se forçada a sair do liceu e freqüentava agora um colégio particular judeu. Era uma ótima estudante, muito mais inteligente (percebia) que Karl ou eu. Karl continuava a pintar, lutando por sobreviver, e vendo fecharem-se-lhe as portas de praticamente todo o tipo de trabalho comercial. Inga, sempre dedicada ao marido, trabalhava como secretária e era a trave mestra do casamento. Eu? Ajudava em casa e jogava futebol num grupo semiprofissional. Dificilmente conseguíamos agüentar no balanço.

Estava tornando-se evidente que da clientela do meu pai apenas faziam parte os que, como nós, não tinham querido abandonar o país.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1938

Alguns processos de rotina, bem como relatórios de informantes das vizinhanças, encheram hoje a minha secretária. Chamou-me a atenção um nome conhecido: Dr. Josef Weiss.

Devo confessar francamente que constituiu uma quebra nos trabalhos maçudos que me têm dado. De vez em quando estou presente em reuniões com Heydrich, mas raramente me requisitam em alturas de decisões importantes. Tento não me queixar, embora seja eficiente e bem organizado e Heydrich saiba que pode contar comigo para obedecer às suas ordens. "Dêem isso ao Dorf", costuma dizer, quando quer qualquer memorando simplificado, de fácil leitura ou com os termos apropriados.

De fato, não tenho motivo de queixa. A doença de coração de Marta parece ter estacionado. As crianças estão bem de saúde. Comemos bem.

Hoje, 6 de Novembro, ao ver o nome do Dr. Weiss recordei-me da melhoria do estado de saúde de Marta e da visita que fizemos ao seu consultório, há três anos. Li a anotação, um relatório de um oficial de segunda que vivia do outro lado da rua da clínica de Weiss.

O Dr. Josef Weiss, um médico judeu com consultório em Groningstrasse, 19, tem tratado pelo menos uma doente ariana. Trata-se de uma infração às leis de Nuremberg que deve ser tida em conta. A mulher em questão é uma tal Fraulein Gutmann, que tem sido vista a entrar no seu consultório.

Um assunto trivial. Em circunstâncias normais tê-lo-ia depositado nas mãos de uma entidade local da *RSHA*, o departamento que trata dos problemas relativos aos Judeus.

Refleti naquele relatório durante um bocado. Devia meter-me no assunto? Oh, a verdade é que estou empenhado no nosso programa e aceito as opiniões de Heydrich sobre a questão dos Judeus. Voltei a ler *Mein Kampf*. Digeri a obra, aceitando nas suas linhas gerais a argumentação contra a eterna ameaça que os Judeus constituem para a Alemanha, e acho que não devo deixar que a minha velha lealdade para com um médico tenha qualquer interferência. Não tenho, por conseguinte, quaisquer certezas quanto ao que me levou a fazer o que fiz hoje.

"Talvez deva um favor ao Dr. Weiss", disse para mim mesmo, enquanto trocava o uniforme pelo terno cinzento de civil.

***

Tive e sensação de que a sala de espera parecia mais sombria. A pintura dos tetos e das paredes caía aos bocados. Vi-me na companhia de um velho judeu ortodoxo e de um casal jovem. Bati na porta de vidro fosco do gabinete. O Dr. Weiss veio abrir. Tinha vestida a bata branca. Parecia mais velho, tinha o rosto cheio de rugas e o cabelo bastante grisalho. Pediu-me que esperasse um momento. Estava a examinar um doente.

Em seguida, reconheceu-me.

- Meu Deus! - exclamou. - Senhor Dorf! Entre. -

Disse ao doente que esperasse lá fora.

Voltei a examinar as fotografias penduradas na parede: a mulher, os filhos, o retrato do casamento. Prestei atenção aos filhos mais novos. O rapaz parecia forte e bem constituído. Tinha vestida uma camisa desportiva.

- É Rudi, o meu filho mais novo - esclareceu o médico. - Jogou na linha média do *Tempelhof*. Um grande atleta. Talvez já tenha ouvido falar nele.

Sacudi a cabeça negativamente, tentando dissimular uma certa tristeza. O médico continuava a tagarelar sobre o filho, a preparação e capacidades atléticas que tinha e que nós, Alemães, respeitamos, quase implorando que fosse aceito por algo mais do que é.

Interessou-se pelo estado de saúde de Marta, querendo saber se estava ali por causa dela, e vi-me forçado a interrompê-lo. Não podia deixar que relações do passado viessem interferir. Mostrei-lhe o distintivo e identifiquei-me como tenente das **SS**, quartel-general de Berlim.

Subiu-lhe ao rosto um tom acinzentado, deixou de sorrir e perguntou-me se fizera algum mal. Senti-me invadido por um momentâneo sentido de culpabilidade. O

que levaria alguém a perseguir este homem? Tanto quanto sei, é a imagem

personificada da dignidade. (Heydrich responderia que com os Judeus nunca se sabe: escondem os seus planos diabólicos por detrás de uma fachada de boas ações e caridade.) Mencionei o relatório onde o acusavam de tratar uma mulher ariana. Confessou ser verdade. Era uma antiga criada, Fraulein Gutmann, e tratava-a de graça. Repliquei que esse pormenor não tinha importância e que não poderia continuar. O Dr. Weiss acedeu. Em seguida, tentando desarmar-me, recordou-me que outrora tratara muitos cristãos, incluindo e minha família.

Naquele momento percebi que Heydrich pretendia dizer com um endurecimento ante certas ações. Respondi que os tempos tinham mudado e os velhos hábitos desaparecido, tanto para bem dele como para o nosso. Acentuei que, normalmente, não me encarregava deste tipo de recados, que não avisava os Judeus e estava no Executivo.

- Entendo. É um especialista. Não faz visitas à casas - observou com um sorriso forçado.

- Não volte a tratar essa mulher - insisti, pondo-me em pé. - Exerça a sua profissão com clientela judaica.

Acompanhou-me até à porta vidrada. Antes de a abrir comentou :

- Tudo isto está para lá do meu entendimento. Fui o médico da sua família.

Preocupei-me com a saúde da sua mulher.

- Porque não abandonou a Alemanha? - interrompi-o. - Não é qualquer zé-ninguém. Vá-se embora.

Entreabriu a porta o suficiente para me dar a observar os doentes que esperavam na sala.

- Os judeus adoecem e necessitam de cuidados médicos - argumentou. - Se todos as médicos partirem, o que acontecerá? Só os velhos e os pobres ficaram.

- Para si a situação não melhorará.

- O que pode suceder de pior? Já não somos cidadãos. Não temos direitos legais.

Os nossos bens estão confiscados. Encontramo-nos à mercê dos rufias. Não

posso ingressar num hospital. Não consigo obter remédios. Em nome da Humanidade, que mais nos podem fazer?

Heydrich tem razão no que se refere a um contato de perto com os Judeus. Têm o hábito de apelar, de se queixar e insinuar. Embora me veja forçado a confessar que o Dr. Weiss se comportou dignamente.

- Não me deve pedir ajuda - observei.

- Nem sequer na base de uma relação do velho médico com o doente?

Considerava as seus pais pessoas decentes. Tenho motivos para pensar que me respeitavam.

- Não tenho nada contra si - argumentei, sacudindo a cabeça. - Siga o meu conselho e parta.

A saída ouvi alguém que tocava piano. Julgo que um dia o meu pai me disse que a mulher do médico é uma pianista de valor. A música era de Mozart.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Novembro de 1938, e ainda continuávamos em Berlim. Ao recordar esses tempos, é-me difícil culpar a minha mãe. Ou alguém da nossa família. Ficamos. Sofremos. Quem

- à exceção de uma minoria - estava ciente dos horrores que nos esperavam? Recordo-me de discussões infindáveis. Ficar. Partir. As coisas vão melhorar. Temos um amigo aqui. Alguma influência ali.

Um dia, estavam a minha mãe e a minha irmã Anna a tocar um dueto de Mozart, quando o meu pai subiu as escadas penosamente. Conhecia-lhe os passos. Não era um homem muito alto, mas era forte. Deixou que a minha mãe e Anna acabassem a peça no *Bechstein* e, em seguida, aplaudiu. Anna fingiu-se zangada. A peça era uma das que tinha aprendido recentemente; tratava-se, em princípio, de uma surpresa para o aniversário do meu pai.

Eu estava sentado a um canto da sala, a ler a página de desporto. Desde a minha infância que constituía a única parte do jornal que me interessava. Os meus pais, aborrecidos com os meus fracos resultados escolares, diziam freqüentemente que

eu só

aprendera a ler para saber quem conseguia os primeiros lugares no futebol.

- Foi lindo - elogiou o meu pai, beijando Anna. - Ainda gastarei mais no meu aniversário. Um dia virás a ser melhor pianista que a tua mãe, Anna - acrescentou, fazendo-lhe uma festa no cabelo.-Tenho de falar com a tua mãe, querida. Importas-te de nos deixar só?

- Aposto que sei do que se trata - observou Anna, com um trejeito. - Ficamos ou partimos? - cantarolou.

Obtive permissão para ficar. Talvez achassem que já tinha idade para ouvir o tipo de diálogo que se seguiria. O meu pai preparou o cachimbo e sentou-se do outro lado do *Bechstein*.

- Recordas-te da família Dorf? - perguntou à minha mãe.

- O padeiro. Os que te deviam todo aquele dinheiro e se mudaram sem pagar as contas.

- O filho acabou de sair.

- Veio acertar contas?

- O jovem Dorf é oficial nos Serviços de Segurança. Avisou-me que não tratasse arianos e acrescentou que o melhor seria abandonar o país.

Dei a entender que estava interessadíssimo na página desportiva, mas continuei de ouvido atento. O meu pai parecia perplexo e mais preocupado do que alguma vez o vira.

- Há três anos que nos deveríamos ter ido embora - observou. - Logo a seguir ao casamento de Karl. Quando tivemos oportunidade.

- Estás a querer dizer que ficamos por minha causa, Josef? - retorquiu a minha mãe, puxando o cabelo para trás.

- Não, minha querida. Ambos... tomamos a decisão.

- Convenci-te, não foi? Disse-te que o país era tão meu como deles. Continuo com a mesma opinião. Acabaremos por levar a melhor sobre esses bárbaros.

O meu pai tentou responsabilizar-se por algumas das culpas no cartório. Os judeus que tinham ficado necessitavam de cuidados médicos; tinha uma missão a cumprir. No entanto, a minha mãe e eu sabíamos que estava a representar, e não com convicção suficiente. Fora a vontade férrea dela que nos mantivera ali.

- Talvez estejamos a tempo - disse o meu pai. - A Inga fala nesse indivíduo do Departamento das Estradas de Ferro que talvez possa conseguir qualquer coisa.

- Sim. Podemos pedir-lhe outra vez - sorriu a minha mãe.

- Mas da última vez queria uma fortuna pelo suborno.

- Se não for para nós, talvez para os miúdos: o Karl, o Rudi e a Anna. Deixa que comecem vida noutro lado. Esse tal Dorf preocupou-me.

A minha mãe levantou-se do banco do piano. Passou a mão pela superfície polida do *Bechstein*. Era seu. Da sua família.

- Sobreviveremos, Josef - declarou. - Afinal de contas, esta é a pátria de Beethoven, Mozart e Schiller.

- Infelizmente, nenhum deles está agora na ativa. - suspirou o meu pai.

Saí da sala sem pronunciar palavra. Tinha a sensação de que esperáramos demasiado.

Nessa tarde fiquei com certeza.

Tinha vestido o meu equipamento futebolístico verde e branco e saíra para o campo local, a fim de disputar um jogo contra um grupo vizinho, *Os Vagabundos*. Nós escolhêramos o nome de *Os Vikings*. Eu era um dos jogadores mais jovens do grupo e um dos melhores. Jogava como avançado-centro ou extremo-esquerdo e no ano anterior fora responsável pela boa classificação do grupo. Havia mais jogadores judeus na associação, mas tinham saído. Julgo que a minha permissão de continuar se devia a ser tão bom jogador. Além disso, nunca tive problemas. Apenas me chamaram "judeu" uma vez. Não só conseguia rolar a bola pelo campo e passar a defesa adversária, como era capaz de me

servir dos punhos sempre que necessário. E os meus companheiros de grupo estavam ao meu lado. Na maioria das vezes.

Nesse dia, um indivíduo alto e forte da equipe dos *Vagabundos*, um defesa chamado Ulrich, passou-me uma rasteira deliberada no momento em que eu passava a bola. Fintara-o algumas vezes, o que não lhe agradara. Quando me levantei, dei-lhe um soco. Tiveram de nos apartar, mas já o atingira no estômago e magoara-o.

O irmão da minha cunhada, Hans Helms, jogava pelos *Vagabundos* no lugar de extremo-direito. Tentou convencer Ulrich a acalmar-se e a continuar o jogo. Contudo, era evidente que haveria mais problemas.

Reiniciou-se o jogo. Ulrich e Helms voltaram ao domínio da bola. Consegui agarrá-la e contra-ataquei. Ulrich apanhou-me por trás. Desta vez, levantei-me a cambalear e tiveram de nos apartar mais uma vez.

- Ele passou-me uma rasteira - gritei ao árbitro. - Porque não assinalou?

Ulrich estava a sangrar do nariz. Antes de nos separarem, apanhara-o com a direita.

- Judeu de merda - rosnou. - Lutas como a tua raça.

Tentei libertar-me dos que me agarravam. Hans Helms fazia parte do grupo dos que me puxavam para trás.

- Talvez seja melhor abandonar o campo, deixe! – declarou o árbitro.

Olhei para os meus companheiros, esperando que um deles - pelo menos um! -

se colocasse ao meu lado. No entanto, mantiveram-se em silêncio. O nosso capitão deu um pontapé na terra. Não me conseguia olhar de frente.

- Estive em todos os jogos este ano - repliquei. - Porque hei de sair?

- Não precisamos de judeus - disse Ulrich. - Não jogamos contra eles.

- Anda lá para fora e repete isso - ameacei. - Só nós os dois, Ulrich. -

Uma raiva cega devorava-me as entranhas. Porque é que o meu grupo não assumia a minha defesa? Porque me deixavam só?

O árbitro pôs-se na minha frente. Eu lutava para me libertar.

- Está suspenso por lutar no campo, Weiss. Vá para casa - disse.

Tentei uma vez mais recorrer aos meus companheiros, rapazes com quem jogara durante duas épocas. Respeitavam-me. Sabiam que eu era um bom jogador, um dos melhores. Um especialista em desporto escrevera, uma vez, que eu seria um profissional.

Mas nem uma palavra.

Hans Helms tentou ser generoso, mas só conseguiu piorar a situação.

- A *Liga* queria pôr-te fora no ano passado... Fizeram uma exceção.

- Que vão para o diabo! - explodi, e afastei-me.

Ouvi o apito, os gritos e o embate dos corpos quando o jogo prosseguiu sem a minha presença. Sabia que não voltaria a jogar.

Tinha o olho direito pisado, um golpe debaixo da orelha direita, provocados pela luta que acabara de travar.

- Que aconteceu? - quis saber o meu pai, que se estava a lavar no consultório. O

último doente acabara de sair. Cheirava a éter.

- Um indivíduo que brigou comigo - respondi. -

Omiti-lhe a minha expulsão da equipe e como pusera Ulrich a sangrar do nariz.

Também não lhe disse que o irmão da nora jogava na equipe adversária. Sentia-me invadido por uma raiva cega. O meu pai e todos os restantes membros da minha família não tinham força. A minha irritação também os atingia por se curvarem, cederem, por se recusarem a lutar.

- Sabes perfeitamente que a tua mãe não gosta que andes metido em brigas -

observou.

- Sei que não. No entanto, para mim é olho por olho, dente por dente.

Sacudiu a cabeça em discordância. O meu pai fora sempre um homem elegante -

alto e de traços corretos. Agora dava a sensação de ir ficando mais curvado de dia para dia e o rosto apresentava rugas.

- Bom. Acho melhor que te vás lavar. A Inga e o Karl vêm jantar conosco.

- Quase aposto no que se irá falar.

Pegou-me no braço e senti mais de perto o cheiro a éter. Sempre que me machucava, era ele que me ligava o tornozelo ou me fazia pensos. Costumávamos gracejar com o fato de que, se alguma vez falhasse como médico, daria um treinador de marca numa equipe de futebol.

- Queres que te ponha um pouco de mercúrio? - perguntou, apontando para o golpe.

- Não. Já não é a primeira vez e cá me arranjarei. Obrigado, papá.

***

O jantar dessa noite foi um dos mais tristes de que me consigo lembrar.

A mesma conversa, as mesmas discussões. Porque não fôramos embora em 1933? Ou, pelo menos, a seguir ao casamento de Karl? Pobre pai! Temia pela minha mãe. Era uma senhora nobre e bonita. *Hoch-deutsch* (1), como lhe costumava chamar.

Uma família em que os antepassados tinham sido "judeus da corte", amigos de príncipes e cardeais. E Josef Weiss, de Varsóvia? O meu pai era dono de uma pequena farmácia, que era atualmente dirigida pelo meu tio Moses. Tinham poupado até ao último tostão e pedido até dinheiro emprestado para mandar o meu pai freqüentar a Escola Médica.

Foram os pais da minha mãe, os Palitz, que, apesar das objeções quanto à filha casar com um judeu polaco, o ajudaram a iniciar carreira.

[1-

Hoch-deutsch: Alemã requintada. (N. da T.)]

Inga e Karl tinham vindo jantar. Falavam daquele indivíduo das Estradas de Ferro que nos poderia ajudar a sair do país.

Karl, que não abandonara o seu temperamento melancólico- andava mais magro e mais calado -, sacudiu a cabeça negativamente.

- Mas não há local para onde ir - comentou.

- França, talvez - sugeriu o meu pai. - Suíça.

- Estão a expulsar os Judeus - argumentou Karl.

- Todos nos repelem - repliquei.

- No outro dia um indivíduo que trabalha no Consulado dos Estadas Unidos informou-me de que os Americanos nem sequer preenchem vagas com judeus alemães.

Têm hipótese de admitir mais, mas não o fazem - sorriu Karl amargamente.

Foi a vez de Anna falar e, como sempre, de uma forma corajosa e revoltada.

- E quem se importa com isso? Temo-nos uns aos outros, não é verdade, mamã?

E nada mais interessa.

- Claro - concordou a minha mãe com um aceno de cabeça afirmativo.

- Esse grupo que estava a enviar crianças para Inglaterra - interferiu o meu pai.-

Talvez se pedíssemos...-Hesitou e acabou por se remeter ao silêncio.

- Desfez-se - informou Karl. - Inga e eu investigamos a possibilidade.

- Podíamo-nos esconder na floresta - disse Anna.

A minha mãe ordenou que Anna e eu nos levantássemos da mesa. Obedecemos e

começamos a retirar os pratos. Ninguém comera muito.

- Já não tenho certeza de nada - continuou o meu pai.

- A Polônia, talvez. Burocraticamente, ainda sou um cidadão polaco.

- Nem pensar nisso - interferiu a minha mãe. - As coisas não estão muito melhores por lá.

- A mamã leva sempre a sua avante - comentei para Anna, quando estávamos na cozinha.

- Talvez porque quase sempre tem razão.

Quando voltamos à sala, a minha mãe tinha assumido o comando da situação.

Estava convencida de que Hitler deixaria de nos pressionar. Tinha a Áustria e a Checoslováquia. Que mais necessitava? Era um político como qualquer outro e servira-se dos Judeus para unir o país. Agora, podia esquecer-nos.

Karl sacudia a cabeça em sinal de discordância, mas não discutiu com ela. O meu pai tentou encarar os fatos com coragem. Tanto quanto me lembro, nunca na vida teve qualquer intenção de ofender a minha mãe. A bondade que demonstrava para com os doentes, os mais pobres e miseráveis, refletia-se sempre na forma como tratava a família.

Não me recordo de alguma vez ter batido nos filhos. E Deus sabe que pelo menos eu bem o mereci algumas vezes.

A minha mãe pediu-me que ligasse o rádio.

Um noticiário referia-se a qualquer violência que se verificara em Paris. Von Rath, um diplomata alemão, tinha sido morto a tiro por um judeu. Ficamos paralisados nos lugares, enquanto a voz se expressava num tom monótono. Os tiros haviam sido disparados por um jovem de dezessete anos chamado Grynszpan. Era filho de judeus polacas recentemente expulsos da Alemanha.

"Este ato inconcebível e sangrento da conspiração judia internacional será

vingado", dizia o locutor. "Os Judeus pagarão por este ataque covarde a um

patriota alemão, um ato que ilustra a conjura assassina da comunidade judaica internacional contra a Alemanha, na realidade contra o mundo civilizado."

- Aumenta o som, Rudi - pediu o meu pai.

Rodei o botão do volume. Ninguém falava.

"Já se estão a verificar atos espontâneos de represália por parte do povo alemão contra os conspiradores judeus."

- Desliga - ordenou a minha mãe.

- Pelo amor de Deus, mamã. Deixe de fechar os olhos e os ouvidos à verdade -

retorquiu Karl com um esgar. -

Inga pegou-lhe na mão.

- Já te disse que desligasses.

O locutor continuava a falar:

" *Herr* von Rath encontra-se em estado grave. Quer sobreviva ou não, declara o Governo, os Judeus pagarão por este ato inadmissível."

- Um viva para ti, Greenspan, ou Grinspan, ou quem quer que sejas - gritei. -

Devias ter morto esse filho da mãe.

- Rudi! - exclamou a minha mãe. - Já te disse que desligasses o rádio.

- Obedece à tua mãe! - ordenou o meu pai.

No momento em que desliguei o rádio, ouviu-se o ruído de vidros partidos.

Vinha do andar de baixo, da sala de espera do meu pai, que dava para Groningstrasse.

Desci as escadas a correr. Anna seguia-me mesmo atrás.

A sala era uma confusão de vidros partidos. No meio da alcatifa via-se um tijolo.

Corri para a janela e gritei para lá do buraco:

"Seus covardes! Cambada de covardes! Mostrem quem são!”

No entanto, tinham desaparecido.

Atrás de mim estava toda a minha família - de rostos pálidos, assustados e silenciosos.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1938

Von Rath morreu na noite passada. Chamaram-me do quartel-general de Heydrich a meio da noite. Vesti imediatamente o uniforme e chamei um táxi.

Enquanto esperávamos, as crianças acordaram e entraram na cozinha, onde Marta me preparava uma chávena de café. Esfregavam os olhos e pareciam assustadas.

Na rua ouviam-se gritos e o barulho de vidros quebrados.

Tentei explicar a Peter, que tem só oito anos, que algumas pessoas más tinham morto um bom alemão, em França.

- Porque é que o mataram, papá? - quis saber Peter.

- Oh!... eram maus. Doidos.

Marta agarrou Peter, encostando-lhe a cabeça loura ao seio:

- Eram judeus, Peter. Pessoas más que nos querem fazer mal.

- Mas serão castigados - acrescentei.

- Todos os judeus são maus, papá? - perguntou Laura.

- A maior parte deles.

- O papá vai castigar as pessoas más - declarou Peter.

- E por isso que tem uma arma.

Laura começou a chorar. A miúda tem apenas seis anos:

- Tenho medo, mamã. Não quero que o papá se vá embora.

Marta, uma mulher capaz de dominar qualquer crise, acalmou as crianças e meteu-as na cama. Depois, ajudou-me a pôr o casaco, as botas e o cinto.

- O que se vai passar? - perguntou.

- Já começou. Represálias. Não podemos deixar que qualquer judeu louco meta na cabeça matar um diplomata alemão.

- Não esperam decerto que tu...

- Eu, Marta? O tenente Dorf é o datilógrafo de Heydrich. Além disso, tudo me parece obra de Goebbels. Tem inveja da Polícia de Segurança.

Chegavam-nos os ruídos da rua-marchas, uma banda, homens entoando o *Horst Wessel*. Ouvi, à distância, o som de vidros partidos. Marta pôs a cabeça de lado e escutou:

- O que significa tudo isto para a tua carreira?

Respondi-lhe que não tinha intenção de atirar tijolos contra as montras das lojas dos judeus só para singrar na carreira:

- Não sou um desordeiro nem um valdevinos.

- O que és então? - perguntou-me.

- Um funcionário - respondi.

Aproximava-se uma discussão e não me sentia com coragem para a enfrentar antes de sair para o trabalho. No entanto, Marta insistiu. Incitou-me a que falasse, desse sugestões, propagasse as idéias de Heydrich. Já que não era um desordeiro de rua, tinha um cérebro a funcionar. E fora por esse mesmo cérebro que Heydrich me contratara.

Tinha à minha frente a possibilidade de mostrar o que valia. Expressava-se firmemente.

Tinha razão. Suspeitava de que se geravam movimentos importantes contra os Judeus e que me veria envolvido. Sabia que os programas vulgares eram demasiado triviais. Boicotes. Expulsões. Desapropriações. Assinei documentos, ditei ordens, mas nunca me tinha visto tão próximo da ação. O maior passo que dera residia na minha breve visita ao Dr. Weiss. Nada disto me agrada. Embora compreenda a preocupação de Heydrich relativamente ao problema dos Judeus, sinto-me confuso e sem certezas. Não há dúvida que se devem tomar medidas. Mas de que tipo? Por quem? Eram estes os confusos pensamentos que me fervilhavam na cabeça quando, antes de o Sol nascer, saí

para o trabalho.

Heydrich passou o dia inteiro a convocar e a mandar embora oficiais novatos, encolerizado pela maneira como os comandos de Goebbels se tinham antecipado nas represálias. Os seus grupos das **SS** haviam espancado judeus, quebrado montras das suas lojas e queimado sinagogas. Tudo sem informarem Himmler ou Heydrich.

Almoço freqüentemente no meu escritório e são raras as vezes em que estou presente nos requintados repastos servidos na sala de jantar privada de Heydrich. Hoje ele estava mal-disposto e, ao ver-me a comer sozinho, tomando o meu café, deu a sensação de se interessar por mim. Era como se os subordinados imediatos o tivessem desapontado e andasse à procura de alguém com quem pudesse trocar impressões.

- Venha ter comigo quando acabar de almoçar, Dorf - ordenou o chefe.

Raramente sou convidado a ir ao seu gabinete sozinho. Pressenti estar à beira da oportunidade que Marta me aconselhara a aproveitar. Bebi o café e entrei no gabinete de Heydrich. Começou imediatamente a criticar Goebbels. Nada mais tinha do que desprezo pelo homem a quem chamava "esse maldito coxo".

Comentei que, depois da violência de Von Rath, se tornavam necessárias algumas represálias. Pareceu surpreendido ao ver-me expressar uma opinião.

- Claro. Mas devíamos ser nós a fazê-lo - replicou Heydrich. - E a fazê-lo como força policial. Os estrangeiros, inclusive os judeus estrangeiros, não tinham nada

que ser molestados. Nem tampouco seriam de queimar os bens dos não judeus. Deveríamos manter reféns judeus ricos como reparações de danos. Mantê-los sob custódia protetiva, ou qualquer coisa do gênero.

Considero-o, de fato, um homem de inteligência brilhante. Goebbels, com toda a sua retórica bombástica e exibicionista, não passa de um argumentista falhado. Heydrich é um cérebro genuíno.

- E se deixássemos que os nossos homens tomassem conta da situação? - sugeri.

- Com uniformes das **SS** ?

- Não, senhor. Como civis. Sem distintivos. Nada de marchas nem de cânticos.

Castigar os Judeus, prender os que se encontram sob suspeita, mas deixando bem claro que se trata da cólera justificada do povo alemão, a erguer-se espontaneamente contra a conjura bolchevista-judaica. - As palavras atropelavam-se-me na boca.

- Não é má idéia, Darf. Continue.

Expliquei que deveríamos contactar pela rádio as forças de polícia locais e ordenar-lhes que se mantivessem fora de ação. Poderiam manter-se discretamente numa posição de espectadores. Ter ordens para não tocarem nos manifestantes, os nossos homens das **SS**.

- Aí está um tipo de raciocínio jurídico que aprecio, Dorf - apoiou Heydrich, sorrindo-me. - Dê seguimento à ordem. Resolveremos o problema, vencendo Goebbels com as suas próprias armas.

- Obrigado, senhor.

- Fatos de civil e sobretudo. Gosto da idéia. Os cidadãos enraivecidos. E porque não? Temos o país inteiro a dar-nos força. Os Alemães percebem a força policial.

Gostam da autoridade que lhes impomos.

Quando o nosso encontro terminou, disse-me que os documentos da minha promoção de tenente a capitão teriam despacho imediato.

Este dia está-me gravado na memória - 1 de Novembro de 1938. Assinala o momento em que saí finalmente da minha concha, tal como Marta sempre desejou.

Heydrich tem-se mantido simplesmente nessa expectativa e, agora, num momento de crise, serviu-se da minha inteligência.

Como que celebrando a minha nova importância e a forma como na qualidade de marido e mulher incentivamos a minha carreira, Marta e eu fizemos amor apaixonadamente esta noite. Marta sempre se mostrou um pouco hesitante e insegura na sua maneira de amar. Mais uma vez a influência da educação da Alemanha do Norte: um pai duro, uma mãe tímida. (Confessou-me esta noite que só aos dezesseis anos percebeu realmente o processo sexual e de onde vinham os bebês.) No entanto, a minha ousadia, a maneira como, servindo-me do cérebro, consolidara a minha posição frente a um dos homens mais temidos e poderosos de toda a Alemanha, granjeou-nos uma espécie de excitação sexual; nada escondemos, ultrapassamos todas as fronteiras, exploramos reciprocamente as corpos numa relação cheia de novidade que parecia enquadrar-se com a minha nova situação.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

O mundo conhece-a agora como a *Kristallnacht* (a noite dos vidros partidos).

Assinalou o verdadeiro começo da destruição do nosso povo. Via e vivia. E, ainda que me faltasse o entendimento bastante relativamente aos objetivos e métodos dos *nazis*, tinha as provas.

Os covardes filhos da mãe vandalizaram a rua onde o meu avô tinha a livraria.

Quebraram os vidros das montras. Queimaram a mercadoria. Espancaram todas os judeus a quem conseguiram deitar a mão. Dois homens que tentaram resistir foram mortos com pancada mesmo ali - o senhor Cohen, o peleiro, e o senhor Seligman, proprietário de uma loja.

Quebraram a montra com os dizeres dourados: LIVRARIA H. PALITZ. O meu avô era um osso muito duro de roer. Tal como a minha mãe, estava convencido -

mesmo nesta época adiantada! - de que era um alemão mais convicto do que eles, que a sua Cruz de Ferro o protegeria e que, por qualquer milagre do Céu,

deixariam de o perturbar.

Saiu, portanto, da loja brandindo a bengala no momento em que o primeiro tijolo despedaçou os vidros e gritou-lhes que se fossem embora. Os amotinados responderam atirando-lhe os livros para a rua - edições raras, mapas antigos, tudo - e pegando-lhes fogo. Chamaram-lhe velho judeu, lançaram-no por terra e bateram-lhe.

Continuou a protestar, dizendo que era o capitão Heinrich Palitz, do 2.o Regimento de Metralhadoras de Berlim, o que apenas serviu para lhes aumentar a raiva.

A minha avó observava todo o espetáculo da janela e gritava pela polícia. Três policiais berlinenses mantinham-se à esquina e limitavam-se a olhar o bando, de uns sete ou oito, que espancava impiedosamente o avô, transformando-lhe a cabeça numa massa sangrenta e arrancando-lhe a roupa.

Um deles obrigou-o a gatinhar e montou-o como se ele fosse um cavalo.

Em seguida, avistou Heinz Muller, o amigo da família Helms. Trabalhador fabril e sindicalista, desempenhava atualmente o cargo de oficial de segunda no Partido Nazi local. Estava vestido à civil e chefiava um grupo que entoava cânticos. O *Horst Wessel*, como de costume. Ansiavam pelo sangue dos Judeus.

Puseram-no de pé - os policiais continuaram a observar, com aquele sorriso feito e frio - e Muller estendeu um tambor de brinquedo ao meu avó.

- Já que és um filho da mãe de herói de guerra, Palitz, chefia a parada - ordenou Muller. - Toca o tambor, meu velho judeu mentiroso.

Atrás do meu avô estavam meia dúzia de outros judeus, também donos de lojas.

Os seus bens tinham sido destruídos, reduzidos a nada, queimados. A rua brilhava com o clarão das chamas.

Aquele filho da mãe do Muller! A minha avó chorava aterrorizada, observando o meu avô a tocar o tambor e os comerciantes judeus a desfilarem pela rua com letreiros onde se lia JUDEUS pendurados ao pescoço.

E ninguém ergueu um dedo.

A minha avó telefonou para a nossa casa a narrar os acontecimentos. Sabíamos.

Ouvíamos o quebrar dos vidros em toda a vizinhança.

Os meus pais mantinham-se pregados ao chão, na sala.

- Vou chamar a polícia - anunciou o meu pai. - É intolerável. Claro que há leis contra nós, mas este tipo de violência...

A crença patética do meu pai de que ainda existia alguma justiça na Alemanha quase me fez chorar. Na sua qualidade de homem justo, não lhe era possível pensar de outra forma.

- Devemos esperar... esperar e rezar - disse a minha mãe.

- A situação não se pode prolongar eternamente. De que lhes servirá - podem esperar - anunciei. - Por mim, tenciono ir ajudar o avô.

A minha mãe agarrou-me pela manga e tentou deter-me. Estava habituada a levar a melhor, a forçar os filhos a dobrarem-se à sua vontade.

- Proíbo-te que o faças, Rudi! Não podes lutar contra eles todos.

- Andam à procura de pretextos para nos matarem - apoiou-a o meu pai. - Não devemos resistir!

- Têm todos os pretextos de que precisam.

Desprendi-me da minha mãe e desci as escadas a correr. Quando estava a vestir a camisa, Anna veio ter comigo.

Na rua reinava a maior confusão. Todos os vidros das lojas tinham sido reduzidos a estilhaças. A maior parte delas estava a arder. O senhor Goldbaum, um joelheiro, manejava uma mangueira, tentando salvar o que lhe restava da loja. Todas os pertences lhe tinham sido roubados. Esses alemães patriotas, esses cidadãos que agiam com uma cólera espontânea destinada a vingar a morte de Von Rath, não passavam de ladrões e assassinos sem qualificação.

Passou um caminhão fazendo um barulho imenso.

Peguei no braço de Anna e escondemo-nos no meio do arvoredo. Era um caminhão aberto. Alguns homens erguiam fotografias de Hitler e todos usavam distintivos com a cruz suástica. Outros tinham organizado desfiles e muniam cartazes que denunciavam judeus. O senhor Seligman, a quem a minha mãe costumava comprar cortinados e roupa de cama, jazia de rosto para baixo numa poça de sangue e vidros quebrados.

O caminhão parou e os desordeiros saíram.

- Repara quem está com eles! - chamei a atenção de Anna.

- Aquele traidor do Hans.

- Porco sujo. Sempre lhe tive dó.

- Sim, é o irmão da Inga. Algumas vezes interrogou-me a respeito dela. Como gostava de o apanhar a sós uns cinco minutos !

Em seguida, avistamos o desfile. O avô, com a cabeça a sangrar e um dos olhos fechados, era obrigado a tomar a dianteira, batendo no tambor de brincar. De vez em quando, ele e os restantes donos das lojas eram espancados com maças e correntes.

Hans Helms estava a falar com Muller. Hans era "um menino da mamã", um covarde.

Era além disso estúpido e preguiçoso. Alguém que Muller podia manejar com toda a facilidade.

Saí do arvoredo. O céu começava a adquirir um tom alaranjado devido ao crescendo das chamas. Chegavam-me aos ouvidos os queixumes das mulheres. E o estilhaçar dos vidros continuava, como se tivessem intenção de quebrar as montras de todas as lojas de Berlim cujos donos fossem judeus.

Aparentemente, o grupo cansou-se daquela brincadeira. O bando de Muller começou a dispersar. O avô continuava a manter-se muito direito, recusando-se a gritar, a implorar ou a ceder.

Fui ao encontro dele e peguei-lhe na mão.

- Sou eu, avô. O Rudi.

Anna apressou-se a correr para o meu lado e agarrou-lhe o braço.

Na retaguarda da coluna formada pelos judeus, um jovem embriagado revistava bolsos - roubando carteiras, canetas, relógios. Muller dirigiu-se-lhe aos gritos.

- O partido é contra isso. Estamos a fazer uma manifestação patriótica e não um saque vergonhoso.

- Essa é a tua opinião, Muller - retorquiu o homem.

- Obedece às ordens - impôs-se Muller. -

Nessa altura divisou-me àquela luz sombria e nos olhos brilhou-lhe uma chama de reconhecimento quase humana. Nesta altura interrogo-me sobre se existiria qualquer coisa de decente neste homem, qualquer coisa atirada para o subconsciente. A verdade é

que não se podia considerar, como alguns dos das **SS**, um *gangster*, um vadio ou um desordeiro parasita; tinha uma profissão e dava-se com pessoas decentes. O que o impelira a transformar-se num bruto? Ainda agora não possuo certezas a esse respeito; tampouco sei se isso é importante. Um homem digno que se transforma num criminoso, e particularmente quando tenta moralizar esse fato, talvez seja de odiar mais do que um ladrão ou criminoso de raiz.

Tamar troça da minha filosofia.

- Tiveram dois mil anos de preparação até chegarem ao que fizeram - diz. - E

todos participaram, ou quase todos. Os homens que matavam nas câmaras de gás e nas fornalhas eram freqüentadores da igreja, amavam os filhos e tratavam bem os animais.

Muller perguntou ao meu avô se me conhecia e ele respondeu que era o seu neto, Rudi Weiss.

- Cala a boca, velho judeu - ordenou Muller como resposta, ao mesmo tempo que o esbofeteava.

- É um velho - argumentei. - Se procura luta, tem-me aqui. Sem mais ninguém.

Só eu e você, Muller.

Cinco ou seis deles formaram um círculo à nossa volta.

Anna abraçou-se ao avô. Hans Helms estava com eles. Viu-me. Conhecia-me agora perfeitamente, como é óbvio.

- Weiss... o parente judeu da Inga - ouvi-o sussurrar ao ouvido de Muller.

Muller coçou o queixo e fixou-me através da cortina de fumo.

As pessoas tossiam, dobradas sobre si mesmas.

- Ok, Weiss. Desaparece. Leva o velho contigo. Não te quero ver por estas bandas.

Suponho que lhe deveria ter dito o que sabia. Contudo, qualquer coisa crescia e vingança. Desejava poder um dia sentir a alegria de lhes reduzir a cara a um bolo, de lhes mostrar que não nos poderiam fazer isto.

Ajudamos o avô a chegar a casa. Ele e a minha avó viviam num apartamento por cima da livraria. Parou uma vez durante o percurso e baixou-se para apanhar uma primeira edição queimada do dicionário de Johnson e, em seguida, uma edição antiga do *Fausto*. Folheou as páginas deterioradas com uma expressão de tristeza.

- Como é possível que tenham feito uma coisa destas a um velho! - chorava a minha avó.

- Heinrich, Heinrich

O meu avô limpou o sangue que lhe escorria da testa e endireitou-se.

- Conseguirei sobreviver - declarou, voltando a olhar para os livros queimados. -

Mas os meus livros...

- Anna e eu daremos uma arrumação a tudo isto - ofereci-me. - No entanto, dei-me conta de que era inútil. Não voltaria a vender um livro ou um mapa que

fosse.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1938

Dois dias passaram desde a noite que a imprensa atual designa para *Kristallnacht*.

Agora que sou capitão e subi na consideração de Heydrich, tornei a meu cargo a tarefa de reunir dados relativos a essa noite histórica.

O chefe estava descontraído, bebendo pequenos goles de conhaque e escutando *Siegfried.*

- Wagner é um feiticeiro – comentou. - Um mágico. Constitui o exemplo perfeito do que um puro espírito ariano consegue produzir, Dorf.

Fiquei a acompanhá-lo, por momentos, naquela audição, não querendo intrometer-me no seu divagar.

- Que acordes! - exclamou. - Que acordes sublimes!

- Estão aqui os relatórios, senhor. Sobre a *Kristallnacht*.

A música fantasmagórica de Wagner - acho que se tratava de *viagem no Reno* -

parecia constituir um acompanhamento ao meu relatório, de carácter bastante grave.

Tinham ocorrido trinta e seis mortes. Regra geral, quando os judeus haviam resistido. A imprensa estrangeira teria dificuldade em especular. Setenta sinagogas tinham sido queimadas e mais de oito mil lojas e comércio de judeus destruídos. A nossa gente apenas dava a sensação de se ter excedido no aspecto das prisões. Havia mais de trinta mil judeus na cadeia.

- Trinta mil? - repetiu Heydrich, erguendo os olhos. - Deus do céu! São loucos.

Encherão Buchenwald de uma noite para a outra. - Desligou o toca-discos. - Não

interessa. Viremos afinal a precisar de muitas mais Buchenwalds. Os nossos inimigos todos (judeus, comunistas, socialistas, franco-maçons e eslavos) terão de ser reprimidos se resistirem.

- Podem verificar-se protestos, general. Boicotes. Represálias.

Heydrich riu. Que controle admirável! Corre o boato de que, um dia, embriagado e raivoso, disparou a *Luger* contra a sua própria imagem refletida no espelho. (Recuso-me, porém, a acreditar na história.)

- Represálias? - repetiu. - Por alguns judeus terem sido espancados? Há sempre a época de caça aos Judeus, Dorf.

- Sou da mesma opinião. Quase como se houvesse um precedente moral para as punir. Decorridos dois mil anos...

- Precedente moral! - interrompeu-me Heydrich, rindo uma vez mais. - Mas isso é uma maravilha!

- Desculpe se tive um comentário estúpido.

- De modo nenhum, capitão. Evidente que existe um precedente moral. E um religioso. E um racial. E, acima de tudo, os valores de ordem prática. Como unir o nosso povo senão assim?

Colocou um outro disco. Deixei os relatórios respeitantes à *Kristallnacht* em cima da mesa e dispus-me a sair.

- Continua neutro quanto aos Judeus, Dorf?

- Não. Compreendo a importância que têm para nós - respondi.

- E a ameaça que constituem. Conhece o credo do *Führer*. Os Judeus são seres inferiores, criados por um outro deus. A sua intenção - bem expressa - consiste em pôr os Arianos contra os Judeus, até à destruição dos últimos.

Escutei, acenando afirmativamente com a cabeça.

- E se algum dia (o *Führer* disse-me pessoalmente) milhões de alemães tiverem de morrer numa outra guerra em cumprimento do nosso destino, não hesitará em

aniquilar milhões de judeus e outros vermes.

Era uma estranha sensação a de escutar a sua voz calma juntamente com a música celestial de Wagner que enchia o cômodo do gabinete. Tudo parecia lógico, inevitável, o cumprimento de qualquer imperativo histórico.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

A 14 de Novembro de 1938, alguns dias depois da "noite dos vidros partidos", o meu irmão Karl foi preso.

Muitos judeus tinham-se escondido e feito esforços de última hora para saírem do país, por intermédio de suborno. Nesta altura, era praticamente impossível.

A prisão de Karl foi um tributo à crueldade da atuação das **SS**. Vivia com Inga num bairro cristão, num pequeno estúdio contíguo ao apartamento dos pais dela.

Porém, as *nazis* tinham informantes por toda a parte. Inga tinha certeza de que alguém do edifício falara.

Karl era um artista publicitário de qualidade. Contudo, agora, dificilmente conseguia sobreviver. Os cristãos dos meios publicitários recusavam contactar com ele.

Durante algum tempo, Inga tentou fazer crer que o trabalho era seu; mas a maior parte deles sabia. Além disso, Karl não se sentia satisfeito com a idéia. Tinha ideais: a integridade do artista, a verdade inerente à arte. (Belos conceitos, mas de pouca valia frente à brutamontes munidos de maças e de armas.)

- Não sou nenhum Rembrandt - dizia Karl. - Apenas um artista publicitário no desemprego.

Desistiu de pintar e começou a deixar correr. Tinham uma vida simples. A casa não tinha praticamente mobília; apenas algumas plantas e uns desenhos de Picasso pendurados nas paredes.

- És um artista maravilhoso - contrapôs Inga. - Um dia terás a tua oportunidade.

- Como te amo, Deus do céu! - exclamou Karl subitamente, beijando-a.

- Não mais do que eu.

- Acabarei por te prejudicar. Sou um homem com estigma, Inga. Não quero que te façam mal por minha causa. Há um nome que te dão, Inga: és uma conspurcadora da raça.

- Pouco me interessa o que me possam chamar – retorquiu, pondo-lhe as mãos nos ombros. - Olha bem para mim. Temos de sair daqui. De qualquer maneira. Essa tua mão muito limpa, perfumada e espartilhada leva sempre a sua avante e roubou-te o instinto de luta. Já te pedi que olhasses bem para mim.

- Estou a ver a jovem mais bonita de Berlim.

- E teimosa, também. Arranjaremos documentos falsos. Vamos para Brema ou Hamburgo. Nunca saberão que és um...

- Estás a sonhar, Inga. Para mim é a reta final.

Deixou de pintar e nesse dia deu aparentemente a sensação de perder todo o interesse no trabalho. Leu e releu os acontecimentos que a imprensa relatava sobre a *Kristallnacht*. Cidadãos alemães encolerizados, furiosos pelo "domínio judeu" nos bancos, na imprensa e no comércio, invadiam as ruas. A mulher arrancou-lhe o jornal das mãos e tentou animá-lo.

- Beija-me - disse Inga.

- Isso não servirá para mudar o mundo.

- Pode ajudar.

Abraçaram-se com força. Nesse momento, a mãe de Inga entrou nervosamente sem bater e ainda a limpar as mãos ao avental. Ficou parada, como se fosse chorar e, no entanto, irritada com a filha.

- A polícia - anunciou a senhora Helms. - Querem falar com o teu marido.

Karl empalideceu e não deu um passo.

- A polícia? A procura de Karl? - exclamou Inga, correndo para a porta. -

Quem... porque não nos avisou?

A senhora Helms fez um gesto de impotência com as mãos.

- Não! - gritou Inga. - Ele nada fez de mal. Diga-lhes qualquer coisa... diga-lhes que foi embora...

- Não vale a pena. Andam por todo o edifício a prender judeus.

- E, segundo presumo, sente-se feliz - retorquiu Inga de olhos chispantes. - Podia ter mentido. O que é afinal? Minha mãe, e afinal... -Inga, num ataque de raiva e de tristeza, agarrou a mãe pelos ombros e começou a abaná-la. - Sou sua filha e deixou que uma coisa destas acontecesse!

Karl teve de a apartar. Inga chorava lágrimas mais de raiva do que de medo.

Nunca lhe ocorrera que Karl, a viver no estúdio e esquecido pelos antigos patrões, pudesse ser descoberto.

Entraram dois homens vestidos à civil. Identificaram-se: *Gestapo*. Mostraram-se delicados e à vontade. Karl tinha cinco minutos para fazer uma mala e os acompanhar.

- Não - opôs-se Inga. - Devem ter uma razão... documentos...

- Interrogatório de rotina - esclareceu um deles.

- De que é suspeito? - gritou Inga.

- Voltará dentro de algumas horas - respondeu o outro detetive. - Não é nada importante.

Karl meteu obedientemente, alguma roupa e artigos de *toilette* numa mala. Sabia que estava apanhado, mas Inga não aceitava a situação.

- Vou com ele e conseguirei um advogado - declarou.

- Boa sorte, minha senhora - desejou o homem da *Gestapo*. - Despache-se, Weiss.

Inga meteu-se subitamente entre os dois homens e Karl, abraçou-o e tentou com

todas as forças impedi-lo de se ir embora.

- Não. Não. Eles têm de apresentar um motivo. Não fizeste nada. Não te podem levar. Ele não é um político, é um artista - acrescentou, virando-se para eles.

- Não te preocupes, Inga - sossegou-a Karl. - Voltarei.

Ambos sabiam que ele estava a fingir. Houvera demasiados casos nos últimos seis meses: prisões inesperadas, pessoas que desapareciam na noite.

Os homens tiveram bastante trabalho em a separar do marido.

- Vou com ele - decidiu.

- Não, não - opôs-se a mãe de Inga, que tremia. - Vais tornar tudo pior para nós.

- Não se meta - gritou Inga. - Se descobrir quem foi o informante...

- A tua mãe tem razão, Inga. Deves ficar – interrompeu Karl, beijando-a.

Teimosa e decidida, com a consciência de ser o escudo e a proteção de Karl, não foi nada fácil afastá-la.

- Não nos siga - disse um dos homens.

- Foi esse amigo do papá, o Muller - gritou Inga. Foi ele que lhes disse.

- Há meses que o Muller não aparece por aqui – replicou a mãe.

- Não, mas bebe cerveja com o papá e com Hans, quando ele está de folga -

arguiu, atirando-se uma vez mais para os braços de Karl. - Meu querido! Conseguirei que te libertem. Prometo que não te farão mal. Diz-me onde estás, e irei ver-te.

Mais uma vez se viram forçados a arrancá-la ao meu irmão.

Acompanharam Karl para lá da porta e dos portões do Inferno.

No próprio dia em que Karl foi preso, os meus avós, cujo apartamento tinha sido incendiado, mudaram-se para a nossa casa, em Groningstrasse.

Lembro-me de que, nesse mesmo dia, um homem que desde sempre havia sido cliente do meu pai, um tipógrafo chamado Max Lowy, estava a ser tratado.

O meu pai estava a mudar-lhe as ligaduras das feridas e nódoas negras que Max Lowy sofrera durante o terror da *Kristallnacht*. Lowy era um homem alegre e vivo como um pardal e falava o "melhor calão" berlinense. Era um operário habilidoso, embora sem educação. Um homem do povo e totalmente dedicado ao meu pai, como tantos dos seus outros doentes.

- Tenha calma, doutor - exclamou Lowy.

- Fizeram um bom trabalho, Lowy.

- Seis gajos dos grandes. Correntes, maças. Os filhos da mãe deram cabo da minha tipografia. Destruíram as chapas todas. Que lhes interessam afinal as palavras? Só

para envenenarem o mundo.

- É uma história vulgar a tua. A loja do meu sogro também foi destruída.

Lowy era um otimista incurável até ao último momento, um homem que não era possível esmagar.

- Ouvi dizer que o pior já lá vai, doutor - continuou o tipógrafo. - O Goering está danado com o Goebbels por causa das desordens. Não queria que ele fizesse ondas depois de Munique. Acredita nisso doutor?

- Já nem sei no que acreditar.

- Veja as coisas à minha maneira. De que serve continuarem em cima dos Judeus? Essa história da morte de Cristo já tem barbas. Para quê perseguirem-nos?

- Temos o nosso valor, amigo. Unimos o povo. Acho que os *nazis* se interessam muito pouco por Cristo ou pelo dogma religioso.

- Claro. A não ser quando lhes é útil.

O meu pai acabou de fazer o tratamento - era um artista na sua profissão - e

despediu-se:

- Estás outro homem, Lowy.

A minha mãe bateu à porta. Fez um sinal de cabeça ao meu pai para que fosse ter com ela ao *hall* de entrada.

Eu acabara de chegar, depois de ter acompanhado os meus avós, que haviam abandonado o apartamento em ruínas. Anna - uma jovem sem medo ou, pelo menos, nunca o revelou – tinha ajudado a carregar as malas.

- Será esta a vossa casa a partir de agora - disse o meu pai aos velhos.

- Está aqui o que nos restou - retorquiu o avô, apontando para as malas. -

Roubaram tudo. Os livros...

- Aqui estará em segurança - acalmou-o a minha mãe, pegando-lhe na mão. - E

espaço não falta. Ficarão no quarto que pertencia ao Karl.

- Não temos o direito de vos dificultar a vida – observou o avô Palitz, sacudindo a cabeça.

- Não diga disparates - retorquiu o meu pai. - Sentimo-nos honrados com a vossa companhia. Tenho boas notícias. Um dos meus doentes, que está bem a par da opinião pública, assegurou que a situação vai acalmar. A febre estagnou.

Anna e eu pegamos nas malas e começamos a subir as escadas. Como todos eram cegos! Ou será que, decorridos catorze anos e observando os acontecimentos a uma luz retrógada, aqui na minha casa em Israel, estou a ser cruel e injusto para com a sua memória? Não foram os únicos enganados, logrados, incitados a sentirem-se seguros num dia, para serem destruídos no dia seguinte.

- Também me sinto inclinado a acreditar nessa hipótese - concordou o meu avô, que continuava a usar a sua Cruz de Ferro. - Economicamente, é uma incoerência.

Schacht tem de tomar consciência do fato. Destruir o comércio, expulsar-nos da

economia? É um disparate.

Desci as escadas, desesperado ante a capacidade de se enganarem a si próprios.

- Nunca aprenderão - disse. - Nem a mãe - acrescentei, surpreendendo-a com a força que dei às palavras.

O meu pai estava ao telefone e tinha um ar pálido e abatido.

- Sim... Estou a ouvir-te, Inga... mas porquê. Sim aí, compreendo. O Karl. Mas o que disseram? Queres que alguém. Sim, sim. Tentaremos fazer uns telefonemas.

Desligou. Recordo-me que tentou ocultar à minha mãe as más novas. A sua figura enorme quase se dobrava ante o esforço de controlar as emoções.

- Prenderam o Karl. Não deram qualquer motivo. Está no posto principal da polícia. Com milhares de outros.

A minha mãe começou a chorar. Sem histerismos. Apenas lágrimas silenciosas a correrem-lhe pelo rosto.

- Oh, o meu filho! O meu Karl.

- A Inga está na polícia. Não tenciona ir-se embora sem lhe darem mais informações. Volta a telefonar.

Enquanto Anna e eu assistíamos assustados ao desenrolar dos acontecimentos, a minha mãe perdeu o autocontrole, que era a qualidade que mais apreciava em si própria.

Começou a soluçar, sem conseguir parar, e lançou-se nos braços do meu pai.

- Nada acontecerá ao Karl, mamã - sosseguei-a. - Nunca fez nada. Não o podem acusar de nada. - Estava a mentir para a animar; já não precisam de motivos, há anos que não precisavam.

- O Rudi tem razão - concordou o meu pai. - Verás que o porão em liberdade.

Não podem continuar a encher as prisões de pessoas inocentes.

- Estamos a ser punidas - replicou a minha mãe, fixando o olhar machucado do

meu pai. - Pelo meu orgulho. Pela minha teimosia. Oh, Josef! Há anos que devíamos ter fugido!

- Não, não. Não penses nisso. A culpa não é tua, nem de ninguém.

Mostrou-se surpreendida. Durante uns momentos, voltou a assenhorear-se das suas emoções, limpou as lágrimas e alisou o vestido:

- Tenho de ir acomodar os meus pais. Vai comprar as coisas para o jantar, Rudi.

- Se houver lojas abertas.

- És um jovem de recursos, filho - elogiou-me o meu pai, dando-me uma palmada nas costas. - Lá te arranjarás.

Subiu as escadas a cambalear. O meu pai apressou-se a ir ter com ela e a agarrar-lhe o braço.

- Estou bem Josef - declarou.

- Precisas descansar. Vou-te dar um calmante.

- Não, não. Estou ótima. Deixaste um doente à espera. Não te preocupes comigo.

- Deixei, sim - disse o meu pai, que se encaminhou para a porta envidraçada, com o rosto cor de cinza, tentando esconder o seu medo.

Anna e eu observamos toda a cena sem pronunciar palavra. Rogava pragas a mim mesmo por ser tão novo, tão inexperiente e, pior ainda, sem capacidade de os ajudar.

Fora de casa, com o cesto das compras debaixo do braço, detive-me nos degraus.

Dois filhos da mãe grosseiros e sorridentes, de uniformes castanhos, pintaram a palavra JUDEUS no muro de tijolos que ficava em frente da nossa casa. Ignoraram a minha presença. Cerrei os punhos e desci os degraus que me faltavam. Nos cintos traziam pequenos cassetetes de madeira e facas de mato. De que serviria lutar? Oh, como desejava meter-lhes uma bala no corpo.

- Estás a olhar para onde, miúdo? - perguntou um deles.

Não respondi.

- O teu velho é judeu, não é? - observou o outro. - Por que não fazer esta publicidade?

E continuaram a pintar. A estrela de seis pontas a seguir às letras.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1938

Marta está surpreendida com a minha subida meteórica. Tornei-me um dos favoritos de Heydrich. Aprecia o que designa por o "meu ágil raciocínio legal".

No princípio da noite de hoje, quando Marta se sentou ao meu colo, mais bela do que nunca e mais feliz do que alguma vez fora nestes últimos anos, comuniquei-lhe que Heydrich quer que o acompanhemos à ópera, muito em breve. Estamos a trepar a escada. Temos de ter uma vida social mais intensa e começar a receber em nossa casa.

- Ficarei atrapalhada diante de todas essas mulheres ricas, Erik.

- Serás tu a mais bonita.

- Oh, conheces-me bem! -retorquiu Marta, corando.

- Sinto-me contente por cuidar da casa e das crianças.

- Uma casa muito melhor. Tenho um novo apartamento debaixo de olho. Num bairro mais agradável.

- Oh, Erik! Sinto-me tão feliz! - exclamou, abraçando-me.

- E só de me lembrar que costumavas ranger os dentes com... como é que lhe chamavas? A ação da polícia. Afinal, pensa no êxito que tiveste!

Sentado com o copo de conhaque na mão (tinha sido um longo e cansativo dia de trabalho), estou consciente de que não tenho um temperamento narcisista, mas começo a achar mais fácil falar a meu respeito. E é evidente que Marta se

mostra encantada com esta nova imagem do capitão Erik Dorf. Enquanto me escutava, de sorriso nos lábios, contei-lhe como resolvi um delicado problema derivado de acontecimentos recentes.

Muitas companhias de seguros alemães estavam à beira da bancarrota, devido a reivindicações de danos e prejuízos apresentadas por judeus. Depois de amadurecer a questão, aconselhei Heydrich a que permitíssemos que as companhias pagassem as indenizações, mas que, antes que os Judeus pudessem cobrar, o Governo confiscasse os pagamentos, com base no fato de que os Judeus incitaram a desordem, não tendo assim qualquer direito a reembolso. O dinheiro pode em seguida ser devolvido a qualquer firma ariana que o requisite (as firmas de seguros judaicas não terão esse direito).

Marta confessou que lhe era difícil seguir a minha linha de raciocínio legal, mas concordou tratar-se de uma solução justa. Acrescentou que eram os Judeus os culpados pela situação surgida.

A minha atitude frente aos Judeus mudou, sem sombra de dúvida, desde os meus tempos de ingênuo há três anos. Agora, vejo claramente como se insinuaram na nossa vida, estendendo os tentáculos e impedindo os alemães de darem cumprimento ao seu destino. Compreendo o que o *Führer* quer dizer com uma Europa "liberta dos Judeus”. Só pode ser para o bem de todos, até dos Judeus. De vez em quando, sinto-me perturbado por qualquer conceito balofo de problemas legais, mas não tenho dificuldade em o eliminar sob a benigna orientação de Heydrich. Evidente que ele tinha razão naquela nossa primeira entrevista. Tenho de pôr de parte noções antiquadas no que se refere à justiça. Existem épocas e casos em que, muito simplesmente, elas não se aplicam.

Quando Peter e Laura acabaram de tomar banho, entraram na sala com os roupões vestidos. Dei-lhes um beijo.

- Vocês cheiram a flores do campo, filhos - observei.

- Não sou uma flor - retorquiu Peter, amuado. - Ela sim.

Tem quase nove anos e é um miúdo alto e bem constituído com as traços bem delineados da mãe e a mesma vontade forte. Laura, que denota inclinação para um temperamento meditativo e triste - muito mais parecida comigo, quando era criança -, assentou arraiais no meu joelho, como é hábito das crianças sempre que pretendem atrair as atenções.

- Porque é que todos odeiam os Judeus, papá? - perguntou fixando o seu olhar inocente no meu.

- Porque mataram Cristo - respondeu Peter, antecipando-se-me. - Não aprendeste isso na catequese ao domingo?

- Há outros motivos - interferiu Marta. - Algo que compreenderão quando forem mais velhos. - E começou a prepará-los para se irem deitar.

Ponderei na resposta ingênua e, no entanto, verdadeira que Peter dera à pergunta de Laura. Sim. Mataram Cristo. E, embora o partido, o nosso movimento, os escritos do *Führer* sobre a matéria, pouca importância dêem ao fato, beneficiamos indubitavelmente de uma longa tradição. A minha cultura histórica não é suficiente, nem tampouco sou um filósofo, mas parece-me existir uma cadeia quase inquebrantável desde a denúncia dos Judeus pelo maior crime cometido contra Deus até ao que planejamos agora em seu desfavor. De fato, não fomos nós que inventamos o antisemitismo.

As minhas cogitações foram interrompidas pela campainha da porta. Marta sobressaltou-se, mas disse-lhe que ficasse junto das crianças, que eu me encarregaria de ver o que se passava.

Era o Dr. Josef Weiss que estava no *hall*. Parecia mais velho e acabado.

- Desculpe vir incomodá-lo a esta hora, capitão Dorf, mas receei que, se telefonasse, pudesse recusar-se a receber-me.

Senti-me irritado com ele. Era seu dever não agir tão impensadamente:

- Avisei-o de que não viesse ter comigo.

- Não tenho a quem recorrer. O meu filho Karl, que é um pouco mais novo do que o senhor e de quem talvez se recorde de quando morava no bairro, foi preso. Não nos disseram uma palavra sequer. Não apresentaram motivos. Nunca teve qualquer conotação política em toda a sua vida. É um artista. Ele...

A voz morreu-lhe na garganta.

Não o podia ajudar e foi isso que lhe disse.

- Que crime cometemos? Que vos fizemos? O meu sogro foi um herói da guerra. Teve a loja e a casa saqueadas por rufiões. Os meus filhos... sempre se sentiram tão alemães como o senhor...

- Estas atitudes não se lhe dirigem pessoalmente, nem à sua família - interrompi-o.

- Isso não nos facilita a vida.

- Existe a política de longo alcance, doutor. Para seu benefício como para o da Alemanha.

- Mas as vidas são arruinadas e as pessoas destruídas. Porquê?

Estava a arrasar-me os nervos. Não tinha o direito de vir ter comigo:

- Não posso discutir isso consigo.

- Por favor, capitão Dorf. Tem influência. É um oficial das **SS**. Ajude o meu filho.

Enquanto se mantinha no mesmo local, implorando a minha ajuda, Marta apareceu no *hall*.

- Passa-se alguma coisa, Erik?

- Não é nada, querida.

- Talvez a senhora me possa compreender, senhora Darf- prosseguiu Weiss, cumprimentando-a com uma vênia. - Ponha-se no meu lugar. Imagine que lhe levavam o seu filho, como fizeram ao meu. Outrora, ambos foram ter comigo por uma questão de saúde... Apenas peço...

Marta expressou-se num tom firme e ignorando-o.

- As crianças, Erik - limitou-se a dizer.

O Dr. Weiss não se foi embora. Afastei-me dele e fui ter com Marta.

- Manda-o embora - sussurou-me. - Porá em perigo a tua carreira. Explica-lhe que nada podes fazer por ele. Não foste tu que lhe meteste o filho na prisão.

- Já lhe disse isso.

- Repete-lhe. Fala com delicadeza, mas dá-lhe a entender que nada podes fazer.

- Receio não o poder ajudar, Dr. Weiss - declarei, indo até junto da porta. - Esses assuntos estão fora do meu âmbito.

- Mas uma palavra aos seus superiores... pelo menos para sabermos onde está o meu filho - que acusação pesa sobre ele...

- Não posso. Lamento.

- Compreendo - anuiu tristemente. - Boa noite, capitão.

A porta fechou-se.

Fiquei um pouco perturbado com a sua visita. Sempre me pareceu um indivíduo bastante digno e, tanto quanto sei, o filho também o é. Contudo, atravessei uma ponte, passei um rio e não me é possível recuar. Heydrich e Himmler acautelaram-nos freqüentemente contra o "bom judeu", o que, devido a ser-se alemão condoído, se deseja salvar. O nosso programa é de longo alcance, complexo, e inclui povos inteiros e mudanças radicais. Não podemos deixar que o sentimento e falsas simpatias se nos atravessem no caminho.

Apenas nós, a elite das **SS**, como diz Heydrich, temos força para levar a cabo esta missão. Depois de ouvir os passos arrastados do médico, sei agora o que ele quer dizer.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Alguns dias depois da visita do meu pai a Erik Dorf – não fazia idéia de quem era nem da sua importância, mas apenas que se recusara ajudar-nos -, o meu pai recebeu ordens de deportação para a Polônia.

O meu pai, que via sempre o lado melhor das pessoas e se recusava a pensar o pior, estava convencido de que Dorf nada tinha a ver com o assunto. Possivelmente, estava dentro da verdade. Era uma política geral na altura. Todos

os judeus imigrados residentes na Alemanha - e havia milhares de judeus polacos – viam-se forçados a partir.

De fato, quando o indivíduo munido de uma pasta entrou no consultório onde o meu pai estava a tratar do tornozelo torcido de um miúdo, ele ainda se convenceu de que iria receber boas notícias de Dorf, talvez sobre Karl.

Contudo, o homem era um funcionário dos Serviços da Imigração e disse ao meu pai:

- O senhor é o doutor Josef Weiss, nascido em Varsóvia, Polônia, e encontra-se ilegalmente neste país sob as novas leis. Tem ordem de exílio para a Polônia. Esteja na estação de estrada de ferro de Anhalter, amanhã às seis, com comida para um dia e uma mala.

Escutei do lado de fora da porta, chorando pelo meu pai e desejando ajudá-lo fosse como fosse. Como odiava aqueles homens que tinham vindo ali! Como desejava bater-lhes, fazê-los sentir a dor!

- Mas a minha mulher e os meus filhos... as pessoas que trato...

- A ordem só é dirigida a si. Entregue estes documentos ao oficial de transportes, amanhã.

A recordação mais nítida na minha memória é a de que, em vez de ir lá acima comunicar os acontecimentos à minha mãe, ou de ficar incapaz de continuar o trabalho, o meu pai voltou até junto do miúdo que estava sentado na marquesa e ocupou-se novamente do tornozelo machucado.

O meu irmão Karl tinha sido enviado para um campo prisional, Buchenwald.

Soube do seu internamento nesse local por intermédio de um homem chamado Hirsch Weinberg que fora preso uns dias antes de Karl. Weinberg era alfaiate de profissão e natural de Brema. Lembrava-se perfeitamente de Karl Weiss, o artista.

Buchenwald fica próximo de Weimar. Os Alemães tinham construído um campo enorme nesse local para todos os que fossem considerados inimigos do *Reich*. Depois da *Kristallnacht* transformou-se num inferno, a abarrotar, um local onde centenas morriam diariamente de espancamento e de doenças, ou eram

executados por qualquer motivo que aprouvesse aos guardas.

O tormento iniciava-se a partir do momento em que os prisioneiros atravessavam o portão com a legenda *ARBEIT MACHT FREI* ("O trabalho proporciona a liberdade").

Karl e uma carrada de outros prisioneiros foram levados para uma sala cheia de datilógrafos, guardas, entidades oficiais, na totalidade pessoal das **SS**. As habituais perguntas, depois da indicação do nome, da morada e da profissão, eram do gênero de:

- Nome da puta que te cagou?

- Nome do chulo que a fodeu para que te parisse?

- Foste preso por que crime?

Enquanto Karl esperava a sua vez e tremia de medo, um jovem judeu corpulento, com todo o aspecto de camionista, recusou-se a responder a este gênero de insultas. Protestou; a mãe não era puta, o pai não era chulo e não cometera qualquer crime. Foi levado imediatamente para uma sala contígua. Ouviram-se gritos e ruídos abafados.

Alguns minutos depois, espancado e acovardado, voltou a ser trazido, com a cabeça reduzida a uma massa ensanguentada e um olho fechado. Respondeu a todas as perguntas.

Chegou a vez de Karl.

Deu o nome, a morada e a profissão: artista.

Um sargento das **SS**, munido de um chicote curto, avançou na direção de Karl e fez estalar a ponta.

- Um desses judeus bolchevistas, Weiss? Desenhando *cartoons* impostores para qualquer grupo de comunistas?

- Sou um artista publicitário - replicou Karl. - Não pertenço a qualquer partido.

Eu...

O chicote atingiu o rosto de Karl.

Quando Weinberg me contou tudo isto, apenas conseguia pensar em Karl, um homem frágil, um miúdo perseguido e caçado. Era quatro anos mais novo, mas sempre fui mais forte e defendia o lema olho por olho, dente por dente. Apetecia-me chorar quando falei com Weinberg, mas Tamar, a minha mulher, estava presente e não acredita em lágrimas.

- A puta que te cagou?

- Não... a minha mãe...

O chicote voltou a entrar em ação.

- Berta Palitz Weiss - respondeu Karl.

- O chulo que a violou?

- Josef Weiss. Doutor Josef Weiss.

- Que crime cometeste para te mandarem para Buchenwald?

- Não... não fiz nada.

- Tenta uma vez mais, judeu. Que crime cometeste?

- Nada. Juro. Estava em casa, a pintar. Estes homens foram buscar-me. Não existem acusações.

- És judeu. Como motivo, basta.

- Mas... mas - isso não é um crime.

Riram-se ante a resposta. O sargento e outros dois brutamontes arrastaram Karl para a sala contígua e espancaram-no até o deixarem inanimado. Acordou numa caserna escura, onde conheceu Hirsch Weinberg, que tentou ensinar-lhe alguns truques para sobreviver.

Sem sabermos ainda onde estava Karl ou o que lhe estava a acontecer, fomo-nos despedir do meu pai, que partia para a Polônia. Era o último dia de Novembro de 1938.

Recordo-me da cena na desabrigada estação de estradas de ferro. Havia uns mil judeus, na maioria mais velhos e mais pobres do que o meu pai, tendo como companhia uma bagagem miserável e comida. Corriam boatos de que os Polacos lhes viravam as costas.

Os Judeus seriam deixados na terra-de-ninguém, entre a Alemanha e a Polônia.

Contudo, O meu pai tentava mostrar-se otimista.

- Se chorares, Berta - disse à minha mãe -, fico zangado.

Limpou os olhos. Seria capaz de se controlar. A sua volta, outras famílias não dissimulavam a tristeza que sentiam. Choravam, imploravam, tentavam impedir que os entes queridos subissem para o comboio que os levaria até à fronteira polaca.

- Talvez seja o melhor que nos podia ter acontecido - observou o meu pai.- Era um ator terrível. Contudo, quem poderia afirmar o que quer que fosse? Talvez tivesse razão.

- O meu irmão Moses disse que estaria à minha espera. Partiremos diretamente para Varsóvia. Moses tem relações. Tenho certeza de que arranjarei trabalho no Hospital Judeu.

Ouvíamo-lo num silêncio atento e concentrado. O choque da sua partida ainda não nos abalara em toda a sua profundidade. Karl tinha sido levado. O meu pai via-se forçado a partir. Os golpes sucediam-se ininterruptamente.

- Vou ter contigo- declarou a minha mãe.- Deixar-me-ão. Arranjarei os documentos amanhã.

- De modo algum - opôs-se o meu pai.- As crianças precisam de ti. Disseram-me que os Polacos dificilmente recebem os judeus polacos de volta, quanto mais os alemães.

E devemos ser otimistas - acrescentou, pegando na mão de Inga.- A Inga conseguirá a libertação de Karl e todos ficarão de novo juntos.

Ao escrever isto, de novo me surpreende como é possível que muitos de nós, inclusive os meus pais, se pudessem ter enganado a si mesmos durante tanto

tempo.

Tamar afirma que se tratava de uma forma de histerismo em massa; uma auto-ilusão propagada entre os Judeus. Argumento que muitos deles eram pessoas indefesas, sem dinheiro nem local para onde ir. Poucos países se mostravam dispostos a aceitá-las.

Resistir era palavra que não conheciam. Tínhamos sido um povo que se havia acomodado, cedido, dobrado, tentado uma forma de contemporização, esperado por um amanhã melhor. Neste momento, a leste do nosso *kibbutz*, as armas sírias voltam a disparar. No entanto, desta vez respondemos. A moralidade é uma coisa admirável e maravilhosa; no entanto, ainda estou para ouvir falar de qualquer posição dentro da moral e da justiça que tenha conseguido desviar uma bomba ou uma bala.

Anna começou a soluçar. Abraçou-se ao meu pai, a chorar.

- Não nos deixes, papá. Terei tanto medo sem ti... Por favor, papá. Fica conosco.

Inga encarregou-se de afastar Anna, acariciando-lhe os cabelos e beijando-a:

- Tudo correrá bem para o papá, querida Anna. Ele vai voltar.

Contudo, Anna não se conseguia dominar.

- Cala-te - ordenei-lhe. - Estás a tornar tudo mais difícil.

- Como é possível que nos tenha acontecido uma coisa destas, Josef? - disse a minha mãe.

- Não fomos nós, Berta. Não conseguimos controlar os acontecimentos. No entanto, é preciso que acredites em mim - observou, com um sorriso. - Sinto-me otimista. Tudo isto servirá para nos abrir os olhos. Tenho o pressentimento de que nos reuniremos na Polônia, ou noutro local. Em Inglaterra, talvez.

- Fui eu que te obriguei a ficar - sussurrou a minha mãe.

- Não quero que me fales dessa maneira – interrompeu-a o meu pai, expressando-se no tom brusco de um homem de negócios (e, a praticar medicina, jamais houve pior homem de negócios).

- Tens de vender a clínica, Berta. Procura uma casa menor.

- E tu não deves atender todas as chamadas de noite - retorquiu a minha mãe, esforçando-se por sorrir. - Não te esqueças de usar as galochas. A Polônia é um país muito úmido.

- Faço isso, se prometeres não vender o piano. A Anna não deve interromper as lições de piano, seja como for.

Aproximaram-se dois policiais berlinenses. As pessoas começaram a ser empurradas para o comboio, como se se tratasse de um rebanho:

- Mexam-se. Vamos partir dentro de cinco minutos.

- Rudi, Anna, Inga - chamou a minha mãe, virando-se para nós.- Despeçam-se do papá.

- Iremos viver contigo, papá...- chorava Anna, que não conseguia controlar-se.-O

tio Moses conseguirá arranjar lugar para nós.

- Claro que sim, Anna querida. Mas entretanto deves olhar pelo avô e pela avó e temos de encontrar o Karl. Não descuides a música, Anna.- Talvez fosse melhor voltares a estudar, Rudi - dirigiu-se-me, apertando-me com força e olhando-me de frente.

- Se puder, papá.

- O Mundo não começa nem acaba com um desafio de futebol. Tens de te preparar para uma carreira.

O que lhe poderia dizer? Carreira! No entanto, entrei no jogo dele.

- Tentarei, papá. Talvez possa vir a ser professor de educação física, como um dia me disse ser o seu desejo.

- Acho uma idéia fantástica.

As pessoas empurravam. Entre elas notei a presença de Max Lowy, o tipógrafo.

Era, também, um judeu polaco; fora deportado. Dava a sensação de impávido e

sereno, preparado para aceitar os golpes do destino.

- Olá, doutor. Também o senhor? - gritou Lowy.- Pensei que apenas dessem o pontapé em tipos como eu. Esta é a minha mulher, doutor.

Uma mulher baixa e morena cumprimentou o meu pai com um aceno de cabeça.

Ele, sempre cavalheiro, levou a mão ao chapéu. Ao ver os Lowy, foi mesmo ao ponto de se virar para a minha mãe, que ainda chorava, e de se lhe dirigir alegremente:

- Vês, Berta? Sou o único médico que deportaram juntamente com os doentes.

Abraçaram-se pela última vez.

- Não conseguem vencer-nos - ouvi-o dizer.- Enquanto nos amarmos.

-

Josef...

- Recorda-te do teu latim, querida. *Amor omnia vincit* (o amor tudo vence).

A multidão empurrou-o e afastou-os. Numa das barreiras, um policial e um guarda das **SS** examinaram os documentos do meu pai. Saíam instruções de um alto-falante: "Sigam os guardas até ao comboio. Este é o comboio especial, que vai apenas até

à fronteira..."

A minha mãe correu até junto do gradeamento de ferro e seguimo-la.

- Adeus, Josef - despediu-se, acenando-lhe. - Manda-nos dizer onde estás.

Iremos...

Voltei a cara para o lado, a fim de ocultar as lágrimas. O que me apetecia, de fato, era esmurrar alguém - um dos policiais berlinenses, os guardas que encaminhavam as pessoas para os comboios. Que direito tinham de nos fazer isto? De que nos culpavam? Uma raiva controlada fervia no meu íntimo. De boa vontade os teria morto -

os sorridentes membros do partido, todos de botas e de uniforme, fanfarrões, desordeiros, mentirosos...

- Tu, que és tão corajoso, também estás a chorar! - troçou Anna, que tinha os olhos rasos de lágrimas e o rosto molhado.

- É mentira. Não choro.

Agarrou-se a mim e abraçou-me. Choramos nos braços um do outro, mas consegui controlar-me.

- Nunca me farão isto - declarei. - Nunca na vida!

- Não?

- Não. Recuso-me a ceder como o fizeram o papá, o Karl e o senhor Lowy.

Não queria deixar que todos os meus pergaminhos de coragem se perdessem.

Contudo, neste momento em que olho para trás, percebo que fizera uma jura a mim mesmo. Não me humilhariam, não me dobrariam à vontade deles, como tinham feito a tantos outros. Pressupostamente, os Judeus concordavam, eram delicados, obedeciam, escutavam, aceitavam. Porém, eu nunca compreendera essa atitude. Nunca procurei meter-me deliberadamente em lutas de rua, mas também nunca fugi. Quando jogava futebol, jogava para ganhar. E, caso o adversário fizesse jogo sujo, podia rasteirá-lo, atacar e, se necessário, aplicar-lhe um bom murro.

- O que farás? - perguntou Anna, ainda a chorar.

- Lutarei.

Observamos o meu pai, que subia para o comboio e nos acenou pela última vez.

A minha mãe abraçou-nos. Inga mantinha-se atrás de nós, sacudindo a cabeça desesperadamente. Percebi a vergonha que lhe transparecia no rosto, vergonha pelo seu próprio povo.

- Vamos para casa, filhos - disse a minha mãe, num tom de voz novamente calmo.

Todos os prisioneiros de Buchenwald eram obrigados a trabalhar. Karl era um artista e, por conseguinte, partiu-se do princípio de que os dedos eram o seu instrumento de trabalho. Foi enviado - mediante influência de Weinberg - para a alfaiataria.

Weinberg explicou-lhe as vantagens de trabalhar lá dentro. Pelos menos, estava razoavelmente quente e o trabalho não era exaustivo. Lá fora, os presos morriam diariamente nas pedreiras, na construção de estradas, a que se chamava o "trabalho de jardim" e que consistia em abrir valas.

Um homem mais velho - e que tinha sido alfaiate de profissão - explicou que as mortes por espancamento e tortura, devido a qualquer infração, faziam parte da ordem do dia. Um atraso na chamada, réplica, resposta fora da vez - eram coisas que resultavam em severos espancamentos. E tudo o que era considerado mais grave - ataque a um guarda, roubo - significava uma morte imediata, regra geral numa divisão especial, onde mandavam colocar o preso a um canto. Um carrasco que nunca se mostrava matava-o com um só tiro na nuca.

- Já alguém conseguiu escapar-se? - perguntou Karl.

- Ouvi contar histórias de tipos ricos que compraram a fuga. *Goyim* (1), na sua maioria. Provavelmente alguns judeus também. Os **SS** dirigem tudo isto por processos de extorsão. Apoderam-se dos bens e do ouro e dividem-no entre eles. Por isso, pode acontecer que os filhos da mãe aceitem o suborno de um judeu rico e o soltem.

[1-

Goyim - Termo que era dado pelos próprios Judeus aos cristãos, sobretudo por comerem carne de porco. (N. da T.)]

O

kapo - o guarda dos presos ou o fiel – aproximou-se e ordenou a Weinberg que se calasse. Weinberg desculpou-se, dizendo que estava apenas a explicar o ofício a Karl. (Este *kapo* chamava-se Melnik e era um indivíduo corpulento, um antigo ladrão de carteiras. Os *nazis* escolhiam freqüentemente criminosos- judeus e gentios - e davam-lhes posições de chefia, o que contribuía para aterrorizar os restantes presos.) Quando Melnik já não o podia ouvir, Weinberg pegou num fardo de roupa e começou a dar explicações.

- Assim, aprenderás a conhecer os companheiros – disse, começando a mostrar triângulos de várias cores. - Vermelho significa um preso político, desde trotskista a monárquico. Verde, um criminoso vulgar. Púrpura, Testemunha de Jeová. Preto, o que eles chamam elementos sem eira nem beira, mendigos, vagabundos, etc. Rosa para os homossexuais. Castanho para os ciganos.

- Ciganos?

- Buchenwald está cheio deles. Põem em água a cabeça dos guardas, por não quererem trabalhar. Ontem, os **SS** ordenaram que dois deles fossem enterrados vivos.

Quando os tiraram, tinham a língua tesa como salame.

Em seguida, Weinberg mostrou a estrela de seis pontas a Karl.

- Sei o que é - declarou o meu irmão. - Mas isto. De que trata? - inquiriu, pegando num pedaço de fazenda com as letras BORRÃO.

- Idiotas, anormais, doentes mentais - explicou Weinberg.

- Mas que crime cometeram?

- Foram considerados como inúteis pelo Estado. Devias ver como os guardas se divertem à custa deles. Troçam e maltratam-nos. Aproveitam-se das mulheres nesse estado para lhes fazerem coisas...

- Não posso acreditar.

- Ah, não? Ouvi algumas dessas histórias. Há uma casa, não muito longe daqui, para onde levam os doidos. Idiotas, aleijados, cretinos. Matam-nos com gás.

- Gás?

- Há um tipo no serviço dos caminhões que jura ser verdade.

O

kapo voltou a aproximar-se e mandou-os calar novamente, ameaçando Karl com o cassetete. Os *kapos* usavam bonés e casacos escuros, que contrastavam com os

ternos de riscas dos presos. Todos os odiavam.

O alto-falante começou subitamente a despejar música. Não se tratava de uma gravação, mas de música tocada ao vivo pela Orquestra de Buchenwald.

- Metade da Orquestra Filarmônica de Berlim está aqui -observou Weinberg com uma piscadela de olho para Karl. A Alemanha irá para o Inferno ao som de *Das Rheingold*

***

Numa manhã de Março de 1939, a minha mãe e eu ouvimos vozes no andar de baixo. O consultório do meu pai estava, evidentemente, fechado há meses. Não nos passava pela cabeça quem pudesse ser.

Segui a minha mãe até ao antigo consultório - a minha mãe continuava a limpar o pó diariamente, com a vã esperança de que um dia o Dr. Josef Weiss voltasse a exercer a clínica - e abrimos as portas.

Um homem alto, de cabeça rapada e óculos sem armação fazia um inventário e ocupava-se do mobiliário, com a ajuda de dois operários.

- Senhora Weiss! -cumprimentou o homem de cabeça rapada batendo os calcanhares e fazendo uma vênia. - Sou o doutor Heinzen. Incumbiram-me de ocupar o consultório do seu marido. Lembra-se do meu telefonema? As chaves, por favor.

A minha mãe pediu-me que as fosse buscar. Chegava-me lá acima a voz de Heinzen, que verificava o equipamento do meu pai:

- Raios X... metabolismo basal... diatermia... autoclave...

Regressei com o molho de chaves e entreguei-as à minha mãe, que as passou para a mão do Dr. Heinzen. - Estão todas aí, doutor: a do consultório, a da porta da frente e das traseiras, da garagem, do rés-do-chão.

- É muito amável da sua parte.

- Não posso dizer o mesmo no que se refere ao seu pessoal.

- Peço desculpa por esta intromissão um tanto abrupta... mas seria uma pena deixar que este consultório e todo o equipamento ficassem aqui ao abandono. Conheci o seu marido profissionalmente, e pode crer que lamento os acontecimentos.

- Conheceu-o antes de o terem despedido do Hospital Central de Berlim.

- Outros tempos, outros hábitos, minha senhora. Sou um membro do partido e o partido deu-me ordens para ocupar o consultório e a casa.

- E a nossa indenização? - retorquiu a minha mãe com os olhos faiscantes.

- O quadro médico do partido está a rever seu caso.

A minha mãe entregou-lhe um pedaço de papel com uma morada e um número de telefone. Era o antigo estúdio de Karl, o apartamento de Inga:

- Para o caso de nos ter qualquer coisa a comunicar, doutor Heinzen.

- Será a primeira a sabê-lo, minha senhora - respondeu com uma vênia.

Não consegui controlar-me por mais tempo.

- Estão a roubar tudo, mamã. Ladrões. Não têm outro nome - insultei, dando um passo na direção de Heinzen, que me olhou como se achasse que eu tivesse enlouquecido. Os dois operários que estavam a mudar a escrivaninha do meu pai pararam e levantaram os olhos.

- Por favor, Rudi. Retira da parede o diploma do teu pai - pediu a minha mãe.

Passei pela frente de Heinzen, tirei o diploma do meu pai da parede e saí.

Continuavam a verificar tudo o que pertencera ao meu pai, um preliminar do roubo. Continuava a ouvir a voz de Heinzen:

-Fluoroscópio... centrífugo... lâmpada de raios ultravioletas...

Passamos o dia inteiro a fazer as malas. No apartamento de Inga o espaço era reduzido, o que nos obrigava a levarmos apenas o essencial. Anna, a minha mãe e eu sentamo-nos na sala, às escuras. Tinha a percepção de que não voltaríamos a

viver naquela casa de Groningstrasse. Parecia-me ainda ouvir a voz do meu irmão Karl quando uma vez lhe pregara uma partida, uma partida desagradável: "Rudi. Sei que me escondeste as calças. Preciso delas..."

- Podemos levar o piano, mamã? - perguntou Anna.

- Talvez mais tarde, Anna. O apartamento da Inga é pequeno.

- Então vamos tocar uma última peça juntas.

A minha mãe e a minha irmã sentaram-se ao piano e começaram a tocar o *Lorelei.*

- Recordas-te de como todos cantamos isto no dia de casamento do Karl? -

chegou-me a voz de Anna aos ouvidos.

A música do piano parecia erguer-se cada vez mais alta no silêncio da casa. Havia um motivo qualquer que me levava agora a odiá-la. De certa maneira, o *Bechstein* e tudo o que simbolizava mantivera-nos grudados a Berlim. Éramos pessoas ricas e com estabilidade. Até tínhamos piano. Quem nos faria mal? (Na minha atual qualidade de *kibbutznik*, um homem que praticamente nada ganha e entrega o seu magro salário à

comunidade, percebo o pouco que as pessoas precisam para sobreviver e de como essas coisas materiais podem ser destrutivas. Não pretendo dignificar a fome ou a miséria; longe disso. Mas ser um escravo de coisas? Definir a vida em termos de pianos e de casacos de peles? Talvez estivesse aí a explicação - apenas parcial - do que ocasionara a nossa cegueira.)

Disséramos aos nossos avós que se vestissem, fizessem as malas e estivessem prontos para partir, às quatro horas dessa tarde.

Conhecia bem o avô - um militar. Estaria pronto.

Bati à porta, mas não obtive resposta.

Entrei no quarto. Estava às escuras e com as persianas corridas.

- Chegou a hora, avô - disse.

Por momentos, pensei que estavam a dormir. No entanto, estavam totalmente vestidos. O avô pusera o terno escuro, a camisa de colarinhos alto, uma gravata reta. A avó tinha um vestido de veludo preto. Estavam deitados em cima da cama, abraçados e com uma expressão calma nos rostos.

Aproximei-me da mesa-de-cabeceira e vi uma garrafa com um líqüido castanho-escuro e aberta. Cheirei-a. Veio-me um odor estranho e adocicado, semelhante a pêssegos podres. Em seguida, fui buscar um espelho ao roupeiro e coloquei-o por cima dos rostos. Não ficou embaçado. Estavam mortos.

Praguejei contra a maldita música, o maldito piano, e cheguei mesmo a desejar odiar a minha mãe e o meu pai, por se terem iludido durante tanto tempo. Inclinei-me sobre os meus avós e beijei-os no rosto, interrogando-me sobre como seria capaz de dar a notícia à minha mãe. Raciocinei que talvez os velhos tivessem escolhido a única saída possível. E não o fizeram sós. Nesse Inverno, depois da *Kristallnacht*, milhares de judeus optaram pelo suicídio. Para eles, toda a esperança se desvanecera.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Viena

Julho, 1939

Um dia maravilhoso. Heydrich enviou-me a Viena para conferenciar com Adolf Eichmann, que está à frente do programa de "reintegração" dos judeus na Áustria e nos novos territórios da Boêmia e da Morávia - o chamado "protetorado" do que outrora foi a Checoslováquia.

Um homem encantador. Elegante, moreno, de porte delicado e casual, mas um olhar profundo. Declara estar bastante a par do problema judeu. Contou-me que passou algum tempo como agente de uma categoria qualquer na Palestina e que fala um pouco de *yiddish* e hebraico.

- Compreendo-os – disse-me. - Têm sido condicionados a obedecer, a acomodar-se, a dobrar-se. Bom, nós os dobraremos por inteiro.

Explicou, não sem um toque de humor, que dirigia os judeus da Áustria (e passaria, agora, a encarregar-se dos judeus checos), como se estivesse à frente de uma fábrica.

- Imagine este enorme edifício fabril, Dorf – observou Eichmann. - Um judeu entra por uma porta com todos os seus bens, valores e certidão de nascimento. Tratamo-lo como o faríamos a um porco ou a uma galinha, e ele sai depenado, desnudado, apenas com ordem para sair da Áustria ou aceitar um bilhete para um dos nossos campos.

Esta conversa ocorreu no maravilhoso Prater, esse parque amplo, maravilhoso e florido. Heydrich teve a amabilidade de me deixar levar Marta e as crianças a passar lá

um feriado de Verão, e todos desfrutamos aquela atmosfera de sonho. (Eichmann, um indivíduo sempre cauteloso, não fez comentários sobre o problema judeu na presença da minha família.)

- Querem mais gelado? - perguntou a Peter e a Laura.

Marta ordenou aos filhos que respondessem - "Não, obrigado” - ao major Eichmann. Obedeceram. Era uma mulher firme quanto a boas maneiras.

- Agora podemos ir andar no carrocel, mamã? - perguntou Laura com o rosto muito corado.

A nossa volta, os vendedores de balões, homens a vender moinhos de vento e flautas, vendedoras de flores, amas empurrando os carrinhos de bebê formavam um todo colorido. Era um espetáculo de uma beleza indescritível. Percebia agora o que levara o *Führer* a pretender a Áustria. É a Alemanha. Pertence-nos.

- Receio que os bolos e os gelados te façam mal, se fores andar de carrocel, Laura - respondeu Marta.

Nessa altura Peter e Laura começaram a choramingar uma volta no carrocel.

Regra geral, éramos severos, mas aquele era um dia especial.

- Vão lá - acedi. - É um dia das crianças.

- E se ficarem agoniados, senhora Dorf- acrescentou Eichmann com um sorriso- providenciarei para que sejam tratados.

Quando Marta e as crianças se afastaram - sem que a minha mulher se abstivesse

de se queixar que necessitaria de um descanso depois de as crianças se fartarem de andar de roda – Eichmann deitou-me um olhar bondoso e compreensivo.

- A sua mulher anda doente?

- Um leve sopro no coração. Cansa-se facilmente, mas quanto ao resto não tem problemas maiores.

Interroguei-me sobre como saberia que ela estava doente.

- É uma mulher encantadora - prosseguiu. - Sinto-me muito satisfeito por o Heydrich o ter enviado para aqui. Berlim dá o devido valor às minhas ações. Inventários dos comboios, armazenamento, processos. Quero mostrar-lhe o nosso *stock* de belos serviços de louça chinesa, pratas e antigüidades. Uma sala cheia de *Steinways* e *Bechsteins.*

Tudo, evidentemente, propriedade do Estado.

- Não fazia idéia...

- Oh! Himmler é muito rígido no que se refere a loteamentos e lucros privados.

Exceto para alguns de nós, que usufruímos os privilégios de patentes. É um indivíduo bastante misterioso, este Eichmann.

Sentirá, de fato, que a apropriação dos bens dos Judeus é privilégio daqueles de nós que pertencem aos escalões superiores das **SS** ? Não posso ter certeza. Tem um olhar intenso e brilhante e torna-se-me difícil avaliar se por vezes está a ser sarcástico e trocista, ou se a profundidade do olhar significa fervor e devoção.

Aprendi que a lisonja constitui uma arma útil a empregar com os meus superiores, e por isso elogiei-o, repetidamente, sobre os relatórios em Berlim. O

tratamento que deu aos Judeus foi exemplar. Agora, com a Checoslováquia absorvida, será responsável por mais um quarto de milhão de judeus. Eichmann é tão suscetível à

lisonja como Heydrich. Falou muito à vontade sobre os seus argutos métodos de atrair os Judeus, de os registrar. Não eram ameaçados; prometia-lhes reintegração e um tratamento justo.

- É com mel, e não com fel, que se atraem tanto as moscas como os Judeus -

disse Eichmann.

Perguntei-lhe como explicava a expropriação dos bens? Respondeu-me a rir que nada havia de mais simples. As posses ficavam "congeladas" até a situação internacional acalmar.

- Mas eles acreditam nisso? - quis saber.

De novo lhe transpareceu no olhar o costumado brilho intenso.

- Acreditam, porque não lhes resta outra alternativa - retorquiu. - Não têm armas nem poder de resistência; tampouco imprensa, ou advogados no Governo.

Estive prestes a comentar que, sendo assim, se tratava de uma questão de força.

Com toda a "psicologia" de Eichmann e o conhecimento que alegava dos costumes hebraicos, *yiddish* e judeus, a verdade nua e crua era que tínhamos poder de vida e de morte sobre eles. No entanto, não lhe fiz referência a este fato.

- Pela minha parte limito-me a obedecer a ordens - observou. - *Un bon soldat*. Sei que fala francês, Dorf.

- Como sabe?

- Li a sua ficha. Tento dar uma olhadela aos *dossiers* de toda a gente. Ajuda bastante.

Durante uns momentos, senti-me muito pouco à vontade. O que o levaria a ter consultado a minha ficha? Ele leu-me no rosto o que se passava no meu íntimo.

- Pai, Klaus Dorf - prosseguiu Eichmann. - Padeiro em Berlim. Suicidou-se com a sua *Luger* da guerra mundial em 1933, depois de o estabelecimento ter aberto falência.

Segundo parece, em tempos, foi socialista.

- Macacos me mordam!

- Você começou a freqüentar a Faculdade de Direito. Ótimo estudante, embora um pouco apagado. Mulher, Marta Schaum, nome de solteira de uma família de Brema.

Gente católica.

Devo ter empalidecido e começado a suar um pouco. Sabia bastante a meu respeito, talvez mais do que dava a entender. Não que tivesse alguma coisa a esconder.

Sentia-me, porém, um pouco nervoso ao saber que Eichmann, o meu fantástico e generoso anfitrião, estava informado daquela maneira sobre mim. Para dizer a verdade, sentia-me um pouco assustado. Sobre aquele maravilhoso dia no Prater pairava uma nuvem escura.

Eichmann deve ter percebido a minha mudança de expressão. Tocou-me de leve com a bota e assegurou-me que tinha as melhores intenções. A verdade é que as **SS**, na sua qualidade de força de polícia de segurança e operacional, tinham evidentemente de conhecer bem os seus membros. A *Gestapo,* **SS**, *SD*, *RSHA* e todos os departamentos especializados - vigiam-se constantemente uns aos outros.

- Só assim sobrevivemos, Dorf - observou.

Respondi-lhe que não tinha intenção de sobreviver dessa maneira, mas sim por uma absoluta obediência a Heydrich, o homem mais inteligente que me fora dado conhecer.

Nesta altura, Eichmann recostou-se na cadeira, bocejou e naquele rosto de traços retilíneos voltou a transparecer a expressão trocista.

- Claro, Dorf, claro. Inteligente, engenhoso, audacioso. No entanto, como todos nós, também Heydrich tem o seu calcanhar de Aquiles.

Devo ter apresentado um ar de quem fora atingido com um tijolo na cabeça.

- Quer dizer que não ouviu ainda os boatos? Diz se que Heydrich tem um judeu na sua árvore genealógica.

- Não acredito.

- Foi a tribunal, há uns anos. Subornou pessoas. Conseguiu que se queimassem os registros. É uma coisa que o põe louco e o motivo que o leva a seguir tão à risca as políticas raciais do *Führer*. Para matar o judeu que existe dentro de si. Pelo menos é o que dizem.

Demorei alguns segundos a deglutir esta chocante informação, embora com toda a probabilidade de ser falsa.

- E o que dizem a meu respeito? - quis saber.

- Oh, que é um auxiliar esforçado e leal do chefe da *Gestapo* e da Força de Segurança. Uma espécie de intelectual doméstico, Dorf. Devo dizer-lhe que os relatórios de Heydrich se tornaram muito mais legíveis desde que você assumiu as suas funções.

- Está a troçar de mim, major.

- Nem pense nisso. Adoro os vocábulos substitutos que nos arranjou. Palavras de código.- Dava a sensação de saborear cada palavra que pronunciava.- "Reintegração”,

"realojamento", "tratamento especial". Sinônimos fantásticos para pôr de parte os Judeus.

Eichmann deu um estalo com os dedos e mandou vir mais vinho. Os criados apressaram-se a servi-lo. As pessoas conheciam-no bem. Compreendiam todo o poder do uniforme e das botas pretas.

- Não há qualquer motivo para se preocupar – continuou Eichmann - Os relatórios a seu respeito são bons. Heydrich tem toda a gente debaixo de olho. É a sua garantia para o caso de esse boato da sua descendência judaica vir à superfície. Tem *dossiers* sobre Himmler, Goering e Goebbels. Por vezes, chego mesmo a pensar que tem um sobre o *Führer*.

Nem me mexia, demasiadamente perturbado para conseguir pensar claramente.

Marta regressou com as crianças.

- Foi tudo excitante demais - anunciou. - Para eles e para mim.

A fim de descansarmos, sugeri que fôssemos para o *Hotel Sacher* (Eichmann encarregara-se de nos reservar uma *suite* de luxo paga pelo partido).

Peter nem me deixou terminar. Queria andar na grande roda. E Laura também.

Iniciaram a lamúria que só as crianças conseguem quando estão excitadas demais.

- Está bem - acedi. - Eu levo-os. Peço-te que faças companhia ao major na minha ausência, Marta.

Marta sentou-se. Eichmann voltou a agracia-la com uma vênia, elogiando-lhe a beleza e atrativos. Falaram dos nossos filhos, quanto significavam para o futuro da Alemanha, a nova Alemanha revitalizada que estava a reconstruir a Europa.

Observei-os, enquanto juntavam os copos num brinde e bebiam à família, honra e pátria. Ocupei-me das crianças e consegui esquecer as surpreendentes revelações de Eichmann (se é que assim lhes podia chamar) quanto ao fato de a nossa organização não passar de um ninho de espiões internos.

Foi, de fato, um dia feliz e maravilhoso. Talvez não tenha contribuído muito para o progresso da minha carreira, pela ingenuidade que demonstrei perante Eichmann.

No entanto, Marta, com a sua simplicidade e encanto, compensou inteiramente essa minha falha.

Mais tarde, esta noite no *Hotel Sacher*, fizemos amor apaixonadamente e num total abandono de hesitação sobre novas - como direi? - aproximações, métodos que a ambos nos surpreendeu e nos deixou prostrados. De certo modo, os novos poderes, que sinto usufruir na minha profissão e a confiança por ser um membro da organização, repercutem-se na nossa relação sexual.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

O meu pai fez parte de um dos últimos grupos de judeus com permissão de ingresso na Polônia. Ele e as pessoas com quem foi deportado passaram uma semana, chocalhados em comboios sujos e a abarrotar, antes de os Polacos se decidirem, relutantemente, a aceitá-los. Uma mulher morreu no comboio com um ataque cardíaco.

O meu pai prestara-lhe assistência até ao final.

Um sobrevivente contou-me como tudo se passou.

Primeiramente, os judeus foram dispostos em fila do lado alemão da fronteira, depois de terem saído do comboio.

Receberam ordem para percorrer a pé estradas lamacentas até chegarem à

barreira. Alguns velhos desmaiaram. Os que protestavam eram espancados.

Por sorte, o meu pai estava em boas condições físicas. Caminhava ao lado de Max Lowy, o tipógrafo, e de Chana, sua mulher.

Quando a barreira pintada de vermelho e branco ficou à vista, os guardas das **SS**

deram ordem de paragem à coluna. Todos foram obrigados a esvaziar os bolsos. Apenas lhes permitiram levar dez marcos cada um.

- Roubaram este dinheiro ao povo alemão e, agora, irão devolvê-lo. Exigimos o dinheiro em nome do povo alemão.

Os judeus viram-se despojados de relógios e de jóias. O meu pai foi obrigado a entregar a caneta de tinta permanente, o relógio e a carteira. O guarda das **SS** olhou para o caduceu que o meu pai tinha na lapela - a serpente enrolada no bordão, símbolo do médico.

- Que diabo é isso? - perguntou.

- Sou médico. Foi um presente da minha mulher quando me formei pela Escola Médica.

O guarda das **SS** arrancou-lhe.

- Os Polacos não dão importância aos médicos. São quase tão animais como os Judeus.

Por qualquer motivo, o meu pai assumiu o papel de líder. A maior parte destes judeus polacos eram pessoas pobres e sem educação. Viraram-se, naturalmente, para ele naquela altura de sofrimento. Conduziu-os através dos campos cobertos

de neve- estava um dia de intenso frio - e da barreira, enquanto os guardas e os oficiais da Imigração polaca, embrulhados nos seus capotes com capuz, inspecionavam os documentos.

- Papéis em ordem, prova de cidadania - gritou um capitão. - Como se precisássemos de mais estes malditos judeus!

Reporto-me a este incidente - o desprezo e o ódio dos Polacos - e a outros incidentes muito mais brutais e envolve-me uma incapacidade apática de compreender.

Os Alemães tinham praticamente um ódio tão grande aos Polacos como em relação a nós. Hitler não fazia segredo dos planos que lhes reservava. Iriam ser escravos, um furo acima dos Judeus, na hierarquia de organização *nazi*. Poderia pensar-se numa comunhão de interesses frente à opressão. Mas não. Nem o mínimo de piedade ou de compreensão.

Quando, finalmente, todo o peso do Exército alemão, as **SS**, os assassinos e carrascos oficiais atacaram a Polônia, os Polacos ainda tiveram tempo e energia para odiar os Judeus, para nos atraiçoar e ficar de lado, passivos e indiferentes, enquanto éramos sistematicamente destruídos. Ainda não consigo divisar causas. Tudo se passou como se, no meio de uma dura partida de futebol, alguns dos jogadores do grupo derrotado se virassem contra os seus membros mais fracos e começassem a espancá-los.

Decorridas horas de espera, investigações e interrogatórios, o último grupo de judeus obteve permissão para pisar em território polaco. Numa bifurcação da estrada, há

dias que os amigos e os parentes dos desterrados esperavam, a tremer e aterrorizados, sem saber se voltariam a ver os entes queridos.

Lowy e a mulher seguiam na pegada do meu pai:

- Tem família aqui, doutor? Eu e a Chana... não conhecemos ninguém.

- Um irmão - respondeu o meu pai.

E Moses estava à espera do meu pai. Era solteiro, o irmão do meu pai, um homem calmo e contemplativo que outrora pensara em estudar para rabino, mas

por questões de ordem econômica se vira forçado a tomar conta da farmácia do meu avô, no bairro judeu de Varsóvia.

Os irmãos olharam-se mas não choraram. O meu pai adquirira alguma da reserva da minha mãe, da sua absoluta calma e dignidade. Assim, os dois homens, que não se tinham visto desde o casamento de Karl, em 1935, limitaram-se a um estudo mútuo. A respiração formava nuvens na atmosfera gelada. A volta deles, as pessoas choravam, abraçavam-se, davam graças, amaldiçoavam os nossos inimigos.

- Estás... então aqui! - exclamou Moses.

- Sim, de regresso à pátria.

- Uma viagem agradável, Josef?

- Nada que se assemelhe ao *Oriente-Express*. Andaram conosco aos trambolhões de um lado para o outro, durante oito dias. Julgo que somos os últimos que os Polacos vão deixar entrar.

O diálogo casual terminou subitamente e os dois homens abraçaram-se a chorar.

Moses, embaraçado - a minha mãe costumava dizer que elevava a timidez ao infinito-, levou a mão aos olhos: o pó. A praga da Polônia.

- Em Janeiro, Moses? - gracejou o meu pai. - Não tenhas vergonha por chorares.

- Não me envergonho, só que as lágrimas de nada servem. Acho que o melhor será pormo-nos a caminho. O Exército polaco recusou-se a deixar que trouxéssemos transporte. Estamos a quilômetro e meio da estação de estrada de ferro.

O cortejo de pessoas pegou nos sacos e nas malas e começou a seguir o meu pai e o meu tio. O meu pai contou-lhe as nossas tragédias. O Karl na prisão. O consultório fechado. Perguntou se a mulher fizera algum telefonema para Varsóvia. Ao ver que o meu tio hesitava, percebeu que tinha más notícias para lhe dar.

- Que se passa, Moses?

- Os Palitz morreram, Josef. Os velhos. Suicidaram-se.

O meu pai cambaleou, ofegante, e engolindo em seco. Uns velhos tão dignos...

Na sua qualidade de homem dotado de uma infinita paciência, sempre cheio de simpatia pelos velhos, doentes e pobres não lhe era possível entender a ilimitada violência que o atingia. Estava preocupado com a minha mãe, com Anna e comigo, segundo confessou mais tarde a Moses. E as garras da dúvida começaram e roer-lhe as entranhas: talvez se estivessem a preparar coisas muito piores para a família que deixara em Berlim. Talvez o suicídio dos Palitz fosse um agouro, um presságio.

Atravessaram, penosamente, campos cobertos de neve e estradas com camadas de gelo. Alguns camponeses vieram espreitá-los. Um velho desmaiou. O meu pai prestou-lhe assistência e pediu a um fazendeiro polaco que o deixasse passar a noite na cabana aquecida. O fazendeiro recusou. O homem teve de ser levado em braços para a estação.

Moses tentou mostrar-se otimista. As coisas acabariam por melhorar. Tinha conseguido que o meu pai começasse a trabalhar em Varsóvia no Hospital dos Judeus.

Também havia a hipótese de partilhar um pequeno apartamento, caso o meu pai não se importasse de viver por cima da loja.

- Vivi por cima de uma até aos meus dezenove anos, Moses.

Moses trouxera pão, salsichas e queijo. Foram mastigando a caminho da estação e dividiram o pouco que tinham com Lowy e e mulher.

Quando o meu pai apresentou os Lowy a Moses, o tipógrafo gracejou:

- Mas que maneira esta de judeus se conhecerem, numa estrada suja da Polônia!

Não assinalam o caminho com marcos, mas com anti-semitas.

Em seguida, perguntou se os poderia acompanhar até Varsóvia. Nem ele nem a mulher tinham conhecimentos. Eram naturais da Carcóvia, mas há muito que as famílias tinham partido.

- Não pretendo caridade. Nem um cêntimo – esclareceu Lowy. - Sou um trabalhador habilitado. Um tipógrafo. Vejam as minhas unhas. Há quarenta anos de tinta de impressão debaixo delas. Contudo, seria pelo menos mais fácil se estivesse com pessoas amigas.

- Varsóvia não é um paraíso - avisou Moses.

- Há muito que desisti do paraíso - retorquiu Lowy. - Basta-me uma cama e uma chávena de chá. E talvez arranje trabalho de tipografia.

Moses simpatizou imediatamente com ele.

- Tenho muito prazer em que me acompanhe e ao meu irmão, senhor Lowy.

Continuaram a caminhar, cansados, gelados até aos ossos, na direção do comboio para Varsóvia.

***

Em Agosto de 1939, há meses que a minha mãe, Anna e eu vivíamos no que tinha sido o estúdio de Karl. Inga, sempre boa e afetuosa, mudara-se para o apartamento dos pais, contíguo ao nosso. Dormia na cama de Hans. Ele estava em manobras, algures a leste.

Tínhamos afastado para um dos cantos do estúdio o cavalete e a mesa onde Karl pintava e colocáramos os esboços e as telas atrás do armário. A minha mãe partilhava o divã com Anna. Quanto a mim, descobrira um antigo saco-cama que usara no campismo e dormia no chão.

Da casa de Groningstrasse a minha mãe trouxera mais do que suficiente material de cozinha, louças e coisas como candeeiros e tapetes, para tornar o ambiente mais confortável. Há anos que andara a levantar dinheiro das várias contas bancárias, e antes da partida do meu pai ele revelara-lhe que conservara grande parte do rendimento em dinheiro. De momento, não tínhamos, portanto, dificuldades financeiras.

O apartamento situava-se num bairro de trabalhadores cristãos e procurávamos sair à rua o menos possível. Inga oferecia-se voluntariamente para nos fazer as compras.

O pior de tudo era a terrível monotonia em que vivíamos.

Algumas vezes dava uns pontapés na bola, sozinho, no parque próximo ou corria alguns quilômetros para me manter em forma; mas sentia-me inquieto, impaciente e, para ser verdadeiro, um pouco assustado. Ocupava-me bastante a cozinhar e a limpar o pequeno estúdio. No liceu, tinha saído com uma colega. Uma vez tentei localizá-la; a família desaparecera. Ninguém me soube informar para onde tinha ido.

Não levávamos uma vida fácil, mas sabíamos que muitos judeus estavam em piores condições, inclusive o meu irmão Karl. Dava a sensação de que não tínhamos futuro, de que não havia saída. Era o que me assustava, embora a minha mãe mantivesse a calma que a caracterizava. Ainda a consigo recordar nitidamente, atando o laço do avental e afastando da testa uma madeixa grisalha, quando começava a preparar a hortaliça para o nosso jantar: sopa feita com alguns ossos. Passara muito tempo desde aquelas nossas belas refeições na antiga casa.

Se a minha mãe andava aterrorizada ou roída pelo desgosto, conseguia na maior parte do tempo disfarçar na perfeição. Não era pessoa para se lamentar, nem derrotista.

Contudo, percebi que se estava a operar uma mudança em Anna. Fora noutros tempos uma jovem viva, alegre e dinâmica, e agora passava horas calada, amuada e não reagia quando "puxava" por ela.

- Odeio isto aqui - costumava dizer-me, quase todas as manhãs, quando nos levantávamos para utilizar o sanitário por turnos e tentávamos inventar maneiras de ocupar o dia.

Um dia, Heinz Muller foi visitar a família Helms. Era, agora, sargento das **SS**, embora desconheça em que ramo. Inga contara-nos que outrora esperara casar com ela e tinha pedido a sua mão ao pai. Detestava-o. Muller sentia-se encantado por meu irmão -

e seu rival - estar na prisão, mas via-se obrigado a agir prudentemente diante de Inga.

Decorria um dia quente de Verão e tanto a porta do apartamento dos Helms como a nossa estavam abertas. Chegou-me o som de vozes, enquanto estava

deitado no divã a ler a página dos desportos pela décima primeira vez.

Inga insistia com Muller para que descobrisse para onde tinham levado Karl.

Sabíamos que muitos dos judeus presos depois da *Kristallnacht* tinham simplesmente desaparecido. Alguns haviam sido assassinados, executados, sob falsas acusações.

- Sou apenas um sargento - desculpava-se Muller. - Não posso meter o nariz nos arquivos.

- Mas saber onde ele está...

- Inga! - interferiu o pai dela. - O Muller não pode arriscar-se pelo...

- Não receies as palavras, papá. O meu marido judeu.

Muller hesitou e, em seguida, disse:

- Suspeito de que esteja em Buchenwald, uma prisão de civis. Mandaram para lá

a maior parte dos de Berlim.

- Posso escrever-lhe? Posso vê-lo?

- Não tenho certeza. São muito rigorosos. Uma carta talvez. Mas, na minha opinião, o melhor será... esquecer. Deixe-o entregue a si próprio. O seu pai está cheio de razões. Não se prejudique.

- Um conselho sensato - comentou Helms.

- Concordo com o Muller, querida - disse a mãe. - Talvez tenha sido melhor assim.

- Quando penso naquela mãe pretensiosa, sempre a dar-se ares de pessoa importante, e no médico, que não passava de um nojento judeu polaco! - acrescentou Helms.

- Pare com isso! - gritou Inga. - Não tem vergonha! Não permito que fale dessa maneira sobre o meu marido.

Fez-se um silêncio momentâneo, apenas interrompido pelo resmungar em voz baixa do pai e o choramingar da mãe.

Inga era uma rapariga dotada de uma força e um sentido de justiça enormes. Tais qualidades, aliadas ao amor que tinha por Karl, tornavam-na uma mulher espantosa.

Talvez uma palavra sobre a maneira como se conheceram sirva para um melhor esclarecimento a este respeito. Karl era estudante no Instituto de Arte, como já

mencionei, onde Inga, uma jovem bonita, e muito "ariana", trabalhava como secretária do diretor. Quando os empregados da escola - funcionários administrativos e professores - pediram um aumento de ordenado, não concedido, foi Inga Helms quem liderou recolher assinaturas e as reuniões e estabeleceu os planos de greve.

Karl recordava-se de a ter visto pôr-se de pé numa das reuniões e exigir que estivessem preparados para fechar a escola, se necessário. Declarou não ser "vermelha", socialista, e pouco se interessar por política. Contudo, sabia estar dentro da razão. Os professores - na totalidade membros do partido - ouviram-na (a greve foi proibida, mas receberam aumento de ordenado).

Era dotada dessa qualidade rara que se encontra em algumas pessoas: um sentido de justiça intrínseco, quase biologicamente inserido. Depois da reunião sobre a greve, Karl, um indivíduo tímido e muitas vezes pouco eloquente, viu-a sair sozinha. Concluiu que não tinha namorado e convidou-a para tomar café com ele. Apaixonaram-se quase de imediato. Karl contou-me que, apesar da sua descendência humilde, possuía uma compreensão enorme das pessoas e dos motivos e falava bem.

Argumentou que era apenas uma secretária, nada percebia de arte e não podia discutir Picasso ou Renoir com ele. Karl rira. Teve a audácia de lhe pegar na mão quando a acompanhou a casa.

- Só precisas te recordar de uma coisa – disse-lhe. - É uma frase do crítico Berenson. *O propósito da arte consiste em incentivar a vida.* - Beijou-a impulsivamente. Não restavam dúvidas de que acabariam por casar.

Ao ouvir o tom elevado em que o pai falava, recordava-me destas suas qualidades.

- Nós é que devemos estar zangados. Casaste com um e meteste cá a família inteira. A viverem mesmo ao lado.

- Cale-se! - explodiu Inga.

- Não é nada aconselhável esconder judeus - declarou Muller num tom calmo, semelhante ao de um conselheiro de família. - Pode dar mau resultado.

- Peço-lhe que me diga, Muller. Será possível mandar uma carta? Subornar? O

que consegue fazer por mim?

- Subornar? Ouvi falar em casos de judeus ricos que o fizeram de vez em quando por um preço elevadíssimo. Mas um artista pobre como o seu marido nunca conseguiria dinheiro suficiente.

- Ajude-me. Por favor. Ajude-me.

- Não arrisque a pele por ela nem pelo judeu com quem casou, Muller - interferiu o pai. - Já basta que estejam a viver aqui ao lado.

- Vocês todos enojam-me - exclamou Inga.

O pai estava enraivecido. Como todos os fracos, perdia a cabeça e gostava de gritar com os filhos:

- Quero essa cadela judia daqui para fora. E os filhos também.

- Não. São a minha família. E, algumas vezes, chego a pensar que são mais da minha carne e do meu sangue do que vocês.

Ouvi uma porta bater.

Muller estava a tentar acalmar o pai de Inga.

- Bom, não se pode dizer que não tenha sido avisada. Uma bonita rapariga ariana misturada com eles. Com os diabos! Se ao menos a tivesse forçado a adiar o casamento.

As leis de Nuremberg já estariam emitidas e tudo seria ilegal.

- Muller... como nosso velho amigo... não dirá nada sobre... - estava a dizer a mãe de Inga.

- Os vossos parentes hebraicos? Nem uma palavra.

Eu estava e ouvir música no estúdio. Anna fazia os trabalhos escolares. Agora que se via impossibilitada de freqüentar qualquer liceu e todas as instituições judaicas tinham sido fechadas, a minha mãe fazia as vezes de professora particular, dando-lhe livros para ler e exercícios para fazer. Poderia ter aproveitado a ocasião para me cultivar; mas estava demasiado irritado e perturbado para aprender. Aliás, estudar nunca foi a minha especialidade.

Na rádio, o locutor citava o último discurso de Hitler. A paciência do *Führer* em relação aos Polacos estava esgotada. Estes mostravam-se arrogantes e revoltosos e teriam de lhe responder por isso. Avisou a França e a Inglaterra de que não se metessem no assunto.

- Cabe-te a vez, Polônia - comentou Anna.

- É de loucura - concordei. - Ninguém o acredita quando diz que vai fazer estas coisas. Uma vez, dei uma vista de olhos pelo *Mein Kampf*. Porque é que ninguém o levou a sério sobre o que declarou a respeito dos Judeus e dos Eslavos?

A minha mãe escrevia uma carta, com a esperança de que o meu pai a recebesse em Varsóvia. Estava um dia quente, mas tinha posto um xale. Dava a sensação de estar mais velha e tinha o rosto pálido.

- As pessoas enganam-se a si próprias quando têm medo, Rudi.

- Como nós - observou Anna. - Somos tanto de criticar como esses políticos estúpidos que não deixam de ceder.

Inga apareceu à porta e fez-me um gesto com a cabeça. Saí de junto da janela e fui ter com ela ao patamar.

- Esse porco do Muller pensa que o Karl está em Buchenwald. Vou lá.

- Não te deixarão aproximar dele.

- Tentarei. É meu marido, Rudi. Precisa de mim.

- Muller falou em qualquer hipótese de o libertarem?

- Não. Mas seja como for, vou.

Contemplei o rosto comprido e bonito. Via-me forçado a admirá-la. Podia ter-se divorciado de Karl, ignorá-lo, servir-se da sua situação de ariana para fugir a toda esta embrulhada.

- Também vou - declarei.

- Comigo?

Respondi-lhe negativamente. Não estava a favorecer a minha mãe, nem Anna estando escondido no apartamento. Ou estaria? Agora, era eu o homem da família.

Contudo, confessei a Inga estar convencido de que seríamos presos e deportados. Em Berlim, ainda existia um conselho de judeus, mas a sua voz ia-se ouvindo menos de dia para dia; estávamos isolados, apertados no cerco. Garanti que nunca deixaria que me apanhassem. Pelo menos, ninguém me apanharia vivo.

"Como Karl foi?", era a pergunta que lhe lia nos olhos. Contudo, não pronunciou as palavras e lamentei a minha disparatada bravata. Como podia estar certo do que o faria? Não era ninguém para poder estar a vangloriar-me da coragem que ainda não provara. Ela desafiara a família, casara com um judeu, mantinha-se ao lado dele.

Perguntei-lhe porquê.

- Amava-o - respondeu.

- Tinha de ser mais alguma coisa - argumentei.

- Respeito. Afeto. O Karl é um homem bom, incapaz de fazer mal a alguém.

Assisti a muitas rixas na rua, mesmo aqui no bairro. Vermelhos, *nazis*, todos. O meu pai regressava a casa ensanguentado e os inquilinos do prédio gritavam e discutiam. Karl constituiu uma revelação para mim. Desconhecia existirem

pessoas que não compreendiam a crueldade nem a violência. Que importância tinha ser judeu? Sempre fui dona e senhora dos meus sentimentos. - Sorriu. - Já sou veterana na fuga, Rudi. Fugi de casa duas vezes, quando era miúda, para me escapar deste lugar terrível. Nunca cheguei, porém, muito longe.

Quis saber se ela achava uma covardia que abandonasse a minha mãe e Anna.

Pensou uns momentos e respondeu-me que não. Cuidaria delas e era uma melhor protetora do que eu. Eu estava marcado e, mais tarde ou mais cedo, apanhar-me-iam.

Agora que me recordo deste diálogo, pergunto a mim mesmo se deveria ter ficado. Tamar assegura-me que não poderia ter tomado uma decisão mais sensata.

Nunca conseguiria arrancar a minha mãe nem a Anna ao destino que as esperava.

Apenas teria sido mais uma vítima.

Voltei ao estúdio, na companhia de Inga.

- De que estavam a falar?-quis saber a minha mãe. -Será que ouvi o nome de Karl?

- Não, mamã - respondeu Inga.

- Gostava que o Karl estivesse conosco - interferiu Anna, erguendo os olhos do livro: - E o papá também. Não seria tão mau se estivéssemos juntos.

- O papá está bem - assegurou a minha mãe. - Na última carta, dizia que as coisas não corriam mal em Varsóvia. -Dificilmente consegui dissimular a minha irritação ante a sua cegueira. Tudo ia pelo pior na Polônia. - O papá está a trabalhar no hospital como diretor médico adjunto. Toda a comunidade judaica o admira e respeita.

- Pergunta-me as datas, Rudi - pediu Anna.

Sentei-me na frente dela, tendo na mão o caderno onde escrevera o trabalho de casa com a sua caligrafia clara e regular.

Enquanto lia as datas, pensava: "Aqui têm judeus, preocupados com a História, a aprender palavras e lições e a ler livros, ao mesmo tempo que todo o seu mundo se desfaz numa nuvem de fumo." Talvez estivesse, de novo, a ser duro demais para com o meu próprio povo. Que mais sabíamos para além de aprender, tratar dos nossos assuntos, fazer negócios e esperar que o mau tempo acabasse?

Quando comecei a ler, o locutor da rádio mencionava as novas leis referentes aos Judeus. Deveria ser usada a estrela amarela. Não nos poderíamos servir de transportes públicos. Nenhum judeu poderia beneficiar de assistência social ou qualquer outro serviço governamental. As sinagogas seriam encerradas.

- Vai para o diabo, filho da mãe! - gritei para o rádio.

- Isso não ajuda nada, Rudi - interferiu a minha mãe com uma calma que me enfureceu.

- Ajuda-me a mim.

- Vais fazer-me as perguntas, ou não? - irritou-se Anna.

Como sentia pena da minha irmã e da minha mãe... Achavam que a vida iria continuar: a escola, a educação, a família.

- Está bem. Está bem. 1521 ?

- *Concílio de Worms*.

E a voz na rádio continuava a falar: "Todos os documentos e passaportes devem ser marcados com um J... "

- 1618? - continuei.

- Início da Guerra dos Trinta Anos - gritou Anna.

Sim. Sabíamos, de fato, História; mas, não compreendíamos a História que se estava a fazer naquele momento.

"A posse de armas por judeus", arrastava-se a voz no rádio, "será considerada crime capital e pode ser..."

- 1776.

- Revolução Americana.

"Quanto à estrela amarela", prosseguia o locutor, "deverá sempre ser usada, e quando tal não acontecer significará ofensa ao Governo..."

- 1814? - perguntei, sentido o desejo de aniquilar a voz que saía do rádio.

- Derrota de Napoleão.

"As lojas de posse dos judeus devem ser registradas e os proprietários devem...”

Dei um salto da mesa e desliguei o aparelho.

A minha mãe mostrou-se indiferente. Ou seria a sua maneira de nos dar coragem manter esta farsa, e este seu pequeno drama a sua forma de dar a entender que tudo correria bem se mantivéssemos a calma e deixássemos passar a tempestade?

Ergueu o olhar da carta que estava a escrever. O rosto outrora fresco e sem rugas afilara. Comia pouco. Tinha olheiras. Percebia que punha de parte a melhor comida para Anna e para mim, subornava os comerciantes locais, governava as nossas pequenas economias e preocupava-se com a nossa saúde.

- É importante que continues com as tuas lições, Anna - observou. - Amanhã

ocupar-nos-emos de álgebra. Apesar de tudo, tens de te preparar para a vida que te espera. E garanto-te que terás um bom futuro. Quanto a ti, Rudi, não te faria mal nenhum leres um livro de vez em quando.

Reparei que Anna tinha os olhos cheios de lágrimas. Fiz-lhe uma festa na mão, sem pronunciar palavra.

Nessa noite, quando todos estavam a dormir, enchi uma mochila com artigos de *toilette*, alguma roupa interior e outras coisas. Quando era miúdo fizera muito campismo e praticara muita vida ao ar livre. Karl nunca apreciara esse tipo de desporto; era sempre mordido pelos mosquitos ou escolhia ervas venenosas. Tinha uma faca de mato que o meu avô me oferecera e juntei-a ao restante.

Não pronunciara, evidentemente, uma palavra sobre isto à minha mãe ou a Anna, mas, uma semana antes, tinha ido falar com um indivíduo que trabalhara com Lowy, o tipógrafo. Era gravador, chamava-se Steinmann e conseguira arranjar-me um bilhete de identidade falso. A fotografia era minha, mas tudo o mais forjado. O

documento fazia-me passar por um estudante livre do serviço militar devido a uma úlcera.

Eram duas da manhã quando fui dar um beijo à minha mãe e a Anna, que dormiam profundamente. Fazendo o menor ruído possível, pus a mochila ao ombro e avancei até ao *hall*, com as botas de alpinista calçadas.

Inga sabia da minha partida. Saiu do apartamento, em roupão:

- Estás então decidido!

- Não posso ficar. Não as posso ajudar. Talvez consiga salvar a pele e voltar para as levar comigo... não sei.

- Para onde tencionas ir?

- Para qualquer local onde não me descubram.

- Como viverás, Rudi?

- Roubo. Mentira. Luta.

- Toma isto - ofereceu, estendendo-me um rolo de notas.- Dá-te pelo menos para alguns dias.

Agradeci-lhe. Hesitamos um momento, num estudo mútuo de expressões.

Percebo agora que éramos muito parecidos. Teimosos, ressentidos por nos empurrarem, prontos a resistir, a recusar aceitar sem protestos o que nos impunham. Os meus pais nunca me chegaram a compreender. "Um mutante", costumava dizer o meu pai. "Um intruso nesta família de amantes da literatura e das artes." (Dizia-o por brincadeira e sentia tanto afeto por mim como por Karl ou por Anna.) Do mesmo modo, Inga, que desde criança assistia a cenas de sangue e de violência- o bairro em que habitava foi dos mais afetados pelas lutas

de rua dos anos vinte e trinta -, criara um pavor íntimo, um ódio, pela violência e pelos que a praticavam. E nada disto diminuíra a sua capacidade de compaixão e de generosidade. Interroguei-me com um sentimento de medo e solidão como conseguiria Karl agüentar a prisão sem e força dela a apoiá-lo.

- Tens de nos escrever, Rudi - disse. - A tua mãe sofrerá um choque, mas vou tentar explicar o que te levou a partir. E à Anna.

- Durante uns tempos não escreverei. Diz à minha mãe que não se preocupe comigo. Protege-a. Cuida da Anna. É uma miúda difícil às vezes, mas gosta de ti. Tanto como todos nós.

Beijámo-nos como irmão e irmã.

- Se vires o Karl, assegura-lhe que estou bem. Diz-lhe que os irmãos Weiss se voltarão a unir... em breve. Talvez a minha mãe tenha razão. Pode ser que a situação se resolva. Acabarão por concluir que nos espancaram o suficiente, roubaram tudo o que temos, e desistirão. Adeus.

Voltou a beijar-me e ainda a ouvi dizer:

- Adeus, irmãozinho.

Desci as escadas, atravessei o pátio e saí para a rua escura. Tinha preparado uma série de mentiras para o caso de me deterem. Os meus planos eram o de me meter num comboio de mercadorias, saltar de um comboio para outro e caminhar para sul. Para qualquer local menos para a Alemanha.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Setembro, 1939

Polônia caiu em vinte dias.

No entanto, o êxito militar não é tudo o que procuramos. A segurança das terras conquistadas, a *purezrd raci* dessa parte da Polônia que será incorporada na Alemanha, as políticas contra os Judeus, os Eslavos e outros no Governo-Geral são fatos que continuam numa situação bastante confusa.

O nosso Executivo continua a receber relatórios incomodativos sobre as ações contra os judeus da Polônia.

Não que as ações sejam contra a política - Heydrich afirma que estamos a fazer uma guerra dupla: uma contra os exércitos inimigos, outra contra a conjura judaica -, mas sim problematicamente, ao acaso, desorganizadas e descontínuas.

As barbas e patilhas desses estranhos judeus ortodoxos do Leste parecem pôr os nossos homens fora de si. Cortam-nas, arrancam-nas, queimam-nas.

Os judeus são metidos como rebanhos dentro das sinagogas e os edifícios incendiados.

Em Bielsko, amarraram judeus num pátio de uma escola judaica, enfiaram-lhes tubos de borracha na boca e ligaram a água até lhes rebentarem os estômagos.

A violação acontece freqüentemente, embora todo o soldado que se entregue a um prazer deste tipo corra o risco de acusação de conspurcação da raça.

Despem as mulheres judias e obrigam-nas a dançarem nuas pelas ruas, tanto para divertimento dos Polacos como dos nossos homens das **SS**. Houve uma cidade em que os judeus foram levados todos nus desde os banhos até um matadouro, e aí queimados vivos. Um dos relatórios informa - estou a pedir a alguém que faça a confirmação, embora não veja motivo para não acreditar - que numa aldeia polaca decapitaram três rabis e expuseram as cabeças na montra da loja principal, cujo proprietário era, evidentemente, um judeu. E assim por diante. Tudo desorganizado e sem método, a bel-prazer de qualquer comandante local das **SS**.

- As Forças Armadas mostram-se um tanto aborrecidas observei a Heydrich, depois de ler as notícias matutinas sobre a Polônia.

- Não percebo porquê. O próprio Keitel, esse desavergonhado, passou um comunicado ao seu glorioso exército, afirmando que os Judeus são parasitas venenosos, que constituem uma praga para o Mundo. Recordo-me das palavras exatas do marechal-de-campo: "A luta contra o judaísmo é uma luta moral pela pureza e sanidade da humanidade criada por Deus.”

- Não interprete mal as minhas palavras, senhor - apressei-me a retorquir. - As Forças Armadas não se importam com as ações contra os Judeus. Trata-se da

deterioração do poder militar nas áreas ocupadas. Os nossos homens tomam a iniciativa, recrutam o equipamento e dão ordens.

- Bom. As Forças Armadas terão de agüentar. Que conquistem e façam ocupações. Nós trataremos dos Judeus e de outros vermes.

No entanto, percebi que ficara perturbado.

O espírito dinâmico e inventivo de Heydrich elaborou nas horas seguintes uma nova fórmula para tratamento dos judeus da Polônia. Serão empurrados dos territórios que conquistamos para lugares como Lublin e Varsóvia, para, utilizando as suas palavras, apodrecerem nas suas próprias comunidades. E os próprios Judeus dirigirão o movimento, a organização desses enormes guetos. Os conselhos judaicos, constituídos pelos membros mais idosos e influentes da comunidade, farão o trabalho para nós.

- E se recusarem?

- Os Judeus não recusam. Cooperam. Estão aterrorizados, desarmados e sem aliados.

A Polônia, de acordo com o desenvolvimento do plano de Heydrich, será um local de desembarque das judeus da Europa. Não será apenas para os judeus polacos mas também para todos os que estão na Alemanha, na Áustria, na Checoslováquia.

Pediu-me que convocasse todos os colaboradores para uma importante reunião amanhã - 21 de Setembro -, a fim de formular planos exatos quanto ao tratamento dos Judeus. Tiroteios ao acaso e enforcamentos não são processo de resolução de uma campanha em massa contra um inimigo sutil.

Começo a conhecer bastante bem a maneira de raciocinar do chefe, e de vez em quando tento analisá-la em pormenor.

- Talvez o nosso problema, general, seja o de que, relativamente aos Judeus, poucos dentre nós têm uma idéia clara do objetivo final.

- Fale, Dorf.

- Estou a pensar... na eliminação da sua influência na Europa. No Mundo,

expressando-me melhor.

- E o que significa essa eliminação? Esterilização? Desterro? Empobrecimento? -

Fez uma pausa. - Extermínio?

- Não sei. Refiro-me à última noção. Foi apenas sugerida.

- Faça uma revisão das palavras do *Führer*, Dorf. Leia nas entrelinhas.

- Sim, mas a aniquilação de quê? Oito milhões de pessoas ou mais... Parece-me uma missão quase impraticável.

Sentia-me a tremer por dentro.

- É um argumento possível - comentou Heydrich -, mas quando houver a reunião de amanhã faça recuar a idéia para as profundezas do seu cérebro. Falarei sobre algo chamado "medidas de planejamento geral" com um objetivo último, em oposição à

fases que nos levarão a esse objetivo.

Com todas as suas qualidades de prepotência organizadora, propaganda, distribuição elaborada de operações policiais, Heydrich estonteia-me um pouco, devido à

sua verborréia labirintuosa (embora tenha a sensação de que aprendeu um pouco comigo).

- Com que precisão... com que nitidez falará na reunião de amanhã? -perguntei: -

Pode arriscar-se a interpretações erradas.

- Oh, Dorf! - riu Heydrich com gosto. - Algumas vezes comporta-se como se ainda fosse um estudante de Direito. Certifique-se de que Eichmann estará presente amanhã. Ele compreender-me-á perfeitamente.

Fiz um aceno de concordância, tentando digerir o que me acabara de ser dito:

- Talvez qualquer quarentena de moderação fosse uma boa forma de começo.

Heydrich sentou-se, colocou as pernas em cima da escrivaninha, cruzou-as e ergueu um dedo na minha direção:

- Diga-me uma coisa, Dorf. Acha que os Judeus servem um objetivo?

- Objetivo?

- Que percentagem do que lhes fazemos é por convicção e quanta é por oportunismo?

- Não estou certo. Porém, quanto à convicção, o *Führer*, Himmler, o senhor, não fizeram segredo dos vossos pontos de vista.

- Contudo... passar por tudo isto só para os eliminar? - Fez uma pausa na palavra

"eliminar". - Todos estamos a criar o hábito de nos servirmos de palavras de código, de rodear a verdade. Pergunto a mim próprio porquê. Se o que planejamos são atos morais (como afirma Keitel), se o cristianismo se revelou indulgente, séculos a fio, relativamente ao ódio para com os Judeus, porque nos mostramos tão relutantes quanto a uma exposição clara dos nossos verdadeiros planos? A verdade é que estamos a lutar contra uma praga, um inimigo mundial, uma conspiração. Pelo menos, Hitler assim o afirma.

Heydrich continuou. Sendo um orador excelente e de uma extrema verbosidade, expandia-se, agora, sobre a sua tese.

- O anti-semitismo não só unifica o povo alemão como servirá para cimentar toda a Europa numa única peça sob nosso comando, assim o diz. Na maioria das países europeus proliferam movimentos antijudaicos, que servirão para nos dar força. A *Croix-de-Feu* em França, o *Arrow Cross* na Romênia, vários partidos fascistas nativos na Hungria, Eslováquia e Croácia. Locais como a Ucrânia e os estados bálticos, que se encontram sob o domínio bolchevista, abundarão em sentimentos pró-alemães, e esses sentimentos serão tanto mais fortes quanto mais lhes mostrarmos os nossos pontos de vista em relação aos judeus que os têm oprimido. A maior parte do que lhes vamos impingir não passa de mentiras, Dorf - continuou, piscando o olho -, mas mentiras úteis.

Depois de incentivarmos as suas paixões anti-semitas, de forma a ajudarem-nos a resolver o problema judaico, serão eles os próximos na bicha.

Heydrich prosseguiu com a exposição do plano:

- Os alicerces já foram escavados a nosso favor: dois mil anos de doutrina cristã, apoiada por padres e teólogos eminentes, provando que o Povo Eleito se resume aos assassinos de Cristo, deicidas, envenenadores de almas, descendentes do Diabo, derramadores do sangue de crianças cristãs para as suas celebrações de Páscoa. Uma lista infindável de velhas ideologias, muitas delas disparatadas, mas extremamente úteis.

Discutimos, seguidamente, problemas mais imediatas. Os assassínios e fugas postos ao acaso teriam de acabar. As **SS** teriam a seu cargo um vasto movimento para leste dos Judeus. Apenas os bolchevistas, criminosos, resistentes e líderes potenciais -

rabis, profissionais, etc.-, serão executados. A grande massa dos Judeus ficará de quarentena em cidades polacas como Lublin e Varsóvia. De fato, os "transportadores de germes serão isolados".

Sugeri que chamássemos a estas áreas "territórios autônomos judeus". Heydrich aprovou a designação e fez-me um elogio.

- Soará como se fossem comunidades permanentes - observei. - Contudo, como diz, será apenas uma fase para...

- Regularização do problema judeu - riu, de novo. - Céus, Dorf! Estou a parecer-me consigo!

- Sim?

- Servindo-me de palavras com um significado diverso do que pretendo dizer.

Recorde-se da nossa conversa quanto à reunião de amanhã. Acentue o ponto de ninguém mencionar nada que se pareça com aniquilação ou extermínio.

***

Berlim

Novembro, 1939

Esta noite houve um baile fabuloso nas instalações do chefe. Temos muito que festejar. A Polônia está acabada. A Rússia ocupa a Polônia de leste e Stalin, tomado por um terror enorme, negociou um tratado de paz conosco. Os Franceses e os Ingleses têm o armamento parado a ocidente, demasiado assustados para qualquer avanço.

Ninguém diria que estamos em guerra. Nunca vi uniformes mais elegantes nem mulheres mais atraentes, ofuscantes e cobertas de jóias, à melhor maneira alemã.

Marta anda radiante. Resplandece. Há alguns anos era uma dona de casa cumpridora, que se contentava em cozinhar tratar dos filhos e ocupar-se da casa.

Contudo, a vida social que nos foi imposta dotou-a de uma nova elegância, um porte em que ainda me é difícil acreditar. Veste a roupa mais moderna à vontade, dança a valsa e o *foxtrot* na perfeição e vai mesmo ao ponto de "flertar" um pouco.

Observei-a dançar com Heydrich e pus-me a pensar na modesta Marta Schaum com quem me casara. No entanto, deveria ter percebido que se tratava de uma mulher com um enorme potencial. A forma como praticamente me pôs a marchar rumo à

carreira. Para ser verdadeiro, foi ela que me fez! Um advogado no desemprego, cheio de autopiedade e desculpas, e ela transformou-me num homem confiante, influente e empenhado numa obra de extrema importância no que se refere ao futuro da Alemanha.

Não há dúvida de que a guerra se aproxima do fim. A Inglaterra e a França tomarão uma atitude racional, a Rússia contentar-se-á em ficar com parte da Polônia e nós poderemos voltar a viver em paz e remodelar a Europa.

Enquanto estava a admirar Marta, que escolhera um vestido verde-pálido -

condizendo maravilhosamente com o cabelo louro, penteado ao alto da cabeça pequena e graciosa - e dançava com Reinhard Heydrich, ouvi uma voz atrás de mim.

- Heydrich sabe sempre escolher a mulher mais bonita - foram as palavras.

Franzi o sobrolho, mas não me voltei. Quem falava não sabia, obviamente, que

se estava a referir à minha mulher.

- Uma maravilha - insistiu a voz. - O marido deveria ser posto a par de que Heydrich foi expulso da Marinha por haver tido uma ligação com a mulher de um superior.

Dei meia volta, irritado:

- Devo informá-lo de que a senhora que está a dançar com ele é a minha mulher e agradeço-lhe...

- Acalma-te, Erik - interrompeu-me o interlocutor.

Encarei com um homem alto, de traços retos, vestido de *smoking*, e quando me sorriu não pude deixar de rir ante a partida que me pregara. Tratava-se de Kurt Dorf, o meu tio Kurt, a quem não via há quatro ou cinco anos.

- Mas que surpresa maravilhosa! - exclamei. - Não fazia idéia de que regressara a Berlim.

Explicou, no seu tranqüilo tom de voz, que estava atualmente na Polônia, a trabalhar para o Exército, como construtor de estradas e engenheiro civil. Deu a sensação de impressionado com a minha aparência.

- Deus do céu! O miúdo do meu irmão Klaus. Um oficial das **SS** - exclamou Kurt. - Um capitão e, segundo me dizem, o braço-direito de Heydrich.

- Exageram! Mas porque está aqui?

- Os generais encaram estas coisas como um bônus pelo fato de cumprir os prazos.

Estudamo-nos mutuamente. Assemelha-se ao meu pai, mas é mais alto e de aparência mais dura. O meu pai instalou-se na vida como um padeiro sem dinheiro e falhou. Kurt trabalhou esforçadamente, nunca recuou e teve empregos que o ajudaram a formar-se em engenharia civil. É solteiro, um tanto solitário, um homem com poucos amigos.

- Neste momento desejava que o papá estivesse vivo e pudesse assistir a este nosso encontro.

- Tenho certeza de que se sentiria orgulhoso. - Fez um aceno de cabeça aprovativo na direção de Marta. - E a Marta é muito bonita, Erik.

- Amo-a mais de dia para dia. E mais do que isso, tio Kurt: respeito-a e admiro-a.

- Parece-me que ela conquistou a admiração e a simpatia do teu superior. Neste momento, pouco se parece com a "Besta Loura" de que as pessoas falam.

A frase desarmou-me. Kurt devia acautelar a maneira como se expressava, mas fora sempre um homem direto e sem o mínimo de sofisticação.

- Pareces chocado - comentou.

Fitei-o. Heydrich veio acompanhar Marta, que lhe fez uma vênia e declarou ter sido uma honra. Ele beijou-lhe a mão e acrescentou que teríamos de combinar ir a outra ópera uma destas noites.

Em seguida, Marta reconheceu o tio Kurt, abraçou-o e beijou-o, enquanto Heydrich observava a cena.

Fiz as apresentações.

- Este é o meu tio Kurt Dorf, general.

Kurt retorquiu que era uma honra cumprimentar o chefe das **SS** e que conhecera muitos dos seus comandantes-de-campo na Polônia.

Heydrich analisou, por momentos, o rosto pleno de personalidade de Kurt e o seu *smoking* de civil e depois pronunciou-se:

- Kurt Dorf, engenheiro e especialista em construção de estradas. Ao serviço do general Von Brauchitsch. Encarregado das estradas e términos nos territórios ocupados.

Certo?

- Não fazia idéia de que os seus serviços estavam tão bem informados sobre os modestos trabalhadores de estradas.

- Estamos bem informados sobre toda a gente.

Heydrich afastou-se. Voltaram-se a ouvir os acordes da música. Marta sugeriu-me que dançasse com a mulher de Eichmann. Deu a entender que a minha carreira não seria afetada. O tio Kurt acompanhou Marta até ao bar. Beberam champanhe. Seguiu-se um diálogo bastante curioso e que a perturbou um pouco. Sem se mostrar particularmente diplomático, Kurt declarou em voz baixa que Heydrich não lhe dava a sensação de ser o que algumas pessoas lhe chamavam - "o jovem e diabólico deus da morte do partido".

Marta ficou chocada e não o escondeu. Quem se atreveria a dizer uma coisa dessas? Oh, os habituais inimigos políticos! Marta informou o meu tio de que ambos adorávamos Heydrich. Ele representava o exemplo resplandecente da Alemanha do futuro- ousado, sensível, inteligente, nobre. Kurt tentou desculpar-se; era um engenheiro e não um político. Não passava de um mero construtor de estradas. Esse o motivo que o levara a manter-se fora da política de partidos: um civil. Mudou de assunto e elogiou Marta pela sua beleza, por ter um marido com uma carreira brilhante e uma família encantadora.

- Foi simples - comentou Marta. - Passamos a fazer parte da nova Alemanha de alma e coração.

- Oh, claro!

- Podia empregar um tom mais alegre - retorquiu Marta.

- Oh, também faço parte dela. Estou a par do bom trabalho efetuado pelo partido. As pessoas saem do desemprego, embora na maioria das vezes para funções de tempo de guerra. Não se fazem greves. Verifica-se o equilíbrio da balança de pagamentos. E, a partir do momento em que a França e a Inglaterra peçam a paz, o futuro pertence-nos.

- Nesse caso está de acordo com o Erik. A única diferença reside em que ele usa um uniforme e o tio não.

- Oh, minha querida Marta, como és maravilhosa a simplificar as coisas! Mas talvez tenhas razão.

Convidou-a para dançar, desculpando-se pela idade e falta de prática, devido ao tempo que passava a percorrer as más estradas da Polônia de um lado para o

outro. Foi maravilhoso voltar a rever Kurt naquela noite e igualmente a impressão que Marta causou no chefe. Não se levantam, de fato, barreiras diante de nós.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Como atrás mencionei, o meu pai e o meu tio Moses eram membros de um dos primeiros conselhos judaicos organizados em Varsóvia. Isto em Dezembro de 1939.

Muito se escreveu a este respeito: comentários favoráveis, desfavoráveis, neutros.

O que podiam fazer? Estavam indefesos, sem armas e sem amigos. Os Polacos sentiam-se deliciados ao verem a cólera dos *nazis* abater-se sobre os Judeus, sem perceberem que também acabaria por chegar o dia deles - escravos da *Nova Ordem*.

O meu pai e o meu tio serviam, pois, o Conselho, na tentativa de tornarem a vida um pouco melhor às centenas de milhares que estavam a ser despejados em Varsóvia. O mesmo estava a acontecer em Lublin, Cracóvia, Vilna e outras cidades polacas. Sabemos agora o que tudo isso significava: um passo para a decisão final de Hitler.

Quase diariamente chegavam comboios, carruagens de gado apinhadas de judeus esfomeados e assustados. Havia pessoas que ficavam pelo caminho. Crianças morriam asfixiadas. Os passageiros chafurdavam nos seus próprios dejectos. Não tinham água, mas apenas a comida que lhes permitiam transportar. E as maças e chicotes dos guardas nunca abandonavam seus postos. Não só os dos alemães mas também os de muitos polacos que aderiram como auxiliares das **SS**.

A estes judeus contavam mentiras em que continuariam a acreditar nos anos futuros. Reintegração. A vossa própria comunidade. As vossas cidades. Longe das Polacos...

Um homem que conseguiu sobreviver a um desses transportes recorda-se de que o meu pai e o meu tio Moses foram esperar o comboio em que ele vinha, num dia de Inverno. Havia corpos congelados nas carruagens. Dois bebês tinham morrido asfixiados.

Tentaram fazer com que os recém-chegados se sentissem bem-vindos. Lowy ajudou o meu pai, dirigindo as pessoas para as instalações que lhes estavam destinadas.

Os judeus viviam aos oito e nove numa divisão. Os sanitários faltavam. Os telhados deixavam passar a água. Não havia combustível para aquecer as casas. De dia para dia era maior o número de pedintes que andavam pelas ruas.

No comboio, uma mulher recusou-se a abandonar o filho morto. Um rabi teve de convencer de que a criança seria devidamente enterrada, devolvida à terra.

O meu pai odiava o trabalho que efetuava no Conselho, mas não desistia.

Agradava-lhe muito mais trabalhar no Hospital dos Judeus, apesar deste se encontrar a abarrotar, sem pessoal suficiente nem condições. Contudo, travara uma acesa discussão com um médico militar alemão e tinham-no suspenso temporariamente. O médico alemão andava a tratar doentes atacados de tifo com um remédio chamado *uliron*. Não os curava. Matava-os com dores insuportáveis. O meu pai protestou, discutiu com o alemão. Ameaçaram o meu pai com castigo, espancamento, prisão, mas ele recusou-se a ceder. O uso do *uliron* foi posto de parte por algum tempo. ("Mais tarde, fizeram-se experiências diabólicas com judeus; éramos as cobaias deles, os animais de laboratório.") Contudo, durante as poucas horas que podia passar no hospital, o meu pai estava limitado ao seu primeiro amor: a medicina.

***

Nesse dia frio, ao regressar do comboio com os trêmulos recém-chegados do Oeste da Polônia, o meu pai confessou ao tio Moses que detestava decidir quem ficava com esta ou aquela casa, qual a distribuição da comida, etc.

- As pessoas respeitam-te, Josef - retorquiu Moses.

- Achas que sim?

- Acho. Tal como eu. Desde que éramos crianças e íamos de carona nestes mesmos comboios. Tu eras o irmão esperto e eu o indeciso. Recordo-me de como o papá ficou orgulhoso no dia em que ganhaste o prêmio de química.

- Sim - recordou o meu pai com um sorriso. - E aquele reitor não me deixou

recebê-lo no anfiteatro, porque – servindo-me das suas palavras - eu era de crença hebraica.

- Certo. E eu fui-lhe roubar ao gabinete o diploma e cinqüenta *zlotis*. Como o consegui? Foi o meu último ato de coragem.

- Recordas-te de tudo!

Os irmãos encaminharam-se para o gueto. Até essa altura ainda não tinha sido erguido o muro. Passaram do chamado "lado ariano" para o velho bairro judeu.

- E aquele *drugstore* falido? - prosseguiu Moses. - Foi a minha recompensa por não ser tão esperto como tu.

O meu pai deu o braço a Moses:

- Prejudiquei-te, mas sem intenção. O dinheiro só chegava para ser eu a ir para a universidade.

- Não, não...

- O filho paparicado. E quantas vezes te procurei ou escrevi? Pergunto a mim mesmo se, subconscientemente, teria vergonha de pertencer a uma família de judeus polacos pobres..

- Claro que não. Eras um homem ocupado. Com uma carreira, mulher, filhos.

O meu pai deteve-se. A sua volta caminhavam as esfomeadas, espancadas e eternas vítimas: os judeus da Europa Oriental.

- Lamento, Moses.

- Não são necessárias desculpas. Estamos, de novo, juntos numa espécie de pobreza fraterna. Façamos o melhor que pudermos por esta gente.

Houve uma reunião no apartamento dos Helms na véspera de Ano Novo, em 1939. Karl não tinha sido ainda liberto de Buchenwald. Entretanto, Hans, o irmão de Inga, regressara a casa, vindo da frente polaca. E Muller também estava presente, com o seu uniforme de sargento das **SS**.

A minha mãe e Anna continuavam a partilhar o velho estúdio contíguo. Não estiveram, como é óbvio, presentes. A minha mãe tinha o seu orgulho. E Anna, embora estivesse como convidada na antiga casa de Inga (e de Karl), não escondeu o ressentimento sentido ante a atitude dos Helms.

Se bem que os exércitos alemães tivessem obtido a vitória na Polônia e tanto os Franceses como os Ingleses se mostrassem relutantes em lutar e se mantivessem nos aquartelamentos da Linha Maginot, estava em vigor uma economia de tempo de guerra.

Por curioso que pareça, os Alemães não pareciam afetados. Saqueavam sistematicamente a Polônia e a Checoslováquia. Podia-se muito simplesmente evitar racionamentos, retirando alimentos das países ocupados.

Para os Judeus, porém, a vida tornara-se insuportável. Foi determinado o uso da estrela amarela. Na rua, os Judeus eram alvos fáceis. A minha mãe, orgulhosa demais para se submeter, levava uma vida de reclusa. De vez em quando, Anna aventurava-se a ir visitar uma amiga que tivera a pouca sorte de ser deixada para trás. Não podiam ir a cinemas, nem a teatros nem tampouco andar em transportes públicos ou fazer compras em lojas cristãs. Inga continuava a fornecer-lhes alimentos: uma dieta de pão, um pouco de carne, café de cevada. Inga empregara-se como secretária numa fábrica. Tivera dificuldade em arranjar trabalho, depois de se saber que era casada com um judeu preso.

Contudo, para os Helms aquele era um momento de festa. A Polônia arrumada!

Os Aliados a tremerem de medo. Hans Helms, embriagado e conversador, tagarelava sobre a maneira como os seus tanques e as **SS** tinham aberto caminho através da Polônia.

- Como faca quente em manteiga, não Hans? - comparou Muller com uma risada. - Correram com os Polacos. - Bebeu a cerveja e olhou para Inga. - Já sou velho demais para combater. Não passo de um guarda prisional em Buchenwald.

Inga, que durante toda a noite se mantivera triste e silenciosa, endireitou-se subitamente na cadeira:

- Buchenwald? Viu o meu marido?

- Ele está lá?

- Ouvi-o da sua boca... Que provavelmente o tinham mandado para lá.

- Verdade?

Muller jogava ao gato e ao rato com aquela mulher que lhe implorava ajuda.

Concordou em procurar o nome de Karl nos registros do campo. Era um local vastíssimo, como ela bem sabia. Contudo, Muller tentaria. Houve uma altura em que lhe tocou no joelho e Inga afastou-se. Desejava assegurar-lhe que Buchenwald não era um destino mau de todo para os Judeus. Hans, o irmão, estava em condições de lhe contar histórias do que lhes faziam na Polônia!

Embora embriagado, Muller sabia o que estava a dizer e referiu-se ao rumo cada vez pior que as coisas iam tomando. O que levara a Inglaterra e a França a entrarem em guerra? Os banqueiros judeus, evidentemente. O pai de Inga meteu-se na conversa.

Odiava a idéia de estar a esconder dois judeus mesmo ali ao lado - ingressados na família ou não.

Inga ficou furiosa e gritou-lhes que se lhe tornava difícil reconhecê-los como família. Quando Hans a espicaçou, chamando-lhe simpatizante dos Judeus e dizendo-lhe que os envergonhara, atirou-lhe uma caneca de cerveja à cara. Muller e Hans desataram a rir. Inga saiu a correr do apartamento e foi passar a noite com a minha mãe e a minha irmã.

Elas estavam virtualmente na situação de prisioneiras, no estúdio. As últimas contas bancárias da minha mãe tinham sido confiscadas, embora ainda tivesse conseguido esconder algum dinheiro no forro de um casaco. Era impossível conseguir assistência médica, até dos colegas cristãos que tinham conhecido o meu pai. Ninguém estava disposto a levantar um ledo para ajudar Judeus.

Inga recorda-se de que, quando entrou no estúdio, a rádio celebrava a véspera do Ano Novo com um coro de Bach.

- Sebastian Bach, Inga - observou a minha mãe, que estava novamente a escrever ao meu pai. A maior parte das cartas nunca lhe chegavam às mãos. As autoridades *nazis* do que se designava como o "Governo-Geral" da Polônia interceptavam o correio dirigido aos guetos.

- Será que alguém toca no nosso piano nestes dias? - interrogou-se Anna num tom de voz quase inaudível.

- O velho *Bechstein*? - retorquiu a minha mãe, erguendo os olhos. - Nem pensar nisso. Aquele médico horrível que ocupou a clínica do papá não me pareceu nada musical.

- Roubou a clínica do papá - emendou Anna. - Só espero que partam os dedos se tentarem tocar.

Ao recordar os acontecimentos, encaro aquele maldito piano como símbolo de uma âncora, um peso morto que nos manteve na Alemanha, nos deu um falso sentido de segurança. Há alguns anos, aqui no *Kibbutz Agam*, um professor de línguas checo confessou-me que também tivera um belo piano em Praga: um *Weber*. Tanto ele como a mulher sempre albergaram o sentimento de que nada poderia suceder a pessoas com pianos valiosos.

A minha mãe selou o sobrescrito. Inga observou a morada do Dr. Josef Weiss (ao do Hospital dos Judeus, Varsóvia). Beijou a minha mãe.

- Não se perde nada em tentar - observou a minha mãe. - Talvez 1940 seja um ano melhor.

- Tem razão, mamã - concordou Inga. - Não podemos perder a esperança.

Sentou-se em frente da minha mãe na divisão escura e pegou-lhe na mão. - Está

fria, mamã - reparou.

- Estou sempre fria. O Josef costumava dizer que era do meu sangue azul.

- O que estava a tua família para ali a gritar? - quis saber Anna, erguendo os olhos do livro.

- Nada de importante. O Hans está embriagado.

- Querem mandar-nos embora - retorquiu Anna.

- Talvez... talvez conseguíssemos encontrar um dos antigos doentes do Josef disposto a aceitar-nos - sugeriu a minha mãe.

- Mamã! - explodiu Anna, irritada. - Os doentes do papá desapareceram: estão na prisão, fugiram ou foram-se muito simplesmente embora.

- Mas podíamos tentar, minha filha.

Anna ergueu a voz. Tinha, nessa altura, dezessete anos, era alta e de traços finos, como a minha mãe, e dotada da mesma personalidade forte. Contudo, a vontade da minha mãe estava a quebrar-se e Anna ainda tinha juventude suficiente para se mostrar irritada.

- Não há esperança, mamã. Nem um mínimo. O Karl está preso. O papá na Polônia... e os *nazis* também estão lá agora, como se tivessem ido em sua perseguição. E

Rudi fugiu. Não o voltaremos a ver.

A mamã manteve-se silenciosa.

- Está a comportar-se como se tudo isto fosse uma peça de teatro, mamã, como se nada de mau nos tivesse acontecido. Escreve cartas e fala dos doentes do papá, como se ainda restassem alguns.

- Não prejudica ninguém, Anna - tentou apaziguar Inga.

- Sempre esteve convencida de ser alguém especial - continuou Anna, sem querer ouvir. - Tão bonita, tão educada. E ensinou-nos e sentir da mesma forma. Os *nazis* nunca lhe fariam mal nem aos seus filhos... E veja o que nos aconteceu!

- A tua mãe não tem culpa, Anna! - interferiu Inga, aproximando-se da minha irmã, abraçando-a e tentando evitar que chorasse.

- Véspera do Ano Novo! - desfez-se Anna em lágrimas.

- Nenhum de nós estará vivo para a próxima.

Inga falou-lhe com suavidade. A minha mãe fechou os olhos e apoiou a cabeça nas mãos entrelaçadas.

- Não compreendes como a tua mãe te ama? - perguntou, Inga.- E quanto ama o teu pai e os filhos? Escreve cartas, fala sobre eles e mantém a esperança de que

virão a ser felizes.

- Não quero ouvir mais. São mentiras.

- Mas as pessoas, por vezes, precisam de mentiras para sobreviverem no dia-a-dia

- argumentou Inga.

- Eu não. Quero o meu pai, o Karl, o Rudi...

- Não chores, filha - pediu a minha mãe.

- Não chores, por favor. O Rudi não gostaria que o fizesses. E lembra-te de que era o teu preferido. - A minha recordação pareceu animá-la.

Voltou a pôr os óculos e começou a rever velhas cartas, cartas de há anos, lembranças do que fora e nossa vida.

- Sei que teremos notícias do Rudi - declarou convictamente. - Tenho certeza de que encontrará maneira de nos tirar daqui.

Anna deu um salto do sofá-cama e atirou as cartas para o chão.

- Não! Não quero mais mentiras! Não quero escutar mais nada. Vou-me embora também.

Estava uma noite de um frio cortante. Anna agarrou no casaco que estava pendurado na porta.

- Não a deixes ir, Inga - gritou a minha mãe.

- Não tens dinheiro... nem local onde ficares, Anna - argumentou a minha cunhada. - O Rudi é forte e resistente.

- Oh, deixa-me em paz. Sei que não posso fugir. Apenas quero sair daqui.

- Anna, por favor... - interferiu a minha mãe, levantando-se, preocupada.

Anna, porém, passou por elas e correu, atravessou o corredor escuro e desceu as escadas de caracol, que levavam ao pátio. Habitualmente havia um guarda de

serviço fora do edifício de apartamento. No entanto, era véspera de Ano Novo e todos estavam a beber, a comer e a celebrar.

Anna correu pela rua. Como se recusasse o que nos acontecera, arrancou as estrelas amarelas do casaco.

Anna sempre tivera esta centelha de rebelião e de independência. O meu pai estragara-a com mimos. A menina nas mãos das bruxas. Filha única. Em vez de a tornar suave e tímida, produzira-se o efeito contrário. Era agressiva, atrevida, por vezes mesmo descarada. A minha mãe repreendia-a continuamente: "As senhoras não usam essa linguagem, Anna", ou "Anna, minha querida, não podes fazer menos barulho quando recebes os teus amigos? "

Era, além disso, extraordinariamente inteligente, muito melhor estudante do que o Karl ou eu. Tudo lhe era fácil: os estudos, a música, a apreensão de pormenores que escapavam aos mais velhos. Jovem como era, transpirava desejo de viver, de experimentar tudo, de mergulhar no que quer que a paixão de momento lhe ditasse: colecionar borboletas, interesse por música de *jazz*, *crochet*.

Deve-lhe ter sido extremamente doloroso ver-se privada da expressão dos seus talentos, da liberdade, dos direitos naturais da maturidade, dos amigos. Antes da minha fuga, confessou-me, uma vez, que receberia com um beijo rapazes que afastara do seu convívio e haviam desaparecido para sempre. Uma confissão importante para a filha do Dr. Josef Weiss!

Foi assim que, sem hesitações e presa de uma enorme rebeldia, caminhou pelas ruas escuras. Estavam em vigor medidas de segurança bélicas. Dado os Berlinenses serem um povo cumpridor das leis, as ruas apresentavam-se desertas.

Segundo parece, Anna percorreu alguns blocos sem que a vissem ou molestassem. Sentia o desejo de rever a nossa velha casa de Groningstrasse. Ficou alguns minutos parada a olhá-la, recordando a vida familiar, unida e sem problemas que ali tivéramos. A música. As brincadeiras no pátio. O parque do outro lado da rua, onde jogáramos futebol e tênis. Os doentes do meu pai à espera ou agradecendo-lhe. As entradas e saídas.

Tanto quanto Inga conseguiu reconstituir o que aconteceu, a partir da narrativa histérica de Anna antes de se reduzir ao mutismo, aproximaram-se três homens,

enquanto estava ali, parada e trêmula, iluminada pelo candeeiro.

Dois eram civis. O outro, mais velho, vestia o uniforme das tropas de choque locais e era encarregado de fazer o serviço de guarda da noite. De início, julgaram tratar-se de uma prostituta que desobedecera ao sinal de recolher, para ganhar algum dinheiro na véspera de Ano Novo.

Contudo, um olhar para o rosto fresco e jovem bastou para lhes tirar tal idéia.

Em seguida, um deles reparou na mancha escura do casaco de lã, de onde arrancara a estrela. Estavam embriagados e a festejar a noite. Um deles - Inga nunca soube qual – foi mesmo ao ponto de a reconhecer como a filha do Dr. Weiss. Devia pertencer àquelas paragens. Talvez fosse mesmo algum dos antigos doentes.

Tentou fugir-lhes. Agarraram-na. Disse-lhes que viera apenas apanhar um pouco de ar fresco. Explicou que vivia a pouca distância e que, se desejassem, a poderiam acompanhar a casa, para terem certeza de que não estava a fugir à lei.

Um dos homens sugeriu que "discutissem o assunto" no pequeno parque do outro lado da nossa casa. Estava deserto, o chão coberto de gelo e de uma leve camada de neve. De início acreditou, mas quando começaram a agarrar-lhe na roupa, a despir-lhe o casaco e a violarem-lhe o corpo com mãos de bêbados, percebeu quais eram as suas intenções. Gritou. De nada serviu. As pessoas não acorriam a gritos durante a noite.

Eram freqüentes. Havia um pequeno coreto no parque para onde os homens a arrastaram. Quando voltou a gritar, esmurraram-na.

Um dos homens tapou-lhe a boca, para lhe abafar os gritos. Lutou, conseguiu libertar-se, e só por pouco não se escapou. Contudo, apanharam-na, arrastaram-na para o mesmo local, e, enquanto dois lhe seguravam os braços e lhe enfiavam o cachecol na boca, outro arrancou-lhe a roupa e violou-a.

Fizeram turnos.

Depois de a terem submetido a várias formas de violência sexual, obrigaram-na a atos que me sinto incapaz de descrever, atiraram-na para o lado e afastaram-se, deixando-a a chorar, ferida e sangrando nos degraus do coreto. Deixando um resto de sangue na neve, Anna conseguiu encontrar o caminho de volta para o

estúdio. Os sinos das igrejas de Berlim badalavam a meia-noite, assinalando o Ano Novo.

A minha mãe perdeu toda a compostura quando a viu na ombreira da porta. O

rosto era uma massa de vergões e nódoas negras. Tinha um corte nos lábios, que ela própria fizera para suportar a dor e a humilhação. Por baixo do casaco de Inverno, todas as roupas estavam em tiras. Perdera um sapato.

Inga abraçou-a e tentou confortá-la. A minha mãe conseguiu finalmente controlar-se. Pô-la em cima da cama. Despiram-na e deram-lhe banho, aplicaram-lhe pomadas anti-sépticas nas feridas e passaram e noite a tentar descobrir o que tinha acontecido.

Anna apenas conseguia responder com soluços abafados.

Foi o começo do ano de 1940 para a minha família.

***

A pé e escondendo-me, acabei por ir parar a Praga, num dia cinzento e úmido de Fevereiro. Nada sabia da minha família. Continuava em fuga: mentindo, servindo-me da minha documentação falsa, fazendo corta-mato, dormindo em palheiros e celeiros.

Desenvolvera um sexto sentido no que se referia a uniformes: qualquer tipo de uniforme, da Polícia, do Exército, dos homens das **SS**, da polícia local. Quase os conseguia cheirar, antes de poderem avistar a minha figura esfarrapada e a mochila.

Uma vez, passei três semanas como trabalhador rural na Bavária, a cavar batatas e cenouras, confundindo-me com a gente daquela remota aldeia. Não falava e passava por um idiota recusado no serviço militar. Quando uma unidade militar acampou nas proximidades, desapareci no dia seguinte.

Servia-me de estradas secundárias, saltei milhares de sedes e vedações, comendo tudo o que conseguia roubar ou mendigar. Através de jornais deitados fora, inteirei-me dos sucessos do Exército alemão, da guerra impostora no ocidente e do bombardeamento de Inglaterra. Em cada dia que passava, percebia que os Judeus estavam condenados e decidi que, se morresse, o faria lutando. Mantinha

a velha faca de mato escondida no cinto. Jurei que, se tentassem agarrar-me, se me descobrissem, mataria pelo menos um deles antes de me matarem.

A pouca distância de Munique, numa cidade chamada Starnberg - mantinha-me, tanto quanto possível, nas cidades pequenas e estradas secundárias -, roubei um alicate numa loja de ferramentas. Tornara-me um ladrão muito fino. Tendo sido criado como um jovem educado da classe média, impregnado de todos os velhos preceitos judeus, que proibiam o roubo, a intrujice, a mentira, aprendia que algumas vezes a sobrevivência dita coisas diferentes da adesão ao decoro. Depois da minha partida, muitos donos de lojas davam pela falta de um pedaço de pão, uma caixa de biscoitos, um par de peúgas.

Aprendera, além disso, a fazer corta-mato, servindo-me do meu sentido de orientação e dos marcos de sinalização local. Ao mínimo sinal das autoridades, embrenhava-me num campo, nos bosques, ou atravessava uma herdade. Muitos dos cães dos fazendeiros me perseguiram, e numa das vezes tive de fugir a um touro. Aprendera a ser cauteloso, a esconder-me e a descobrir o melhor processo de seguir viagem. Por estranho que pareça, a meio do dia era sempre um boa altura. Os policiais e os homens das **SS**, bem como todas as forças de segurança, davam a sensação de apreciar refeições prolongadas e pesadas, e depois a sesta.

Foi a 10 de Fevereiro de 1940 que atravessei a fronteira checa, num ponto cerca de vinte e cinco quilômetros a sul de Dresda, com a maior exatidão que me é possível calcular. A Checoslováquia estava ocupada, mas ainda havia barreiras. Esperei até ao cair da noite, escondido na casa das ferramentas de uma construção abandonada. Em seguida, dirigi-me para sul. Evitei as guaritas situadas ao longo da estrada e esgueirei-me, de rastros, por baixo da barreira de arame farpado, servindo-me do alicate. Não foi tão difícil como isso.

Embora a Checoslováquia se encontrasse sob domínio *nazi* - chamavam-lhe o

“protetorado” -, ouvira dizer que os Checos eram menos cooperativos com os Alemães e que a polícia checa denotava tendência a poupar os Judeus. Não tardaria a tirar conclusões.

Em Praga existia uma vasta comunidade judaica da classe média. Talvez os Alemães tivessem qualquer motivo para ignorar estes judeus, pelo menos durante uns tempos. Caso Praga se revelasse demasiado perigosa, tencionava seguir para sul, a caminho da Iugoslávia, e daí talvez para qualquer cidade

costeira do Adriático, onde me fosse possível ingressar num navio.

Levava uma vida solitária e dura, mas cheguei à conclusão de que o desafio de sobreviver em cada dia, o jogo de perícia a que me via obrigado, me davam forças para continuar. Era como um jogo de futebol nos momentos de tensão, em que tudo depende do movimento exato na altura exata: uma finta, um pontapé, um passe, uma entrada ao corpo ou aos pés do adversário.

Numa das ruas do velho bairro judeu de Praga, parei numa ombreira a contemplar os judeus da cidade. Faziam-me recordar os nossos vizinhos berlinenses: educados, pertencentes à classe média, tímidos, preocupados, sem a mínima consciência da carnificina prestes a desabar sobre as suas cabeças.

Dois policiais checos estavam a colar regulamentos nas portas de uma sinagoga.

Faziam-no - segundo me pareceu - quase como se pedissem desculpa da incumbência.

Os Checos nunca tinham sido anti-semitas violentos, pelo menos em Praga. Eram, na opinião do meu pai, um povo bonacheirão e genial.

Contudo, estes regulamentos impostos pelos *nazis* não eram, de forma alguma, bonacheirões nem geniais. Era a Alemanha por todo o lado.

Para grande aborrecimento do resto da multidão, um velho estava a ler os regulamentos.

"Não serão passadas mais senhas de roupas aos judeus", lia.

"Todos os judeus que não estiverem registrados no Conselho Judeu dos Anciãos deverão fazê-lo imediatamente, sob pena de severos castigos. É proibido vender bagagem, mochilas, malas ou artigos de couro aos Judeus."

O velho deu meia volta.

- Bagagem, heim? Para onde irei? Talvez para a América?

Outro continuou a leitura: "Nenhum judeu pode transportar uma mala, baú ou mochila sem prévia autorização da Polícia ou uma licença especial." E assim por diante.

Os habituais preliminares. Antes das prisões, detenção e Deus sabe que mais.

Os policiais voltaram-se. Demorei um pouco mais do que devia a esconder-me na ombreira. Notaram a minha mochila. Comecei e andar com um ar despreocupado e vieram no meu encalce.

- Eh! - chamou um deles. - Viu perfeitamente as ordens. O que está a fazer com essa mochila?

Murmurei qualquer coisa entre dentes quanto a desconhecer as ordens. Mostrar-lhes a minha identificação falsa do Serviço de Informações significava correr um risco. O

que estava um trabalhador rural alemão a fazer em Praga.

Tentei passar por estúpido e expressar-me com as mãos. Cortaram-me a saída junto de uma pequena loja. Era um loja de couros e malas, um lugar bastante sombrio.

Um deles retirou um bloco-notas do bolso enquanto o outro cerrava os olhos, fitando-me intensamente.

- Dá-nos a mochila - ordenou um deles.

Hesitei. Talvez tivesse cometido um erro em vir para uma cidade estranha. Até

agora tinha sobrevivido, escondendo-me nos campos, confundindo-me com as árvores e florestas, dormindo em prados e celeiros.

Uma jovem observava a cena por detrás da porta de vidro da loja. Olhou-me, percebeu o meu embaraço e veio cá fora.

- Não. Não é a si que lhe vai dar a mochila, mas a mim- interferiu.

- A si, menina Slomova? - admirou-se o policial.

- Vendi-lhe e nunca me chegou a pagar. Vamos lá. Dê-me. Se lhe tirar ou o prender, nunca mais verei o meu dinheiro.

Era muito bonita. Uma jovem baixa, de feições corretas e cabelo castanho-escuro. E tinha os olhos mais castanhos que vira em toda a minha vida. Também mentia na perfeição, o que se tornava uma característica útil.

- Vendeu-lhe essa porcaria? - retorquiu o policial.

- Quando lhe vendi, estava nova. Sinto-me furiosa com ele- acrescentou, fitando-me. - Não tente escapar-se. Sabe bem que é minha e que me deve. As coisas correm bastante mal por aqui.

Os policiais checos entreolharam-se. Eram, evidentemente, autoridades locais e conheciam a bonita jovem.

- O que te parece? - perguntou um deles ao outro.

- É bonita demais para discutirmos. Se o afirma, é porque é verdade - respondeu.

- Mas quanto a si, tenha muito cuidado- avisou, erguendo um dedo na minha direção. -

Se os alemães o apanham a transgredir os regulamentos, não ficará muito tempo por estas paragens.

A rapariga abriu a porta e entrei. Sentia-me impressionado com a sua ousadia e sangue-frio. E salvara-me a pele. Ficou a observar os policiais a descerem a rua e depois empurrou-me, praticamente, através da loja. Ali estava uma jovem que admirava e me entrara no coração. Sentia-me profundamente grato a esta jovem cheia de coragem e nervos de aço.

- Depressa - indicou. - Para as traseiras.

Voltou a olhar uma vez mais para a rua escura e fria. Tinham-se reunido mais pessoas a ler a lista dos regulamentos. Falavam em voz baixa e algumas das mulheres estavam a chorar.

Nas traseiras da loja, por detrás de uma cortina, havia uma mesa, algumas cadeiras e chá ao lume. Sentia o cheiro e ansiava por uma chávena. A minha dieta de cenouras roubadas e pão seco deixara-me fraco. Freqüentemente, sentia tonturas.

- Sente-se - convidou.

- Porque fez aquilo? - perguntei.

- Você estava com problemas. Não é checo. Não sei o que é.

- Sou alemão - respondi. - Fiz uma pausa. "Um alemão dos diabos! ", pensei. -

Sou judeu - emendei, sem me conseguir conter.

- Em Praga?

- Ando fugido. Há muito tempo.

Olhei para a parede, onde estava pendurado um calendário velho, mostrando uma praia costeira e arenosa.

- Palestina - comentou. - Gostaria de estar lá.

- Também é judia! - exclamei.

- Quem o não é aqui? - retorquiu, com um aceno afirmativo de cabeça. - Este é o famoso gueto de Praga. O que resta. Os ricos foram-se embora e os pobres desapareceram.

Comecei a sentir a cabeça à rodar e pensei que ia desmaiar de fome e de fraqueza. Ajoelhou-se na minha frente e pegou-me nas mãos.

- Chamo-me Helena Slomova. Estou só. Os meus pais foram presos há dois meses. Acusaram o papá de agente sionista. Desconheço para onde os levaram.

- Chamo-me Rudi Weiss. - Segundo me parecia, era aquela a primeira vez que, de há um ano para cá, usava o meu verdadeiro nome.

- Oh, meu Deus! Como está fraco. Beba um pouco de chá.

Deu-me uma caneca de chá quente, desculpando-se por não ter açúcar nem leite, e deixei que o calor da bebida se me entranhasse nas mãos e nos braços. Fitou-me com aqueles olhos brilhantes e escuros. Interroguei-me como era possível que alguém atormentasse uma jovem assim, lhe causasse dor e sofrimento.

Em seguida, tirou-me a chávena e começou a esfregar as mãos.

- Há muito que não tenho entre as minhas umas mãos de mulher - observei. -

Apenas preocupado em me esconder, em fugir...

- O que tenciona fazer agora?

Sacudi a cabeça, sem saber que resposta dar. Estava exausto.

Talvez não houvesse um esconderijo. Talvez os Judeus estivessem condenados, fossem indesejáveis em toda a parte e não se encontrassem seguros em local nenhum.

De súbito, ao contemplar-lhe o rosto pequeno e de traços perfeitos, inclinei-me e beijei-a. Entreabriu a boca e mantivemo-nos de lábios unidos muito tempo. Em seguida, acariciou-me a fronte.

- Desculpe - murmurei. - Não o devia ter feito. Mas acho-a uma rapariga maravilhosa. Tão bonita e corajosa!

- Não tem importância. Agradou-me. Também me sinto só. Choro todas as noites, interrogando-me sobre onde estarão o meu pai e a minha mãe.

- Talvez não lhes tenha sucedido nada de mal. Ouvi dizer que estão a embarcar judeus para a Polônia, a fim de viverem nas suas próprias cidades. O meu pai está lá. É

médico em Varsóvia.

Mostrou-me fotografias dos pais: proprietários de uma loja, sem nada de especial, embora a mãe tivesse a mesma correção de traços fisionômicos e os olhos escuros de Helena. Estavam dispostos a ir para a Palestina, a conseguir passagem.

Contudo, esperaram tempo demais.

Ficamos sentados a conversar e tive dificuldade em me controlar e não lhe acariciar suavemente as mãos e o rosto. Tentei não o fazer. Éramos praticamente desconhecidos. Era muito jovem, mas dotada de uma certa firmeza e força. E bonita, mesmo vestida com uma usada bata branca de lojista.

Falei-lhe um pouco da minha família, contei-lhe que fugira e referi um pouco das minhas últimas vagabundagens. Julgo que cheguei a vangloriar-me das minhas qualidades de atleta, Em seguida, percebendo que estava receptiva e contente por me ter salvo, atraía-a a mim. Sentei-a no colo. Era tão pequena que quase não pesava nada. Contudo, a graciosidade das ancas, a pele macia, enchiam-me de paixão. Uma paixão que dificilmente dissimulava.

- Confia em mim com demasiada facilidade - observei.

- Tenho aprendido a não confiar em ninguém.

- Dá-me a sensação de ser honesto, Rudi. Acredito no que me está a contar.

- Não me refiro a isso. Podia... Podia...

Pôs-me o dedo nos lábios.

O que se passava comigo? Respirava tão ofegantemente como se tivesse acabado de correr os duzentos metros-barreiras. Há tanto tempo que não sentia a proximidade de uma mulher; para falar verdade, era um tanto desajeitado neste aspecto. Ela parecia muito mais à vontade.

Quando me acariciou a nuca com a mão e encostou o rosto ao meu, começou a contar-me o sonho que os pais tinham de uma casa na Palestina, falou-me de um homem chamado Herzl, que dera início a tudo aquilo, e da lenta emigração dos Judeus para a região seca na orla da Ásia. Tudo me parecia terrivelmente estranho e difícil de acreditar. Devo ter feito uma expressão de dúvida ou sorrido.

- O que achas tão divertido? - quis saber Helena.

- Não sei. Sempre que penso nos Sionistas, imagino esses velhos de barbas e em miúdos chocalhando latas pelas ruas, mendigando umas moedas. Nunca em

jovens bonitos como tu.

- Oh, és alemão. És mesmo alemão.

- Já não.

Beijámo-nos outra vez e permanecemos abraçados. A campainha da porta da frente tocou. Helena levantou-se e passou para o outro lado da cortina.

Ouvi uma voz de homem. Era outro lojista, que a vinha avisar que fechasse a porta. A *Gestapo*, descontente com a negligência da polícia, andava a fazer investigações por conta própria, a fim de se certificar de que os novos regulamentos estavam a ser cumpridos. Helena fechou a porta da frente à chave e apagou as luzes. Quando voltou ao quarto das traseiras, pegou-me na mão.

- Vens para casa comigo - decidiu.

Falei-lhe mais sobre a minha família, pessoas que me pareciam agora estranhos.

(Escrevera uma vez à minha mãe, mas não me atrevera a dar-lhe uma morada.) Descrevi-lhe o meu pai, um homem bom e incansável, que nunca perdia a calma. Também não esqueci Karl e Inga. Tampouco Anna e a minha mãe, tão bonita e talentosa, a autoridade máxima no nosso lar. Falei-lhe até do piano *Bechstein*. Acrescentei que só voltaria se os pudesse salvar e que estava decidido a lutar e a continuar fugindo.

Falamos, comemos um pouco e depois, tão naturalmente como se nos conhecêssemos há anos, fizemos amor.

Já tivera algumas experiências anteriores: aventuras passageiras e sem interesse.

Helena era virgem. Tinha apenas dezenove anos. Contudo, nessa noite, unimos os corpos como se estivéssemos predestinados para marido e mulher, como se Deus nos tivesse lançado nos braços um do outro. Apoiou e cabeça no meu braço. Era uma rapariguinha pequena e suave, com a pele muito branca e o cabelo castanho-escuro contrastando com o meu corpo duro e musculoso e as minhas mãos calejadas do trabalho.

- Rudi... Abraça-me... Não te afastes.

- As minhas mãos machucam-te.

- Não me importo.

- Tudo por causa daquela maldita mochila - disse. - Nunca mais me afastarei dela.

- Nem eu de ti - retorquiu, sentando-se na cama e sorrindo-me.

Perguntei-lhe se tinha namorado ou parentes que nos pudessem descobrir.

Sacudiu a cabeça negativamente: não tinha ninguém.

- Nem me importaria - acrescentou. - Costumava ser uma estudante sempre bem-comportada. Saia, blusa, lições. Agora, apenas tento viver o dia-a-dia.

Beijei-lhe o cabelo, a fronte, os olhos.

- Helena Slomova. A minha salvadora numa loja de artigos de viagem.

- Tivemos sorte em a polícia checa ser tão negligente- comentou. - E "flertei" um pouco com eles. Conheciam-me, e também à minha família.

Saltei da cama, preocupado. Para onde ir? O que fazer? Sabia que tudo tenderia a piorar. Vira comunidades judias inteiras desaparecerem nas cidades alemãs. Era apenas uma questão de tempo, antes de os alemães começarem a despejar a Checoslováquia.

- O que farás agora? - perguntei.

- Não sei. Sinto-me assustada. Agora menos, desde que estás ao meu lado, mas...

- Ficarei contigo, Helena. Mas não aqui.

Sentou-se na cama, puxando o lençol e o cobertor até ao pescoço. Estava um frio de gelo no pequeno quarto.

- Há maneiras de fugir... através da Hungria, Iugoslávia. Há barcos que te levarão para a Palestina, se tiveres dinheiro para pagar.

Ambos rimos. Estávamos sem dinheiro, sem qualquer esperança de podermos

comprar uma passagem. E tínhamos fronteiras a atravessar, guardas a evitar, bem como as **SS** e os fascistas locais na pegada de gente como nós.

- Virás comigo - decidi.

- Sem dinheiro? Sem documentos?

- Cheguei até aqui.

- Mas viajaste sozinho. Serei um impedimento pare ti.

Voltei a abraçá-la.

- Farás uma saudável dieta de nabos crus. - Escondi a cabeça entre os seus seios, beijando-os vezes sem conta. - Nada existe de pior no mundo do que a solidão. Tentei mostrar-me firme, mas também sinto medo. Já não me resta família e tenho o pressentimento de que não voltarei a vê-la. Preciso de alguém que esteja ao meu lado durante a noite. Alguém capaz de me dar afeto e que me abrace quando lhe tocar.

Quando estiver frio e escuro.

- Oh, Rudi! Também preciso de alguém.

- Irás dormir em palheiros e roubar fazendeiros.

- Não propriamente uma lua-de-mel - sorriu.

- Será pior ficar aqui e permitir que nos apanhem. Não dão esperanças. Limitam-se a mentir. Não têm compaixão nem piedade e querem ver-se livres de nós. Não interessa como.

Abraçamo-nos com força, voltamos a fazer amor e sentimo-nos felizes.

- Conheces a história da Ruth da Bíblia? - perguntou.

- Não estou bem certo. Era um que faltava às aulas da escola hebraica.

- Só precisas de te recordar de um ponto - replicou, beijando-me a face. - Para onde fores, irei.

***

Karl continuava em Buchenwald.

Não era um campo de extermínio. Contudo, ali morriam centenas diariamente, devido a tortura, espancamento e fome. Conseguiu sobreviver trabalhando na alfaiataria e escutando vozes experientes, como a do seu amigo Weinberg, que conhecia bem o ambiente.

Não era possível sobreviver só. Tornava-se necessário ser parte de um grupo: comunistas, sionistas, o que quer que fosse. Os homens da alfaiataria tinham o seu próprio quadro e tentavam partilhar comida extra e protegerem-se mutuamente.

Contudo, estavam sempre em perigo de vida. Alimentavam-se com uma espécie de sopa e pão escuro. As condições de higiene eram horríveis. O pior passava-se na pedreira e no chamado "jardim", onde os homens eram espancados de morte pela mínima infração. O

desporto favorito dos guardas consistia em enterrarem os presos revoltosos vivos.

Um dia, um judeu, antigo oficial do Exército austríaco, dirigiu-se ao comandante de campo e queixou-se destas práticas selvagens. Comunicaram-lhe que, devido à sua qualidade de antigo militar, os seus conselhos seriam tomados em devida consideração.

Em seguida, levaram-no para fora, obrigaram-no a ajoelhar-se na praça central em frente dos outros presos e mataram-no com um tiro na nuca.

Houve uma noite em que o alto-falante despejou a notícia da rendição da França para os aquartelamentos sujos e a abarrotar. Karl, Weinberg e os restantes do seu

"bloco" escutaram, com um peso no coração, as notícias vindas do alto-falante.

"Deste modo, a França une-se à Holanda, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Áustria e Checoslováquia e grande parte da Polônia como partes da *Nova Ordem* européia. O

Führer renunciou a todas as reivindicações territoriais e apenas deseja a paz e a

segurança da Europa. Dentro deste objetivo, pede-se à Inglaterra que se submeta..."

- Céus! - exclamou Weinberg. - Tem tudo nas mãos, exceto a Suíça e a Rússia.

Claro que não fará reivindicações.

O alto-falante continuava a propagar as notícias:

"O

Führer acentuou uma vez mais as suas cordiais e fraternas relações com a União Soviética e envia as melhores saudações ao camarada Stalin..."

- Espera pela pancada, Stalin - comentou Weinberg, que estava a coser uma combinação de enfeites cor-de-rosa. - Chegará a tua vez.

- Quando chegará a nossa? - perguntou Karl.

- Não me perguntes, Weiss - respondeu Weinberg, inclinando-se da tarimba de cima e acrescentando, num murmúrio: - Ouvi dizer que um tipo comprou a fuga.

Cinqüenta mil francos suíços pagos ao comandante **SS**. A mulher conseguiu introduzir o dinheiro.

- A mulher – refletiu Karl. - Há dois meses que não vejo a minha... Nem uma carta, nem um sinal de vida.

- Riscaram-nos da lista, miúdo. Mas não te deixes ir abaixo.

- Weinberg deu um salto da tarimba e mostrou a Karl a peça de roupa que estivera a coser, exibindo-a como se fosse uma vendedora de balcão. - Agrada-te? É para o sargento Kampfer das **SS**, para a puta dele.

- Não puxes por mim, Weinberg - sorriu Karl.

- Estou a falar a sério. É negócio. Faço roupa interior para Kampfer e recebo extras.

- Surpreendes-me, Weinberg. Talvez tenhas razão. Sobrevives, ris, ages como se nada tivesse mudado.

- Não troces, miúdo. Na semana passada fiz um par de culotes com laços para Kampfer. Algumas vezes, pergunto a mim mesmo se não será homossexual e não as usará, dizendo que são para a amante polaca. Mas vê só o que me deu.

O alfaiate exibiu furtivamente metade de um pão de aveia, pão sírio e fresco, que retirou do terno prisional às riscas.

- Toma um bocado - ofereceu a Karl.

- Não posso, Weinberg. Foste tu que fizeste o trabalho. Eu só sirvo para me queixar.

- Não sejas parvo. Serve-te à vontade. É pão como o que costumava comprar em Brema.

Karl agradeceu-lhe, partiu um pedaço e mantiveram-se sentados, mastigando pensativamente. Entretanto, Melnik, aproximou-se.

- Engole depressa - avisou Weinberg. - Esconde o pão.

Entretanto, durante a sua detenção em Buchenwald, operara-se uma modificação em Karl. A semelhança do que acontecera a muitos presos. Entravam assustados, cheios de conceitos de honra e de decoro, e tornavam-se duros, concentrados na autodefesa.

Karl não era estúpido; nunca o fora. E aprendia, pouco a pouco, que só havia duas hipóteses: vencer de várias maneiras ou morrer. Por exemplo, na alfaiataria e servindo-se do apoio de Weinberg, lutara por um lugar perto do único fogão existente na divisão –uma vantagem importante - e vencera. A triste realidade é a de que os *nazis* sabiam o valor de colocarem judeus contra judeus. O fato explicava o sadismo dos *kapos*. E

explicava também como um homem pacífico como o meu irmão conseguira desenvolver dureza, esperteza e capacidade de resistência.

Karl fitou Melnik.

- Que vá para o diabo! - disse em voz alta para Weinberg.

- Comer nos aquartelamentos é proibido, Weiss – observou o *kapo*.

Weinberg pediu a Melnik que fechasse os olhos. O *kapo* era, porém, uma vítima como eles. Se as **SS** descobrissem, perderia aquele emprego fácil.

- É um judeu como nós, Melnik - prosseguiu Karl. - Dá-nos uma oportunidade.

Não estamos a comer, mas apenas a provar.

- Cala o bico e dá-me o pão. Até à última migalha.

- Não - opôs-se Karl. - Foi Weinberg que o ganhou. Este pão é para alfaiates e não para o safado de um policial e de um informante como tu.

Melnik arrancou o duro cassetete de borracha do cinto e aproximou-se da tarimba.

- O menino bonito e filho do doutor Weiss de Berlirzi, hem, Weiss? Muito acima dos outros presos, não? Dá-me já a merda do pão!

- Dá-lhe, Karl - aconselhou Weinberg, enquanto entregava a sua parte a Melnik.

No entanto, Karl recusou-se. Estava a morrer de fome e o sabor daquele pão gostoso recordara-lhe tudo o que tinha perdido, a vida livre, a mulher, a família, a destreza. Quando Melnik lhe tentou arrancar o pão, Karl fez-lhe frente. Caíram enrolados no chão e o *kapo* começou a espancar Karl com o pequeno e duro cassetete de borracha. Karl transformara-se num demônio que gritava, dava pontapés e mordia, tentando arrancar a arma das mãos de Melnik.

Weinberg tentou interferir e também começou a ser espancado. Os outros prisioneiros assistiam à cena, animando Karl, mas recusando participar. A punição por luta dentro das casernas podia representar a morte: um tiro na nuca ou o enforcamento público.

- Weiss! Melnik! - gritou Weinberg. - Pelo amor de Deus, acabem com isso!

Judeus a lutarem contra judeus!

- Este filho da mãe atacou-me - rugiu o *kapo*. - Guardas! Guardas!

Um outro *kapo* apareceu a correr e também ele, um antigo criminoso, como Melnik, aderiu à confusão, batendo com o cassetete nos braços de Karl e em

seguida na cabeça. No espaço de segundos, o meu irmão e Weinberg foram vencidos, e espancados até ficarem praticamente sem sentidos.

O castigo foi imediatamente posto em prática. O sargento das **SS** que estava de serviço ordenou que os levassem para as "árvores". As "árvores" estavam erigidas no pátio e eram armações de madeira em forma de *T*, as quais serviam para uma variante do processo de crucificação. Karl e Weinberg foram atados com cordas ásperas, com os braços presos atrás na barra de madeira. Deixaram-lhes os pés pendentes, a sessenta centímetros do chão. Impossibilitava-se, assim, a circulação de sangue nos braços e nas pernas e tornava-se difícil respirar. Sabia-se que alguns homens tinham morrido depois de um dia de aplicação deste castigo.

Weinberg recorda-se de que, decorridas algumas horas, Karl começou a delirar.

Repetia incessantemente o nome da mulher: "Inga... Inga... "

- Tem calma, miúdo - aconselhou Weinberg. - Poupa a respiração.

- Desisto, Weinberg. Quero dizer-lhes que venceram, que me espanquem. Deixa-os matarem-me.

- Não, não, Weiss. É sempre preferível viver. Há sempre uma oportunidade.

Cada um de nós que vive santifica Deus. Julgo ter esse direito. Não sou religioso, mas é

o que os rabis nos dizem.

- Não quero viver.

- Claro que sim. Geme, se achas que ajuda.

Weinberg garantiu a Karl que os tirariam dali no dia seguinte. A água reanima-los-ia. De fato, Weinberg tinha um amigo no dispensário de Buchenwald que os poria em condições. Era o prestável sargento, que ansiava por roupa interior de enfeites berrantes, não deixaria que Weinberg, o melhor alfaiate de serviço, ou o amigo morressem.

***

Desde que tinha sido violentada, na véspera de Ano Novo, a minha irmã Anna não recuperara. Ela, que fora sempre tão alegre e cheia de vida, recusava-se a comer, a tomar banho e, por fim, em Julho, com grande desgosto e pavor da minha mãe, deixou de falar.

Tamar informara-me de que existe um termo médico para este estado. Anna passava o tempo sentada a um canto do estúdio, com à cabeça encostada à parede, o corpo estranhamente enroscado, os braços cruzados e apertados contra o peito e as pernas encolhidas. Não aceitava comida e a minha mãe e Inga tentavam alimentá-la à

força. Outrora a mais higiênica e maravilhosa das raparigas, Anna afastava-se agora do sabão e da água, não mudava de roupa e não articulava qualquer som, salvo pequenos gemidos.

Apesar de ser tempo de guerra e de os serviços médicos especializados para os civis - quanto mais judeus! - serem escassos, a minha mãe e Inga acharam ser possível recorrer a um tal Dr. Haefer, que conhecera o meu pai e era tido na conta de um indivíduo bastante liberal. Tanto quanto sabiam, não era membro do partido e continuava a praticar neurologia.

A minha mãe não teve coragem para acompanhar Inga e Anna. Além disso, era preferível que se mantivesse escondida. Inga fazia-lhe as compras, aconselhando-a a manter-se no estúdio o máximo de tempo possível.

O Dr. Haefer olhou para a figura enroscada, retraída e imóvel e pareceu realmente condoído. Inga contara-lhe, em particular, o que tinha acontecido a Anna e como começara a decair desde essa altura: pesadelos, ataques de histerismo, comportamento irracional, e agora esta recusa do mundo, esta incapacidade de cuidar de si.

- E o que pretende, senhora Weiss? - perguntou.

- Talvez umas sessões de terapia. Uma clínica que a aceite. Estou provavelmente a conjecturar. Partindo do princípio de que é...

O Dr. Haefer fez um aceno de concordância. Estava a ser diplomata.

- Talvez a possa ajudar. Há uma instituição em Hadamar para onde enviei casos semelhantes.

- Ficar-lhe-íamos muito gratas, doutor.

Nessa altura Inga não fazia idéia se estaria a tomar a decisão correta. Contudo, a visão de Anna, enroscada a um canto, de olhos perdidos no vazio e os braços cruzados em redor do peito, convenceram-na de que não lhe restavam opções. Inga sentia-se atormentada com aquele incidente brutal e animalesco. A maneira como Anna tinha sido tratada por três dos seus compatriotas - tratava-se provavelmente de homens que conhecia - enchiam-na de tristeza. Não conseguia imaginar um mundo tão cego, tão cruel, tão tendente a infligir a dor e a humilhação.

Destruir alguém tão cheio de vida e bom como a sua jovem cunhada! Com que finalidade? Em benefício de quem? Inga não era uma mulher culta mas possuía dignidade. E via agora diante de si uma jovem destruída, reduzida a um vegetal, incapaz de tomar conta de si. Inga comunicara o crime à Polícia. Quando o sargento foi informado de que a jovem implicada era judia, despediu Inga com um esgar.

- Decerto uma prostituta, senhora Weiss. Mesmo que o mantivesse em segredo da família.

Inga poupou esta história à minha mãe. Mentiu-lhe, dizendo que a Polícia tentaria prender os violadores.

- E de que servirá? - retorquiu a minha mãe, que começava a sentir-se derrotada e incapaz de prosseguir.

- Não me devolverão a sanidade mental e física da minha filha. Oh, estamos condenadas, Inga!

Enquanto Inga pensava na minha mãe, que finalmente cedera, perdendo a vontade férrea ante a série de golpes que se abatiam sabre a família, ouvia o Dr. Haefer pedir à enfermeira que telefonasse para o sanatório de Hadamar e indagasse se tinham lugar para uma doente. Segundo parece, existia um eficaz sistema de transporte de pessoas para lá, a expensas do Governo.

- Acha que a vão tratar bem? - quis saber Inga. - Sabe ao que me refiro.

Referia-se, evidentemente, ao fato de Anna ser judia.

- Dentro dos limites impostos por uma economia de guerra - respondeu Haefer, ignorando o fulcro da pergunta.

- Partirá ainda hoje?

- Daqui a algumas horas. Pode ficar aqui no consultório até à chegada do autocarro.

A minha cunhada sentiu-se invadida por uma onda de pânico. Nunca ouvira falar de Hadamar. Anna estava a balançar-se lentamente para diante e para trás, com os braços em volta do peito. "É como se tentasse controlar demônios habitantes no seu corpo, suprimir uma dor intratável", pensou Inga. Todo o amor que ela e a minha mãe tinham dedicado a Anna depois da prova por que passara não a tinha liberto do seu inferno íntimo.

O médico garantiu a Inga que no sanatório havia pessoal especializado capaz de tratar Anna. Seria submetida a terapia. Alguns medicamentos novos poderiam ser eficazes.

A enfermeira entrou, a fim de acompanhar Anna até uma sala de espera.

Inga abraçou-a e beijou-a no rosto. Contudo, a minha irmã não teve qualquer reação.

- Minha querida Anna. Sou a Inga, e mulher do Karl. Tens de me conhecer. Não te recordas do Rudi? Um casamento no jardim? A casa em Groningstrasse Os olhos de Anna ofereciam um vazio que não pertencia e este mundo.

- Quando estiveres melhor, irei buscar-te. Eu e a mamã levar-te-emos para casa.

A minha irmã continuou sem dar resposta. Inga beijou-a novamente.

- Não consigo acreditar no que aconteceu, doutor - disse a chorar. - Era a mais corajosa e alegre das raparigas. E agora...

- Casos como estes são difíceis, senhora Weiss.

- Estou a tomar a decisão certa? Responda-me, por favor. Talvez deva ficar com a mãe e comigo. Contudo, dá a sensação de piorar cada vez mais, de perder reflexos.

- A jovem encontra-se profundamente perturbada. Praticamente uma autista.

Chamamos perseveração a esse movimento específico de balanço. Um indício de profundas psicoses. Fazem bem em a submeter a cuidados de profissionais.

A palavra "submeter" provocou um calafrio momentâneo em Inga.

- Mantê-la-ei a par do seu progresso - prometeu o médico.

- E peço-lhe que dê cumprimentos à sua sogra. Uma notável pianista, se bem me recordo.

Inga pensou que não era possível ter à sua frente um indivíduo mau ou capaz de fazer mal a Anna. Era delicado, compassivo e até se lembrava da minha mãe. A verdade é que, há anos, até conhecera o meu pai.

- Adeus, Anna - despediu-se Inga.

Por momentos Anna ergueu os olhos, como se se tivesse estabelecido qualquer consciencialização no seu espírito confuso de que alguém que a amava se afastava da sua vida. Contudo, os olhos continuaram perdidos no vazio e a boca fechada.

A enfermeira conduziu-a para fora da sala, pronunciando algumas palavras de conforto.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Varsóvia

Agosto, 1940

Hans Frank é governador-geral da parte da Polônia que não anexamos formalmente ao *Reich*. Um homem moreno e forte, de lábios sensuais, que tenta mostrar-se duro e impiedoso, mas pressinto nele uma certa autodefesa e fraqueza. Como se fosse o intelectual da aula que tenta ultrapassar os cábulas com uma fingida bombástica.

Heydrich enviou-me à Polônia a fim de fiscalizar o avanço do nosso plano de reinstalação. Estamos a transferir centenas de milhares de judeus para leste,

concentrando-os em lugares como Lublin e Varsóvia.

Frank entrou na minha vida com o pé errado, apelidando-me com ar de troça de

"o novo rapaz de Heydrich". Não gostei do termo e dei-lhe a entender.

- Não fique ofendido, major Dorf. Os seus olhos e ouvidos, por assim dizer.

Presumo que o enviou a Varsóvia para me vigiar. Para ver como administro as novas regiões.

- De fato, é isso mesmo. Em primeiro lugar, a sua queixa de que necessita de mais quarenta mil civis para gerir o influxo da mão-de-obra judia e polaca. Em segundo lugar, a sua informação de que, na Polônia, representa uma força mais poderosa do que as **SS**.

- Já calculava - comentou Frank, cerrando os olhos. - Sei o que me chamam. O

rei vassalo da Polônia. Saqueador. Conspirador.

- Deixemo-nos de rodeios - retorqui, percebendo imediatamente que não era um indivíduo de temer. - Os quarenta mil civis estão fora de questão. Deixe que os Judeus e os Polacos se encarreguem da administração do seu povo. Queremos que a nobreza, a polícia e o clero influente da Polônia sejam destruídos. A grande massa dos polacos será

utilizada para trabalhos forçados, tal como os judeus dos guetos.

- É bastante esperto para um miúdo de vinte e oito anos - comentou Frank. -

Deve ter conseguido enganar bem o Heydrich.

- Enganar?

- Sei que tal como eu, é advogado. O partido odeia-nos.

O

Führer gostaria de abater a tiro todos os advogados da Alemanha. Fazem-lhe recordar os Judeus. O que me salva é ter conseguido tirar todos os grandes da cadeia nos anos vinte, quando você ainda não existia.

- Estou a par dos seus primeiros trabalhos jurídicos para o partido.

- E eu de como beija o cu do Heydrich. Apenas posso afirmar que ele começa a rodear-se de funcionários mais qualificados.

Todo o sangue me afluiu ao rosto, colorindo-me o pescoço, as orelhas, o rosto.

Descobri, no entanto, com grande satisfação, que não tenho medo de Hans Frank. Está

encarregado de um trabalho de relevo, mas não passa de um *outsider*. Heydrich ensinou-me que a força é a verdade última. Quando se consegue fazer pairar a ameaça sobre uma pessoa, dar-lhe a entender que se é apoiado por uma autoridade mais elevada, sugerir, independentemente da hierarquia que ocupa, que não só não nos inspira medo como detemos o poder de a arruinar, consegue-se a longo prazo levar a melhor.

Não pretendo, evidentemente, ser um espelho de Heydrich. Ele é o que se chama um verdadeiro líder e, em certa medida, Frank tinha razão ao apelidar-me jocosamente de "funcionário". Contudo, não me passou despercebida a autopiedade dos olhos de Frank, nem tampouco a fraqueza que o traçado da boca definia. De fato, ele fazia-me recordar a minha personalidade de há cinco anos atrás, antes de o partido e as **SS** me terem enrigecido e ensinado a força do poder.

Pousei a pasta na mesa e fitamo-nos naquele amplo gabinete, cheio de insígnias vermelhas, brancas e pretas do partido e de retratos gigantescos do *Führer*.

Podia ter continuado a atormentá-lo, mas não o fiz. A verdade é que os círculos do centro do partido não confiam inteiramente em Hans Frank. Está sempre a reclamar a necessidade da lei e de processos legais. Recordo-me bem demais do conselho de Heydrich quanto a esquecer os conceitos que aprendera nos meus tempos de estudante.

Simultaneamente, Frank não tem rival no que se refere a ambição, sede de sangue, falta de princípios e argúcia. Constitui um aglomerado negativo. As **SS** estão a par do fato e tencionam domá-lo à sua vontade.

- Estou farto dos judeus que me impingem – queixou-se, quando comecei a ler o memorando de Heydrich. - Vocês empurram esses malditos transportadores de

doenças para a Polônia e o que hei de fazer com eles? Estávamos muito melhor nos tempos em que as **SS** os abatiam a tiro durante a invasão do ano passado.

- Os indesejáveis, continuam a poder ser eliminados. Comunistas. Criminosos.

Revoltosos. De momento, os judeus capazes de produzir, em particular no âmbito do armamento militar, serão de deixar em paz. E, pelo amor de Deus, deixe-os administrar os seus guetos. Os nossos homens das **SS** apenas devem ser utilizados para reforçar a disciplina, fazer relatórios e cumprirem as missões que lhes estão designadas.

O variável temperamento de Frank dificulta-me a manutenção de um diálogo coerente. Talvez tenha sido advogado, mas tem um cérebro semelhante a um labirinto.

Começou a vociferar sobre os nossos "territórios autônomos judeus" - Varsóvia, Lublin, Lodz. Chamou-lhes escoadouros e esgotos que teriam de ser destruídos.

Sem alterar no mínimo o seu comportamento agitado, levou-me até junto da janela e mostrou-me o gigantesco muro que os judeus estão a ser obrigados a erguer em redor do gueto de Varsóvia. Queixou-se de que arruinará a economia de Varsóvia. Os judeus desempenham cargos primordiais fora do gueto, e a partir de agora ficarão isolados. Como conseguiria continuar a fazer com que as fábricas do exterior funcionassem? Respondi-lhe que o muro, de tijolo, pedra, cimento, está a ser construído por ordem expressa de Hitler.

Quando o vi prestes a explodir de novo, declarei firmemente que o isolamento dos Judeus é mais importante que a economia. Teria de encontrar um processo de manter as fábricas e indústrias a funcionar, se necessário, sem os Judeus. Começou a passear de um lado para o outro no gabinete, batendo com os tacões no chão encerado.

Vive sem dificuldades e criou a imagem pessoal de um cavaleiro teotônico, um barão medieval servido por exércitos de escravos polacos.

Depois de o deixar explodir durante alguns minutos, repeti a ordem: "Muro no gueto."

Nesta altura, ergueu um dedo na minha direção, chamou-me moço de fretes e gritou que sabia perfeitamente o que o muro significava.

- Esclareça-me, *Herr* Frank.

- Com mil raios! Sabe perfeitamente o que quero dizer, o que você quer dizer e todos os que estão abaixo de Hitler querem dizer. Os Judeus terão de desaparecer.

Sugeri que me informasse precisamente do significado das suas palavras.

Tinha o rosto a pouca distância do meu. O hálito era desagradável e os olhos brilhavam-lhe.

- Desaparecer. O que com mil diabos, significa uma Europa liberta dos Judeus, Dorf? Para onde os vamos mandar? Para a Lua?

Desta vez, não o aborreci. Estava mais próximo de uma verdade que não me atrevo a admitir ou, pelo menos, a articular, nem mesmo ao rei vassalo da Polônia.

- Talvez tenha um estômago mais farto do que o seu - rugiu Frank. - Talvez não me mova com pezinhos de lã, como faz Heydrich. No entanto, ainda há pouco disse aos meus homens que poderia ser um problema fuzilar ou envenenar os três milhões e meio de judeus da Polônia, mas que mais cedo ou mais tarde tomaríamos medidas tendentes à

sua aniquilação.

- Sei que o fez. Desobedeceu a ordens.

- Ordens uma merda!

Conseguira, porém, sobressaltar-me. Utilizamos tão freqüentemente palavras de código, rodeamos tantas soluções extremas, sugerimos tantas coisas uns aos outros sem as pronunciar que as frases diretas de Frank me chocaram. Para me recuperar, recordei-me de uma coisa que Eichmann me ensinara: quando tiveres dúvidas, obedece. O

assassínio em massa não é uma perspectiva agradável. Mas se não se tratar de um assassínio verdadeiro, mas de uma medida protetiva, uma profilaxia contra o contágio?

Guardei estes pensamentos lógicos para mim. Tais sutilezas perder-se-iam num tipo de pessoa como Hans Frank.

Nesse momento - afundado na sua enorme cadeira de rei queixava-se de que seria forçado a executar a nossa suja tarefa e que não lhe agradava a idéia. Acrescentou

“que quando chegasse a altura nos esfregaria os narizes no que fizéssemos".

Não consegui resistir a troçar do seu pretensiosismo e da sua curiosa insistência quanto a "justiça e métodos legais". A semelhança de um paciente professor de escola, citei-lhe Heydrich. Os velhos conceitos de justiça encontraram ponto final no Terceiro *Reich*. Somos nós, a força policial, quem decide o que é justo e o que é injusto.

- O rosto é o rosto de Dorf, mas a voz é a voz de Heydrich - comentou.

Deixei-o pensar que aceitava a observação como um elogio.

Bebemos conhaque e tentou mostrar-se conciliador. Tinha-lhe metido um certo medo. Deveria manter a boca fechada relativamente a "aniquilações", mesmo no gueto, deixar que os Judeus fizessem o trabalho, o registro do seu povo e encontrar maneira de conseguir aceitar centenas de milhares de mais judeus.

Resmungou entre dentes que estava de acordo e convidou-me a dar uma volta pelo gueto no automóvel de serviço.

O gueto de Varsóvia é um local deprimente e sujo, uma prova de que os Judeus são incapazes de cuidar das suas casas. As ruas não são pavimentadas e o lixo abunda.

Com grande surpresa, cheguei mesmo a ver dois cadáveres por sepultar, na sarjeta. Frank disse tratar-se de pedintes ou vagabundos sem casa. Talvez anormais. Acrescentou com uma expressão desdenhosa que os Judeus, que proclamavam os intrínsecos laços familiares e o interesse pelos pobres, se estavam a desfazer como comunidade. E, no entanto, vejo-me forçado a confessar que naqueles arredores sombrios sobrevive uma curiosa vitalidade. Vendedores ambulantes apregoam as mercadorias. Os carroceiros empurram os seus veículos pelas ruas irregulares. Os velhos entram nas sinagogas, imersos em conversas, fazendo gestos largos. Mulheres empurram os carrinhos de bebê.

As lojas, embora sujas e mal aprovisionadas, continuam aparentemente a fazer negócio.

Mesmo defrontando os meus melhores juízos de valor, vejo-me forçado a admitir que este povo tem vitalidade. Talvez seja o que os torna tão perigosos.

- Estes estúpidos continuam a agir como se nada tivesse acontecido - rosnou Frank. - Acabarão por aprender a lição.

Em seguida, verificou-se um curioso incidente. Na altura em que o automóvel virava uma esquina e parou momentaneamente, devido a uma descarga de madeira, prendeu-me a atenção um homem alto, vestido de preto, que caminhava pela rua, à

nossa frente. Transportava o que me pareceu uma mala de médico. Pensei, por momentos, tratar-se do Dr. Weiss, o homem que cuidara da minha família e mais tarde tratara Marta. Vira-o pela última vez, há dois anos, quando me viera implorar pelo filho.

O indivíduo nem deu por mim. Ia acompanhado de um outro homem, vestido mais modestamente, e conversavam animadamente. Entraram num edifício onde estava escrito *JUDENRAT* - Conselho Judaico de Varsóvia - e Perdi-os de vista.

Uma coincidência curiosa, caso fosse realmente o Dr. Weiss. Claro que já nada tenho a ver com ele. Não lhe atribuo qualquer significado. Pertence ao passado. Um homem bastante digno, segundo me recordo, mas ingênuo e casado com uma mulher obstinada que se recusou a sair da Alemanha na altura indicada.

Perguntei a Frank se conhecia o homem da mala.

- Não ando atrás de todos os judeus de Varsóvia - respondeu com um encolher de ombros. - Pelo chapéu, dá-me idéia de ser um dos membros do Conselho. Uma cambada de preguiçosos e parasitas. O melhor será que se organizem, ou teremos alguns tiroteios para os espicaçar. Já matei mais do que a minha conta de membros dos conselhos nas pequenas cidades, quando não fazem nada, Dorf. É isso o que se pretende, não? Nada de antigos conceito de justiça, apenas a arma. Certo?

Não respondi. Durante uns minutos não consegui afastar a imagem do indivíduo alto. Provavelmente não era o Dr. Weiss. E se fosse, que me importava? Não me

deu a sensação de vítima sofredora.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Um punhado de judeus sobreviveu ao horror de Varsóvia. Alguns vivem aqui em Israel, e uma mulher que habita perto do *Kibbutz* Agam, Eva Lubin, conheceu o meu pai e o meu tio Moses. Lutou na resistência e participou nas reuniões do Conselho antes deste perder todo o crédito entre os Judeus e ser substituído pelas unidades de combate.

Eva contou-me uma grande parte dos acontecimentos.

À frente do Conselho estava um homem chamado Dr. Menalzem Kohn. Na opinião de Eva, tratava-se de um contemporizador, um homem que fazia exatamente o que os *nazis* lhe ditavam.

Depois da acesa discussão que travara com o médico alemão, quanto ao uso de drogas tóxicas para tratamento do tifo - remédios que matavam os doentes com dores horrorosas -, o meu pai ganhara uma certa fama de resistente. Na altura, nada poderia estar mais longe da verdade. Mantinha-se na posição de homem prudente, interessado em conservar um certo nível na assistência médica, apesar do excesso de doentes, da falta de condições sanitárias, do racionamento de comida, de aquecimento e de remédios. As pessoas morriam diariamente no hospital e arredores. Ele, o irmão Moses e as enfermeiras eram meros espectadores indefesos. O pior eram as crianças: dúzias delas metidas em enfermarias cheias de piolhos, enroscadas, aterrorizadas, os olhos cada vez maiores nos corpos enfezados, pedindo incessantemente comida.

Eva recorda-se de um certo dia em que se discutiu muito sobre contrabando, o que tanto o Dr. Kohn como muitos dos anciãos consideravam um crime grave.

Um homem chamado Zalman, um vulgar trabalhador, que representava os sindicatos judeus, dera início à discussão, fazendo comentários sobre o muro.

- Dezoito quilômetros - exclamou. - Para nos meter dentro e aos Polacos fora. É

uma prisão e mais nada!

- Receio que Varsóvia se venha a transformar no maior gueto de todos os tempos - concordou o meu pai. - E a situação tende a piorar.

Levantou-se uma discussão sobre o trabalho no muro, e Kohn insistia em que os trabalhadores de Zalman deviam despender mais esforço, para apresentarem mais resultados.

- Não é tão fácil como isso, doutor - argumentou Zalman levando a mão ao boné. - Muitos deles sabem que, uma vez erguido o muro, ficamos isolados. Sem negócios, nem trabalho lá fora.

- Em Roskow, meu amigo - retorquiu Kohn erguendo um dedo na sua direção -, um Conselho Judaico, exatamente como este, não apresentou a produção de trabalho que lhe competia. Os membros do Conselho foram enforcados publicamente. Temos de cooperar com os Alemães. Não nos resta outra escolha. Somos o que sempre temos sido: vítimas.

- Não posso dizer isso aos meus camaradas do sindicato - replicou Zalman.

- É o melhor que tem a fazer - contrariou o Dr. Kohn.

O meu pai e o meu tio mantiveram-se silenciosos uns momentos. Um silêncio de morte abateu-se sobre a reunião do *Judenrat*.

- Temos de deixar de nos lamentar e queixar relativamente a este conceito de gueto - prosseguiu o Dr. Kohn. - Pelo menos é algo que compreendemos, algo com que vivemos durante séculos a fio. Poderemos ter as nossas escolas, os nossos hospitais e associações. Foi o comandante das **SS** em pessoa que me fez tal promessa. A verdade, meus senhores, é que precisam de nós: mão-de-obra especializada, comércio, a economia polaca...

De novo pairou o silêncio.

- Durante quanto tempo precisarão de nós? - interferiu, seguidamente, o meu pai.

- Desculpe-me, doutor Weiss?

- Estou a perguntar-lhe, doutor Kohn, por quanto tempo precisarão de nós.

Durante quanto tempo vários milhões de judeus pobres terão valor para eles? A longo prazo podemos ser apenas um fardo. E depois...

O Dr. Kohn sacudiu a cabeça, em discordância:

- Não temos outra escolha senão a de colaborar de todas as maneiras possíveis.

Produzir trabalho. Limpar as ruas da cidade. Manter as fábricas em funcionamento.

- Parece-me que essa questão de trabalho e produtividade tem muito que se lhe diga - interrompeu Moses. - Ouvi dizer que os homens são espancados de morte, assassinados a tiro, por infrações mínimas.

- É verdade - concordou Zalman com um aceno de cabeça. - Eu próprio assisti a alguns casos. Não somos tratados como trabalhadores, mas como escravos.

- Contudo, não nos resta mais nenhuma escolha para além da obediência a ordens

- argumentou solenemente o Dr. Kohn.

- Não podemos resistir. Não devemos resistir. Não haverá contrabando, nem operações de mercado negro ou tentativas de sabotagem. Apenas podemos rezar para que as coisas melhorem.

***

Em Outubro, três meses depois de Anna ter sido mandada para a clínica psiquiátrica de Hadamar, a minha mãe recebeu uma carta oficial do hospital. Era breve e assinada por um "diretor de serviços".

Uma carta estranha, com o cabeçalho:

"Fundação de Caridade de Assistência Mental, Hadamar, Alemanha".

Comunicava que Anna Weiss, de dezoito anos de idade, morrera de "pneumonia e outras complicações". Não estava datada. Tinham tomado a liberdade de lhe cremarem o corpo, a fim de evitarem o perigo de contágio. Posteriormente, a senhora Weiss seria informada quanto à localização da sepultura da filha.

A minha mãe entrou em histeria. Chorou sem parar dias seguidos. Estava inconsolável. Anna tinha sido a menina querida da família, a mais inteligente de todos nós, a que mais amor tinha à vida. A minha mãe não podia conceber que tivesse morrido desta maneira: sem ninguém que a amasse ao seu lado, o cérebro

perturbado e sem esperança. Fora capaz de agüentar a prisão de Karl. A verdade é que estava vivo. Até

mesmo o meu desaparecimento tinha sido compreensível. Contudo, a morte de Anna assemelhava-se a uma faca cravada no peito, abrindo uma ferida que não parava de sangrar.

- A culpa é minha - lamentava-se a Inga. - Pedi para que a levassem.

- Não, mamã - opunha-se Inga. - Achamos que seria melhor para ela... não podia ter uma vida normal.

As mulheres sentiam-se culpadas. Da família Helms, do apartamento contíguo, receberam condolências e nada mais. Inga ouviu-os sussurrar que Anna tinha sido culpada do seu destino, ao sair para a rua na véspera de Ano Novo.

Nas semanas que se seguiram à morte de Anna, a minha mãe deu freqüentemente a sensação de se encontrar à beira da loucura. Contudo, sempre que o histerismo atingia o ponto máximo e Inga se preocupava com ela, aquela força que mantinha em reserva vinha à superfície e impunha a si mesma um equilíbrio emocional, recordando Anna, Karl, a mim e ao meu pai.

-Voltaremos a estar juntos - afirmava convictamente.- Tenho certeza. A Anna estará sempre viva na nossa memória. Quando o Karl e o Rudi tiverem filhos, darão o seu nome a uma filha. Recordas-te de como era brincalhona, Inga? De como costumava arreliar o Rudi? Os jogos que inventavam?

- Recordo-me, sim. Não esqueceremos a nossa Anna.

Só descobri exatamente como a minha irmã morreu, alguns anos mais tarde, quando Inga desenterrou provas.

Anna foi uma das cinqüenta mil vítimas - judias e gentios do programa *nazi* de

"eutanásia".

Não tinha sido levada para uma clínica de Hadamar, mas para uma das primeiras instalações de câmaras de gás, um modelo das estruturas que mais tarde seriam usadas para matar milhões de judeus.

Existiam doze locais semelhantes a Hadamar, e o Estado tomou a decisão de quem deveria ser metido nas câmaras de gás, sem consultar as famílias dos condenados.

Assim, os aleijados, idiotas, atrasados mentais, paralíticos, etc., foram levados para estas fábricas de assassínios, despidos e embrulhados em papel, aplicando-se-lhes gás mortífero espalhado por meio de enormes motores de combustão interna.

Estas primeiras mortes por gás verificaram-se algures em 1938 e prolongaram-se por alguns anos. Rodearam-se do maior segredo, mas conseguiu ser passada a palavra.

Em certa medida, constituíram ensaios do que viria a ser, anos depois, o modelo de extermínio dos Judeus e de muitos outros.

Soube por intermédio das minhas pesquisas que, quando a confirmação do assassínio destas pessoas "inúteis" chegou ao Vaticano se dirigiram pesados protestos a Berlim. As autoridades protestantes também ergueram a voz. Os idiotas, mongolóides, anormais e aleijados eram igualmente filhos de Deus, insistiram os clérigos. O programa da "eutanásia" foi assim eliminado em silêncio. Contudo, os planos permaneceram com vida.

Quando os Judeus foram mortos aos milhões por meio de gás, não se levantaram protestos do honrado clero. Nem uma palavra, à exceção de alguns corajosos, que se podiam contar pelos dedos da mão.

Tomo agora consciência de que devo escrever sobre estes assuntos com a máxima objetividade e frieza. Talvez para me defender de chorar uma vida inteira o assassínio da minha querida irmã.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1940

Fui informado por um telefonema anônimo feito para o meu gabinete, em 15 de Novembro, de que um certo padre está a fazer sermões destinados a minar a nossa política racial.

O indivíduo chama-se Bernard Lichtenberg e é presbítero na Catedral de Santa Hedviges. É um homem de aparência vulgar e cabelo grisalho, na casa dos sessenta.

Pouco sei do seu passado, mas não consigo imaginar o que o levou a esta atitude arrojada. A grande maioria das igrejas, católicas e protestantes, apoiaram-nos ou mostraram-se discretamente neutras.

Fui, assim, assistir a um dos ofícios religiosos em Santa Hedviges. (Não sou católico nem tenho sido cristão praticante desde a minha infância. Os meus pais eram luteranos, mas pouco se enquadravam em religiões organizadas.) A igreja pouco mais cheia estava do que um terço. Talvez já tivesse sido passada a palavra relativamente aos comentários antiestatais de Lichtenberg. De fato, à medida que foi pregando, no decurso da missa, pelo menos meia dúzia de pessoas levantaram-se e saíram.

O velho padre pisava um caminho perigoso. Nada tenho pessoalmente contra ele, mas quem quer que mine as nossas políticas tem de ser eliminado. São estas as ordens das hierarquias superiores.

- Rezemos em silêncio pelos filhas de Abraão - dizia o padre Lichtenberg.

Foi nesta altura que quatro ou cinco pessoas saíram. Outras, ergueram a cabeça e não rezaram.

- Lá fora - prosseguiu o padre -, a sinagoga está a arder e também ela é uma casa de Deus. Em muitas das vossas casas circula um jornal inflamatório, avisando os Alemães de que, se exibirem um falso sentimentalismo para com os Judeus, cometem traições. Esta igreja e este padre rezarão pelos Judeus, porque eles sofrem.

A maioria das pessoas levantou-se e saiu.

- Não se deixem enganar por tais idéias anticristãs. Atuem de acordo com o mandamento de Cristo: "Ama o próximo como a ti mesmo."

Esperei até o ofício religioso terminar e, em seguida, atravessei a nave e entrei na sacristia. Estava vestido à civil, por achar um tanto impróprio apresentar-me na missa de uniforme. (Embora muitos dos nossos homens sejam bons católicos ou protestantes devotos e assistam sempre fardados aos ofícios religiosos.) Um

sacristão idoso estava a ajudar o padre Lichtenberg a despir os paramentos.

Aproximei-me e mostrei o meu cartão de identificação e a insígnia.

- Capitão Erik Dorf - leu. - Em que lhe posso ser útil, meu filho?

- Escutei o seu sermão com muito interesse.

- E aprendeu alguma coisa com ele?

- Aprendi que é um homem de bom coração, mas erroneamente informado.

Fitou-me com um olhar cansado e sensível. Desejei não ter de o enfrentar.

- Sei o que está a acontecer aos Judeus. E o senhor também, capitão.

De preferência a entrar em discussão com ele, dei a volta à mesa da sacristia, medindo bem o peso das palavras:

- Há alguns anos que o papa Pio assinou uma concordata com o *Führer*, padre. O

Vaticano declarou muitas vezes que considera a Alemanha como o último bastião cristão da Europa contra o bolchevismo.

- O que não justifica a tortura e o assassínio de inocentes, capitão.

- Ninguém está a ser torturado. Desconheço qualquer assassínio de inocentes.

- Já vi judeus espancados e espezinhados nas ruas. Vi-os serem metidos nas prisões sem motivo...

- São inimigos do *Reich*. Estamos empenhados numa guerra, padre.

- Contra exércitos ou contra judeus indefesos?

- É meu dever aconselhá-lo a que seja mais moderado nos seus comentários, padre. Outros clérigos não viram problema numa reconciliação da sua fé com a nossa.

Na semana passada, em Brema, inauguraram uma nova igreja em nome do *Führer*.

Não se deixava apanhar facilmente:

- Ouvi histórias contadas pela boca dos nossos soldados regressados da Polônia -

retorquiu. - Ultrapassam em muito a mera deslocação das chamadas "raças estranhas".

- Confissões de jovens cansados de lutar. Deve tomar essas histórias de ânimo leve.

- Contudo, na qualidade de padre, tenho de escutar e conceder a absolvição.

Nesses assuntos rejo-me pela minha consciência.

Era um velho obstinado, bastante digno, mas cego relativamente aos nossos fins e objetivos. Despedi-me com um cumprimento de cabeça e avisei-o de que não deixasse que a consciência lhe arranjasse problemas.

Agradeceu-me e virou-me as costas.

- Um jovem tão inteligente e encantador - ouvi-o dizer ao sacristão. - A nossa dádiva à nova geração.

Apreendi o tom sarcástico da voz e decidi mentalmente não o perder de vista.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

A minha mãe acabou por ser presa e enviada para Varsóvia.

Creio que quase se sentiu contente pelo abater do machado. Embora pudesse ter permanecido mais alguns meses no velho estúdio de Karl, estava a destruir-se, devido à

perda de Anna e à ausência dos filhos e do marido. Talvez fosse "denunciada" por alguém da família Helms. Inga jura que os pais nada disseram, embora não dissimulassem o ódio que sentiam pela minha mãe.

Fosse como fosse, prenderam-na durante uma rusga àquele bairro da cidade e meteram-na num vagão de gado juntamente com centenas de outros judeus berlinenses, na sua maioria mulheres e crianças, a caminho de Varsóvia.

O meu pai estava a trabalhar na ala das crianças do Hospital dos Judeus quando ouviu dizer que uma tal Berta Weiss, reivindicando ser sua mulher, chegara à

Umschlagplatz, perto da estação principal de estradas de ferro do gueto.

Max Lowy, o tipógrafo e antigo doente do meu pai, foi a correr dar-lhe a notícia.

O meu pai e uma mulher chamada Sara Olenick, uma enfermeira, estavam a tentar arranjar comida e remédios para as crianças doentes. Morriam diariamente, enroscadas em volta de um fogão apagado, incapazes de resistir às doenças que devastavam o gueto.

Low insistia que tinha visto a minha mãe. O meu pai abandonou imediatamente o hospital e correu durante praticamente todo o caminho que o separava do departamento de registros da estação. E reuniram-se assim, mais de um ano decorrido após a deportação do meu pai.

Cartas que a minha mãe escreveu a Karl (segundo parece nunca expedidas; foram devolvidas e guardadas por Inga) revelam a profundidade de sentimentos que a uniam ao meu pai. Em frente dos filhos, mostrava-se sempre controlada, a imagem perfeita da filha de um antigo oficial de infantaria. Contudo, as cartas contavam uma história diferente. Numa delas escreveu:

Talvez seja minha a culpa, querido Karl, pelo teu temperamento tímido e, como dizer, retraído.

Nunca denotei, exteriormente, um amor profundo ou emoções para com o teu querido pai, de fato para com os meus filhos. O que não quer dizer que não vos amasse ou a ele. Como seria possível? O teu pai é

simplesmente o tipo de homem cuja bondade desde logo se divisa. Trata o mais mesquinho dos doentes, o pior dos mendigos, canalhas e embusteiros com os cuidados que devotaria a um príncipe. E quanto às contas por pagar! E nunca ter ido atrás deles!

Por vezes chega a provocar a confusão no meu espírito, e sei que é melhor do que eu. O meu amor por ele é uma mistura de admiração e medo ante a sua contínua bondade. Também isto existe em ti, Karl...

A minha mãe sempre fora incapaz de demonstrar afeto profundo e calor. Filha

única, criada numa atmosfera de estufa e com uma educação prodigalizada por pais rígidos, era incapaz de beijar, abraçar e muito menos ter qualquer expressão sexual publicamente.

Contudo, agora, ela e o meu pai beijaram-se descaradamente, como jovens amantes. Ele troçou da insistência dela em se manter na bicha de registro, observando-lhe que continuava a ser a berlinense submissa à lei. Garantiu-lhe que até mesmo no miserável gueto de Varsóvia a burocracia era ineficaz e poderia esperar um pouco para se registrar, enquanto se sentavam no que passava por ser um café, fingindo estarem no *Hotel Adlon*.

- Onde há judeus, tem de haver lugares para as pessoas se sentarem, darem a mão e conversarem - declarou o meu pai. - Mesmo que seja um café sem café.

Contemplaram-se por momentos. Tinham envelhecido. O sofrimento cavara-lhes rugas nos rostos.

- Estás a esconder-me alguma coisa - observou o meu pai, que lhe conhecia o comportamento e as reações.

- Josef... a Anna morreu.

Falou-lhe da estranha carta e na morte de Anna na clínica, devido a uma pneumonia. Inga tinha tentado saber mais, descobrir a sepultura, e nada conseguira.

O meu pai chorou incontrolavelmente, incapaz de dissimular a tristeza que sentia. A minha mãe mentiu-lhe quanto aos acontecimentos que lhe provocaram a morte. Não soube que tinha sido violentada por canalhas embriagados e como o fato ocasionara a sua perturbação mental.

- Não sofreu - continuou a minha mãe. - As pessoas do hospital disseram que as drogas lhe tiraram as dores e morreu em paz.

- Não posso acreditar - soluçava. - A minha filha, a minha Anna. O que querem de nós, em nome de Deus? Que tributo nos exigem? As vidas dos nossos filhos?

Durante muito tempo, manteve-se silencioso, de cabeça pendente, as mãos nos olhos, enquanto a minha mãe lhe mentia a respeito de Anna. Era um médico qualificado demais para aceitar a história de que entrara simplesmente em

depressão. Argumentou, tentando minorar o desgosto profundo com a análise médica, que tais quebras mentais se deviam regra geral a um trauma qualquer. Acontecera qualquer coisa a Anna? A minha mãe respondeu negativamente. Apenas se tratara de uma depressão gradual.

- A vida que ela tinha! - chorava. - Mataram-lhe toda a vida que tinha.

Percebia agora de que não havia indignidade, humilhação ou tortura que nos fosse poupada à família Weiss e aos judeus da Europa. Durante o resto da vida, nunca mais se conseguiu libertar da imagem da filha perdida.

A minha mãe tentou distraí-lo. Perguntou-lhe quais as condições de vida no gueto de Varsóvia. Tinha trabalho? Onde iriam viver? Com a sua infinita capacidade otimista de ver o lado bom das coisas, declarou que se iria oferecer para ensinar na escola. Ouvira dizer que as escolas do gueto, apesar das dificuldades, estavam em atividade e cheias de estudantes ávidos de aprender. Sentir-se-ia feliz por ser professora de uma aula de música, talvez de literatura também.

O meu pai concordou, mas não conseguia abandonar o assunto de Anna:

- Não consigo acreditar que tenha desaparecido. Não me contaste tudo. Onde era esse hospital? Quem foi o médico?

- Chora, se achas que isso te ajuda, Josef - replicou, pegando-lhe na mão. - Mas não conseguirás trazer a nossa filha de volta. Talvez... talvez seja melhor assim.

- Melhor? A vida é sempre preferível à morte.

- Não estou assim tão certa. Não me faças mais perguntas.

- Os rapazes?

- O Karl continua na prisão. Sabemos que ainda está vivo. Inga diz que continua a tentar vê-lo, a mover influências para o libertar.

- O Rudi?

- Fugiu. O nosso rebelde. Desapareceu de noite, deixando-me um bilhete a dizer que não nos devíamos preocupar com ele, mas que não ficaria à espera que o

prendessem.

O meu pai sacudiu a cabeça.

- Como sinto a falta deles! Nunca lhes falei o bastante nem lhes dediquei o tempo suficiente. Como desejava que pudessem estar ao nosso lado, para emendar erros cometidos! Uma vez desapontei tão terrivelmente o Rudi! A primeira vez que jogou como avançado-centro num jogo importante. Dezesseis anos e o mais novo jogador da equipe. E tive de assistir a uma reunião médica. Afirmou-me que não tinha importância, mas sei que o desiludi.

- Conpensá-los-emos quando tudo isto acabar.

- Sim. Claro que sim. E não devemos chorar sobre leite derramado. Há centenas de milhares em piores condições. Pelo menos, teremos trabalho: o suficiente para comer e onde viver.

Levantaram-se do café e começaram a andar de mãos dadas, como jovens amantes.

- Nunca te amei tanto, Josef - disse a minha mãe.

- Nem eu. Deus do céu. Olho para ti e vejo a Anna.

- Mas não deves voltar a chorar - retorquiu, pegando-lhe firmemente no braço. -

Agora, quero que me leves a esse belo apartamento.

- É apenas uma divisão, por cima da velha farmácia.

- Sem piano? Sem o *Bechstein*? É possível que te deixe, se não houver.

- Sem piano - respondeu o meu pai. - Mas com a recordação de um outro.

***

Pouco antes do Natal, Inga recebeu uma carta do sargento Heinz Muller dizendo-lhe que fosse a Buchenwald. Mostrava-se vago, mas dava a entender que talvez lhe fosse possível arranjar um encontro com Karl. Nada podia prometer, mas pelo menos tentaria. E ordenava-lhe que queimasse a carta.

A minha cunhada era uma mulher corajosa e obstinada. Calçou umas botas, pôs a mochila ao ombro, para passar por alpinista, e aproximou-se destemidamente das vedações do campo prisional. Há muito de elogioso que dizer a respeito do passado do proletariado, de mulheres independentes e cheias de recursos. Inga estava adiantada em relação à época.

Foi evidentemente detida por sentinelas armadas. Avistava proteções duplas de arame farpado, uma sebe elevada e um fosso a cercar o local.

A distância, na terra gelada do campo de internamento, distinguia homens de ternos listrados que se moviam lentamente, cavando o solo com pás e enxadas.

Um soldado das **SS** aproximou-se com a intenção de a afastar, mas ela insistiu em falar com o sargento Heinz Muller, um velho amigo. O soldado, intimidado com aquela tenacidade, falou com Muller por um telefone do campo, avisando Inga para que esperasse do lado de fora das barreiras.

Muller saiu da casa da guarda, ajeitando o cinto do uniforme e afastando o cabelo da testa. Sorriu-lhe de uma maneira cordial, quase untuosa.

Muller mandou embora a sentinela curiosa e abriu-lhe os braços em sinal de boas-vindas. Ela ignorou-o.

- Vejo que recebeu a minha carta.

- Recebi - disse Inga.

- Como tem passado, querida amiga? A estimada e digna senhora Weiss.

- Bastante bem. Estou aqui para ver o Karl. Dizia na carta que me conseguiria um encontro.

Muller olhou à distância para os homens que trabalhavam à distância, batidos por um vento invernoso. Inga recorda-se de que havia leves flocos de neve.

- Os regulamentos tornaram-se mais rígidos – respondeu.- Não tenho poder direto sobre os presos.

- Nesse caso, porque me enganou?

Furtou-se ao olhar dela.

- Senti que devia um favor à sua família. Velhos amigos e assim por diante...

- Quero ver o Karl.

- Tem medo de mim? - perguntou Muller, agarrando-lhe o braço.

- Não. Sei demasiado a seu respeito. E de outros como você. Não se deve mostrar medo a pessoas da vossa laia. O meu cunhado Rudi percebeu isso.

- Bah! Esse estúpido jogador de futebol. Hão de apanhá-lo e dar-lhe a conta que merece.

- Leve-me junto do Karl.

- Venha comigo. Discutiremos isso na casa da guarda. Temos uma sala de visitas.

Conduziu-a até um edifício semelhante às casernas, introduzindo-a por uma porta lateral. Viu imediatamente que não estava numa "sala de visitas", mas nos seus aposentos privados, com uma cama, escrivaninha, cadeiras, fotografias na parede.

- Este é o seu quarto - disse.

- Por favor. As visitas são sempre bem-vindas aqui. Sente-se.

Inga acedeu.

- Um cigarro? - ofereceu Muller. - Talvez um pouco de conhaque? Nada é bom demais para os nossos bravos soldados que defendem o *Reich* dos inimigos. Fazemos tão bom trabalho aqui como os que estão na frente.

- Vim aqui por um motivo: para ver o meu marido.

- Talvez um pouco de café. Não é cevada, garanto-lhe. Café do bom.

Sacudiu a cabeça negativamente.

- Ah! A teimosia dos Helms. -

Pôs-lhe e mão no ombro e começou a afagar-lhe a nuca.

Suportou a carícia por momentos, antes de lhe afastar a mão:

- Como está ele?

- Não muito bem, receio. Arranjou um sarilho na caserna. Luta, roubo de comida. Não sei bem. Tiraram-no daquele trabalho fácil na alfaiataria e puseram-no na pedreira. A verdade é que ele e um amigo, um judeu qualquer chamado Weinberg, estiveram amarrados e pendurados.

- Oh, meu Deus! Pobre Karl.

- Sim. Esse trabalho de pá e enxada não é brinquedo nenhum. Os guardas não lhes dão descanso. Algumas vezes trabalham até caírem para o lado. E com a chegada do Inverno...

Inga levantou-se cheia de raiva, mas conseguindo controlar-se:

- Mentiu-me. Mas que belo amigo do meu pai... Mandou-me vir aqui em falso.

Não o posso ver. E acabo por ser informada que está em trabalhos forçados. Tenho ouvido histórias do que se passa aqui.

- Disparate! Quem trabalha sobrevive. Quem não trabalha mete-se em sarilhos.

Inga amava profundamente o meu irmão e o pensamento de saber que sofria, a imagem daquele homem frágil nos campos cobertos de neve, a picar pedra, espancado, sob a ameaça da morte, quebraram-lhe a sua vontade férrea. Escondeu a cabeça entre as mãos e começou a chorar silenciosamente.

Muller sentou-se na cama, em frente dela, e pôs-lhe a mão no joelho:

- Não chore. Tenciono ajudá-la.

- Como? - perguntou, erguendo os olhos e envergonhada pelas lágrimas. - Pode apelar para que o libertem?

- Não passo de um sargento. Mas... levo-lhe uma carta sua.

- Leva?

- E trago a carta dele cá para fora e remeto-a para Berlim.

- Ficar-lhe-ei grata.

- Por si, Inga Helms, será uma honra. -

Ergueu-lhe o queixo com uma das mãos. Inga recordava-se de que para um homem da sua classe, um antigo operário fabril, tinha uma mão curiosamente macia, como se a vida fácil dos últimos anos o tivesse mudado. Também cheirava a uma água-de-colônia masculina. Em seguida, ajoelhou-se na frente dela. Inga retraiu-se.

- Não, por favor - pediu. - Não sou um monstro. Cumpro uma missão e mais nada.

- Vocês fazem mais do que cumprir uma missão.

- Vocês. Condenaram uma nação inteira que luta pelos seus direitos, pela sua vida? Alguém tem de se encarregar dos inimigos internos.

- Deus do céu, Muller. Poupe-me a esses discursos da linha do partido.

- De acordo. Ponhamos o problema numa base pessoal. Há muito tempo que me conhece. Sou um velho amigo do seu pai, do seu irmão. Estive no seu casamento.

Vi-a unir-se a um judeu de uma família distinta. E eu? Um mecânico toda a minha vida.

Sem receber educação. Havia o direito de ser escorraçado, troçado por esse motivo?

Amei-a, Inga. Amei-a mais do que esse... esse...

- Cale-se, Muller.

- É a verdade. Senti as entranhas roídas no momento em que trocaram as alianças. Devia ter sido minha mulher.

- Não fale nisso, por favor. Trouxe uma carta comigo. Entregue-lhe por mim. -

Abriu o saco, tirou a carta e entregou-a ao homem das **SS**.

Muller olhou-a como se estivesse envenenada ou prestes a explodir na sua mão:

- De acordo. É um risco que corro, Inga. Mas por si... pela sua família... Heinz Muller está disposto a ceder.

Nesta altura desabotoou o casaco e pô-lo em cima da cadeira. Inga levantou-se para se ir embora. Ele colocou-se em frente da porta, cortando-lhe a saída. Em seguida, forçou-a a sentar-se na cama.

- O seu homem... vi-o ontem - disse. - Está com um aspecto horrível. Mais uns dias na pedreira podem causar-lhe a morte.

- Garantiu-me que ia andando.

- Não a queria preocupar. Mas agora estou a dizer-lhe a verdade. Morrem diariamente lá.

- Imploro-lhe que o ajude.

- Tenho um pouco mais de influência do que dou a entender - prosseguiu Muller, começando a desabotoar a camisa. - Se estabelecermos um certo acordo, conseguirei tirá-lo da pedreira e pô-lo num trabalho melhor ainda que o da alfaiataria.

Têm aqui um estúdio de artistas. O paraíso para ele.

- Que tipo de acordo?

- Julgo que me está a compreender. - Desapertou o cinto.

- Seu porco.

- Mais uma semana na pedreira, e será outro judeu morto.

Aproximou-se dela, barbeado de fresco, tresandando a água-de-colônia masculina, e começou a molhar-lhe o rosto com lábios úmidos e sôfregos. Ela caiu sob o peso do corpo e deixou que lhe levantasse o vestido. Tentava ser suave, mas as mãos quentes e trêmulas atraiçoavam a paixão animalesca.

Cheia de desdém e repulsa, encontrou uma forma de combater o ódio que sentia por ele e pelo que a obrigava a fazer. Olhou para o teto da caserna, escutando os grunhidos e gemidos, aceitando a forma desajeitada como a penetrava e detestando-o.

"É uma experiência mecânica", dizia de si para si. Como uma pequena operação cirúrgica ou a aplicação de um instrumento ortopédico." Veio-se no espaço de segundos.

Ofegante e esgotado, deixou-se cair para o lado. "Sim", continuou a pensar. "Uma coisa mecânica, sem qualidades humanas, desprovida das formas mais básicas da fisiologia."

- Amo-te, com mil raios - sussurrou Muller, que se encaminhou, aos tropeções, para a sanitário. - Amo-te. Voltarás. E acabarás por me amar.

Não lhe respondeu, mas pensou: "Talvez te mate primeiro."

***

Perdi a noção do tempo que Helena e eu levamos a tentar atravessar a fronteira para qualquer país não ocupado pelos *nazis*. Fizemos vida de vagabundos. O seu conhecimento de línguas era uma ajuda preciosa - checo, alemão e, posteriormente, o seu excelente russo. Eu fazia o papel de trabalhador rural estúpido e falava o menos possível.

Um dia, algures, em Janeiro de 1941, depois de passarmos a noite num celeiro abandonado, interroguei um velho fazendeiro e este informou-me de que a sul havia um pedaço de fronteira pouco vigiado. Disse que a estrada se bifurcava, que o lado direito levava a bosques espessos, donde se podia avistar a Hungria de Leste e até uma curva do rio Tisza. Acrescentou tratar-se de uma região plana e com árvores, não sendo difícil descobrir a barreira de arame farpado.

Quando caiu a noite, levei Helena até ao local que me descrevera. Adquirira olhar de gato. Conseguia ver de noite, cheirar praticamente o caminho até à água, herdades e casas. O odor humano destacava-se por entre a vastidão da natureza.

Rastejamos por entre os arbustos até uma barreira de arame farpado. O alicate iniciou o trabalho devido. Decorridos minutos, Helena e eu, de costas, ajudando

o impulso do corpo com os pés e fazendo pressão na terra, arranhados pelo arame e pelos espinhos, passamos para a Hungria. Não fazíamos idéia de qual a aldeia mais próxima, nem do destino que nos aguardava.

Eu ia à frente. Ela seguia. O meu nariz sentiu o cheiro tarde demais. Um homem surgira por detrás de uma árvore e apontava-me uma espingarda de cano curto à boca do estômago. Era um indivíduo baixo e gordo, com um uniforme de um verde acinzentado, botas e chapéu de bico.

- Encostem-se à árvore - ordenou.

Helena respirava ofegantemente. O homem falava alemão, mas tinha certeza de que não era alemão. Um guarda da fronteira húngara. O alemão era de uso comum nas regiões fronteiriças.

- Documentos - pediu o guarda.

- Perdemo-los - respondi.

- Ponham as mãos atrás da cabeça - disse, ao mesmo tempo que segurava a espingarda numa das mãos e se servia da outra para nos examinar com uma lanterna. - O

que estão a fazer aqui?

- Por favor - implorou Helena. - Estamos a tentar chegar à Iugoslávia. A casta.

Dê-nos uma oportunidade.

- Podemos pagar - menti, pois não tínhamos dinheiro nenhum.

- Malditos judeus - insultou o húngaro. - Os filhos da mãe dos Judeus são todos iguais. Pensam que podem comprar o Mundo.

Medi-o com o olhar. Cerca de trinta e cinco anos. Barriga. Pés pequenos. Podia arrumá-lo com alguns pontapés, se o apanhasse desprevenido.

- Dê-nos uma oportunidade - pedi. - Não queremos fazer mal a ninguém.

Dentro de dias podemos estar na Iugoslávia.

- Comecem a andar - ordenou o guarda, fazendo um gesto com a espingarda. Tu primeiro. A mulher atrás. Se te armares em esperto, abato-a. A caminho.

- Para onde nos leva? - perguntou Helena.

- Prisão da fronteira. A *Gestapo* manda diariamente um caminhão para apanhar judeus, comunistas e outros fugitivos da Checoslováquia.

- A *Gestapo*? - perguntou.

- Claro. Não discutimos com eles. Até ficamos satisfeitos por mandarmos de volta alguns judeus.

Obrigou-nos a andar. Devemos ter percorrido uns quatrocentos metros de uma descida. O caminho estava rodeado de árvores e o chão era úmido. Havia pinheiros e devíamos estar a uma maior altitude do que a que calculara. Avistei à distância os contornos de uma guarita pintada às listras. Outra luz brilhou. Alguém chamou.

- Lajos. Estás bem?

- Estou - respondeu o nosso guarda. - Apanhei mais dois.

Afastei Helena do caminho - com tanta força que ficou com a anca e a perna negras durante um mês - e ataquei o homem, que ia atrás dela. Bati-lhe com todas as minhas forças - nos braços, cabeça e peito - e ele caiu com um gemido. Agarrei na arma e na lanterna, mas não sem primeiro lhe bater duas vezes no peito e mais uma na cabeça.

O outro sentinela - o homem da guarita - começou a gritar. Mas não disparou. O

nosso guarda ia a pôr-se de pé, mas voltei a atingi-lo com um forte murro nos queixos, que o deixou inconsciente.

- Lajos? O que aconteceu? - gritou o outro.

Ouvimos o som de botas e de ramos partidos. Tomado por uma raiva incontrolável, ergui e espingarda à altura da cabeça de Lajos e engatilhei a arma. Estava disposto a fazer ir pelos ares a cabeça daquele filho da mãe. Pagamento parcial aos que em todo o mundo odiavam os Judeus. Depois, encarregar-me-ia

do que se aproximava a correr na nossa direção.

- Não, não! - gritou Helena.

Não disparei. Segurei-lhe o braço. Desatamos a correr desenfreadamente na direção da barreira de arame farpado que acabáramos de atravessar. Dava a sensação de que corríamos para a eternidade. Pisando raízes, arrastei-a, enquanto ramos partidos lhe arranhavam a cara e lhe puxavam pela roupa.

- Corre, com os diabos! Corre! - gritei-lhe.

- Não posso... não posso...

- Ou corres ou morres.

O outro sentinela detivera-se, aparentemente, a examinar o camarada, aquele a quem tinha batido na cabeça como se fosse uma bola de futebol.

- Safados judeus! Filhos da mãe! - explodiu. - Não me escapam.

Os tiros sibilavam à nossa volta, quebrando ramos. Só que ele disparava às cegas.

Obriguei Helena a caminhar dobrada. Os tiros cessaram. Depois de ter visto o que eu fizera ao companheiro e sabendo que estava armado, não tinha estômago para nos seguir. Os brutos e fanfarrões tem esta característica comum que aprendera em criança: quando pensam que haverá uma luta de igual para igual ou se encontram em posição de desvantagem, hesitam.

- Não posso mais... não posso mais - chorava Helena. - Rudi... pára... sinto o peito a estourar...

Encostamo-nos um pouco a um pinheiro, a descansar uns momentos. O cheiro adocicado que se desprendia dos ramos recordou-me as férias de Inverno quando era miúdo - a minha mãe, o meu pai, e nós os três, Karl, Anna e eu, num hotel austríaco a aprendermos esqui e patinagem.

- Basta! - ordenei, irritado. - Temos de continuar a fugir.

- Não... não... mais não... - começava a ficar histérica.

- Estamos apanhados, Rudi.

- Terão de nos matar, antes de me obrigarem a desistir.

Olhei para a espingarda. Parecia uma carabina, com uma câmara enorme para as balas.

Agarrei no braço de Helena e começamos a correr novamente pelo caminho, no sentido contrário. Depressa percebi que a barreira de arame farpado fora cortada em alguns lugares, como se outros tivessem tentado idênticos processos. Tivemos apenas de passar através de uma secção já aberta.

- Ironia do destino - comentei. - Acho que estamos novamente na Checoslováquia.

- É importante, Rudi? - chorou.

- Não tenho certeza. - Atraí-a suavemente para o meu corpo, beijei-lhe a testa e esforçei-me para que deixasse de chorar. - Voltaremos a tentar, Helena. Ainda não estou disposto a morrer por causa deles. Nem tu o deves estar.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Abril, 1941

Fala-se por toda a parte - pelo menos nos círculos governamentais - da chamada

"Ordem Comissarial" do *Führer*, emitida no mês passado. Envolverá profundamente o nosso povo.

Não estive presente na reunião, uma vez que foi efetuada para cerca de duzentos dos mais antigos oficiais do Exército. Não é segredo que está iminente uma enorme invasão da Rússia, desde o Báltico ao mar Negro.

Entre outros pontos, Hitler acentuou os seguintes: a guerra com a União Soviética não se assemelhará a qualquer guerra do passado e não pode ser conduzida de

"maneira medieval" (as suas palavras exatas). Há que eliminar a *intelligentsia* bolchevista-judia. (Um oficial dos mais novos, que assinalou que muitos da hierarquia bolchevista eram russos, ucranianos, armênios, e Deus sabe que mais, foi rapidamente mandado calar.)

Esta tarefa de "eliminar" em grande escala todos os inimigos do *Reich* - judeus, bolchevistas, clero, comissários, *intelligentsia* é tão grave que não pode ser confiada ao Exército. Heydrich, ao contar-me tudo isto com um sorriso, informou-me de que os líderes do Exército, Jodl, Keitel, todos esses indivíduos arrogantes, engoliram isto como crianças a quem se desse uma colher de óleo de rícino. No entanto, se por um lado lhes desagrada a idéia de perderem a jurisdição, por outro sentem-se aliviados por não terem de se encarregar de missões que só as nossas **SS**, os nossos temerários "Corvos Negros", serão suficientemente corajosos para levar a cabo.

Nem uma só voz se ergueu naquela reunião para protestar um mínimo contra a eliminação maciça de civis, prisioneiros e quem quer que, ainda que remotamente, se enquadre nas categorias indicadas pelo *Führer*. Keitel, capaz de fazer inveja à maior das prostitutas, tornou a ordem ainda mais elaborada, especificando que o *Reichsführer* das **SS**

(Himmler) e os seus homens ficariam responsáveis por "missões resultantes da luta final que terá de ser travada entre dois sistemas políticos opostos". Esta fraseologia, bastante complexa, significa, muito simplesmente, que as **SS** serão incumbidas do morticínio dos Judeus. (Apenas me sirvo destas palavras na intimidade do meu diário; não me atreveria a empregar tais termos em apontamentos, nem sequer em conversa.) A fim de implementar esta "ordem comissarial", Heydrich, o sempre brilhante organizador, elaborou um plano para quatro *Einsatzgruppen* (Comandos de ação) que dividirão e União Soviética em quatro jurisdições. O comandante de cada um destes grupos - que se designam por A, B, C e D - assumirá inteira responsabilidade pela limpeza da sua área.

Somos atualmente, de fato, grupos de morte em movimento, equipados para aniquilar vastas quantidades dos inimigos políticos e raciais da Alemanha. Depressa nos inteiramos de que a galante *Zxlehrmacht*, tão orgulhosa das suas tradições cavalheirescas, não só se afasta do nosso caminho como também nos prodigaliza uma ajuda generosa e, algumas vezes, se nos une nesta missão sangrenta de eliminar estes inimigos sub-humanos da civilização.

O que se passou no meu cérebro quando estes planos foram delineados?

Em primeiro lugar, ocorreu-me um dito de Eichmann: obedecer. Mas até mesmo a obediência requer uma compreensão precisa das ordens que se cumpre. E hoje, 21 de Abril de 1941, percebo que o nosso mandato faz parte de um plano circundante. Um plano visto de cima, se assim se lhe quiser chamar. Devo excluir do pensamento noções da individualidade judaica. Não são importantes. Devo, em vez disso, dar toda a atenção ao vasto plano do *Führer* relativo a uma nova Europa, ou melhor, um novo Mundo, dirigido pelos mais qualificados dos homens, nós, os Arianos, e governado, não por conceitos bolorentos e antiquados, mas pela *Nova Ordem* de força, vontade, impulsos raciais puros e um poder ilimitado.

As palavras soam-me um tanto estranhas quando as escrevo. Contudo, percebo agora o profundo valor histórico destes conceitos. A verdade é que os colonos americanos dizimaram os Peles-Vermelhas para formarem uma nação nova e poderosa.

O Império Britânico não se constituiu à base de sopas e mel, além de que, para a criação de um vasto sistema comercial, tanto os Zulus como os Hindus, inocentes ou revoltosos, foram feitos em tiras.

E o objetivo do *Führer* é muito mais digno e mais glorioso do que um mero império de fábricas e de herdades. Envolve as mais altas aspirações do espírito humano.

Os Judeus erguem-se no nosso caminho. Há que pôr de parte todo o sentimentalismo, todos os conceitos inúteis e enferrujados cristãos relativos a caridade e piedade. Hoje sou capaz de entender tudo isto muito melhor do que antes. Decerto incomparavelmente melhor do que no dia em que entrei pela primeira vez no gabinete de Heydrich e me comportei como um ingênuo.

***

Heydrich organizou uma ceia volante nos seus aquartelamentos, a fim de falar dos *Einsatzgruppen*. O ambiente nada tinha de formal. Não se leram nem distribuíram regulamentos. Falou-se franca, amistosa e abertamente. Verificou-se um entendimento mútuo. Na parede estava pendurado um mapa enorme da União Soviética, a que de vez em quando o chefe fazia referência, mostrando como a URSS seria dividida em áreas operacionais para os nossos grupos.

Apenas o mapa constituía um indicativo de que estávamos ali para algo mais do que uma reunião social.

Como jovem membro das **SS**, senti-me surpreendido e encantado ante o elevado nível dos compatriotas enquadrados nas nossas fileiras. Muitos dos novos comandantes de grupo há muito que se encontravam em campo, e apenas os conhecia como inseridos numa ficha ou num *dossier*. Heydrich alardeava as qualidades dos seus subordinados, dos homens que teriam como missão tornar a Europa "liberta dos Judeus".

- O coronel Blobel, por exemplo - observava Heydrich, enquanto bebíamos puro champanhe francês, e erguendo a taça na sua direção. - Um arquiteto eminente.

Paul Blobel, um indivíduo bastante corpulento, ruidoso e com tendência para e bebida, fez um aceno de concordância.

- E com projetos engenhosos relativamente aos judeus da Rússia - comentou.- O

coronel Ohlendorf é um advogado, como você, Dorf, e um perito em economia -

prosseguiu Heydrich. - Weinmann é um cientista. Klingelhoffer foi cantor de ópera. E

ainda temos o coronel Biberstein, um antigo pastor luterano.

Sentia-me, de fato, impressionado. A imprensa estrangeira tem tentado descrever-nos como vândalos e assassinos. De momento, desejei que pudessem estar a par da elevada qualidade dos oficiais das nossas hierarquias.

- Biberstein - dirigiu-se-lhe Heydrich num tom jocoso.- Fale-nos da organização que formou quando abandonou o púlpito... Como se chamava?

- A *Confraria do Amor* - retorquiu o coronel Biberstein, corando.

- Mas que diabo era essa *Confraria do Amor* ? - riu Ohlendorf.

Biberstein tinha consciência de que o estavam a gozar, mas era bom desportista.

Somos, de fato, um grupo fraterno, unido pela consciência das graves missões que nos esperam:

- Senti a necessidade de se formar uma organização civil, algo independente da igreja como era e que encorajasse o amor humano por intermédio da fé cristã.

- Como se saiu? - perguntou Blobel.

- Bastante mal, receio. Foi assim que vim parar às **SS**. Primeiro como capelão e agora dentro de um novo enquadramento de ação.

- Pregando os Evangelhos, *Herr* Biberstein? - troçou Blobel.

- Não há essa necessidade aqui - retorquiu o antigo pastor.- Somos todos convertidos a uma nova fé.

Blobel soltou uma gargalhada, e até os de temperamento mais sisudo, como Ohlendorf e o coronel Artur Nebe, sorriam. Não percebi onde estava a piada, embora Heydrich não se mostrasse perturbado.

- Uma nova fé - observei. - E somos nós os apóstolos.

- Ouçam só o capitão Dorf! - exclamou Blobel. - Nesse caso, a quem cabe o papel de Pedro?

- Eu serei o incrédulo Tomé - declarou Ohlendorf.

- Desde que não tenhamos Judas - acrescentei.

Blobel fitou-me com um certo desdém. Estava embriagado. Durante a ceia cavaqueara sobre o champanhe francês, o presunto polaco, a salada de chicória belga e os queijos holandeses. Acrescentou que só faltava o caviar russo, o que não demoraria a chegar.

- Um Judas? - repetiu Blobel. - Neste grupo?

- Tenho certeza de que não haverá traições - contemporizou Heydrich. - O

capitão Dorf referia-se segundo creio, à necessidade de manter segredo.

- Como é possível fazer segredo de uma missão destas? - insistiu Blobel.

- Nada de ordens escritas - apressei-me a elucidar. -Nenhumas referências ao *Führer*. Total cooperação por parte do Exército. O programa de reintegração

deve efetuar-se rapidamente e sem deixar vestígios. Mesmo em conversas casuais, e muito particularmente em relatórios escritos, deveremos abolir palavras que descrevem exatamente as ações dos *Einsatzgruppen*.

O coronel Ohlendorf - um indivíduo de óculos, simpático, a própria imagem do professor transformado em militar - tamborilava no vidro da taça.

- Talvez não seja fácil - comentou. (Não é apenas um advogado e economista mas também um perito em jurisprudência.)

- Nada importante o é - comentei.

Ohlendorf fitou-me. Estava um pouco ofendido. A verdade é que não sou apenas um jovem oficial, mas um seu colega de advocacia.

Blobel pegou-me, subitamente, no braço e afastou-me do grupo. Voltaram a troçar de Biberstein sobre a sua carreira eclesiástica. Ohlendorf fazia-lhe uma pergunta teórica quanto a uma sanção cristã para medidas antibolchevistas.

- Ouvi falar de si, Dorf - disse Blobel, que se expressava num tom de voz velhaco e untuoso. - Como sendo o monitor de Heydrich, o seu espião. Contaram-me que conseguiu badalar um carrilhão aos ouvidos de Hans Frank.

Aprendi muito desde que ingressei na profissão. Uma das regras consiste em nunca mostrar medo, ainda que o tenhamos. Blobel é meu superior e está encarregado de importantes tarefas de campo, mas encontro-me próximo de Heydrich.

- Foi mal informado, coronel - respondi. - Eu e o governador Frank tivemos uma conversa útil e construtiva.

Preparava-se para me retorquir maliciosamente na altura em que Heydrich nos pediu que nos reuníssemos em redor do mapa da Rússia.

- Uma área vasta - observou Heydrich. - E uma missão ainda mais vasta. A eficiência e produtividade serão requisitos indispensáveis. Serão vigiados. O capitão Dorf será destacado para a frente russa na qualidade de uma espécie de caixeiro-viajante do meu gabinete.

- Para vender o quê? - explodiu Blobel. - Extermínio?

Soaram alguns risos nervosos, a que não aderi.

-Tenha cuidado com a escolha das palavras, Blobel- avisou Heydrich. - Informará

o capitão Dorf das suas ações e campanhas, mas escrevendo o menos possível.

- Permita-me que sugira que o nome do *Führer* não seja mencionado, senhor -

acrescentei. - O próprio *Führer* não pôs o preto no branco, não escreveu com exatidão o que pensava, embora se tivesse expresso claramente perante os generais.

Vi que os vários coronéis e majores, os homens que dirigiriam os grupos de ação, me olhavam com um misto de respeito, desconfiança e surpresa. Alguns tinham ouvido falar do jovem inteligente do gabinete de Heydrich e outros tinham travado um breve conhecimento comigo. Mediam-me com o olhar e não se mostravam nada simpáticos.

Quase juraria que ouvi Ohlendorf comentar para Blobel:

- Teremos de lhe dar o tratamento devido.

Heydrich voltou-se para o mapa pendurado na parede.

- Mais de mil e seiscentos quilômetros de frente russa de que nos temos de encarregar após a invasão - observou. - Do Báltico ao mar Negro.

- E os nossos grupos apenas serão de três mil homens no total? - perguntou Blobel.

- Faz parte do desafio, coronel - retorqui. - O plano inclui o recrutamento da milícia local simpatizante: ucranianos, lituanianos, bálticos. Sentir-se-ão contentes por participarem na reintegração dos Judeus.

Ohlendorf, com o espírito de homens de leis que o caracteriza, sacudiu a cabeça.

- Permita-me observar-lhe, general, que as ações pretendidas são mais complicadas do que meras recolonizações. Pastorear os Judeus para Varsóvia ou Lublin ou qualquer outro campo é uma coisa totalmente diferente desta.

- Mas em certa medida mais fácil - retorquiu Heydrich.

- Não precisam de ser alimentados, vestidos nem que se lhes dê assistência médica.

- Claro. Mas estou a pensar nas pilhas de caixas de munições - riu Blobel, no que não foi acompanhado pelos outros.

Heydrich gostava de Ohlendorf. Era muito parecido comigo: grave, exato, com espírito analítico.

- O coronel Ohlendorf defende um ponto de vista. Tenham bem presente que a chave das nossas operações estará na mobilidade. A partir do momento em que uma região esteja nas mãos do Exército, devemos encontrar-nos um passo atrás, prontos a montar o cerco a bolchevistas, comissários, judeus, ciganos, quaisquer elementos indesejáveis. O Exército dará a sua colaboração. Aceitaram a Ordem Comissarial do *Führer* e foram, mesmo, a ponto de a melhorar. Leia-lhes aquela ordem recente do Exército, Dorf.

Procurei na pasta o documento a que o chefe fizera referência:

- Instruções gerais para tratamento de chefes políticos e de outros, de acordo com as ordens do *Führer* de Março de 1941. Onze categorias de pessoas da União Soviética encontram-se designadas como sujeitas à nossa jurisdição.

- Jurisdição! - explodiu Blobel, já bastante embriagado.

- Uma vala e uma metralhadora.

Não lhe prestamos atenção e prossegui a leitura:

- As categorias incluem elementos criminosos, ciganos, entidades oficiais do Estado e do partido soviético, agitadores comunistas e todos os judeus.

- Isso é uma lista do Exército? - inquiriu Biberstein.- Não é uma lista das **SS** ?

- De certo modo - respondeu Heydrich. - Tomaram a palavra do *Führer* à letra.

Só que a jurisdição destes grupos nos pertencerá. Contudo, dá-vos uma idéia do sincero desejo de colaboração por parte do Keitel e de outros.

- Sinto curiosidade em saber se haverá exceções - observou Ohlendorf.

- Exceções? - repetiu Heydrich.

- Sim. Pessoas que nos sejam úteis... mão-de-obra... colaboradores...

- Evidentemente - assentou Heydrich com um aceno de cabeça: Servir-nos-emos de alguns elementos antibolchevistas, como é óbvio ucranianos. E os próprios russos que não tenham conotação política serão utilizados para trabalhos forçados, pois para mais não servem.

- E... quanto aos Judeus? - interferiu Biberstein que cruzava e descruzava os dedos. - A ordem do *Führer* faz qualquer exceção?

- Nenhuma - retorquiu Heydrich.

- É tudo suficientemente claro - comentou Blobel, arrotando. - Sempre pensei que fosse esse o objetivo deste encontro.

- Não quero que fiquem com dúvidas - disse Heydrich.- Seja como for, há que libertar a Europa dos Judeus.

- E deveremos pressupor que esta ordem provém...?- Ohlendorf deixou a pergunta pendente.

Heydrich fitou-me:

- Peço-lhe, Dorf, que, dentre o seu arquivo de excelentes memorandos, retire o que se refere às conversações do *Führer* com o embaixador italiano.

Procurei na pasta e encontrei o documento em causa.

- Há alguns anos - declarei - o embaixador de Mussolini queixou-se de que o Duce se preocupava com a nossa campanha contra os Judeus. Receava que a imprensa estrangeira se sentisse ofendida, e assim por diante.

- Tipicamente italiano - comentou Ohlendorf. - Todos rimos.

- O *Führer* informou o enviado de que, dentro de quinhentos anos, Adolf Hitler seria venerado. Mesmo que mais não fosse, pelo menos como o homem que

varrera os Judeus da superfície da Terra.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Em Junho de 1941, Helena e eu - fosse para melhor ou pior, não sei - entramos na Rússia.

Na ponta ocidental da Ucrânia, no local onde a Checoslováquía, a Hungria e a União Soviética convergem - roubara um mapa de uma estação de estrada de ferro, semanas atrás -, atravessamos muito simplesmente uma vedação de arame e entregamo-nos a um soldado russo.

Era um trabalhador rural, com um uniforme largo e cinzento. Ficou com a espingarda que eu tirara ao húngaro meses antes e fez-nos avançar até um acampamento do Exército Vermelho.

O desmazelo e a indiferença dos Soviéticos surpreenderam-me. Por toda a Checoslováquia tínhamos visto movimentação de tropas, tanques e caminhões na direção de leste. Com que objetivo? Alguns fazendeiros eslovacos tinham-nos escondido durante alguns meses, dando-nos cama e comida a troco de trabalho no campo. Havia dias em que o céu se apresentava coberto de uma poeira amarelada, devido à infindável parada de equipamento mecanizado em movimento. Os eslovacos trataram-nos de uma forma bastante decente. A aldeia era tão "apagada", que as **SS** nunca se incomodaram em enviar qualquer grupo de inspeção para aquelas bandas.

Contudo, agora estávamos na Rússia, em frente de um capitão de infantaria do Exército Vermelho, sentado com as botas apoiadas numa mesa e encarando-nos com desagrado e indiferença.

- Onde arranjaram a espingarda? - dirigiu-se a Helena.

Verificou tratar-se de uma velha arma de fabrico italiano.

- Roubei-a - retorqui.

Helena, que falava um russo excelente, aconselhou-me a manter a calma. Seria ela a encarregar-se do diálogo. Não tenho certeza do que disse ao oficial russo, mas este não pareceu surpreendido. Helena voltou-se para mim, desiludida. - Sempre a mesma história. Afirma não estarem contra os Alemães - traduziu. -

Pergunta se ignoramos que Stalin e Hitler assinaram um tratado e são bons amigos.

- Fala-lhes dos tanques e caminhões alemães.

Helena obedeceu. Denotou ainda menor surpresa. Levantou-se. Era um indivíduo alto, gingão, de rosto corado e vestido com um uniforme desmazelado e com nódoas. Os soldados andavam por ali a dar pontapés numa bola de futebol. De uma cozinha no campo, chegou-nos o cheiro de um guisado. Estavam absolutamente seguros das boas intenções dos Alemães.

Helena continuou a falar, "flertando", mentindo, tocando-lhe no braço. Disselhe que éramos da Checoslováquia e receávamos os Alemães. "Porquê?", quis saber.

"Oh! Éramos membros devotos do partido", mentiu. Acrescentou que tínhamos freqüentado a Academia Marxista-Leninista de Praga (não existia tal coisa) e as nossas cabeças estavam a prêmio.

Em seguida, vi que o capitão fazia sinal ao soldado que nos trouxera e lhe dizia:

- Zhidn.

Conhecia bem o significado da palavra: "judeus".

- Sim, camarada capitão. Somos judeus - confirmou Helena. - Mas também marxistas devotos e admiramos a pacífica União Soviética e o seu maravilhoso povo.

Seguiu-se um debate: entre um dos oficiais mais novos, o qual exigia que fôssemos recambiados para a fronteira e o nosso capitão de rosto rubicundo, cuja decisão final foi a de que podíamos ficar, mas não no seu acampamento.

- Não estamos em luta com os Alemães - declarou o oficial jovem.

- Virão a estar - explodi. - Volta a repeti-lo, Helena.

Ela obedeceu.

- Bah! Manobras - comentou o capitão, com um ar de indiferença. Na sua opinião a última coisa de que os Alemães necessitavam seria de uma guerra de

duas frentes, e fez uma pequena preleção a Helena sobre política internacional. A Inglaterra submeter-se-ia e, em seguida, o Mundo seria dividido entre a Rússia e a Alemanha.

- Por favor, camarada capitão, deixe-nos ficar – implorou Helena. - O meu pai foi o fundador do Partido Comunista em Praga. (Uma mentira ousada a que, no entanto, não se furtou; o seu pai fora sionista anos a fio.)

- Beija esse filho da mãe, se for necessário - decidi.

Helena pôs-lhe os braços em redor do pescoço e beijou-o na cara. Embora estivesse queimada do sol, sem a habitual frescura de pele e com o cabelo desgrenhado, continuava a ser uma rapariga bonita e jovial. Exercia uma atração a que nem a polícia checa ou os oficiais do Exército Vermelho conseguiam resistir.

Concordou, finalmente, em nos mandar para a cidade ucraniana de Kiev. Ali haveria certamente um centro de refugiados, e seríamos devidamente registrados, talvez metidos na prisão ou interrogados, ou obteríamos emprego no caso de conseguirmos provar a nossa lealdade à URSS. Tudo se apresentava terrivelmente confuso e incerto.

Pelo que Helena me informou, concluí que o oficial se queria ver livre de nós.

Significava uma menor sobre carga burocrática.

Voltou a beijá-lo.

- Por Marx, Lenine, Stalin e por si, camarada capitão.

Este deu-lhe uma palmada no traseiro e meteu-nos num caminhão a abarrotar de pessoas de toda a qualidade que se tinham infiltrado, furtivamente, na União Soviética -

húngaros, eslovacos... -, todos pretextando serem refugiados políticos dos Alemães.

Não demorámos a ver-nos a caminho, ao longo de uma estrada poeirenta. O

caminhão avançava aos solavancos, que nos atirava uns de encontro aos outros, e

as nuvens de poeira sufocavam-nos. Um velho judeu, acocorado ao meu lado, não parava de rezar, balouçando-se para a frente e para trás e murmurando orações hebraicas. Sabia *yiddish* o bastante para poder compreender que estivera de visita a parentes perto da fronteira e se dirigia agora de regresso a casa, em Kiev.

- Que gênero de cidade é, avô? - perguntei.

- Bonita. Grande. Cinemas. E muitos judeus, com as suas próprias sinagogas e lojas.

Abracei Helena e o velho perguntou-me se era minha mulher. Respondi afirmativamente, mas mostrei-me relutante em falar muito.

Meia hora mais tarde, naquele avanço pela estrada esburacada, a caminho de Kiev, ouvimos o troar de armas. Parecia equipamento de potência, artilharia pesada.

Um trabalhador, vestido com uma roupa suja, pôs a mão em concha no ouvido e disse qualquer coisa a Helena.

- O que foi? - perguntei.

- Diz que é o Exército Vermelho. Há uma brigada de artilharia nas proximidades.

***

Muller mentira a Inga. Não fez qualquer esforço para tirar Karl do trabalho da pedreira. Desconheço como o meu irmão conseguiu sobreviver durante esses meses.

Por fim, Inga, pressentindo que estava a ser ludibriada- levava uma carta todos os meses e recebia outra em troca, pagando o preço de Muller -, exigiu que este mudasse Karl para o trabalho que lhe prometera. Nas suas cartas, Karl dava a entender a Inga que continuava na pedreira, à mercê dos chicotes, maças e cães dos guardas das **SS**.

Muller divertia-se a espicaçá-lo. Weinberg, que também se encontrava nos trabalhos forçados da pedreira, recorda-se do dia em que Karl foi finalmente transferido.

Lembra-se porque foi o dia em que os guardas das **SS** mataram dois ciganos a tiro.

Weinberg contou que os ciganos enfureciam os **SS**. Recusavam-se a trabalhar e quando acabavam por se dirigir, a resmungar, para a pedreira ou o "jardim", não tinham rival em arranjar artimanhas engenhosas. Além disso, fingiam não ouvir os guardas, o que era considerado uma ousadia ilimitada ou uma obstinação. Pagaram o seu preço.

Estava um dia quente. Weinberg recorda-se de que dois dos ciganos da secção de Karl tinham acendido pontas de cigarro. Quando o guarda lhes ordenou que parassem de fumar, um dos ciganos soprou imediatamente o fumo na direção do guarda.

Foi enviado um *kapo* para os espancar e não levou a melhor na luta. Karl, Weinberg e os outros da pedreira – homens mortos de fome e esgotados, que dificilmente sobreviviam no dia a dia - ficaram a observar os ciganos que com laivos milagrosos de energia, arrancaram o cassetete ao *kapo* e, rindo, acabaram de fumar.

Sem qualquer aviso, o guarda **SS** abriu fogo com a metralhadora e os dois ciganos tombaram na pedreira: dois montes de roupa ensanguentada. Na opinião de Weinberg parecia terem recebido a morte alegremente.

- Pobres safados! - exclamou Karl. - Mais corajosos do que muitos de nós.

- Mas estúpidos !- observou Weinberg.

O guarda **SS** ordenou ao meu irmão e a Weinberg que arrastassem os cadáveres pela ravina acima.

- Receberão a mesma moeda, judeus, se não se despacharem - gritou o **SS**.

Karl e o amigo meteram-se nas águas sujas da fossa e puxaram um dos cadáveres para fora.

- Agora, o outro - ditou o guarda. - E levem-nos para o crematório.

Muller, que estivera a observar a cena - nada havia de especial no assassínio de presos a tiro por ligeiras infrações -, deteve Karl, na beira da pedreira. Falou ao

guarda que matara os ciganos.

- Quero o Weiss - disse.

Um outro preso recebeu ordens para ir buscar o segundo cigano e Muller puxou o meu irmão para o lado. Pararam junto da casa onde eram guardadas as ferramentas da pedreira.

- A tua mulher não falha a escrever - observou Muller.

- Esteve cá hoje?

- A tabela. A visita do mês.

- Pelo amor de Deus, Muller. Deixe-me vê-la. Uma vez pelo menos.

- Oh. Já se foi embora. É perigoso demorar-se por aqui. Para os implicados.

- Leva-lhe uma carta minha?

- Claro. Aqui está a sua. Vá. Leia-a.

- Mais tarde. Quando estiver só.

Muller sorria-lhe: um sorriso estranho e de posse.

- Sente-lhe a falta, não?

Karl fez um aceno afirmativo de cabeça.

- Não me pode tirar daqui, Muller? Conhece a família da Inga. Esqueça o que sou. Para quê fazer sofrer a Inga?

- Não esteja assim tão certo de que ela sofre – retorquiu, depois de uma pausa.

- O que quer dizer com isso? - perguntou Karl.

- As mulheres lá se arranjam.

- Porque... com os diabos... porque sorri dessa maneira? Ela contou-lhe alguma coisa?

- Tudo isto é um negócio, Weiss, um negócio – respondeu Muller, cujo sorriso se transformara num esgar. - Acha que arrisco o pescoço a servir de correio sem receber a minha paga?

- Está a mentir - explodiu Karl, que se sentia como se Muller o tivesse atingido com uma pancada em plena nuca.

- Porque acha que vem aqui pessoalmente? Podia mandar-me as cartas pelo correio.

- Deus do céu... você... você obriga-a...

- Nada de dinheiro. E não e obrigo a nada, Weiss. Nada faz contrariada.

Karl cerrou os punhos. Mais tarde disse a Weinberg que estava disposto a morrer da mesma maneira que os ciganos, desafiando, lutando, protestando. Contudo, o meu irmão não era combativo. Nunca o fora. E estava convencido de que qualquer dia voltaria a adquirir a liberdade.

- Vocês querem sempre qualquer coisa a troco de nada- comentou Muller com um abanar de cabeça reprovativo. - Não admira que toda a gente vos odeie.

- Não quero as cartas dela. Não me traga mais.

- Nem pense nisso, rapaz. Se recusar, o caso pode ficar muito feio para si.

- Pouco me interessa.

- Claro que se interessa. Não ficará na prisão eternamente. Um dia, o *Führer* decidirá que vocês, Judeus, pagaram a conta devido e sairão. Nem sequer notará

qualquer diferença nela - acrescentou com um olhar irônico para Karl.

Karl tentou afastar-se e voltar ao trabalho. Muller pegou-lhe no braço:

- Não seja estúpido, Weiss. Jogue com as minhas cartas.

- Largue-me.

- Vai escrever-lhe uma carta maravilhosa, dizendo-lhe que deve continuar a vir aqui. Eu leio-a depois, para ter certeza.

- Vá para o diabo. Não quero escrever-lhe nem voltar a vê-la.

- Quer acabar como esses ciganos?

- Talvez fosse a melhor solução.

Muller fez um gesto na direção de Engelmann, o guarda que assassinara os dois ciganos. Era um indivíduo gordo e cabeçudo, visivelmente homossexual, e aproveitava-se dos presos mais jovens.

- Ou talvez lhe agradasse mais ser um dos amiguinhos de Engelmann. Por outro lado, talvez seja já velho e magro de mais para os gostos dele.

- Basta, Muller.

- Estou prestes a fazer-lhe um favor. Amanhã, encarrego-me da sua transferência para o estúdio dos artistas. Um trabalho fácil. Debaixo de telha. No entanto, terá de continuar a escrever à Inga.

- Não.

- Acho que mudará de opinião depois de ter passado uma noite com o Engelmann.

Karl olhou para Weinberg e para os outros que desciam pela pedreira, a fim de recuperarem o cadáver do cigano - o corpo tinha, aparentemente, desaparecido nas águas lamacentas -, e cedeu. Contudo, não pronunciou palavra a Muller.

Muller avançou na direção de Engelmann.

- Trata bem o meu amigo Weiss. Vai ser requisitado para o estúdio dos artistas.

É um indivíduo sensível que se está a perder neste trabalho da pedreira.

- Isso fica para amanhã, Weiss - comentou Engelmann.

- Hoje, ainda continua a picar rocha.

- E o judeu nem sequer me agradece - comentou Muller para Engelmann com uma piscadela de olho.

***

Dado o temperamento que os caracterizava, os meus pais continuavam a fazer os maiores esforços para tornar a vida suportável aos judeus presos no gueto.

A minha mãe ofereceu-se voluntariamente para ensinar música e literatura. Por estranho que pareça, no meio de toda aquela doença, fome e degradação, os judeus continuavam a fazer força para que os filhos freqüentassem a escola. Havia as aulas seculares (onde a minha mãe ensinava) e as religiosas.

Os pais faziam o possível para que os filhos se apresentassem limpos e lavados na escola, embora houvesse uma enorme falta de roupa. Existia até um café onde

à noite se efetuava um espetáculo de variedades, bem como um grupo de teatro e concertos.

Tudo isto numa atmosfera de excesso populacional, de falta de condições de higiene, dietas de pão e batata e uma espécie de crescente derrotismo, uma percepção de que, agora que o muro os aprisionara, estavam condenados a um isolamento da parte "ariana”

da cidade.

Um dos estudantes que mais problemas dava à minha mãe era um rapaz de treze anos, chamado Aaron Feldman, pálido, de orelhas grandes, considerado o rei dos contrabandistas juvenis. O contrabando conseguia que o gueto sobrevivesse em muitos aspectos. Alguém que conseguisse escapar furtivamente através de um túnel, de um buraco ou servindo-se de qualquer artimanha e tivesse dinheiro ou mercadoria para negociar (ou a ousadia suficiente para roubar) ajudava a alimentar e a abastecer os judeus.

Aaron chegava freqüentemente atrasado, com o casaco esfarrapado a servir de esconderijo a alguns ovos, uma lata de presunto e, algumas vezes, até uma galinha. A minha mãe estava a par do que se passava, mas não tinha coragem de o repreender, mesmo quando aparecia já a meio do ensaio de uma rapsódia de canções populares do gueto. Cito aqui o nome de Aaron por me parecer o tipo de miúdo digno de merecer a minha admiração. Mais tarde, quando o gueto se dispôs a combater os *nazis*, ele desempenhou um papel relevante. O seu contrabando beneficiava mais os judeus do que qualquer reunião, concordata, ou debate.

O meu pai, que trabalhava horas infindáveis no Hospital dos Judeus e continuava a prestar serviço no *Judenrat*, chegou a ir um dia à escola para avisar Aaron de que devia cessar a sua atividade. Os policiais do gueto tinham visto Aaron sair de buracos abertos no pavimento e desaparecer noutros, abertos no muro. Até essa altura, tinham fechado os olhos, mas o meu pai avisou o jovem de que da próxima vez que o tentasse seria preso.

- Não me prenderão - respondeu Aaron. - Dou-lhes ovos.

- Os ovos talvez os satisfaçam, mas não aos alemães quando apanham os contrabandistas. Não tens medo?

- Claro. Mas continuarei a fazê-lo. Não me obrigarão a morrer à fome.

O meu pai riu. Talvez visse um pouco de mim naquele miúdo esperto, que recusava ficar de braços cruzados e deixar que o tratassem como a um escravo.

Eva recorda-se de que, quando o meu pai devolveu o estudante delinquente à

aula a cargo da minha mãe, olhou de lágrimas nos olhos a mulher que, sentada ao piano, ensinava as canções. E nos corredores - Eva também se recorda - havia desenhos coloridos pintados pelas crianças mostrando como seria o "novo gueto depois da guerra": árvores, parques, locais de recreio, as mães a empurrarem carros de bebê, bicicletas. O meu pai e os outros que visitavam a escola paravam freqüentemente a observar os desenhos das crianças e interrogavam-se sobre se chegaria esse dia, que representava a concretização de um sonho.

Pouco depois de ter tentado levar Aaron a mudar de tática o meu pai assistiu a uma reunião do Conselho Judaico de Varsóvia. O racionamento de comida era, na altura, um problema grave e imediato. O Dr. Kohn, o presidente do Conselho, concentrava as suas esperanças nos saudáveis e produtivos. Gente esquelética e meio morta, coberta de farrapos, pululava nas ruas, pedindo ou simplesmente vencida, deitando-se na valeta ou numa esquina à espera da morte.

- Temos de tentar alimentar todos - argumentou o meu pai.

Zalman, o chefe sindicalista, mostrava-se deprimido:

- Há muito que os contrabandistas nos têm vindo a manter. Contudo, os *nazis* estão a assassiná-los a tiro.

- Exato - concordou Kohn. - E mais vinte judeus, de cada vez que apanham um.

O meu pai, que acabara de ler a coragem nos olhos de Aaron Feldman, descontrolou-se, o que era raro nele. Deu um murro na mesa:

- Esses rapazes que se esgueiram através dos buracos podem ser a nossa salvação.

- Isso é um disparate! - explodiu Kohn. - Acabarão por nos causar a morte.

Nesta altura, um jovem magro, de aparência vulgar mas com um ar calmo e

estranhamente autoritário, levantou-se do lugar que ocupava ao fundo da sala. Tal como Zalman, dava a sensação de um operário de qualquer arte. Estava vestido com roupas e boné de proletário.

- Seja como for, todos acabaremos por morrer - pronunciou, fitando calmamente o Dr. Kohn.

- Desculpe?

- Disse que todos acabaremos por morrer.

- Como o sabe?

- Já começou. Os *nazis* estão a matar os judeus da Rússia. Não apenas dez, vinte ou uma centena. Estão a eliminar os guetos. Não haverá mais guetos como este ou outro qualquer. Apenas sepulturas em série.

Falava de uma maneira calma, mas tão autoritária que se fez um silêncio absoluto na sala da reunião.

- O que está para aí a dizer, jovem? - interferiu o meu pai. - E como sabe isso?

- Estou a referir-me a assassínios em massa. Mudaram de política. Estes guetos não passam de pontos de reunião. Na Rússia, milhares e milhares de judeus estão a ser sistematicamente mortos a tiro pelos alemães. Têm intenção de assassinar todos os judeus da Europa. Recebemos informações dessas comunidades.

- Tudo isso é ridículo. Boatos - comentou o Dr. Kohn, recostando-se na cadeira, mas reduzindo-se ao silêncio,

- Como se chama, jovem? - quis saber o meu pai,

- Anelevitz. Mordechai Anelevitz. Sou sionista. Contudo, não interessa quem somos ou o que somos, ricos ou pobres, jovens ou velhos, comunistas, socialistas ou burgueses. Acabarão por nos matar a todos.

- Quem deixou entrar este homem? - foi tudo o que o Dr. Kohn conseguiu articular como resposta ao desafio do homem do boné.

- Declaro perante este Conselho e a todos vós que não devíamos apenas desviar

comida mas também armas e granadas.

Esta afirmação, feita por um homem do proletariado e vestido com roupas sujas, enraiveceu o Dr. Kohn,

- Silêncio! - gritou. - Não sei quem é, mas está a falar disparatadamente. Esse tipo de conversa é uma garantia das nossas mortes.

O meu tio Moses também estava presente nessa reunião. Apelou a Kohn para que deixasse falar Anelevitz à vontade.

- Nem mais uma palavra! - gritou Kohn. - Estou mesmo a ver esta cidade de judeus semimortos pela fome e minados pela doença fazendo, de súbito, frente ao Exército alemão... Os Alemães limparam toda a Polônia em vinte dias, Anelevitz. Estão atualmente a avançar pela Rússia e a aniquilar as melhores divisões de Stalin. E somos nós quem vai resistir a tal poder?

- Devemos fazê-lo.

- Sei tudo sobre vocês, militantes sionistas, jovem - retorquiu Kohn, tentando uma tática diferente - e sobre as vossas reuniões secretas. Todos uns sonhadores! A luta não faz parte da maneira de ser dos Judeus. Sobrevivemos durante milênios mediante uma acomodação. Ceder um pouco aqui, submeter-se além, firmar um negócio. Arranjar um aliado, um amigo, talvez alguém, príncipe, um cardeal, um político...

- Não estão a lidar com cardeais nem políticos – interferiu Anelevitz. - Os *nazis* são assassinos de massas. O seu principal objetivo na conquista da Europa consiste na matança dos Judeus. O que quer que façamos, por mais submissos que nos revelemos, seja quais forem os negócios que lhes ofereçamos ou por mais que trabalhemos para eles, não nos pouparão.

Eva recorda-se de que um pesado silêncio pairou na reunião. Alguns concordaram com Anelevitz. Ao que parece, tinha surgido de algures, um homem humilde e de fala direta. Contudo, expressara em voz alta pensamentos que alguns já

acalentavam no íntimo.

- Já chega - exclamou o Dr. Kohn. - Não queremos ouvir mais. Vá-se embora.

- Dado este Conselho ser demasiado covarde para dar ordens de armamento e luta, os sionistas fá-lo-ão. Não tencionamos morrer sem lutar.

- Ordenei-lhe que se fosse embora - gritou Kohn. - E tenha cuidado com a língua. Não espalhe idéias desse gênero.

- Vocês todos acabarão por morrer aqui, batendo a pala aos alemães, apresentando-se para destacamentos, enviando gente para as fábricas, assistindo às aulas, debatendo a Tora. Não têm autoridade, nem a representam.

- Ponham-no lá fora! - gritou Kohn.

Contudo, ninguém fez qualquer movimento. Anelevitz tinha lançado uma espécie de toque de magia na sala. Lançou um olhar de apelo dos membros do Conselho, não descobriu quem o apoiasse sem rodeios e saiu: uma presença perturbadora.

O meu pai e o meu tio Moses levantaram-se logo a seguir e foram atrás dele pelo corredor sombrio.

- Sou o doutor Josef Weiss - apresentou-se o meu pai.- Este é o meu irmão Moses. Passamos a maior parte do tempo no hospital.

- Sei quem são - retorquiu Anelevitz.

- Faltam-se... faltam-me as palavras. Não somos sionistas. Não temos conotação política. Somos profissionais que tentamos tornar a situação um pouco mais fácil para a comunidade.

Anelevitz informou-os de que as suas crenças políticas, as crenças de quaisquer judeus, pouca importância tinham para os *nazis*. Calmamente e num tom seguro, explicou que os Alemães acabariam por matar todos, a longo prazo. O meu pai nunca tinha acreditado em tal. Tampouco Moses. Contudo, entreolharam-se, sentindo-se possuidores de uma nova tomada de consciência. Havia qualquer coisa de tal forma convincente e de uma sinceridade tão profunda no comportamento do jovem que se sentiram obrigados a falar-lhe.

- Podemos... podemos conversar um pouco? - perguntou o meu pai.

- Claro. Precisamos de membros do Conselho. Somos na maioria gente

trabalhadora, estudantes, jovens.

E foi desta forma que o meu pai e o meu tio se deixaram atrair pela Resistência.

Interrogaram-se, na altura, sobre o porquê de serem tão poucos a resistir. O que levava a maioria dos judeus do gueto a agirem como se a vida pudesse continuar - com escolas, teatros, religião, empregos -, quando o que os esperava era uma eventual chacina? Não estou certo de que ele ou Moses o tenham entendido na altura. De uma forma estranha e com o poder psicológico de demônios, os Alemães haviam-lhes destruído a vontade de viver, fazendo com que tivessem de se agarrar à vida.

Tamar afirma, com razão, que o registro da resistência entre europeus de maior força e mais numerosos se apresenta irregular. O totalismo absoluto do terror *nazi*, os requintes da polícia do Estado, o recurso sem hesitações a assassínios, torturas, mentiras, privações, humilhações, deixavam as pessoas sem defesa. Se se criticar os Judeus por não terem oferecido resistência como deveriam, o que se dirá então de nações inteiras como a França, onde a resistência foi marginal? Não é um problema fácil de resolver. Sob quaisquer hipóteses, o meu pai e o meu tio Moses envolveram-se numa situação de compromisso.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Ucrânia

Setembro, 1941

Todo eu tremo. Tenho, no entanto, de escrever objetivamente. Tentar esquecer.

Não, compreender. Finalmente, também matei.

Na qualidade de "olhos e ouvidos" de Heydrich, encontro-me atualmente nos arredores de Kiev, a vigiar o funcionamento do *Einsatzgruppe* C, sob o comando do coronel Paul Blobel. Detesto Blobel. Bebe demais e dirige a operação de uma maneira desorganizada. Interrogo-me sobre o que terá levado Heydrich a deixá-lo avançar até

este ponto. No entanto, encontra-se aparentemente empenhado em cumprir a missão, e rapidamente. Para a concretização do nosso mandato há necessidade de um tipo específico de alemão; e presumo que este Blobel, apesar das suas

falhas, se enquadra nas características desejadas.

Paramos, primeiramente, numa caserna de homens recrutados, onde alguns dos novos estavam a receber instrução. Existem aproximadamente mil homens em cada um dos quatro grupos de "Comando de ação", os quais foram recrutados nas **SS**, na *SD*, na Polícia Criminal, etc. Também nos serviremos de elevado número de ucranianos, lituanianos e bálticos, sem compulsões quanto a um tratamento especial dos judeus.

- Também recrutamos uma série de inúteis e intrujões - informou Blobel, ao aproximarmo-nos das casernas. Alguns homens descansavam, em camisa interior - a Ucrânia pode ser terrivelmente quente em Setembro -, a ler, e escrever cartas e a limpar as armas. Ninguém se pôs em sentido quando Blobel, eu e o nosso grupo nos aproximamos.

- Estão cansados - observou Blobel. - E pouco se lhes dá. Mantêmo-los despertos com *schnaps*.

Um sargento pôs-se de pé e fez uma saudação lenta.

- Tudo corre bem, Foltz. Descansar - ordenou Blobel.

- Chegaram mais homens hoje, senhor.

- Belo, belo, belo. Dá-lhes instrução.

Ouvi Foltz dar as boas-vindas a um dos recém-chegados, que se chamava Hans Helms e estivera numa divisão de infantaria, tendo sido designado para o *Einsatzgruppe* C.

- Vai gostar disto por aqui - troçou o sargento Foltz.- Ninguém vai disparar contra si. Regularidade de horários. E dividimos o saque, depois de os oficiais ficarem com a sua parte. Não faça essa cara, Helms.

- Sou um soldado de combate - retorquiu Helms. - Não pedi para me juntar a esta unidade de merda.

- Aprenderá a adaptar-se - assegurou Foltz.

O recém-chegado encaminhou-se para a caserna. Não me agradou o tom da

pequena preleção do sargento Foltz e disse-o a Blobel. O homem estava a troçar da nossa missão.

- Conversa fiada, Dorf. - retorquiu Blobel. - Que interessa a atitude, desde que matem?

- Está em causa o tipo de linguagem, Blobel. Não pretendemos referir a morte.

Sabe bem quais as palavras aprovadas.

- Oh, claro! - exclamou, voltando o rosto de lua cheia e rubicundo na minha direção.-O vosso maldito vocabulário. Tratamento especial. Ação especial. Reintegração.

Ação executiva. Comunidades autônomas judias. Transporte. Transferência.

Ignorei as palavras de Blabel. Não tinha qualquer obrigação de explicar a este homem, pouco sutil e de idéias limitadas, que as palavras de código servem para muitos objetivos. Em primeiro lugar, ocultam dos Judeus as realidades que os afetam.

Predispõem-se a dizer a si próprios que estão a ser "reintegrados" e mostram-se praticamente mais convictos nessa crença do que nós quanto aos desmantelarmos. Além disso, tudo fica mais facilitado nas nossas hierarquias e nas hierarquias dos nossos aliados.

A verdade é que continuamos a ser uma nação cristã, e há sempre a hipótese de que qualquer membro da Igreja bem-intencionado mas mal informado (como Lichtenberg) proteste em alta voz. O Vaticano mostra simpatia pela nossa cruzada contra o bolchevismo na Rússia. Para quê enlamear este entendimento gritando que tencionamos abater vários milhões de judeus? Há ainda a questão dos julgamentos finais, após dominarmos a Europa. Podemos, no entanto, dizer que alguns judeus pereceram, enquanto se procedia à reintegração, morreram devido aos seus deploráveis hábitos, à

sua tendência para propagar o contágio, ou foram executados por sabotagem e espionagem.

Blobel fez-me atravessar um prado, até uma área bosqueada. Em frente de uma pequena mata de altos vidoeiros e ulmeiros tinha sido, recentemente, escavada

uma vala enorme. A terra amontoada por detrás ainda parecia molhada. Calculei que esta vala teria uns três metros de largura por um e vinte de profundidade. Era bastante comprida: uns cento e cinqüenta metros.

- Obrigamo-los a cavarem - informou Blobel. - Estão convencidos de que se trata de trabalho de destacamento.

Diante da trincheira havia duas mesas de madeira. Em cima de cada uma viam-se uma metralhadora ligeira e cintos de munições. Havia igualmente garrafas de conhaque russo barato, copos, maços de cigarros. Por trás de cada arma estava um grupo de três homens, membros do *Einsatzgruppe* das **SS** chefiado por Blobel.

Deram-me a sensação de poucos cuidados: colarinhos abertos e botas por engraxar. Dois estavam a fumar e um terceiro sorvia conhaque em pequenos goles.

Dificilmente se pensaria numa unidade militar. Queixei-me da sua aparência ao coronel Blobel e estabeleci uma desagradável comparação com o Exército, em que os soldados se deviam apresentar limpos e em ordem, mesmo quando preparados para o combate.

De uma forma típica e rude, Blobel fez um reparo insultuoso a respeito do Exército, recordou-me que eu era um oficial das **SS** e fazíamos as nossas próprias regras.

Referiu-se a um "filho da puta" de um major do exército que se queixara sobre atividades "não alemãs" das **SS** ; Blobel pusera-o a andar com alguns insultos escolhidos.

Avistei os judeus à distância. Tinham colocado um grupo à beira da vala.

Estavam a obrigá-los a despirem-se sob a vigilância dos guardas **SS**. As roupas eram empilhadas cuidadosamente. Revistavam as pessoas em busca de valores: relógios e artigos do gênero. Era absolutamente despropositado o fascínio que alguns dos guardas mostravam pelas mulheres nuas e seminuas. Punham as mulheres em roupa interior -

calças, *soutiens* e cintas - e olhavam-nas. Ouvia comentários lascivos. Quando finalmente se viram totalmente nuas, as mulheres tentavam debalde cobrir os

seios e partes pudendas. Algumas seguravam os filhos ao colo. Havia velhas praticamente incapazes de se aguentarem nas pernas e uma que teve de ser transportada por dois homens.

Tratava-se de judeus de uma aldeia perto de Kiev, segundo me informaram.

Muitos eram ortodoxos, com compridas barbas, cabelo encaracolado e uma expressão perdida nos rostos magros. Não admira que Himmler e outros dos meus superiores tenham concluído que os Judeus pertencem a uma espécie sub-humana. Basta vê-los nus, expostos, com a pele branca e macia atormentada pelo sol quente da Ucrânia, para se saber que são diferentes das outras pessoas.

É curioso. Não sinto ódio por eles, mas a consciência que tenho de que são, na realidade, diferentes de nós e não passam de conspiradores e coniventes que, desde a era de Cristo até à nossa, atraiçoaram grandemente a História facilita-me a aceitação do que testemunhei pela primeira vez.

- Continua, Foltz - ordenou Blobel com um esgar na minha direção. - Obriga-os a entrar lá dentro. Não sobrecarregues a trincheira.

Gritaram ordens lá embaixo. Cerca de cinqüenta dos judeus nus foram empurrados, espancados com os cassetetes, obrigados a entrar na vala e a porem-se de frente para as duas mesas onde se encontravam as metralhadoras. Com grande surpresa, reparei que não mostravam resistência. Havia apenas uma certa lentidão por parte dos mais velhos. Os ortodoxos davam a sensação de rezarem. Uma mulher falou em surdina para o filho que segurava nos braços. Uma criança não cessava de perguntar quando iriam para casa. Iria jurar que uma miúda, de cerca de doze anos, queria saber se nessa noite ainda poderia fazer os trabalhos de casa.

Tudo acabou em segundos.

Ante um sinal do sargento Foltz, as armas dispararam, soltando labaredas cor de laranja. O cheiro acre da pólvora tapou-me o nariz. Através das nuvens de fumo, observei a queda dos judeus, montes de carne sem forma. Eram corpos pejados de pequenos buracos vermelhos.

A rapariguinha que acabara de perguntar se ainda poderia fazer os trabalhos de casa jazia sobre o corpo da mãe. Abraçavam-se naquela hora de morte.

- Duas balas por judeu, cabeça de abóbora! - dizia Blobel.- Esse filho da mãe do Von Reichnau que venha aqui e conte os buracos nos corpos, se quiser.

Levei rapidamente um bocado de plástico de proteção aos olhos. Estava a chorar. Percebi que não o fazia devido a um sentimento de compaixão pelos Judeus.

Tinham morrido tão fácil e rapidamente, sem uma queixa, que se torna difícil aceitar qualquer conceito de morte. Fazia-o por uma vaga percepção, perdida no inconsciente das horríveis dimensões da nossa tarefa. Heydrich convenceu-me, para lá de todas as dúvidas, de que estamos a formar uma nova civilização. Tornam-se necessários atos duros e cruéis. Posso dizer que assisti a um deles.

O sargento Foltz caminhava ao longo da vala, de *Luger* aperrada. Ajoelhou-se por três vezes e disparou à queima-roupa.

- Porque está a fazer aquilo? - perguntei a Blobel.

- As vezes, não morrem logo - respondeu. - Um ato de piedade. É preferível a enterrá-los vivos. Contudo, também acontecem dessas coisas quando andamos muito ocupados - acrescentou, cerrando as olhos na minha direção, como se suspeitasse que estivera a chorar. Não fez, porém, quaisquer comentários.

Os seus modos falsos e obscenos convêm ao trabalho que executa. E terei de cultivar uma defesa semelhante. Nestas páginas posso referir-me francamente ao fato.

Informaram-me de que Ohlendorf, um outro chefe de um *Einsatzgruppe*, é capaz de intelectualizar a missão que lhe cabe. Professor, perito em transações e em jurisprudência, encara a eliminação dos Judeus como uma necessidade de ordem econômica e social. Certamente sou tão inteligente e corajoso como Ohlendorf; arrancarei uma página à sua cartilha.

Ocorreu-me um pensamento logo a seguir aos tiros: não existe futuro para os Judeus na Europa. São geralmente desprezados, seja por que motivo for. Estamos a solucionar um problema de dimensões praticamente universais. Os nossos meios e objetivos são idênticos. Ao eliminá-los da Terra, estamos a prestar um enorme favor à

humanidade. Um crítico do nosso movimento classificou-nos uma vez como "boêmios armados.” Sinto-me satisfeito por ser um deles.

Também aprendi com aquele tiroteio - depois de me ter recomposto - que, afirmando a minha considerável autoridade, fazendo o papel de "homem de Heydrich", posso abafar sentimentos de piedade, capazes de virem à superfície. Reparei por exemplo que havia civis a assistir à execução e que, pelo menos, dois homens, um deles soldado, estavam a tirar fotografias e a filmar. Um civil, vestido com uma samarra poeirenta, estava a tirar apontamentos.

Ordenei a Blobel que os dispersasse. Não queria que se tirassem fotografias nem que estivessem presentes jornalistas. Com grande alívio, concluí que, ao embrenhar-me nestes deveres insignificantes, conseguia superar quaisquer resíduos sentimentais relativamente às vítimas. Depressa começaram a me surgir como eventualidades, meros produtos secundários da nossa campanha. A guerra, como declarou Hitler, não se assemelhará a qualquer outra guerra da História, "não será feita à maneira medieval".

Estavam a mandar avançar um segundo grupo de judeus. Desta vez mostraram-

se menos submetidos ao destino. Algumas mulheres gritavam e arrancavam os cabelos.

Uma lançou-se aos pés de um dos guardas **SS**, abraçou-lhe as botas e tentou beijar-lhe as mãos e as pés. Teve dificuldade em a afastar para longe, ao pontapé.

- Heydrich receberá um relatório completo sobre esta operação desonesta -

declarei.

Ao dar ordens e ao tornar-me parte da cadeia de comando, conseguia desligar-me das pessoas metidas na vala. Alguns velhos, que se assemelhavam a profetas de barbas, entoavam orações em hebraico. Iniciou-se um estranho sussurro de lamentos.

Os Judeus adquiriram muita prática da morte, de servirem como vítimas sacrificadas.

Obedecem a uma rotina, uma espécie de processo talmúdico. Eichmann dissertou freqüentemente sobre este assunto. Facilita-lhes a morte.

Blobel distanciou-se de mim.

- Flotz! - gritou. - Dá ordens!

As metralhadoras dispararam uma vez mais. Pareceu-me o som da terra a abrir-se sob o impacto de um meteoro. Os judeus voltaram a cair sobre os corpos dos que tinham morrido uns minutos antes. A distância, um terceiro grupo – de nus e trêmulos -

estava a ser conduzido para a vala. E mais longe ainda, caminhões do Exército descarregavam mais judeus. Neste momento, já conseguira adquirir bastante controle. A vasta magnitude da operação - e sei que há centenas como esta, desde o Báltico ao mar Negro - fez-me superar a sensação do que poderia sugerir como crueldade. Esta gente têm de ser os nossos inimigos, os nossos rivais de raça, pessoas cuja progenitura poderia destruir a Alemanha, cujas ações vis, bem-estar e noções errôneas poderiam condenar a civilização ariana.

Levei algum tempo a perceber a absoluta verdade das convicções de Heydrich, derivadas do *Führer* e de Himmler. Contudo, têm de representar a verdade. Um povo talentoso, dinâmico, inteligente e artístico como os Alemães nunca participaria em tais atos se não fossem organizados, obrigatórios e benéficos para o futuro da nação.

Reconfortado com estas considerações, dispus-me a enfrentar Blobel.

- Farei um relatório crítico a seu respeito, coronel - informei.

- Fará o quê?

- Quero que limpe esta área de civis. Nem os homens das **SS** ou quaisquer outros terão licença para tirarem fotografias. Entendido?

Junto das metralhadoras, alguns **SS**, incluindo Foltz estavam a proceder à

escolha das roupas. Um homem gargalhava ruidosamente, exibindo um *soutien* de mulher, que fora bem provida.

- E não haverá mais coisas destas - acrescentei. - Quaisquer bens deixados pelos judeus reintegrados serão propriedade do Estado.

- Reserve essa conversa de merda para as reuniões.

- O seu tipo de linguagem será igualmente comunicado. Heydrich deu-me ordens para que vigiasse os *Einsatzgruppen*. O seu não obedece nem de longe aos padrões impostos.

O rosto colérico e gordo ficara escarlate. As feições de porco tinham manchas vermelhas, tal a irritação.

- Falhei, eu? Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Dorf. Ohlendorf, Nebe e todos nós temos os olhos em si. Conhecemos um espião quando o vemos.

- Não tente jogo baixo comigo, coronel. Estou diariamente em contato com Heydrich.

Murmurou qualquer coisa entre dentes, mas não encontrou as palavras exatas. Se se pode atemorizar os Judeus, destruir-lhes a vontade, devassar-lhes o interior, também é

possível domar um coronel Blobel, caso paire sobre ele a ameaça da humilhação ou da morte. Os nossos homens em campanha sabem que tipo de homem é Heydrich. Não teme nada nem ninguém. E, na qualidade de seu emissário, sirvo-me dessa força.

O sargento Foltz tinha dado ordens para que mais cinqüenta judeus avançassem para a vala. Os encarregados de disparar as metralhadoras sorviam conhaque em pequenos goles e fumavam com prazer.

Desta vez, a minha preleção teve o seu efeito. Blobel ordenou ao sargento que dispersasse os ucranianos, afugentasse o jornalista e impedisse que fossem tiradas fotografias.

As armas voltaram a despejar fogo; os judeus caíram. A pilha era, agora, bastante elevada, e imaginei que, depois do acréscimo de mais alguns grupos, teriam de se utilizar tratores para cobrir os restos e dinamizar grupos de judeus, munidos de pás, para enterrarem os seus próprios mortos.

Blobel estendeu, subitamente, a mão para o meu coldre, de onda tirou a *Luger*, que apenas disparara uma vez nos exercícios de tiro ao alvo das **SS**, em Berlim.

- O que está a fazer? - protestei.

- Ainda há alguns a mexerem, lá embaixo - riu. - Vá. Acabe com eles. Conhece a velha tradição. Só se é homem depois de se ter morto um judeu.

Ordenei-lhe que pusesse a minha *Luger* no local de onde a tirara. Em vez de me obedecer, enfiou-me na mão:

- Soldado de escrivaninha. Manga-de-alpaca. Desça lá abaixo e mate uns deles.

- Parecem todos mortos.

- Não se pode ter certeza. Os Judeus são como bolas de borracha. Saltam sempre.

Consigo ver alguns a mexerem-se.

Que mais podia fazer? Não corria qualquer risco a nível pessoal. Decerto os judeus não me fariam mal. Tinham morrido como carneiros, como frangos inofensivos.

As palavras de Heydrich ajudaram-me a agüentar quando desci a vertente arenosa na direção da vala fedorenta. O judaísmo no Leste é a fonte do bolchevismo e deve, portanto, ser eliminado, de acordo com os objetivos do *Führer*.

- É como comer macarrão - gritou-me Blobel. - Depois de se começar, já não se pode parar. - Os outros soltaram uma risada. - Pergunte aos meus homens como é, capitão – berrou. - Depois de se matar dez judeus, os cem seguintes são mais fáceis de abater e, quanto aos próximos mil, já nem se dá por isso.

O sargento Foltz seguia à minha frente. Abrimos caminho por entre os corpos nus e ensanguentados. Pareciam passadores com buracos vermelhos. É curioso como é

preciso tão pouco para se matar um homem. Mortos, os judeus davam-me a sensação de mais naturais do que vivos, de pé, à espera, rezando, numa aceitação da sentença que os condenara.

- Está ali um, senhor - indicou Foltz.

Apontou para uma mulher nova, de cabelos castanhos e longos. Tinha uma

expressão implorativa. As balas haviam-lhe penetrado nos ombros, deixando largos buracos ensanguentados, mas aparentemente não tinham atingido órgãos vitais. Ergueu um braço na minha direção, um braço longo e bem torneado - e tive uma súbita visão dos braços de pele macia de Marta -, fitando-me com os olhos semicerrados.

- É um ato de generosidade acabar com o sofrimento destes pobres filhos da mãe, senhor - disse o sargento Foltz. - Não deve ter mais de vinte anos.

Hesitei. Voltei a ver Marta. Tão claramente que quase pronunciei o seu nome.

Diante dos meus olhos ergueu-se uma névoa e vi toda a cena: o grupo dos carrascos das **SS** sobre a minha cabeça, as metralhadoras silenciosas, os homens bebendo conhaque, o prado verdejante, as árvores, a enorme vala ensanguentada de onde agora se desprendia o odor a sangue, os enxames de moscas ávidas – vi tudo isto, como se estivesse debaixo de água, como se me encontrasse noutro planeta a viver uma vida que não me pertencia.

- Dispare, Dorf ! - gritou Blobel.

Os olhos da mulher procuraram os meus. Estava praticamente morta. Contudo, uma chama de vida ainda a alimentava. Não conseguiu voltar a erguer o braço. Os olhos eram escuros e rasgados. O cabelo, comprido e castanho, fazia-me recordar uma rapariga que conhecera no liceu. Porquê estes pensamentos dispersos? A convicção apoderou-se de mim. O horror dos nossos atos está justificado. Não se podem fazer tais coisas se não forem atos valorosos, partes de um plano grandioso, de uma idéia capaz de abalar o Mundo.

Apertei o gatilho, como me tinham ensinado naquela breve sessão na escola das **SS**. A explosão foi surpreendentemente pequena, semelhante ao ruído de uma pistola de fulminantes. A cabeça abriu-se, devido ao disparo de tão perto. As minhas botas ficaram sujas de ossos, sangue e pedaços de cérebro. Senti um nó no estômago e tive de fazer um grande esforço para que o almoço não me saísse pela boca.

- É assim mesmo, senhor - aprovou Foltz. - Acabará por se habituar depois das primeiras vezes. Dão a sensação de não se importarem. Nunca vi gente como esta.

Estava forçosamente certo. Disse para mim mesmo que somos praticamente

aliados dos Judeus quanto ao seu extermínio. Que outra explicação para a facilidade com que os eliminamos?

- Encarregar-me-ei dos outros, senhor - disse Foltz.

Ouvi-lhe a voz, como se me estivesse a falar de muito longe. Voltei a colocar a *Luger* no coldre. Não voltei a olhar para a jovem que acabara de matar. Se os homens abaixo de mim podiam matar milhares, centenas de milhares, cabia-me como dever matar, pelo menos, um. Embora, o deteste, em certa medida Blobel tinha razão ao obrigar-me a matar.

Quando me aproximei do grupo de Blobel, este aplaudia e sorria, piscando o olho aos subalternos.

- Bom trabalho, Dorf - aprovou. - Von Reichenau afirma que duas balas chegam para um judeu. Você conseguiu com uma.

O diálogo interrompeu-se momentaneamente devido ao disparo das metralhadoras. Mais judeus estavam a morrer. E agora estou convencido da necessidade do ato. Apenas servem a finalidade da morte.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

O muro estava a estrangular lentamente a vida no gueto. Fora erguido com a desculpa de finalidades higiênicas, como impedimento de contágio do tifo. De fato, era uma ampla prisão, onde se esperava que os judeus morressem por falta de nutrição, até

se efetivar a solução final.

Contudo, os Judeus continuavam a infiltrar-se no “lado ariano". Muitos eram mulheres que procuravam comida para os filhos. Uma delas era uma enfermeira chamada Sarah Olenick, que trabalhou para o meu pai na ala infantil do hospital. Sarah tinha sido apanhada e metida na prisão.

Irritado, o meu pai foi avistar-se com o chefe da polícia do gueto, um judeu chamado Karp, que se convertera ao catolicismo e conseguira desta forma algumas boas graças das **SS**.

- Quero a libertação da Sarah Olenick - declarou o meu pai.

- Uma contrabandista.

- Sabe melhor do que eu o que se passa, Karp. Passou para o outro lado do muro com o fim de conseguir pão para os filhos.

- Conhece as regras. O contrabando é proibido.

- Peço-lhe que a liberte. Precisamos dela no hospital.

- Um pouco de esnobismo de classe, doutor? Pediria a sua libertação da mesma forma se ela fosse uma pedinte ou a mulher de um trabalhador rural?

- Claro que sim.

- Nesse caso, pode fazer o apelo para oito.

- Oito?

Levou o meu pai até junto de uma janela do gabinete e apontou para o pátio da prisão, que ficava lá embaixo. Havia oito mulheres de idades variadas, e entre elas Sarah Olenick.

- Quem pensa que sou? - gemeu Karp. - Um monstro? Recebo ordens, obedeço-lhes ou enforcam-me. Aquela pedinte, a Rivka, tem dezesseis anos.

- Que crime cometeu?

- O mesmo. Contrabando. Passou o muro e conseguiu leite para o filho.

O meu pai baixou a cabeça e tentou rezar. Debalde. Sentia-se constrangido, dobrado, aprisionado.

- Você é judeu, Karp. Apele para os seus superiores...

- Fui judeu. Assim salvei o pescoço.

- Mas tem conhecimentos nas **SS**. Sirva-se da sua influência. Não pode permitir que eles...

Karl começou a ficar irritado:

- Quem é você para falar assim, com os diabos? Você e o seu irmão Moses tão bem colocados no Conselho! Que fazem para além de receberem ordens dos Alemães?

Abanam a cabeça e cumprem. Listas de nomes, destacamentos, infratores. Revoltam-se tanto contra os contrabandistas como os *nazis*. Não me venha com preleções. Quer armar-se em herói e queixar às **SS** ? Tente.

O meu pai olhou mais uma vez para o pátio, tentou avistar Sarah de relance - era uma mulher alta e de aparência digna, dotada de enorme paciência e bondade - e, em seguida, foi-se embora.

As oito mulheres acusadas de "contrabando" foram abatidas a tiro, alguns dias depois. A polícia judaica recusou-se a proceder ao fuzilamento e, assim, alguns polacos do exterior receberam ordens para o fazer. Do lado de fora reuniu-se uma multidão que rezava e protestava. Pouco adiantou: quer as orações quer os protestos.

A minha mãe, com o seu velho casaco, outrora muito em voga na moda berlinense, manteve-se de pé junto do meu pai, pegando-lhe na mão. Dissera-lhe que não era necessário ir, mas insistira.

- Sou um deles - declarou a minha mãe.

Aaron Feldman, o jovem especialista em contrabando, trepou pelo muro da prisão e gritou para a multidão, enquanto as mulheres eram levadas uma a uma, de venda nos olhos, e depois abatidas a tiro.

Mataram a pedinte Rivka em primeiro lugar. Seguiu-se Sarah. Depois, as restantes seis mulheres. Tinham cometido o crime de tentarem arranjar comida para crianças esfomeadas.

- Oh, Josef! - chorava a minha mãe. - Não as podíamos ter salvo?

- Nenhuma esperança - respondeu.

O meu tio Moses, o mais pacífico dos homens, não chorava mas praguejava:

- Clamo vingança. Desejo ver alguns deles mortos e cobertos de sangue.

O meu pai tentou uma vez mais convencer a minha mãe a ir-se embora, mas ela insistiu em ficar até ao final do tiroteio.

Um rabi começou a entoar a oração hebraica pelos mortos e os meus pais, que mal conheciam as palavras, tentaram acompanhá-los nas preces. O meu tio Moses mantinha-se silencioso. A raiva era tanta que lhe impedia a fala.

Depois de terminadas as orações, a multidão lacrimosa, contando entre ela parentes das vítimas, começou a trepar ao portão da prisão e a abaná-lo, acabando por se dispersar.

Eva Lubin, a minha informante relativamente a este período da vida dos meus pais, recorda-se de que ela e Zalman se aproximaram de Moses Weiss. Anelevitz estava por perto. Como habitualmente, tinha uma expressão calma e pensativa, como que fixada em qualquer objetivo, numa ação futura.

- Pode vir conosco? - perguntou Zalman.

- Claro - respondeu Moses.

Algumas pessoas continuavam a rezar junto do portão. As vozes, cheias de tristeza, pairavam na atmosfera fria de Novembro.

- Sinto-me embaraçado por não conseguir rezar mais - declarou Moses.

- As orações de nada servem, Weiss - comentou Zalman com um encolher de ombros.

Levaram-no até à cave de uma casa da Rua Leszno. Numa divisão escura, escondida atrás de uma parede falsa, havia uma mesa, livros, resmas de papel e uma máquina impressora. Era uma oficina pequena e praticamente artesanal, mas funcionava.

O tipógrafo era o velho amigo do meu pai Max Lowy, o seu doente de Berlim. Ele e Moses trocaram cumprimentos.

- E então daqui que parte tudo - concluiu Moses.

- Algumas objeções ao nosso jornal? - quis saber Zalman.

- Nenhuma. Desejava que fosse maior. Mais notícias, mais palavras. Leio-o de uma ponta à outra.

- Está a faltar-nos a tinta - retorquiu Anelevitz. - O senhor tem acesso à

farmácia.

- Não se pode utilizar iodina para imprimir.

- Pois não - concordou Lowy. - Mas podemos ser nós a fazer a tinta com negro-de-fumo, carvão e óleo de linhaça. Forneço-lhe uma lista.

Lowy arrancou uma folha de papel, examinou-a com olhar crítico, amassou-a e deitou-a fora:

- Continuo a ser um operário especializado, mesmo numa cave.

A um canto da divisão, um rádio de ondas curtas grasnou. Moses percebeu que era neste local que recebiam as notícias de além-mar. Compreendeu também que todas as atividades levadas a cabo naquela divisão eram puníveis com a morte e que qualquer pessoa apanhada ali seria torturada, até desvendar toda e operação clandestina.

- Um jornal da Resistência? - inquiriu Moses. - Até agora, diria que se têm mantido bastante passivos.

- Isso terminou - declarou Anelevitz. - Vamos levantar o povo. A partir de hoje, não há resistência passiva que possa resultar. Devem tomar consciência do que os espera.

Moses hesitou:

- Mas... mas se vos trouxer material para fazerem a tinta, ficarei envolvido.

- É preferível estar envolvido conosco do que com o Conselho - comentou Eva.

- Os membros do Conselho estão vivos. Os infratores são abatidos.

- Morrerá de qualquer maneira - disse Anelevitz.

- E é melhor morrer a lutar e protestando – concluiu Zalman.

Moses contemplou por momentos Lowy, ocupado a pôr tinta na velha máquina, bem como as expressões sinceras da gente que se encontrava no apertado compartimento.

O meu tio começava a acumular dúvidas. Que espécie de exército eram? Como conseguiriam resistir? Talvez ele e o meu pai tivessem agido com demasiada impulsividade, arriscando tudo com estes visionários, embora bravos e ousados.

- Quero dizer-lhe uma coisa, Zalman - decidiu-se o tio Moses. - É um trabalhador, um chefe do proletariado. Os *nazis* não sabem o valor dos operários?

Desconhecem como mantemos as fábricas em funcionamento? De que lhes serve uma mão-cheia de judeus mortos?

- Fecharão todas as fábricas da Polônia, Weiss – retorquiu Zalman, coçando o queixo. - Permitirão que os polacos e russos as dirijam, de preferência a deixarem um único judeu com vida.

Moses tentou continuar o debate. Quais as oportunidades de que dispunham frente às *Waffen* **SS** e ao Exército alemão? O meu tio concordava que deviam pensar em resistir. Mas como? Que sentido fazer? Os judeus passavam a maior parte do tempo a discutir uns com os outros, ortodoxos contra os descrentes, sionistas contra não sionistas, comunistas contra socialistas. Havia disputas internas por todo o lado.

Anelevitz moveu a cabeça na direção da porta.

- Pode ir-se embora. Não necessitamos da sua ajuda. Só tem que ficar calado quanto ao que viu, Weiss.

Contudo, Moses deixou-se ficar. Sentia-se fascinado com Lowy, totalmente imerso na sua ocupação. Era como se estivesse a dirigir uma gigantesca máquina automática. Na cabeça tinha um chapéu de tipógrafo, feito de papel. No nariz apresentava uma mancha de tinta.

- Vejam o mestre a trabalhar! - exclamou Lowy em *yiddish*.- Em Berlim, expulsavam-me do sindicato se soubessem a mistela que estou a fazer. - Piscou o olho para Zalman. - Claro que não me refiro às palavras, mas à qualidade da impressão.

Moses apelou para Zalman e para os restantes:

- Não me interpretem mal. Estou ao vosso lado. Contudo, lá diz a lógica que nem todos estamos necessariamente marcados para... para...

- A lógica é uma batata, Weiss - interrompeu-o Lowy.

Moses apenas necessitou de mais um momento para se decidir. Estendeu a mão a Anelevitz.

- Estou com vocês - declarou.

O jovem sorriu. Zalman e Eva abraçaram Moses.

- O doutor também nos pode ser útil - sugeriu Lowy.- Será bom ter uma pessoa no hospital, um homem que todos respeitem.

- Falarei com o meu irmão.

Lowy tirou mais uma folha da impressora, agitou-a um pouco, para que secasse, e em seguida estendeu-a a Moses:

- Não está mal. Não ganharia um prêmio de tipografia, mas para o efeito serve.

Leia.

Moses pegou na folha e começou a ler:

"Aos judeus de Varsóvia: Ponhamos fim à apatia. Nada de mais submissões ao inimigo. A apatia pode ocasionar o nosso colapso moral e exterminar os nossos corações, o nosso ódio pelo invasor. Pode destruir o desejo de luta que vive dentro de nós e minar a nossa decisão. Dado estarmos numa situação de tal maneira desesperada, há que reforçar o nosso desejo de darmos a vida por um objetivo mais sublime do que o da nossa existência diária. A nossa juventude deve caminhar de cabeça erguida."

Moses ficou, assim, ligado a um compromisso. Não só aderiu à Resistência nesse dia como se ofereceu como voluntário para lançar o primeiro apelo de luta em pontos-chave do gueto. Ele, Eva e alguns outros saíram e, certificando-se de que não havia polícia à vista, colaram os panfletos clandestinos em portas,

paredes e postos telefônicos.

Eva recorda-se de ver Moses pregar a proclamação na porta de uma loja abandonada e, em seguida, fingir ser um mero transeunte, na altura em que o meu pai e a minha mãe dobravam a esquina. O meu pai deteve-se a ler as palavras de protesto, sem fazer a menor idéia de que tinha sido Moses que acabara de as colocar ali. "... um objetivo mais sublime do que o da nossa existência diária", leu o meu pai.

- Palavras nobres.

A minha mãe acompanhou-o na leitura.

- Quem quer que tenha escrito estas palavras e as colocou aqui – declarou - é

gente mais corajosa do que nós, Josef. E talvez melhor.

- Oh, não sei bem! - exclamou Moses. - Talvez não passem de jovens e insensatos.

- Isto faz-me lembrar o Rudi - riu o meu pai. - É o tipo de coisa que faria se estivesse aqui.

- Tens razão - concordou a minha mãe. - Se estivesse aqui, seria um dos mais renitentes. Sabes Josef? Tenho o pressentimento de que está a salvo que conseguiu escapar.

- Eu também - respondeu, beijando-a na face. - E o Karl. E a Inga. E que todos nós não demoraremos a estar juntos.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Novembro, 1941

Esta manhã, 16 de Novembro, Heydrich e eu assistimos à projeção de fotografias e filmes tirados na Ucrânia. Com surpresa minha, não participou da minha indignação quanto aos registros visuais que as pessoas tinham efetuado sem autorização do nosso gabinete. Concordou, porém, que se tornava necessário

controlar esse tipo de ação e que todos os filmes e fotografias deveriam ser arquivados no quartel-general.

- Algum motivo, senhor? - perguntei.

- Para provar ao mundo que não hesitamos.

Estava sentado no estúdio, às escuras, imóvel, pensativo, a fumar, passando de vez em quando pelo nariz aqueles dedos de músico. Observamos no ecrã, a preto e branco, imagens dos judeus a serem conduzidos para a beira da vala, obrigados e despir-se, empurrados lá para dentro, voltados para as armas. E, em seguida, a caírem sob o impacto esmagador das balas. Confesso que o espetáculo em filme me era menos penoso do que a cena real.

- Morrem bastante pacificamente - comentou Heydrich.- É notável a falta de resistência. Sabe uma coisa, Dorf ? Conseguiremos cumprir o objetivo do *Führer* com muito menos dificuldade do que imaginaria.

Referi-lhe que Blobel se queixava de que milhões de judeus estavam a fugir para leste, à frente dos nossos exércitos vitoriosos.

- Oh! Acabaremos por apanhar a todos - comentou com um bocejo. - A Rússia cairá e serão nossos.

Fiz, em seguida, algumas sugestões úteis sobre a cuidadosa supervisão de toda a documentação dos *Einsatzgruppen*: filmes, fotografias, relatórios, documentos. Teria de ser designada uma unidade especial para elaborar listas. Mostrou-se de acordo. Já tinha coligido algumas informações, que lhe li: "Os vários comandantes tentam efetuar o tiroteio numa área de cento e cinqüenta a cento e oitenta quilômetros de distância das cidades de onde vieram os judeus. Lamento dar-lhe conhecimento de que nestas viagens, a pé ou de caminhão, os judeus por vezes se escapam. Os nossos melhores resultados foram obtidos na Lituânia, onde voluntários treinados da população local nos prestaram ajuda enorme. Ótimo para os Lituanos. O coronel Jager, chefe de um dos nossos comandos, designa Kovno como um "paraíso do tiroteio". Estas frases devem ser retiradas dos registros, mas representam, segundo parece, a verdade. Kovno está liberta de judeus. E seguem-se algumas estatísticas ao acaso, que depois organizarei metodicamente para Heydrich: trinta mil judeus foram abatidos a tiro em Lvov, cinco mil em Tarnopol, quatro mil em Brzezany. A Lituânia mantêm-se, porém, no topo.

Calcula-se que cerca de trezentos mil judeus foram exterminados nas áreas de Vilna e de Kauna."

Enquanto lia estas estatísticas observava qualquer reação que Heydrich deixasse transparecer. Aquele rosto de feições atraentes manteve-se imperturbável. A missão está

a ser cumprida. Obedece à vontade do *Führer*. Está a ser banida da Europa uma praga, uma peste. Além disso passamos a encarar esta operação tão sangrenta, fora do vulgar ou significativa como um bombardeamento, o cerco e aniquilação de uma divisão soviética ou a administração de uma região ocupada. O importante consiste em levar a cabo esta tarefa. A verdade é que as estatísticas, embora surpreendentes em termos de números - confesso que o pensamento do extermínio de trezentos mil judeus provoca uma certa tensão emocional facilitam a aceitação. Comprovam que somos uma organização funcional e eficiente, em que se dão e cumprem ordens. Há que conceber estas operações não em termos de uma jovem que ergue o braço ou uma criança que pergunta se pode fazer os deveres escolares, mas em termos de um mal essencial, e persistente perniciosidade dos Judeus. Continuamos a observar as imagens no ecrã.

Nesse momento passavam as fotografias. Mulheres nuas, cobrindo os seios e as partes privadas, corriam de uma forma desajeitada e cambaleante tipicamente feminina, na direção da vala. Judeus velhos, corpos de pele branca e rostos barbudos. Conservavam os chapéus, mesmo ao enfrentarem as armas. Jovens de olhos arregalados e uma expressão de pânico. Em termos da nossa missão, independentemente dos motivos (e são muitos), somos os executantes perfeitos deste tipo de ações e encontramos as vítimas ideais. Assemelha-se a um casamento no Olimpo, algo concebido por deuses mitológicos.

- Acho que a feição pictórica da nossa missão não deve ter limites - comentou Heydrich. - Vele para que se efetue saber a nossa sanção, Dorf, e para que todos os filmes sejam revelados passados e guardados aqui.

- Claro que me encarregarei disso - concordei, hesitante. - Mas...

- Alguma dúvida?

- Nenhuma, senhor.

Heydrich dava a sensação de estar distante das macabras fotografias passadas no

ecrã. Fumou, conversamos e de vez em quando fazia uma pergunta com marcada ênfase.

Só uma vez me surpreendeu, quando acentuou que "eu lia nas entrelinhas" na obra do *Führer*, buscando velhos memorandos, como que para reforçar nele (e em mim) a justiça absoluta do que estamos a fazer.

Passou no ecrã a última fotografia. Três miúdos judeus, nus, de cabeça rapada.

Tinham as mãos erguidas e os olhos arregalados de pavor. Dentro de segundos estariam mortos. Estatísticas.

Acenderam-se as luzes. Voltou-se na minha direção e, em seguida, reafirmou (um homem tão poderoso levado a reafirmar as suas próprias crenças...) a necessidade de expurgar a Europa dos Judeus. Falou-me de um relatório que um antigo membro do partido conservara sobre uma conversa com o *Führer* no ano de 1922.

Hitler proclamava que, quando subisse ao Poder, enforcaria todos os judeus de Munique e, em seguida, as de todas as outras cidades, até os corpos apodrecerem.

Continuaria sistematicamente a enforcar judeus, até a Alemanha se ver livre do último.

- Faz parte do relatório, Dorf - declarou o chefe. - Estamos a fazer precisamente o que sempre desejou.

Voltei a inquirir a razão de sermos tão prudentes quando à privacidade da missão. Heydrich deixou a minha pergunta pendente. Com o isolamento a que a Inglaterra estava votada e a nossa guerra contra os Russos a correr pelo melhor, era muito provável que Churchill recorresse a um pedido de paz. Para quê complicar as coisas ao permitir que o Mundo ficasse a par do problema judeu?

Parece-me bastante lógico.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Kiev caiu em alguns dias.

A grande cidade ucraniana, que, pressupostamente, ofereceria uma resistência de morte aos Alemães, estava agora ocupada por eles. O Exército Vermelho fora derrotado e praticamente não restavam chefes.

Assim que avistei as primeiras tropas alemãs, obriguei Helena a sair do centro de refugiados para onde nos haviam levado. As armas cujo troar ouvíamos durante o percurso não eram soviéticas: pertenciam à frente que os alemães abriam, atravessando a Ucrânia. Durante alguns dias reinou a confusão. Assemelhávamo-nos a muitos russos miseráveis, passando por trabalhadores rurais. O impecável russo de Helena ajudava-nos muito. Roubei pão por várias vezes - uma delas da própria viatura com destino ao *Hotel Continental* , que o Exército alemão transformara em quartel-general.

Em algumas partes de Kiev, a luta continuava. Vários guerrilheiros russos tinham-se deixado ficar para trás, colocando minas e armadilhas. Grande parte da cidade estava em ruínas. Ouvi o disparar de uma metralhadora, observei cadáveres de russos e alemães espalhados pela rua e arrastei Helena para as traseiras de uma loja reduzida a destroços, onde comemos o pão.

- O fim, Rudi! -lamentou-se, começando a chorar baixinho.- Estamos apanhados.

- Não, com mil diabos. Come o pão. Imagina que é um empadão de batata.

Nas traseiras da loja havia uma torneira. Enchi de água a minha malga de latão e bebemos.

- É terrível - gemeu.

- Consegui jantar. Imagina que estás a beber vinho. Não suporto queixas. Espera até nos casarmos.

Soltou uma risada e mandei-a calar. Percebi movimento do outro lado da montra estilhaçada. Eram três soldados alemães com equipamento de batalha completo.

Pararam, olharam em volta e esperaram.

- O que se passa? - sussurrou Helena.

- Parecem das **SS**. Provavelmente a prepararem-se para encurralar as pessoas.

- Oh, meu Deus, Rudi. O que havemos de fazer?

- Escondermo-nos. Põe-te atrás do balcão. Se entrarem, conta-lhes as mentiras habituais. Somos fazendeiros. Bombardearam-nos.

Subitamente, ouviu-se uma explosão enorme, como se toda a cidade de Kiev fosse pelos ares. À nossa volta caíam estilhaços. Lá fora a situação era ainda pior. A rua dava a sensação de se ter erguido ante o impacto da explosão. Seguiu-se uma segunda e depois uma terceira.

Chegou-me aos ouvidos o eco do voar de estilhaços, tijolos e, finalmente, um ruído ensurdecedor, como se um prédio inteiro se tivesse desmoronado.

A poeira cegava-nos, mas mesmo assim verifiquei que, do lado de fora da loja, os três soldados se erguiam da valeta, ajustavam os cintos e apontavam na direção do *Hotel Continental*, de cuja carrinha acabara de roubar o nosso jantar.

Nas ruas soavam gritos e a confusão era tremenda. Chegaram mais tropas a correr. Um motociclista coberto de porcaria passou perto, e ouvi-o gritar para os outros:

- O *Hotel Continental*. Os russos fizeram-no explodir. Há mortos e feridos por toda a parte.

Enquanto ainda estava a falar, ouviram-se mais duas explosões ensurdecedoras.

Procuraram abrigo, encostando-se à parede da loja onde nos encontrávamos. Um dos homens foi atingido por uma trave e caiu para dentro da loja. Acocorámo-nos ainda mais por detrás do balcão destruído. Os camaradas iam a correr em seu auxílio, mas o motociclista deu-lhes outras ordens:

- Vigiem a área. Prendam qualquer russo a que consigam deitar a mão. Disparem a matar contra esses filhos da mãe. Jesus! Lá vem outra!

- E o Helms? - perguntou um dos soldados.

- Parece morto! Cristo! Vamos embora daqui!

Lá fora as sirenes apitavam. Caminhões passavam, deixando o rastro dos potentes motores. Aparentemente, as detonações tinham parado, mas continuava

a ouvir-se um som surdo e trovejante, como se a própria terra voltasse ao lugar.

Helms. Pareceu-me impossível. Era um nome vulgar. No entanto, assim que a rua ficou livre da presença dos alemães, rastejei até à frente da loja e observei o soldado atingido pela trave de madeira.

Contemplei um rosto de traços agradáveis e familiar. Tratava-se de Hans Helms.

Sabia que estava há anos no Exército, mas não fazia idéia de que pertencia a uma unidade das **SS**.

- Estou ferido - gemeu. - Tire esta coisa de cima de mim.

- Filho da puta! - insultei.-Nem consigo acreditar. Ainda não me reconhecera.-

Quando levantar a trave, puxa-o para fora, Helena - disse.

Pus-me de costas para a trave, peguei-lhe em peso e desloquei-a. Suavemente -

demasiado suavemente, na minha opinião Helena puxou-o.

- Tira-lhe a espingarda - ordenei.

Obedeceu-me.

Arranquei-lhe o capacete de proteção. Tinha a cabeça ferida e o sangue corria-lhe para os olhos. Fitei-o e tratei-o pelo nome: Hans Helms.

Fixou os olhos, pestanejou como se acabasse de acordar de um sonho e disse:

- Como? Weiss? Rudi Weiss. Deus do céu. O que estás... aqui...

Agarrei-o pelo colarinho e comecei e sacudi-lo:

- Não é da tua conta, seu safado. Aliás, nunca gostei de ti.

- Acalma-te. Obrigaram-me a entrar nisto. Era um simples soldado de infantaria.

Infringi e transformaram-me num "corvo negro".

- Cabrão de merda! Mentiroso!

- Conhéce-lo? - perguntou Helena, confusa.

- Meu parente - respondi.

- A culpa não é minha, Rudi - desculpou-se, ofegante. Por Deus, nunca tive nada contra ti. Vai-me buscar água.

Helena pegou no capacete e dirigiu-se à torneira que ficava atrás da loja. Encheu-o de água e regressou. Helms bebeu. Parecia ter apenas algumas equimoses. Mexeu as pernas e pegou no capacete. Conservei a espingarda nas mãos.

- Ouve uma coisa, Helms. Tenho andado fugido, há três anos, por causa de safados como tu - disse. - Fala-me da minha família. Voltaste a ver a tua irmã?

- Há seis meses. Em Berlim.

- Falou dos meus pais? Do Karl? Da minha irmã?

Hesitou. Encostei-lhe a espingarda à garganta.

- Responde, pedaço de asno.

- A Inga disse que o teu pai e a tua mãe estão bem. Vivem na Polônia. Varsóvia, acho. Não é mau. Os judeus ocuparam uma grande parte da cidade. Inga recebe notícias deles.

Não fazia idéia de até que ponto me estava a mentir. Contudo, a mentira era preferível à falta de informações.

- O Karl?

- Está em Buchenwald. E bem, segundo creio. A Inga ajudou-o a obter um trabalho menos pesado.

Passei a arma a Helena e comecei a sacudi-lo novamente.

- Acho que te vou fazer saltar a cabeça, seu filho da puta. Diz-me a verdade. Um *nazi* a mais ou a menos pouco me importa. Podes morrer pelo *Führer*.

Começou a implorar:

- Céus, Weiss. Que te fiz eu? Nada tenho contra ti. Jogamos futebol juntos centenas de vezes...

- Pensei nos judeus indefesos, assustados, desarmados que os da sua laia haviam liquidado e apeteceu-me matá-lo; mas não podia:

- E a Anna?

Helms afastou-se uns centímetros de mim:

- Está morta. Adoeceu. Pneumonia. Não sei.

Procurei-lhe a garganta e agarrou-me as mangas com toda a força:

- Jesus! Nada tive a ver com isso. Ninguém lhe fez mal. Adoeceu... e morreu.

Não sei mais nada.

Negou que os pais a tivessem denunciado. Afirmou estar na Rússia nessa altura.

A raiva que sentia impedia-me as lágrimas. De momento, apenas me apetecia feri-lo, fazê-lo pagar pelos crimes contra a minha família e todos os ultrajes a que assistira.

Em seguida, foi-me impossível conter as lágrimas. Chorei desabaladamente e sem vergonha.

- Tinha dezesseis anos, Helena - solucei. - Tenho certeza que esses filhos da mãe foram os culpados.

- Oh, Rudi. Como lamento. Gostavas tanto dela!

Olhei para a cabeça ensanguentada de Hans. Tinha uma expressão de pavor nos olhos. Aqueles safados também sentiam medo. Também podiam aprender o que era morrer, sem hipótese de defesa.

- Dá-me a espingarda dele - ordenei.

- Não, Rudi.

- Vou estourar-lhe os miolos.

- Dá-me uma oportunidade, Rudi - implorou Hans. - Aceitamo-vos. Arriscamo-nos por causa de vocês.

- Porque a Inga vos obrigou.

- E então? Fizemo-lo. Ouve. O teu pai e a tua mãe estão bem. O Karl também...

- Mataste a Anna.

- Não lhe toquei nem com um dedo.

- Esse uniforme torna-te tão culpado como alguém que o fizesse. Sei que estás a mentir, Helms. Aconteceu alguma coisa. Conta-me.

- Juro que não sei.

Sabia, evidentemente, que ela tinha sido violentada; mas é provável que não estivesse a par do seu assassínio em Hadamar.

Finalmente, devido aos pedidos implorativos de Helena e às explosões que voltaram a abalar o céu e a terra, decidi deixá-lo ir. Ainda não atingira a fase em que era capaz de disparar sobre um homem desarmado. Ainda não.

- Estou ferido, ajuda-me a sair daqui e a ir a um posto de socorros.

- Talvez te enterre vivo. Como vocês fazem aos judeus velhos. Põem-lhes terra em cima enquanto ainda respiram.

- Nunca fiz nada disso. Ouve: posso conseguir-vos passes de trabalhadores.

Acreditem-me que os Judeus não estão seguros em Kiev. Encarregar-me-ei de que vos deixem em paz.

Helena contemplou o rosto bonito e franco, coberto de sangue coagulado.

- Acho que podemos acreditar nele, Rudi.

Era uma jovem de temperamento confiante e conciliador. Acabei por dar-lhe ouvidos. Demorei alguns segundos a seguir-lhe o conselho. Talvez Helms fosse diferente. Há muito que o conhecia. E era irmão de Inga.

Ajudamos Helms a pôr-se de pé, pusemos-lhe o capacete na cabeça, penduramos-lhe a espingarda ao ombro e saímos da loja para a rua pejada de cascalho.

À nossa esquerda havia um pelotão de alemães e mais adiante alguns caminhões e carroças puxadas por cavalos.

Cada um de nós amparou Helms com um dos braços, e encaminhamo-nos na direção da brigada. Um sargento avançou. Ouvi-o falar aos homens e voltar a cabeça.

- Cristo, mandaram metade de Kiev pelos ares.

- Estou ferido - disse-lhe Helms.

- Quem é você?

- O cabo Helms. 22.a Divisão das **SS**.

O sargento fez um aceno de cabeça na nossa direção.

- E esses?

Helena ia a falar e deteve-se.

- Judeus - denunciou Helms. - Tentaram matar-me.

- Não -retorqui. - Somos trabalhadores rurais ucranianas. Diz-lhes, Helena.

- Judeus - insistiu Helms.

- Filho da puta, safado e mentiroso - insultei Helms.- Salvamos-te a vida, arriscamos a pele por ti e agora...

Dois soldados avançaram e sentaram Hans num monte de pedras. Um médico começou a limpar-lhe a ferida da cabeça e a pôr uma ligadura tirada de uma mala de primeiros-socorros.

O sargento olhou-nos indiferentemente, como se fôssemos dois sacos de batatas.

- Vocês os dois subam para aquele caminhão - ordenou, movendo o polegar na

direção do caminhão e de outras viaturas que estavam a ser carregadas com civis russos.

- Porquê? - perguntei.

- Cala o bico, judeu - ameaçou-me com o cano da pistola encostado à minha cara. - Estás a ser tirado daqui para teu próprio bem. Obedece.

Helena estremeceu. Limpei o sangue. Descemos a rua, percorrendo a distância que nos separava dos caminhões.

- O que vai ser de nós, Rudi? - sussurrou.

- Não sei. Apenas quero viver o tempo suficiente para acabar com aquele filho da mãe do Helms.

No momento em que nos empurravam para dentro do último caminhão, ouviu-se mais uma explosão ensurdecedora. Detonara uma mina praticamente por baixo do local onde estavam Helms e os restantes. Olhei para trás e percebi que o meu desejo de vingança não mais seria satisfeito. Hans Helms tinha ido pelos ares, juntamente com o posto de socorros.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Kiev

Setembro, 1941

O

Hotel Continental, o aquartelamento do Exército, está reduzido a um monte de destroços. Mais de duzentos dos nossos oficiais superiores e os seus homens estão mortos.

Por sorte, o posto de comando de Blobel situa-se numa outra parte da cidade. O

Exército não tem muito interesse em nos conservar por perto. As *Waffen* **SS**, a divisão de combate, é na generalidade aceita. No entanto, os oficiais do Exército, se bem que não nos levantem obstáculos (e, de fato, freqüentemente prestam-nos ajuda), preferem manter uma certa distância entre o pessoal dos *Einsatzgruppen*

e eles. Neste caso, o vento soprou a nosso favor. É terrível a carnificina e a destruição que reinam no centro de Kiev. Segundo parece engenheiros russos colocaram minas em vastas áreas do centro da cidade, particularmente no hotel, e ao serem evacuados, tinham preparado as explosões intercaladas. Quem pensaria numa tal esperteza por parte dos primitivos eslavos?

Blobel estava fora de si. Berrava ordens aos telefones, tentando obter informações. Heydrich encarregar-se-á de lhe dar a devida conta. Na realidade, a eliminação dos Judeus é apenas uma das nossas funções. Também esperam que exterminemos os sabotadores, criminosos, comissários e outros elementos que se possam provar perturbadores da ordem. Decerto o Exército Vermelho deixara para trás espiões encarregados de impedir essa destruição.

Blobel e eu detestamo-nos mutuamente, em especial desde a cena passada há

alguns dias, quando me envergonhou de maneira a fazer-me matar a mulher. (Vim mesmo a descobrir que ele nunca puxa um gatilho: limita-se simplesmente a dar ordens.) Seja como for, o desastre que se abateu sobre nós, em Kiev, deu-me oportunidade de voltar à carga contra ele.

- Os seus serviços deixam bastante a desejar - acusei, ao vê-lo correr de telefone para telefone, recebendo informações de mais mortes e de uma maior devastação na capital ucraniana.

- Estamos tão ocupados a dar cabo dos Judeus – rosnou - que não temos ninguém a vigiar o Exército Vermelho.

- Pressupostamente, as duas missões pertencem-lhe.

- Claro e já estou a vê-lo a denunciar-me a Heydrich- exclamou, pousando bruscamente um dos auscultadores. - E a Himmler. "Aquele bêbado do Blobel e a sua desorganizada operação." Bom. Porque não se inteiraram de que o Exército Vermelho minara a cidade? O que pensam que andamos a fazer o dia inteiro, com os diabos? A beber *vodca* e a fornicar bailarinas?

As explosões tinham terminado, mas sobre a cidade destruída pairava um miasma, uma névoa de pó, estuque, terra. Olhei pela janela. Pelotões das **SS** prendiam as pessoas, quem quer que encontrassem à solta pelas ruas. O Exército nisso desaparecera.

Os que não foram feitos prisioneiros fugiram para leste. Consolo-me com a idéia de que organizaram um combate sem finalidade em Kiev, e que foram desarmados e vencidos em todas as operações. Diz-se que o “Grande Stalin" está terrivelmente deprimido.

Dificilmente consegue ler os relatórios que lhe chegam a frente e está pronto a render-se.

Ocorreu-me uma idéia.

- Você está a pensar em mim em termos de inimizade Blobel, mas acredite que faz mal. - retorqui. - Talvez consigamos pôr um pouco de ordem em toda esta confusão.

- Como, por exemplo? Receber o seguro feito sobre o *Hotel Continental* ?

O sarcasmo de Blobel irritou-me. Estou agora convencido de que a minha inteligência é muito superior à dele, que sou capaz de o domar, de fazer com que me escute e aceite as minhas decisões, mesmo tendo uma patente superior à minha.

- Em vez de nos determos a pensar porque não estávamos informados sobre os campos minados pelo Exército Vermelho. O que nos impede de deitarmos todas as culpas sobre os Judeus? Ficaremos em muito bons lençóis quando for elaborado o relatório. - declarei.

Blobel arrotou e abriu o colarinho:

- Céus, Dorf. Esses velhos de barbas? Ou os miúdos? Essas mulheres todas sujas? Eram pessoas capazes de minar uma cidade e quase destruí-la?

Expliquei-lhe pacientemente que as mentiras ao serviço de uma maior verdade, as afirmações e ações extremistas rumo a um amplo objetivo, são perfeitamente aceitáveis. Os Judeus são um meio e um fim, voltei a repetir-lhe. Berlim acreditará na nossa história, em todos os níveis. Não precisamos de mais desculpas para os matarmos, e, tanto estratégica como emocionalmente, a culpabilização dos Judeus pela destruição de Kiev cairá bem a toda a gente. Conseguiremos o apoio inabalável de amplos setores da população e ficarão destruídas quaisquer críticas do exterior caso alguma vez venha a descobrir-se a existência dos *Einsatzgruppen*.

Recordei a Blobel o comentário jocoso que me dirigiu:

"Depois de se matar dez judeus, os cem seguintes são mais fáceis de abater e aos próximos mil nem se dá por isso."

Pegou imediatamente no telefone e ordenou uma nova rusga.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

A alguns quilômetros de Kiev - no dia 29 de Setembro de 1941- mandaram-nos sair dos caminhões e fazer o percurso a pé.

Estava muito calor. Nuvens de pó amarelado asfixiavam-nos. As pessoas que tropeçavam e caíam eram abatidas a tiro. Os guardas estouravam-lhes os miolos com pistolas e espingardas. Helena começou a tremer. Apertei-a de encontro a mim e tentei impedir que ficasse histérica.

Helena começou a dirigir a palavra a um homem que caminhava à nossa frente, na linha de marcha. Parecia educado, estava bem vestido e disse ser professor. Não me recordo do nome. Qualquer coisa como Liberman ou Liebowitz.

- Vão levar-nos para um campo de trabalho. Foi o que ouvi aos guardas -

declarou num tom de voz quase alegre. - Não deve ser tão mau como isso. Pelo menos, teremos comida.

- Dizem que seremos protegidos dos Ucranianos para nosso próprio bem

- acrescentou uma mulher.

- Onde fica esse campo? - quis saber Helena. - A que distância?

- Oh, não é muito longe - retorquiu o professor. - Mesmo por detrás do Cemitério dos Judeus. Num local chamado *Babi Yar*.

- Um nome curioso. *Babi Yar* - comentou Helena, virando-se na minha direção. -

Significa a "Ravina da Avó".

- Não vamos para nenhum campo de trabalho - sussurrei-lhe. - Pretendem vingar-se pelo que aconteceu em Kiev. Já não acredito numa única palavra deles.

Vamos fugir assim que tivermos uma oportunidade.

- Não. . . Rudi. . .

- Arrasto-te pelos cabelos.

Contemplei os pobres judeus de Kiev: os velhos, os fracos, os ortodoxos, jovens casais, mulheres com os filhos ao colo. Acreditavam; algo os impelia a acreditar. Mas será que nós, na Alemanha, tão modernos, tão sofisticados, tínhamos sido mais espertos?

Uma escolta de carros do Exército alemão desfilou ruidosamente - carros de serviço, caminhões, motorizados, vinham na nossa direção. Na retaguarda de cada um dos caminhões avistei metralhadoras, canos apontados, pilhas de caixas de munições.

A escolta levantou uma nuvem de poeira, uma nuvem venenosa e asfixiante. A estrada estava seca, e a terra apresentava-se coberta de uma poeira amarelada. Quando e poeira se levantou e nos ocultou, obrigando os guardas **SS** a tossirem e cuspirem, puxei Helena por um braço e obriguei-a a sair da estrada. Rolamos pelo declive e fomos parar a uma vala de irrigação. Esperei uns momentos. Passou uma segunda escolta. De novo a coluna em marcha se viu envolta numa nuvem de terra poeirenta. Aproveitei-me do fato, agarrei Helena por um braço e corremos, sempre agachados até um bosque de carvalhos.

A erva era alta e espessa e ajudou-nos a esconder. Não demoramos a ficar longe da coluna, que aumentara, dando a sensação de se alargar até Kiev.

Descansamos junto de uma rocha. Helena enroscou-se nos meus braços e chorou silenciosamente. Beijei-lhe as lágrimas, o nariz, a boca. Garanti-lhe que não íamos morrer, que não deixaria que nos matassem. Tratava-se de uma disparatada vanglória, mas apenas me restava a alternativa de lhe mentir ou, pelo menos, projetar um futuro esperançoso.

Depressa deixou de chorar. Era tão pequena, tão corajosa, uma parte tão importante de mim... Interroguei-me, freqüentemente, como uma jovem tão nova e frágil conseguia ter um carácter tão forte, afetuoso e cheio de desejo. Tinha um passado humilde. A filha de um lojista. Sionistas patéticos, vulgares judeus de Praga. Contudo, havia nela - como, não sei - um amor e uma profundidade de sentimentos que em muitos aspectos me recorda Anna, a minha irmã falecida.

- Um dia casarei contigo - prometi.

- Não brinques comigo, Rudi.

- Falo a sério. Mas agora põe-te de pé, miúda. Antes do casamento ainda temos de voltar à nossa vida de esconderijo.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Kiev

Setembro, 1941

É surpreendente como os judeus obedeceram às nossas ordens de fazer uma mala, trazer comida para um dia, reunirem-se em determinadas esquinas da rua e prepararem-se para o transporte para campos de trabalho.

Na companhia do coronel Blobel e dos seus ajudantes, fomos hoje, ao começo do dia, a *Babi Yar*, a fim de verificar como decorre a operação. Já se passou, evidentemente, a palavra por toda a cidade de Kiev de que foram os Judeus os culpados das explosões na cidade. O Exército Vermelho sente-se, como é óbvio, satisfeito com esta história. E a população civil ucraniana parece encantada. Brigadas inteiras alistam-se como voluntários nas **SS**.

Observamos com binóculos a ravina que se estendia lá embaixo, o local designado por " *Babi Yar*".

- Do outro lado, fica o Cemitério dos Judeus - riu.- Mesmo a calhar, não acha, Dorf?

- Penso que sim. Claro que os relatórios se devem referir a tudo isto como uma reintegração.

- Foi precisamente o que lhes disseram, no que acreditaram. Campos de trabalho. Para sua proteção. Os rabis e outros dos seus chefes convenceram-nos a obedecer.

- É surpreendente a maneira como colaboram - comentei.

- São sub-humanos. Descendentes de um outro ramo da raça humana. Himmler

está a prová-lo dia a dia. Sabe que o nosso amado *Reich führer* coleciona crânios de judeus e leva horas a medi-los comparando-os com crânios de arianos?

- Curioso!

Enquanto falávamos, avistamos para lá da ravina arenosa uma enorme quantidade de judeus, que se apresentavam com a maior ordem.

- Deus do céu! - exclamou Blobel. - Esperávamos seis mil, ou coisa assim, e apareceram-nos trinta mil.

Era fantástico.

- Talvez tenham consciência de que, seja qual for o destino que lhes preparemos, se trata de uma expiação - retorquiu Blobel com um esgar. - Kiev ainda está a arder com essas malditas explosões dos Judeus.

Fiz uma pala com as mãos e avistei milhares de pessoas andando de um lado para o outro ou formando tranqüilamente fileiras, depois de descarregadas dos caminhões. Tratava-se literalmente de um lago, um mar interior de judeus. Dera-se início ao ato de se despirem. Era estranho: nas áreas fronteiras, perto da ravina, os corpos fundiam-se num grande balão de carne cor-de-rosa, enquanto lá atrás os judeus apresentavam um tom de pele de um castanho-escuro, sendo os rostos, pálidos, a única coisa a deixar transparecer qualquer semelhança com a raça humana.

Procurei envolver-me numa couraça, numa armadura renitente a qualquer sentimento de piedade ou de compaixão que pudesse viver no meu íntimo. Já não constitui um grande esforço ter bem presentes as palavras de Heydrich. Estes são os inimigos mortais da Alemanha, seja qual for o ângulo de que se encarem.

Interroguei Blobel quanto à imprensa estrangeira.

- Afastada. Estão-lhes a mostrar os prejuízos causados pelos bombardeamentos e incêndios em Kiev.

- Ótimo. E os Ucranianos?

- Foram avisados de que se mantivessem de parte, à exceção dos que nos

ajudam, embora pouco se importem com o que fazemos aos Judeus.

Mandaram avançar o primeiro grupo de judeus nus. Obrigaram-nos a ajoelharem-se na ravina. Um dos homens ergueu as mãos acima da cabeça, desconheço se em oração se em súplica. Estava-se a utilizar aqui uma nova técnica, talvez para poupar munições. Abatiam os judeus, individualmente, com um tiro, dirigido à nuca. Os homens das **SS**, armados de pistolas, foram muito simplesmente avançando ao longo da linha e procedendo à tarefa.

- Nada de tiroteios em massa? - quis saber.

- Estou a fazer uma experiência. Voltaremos às metralhadoras se este processo demorar demasiado.

Bateu na bota com o chicote de equitação:

- Está a tornar-se cansativo, Dorf. Vamos embora. Demorará vários dias. Vou ordenar-lhes que mandem os judeus para mais longe, a fim de evitar o pânico. Também quero experimentar uma tática de Ohlendorf, a que chama o método da sardinha.

- Da sardinha?

- A primeira carrada de judeus deita-se no fundo da vala, lado a lado. Bum! Bum!

Mortos. O grupo a seguir deita-se em cima deles, com as cabeças viradas para os pés dos mortos. Bum! Bum! mortos também. E assim por diante, até a vala ficar cheia.

Afastamo-nos da ravina. Os tiros tinham nessa altura acelerado, o mesmo acontecendo com os gemidos e os gritos. No entanto, o local mantinha-se curiosamente silencioso. Os guardas conservavam-se na estrada mais próxima, onde os nossos carros estavam à espera.

Num desses bloqueamentos de estrada, um homem alto com um sobretudo de civil, evidentemente um alemão, estava a mostrar documentos a um cabo das **SS** a protestar que queria entrar na área.

- Tenho ordens especiais do marechal-de-campo Von Brauchitsch - dizia o

homem, irritado. - Estão aqui os meus documentos e a carta escrita por ele.

- Lamento muito, senhor, mas ninguém tem ordem de ultrapassar este ponto.

O civil ergueu os olhos com uma expressão de raiva e frustração, e verifiquei tratar-se do meu tio Kurt:

- Estou encarregado dos grupos de construção de estradas nesta região. A ravina deveria ser examinada hoje.

- Lamento, senhor. Área de segurança.

- O homem tem razão, tio Kurt. Esta zona está fechada- interferi, levantando-me e dirigindo-me a Kurt.

Kurt ergueu os olhos surpreendido, e, em seguida, sorriu. Abraçamo-nos. Sentia-me verdadeiramente satisfeito por o ver. Acaba-se por se sentir saudades da casa e da família. Vejo, provavelmente, Kurt uma vez por ano, mas é um parente bom e amigo e dava-se muito com o meu pobre pai.

- Erik! - exclamou. - Ouvi dizer que estavas na Ucrânia. Falei com a Marta antes de partir, mas disse-me que não sabia exatamente onde estavas. Que bom ver-te!

Apresentei-o a Blobel, que não pareceu impressionado. Contudo, convidou-me para mais tarde tomar uma bebida no seu gabinete, quando se fizesse a "contagem".

- Contagem? - repetiu Kurt.

- Oh! Um exercício militar - esclareci.

O automóvel de serviço de Blobel afastou-se.

Kurt estava a admirar o meu uniforme.

-Deus do céu! O miúdo do meu irmão Klaus. Vejam só.

Nada mais nada menos que major nas temidas **SS** do *Reich.* Não consigo acreditar, Erik!

- A guerra muda-nos.

- Não me pareces mudado. Continuas o mesmo jovenzinho simpático de dezoito anos.

Posso afirmar com honestidade que nunca fui particularmente vaidoso, mas os comentários do tio Kurt agradavam-me. Tanto melhor se conseguia conservar a aparência exterior de um jovem inocente. O aço que se apoderou do meu temperamento é interno. O homem que atualmente consegue assistir com firmeza a fuzilamentos em massa, consegue meter uma bala na cabeça de uma jovem, não denota modificações físicas. A minha mulher não perceberá quaisquer cicatrizes, nem sentirá qualquer parcela da minha dureza íntima.

Mas mudei muito. Kurt não conseguirá, porém, perceber. Sou um soldado, um guerreiro das linhas da frente da marcha de conquista da Alemanha. Tenho, no entanto, a sorte (o que não acontece a bêbados como o Blobel ou aos sicofânticos Nebes) de conservar a aparência de um jovem oficial inteligente, de intenções pacíficas, compassivo e justo.

Cavaqueamos, assim, sobre a campanha da Rússia, a ação do Exército e a expectativa de que, dado toda a Europa se encontrar virtualmente sob o nosso domínio, a Inglaterra pediria a paz. Correm boatos de que uma ampla facção do Governo britânico favorece a destruição do bolchevismo e a celebração de um acordo anglo-alemão.

De regresso a Kiev, ofereci uma carona a Kurt, no meu automóvel. Depois de termos conversado um pouco mais sobre Marta, os meus filhos e o trabalho de Kurt para o Exército, perguntou-me:

- O que se estava a passar neste local chamado *Babi Yar*?

Fiz uma pausa momentânea. Poderia contar-lhe algo do que se estava a passar, sem mentir.

- Execuções - respondi.

- Ah! Da vossa responsabilidade, então. A segurança atrás das linhas de batalha.

Quem foram... as vítimas?

- Oh! Uma mistura. A escória do costume. Espiões, sabotadores, gente implicada nos bombardeamentos e incêndios de Kiev. Criminosos vulgares. Comerciantes

do mercado negro.

- Judeus?

- Sim. Alguns.

- Alguns ?

- Não mantemos um registro. Quem quer que nos oponha resistência está

arrumado.

- Há várias semanas que estou na Ucrânia – retorquiu Kurt, coçando o queixo -, e esses judeus parecem-me os menos capazes de resistir. Vi-os atuar sempre como se nos quisessem obsequiar.

- É uma gente astuciosa, tio. De fato, estamos a reintegrar muitos deles, mas afastando-os do resto da população.

- Reintegrar?

- Sim. Uma medida de higiene, por assim dizer. Para que a guerra possa continuar.

- Claro - concordou, fitando-me com um brilho novo no olhar. - Foste, outrora, um dos jovens mais tímidos que conheci. E agora, quem te vir a dar ordens! A dirigir programas de reintegração! Modificando a face da Europa!

- Está a supor-me com um poder excessivo, tio. Limito-me a obedecer a ordens.

- Não é o que todos fazemos? - riu Kurt.

Nesta altura o meu carro foi bloqueado por mais uma infindável e ondulante coluna de judeus. Estavam a responder cada vez mais às nossas ordens de reunião em *Babi Yar*. Moviam-se lentamente. Na fila da frente seguiam homens de barbas, provavelmente rabis ou professores, entoando cânticos e revirando os olhos para o céu.

- Meu Deus! - exclamou Kurt. - Mais ainda. Mais alguns dos vossos sabotadores.

Todos encaminhados para essa ravina.

- E outros locais.

- Ah! - exclamou Kurt, não parecendo lá muito convencido.

- Para serem reintegrados?

- Sim, alguns. Vai-se proceder a uma triagem, a um determinado processo de seleção. Os criminosos serão abatidos a tiro.

O nosso carro conseguiu abrir uma passagem por entre a massa de judeus.

Davam a sensação de desprenderem um odor e sujidade, medo, fezes.

- Uma crueldade! - observou Kurt.

- Qualquer guerra o é.

- Mas... tantos civis? É, de fato, necessário...?

Ofereci-lhe um cigarro e fumamos. Não me apetecia falar sobre *Babi Yar* nem sobre qualquer outro aspecto da nossa missão.

- Fale-me mais sobre a Marta, tio Kurt - pedi. - Mal consigo esperar a altura de chegar a Berlim para a ver a ela e às crianças. Acredite-me que, sem elas para me inspirarem, não sei se conseguiria continuar.

Não pronunciou palavra, mas fitou-me com um olhar triste profundo, interrogativo. Por momentos, senti-me desconcertado. Era como se o meu pai me estivesse a observar. O olhar assemelhava-se ao que ele me deitava sempre que mentia ou cometia qualquer falta. Fui sempre uma criança tão obediente e cumpridora, que tais ocasiões eram raras. O que piorava grandemente a situação, pois, frente ao meu pai, sentia não só culpabilidade por ter roubado um lápis ou chumbado num exame mas também tristeza. Sabia-o atingido ela falência da padaria e a saúde deficiente e tornava-se-me doloroso aumentar-lhe os sofrimentos com os meus pecadilhos.

Os olhos de Kurt estavam e reavivar naquele momento todas essas minhas recordações da meninice. Estava a receber uma reprimenda. Mas porquê? Era provável que Kurt suspeitasse de muitos dos meus deveres. Não se tornava possível esconder provas. Contudo, que direito tinha de me censurar, caso

soubesse proceder a um entendimento correto dos fatos?

Não estou a cometer qualquer pecado. Estou a ser obediente, seguindo as regras, as leis e o destino da nação ditados pelos nossos chefes. Um destes dias terei de explicar tudo isto a Kurt. No entanto, não desejo voltar a encontrá-lo. Para não ser obrigado a justificar-lhe os meus atos. Para não ver refletida a expressão triste do meu pai no rosto do irmão.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Os guardas não nos perseguiram pelos bosques. Escondemo-nos durante algumas horas na floresta, em seguida passamos a vau um rio de águas baixas, sempre à

escuta do som de caminhões ou de gente em marcha.

Finalmente, nesse dia quente e seco - em 29 de Setembro de 1941-, subimos a uma montanha e contemplamos uma ampla ravina, a *Babi Yar*, a que o homem do caminhão se referira.

Estavam a abater centenas de judeus a tiro.

Senti-me contente por nos encontrarmos a uma distância que não nos permitia ver-lhes os rostos ou ouvir as vozes. Os tiros de pistola e de espingarda (posteriormente, passaram a utilizar-se metralhadoras) produziam um som idêntico ao de uma pistola de fulminante. As vítimas caíam sem ruído, quase como que em câmara lenta, na terra arenosa.

- São tantos, Rudi! - chorava Helena. - As mulheres, os bebês...

Apertei-a fortemente de encontro a mim, sem saber para onde iríamos, nem como conseguiríamos evitar as patrulhas das **SS**. As cidades significavam condenação e morte. A nossa única esperança residia em continuarmos fugidos através dos campos, decerto, alguns judeus teriam escapado. Parte da população nativa teria piedade de nós.

- Quero morrer com eles - chorava.

- Não, não, com mil raios! - opus-me. - Ficarás comigo.

Não morreremos de pé, nus e envergonhados. Mataremos alguns ao morrermos.

-Não aguento mais! Não aguento mais! -começou a gritar.

Atraí-a a mim e tapei-lhe a boca com a mão. Teria de aprender a não gritar, a não nos pôr a vida em perigo. Teria igualmente de desejar a vingança, de tomar consciência de que a única saída que nos restava era fugir, escondermo-nos e tentar resistir. Deveria ainda dizer-lhe coisas piores. Que deveríamos estar preparados para enfrentar a morte, mas de uma forma audaz e corajosa. Estava farto das pessoas que se punham placidamente em linha, arranjando desculpas para si mesmas, obedecendo a ordens e caminhando para a morte.

O tiroteio prolongou-se por todo o dia. Filas de judeus eram obrigadas a marchar para a área situada por detrás da ravina. A terra escurecia com o sangue dos judeus. Os *nazis* compreenderam algo que o mundo levou muito tempo a aprender.

Quanto maior o crime, menos as pessoas acreditam nele. No entanto, assisti em pessoa aos acontecimentos. Nunca mais voltaria a ser o mesmo; tampouco Helena.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Outubro, 1941

Hoje, Heydrich e eu examinamos as fotografias oficiais da operação em *Babi Yar*.

Informei-o de que, embora Blobel constitua um problema, acabará por se sair bem. Encarregamo-nos exatamente de trinta e três mil setecentos e setenta e um judeus em dois dias. E continuamos a atuar. Da forma como os judeus nos estão a ajudar, podemos ocupar-nos de perto de cem mil antes da conclusão do programa de *Babi Yar*.

- Os corpos? - quis saber Heydrich.

- Blobel veio cobri-los de terra, servindo-se de *bulldozers* e tratores. Calcula que será necessária uma vala com cerca de cem metros de comprimento e dois

metros e meio de profundidade.

Discutimos o resultado dos restantes *Einsatzgruppen* quanto à nossa missão. Há

vários graus de eficiência. Ohlendorf, o nosso distinto perito de jurisprudência, economista, advogado, o nosso "intelectual doméstico", está a revelar-se particularmente ardiloso. O seu grupo, designado por "Grupo D", encarregado da Criméia, está em vias de despachar os noventa mil judeus que lhe competem. Referi que me agradavam muito mais os métodos frios e eficientes de Ohlendorf do que o comportamento explosivo do bêbado do Blobel, mas Heydrich não se mostrou interessado.

No ecrã passaram mais fotografias da operação de *Babi Yar*. As fotografias das mulheres nuas e seminuas pareciam demorar sempre um pouco mais. Heydrich inclina-se para a frente na cadeira e estuda-as, com o que dá a impressão de ser mais do que interesse profissional. É um caso muito freqüente nestas passagens de filmes e de fotografias. Não é só o chefe que se excita ao ver judias nuas, prestes a morrerem.

Escapa-me qualquer explicação. Heydrich tem uma vida familiar feliz e equilibrada, uma mulher encantadora, filhos. Diz-se que, no início da carreira, foi expulso da Marinha por comprometer a mulher de um oficial, mas não se pode situar o fato no âmbito da depravação sexual. Contudo, sinto-me forçado a interrogar-me se poderá haver qualquer relação entre o tipo de homens que atraímos à nossa causa - a todos os níveis - e as complexas necessidades sexuais da psique humana.

Heydrich acabou por comentar que Ohlendorf era uma pessoa espantosa.

- De início Ohlendorf teve alguns problemas – declarei. - É curioso, mas o certo é que os colonos alemães da Criméia e mesmo alguns dos nossos aliados húngaros levantaram protestos.

- A sério? - retorquiu, observando uma judia bem provida, de seios abundantes e ancas largas. É estranho como dentro de segundos estaria morta.

- Sim. Afirmaram que os judeus que viviam entre eles estavam inocentes, e, como é óbvio, Ohlendorf desistiu temporariamente. É bastante estranho. Sempre que a população local ou uma unidade aliada protesta, damos a sensação de recuar, como se (detesto pôr isso em palavras) nos envergonhássemos da missão

que cumprimos.

- Todas essas falhas devem ser comunicadas. O nosso mandato é claro -

observou Heydrich.

Informei-o de como Ohlendorf, apesar da sua tenacidade no cerco e reintegração dos Judeus, poupara de fato a vida de alguns fazendeiros judeus na Bessarábia por motivos de ordem econômica.

- Oh! Estou a par de tudo isso - retorquiu Heydrich.- Himmler visitou a Criméia pouco depois, e os fazendeiros judeus de Ohlendorf, foram incluídos na ordem. Não resta nem um.

III A SOLUÇÃO FINAL

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

25 de Dezembro, 1941

Natal maravilhoso!

Que bom estar de volta a Berlim para celebrar com a família o mais sagrado dos dias do ano. Depois de uma última viagem à frente oriental - um tanto encurtada pela tenaz defesa de Moscovo pelo Exército Vermelho, que deteve, temporariamente, o nosso avanço -, recebi licença para regressar a casa.

Sinto-me exausto. A minha viagem pela Rússia esgotou-me. Foi, no entanto, compensadora. O trabalho dos *Einsatzgruppen* excedeu todas as expectativas. Heydrich está satisfeito, mas sente a necessidade de um programa mais vasto. Mesmo assim, foram eliminados trinta e dois mil judeus em Vilna, vinte e sete mil em Riga, dez mil em Simferopol, e assim por diante.

A única nota triste é a de que os Estados Unidos entraram na guerra, a seguir ao ataque japonês no Havai. Ninguém se preocupa, no entanto, com o fato. A América fica longe, muito longe mesmo. Segundo as informações dos nossos serviços secretos, não têm a mínima preparação bélica e Roosevelt, sob a influência dos Judeus, cometeu um erro. A opinião pública dos Estados Unidos

obrigá-lo-á a retroceder. Além disso, os Americanos podem perfeitamente destituí-lo, caso se mantenha neste curso insensato.

Consta que nos Estadas Unidos há uma grande onda de simpatia pela Alemanha; e ação de Roosevelt pode ser impedida.

Esta noite, porém, nenhuma destas questões políticas ou militares nos preocupava. Encontrávamo-nos reunidos em volta da nossa mais recente aquisição, um soberbo piano *Bechstein,* enquanto Marta tocava e entoávamos cânticos de Natal. Peter, Laura, Marta, o tio Kurt e eu formamos um coro feliz e cantamos *Tannenbaum, The Holly and the Ivy e Bethlehem.*

Foi uma ocasião maravilhosa, encantadora e plena de afeto.

Quanto nos amamos e respeitamos mutuamente!

- Podemos abrir os presentes, papá? - perguntou Laura, que é uma criança bonita, loura, de feições finas e, como a mãe, de rosto oval.

- Sim. Os presentes! - ajudou Peter que já tem idade, bastante para pertencer à

Juventude Hitleriana e usa orgulhosamente o uniforme. (Estava um pouco aborrecido comigo por ter escolhido passar a véspera de Natal com um vulgar terno desportivo em vez do meu uniforme.)

- Depois de cantarmos, filhos - respondeu Marta. - Conhecem as regras: cantar, levantar a mesa, arrumar a cozinha, e só depois os presentes. Primeiro a obrigação e depois a devoção.

- Tal como no Exército - acrescentou Kurt. - O vosso pai cumpriu o dever na frente e agora foi recompensado com umas férias prolongadas.

- Exato - concordei. - Tal como a mamã recebeu este presente, este piano maravilhoso, pela coragem que teve enquanto estive fora.

Kurt, que sempre foi um apreciador do que é bom e de qualidade, passou a mão pela superfície de mogno do *Bechstein*:

- É magnífico. Dizem que o som destes *Bechstein* melhora com o correr do tempo.

Marta tocou alguns acordes, esmerando-se nos sons.

- Nem queria acreditar quando os homens das mudanças chegaram. Não conseguia crer nos meus olhos.

- E foi de graça! - irrompeu Peter.

- Sim? - interessou-se Kurt.

- Estava parado, sem que ninguém o tocasse, naquela clínica de Groningstrasse, numa sala do andar de cima - expliquei.

- O médico que está a dirigir o consultório sabe do meu interesse por música e ofereceu-me.

- Ofereceu? - surpreendeu-se Kurt.

- No interesse da unidade do partido. Fui útil ao conseguir que esse bom médico tomasse conta da clínica.

- Penso que precisa de uma afinação - observou Marta, franzindo o sobrolho.

- Afinar um piano não é problema. O problema é consegui-lo - gracejou Kurt.

O meu tio parecia ter criado uma obsessão pelo piano e continuou a fazer perguntas a seu respeito. É bastante ingênuo relativamente ao processo como o partido compensa os funcionários eficientes, os oficiais das altas hierarquias. Peter voltou a interferir subitamente - deve ter escutado uma conversa entre mim e Marta- e esclareceu que o piano havia pertencido ao médico judeu que vivia por cima da clínica.

Kurt estava prestes a fazer nova pergunta, quando Marta bateu as palmas e declarou:

- Intervalo! E altura de abrir os presentes.

As crianças voaram até junto da árvore de Natal e começaram a abrir caixas, rasgando papel e espalhando cordões pelo chão. Peter tinha sido contemplado com um casal de ratos brancos, dentro de uma enorme gaiola de madeira, um presente que pedira, dado interessar-se imenso por biologia. Laura recebeu

alguns presentes especiais que eu descobrira na Rússia - uma boneca de trapos ucraniana e uma boneca *Petrushka*, uma série de figurinhas de madeira, cada uma delas menor do que a outra, encaixando-se até formarem uma única. Ambos ficaram encantados.

Para Marta comprei um magnífico vestido de seda, enfeitado com laços, por intermédio do agente especial de compras das **SS**, que se encarrega deste tipo de coisas.

- Oh, Erik! Que maravilha! - exclamou, pondo-o sobre os ombros. É de um azul pálido, quase da cor dos seus olhos. - Onde o arranjaste? Não há lojas em Berlim que tenham qualquer coisa parecida.

- Não vais acreditar - respondi, beijando-a no rosto -, mas fazem este tipo de coisas elegantes nos campos.

- Nos campos? - perguntou.

- Sim. Nos centros de detenção. Uma espécie de terapia para infratores. Muitos deles são operários especializados, e seria uma vergonha desperdiçar-lhe o talento.

Peter estava a brincar com os ratos. Tinha um em cada mão.

- Vou chamar-lhes *Siegfried* e *Otan* - declarou.

- Não estou de acordo - retorqui. - O dono da loja garantiu-me que um é fêmea.

- Macho e fêmea? - admirou-se Peter. - E vão ter filhos?

- Exato - disse Marta. - E vê se manténs a tua família de ratos limpa e dentro da gaiola.

- As minhas bonecas não podem ter filhos. Não é justo - choramingou Laura.

Passei a mão pelo cabelo sedoso de Laura!

- O Peter é um rapaz e mais velho do que tu, Laura, e tanto a mãe como eu queremos que aprenda estas coisas.

- É isso mesmo, minha querida - concordou Marta.

- O milagre da vida. A beleza de todas as coisas vivas. Temos de a respeitar, até

mesmo num rato, pois são criaturas de Deus.

Kurt encheu o cachimbo e mirou-nos, a uma certa distância, através de uma nuvem de fumo. Estava um tanto deslocado na sua qualidade de solteirão.

- Mas que noção maravilhosa, Marta - comentou Kurt. - O milagre da vida. Que coisa encantadora para se ensinar às crianças!

- Bebês! - exclamou Peter. - Estou ansioso por ver.- Pôs um dos ratos à frente do rosto de Laura, espicaçando-a.- Se forem doentes, talvez te dê um. Ou provavelmente matarei os que forem doentes.

- Manda-o calar, mamã - choramingou Laura.

Peter começou a persegui-la à volta da sala e tive de intervir, agarrando o meu filho pelo braço e recomendando-lhe que deveria ser melhor e mais generoso para a irmã.

- As crianças estão tão cansadas, Erik! - observou Marta. - Porque não cantamos o *Silent Night* ? E depois podem ir para a cama. Tu, eu e o Kurt ouviremos seguidamente a missa do galo pela rádio.

- Está a ver como o casamento com um administrador eficiente tornou a Marta igualmente eficaz? - comentei, virando-me para Kurt.

- Talvez seja precisamente o contrário, Erik - retorquiu -, e parte do eficiente espírito de Marta tenha passado para ti.

Voltamos a reunir-nos à volta do piano. Começamos a cantar. Porém, depois de alguns acordes, Marta deteve-se.

- É estranho - disse. - Está a fazer um som estranho nos graves. Como se os martelos ou as cordas estivessem partidas. Alguma coisa abafa o som.

Kurt e eu levantamos a tampa de mogno até ao ponto máximo. O meu tio espreitou para o interior do piano, de onde tirou qualquer coisa, aparentemente

pedaços de cartão.

- Fotografias - esclareceu Kurt, limpando-as do pó. -

Eram três fotografias, emolduradas no tipo de cartão forte utilizado pelos fotógrafos profissionais.

- Oh, fotografias! - exclamou Peter. - Vamos vê-las.

- Estavam a prender as cordas - disse Marta. - Deitem-nas fora.

Kurt e eu examinamos as velhas fotografias.

- Quem são, papá? - perguntou Laura.

- As pessoas a quem pertencia o piano, estúpida - respondeu Peter.

Examinei as fotografias durante uns momentos. Uma era do Dr. Josef Weiss e de uma mulher que devia ser sua esposa, uma senhora de traços finos, elegante e sorridente. Estavam com roupas de Verão. Atrás via-se um lago, possivelmente o oceano. Havia também a fotografia de um jovem casal, obviamente uma fotografia de casamento: um jovem magro parecido com o médico e uma mulher loura com um rosto nitidamente ariano. A terceira fotografia, menor e aparentemente feita por um amador, mostrava uma rapariguinha de doze anos, de tranças, abraçando um rapaz de feições irregulares com cerca de dezesseis anos. O jovem tinha uma camisa de futebolista e era bem constituído.

- Parece, realmente, o doutor Weiss - observei.

- E a família dele - acrescentou Kurt.

- Tenho medo. É como se estivessem fantasmas dentro do piano - declarou Laura, deitando a língua de fora para as fotografias. - Fantasmas!

- Onde estão agora, Erik? - quis saber Kurt.

- Oh! O Weiss foi deportado há uns anos – respondi.- Não era má pessoa e, segundo parece, consideravam-no bastante competente. Estava, no entanto, aqui ilegalmente – como polaco -, infringindo assim a lei.

- E o resto da família? - insistiu o meu tio.

- Não faço a mínima idéia. Há anos que deixaram Berlim.

- Não acabamos de cantar o *Silent Night* – interrompeu Marta, tirando um acorde forte. Em seguida, pediu as fotografias.

Por momentos, pensei que também desejasse examiná-las. Entregou-as, porém, a Peter.

- Queima-as, Peter - ordenou. - Na lareira. Juntamente com os papéis dos embrulhos.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Nesse Inverno, a minha mãe adoeceu. Soube por intermédio de Eva e de outros sobreviventes que não tinha qualquer mal específico. Começou, no entanto, a enfraquecer, como acontecia a muita gente no gueto, devido à deficiente alimentação e à

falta de medicamentos.

Segundo as informações que recolhi, a dedicação entre os meus pais manteve-se inalterável. A minha mãe queixava-se muito pouco, mas viu-se gradualmente forçada a protelar o ensino: as lições de música e de literatura que dava de graça às crianças do gueto.

Um dia, na altura em que decorria uma reunião de alguns dos membros-chave do Conselho no apartamento contíguo ao quarto dos meus pais, Eva ouviu o meu pai a tomar o pulso da minha mãe e a auscultá-la com o estetoscópio. Como para todos os doentes, mostrava-se delicado, respeitoso, cheio de esperança.

- O que ouves no meu gasto coração? - perguntou-lhe.

- Mozart - respondeu o meu pai.

- Continuas com as graças de sempre - riu.

- Nós, os que já praticamos há muito, temos um reportório muito limitado.

Continuo a desenhar coelhos nas receitas para distrair a criança a quem tem de se dar uma injeção.

Falaram no regresso dela para a escola. Se não lhe fosse possível voltar, muitas das crianças fugiriam, para mendigar, roubar e fazer contrabando.

A conversa dos miúdos da escola fazia-os recordar a mim, Karl e Anna. A minha mãe conservava fotografias nossas penduradas por cima da cama. Algumas vezes, o meu pai não achava benéfico que se recordasse, constantemente, da família perdida.

- Mas dão-me esperança, Josef - protestava.

E ele entrava no seu jogo. Argumentava que toda a gente "útil" sobrevivia.

- Sou um médico e arranjo-me. O Karl é um artista e utilizam-no. E o Rudi...

- O Rudi não terá problemas, Josef. Confio inteiramente nas suas possibilidades.

Eva interrompeu-os para comunicar que o tio Moses acabara de regressar ao gueto, na companhia de um homem de Vilna que trazia informações importantes.

Nessa altura, a minha mãe estava a falar com o meu pai a respeito de algum dinheiro que cosera no velho casaco trazido de Berlim. Tratava-se de uma espécie de fundo de emergência, sabe-se lá para que fim. No entanto, a minha mãe – consciente das terríveis condições em que se vivia no hospital na ala das crianças - decidira que o meu pai se servisse daquele dinheiro para comprar alimentos para as crianças menores e doentes. Ele fez um aceno de concordância. A minha mãe pegou na tesoura e começou a descoser o forro.

- Alguém que pretende escapar-se para o nosso gueto? - perguntou o meu pai a Eva.

- Um mensageiro chamado Kovel. Traz informações de grande importância para nós.

- Ah! Uma conferência de alto nível. -

Beijou a minha mãe e acompanhou Eva Lubin ao aposento contíguo.

Kovel era um indivíduo barbudo, com ar de fome e uma expressão de medo refletida no olhar. Contudo, tinha gestos precisos e, depois de estar sentado, inclinado para a frente e esfregando os olhos enquanto bebia uma chávena de chá quente, contou a sua história ao grupo:

- Não acreditem em nada do que os Alemães vos disserem a respeito dos campos de trabalho ou guetos especiais – avisou Kovel.

- Claro que damos sempre o devido desconto ao que nos dizem.

Foi o Dr. Kohn, o eterno conciliador, quem se pronunciou. Kovel ergueu os olhos, abrangendo todos os que se encontravam no aposento frio e a abarrotar:

- Tencionam assassinar todos os judeus da Europa.

- Impossível! - exclamou Kohn.

- Decerto está a referir-se a represálias em larga escala - interferiu o meu pai, um homem sensível, embora incapaz de acreditar no que era, afinal, a verdade.

- Nada de represálias, mas aniquilação - declarou Kovel.

- Fazem tenção de matar todos os judeus. Porque é que nenhum de vocês entende as minhas palavras?

Eva recorda-se do silêncio que se gerou. Zalman, Anelevitz e ela - gente humilde e trabalhadora - davam a sensação de apreenderem melhor os acontecimentos do que os cultos, os profissionais. Há meses que Anelevitz tentava pô-los ao corrente do destino que os esperava.

- Dantes, havia oitenta mil judeus no gueto de Vilna - prosseguiu Kovel. - Hoje, existem menos de vinte mil.

O meu tio Moses foi o primeiro a reagir. - Sessenta mil...?

- Abatidos a tiro pelas **SS**.

- Mas que disparate enorme! - exclamou o Dr. Kohn levantando as mãos ao céu.

- Ninguém, nem sequer os Alemães, consegue pôr sessenta mil pessoas em marcha e abatê-las a tiro. A logística, as medidas necessárias... impossível...

- Também me custa a acreditar - observou o meu pai.

- Como é que fizeram, Kovel? - perguntou Anelevitz, sentando-se ao lado do homem de Vilna.

- Em primeiro lugar, as **SS** convocaram os judeus para trabalhar e obrigaram-nos a abrir valas aproximadamente a trinta quilômetros da cidade. Em seguida, a polícia lituana formou um cordão em redor da cidade. Ninguém tinha permissão de entrada ou de saída. Os que tentavam resistir eram abatidos a tiro. Forçavam as pessoas, servindo-se de cassetetes e de chicotes. Usam uma técnica: os judeus são obrigados a despir-se, a esperar, levam-nos em grupos até junto das valas e abatem-nos, quer com um tiro na nuca, ou fogo maciço de metralhadoras. Não há exceções. Sempre que se verificam atrasos, o Conselho Judaico tem de elaborar listas. Depois, eles próprios são assassinados.

- Ah... Vilna... talvez seja uma exceção... um caso especial... sabe... - pronunciou num tom hesitante, umidecendo os lábios.

- Não - contrariou Kovel. - Estão a varrer gueto após gueto do mapa. Riga, Kovno, Lodz.

- Sei que são cruéis e nos odeiam - disse o meu pai, sacudindo a cabeça. -

Contudo, o Exército alemão... o tradicional conceito de honra... devem levantar objeções.

- Objeções? - repetiu Kovel com um riso amargo.

- Olham para o lado ou apóiam as malditas **SS**.

O silêncio regressou.

Kovel descreveu outras chacinas: Dvinsk, Rowno, guetos espalhados por toda a Polônia e Rússia.

- Abram os olhos - aconselhou. - Em Varsóvia existe a maior concentração de

judeus da Europa. A vossa vez chegará.

- Somos perto de meio milhão - afirmou o Dr. Kohn.- Não conseguirão abrir valas que cheguem nem arranjar as munições necessárias.

- Descobrirão maneira - interrompeu o tio Moses.

- Diz-nos o que devemos fazer - pediu Anelevitz olhando para Kovel.

- Comecem por isto - retorquiu Kovel, tirando uma folha amassada do casaco. -

Mandem-na como aviso a toda a gente daqui. Leia, para que todos escutem.

Eva Lubin pegou na folha e leu a proclamação de Vilna, com o seu tom de voz juvenil:

"Não caminhemos para a morte como carneiros para o matadouro. Apelo para vocês, jovens judeus. Não acreditem nos que vos querem mal. O plano de Hitler consiste em aniquilar todos os judeus. Somos os primeiros. Somos, na realidade, fracos e estamos sós, mas e única resposta que vale a pena dar ao inimigo é a resistência. Mais vale morrer a lutar, irmãos, do que viver à mercê do carcereiro. Defendamo-nos até à

morte. Gueto de Vilna, 1 de Janeiro de 1942."

Durante algum tempo ninguém falou.

- Mas de que vale isso? - acabou o Dr. Kohn por inquirir. - Disse que, fosse como fosse, acabarão por ser mortos.

- Acabarão? - retorquiu o tio Moses. - Acabaremos, Kohn.

- Apenas as mãos contra tanques e artilharia? - argumentou Kohn.

- Têm armas? -perguntou Kovel, virando-se para Anelevitz.

- Ainda não. Mas estamos a ensinar a Juventude Sionista a obedecer ordens, a manejar vassouras como se fossem armas, a organizarem-se em unidades militares.

- Primeiro seremos soldados e depois arranjaremos armas - declarou Eva.

- Isso já é mais de judeu - concordou o tio Moses. - Não temos uma só arma, mas somos soldados.

- Há hipótese de subornar os Alemães - retorquiu o Dr. Kohn, sacudindo a cabeça. - Tenho certeza. Atribuem valor ao gueto de Varsóvia. Sabem que a guerra acabou e que os Americanos entraram nela. Estão a perder as possessões em África. Os Russos aguentarão Moscovo...

- E, enquanto tudo isso acontece, estaremos mortos - rematou Kovel.

- Precisam das nossas fábricas e oficinas - prosseguiu Kohn. - Uniformes.

Artigos de couro. Nós, judeus, somos artistas especializados.

- Parece que não consigo fazer-vos entender que o assassínio dos Judeus é fulcral para o plano deles. Dão menos importância à perda de um território aqui e ali, a uma invasão, a uma guerra de duas frentes do que ao morticínio dos Judeus. É o seu principal objetivo.

- Oh, que estupidez! - exclamou Kohn. - Nem Hitler é louco e esse ponto.

O debate prolongou-se durante algum tempo. Kohn foi destituído por votação.

O meu pai e o meu tio tomaram posição ao lado da Resistência.

A minha mãe tinha estado à escuta, no pequeno quarto contíguo. No final do debate, entrou com um ar nobre e elegante, trazendo o seu velho vestido e desculpando-se pelo cabelo desalinhado. Entregou ao meu pai o dinheiro que cosera no casaco.

- Ah! - exclamou o meu pai. - Para as crianças...

- Não, Josef. Para comprar armas.

***

Em Janeiro de 1942, Muller cumpriu, finalmente, a palavra dada. Fez com que Karl fosse transferido para o estúdio dos artistas em Buchenwald, um local de trabalho favorecido, na medida em que estava instalado numa casa aquecida e os artistas formavam um grupo bastante privilegiado.

Os privilégios eram-lhes concedidos devido à vaidade das **SS**, que gostavam de ver os seus retratos pintados e, ainda mais, as suas pressupostas árvores de família -

intrincados diagramas genealógicos - resplandecendo de cores maravilhosas.

No estúdio, Karl travara amizade com um artista de Karlsruhe chamado Otto Felsher. Felsher tinha sido um retratista de renome lá fora e, assim, usufruía um pouco do favoritismo dos guardas, embora, tal como acontecera a Karl, também ele tivesse sido espancado e quase morresse de fome, antes de decidirem aproveitar-se dos seus talentos.

Na realidade, se bem que na altura fossem mais bem tratados, Karl e Felsher detestavam o trabalho que lhes tinha sido atribuído.

- E como vai andando a árvore da família Muller, Weiss? - perguntava Felsher.

- Mentiras sobre mentiras. Obrigam-nos a prostituir-nos.

- É como sobrevivemos.

Karl contemplou a árvore de família intrincada e multicolorida que estava a desenhar para Muller.

- O sacana obriga-me a pintar os brasões de Carlos Magno e de Frederico, o Grande.

- Têm ciúmes porque a nossa ascendência remonta à Abraão.

- É verdade. Apesar de não nos ter servido de nada.

O sargento Muller vinha examinar diariamente o trabalho em execução:

- Maravilhoso, Weiss, maravilhoso. Não se esqueça dos dois cruzados.

- Aqui os tem - retorquiu o meu irmão.

- Talvez quando tudo isto acabar ainda acabemos por ser amigos, Weiss - disse Muller com os olhos a brilharem. - Quem sabe? Agora que a América entrou na guerra, posso precisar de algum judeu que fale bem de mim.

- Não conte comigo, Muller.

O homem das **SS** tirou uma carta de dentro do casaco.

- Depois de tudo o que fiz por si? A sua mulher esteve cá, ontem. Aqui tem a carta mensal da bela Inga.

- Não a quero.

- Claro que quer, Weiss.

- Obrigou-a a pagar o preço costumado, não é verdade?

- Vinha sem selos. Claro que teve de pagar - disse Muller, encolhendo os ombros.

-Mas não lhe faz diferença.

- Afaste-se de mim. Não quero voltar a ouvir falar dela. Diga-lhe que não quero que haja mais cartas, nem dela nem de mim.

Muller pôs-lhe a carta debaixo do nariz e, em seguida, meteu-lhe no bolso do terno às riscas.

- Não virá cá mais vezes, por isso não interessa. Você e o Felsher vão ser transferidos. Recebemos um pedido para dois artistas de alta qualidade.

- Transferidos?

- Oh, vocês têm fama. O estúdio de Buchenwald é conhecido. Querem vocês e mais alguns dos nossos artistas especializados num novo campo da Checoslováquia: Theresienstadt, o gueto-paraíso. Reservado para os judeus mais merecedores. Uma estância de férias.

Muller piscou o olho e suspirou como se fosse aquele o final de uma velha amizade.

- Vou sentir a falta do papel de carteiro que tenho desempenhado para si, Weiss.

Acho, porém, que terei de arranjar licenças mais assíduas até Berlim.

Apesar da dieta horrível e das condições desanimadoras, Karl tornara-se um homem duro e resistente. Pouco a pouco, inserira-se no seu caráter uma indiferença que em jovem não possuía.

Quando Muller se ia a afastar, o meu irmão fez menção de ir atrás dele.

- Não faças isso, Weiss - aconselhou Felsher. - Não vale a pena.

- O filho da mãe! Serviu-se da minha mulher como um homem se serve de uma serra ou de um pincel...

- Que vá para o diabo!

Karl amassou a carta e deitou-a para o chão. Sentou-se, em silêncio, à mesa de desenho, olhando para a falsa árvore de família. Felsher apanhou a carta do chão e entregou-lhe.

- Escuta, miúdo. Tudo deixou de ser como dantes – disse o homem mais velho. -

Vá. Lê-a. Sê tolerante.

Karl fez um aceno de concordância. Tinha lágrimas nos olhos.

Abriu a carta (pela qual Inga pagara o costumado preço a Muller) e leu-a.

Meu amado Karl, meu marido muito querido:

Sinto tanto a tua falta! Cada vez mais, de dia para dia. Pelo menos, agora podemos comunicar, o que é bom, mas me leva a desejar-te ainda mais. Não podemos perder a esperança. Já fui a vários departamentos governativos, mas dizem que o teu caso não pode ser reaberto. Arranjei um trabalho um pouco melhor como secretária numa pequena fábrica de implementos agrícolas. Curioso. Há

vários anos que estamos em guerra e, aparentemente, as fábricas privadas e corporações não foram afetadas. Os nossos salários são elevados; comida não falta; à exceção dos homens que combatem na frente, a população civil vive bastante bem. As pessoas dão a sensação de um pouco perturbadas devido à

entrada da América na guerra, mas há a esperança de que a Rússia caia antes

de lhe poderem prestar auxilio; e a Inglaterra render-se-á. O meu patrão sabe, incidentalmente, que tenho um marido na prisão, mas mostra-se disposto a esquecer o fato - parece-me que me incluíram algures na lista dos "degradadores da raça"-, na medida em que me considera a secretária mais trabalhadora e menos reivindicativa que jamais teve. (Não fiques preocupado, querido. É gordo, velho e um devoto luterano.) Desejaria ter mais notícias da tua família. Nem uma palavra do Rudi. Desapareceu. Há uma semana chegou milagrosamente de Varsóvia uma velha carta escrita pela tua mãe. Tudo dá a entender que estão os dois bem e a trabalhar. A tua mãe dizia que a vida não é fácil mas que se suporta. Nunca devemos perder a esperança, querido. Tive de fazer coisas para que estas cartas te chegassem e espero que compreendas...

Karl dobrou cuidadosamente a carta e voltou a metê-la na camisa. Ele e Felsher mantiveram-se silenciosos por algum tempo.

- Já ouvi falar dessa Theresienstadt, Weiss – observou o indivíduo mais velho. -

Trata-se, pressupostamente, de um campo-modelo, uma verdadeira cidade para os judeus. Talvez permitam mesmo que a tua mulher te vá visitar. Para mim, que não tenho família, tanto me faz um local como outro.

Karl fitou a carta genealógica que estivera a pintar para Muller, com as ascendências de Carlos Magno e dos Cruzados. Pegou num pote de tinta vermelha e atirou-o de encontro à pintura. Em seguida, apoiou a cabeça em cima da mesa e começou a chorar.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Janeiro, 1942

Algumas observações introdutórias, antes de entrar no assunto referente a este bocado, nomeadamente a Conferência de *Gross-Wannsee* de 20 de Janeiro.

Há alguns meses, Heydrich deixou escapar várias informações de grande importância. Algures, no Verão de 1941, quando os nossos *Einsatzgruppen* estavam a proceder à limpeza da Rússia, o *Reichs fürhrer* Himmler mandou chamar ao gabinete um indivíduo de nome Rudolph Hoess, comandante de um campo relativamente obscuro em Auschwitz, Polônia, e comunicou-lhe: "O

Führer deu ordens para uma solução final do problema judeu."

Himmler voltou a acentuar este ponto, cerca de um mês depois, num discurso feito a Blobel, Ohlendorf e outros (eu não estava presente), em que lhes garantiu que não lhes cabia "responsabilidade pessoal pela execução da ordem e que a responsabilidade era apenas do *Führer*".

Menciono este discurso porque tenho experimentado uma estranha sensação, pode chamar-se-lhe intuição, de que, se algo correr mal - se (Deus nos livre disso) perdermos a guerra, a nossa diplomacia não conseguir dividir os Aliados, eles continuarem a lutar e estes campos forem descobertos e os corpos retirados - , alguns historiadores tentarão culpabilizar-nos. Refiro-me, com o emprego deste pronome, aos homens decididos e dedicados das **SS**, aos Himmler, aos Heydrich e também aos Dorf.

O

Führer será definido como mais outro político alemão, ignorante dos horrores que se passavam. Curioso é, porém, o fato de que, embora e inteligentemente, nunca se utilize de palavras concretas como "assassínio" ou "extermínio", o *Führer* vincou bem, tanto em discursos como por escrito, o que deseja fazer aos Judeus. Tenho mesmo a sensação enlouquecedora de que a negação da Terra aos Judeus constitui o seu principal objetivo e transcende a subjugação dos Eslavos, a punição da França, o domínio do Mundo pela Alemanha. Confesso ser um conceito bastante insensato, mas e ênfase colocada no nosso trabalho, os privilégios que obtemos e a facilidade com que Himmler leva a sua avante, fez-me chegar e esta estranha conclusão.

Hitler não faz, decerto, idéia de todos os judeus que abatemos a tiro ou enforcamos; é mesmo muito provável que desconheça as estatísticas exatas sobre a redução dos guetos russos. No entanto, que ele sabe, sabe. Afirmou muitas vezes que nada acontece sem seu conhecimento. Tenho, no entanto, a certeza de que, nos anos vindouros, figuras mais apagadas surgirão como os principais organizadores desta missão terrível e alguns eruditos farão o possível por o ilibar.

Os colaboradores mais próximos de Hitler estão, igualmente, a par dos acontecimentos. Algumas semanas antes da invasão da Rússia, no ano passado, Goering escreveu a Heydrich e encarregou-o de "elaborar a solução mais

vantajosa possível para o problema dos Judeus". Não me parece que o pretendido fosse colocá-los em herdades e aldeias. Goering deseja um relatório completo sobre "um plano geral referente às medidas organizacionais, fatuais e materiais necessárias para a obtenção da desejada solução do problema judaico".

(Mais um aparte: Durante anos, muitos judeus influentes consideraram Goering na qualidade de seu possível mediador, um indivíduo "suave" no aspecto de atitudes anti-semitas e capaz de impedir Himmler e os outros racistas intransigentes de levarem a cabo estas políticas. Como deviam ter ficado surpreendidos depois de lerem os seus comunicados a Heydrich!)

Não existiu nunca, evidentemente, qualquer dúvida, em quem quer que fosse, do que uma "solução final" significa, embora raramente façamos referência ao assunto. Só

os loucos, como Hans Frank, andam para aí a espalhar como aniquilarão os Judeus, da mesma maneira que se fossem piolhos. No entanto, reduzimos efetivamente as suas áreas de responsabilidade na Polônia, de modo que, agora, nada mais é do que uma figura, uma criação das **SS**. Decidimos cumprir os desejos do *Führer* da maneira mais calma e eficiente possível.

Seja como for, os acontecimentos acima descritos e outros interessantes desenvolvimentos, tais como a construção de alguns campos secretos em Chelmno e Belzec, na Polônia, onde estavam a ser testados novos sistemas para resolver o problema judaico, levaram à reunião de *Gross-Wannsee*, em 20 de Janeiro.

Além de Heydrich e de mim, havia treze homens presentes na reunião, que se realizou em *Gross-Wannsee*, subúrbio de Berlim, na sede da *RSHA* - Departamento Principal de Segurança do *Reich* -, organismo chefiado por Heydrich e que se ocupa diretamente das questões dos Judeus.

Quando os homens se reuniram e iniciaram o debate, interessou-me não apenas o fato da presença das entidades principais da Polícia e das **SS** alemãs mas também a de cinco subsecretários civis. Era bastante claro o ponto de vista de Heydrich. Nenhum ramo do Governo alemão, civil, político ou militar, ficaria às escuras relativamente aos nossos planos. (Ao observar aqueles indivíduos civis, interroguei-me sobre quais as desculpas que estariam nesse momento a preparar nos seus cérebros labirintuosos para o caso de, posteriormente, virem a ser feitas

indagações.) Eichmann estava presente. Agora, somos bons amigos. As minhas estreitas relações com alguns dos chefes dos *Enzsatzgruppen* - particularmente esse enfadonho Blobel e o malicioso Artur Nebe - predispõem-me, mais do que o suficiente, a procurar o apoio de Eichmann, dado sempre o ter achado uma pessoa racional, delicada e de espírito aberto.

- Pairam novidades no ar, Dorf - comunicou-me, depois de me ter perguntado por Marta e pelas crianças. - O caso de Auschwitz.

- Já ouvi falar.

- Estive lá há pouco tempo. O Himmler concedeu luz verde ao Hoess. Estou a tentar coordenar os horários dos comboios e coisas no gênero com o Hoess.

- Porquê Auschwitz?

- Oh! Está muito bem situado, tem uma ótima via férrea e todas as hipóteses de proporcionar o maior isolamento. Rodeada por montes de judeus. A Polônia constitui o nosso problema fulcral. Todos estes novos locais (Chelmno, Belzec, Sobibor) ficarão situados na Polônia. O *Führer* não quer que o solo sagrado da Alemanha fique contaminado com sangue judeu, sabe? - sussurrou, voltando-se na minha direção.

- Compreensível.

Fiquei surpreendido com a frieza da minha reação a esta informação. Dado as **SS**, inclusive a *RSHA*, serem o ninho venenoso de competidores que são, Himmler rodeia freqüentemente a pessoa de Heydrich, ou mantém-no nas trevas, e, embora eu soubesse da existência destes novos campos, não tinha certeza quanto ao que por lá se passava. A minha área principal de responsabilidade continua a ser a campanha russa.

Hans Frank viu-me entrar na sala de conferências e agarrou-me pelo braço, desviando-me de Eichmann:

- Novos campos. Já ouvi falar nisso. Não faça essa cara, Dorf. Tente cheirar um pouco de gás, e prová-lo.

Afastei-lhe a mão e ouvi-o murmurar para um dos ajudantes:

- Mas que reunião! Heydrich, um semijudeu, e Dorf, um berlinense duvidoso.

A conferência prosseguiu.

Heydrich frisou aos que se encontravam presentes – em particular os civis, que incluíam entidades importantes, como os subsecretários dos Negócios Estrangeiros e do Ministério do Interior - que ele, Reinhard Heydrich, era o instrumento escolhido pelo *Führer* para "a solução final do problema dos Judeus".

- Em todas as zonas? - perguntou alguém.

- Todas.

- Significa... portanto, na Alemanha e em todas as regiões conquistadas?

A resposta de Heydrich foi a de que todos os judeus da Europa, que avaliava atingirem os onze milhões - estava a incluir os judeus ingleses e irlandeses - se encontrariam sob a nossa jurisdição e lhes caberiam o mesmo destino.

Nunca definiu com muitas palavras qual era esta "solução final", embora nem um único homem presente na reunião deixasse de o interpretar corretamente. Sabíamos.

- A emigração tem falhado - continuou o meu patrão.- Ninguém quer esses judeus, nem na América, nem na Inglaterra, nem seja onde for. Além disso, a logística de os afastar (particularmente os judeus da Europa Oriental) das suas aldeias e cidades decadentes é demasiada para nós ou quaisquer outros. Proceder-se-á, assim, a uma evacuação organizada dos judeus para leste, principalmente para a Polônia.

Heydrich mostrou, num mapa, como todos os judeus europeus - franceses, holandeses, ingleses e italianos – seriam enviados para leste.

- E o que se segue? - quis saber Hans Frank. - Depois de os ter despejado sobre mim?

Heydrich ignorou o comentário:

- Os judeus formarão unidades de trabalho. O enfraquecimento natural, devido a

doenças, fome, imposição de trabalhos forçados, para os quais os Judeus são inadequados, levará grande parte deles. Haverá, evidentemente, uma elevada percentagem de judeus sobreviventes, os tenazes e fortes.

- E o que lhes acontece? - inquiriu Eichmann.

- Receberão o tratamento devido.

As pessoas sorriram e mexeram-se nos lugares. Duas das entidades civis, à

semelhança de alunos bem-comportados apanhados a fumar com os rufiões da aldeia, soltaram risadas e acotovelaram-se.

- Será que é possível expandir-se mais sobre a questão, general? - interferiu o Gauleiter Meyer.

- Bom. Antes do mais, convém ficar bem esclarecido que estes judeus sobreviventes representarão uma ameaça direta para a Alemanha. Podem reconstruir a vida judaica. A seleção natural torná-los-á mais fortes. Por isso... terão de ser tratados devidamente.

- Com os diabos! - explodiu Frank. - Neste momento, há mais de três milhões de judeus na Polônia. Glutões, parasitas, cheios de doença, deixando um rosto de merda por todo o país. Posso afirmar-vos, como já o fiz diante dos meus chefes de divisão, que não conseguiremos abater a tiro ou envenenar três milhões de judeus, mas descobriremos qualquer processo de os exterminar.

- É-me permitido recordar ao governador-general que seja cuidadoso com a linguagem? - interferi.

- Com os diabos! - repetiu Frank, dando um murro na mesa. - Estão a falar de aniquilação. Sinto-me farto dessas fodidas palavras de código, esses substitutos da realidade.

Heydrich fitou-o friamente, e eu, no lugar de Frank, teria receado esse olhar de gelo.

Eichmann, sempre diplomata, tentou desviar as atenções daquele ponto.

Perguntou se os *Einsatzgruppen* deveriam ser expandidos, ao que Heydrich

respondeu afirmativamente. Eichmann também quis saber se haveria novos métodos a considerar.

- Pensa-se na utilização de gás - respondeu Heydrich.

Um indivíduo civil de elevada hierarquia - esqueci-me quem - pareceu surpreendido. Heydrich informou-o de que se estava a proceder a testes laboratoriais.

Novo movimento e coçar de narizes na sala. Os homens fitaram o teto imponente.

O Dr. Luther, que representava os Negócios Estrangeiros, assinalou que, há

alguns anos, o clero protestara quando os "inúteis" foram submetidos a mortes piedosas por meio de gás. Fiz um comentário à parte de que o fato não nos deveria deter. Luther virou-se na minha direção e citou protestos do Vaticano e das Igrejas protestantes, referindo-se à forma como o *Führer* recuara.

- E daí? - interferiu Heydrich.

O outro civil também se mostrava perturbado.

- Pode voltar a acontecer. O tiroteio em massa de pessoas numa guerra é uma coisa: há sempre desculpas que os homens razoáveis, inclusive os do clero, aceitarão.

Mas o gás! Aplicado a mulheres, crianças, velhos! Não podemos permitir que a Igreja se vire de novo contra nós. Este maldito assunto está a ultrapassar limites, Heydrich.

- Acalme-se - pediu Heydrich. - É com os Judeus que lidaremos.

Luther estava furioso.

- Sim! Com os que controlam os bancos, a imprensa, as ações da Bolsa, o aparelho comunista na Rússia! Que andam a conspirar aos ouvidos de Roosevelt!

- Acredite na minha palavra, doutor - retorquiu Heydrich, inclinando-se para a

frente. - Ninguém erguerá um dedo para proteger os Judeus.

Eichmann fez um aceno de concordância.

Parecia uma boa altura para apoiar o meu chefe:

- Além disso, pisaremos um terreno firme e legal. Executaremos (independentemente dos meios) inimigos do Estado, espiões, terroristas. Este tipo de atos é aceitável em guerra.

Após ter sido reduzido ao silêncio neste ponto, Luther levantou outros de somenos importância. Em alguns países, especialmente Noruega e Dinamarca, duvidava-se de que a população civil cooperasse no programa. Os Italianos também não se mostram muito dispostos a colaborar. Encolhem os ombros, apresentam desculpas.

Mussolini não se aplicou a fundo. E até mesmo Franco - que é, evidentemente, neutro -

tem estado a esconder judeus e a permitir que se introduzam furtivamente em Espanha.

Nos locais onde as **SS** têm encontrado uma forte resistência por parte da população local cristã, perdem subitamente força quanto ao tratamento da questão judaica. Luther declarou, a aplacar, que a longo prazo não se verificarão evidentemente reais dificuldades nos Balcãs e na Europa de Leste, onde os sentimentos contra os judeus são bastante vincados.

Alguns dos restantes civis mostravam-se, obviamente, perturbados; mantiveram-se, porém, silenciosos. Segundo parece, ninguém tinha mais nada a acrescentar.

Finalmente, Frank acabou por explodir, declarando que a teoria de Heydrich quanto a fazer "trabalhar" os judeus até caírem era puro disparate. A maior parte dos judeus da Polônia estavam tão esfomeados e doentes que seriam incapazes de algo produtivo.

- É esse o motivo por que se estão a construir novos campos – esclareceu Eichmann tranqüilamente.

- Sim. E sei para quê! - berrou Frank. Continua o mesmo fraco com quem me

avistei em Varsóvia, há um ano e meio. Por um lado, mantém-se preso à beleza da lei, à

abstrata noção de justiça. Por outro, está decidido a provar que é tão duro como qualquer de nós.

- Lembre-se do que o *Führer* disse um dia a um grupo de advogados e sentir-se-á

melhor - aconselhou Heydrich com um sorriso.

- Não me lembro - retorquiu Frank entre dentes.

- Dorf! - apelou Heydrich, voltando-se na minha direção.

Conhecia a citação: "Eu estou aqui com as minhas baionetas e vocês, desse lado, com a vossa lei. Veremos quem prevalece."

Foi um bom comentário para finalizar a reunião em *Gross-Wannsee*.

Mais tarde, alguns selecionados dentre nós sentamo-nos no gabinete privado de Heydrich, a observar o crepitar das chamas numa lareira enorme, a beber conhaque francês e a fumar.

Eichmann, Heydrich e eu entoamos canções antigas, propusemos brindes, primeiro no chão, depois em cima de cadeiras, em seguida na mesa, subindo cada vez mais alto de copos na mão. Heydrich declarou tratar-se de uma velha tradição da Alemanha do Norte.

O chefe dormitava junto da lareira, enquanto Eichmann e eu discutíamos as decisões tomadas nesse dia.

- Grave, verdadeiramente grave tudo isto! - observou Eichmann. - O mundo não entende, de fato, os nossos objetivos.

- Talvez não queiram - comentei.

- Oh! Fizemos um soberbo trabalho de camuflagem. Ninguém nos acredita e muitos não querem acreditar. Nem sequer os Judeus.

- Como amigo de há muito, peço-lhe que me responda a uma pergunta,

Eichmann - disse, inclinando-me para a frente. - Alguma vez teve segundos pensamentos? Alguma vez?

- Claro que não - nem sequer hesitou. - Estamos a obedecer à vontade do *Führer*.

Somos soldados. Os soldados obedecem.

- Mas a não comparência do *Führer* nestas reuniões... a forma como dá as ordens a Heydrich e a Himmler dão a sensação de, bom, contornar o assunto...

- Isso não quer dizer nada. Repetiu o mesmo vezes sem conta. Em 1922, declarou que enforcaria todos os judeus de Munique e continuaria, em seguida, nas restantes cidades. Lembre-se, Dorf, de que a nossa única lei, a nossa única constituição é

a vontade do nosso *Führer*.

Tinha, evidentemente, razão.

- Suponho que tem conhecimento deste novo programa.

- Os pormenores não lhe interessam - retorquiu Eichmann, bebendo o resto do conhaque. - Dirige uma guerra de duas frentes. Quer, no entanto, ver o trabalho executado. E aprovará. Sabe o que afirmou há anos: "Nada acontece no meu movimento sem o meu conhecimento e aprovação."

Tenho bastante admiração por Eichmann. Possui um espírito de idéias claras, embora relativamente destreinado, e um sentido de organização adequado a um bom gestor administrativo. Repetiu-me, freqüentemente, que não acalenta qualquer espécie de aversão relativamente aos Judeus. De um ponto de vista histórico, Eichmann até os acha fascinantes - os fundadores das grandes religiões do Mundo, eminentes na ciência, na arte, em todas as formas de erudição. Voltou a vangloriar-se dos seus tempos na Palestina como agente, da sua familiaridade com o hebraico. ("Uma língua difícil, Dorf.

Um sistema gramatical perfeitamente alucinante.")

Com o encanto que lhe é peculiar, Eichmann mudou seguidamente o assunto para a minha mulher e filhos, de quem se lembrava quando nos servira de anfitrião naquele dia maravilhoso, em Viena. Afirmou que a família também

sobrevivia, apesar dos aborrecidos racionamentos e dos ocasionais atos de sabotagem.

Sentia-me alegre e realizado.

- Não tenho dúvidas, Eichmann - declarei - de que é pelas nossas maravilhosas famílias, as nossas mulheres e filhos, que desempenhamos estas árduas tarefas. Dão-nos coragem e determinação.

Concordou:

- Devemos algo à futura geração de alemães. As decisões que hoje tomamos, por terríveis que possam parecer, são uma necessidade absoluta para preservar a pureza da nossa raça, a sobrevivência da civilização ocidental.

As gerações posteriores talvez não tenham a força ou a vontade para terminar a tarefa. Ou a oportunidade. Penso na minha casa, na minha família, e sei que estamos a proceder como é justo.

Continuamos a beber em silêncio no gabinete, enquanto Heydrich dormia, depois de um dia longo e fatigante.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

A mesma vagabundagem. Depois da nossa fuga de *Babi Yar*, tinham-nos contado que havia bandos de guerrilheiros espalhados pelas florestas da Ucrânia. Queríamos juntar-nos a um.

De

Babi Yar pouco ouvimos falar. Os fazendeiros ucranianos- nem todos eram tão brutais e covardes como os seus compatriotas que aderiram ao extermínio da ravina -

encolhiam os ombros quando os interrogávamos a esse respeito.

Não era, porém, um segredo. Uma velha fazendeira, a quem apenas restavam as gengivas, informou Helena de que cento e quarenta carros cheios de roupa tinham sido distribuídos pelos cristãos pobres de Kiev e dos arredores.

- Roupa dos judeus - não cessava de murmurar. - Dos judeus.

Numa manhã fria, Helena começou a tremer. Estava a dormir nos meus braços, na cabana em ruínas abandonada por um fazendeiro que partira sabe-se lá para onde, talvez incorporado no Exército Vermelho, talvez feito prisioneiro. Estava frio e sentia a umidade. Tinha roubado uns cobertores e dormíamos juntos, cada um tentando absorver o calor do corpo do outro.

- Tenho frio - disse, ao mesmo tempo que os dentes lhe batiam como se fossem castanholas.

- Chega-te mais a mim.

- Não servirá de nada, Rudi. Nunca mais aquecerei.

Esfreguei-lhe as mãos e os pulsos, mas não a consegui alegrar nem aquecer.

- Não consigo fugir mais - chorava. - Tenho frio e fome.

- Achas que devíamos ter ficado em Praga?

- Não sei... não sei... Pelo menos poderíamos arranjar comida. Tinha o meu apartamento, amigos...

- Todos os teus amigos estão em campos de concentração.

- Sou um fardo para ti - retorquiu. - Choro demais.

Olhei para os nossos utensílios primitivos, que colocara em cima da mesa: uma tigela, um prato e colheres de latão. Depois, peguei na tigela e atirei-a para a lareira.

- Com mil raios! Com mil raios!

- De nada serve, Rudi - chorou, e agora ainda mais desesperadamente, sentando-se na cama.

Agarrei-a e ergui-a do colchão de palha.

- Não. Não. Falaste-me dessa pátria sionista que tu e os teus pais querem construir na Palestina, em qualquer deserto rodeado pelos Árabes. Achas que o

conseguirás ficando para aí sentada e a chorar? Cedendo a alguém que te ameaça?

Aquele indivíduo de patilhas que falou sobre isso... como se chamava?

Fi-la rir com a minha ignorância.

- Oh, Rudi. És doido de tudo. Chamava-se Herzl.

- Bom. Esse seu sonho não terá o mínimo significado se os Judeus não aprenderem a lutar. Achas que conseguirão essa terra sem matar gente? Ou sem que uma porção de judeus sejam mortos?

- Desculpa, mas não sou capaz de pensar quando tenho frio - replicou, ao mesmo tempo que um arrepio lhe percorria todo o corpo. - Não consigo preocupar-me com Herzl, estando gelada.

Fora da cabana, escavei na terra gelada e descobri alguns nabos que não tinham sido colhidos no Outono anterior. Estavam gelados e meio apodrecidos, mas talvez conseguisse cortar algumas partes aproveitáveis. Um pequeno gato de pêlo arruivado seguiu-me no regresso a casa.

- Fecha os olhos - disse a Helena. - Trago-te um presente.

Obedeceu. Pus-lhe o gatinho no colo.

- Um siamês persa ucraniano de raça pura. Para ti.

- Oh, Rudi!... Está tão fraco e esfomeado como nós.

- Aprende qualquer coisa com ele. Um gato. Sobrevive.

- Dei-lhe um pedaço de nabo. - Tenta comer. Tem muitas vitaminas.

Engasgou-se e começou a vomitar.

- Imagina que é um apetitoso pequeno-almoço. Pão quente. Roubado. E café

fresco. Creme e açúcar?

Consegui fazê-la rir. Fingiu-se zangada comigo e atirou-me o nabo.

Comecei a murmurar enquanto mastigava o meu.

- Cá estamos nós. Uma família berlinense da mais fina flor. A mamã, o papá e o gato. Mas nunca viveremos em Berlim, Helena. Nem em Praga. Iremos para Eretz Israel.

Veio pôr-se por trás de mim, abraçando-me.

- Pouco importa - retorquiu. - Serei feliz onde quer que estejas.

- E eu também.

- E os nossos filhos.

- Nunca acreditarão nas histórias que lhes contarmos - continuei, acariciando o gato. - Fugir de Praga, para a Hungria e para a Rússia!

- Será bom que acreditem! Será bom que acreditem em cada palavra.

Apertei-a de encontro a mim.

- Já estou a ver o meu filho, Helena. Um miúdo traquinas com os teus olhos e o teu horrível sotaque checo, a troçar de mim: "Estás cheio de molho, papá! "

Voltou a rir, mas apenas para dissimular a tristeza que sentia. Pobre e frágil jovem. Tínhamos fugido porque a incitara.

Muitas vezes, tinha pressentimentos. A sua vida em Praga fora bastante agradável até à chegada dos Alemães. Custara-lhe fugir.

Pesava-me a culpabilidade de a ter convencido. Porém, tinha certeza que era aquela a única saída.

Observei-a a acariciar o animal. Uma jovem miúda e vulnerável, com o rosto oval, olhos de expressão intensa e cabelo castanho-escuro. Acometeu-me uma raiva íntima ao pensar na maneira como os *nazis* assassinavam pessoas como Helena, sem hesitação ou remorso. Quem, em nome de Deus, criara tais monstros?

Naquele momento, pareceu-me que o perigo que pairava sobre as nossas

cabeças, os horrores que víramos em *Babi Yar* e noutros lugares ainda tornavam mais imperioso que nos amássemos, que nunca nos ofendêssemos, que fôssemos sempre fiéis e bons um para o outro. Helena teve essa mesma percepção. Era o que lhe via espelhado nos olhos, o que lhe sentia nos suspiros e nas pequenas exclamações, na relutância de se afastar de mim, quando fazíamos amor em celeiros, casas abandonadas e campos.

O gato saltou de cima da mesa, miou, espreguiçou-se e dirigiu-se até junto da porta aberta da cabana, como que atraído por qualquer coisa.

Ouvi ruídos lá fora. Passos leves, um roçar de corpos pela folhagem. A vida de vagabundagem intensificara-me o sentido do ouvido. Guerrilheiros? Mas de que tipo?

Tínhamos sido repelidos por um bando de guerrilheiros ucranianos. Judeus, não, tinham-nos respondido. E acrescentaram que a sorte estava do nosso lado, por não nos abaterem e tiro mesmo ali.

Alguém deu um pontapé na porta, escancarando-a e ficando à espera.

Tirei a faca do cinto e recuei até à parede da cabana, fazendo sinal a Helena para que se pusesse atrás de mim.

- Quem está aí? - perguntou uma voz de homem.

No entanto, aguardou, sem transpor e ombreira.

- Mete-te debaixo da cama - sussurrei a Helena.

- Não vale a pena, Rudi... Chegou a hora de desistir.

- Saiam - voltou a ouvir-se a voz. - Com as mãos na cabeça. Somos cinqüenta e estamos armados.

O homem que falara entrou. Estava vestido com roupa de Inverno, de pano cru, a que propriamente não se podia chamar um uniforme militar, mas com pretensões a imitá-lo. Usava um barrete de pele, um velho casaco do Exército Vermelho e botas de feltro. Transportava duas cartucheiras de munições. Apontou uma espingarda do Exército Vermelho na minha direção.

- Não serve de nada, Rudi - choramingou Helena. - Pousa a faca.

- Ela tem razão. Atira-a para o chão. Saiam. Os dois. Ponham as mãos na nuca.

Obedecemos. Pôs-se de lado, para nos dar passagem. Pensei em saltar-lhe para cima, mas havia outros lá fora, pelo menos dois, segundo me era dado avistar, um homem e uma mulher, vestidos com uma coleção praticamente semelhante de farrapos, roupa velha, botas de feltro. Contudo, curiosamente estavam desarmados.

O homem da espingarda dirigiu-se à Helena em russo. Dava a sensação de se encontrar na casa dos cinqüenta e tinha o cabelo grisalho e o rosto com rugas.

Os três observavam-nos naquele jardim abandonado pelo fazendeiro.

- Uma maldita espingarda! - comentei para Helena. - Devia tê-lo atacado e desarmado.

- Quer tentar agora? - inquiriu.

- Não. Mas talvez o faça mais tarde. Onde estão os seus cinqüenta guerrilheiros armados?

- Chegarão, quando precisar deles.

Fez-se um momento de silêncio, enquanto nos estudávamos mutuamente, e, nesse momento, percebemo-nos que os cinco éramos judeus!

- Quem são? - perguntou o homem mais idoso. - Não mintam.

- Prefere que fale *yiddish*? - acrescentou para Helena.

- Somos judeus - respondeu. - Fugitivos. Ele é um judeu alemão e eu sou de Praga.

A mulher nova abriu o colarinho da túnica e mostrou uma estrela de David que trazia pendurada ao pescoço.

- Shalom - pronunciou num tom de voz calmo.

- Shalom! - correspondeu -Helena.

Tornara-me tão desconfiado que mesmo assim hesitei em avançar na direção deles. Contudo, Helena não teve um momento de hesitação. Caiu nos braços da mulher, chorando de alegria. O homem de mais idade deixou pender a espingarda e estendeu a mão. Apertei-a e também nos abraçamos. O homem mais novo apertou-me com força e beijou-me sem a mínima vergonha.

- Não consigo acreditar. Judeus com armas! - exclamei.

- Muito poucas armas - riu a mulher nova. - Chamava-se Nadya. Era muito morena e tinha olhos profundos e inteligentes.

- Esses cinqüenta guerrilheiros armados fazem parte da imaginação do Tio Sasha.

O homem mais idoso era o Tio Sasha. Enquanto atravessávamos os bosques, informou-nos que era o comandante da brigada de guerrilheiros na região de Zhitomir.

Todas as pessoas da brigada eram judeus. Os guerrilheiros ucranianos tinham as suas próprias unidades e não permitiam que os judeus lhes aderissem.

Contei-lhe como eu e Helena havíamos sido repelidos por um desses bandos.

O jovem - chamava-se Yuri - fez um aceno de concordância.

- Teve sorte em não o terem morto. Não conseguimos entender. Os Alemães estão a escravizá-los, a matar-lhes a juventude, queimam-lhes as casas, roubam-lhes as colheitas e seria de pensar que fizessem da sua uma causa comum com os judeus da Ucrânia. Mas não é assim. Ainda arranjam tempo para nos odiarem e rejeitarem. Uma pessoa fica desesperada.

- Que vão para o diabo! - exclamou o Tio Sasha. Fez uma pausa antes de entrarmos numa espessa zona bosqueada rodeada de árvores enormes, uma espécie de floresta semicultivada, provavelmente um pomar abandonado. - Cautela, agora. Ponham-se em fila. Você, o alemão, siga-me. Tem todo o aspecto de não se importar de entrar numa luta.

- Sentir-me-ia melhor com uma arma.

- Planejamos arranjar algumas muito em breve. Vamos.

Avançamos pela floresta úmida e fria. Olhei para Helena por cima do ombro.

Estava a sorrir. Finalmente, um lampejo de esperança.

Algures, em Março de 1942, o meu irmão Karl e o seu amigo artista, Otto Felsher, foram enviados com um carregamento de judeus de Buchenwald, para o novo campo de Theresienstadt. O campo ficava a cerca de cinqüenta quilômetros de Praga e tinha sido, na época da imperatriz Maria Teresa, uma cidade de guarnição militar e posteriormente uma vulgar aldeia. Contudo, os Checos tinham sido evacuados, as casas fechadas e isoladas, e agora estava reduzido a uma prisão, mas de um tipo muito particular. Tratava-se, na realidade, de um campo "mostruário", uma falsa fachada, para enganar o mundo exterior. Se bem que os judeus ali passassem fome, fossem meramente conservados algum tempo, antes de transportados para a morte, os Alemães fizeram constar que era um "gueto-paraíso", um "lar", um "campo especial" pare "Vips", judeus heróis da Primeira Guerra Mundial e judeus educados e nobres da Alemanha e da Checoslováquia.

Enquanto procedia à pesquisas para a elaboração desta história fiquei a saber que o rabi Leo Baeck, de Berlim, principal eminência eclesiástica judaica, esteve preso neste local. O mesmo aconteceu a vários generais judeus. E a um que estivera no quadro administrativo das *I. G. Farben*.

Várias centenas de pessoas, vindas de Buchenwald, ao descerem dos comboios, foram obrigadas, quais rebanhos, a marchar pela rua principal do campo. (Visitei-o depois da guerra e não consegui deixar de ficar impressionado - pelo menos do exterior pela aparência. Edifícios de estilo barroco, portas pesadas, ruas limpas. Contudo, era tudo uma fraude.)

O comandante deu as boas-vindas aos novos visitantes. Era um coronel das **SS**, um austríaco, e vincou, repetidamente, que se tratava de uma cidade que lhes fora concedida pelo *Führer*, uma cidade para os Judeus e que lhes competia mantê-la em ordem e limpa, obedecer às leis, cooperar com as autoridades. Theresienstadt serviria para desmentir todas as aldrabices que as pessoas andavam a espalhar sobre as coisas terríveis que a Alemanha estava a fazer contra os Judeus. Acrescentou que se desobedecessem às suas ordens, se mentissem, fizessem contrabando, roubassem, sujassem a cidade, como era hábito dos Judeus, teriam o destino dos criminosos vulgares. E chamou-lhes a atenção para uma forca para lá de um portão lateral, perto de uma pequena

fortaleza interior, de onde pendiam os corpos de três jovens.

O grupo foi, seguidamente, disperso e informado de que os seus próprios chefes da comunidade os distribuiriam pelos alojamentos e procederiam à divisão de tarefas.

Uma atraente mulher de meia-idade chamada Maria Kalova, que sobreviveu ao holocausto e através da qual consegui muitas informações sobre os anos que Karl passou em Theresienstadt, aproximou-se do meu irmão e de Felsher.

- Weiss? Karl Weiss? - perguntou.

- Sim - respondeu a rir e voltando-se para Felsher. - Não consigo acreditar. Uma comissão de boas-vindas a um preso. Também esperavam o meu amigo Felsher?

- A resposta é afirmativa. A palavra passa. Sou Maria Kalova. Trabalho no estúdio de arte. Vocês os dois foram designados para lá. A verdade é que um dos oficiais das **SS** ouviu falar do vosso trabalho e requisitou-vos.

- Mais dessas malditas árvores genealógicas! - protestou Felsher com uma expressão de desagrado. - A provar que todos estes ladrões e mentirosos descendem na totalidade de Frederico Barba Ruiva.

- Devem estar agradecidos - retorquiu. - Não estamos em nenhum hotel, mas conseguimos sobreviver.

Encaminhou-os através do campo. Com grande espanto de Karl, havia uma praça principal e uma série de lojas. Lojas num campo de concentração! E um banco, um teatro, um café.

Interrogou Maria Kalova a esse respeito.

- São mentiras, meras fachadas. Estamos na aldeia de Potemkim. O banco processa a circulação de moeda sem valor. A padaria nunca teve pão. Na loja de artigos de couro, pode-se comprar de volta a própria bagagem. Com sorte, temos uma chávena de café quente uma vez por semana.

- De que se trata, afinal? - quis saber Karl. - Uma brincadeira?

- Muito mais do que uma brincadeira para os *nazis* - respondeu Maria. - Quando

forem para os aquartelamentos, irão encontrá-los cheios de velhos e moribundos. Mal nos aguentamos com a comida que nos dão. Os castigos são severos ante a mínima infração. Vêem aquele fortezinho ali? É a *Kleine Festung*. O local onde os carcereiros das **SS** exercem a sua missão. Praticamente só difere de Buchenwald no aspecto exterior.

- Não entendo - observou Felsher.

- Theresienstadt é o passaporte deles para a respeitabilidade- esclareceu Maria. -

Periodicamente, a Cruz Vermelha Internacional ou alguns neutros (por exemplo, os Suecos) pedem inspeção a um campo de concentração. São trazidos aqui. Mostram-lhes de que se queixam estes judeus e pedem-lhes aprovação. *Führer* concedeu-lhes esta bela cidade.

- E engolem as mentiras Os inspetores acreditam neles?

Karl tinha a sensação de estar a enlouquecer.

- Talvez queiram acreditar - respondeu Felsher.

O estúdio dos artistas em Theresienstadt era amplo, arejado e cheio de luz. Karl percebeu, imediatamente, que as pessoas ali empregadas constituíam uma elite e recebiam as boas graças dos principais das **SS**.

Depressa veio a saber porquê. Tudo fazia parte do esquema *nazi* de apresentação do campo como uma cidade-modelo, no intuito de desviar o mundo dos fatos reais da vida nos outros campos - os Auschwitz, os Treblinka -, que, brevemente, entrariam em vigor como as grandes fábricas da morte.

Na parede viam-se cartazes coloridos com legendas como: *POUPEM COMIDA! A LIMPEZA ACIMA DE TUDO E O TRABALHO DÁ*

A LIBERDADE!

O trabalho artístico era espantoso. Assim teria de ser forçosamente: alguns dos mais qualificados artistas checos e alemães estavam presos em Theresienstadt, bem como muitos músicos, inclusive vários maestros, compositores e executantes.

Vários homens estavam ocupados com cinzéis, a pintarem cenas do que se poderia chamar "uma vida de gueto feliz em Theresienstadt". Karl, que tinha visto crianças nas ruas de Buchenwald, e mesmo em Theresienstadt, lutando por côdeas de pão, estremeceu.

Um indivíduo de aparência dura desceu do cavalete e veio apresentar-se a Karl e a Felsher. Chamava-se Emil Frey e era diretor do estúdio. Fora um artista de renome e professor de pintura em Praga.

- Presumo que se sentem felizes por terem saído de Buchenwald - comentou.

- Tudo isto me parece uma melhoria - retorquiu Karl.

- Somos gente de sorte - disse Frey. - Se você, Weiss, e você também, Felsher, não se meterem em embrulhadas, é possível que também sobrevivam.

- Já houve casos de fuga? - quis saber Karl.

- Não estamos numa prisão vulgar - respondeu Frey. - Está duplamente guardada: muros, arame farpado, cães, **SS**, polícia checa. Os *nazis* nem por sonhos desejam que o mundo venha a saber que mentem quanto à Theresienstadt e sobre todos os campos.

Enquanto Emil Frey falava, Karl começou a observar os diversos cavaletes e os desenhos, estudando os trabalhos em progresso e as pinturas acabadas e idealizadas.

Tratava-se de tributos à feminilidade alemã, o *Führer* em armadura, desenhos atraentes da

"vida no campo": sessões de música, de teatro, campos de recreio.

Maria e Frey mantiveram-se silenciosos, enquanto Karl dava a sua volta ao estúdio. Felsher seguiu a pegada de Karl, sacudindo a cabeça. Parou junto do cavalete de Frey e fitou-o intensamente.

- Estas pinturas são uma coleção de mentiras.

Frey mais uma vez se manteve silencioso.

- Fica de vigia às janelas - pediu, voltando-se para Maria.- Temos de iniciar a educação dos nossos dois aprendizes.

Assim que Maria se colocou junto de uma ampla janela, Frey retirou uma tábua do cavalete, de onde extraiu um rolo de desenhos. Desdobrou-os, segurando-os pelos cantos.

- Aqui, somos um grupo bastante eclético - observou a Karl e a Felsher. - O que vêem exposto constitui um estilo com um toque de romantismo, mas também nos ocupamos de realismo, comentários sociais, se preferem o termo.

O primeiro desenho era um esboço à pena - de gelar, aterrorizador, intitulado *Condenados*. Três corpos pendentes da forca. Homens das **SS** contemplavam, ironicamente, o espetáculo. O segundo chamava-se *A Última Viagem* - um desenho a lápis de um vagão carregado de caixões, cada um deles marcado com uma estrela de David.

- São seus? - interessou-se Karl.

- De todos nós.

- O comandante! - avisou Maria, que se conservava junto da janela. -E um grupo de inspeção.

Frey enrolou os desenhos e voltou a colocá-los no espaço oco do cavalete.

Segundos mais tarde, entrou o comandante das **SS**, um austríaco chamado Rahm, acompanhado de dois civis. Os civis, tanto quanto Maria se recorda, eram da Cruz Vermelha Internacional provavelmente, suíços.

- E como passam hoje os meus artistas? - perguntou Rahm num tom jovial.

Todos se puseram em sentido. Frey respondeu em nome de todos.

- Bastante bem, senhor comandante. Todos ocupados.

Rahm fitou os convidados.

- Estes cavalheiros pertencem à Cruz Vermelha. Ouviram falar no nosso amplo programa de arte, nos nossos pintores criativos e quiseram visitar o estúdio. É

um atelier ótimo, não acham, senhores? Dificilmente comparável a uma câmara de tortura, como a imprensa judaica continua a insistir na América. Mostre esses retratos de crianças aos nossos visitantes, Frey.

Karl e Felsher ficaram a observar, enquanto Frey expunha alguns retratos a pastel. As crianças pareciam anjos e não os miúdos esfomeados, sujos e desejosos de pão que Karl tinha visto lá fora.

- Encantadores! - exclamou um dos suíços. - Verdadeiramente encantadores!

Helena e eu estávamos no que os guerrilheiros russos, em especial os judeus, chamavam "um campo de família". Comunidades inteiras tinham fugindo para as florestas: os velhos, os jovens, as crianças e os que eram chefes por natureza, como no caso do Tio Sasha. Viviam numa verdadeira comunidade - partilhando, conservando a unidade familiar o mais intacta possível, tratando dos doentes e dos velhos e tentando organizar um certo tipo de resistência contra os Alemães.

O grupo do Tio Sasha era um das mais famosos. Os seus membros orçavam entre as cem e as cento e cinqüenta pessoas. Viviam em cabanas temporárias, tendas, qualquer tipo de habitação que pudesse ser rapidamente construída e desfeita. Estavam sempre em movimento, para se manterem fora do alcance tanto dos Alemães como dos bandos de guerrilheiros cristãos, que matariam judeus errantes sem hesitarem. (Helena e eu fôramos felizes no nosso encontro.)

A atmosfera no campo de família sempre me parecera fantasista, envolta em névoa. As pessoas falavam em voz muito baixa, se é que o faziam. Nem sombra das conversas ruidosas, sussurros e debates tão característicos das comunidades judaicas.

Estas pessoas haviam testemunhado crimes terríveis contra a família e os amigos; não tinham tempo para discutir entre elas nem para trivialidades. Apenas algumas das crianças davam a sensação de terem escapado a esta alteração de temperamento.

Jogavam à bola, brincavam entre si, corriam em redor das fogueiras e das cabanas com a despreocupação que caracteriza os jovens.

Helena e eu travamos amizade com o jovem casal Yuri e Nadya, que estavam com o Tio Sasha no dia em que nos encontraram. Donos de uma loja de fotografia numa aldeia ucraniana, haviam assistido à morte de todos os parentes.

Depois de se terem recusado (tal como nós) a responder a uma chamada de apresentação para um

"campo de trabalho", escaparam-se para as florestas.

Uma noite, enquanto comíamos a nossa simples refeição de aveia e batatas (comida comprada com grande riso à fazendeiros ucranianos, que, em qualquer momento, nos podiam denunciar), observamos alguns homens que rezavam por trás das cabanas. Um dos guerrilheiros era um rabi chamado Samuel, um homem novo de rosto comprido e uma expressão triste.

Reparei que o Tio Sahsa não se lhes juntava. Mantinha-se sentado com alguns dos seus homens, estudando um mapa garatujado da região, a planejar qualquer tipo de incursão. Estávamos, presentemente, de posse de três espingardas, todas roubadas de policiais locais, mas, para podermos atacar os Alemães, precisávamos de mais.

- Quem é? - perguntei.

- Sasha? - retorquiu Yuri. - É médico.

- Estás a brincar. Onde tem o consultório? -

Senti-me assaltado pela recordação do meu pai: a casa em Groningstrasse, a sala de espera, o cheiro a éter, quando o meu pai desinfetava as mãos. E a maneira como tomava o pulso, tão suavemente, ou ligava os meus tornozelos torcidos com uma perícia semelhante à de qualquer treinador especializado. E os passos arrastados pelas escadas, além da voz sempre calma e ponderada.

- Ainda consegue extrair um apêndice. E com uma faca de cozinha. Desde que estamos aqui já assistiu a dois partos.

- E o rabi?

- Samuel Mishkin. Da mesma aldeia que Sasha. Quer lutar ao nosso lado, quando estivermos preparados.

- É essa a minha idéia de um rabi - repliquei. - Talvez ainda um dia me consiga atrair de novo à sinagoga. - Eu e o Karl não íamos lá desde que passamos a *bar-mitzvah'd*.

Mais homens se juntaram à oração da noite, pronunciada pelo rabi. Inclinavam e sacudiam a cabeça. Tinham os olhos fechados. Cobriam as cabeças com xales e davam a sensação de perdidos num mundo diferente.

Um dos miúdos errou um pontapé e a bola foi cair no meio dos que rezavam.

- Afasta-te daqui - ordenou o rabi, pegando-lhe e atirando-a para longe. - Isto é

um *shul*.

- Não parece nada - comentou a criança.

- Encarrego-me de ti mais tarde - respondeu o rabi. - Onde os Judeus se reúnem para rezar, é a casa de Deus. Agora, vai-te embora.

Helena e eu desatamos a rir.

- Tal como quando era criança - observei. - Estavam sempre a ralhar-me por jogar à bola ao sábado.

O campo - enevoado e úmido - fez-me recordar novamente a minha casa.

- Como vieram parar aqui? - perguntei a Yuri.

- A nossa maioria veio de Koretz com o Tio Sasha. Foi ele o nosso chefe. Os Alemães mataram-lhe a mulher e duas filhas a tiro. Assassinaram mais de dois mil judeus numa tarde. Obrigaram-nos a cavar as suas próprias sepulturas, despiram-nos e abateram-nos. Uma bala na nuca. Os meus pais foram mortos. Os meus irmãos. A maior parte da família de Nadya. Um dos doentes do Tio Sasha era ucraniano, um advogado, um bom tipo, que nos avisou antecipadamente. Escondeu um grupo dos nossos na adega, até acabar a rusga. Em seguida, deixou-nos escapar. Chamava-se Lakov e, se viver um dia ainda procurarei que as pessoas se lembrem dele.

Nadya pegou-lhe na palavra e continuou a história:

- Outros judeus vieram juntar-se-nos. De Berdichev, Zhitomir. Todos os guetos estavam a ser destruídos. Os Alemães incumbiram-se de exterminar os Judeus.

- Mas porquê? Porquê? - perguntou Helena.

- Não precisam de motivos - respondi. - Qualquer desculpa lhes serve, porque têm armas e nós não.

Yuri descruzou as pernas e atirou um arbusto para a fogueira.

- Este é o nosso quinto campo. Temos de nos manter em movimento. Sabem que andamos por aí e, de vez em quando, as **SS** mandam patrulhar as florestas. Não querem um único judeu vivo na Rússia.

- Quando pensam resistir? - inquiri.

- Assim que tivermos armas suficientes - respondeu.

- Não é nada fácil - retorquiu Nadya, sacudindo a cabeça.- O Tio Sasha afirma que não podemos abandonar os velhos, as crianças, os doentes. Esse o motivo por que chama a isto um campo de família. Segundo diz, temos de sobreviver como uma comunidade, uma *yishuv*.

Fitei o chefe dos guerrilheiros. Naquele momento, estava sentado, sozinho, a fumar um desses fracos cigarros russos, contemplando as chamas. Tinha um rosto de traços duros e vincados, mas por baixo notava-se suavidade e compaixão. De novo, recordei o meu pai.

- Porque não reza com os outros? - quis saber.

- Rasgou o xale das orações depois de lhe assassinarem a família - esclareceu Nadya. - Diz a todos que vêm até aqui que se acabou a aceitação da morte, o caminhar tranqüilo para a morte. Seja como for, morreremos e portanto, devemos morrer a lutar.

- Mas vocês não passam de um punhado de pessoas - retorquiu Helena. - Nada fizeram. Foram mortos milhares, dezenas de milhares.

- Sejam tolerantes - pediu Nadya. - As pessoas estavam completamente subjugadas. Nunca acreditaram que uma coisa destas pudesse acontecer. E quem tinha armas, quem sabia como organizar uma resistência? Antes de darem por isso, já estavam presos postos em fila e assassinados.

O Tio Sasha levantou-se do seu lugar perto do fogo e encaminhou-se na nossa direção. Dava continuamente a sensação de estar cansado, de empreender todos

os esforços em mais um dia de vagabundagem e em manter a "família" unida.

- Podes fazer a guarda do dia, Weiss - disse-me. - Sabes disparar?

Apontei para e espingarda de modelo antigo que empurrava na minha direção:

- E essa coisa dispara mesmo?

- Se não disparar, pode ser utilizada como bastão.

- Isso já é comigo.

- Dá-me toda a idéia de já teres participado em algumas lutas - sorriu.

- É verdade. E quase sempre saí vencedor.

Começamos a caminhar até ao extremo do campo, onde estavam postadas as sentinelas, vinte e quatro horas por dia. Contemplou-me pelo canto do olho:

- Por que estás a sorrir?

- Estava a pensar... o meu pai é médico.

- Onde?

- Exerceu clínica em Berlim durante muitos anos. Depois, foi deportado. Da última vez que ouvi falar dele, vivia em Varsóvia. - Fizemos uma pausa. Helena estava perto. - Curioso! Chegou a querer que eu freqüentasse a Escola Médica.

- Não conseguias suportar ver sangue? - riu o Tio Sasha.

- Não. Só que sempre fui cábula.

Senti um afeto que me impelia para ele, algo muito importante que me faltara desde o dia em que o meu pai foi deportado, desde que fugi da Alemanha.

- Posso ficar ao lado dele? - quis saber Helena.

- Acho que sim - respondeu o Tio Sasha.

Um miúdo com cerca de catorze anos e transportando outras daquelas velhas

espingardas, aproximou-se.

- O Vanya indica o que há a fazer. Olhos bem abertos. E nada de conversas. São soldados.

Começamos a seguir Vanya ao longo dos bosques. Senti um impulso que me levou a voltar-me e a falar ao Tio Sasha:

- Aquele Samuel, o rabi - comecei.

- O que há com ele?

- Poderá fazer um casamento?

- Porque não? E podes até ficar-lhe a dever. Já fez vários casamentos aqui.

Contudo, poupa o romantismo para quando não estiveres de guarda.

Helena beijou-me. Tremia um pouco. Demos as mãos. Pus a espingarda ao ombro.

O rabi Mishkin casou-nos dois dias depois. As mulheres arranjaram uma coroa para o cabelo de Helena, servindo-se de folhas de árvore, e ainda um véu feito de um velho xale enfeitado, que uma delas trouxera da aldeia.

Um dos guerrilheiros era violinista e tocou melodias estranhas e antigas, dançando à nossa volta ora alegre, ora arrancando choros às cordas do instrumento. A minha mãe decerto se teria comovido com a sua execução.

Ficamos sob um pálio- a palavra *yiddish* é *chupa,* segundo vim a saber, suportando também muitos comentários trocistas sobre a minha "juventude" - e fomos considerados como marido e mulher pelo rabi guerrilheiro.

- Mas que judeu! O *yarmulka* nem sequer lhe assenta bem na cabeça - troçou o Tio Sasha, quando a cerimônia estava prestes a iniciar-se. - Usa-a como se fosse um boné de escuteiro.

Felizmente, e cerimônia durou pouco. Como deferência à minha ignorância, grande parte do serviço foi conduzido em *yiddish*, bastante parecido com o alemão, e de forma a que me permitisse compreender. Há anos que perdera os

poucos conhecimentos de hebraico que eu e Karl estudáramos em *cheder*. Aquelas vogais estranhas e os verbos inconcebíveis tinham-me arrasado o cérebro, sem hipótese de concorrência com desafios de futebol corridas de bicicletas e competições.

Comportei-me, porém, de uma forma respeitosa e sentia-me feliz. Quando Helena e eu trocamos alianças - anéis de cobre, feitos por um joalheiro que pertencia ao grupo de Sasha - e a beijei de leve, senti-me parte de uma velha tradição. Enquanto o rabi recitava as palavras apropriadas ao ofício religioso assaltou-me um estranho pensamento: "Se desejam tão desesperadamente dar cabo de nós, é porque somos válidos e importantes para o Mundo..."

- Vem ao encontro da noiva, amado - entoava o rabi.- Saudemos a princesa do *Sabá*...

Nada entendi da leitura da Bíblia, a não ser o que mais tarde Sasha me traduziu:

"Na desgraça chamei pelo Senhor, e Ele acorreu em meu auxílio..."

Por fim, disseram-me que esmagasse com a bota um copo que colocaram no chão. (Deveria ter sido usado um copo de vinho apropriado; mas não havia nenhum no campo.)

Obedeci e estilhaçei o vidro.

As pessoas aplaudiram, gritaram e o violinista tocou uma melodia alegre.

- Beija a noiva! Beija a noiva! - soava o coro de vozes.

- Desconfio que já se beijaram bastantes vezes – comentou o tio Sasha com uma piscadela de olho na nossa direção.

Helena e eu beijamo-nos. Tinha os olhos rasos de lágrimas.

- Que a vossa vida seja abençoada com felicidade, realização e filhos - desejou o rabi. - E acima de tudo um amor imorredouro mútuo e pelo Senhor, nosso Deus.

Segundo a fé de Abraão, Isaac e Jacob, considero-vos marido e mulher.

- Agora, és um homem com novas responsabilidades, Rudi - exclamou Sasha

com uma cotovelada. - Casa, seguro. Tens de poupar dinheiro.

Rimos. Dinheiro! Vivíamos como fantasmas vagabundos, em pior situação do que os ciganos. Talvez o fato sirva de explicação à minha perfeita adaptação ao *kibbutz*.

Durante aqueles anos de nômade, aprendi quão pouco se necessita para sobreviver.

As pessoas começaram a dançar, dando o braço, formando rodas, pulando e saltando. Sasha abraçou-me.

- Resistiremos a esses sacanas que nos querem matar - disse. - E em breve teremos a nossa vingança. Tu, Helena e os outros jovens, de novo viverão em paz, juro.

Nadya pegou no braço de Helena.

- Lamentamos não haver ganso assado para a festa do casamento, nem sequer um arenque.

- Não faz mal - retorquiu Helena. - Sentimo-nos felizes.

Sentia-me um pouco embaraçado - nunca me agradou ser o centro das atenções, exceto num campo de futebol – quando deram os braços e formaram uma roda à nossa volta.

Dez minutos depois acabava a celebração do casamento.

Avram, uma das sentinelas, entrou a correr no campo. Um fazendeiro ucraniano, que nos tratara decentemente e negociara com o Tio Sasha, avistara patrulhas *nazis* na estrada.

- Desfaçam o campo - ordenou Sasha. - As tendas deitadas abaixo e as fogueiras apagadas. Vamos partir outra vez.

Helena e eu juntamos as nossas magras posses - a tigela e o prato de latão, a faca e o garfo e os nossos cobertores.

- Não foi lá muito uma lua-de-mel - disse-lhe.

- Deves-me uma, Rudi.

- E muito mais do que isso - respondi, tomando-a nos braços.

Yuri agarrou-nos e ordenou-nos que ajudássemos a desmontar as tendas e a arrumá-las.

Assim terminou o meu dia de casamento. Em breve estávamos em marcha, ao longo da noite, embrenhando-nos nas florestas.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Minsk

Fevereiro, 1942

Desde o início deste maldito incidente que Heydrich e eu tivemos receios. (Não me refiro à operação em geral; falo desse incidente específico que implicou o *Reichsführer* Himmler.)

Tenho duas versões de como tudo aconteceu.

Uma é a de que Himmler pediu ao coronel Artur Nebe, o comandante do *Einsatzgruppe* B - o grupo de ação responsável pela região de Moscovo -, que preparasse uma "liquidação" modelo, a fim dele próprio saber como a tarefa era cumprida.

A outra é a de que a idéia partiu de Nebe. A fim de tentar cair nas boas graças do superior.

Seja como for, nem Heydrich nem eu gostamos da idéia.

Discutimo-la enquanto atravessávamos um campo gelado, fora da cidade russa de Minsk. Dado não passar de uma "demonstração", os homens de Nebe tinham reunido cerca de uma centena de judeus, todos homens à exceção de dois.

- Nebe é um idiota - sussurrou-me Heydrich. - Conheço melhor do que ele o nosso venerado *Reichs führer*. Tem montes de teorias e é bom a medir os cérebros judeus, mas não gosta de ver sangue.

- Tampouco eu, senhor - retorquiu.

- Mas habituou-se - observou o chefe.

Não lhe dei resposta, mas presumo que sim. Perante o amplo objetivo, a necessidade de tempo de guerra, quanto a isolar e diminuir a influência judia, devemos ter coragem para enfrentar missões de gravidade.

Os cerca de cem judeus foram reunidos à beira de uma profunda vala. Estavam nus. Nebe explicou a Himmler que os seus homens já tinham abatido a tiro quarenta e cinco mil judeus na região de Minsk.

O coronel Paul Blobel, que caminhava ao meu lado, murmurou:

- Que grande coisa! Nós livramo-nos de trinta e três mil em dois dias, em *Babi Yar*.

O grupo deteve-se a uns vinte metros do local onde se encontravam os judeus e deu-se um fato curioso. Os olhos de Himmler pousaram num judeu jovem, bastante alto e bem constituído, de olhos azuis e cabelo louro.

Com grande surpresa nossa, o *Reichs führer* avançou até junto do jovem e perguntou-lhe se era judeu, recusando-se a acreditar que um indivíduo com um tipo tão semelhante ao nórdico o pudesse ser.

- Sim. Sou judeu - respondeu o homem.

- E os teus pais são ambos judeus?

Heydrich e eu trocamos olhares de crítica e desilusão.

- Sim.

- Tens antepassados que não fossem judeus?

-

Não.

- Nesse caso, não te posso ajudar.

- Pelo menos não negou a descendência – sussurrou-me Heydrich.- Foi necessário bastante coragem.

Interroguei-me sobre se, inconscientemente, Heydrich estaria a pensar nos boatos que corriam sobre o seu próprio sangue judeu.

- Quando estiver preparado, *Reichs führer* - disse Nebe.

- Sim... sim... Os soldados abriram fogo com as espingardas e os judeus caíram aos montes, na vala. - Observamos Himmler. Tremia, suava e torcia as mãos. Inacreditável.

Este homem que passa ordens, diariamente, para execução em massa de milhões e não conseguia suportar ver uma centena deles mortos! Por qualquer estranha coincidência, as duas mulheres do grupo não estavam mortas, mas apenas feridas. Estendiam os braços, implorando piedade. - Matem-nas! - gritou Himmler.- Não as torturem dessa maneira!

Mate-as, sargento! Mate-as!

As mulheres foram, imediatamente, mortas com dois tiros na nuca.

Himmler cambaleou, como se estivesse prestes a desmaiar.

- É a primeira vez... Compreendem...- tinha a voz presa na garganta.

- Maricas de merda! - insultou Blobel.- Assassinamos judeus às centenas de milhares e sente-se agoniado quando vê um punhado partir para o seu Deus judaico!

Nebe piorou a situação, comentando para o *Reichs führer* que era uma mera centena e que os bons soldados alemães que se viam forçados a abater milhares, diariamente, estavam a ser afetados por esse motivo. Como é evidente, obedeciam e sabiam qual era o seu dever para com o *Reich* e Hitler, mas alguns destes homens estariam "acabados" para a vida.(Discordo, mas não me pronunciei; é surpreendente como o conhaque, os cigarros e os bens saqueados aos judeus mortos conseguem agüentar os nossos homens alistados - juntamente com a certeza de que enquanto estiverem a matar judeus não serão abatidos a tiro pelo Exército Vermelho.) Himmler, comovido até ao mais fundo de si próprio, pronunciou um breve discurso para os soldados reunidos:

- Nunca me senti mais orgulhoso dos soldados alemães - declarou o *Reichs führer*.

Havia um forte cheiro a pólvora no ar. Um grupo de trabalhadores judeus estava a deitar terra sobre os cadáveres.

- Os homens apreciam o elogio, *Reichs führer* – retorquiu Heydrich.

Os olhos de Himmler apresentavam-se enevoados por detrás das lunetas.

- Podem ficar com a consciência tranqüila. Assumo toda a responsabilidade pelos vossos atos ante Deus e o *Führer*. Devemos retirar uma lição da natureza. Luta-se em todos os lados. O homem primitivo aprendeu que um percevejo era mau e um cavalo bom. Podem argumentar que os percevejos, os ratos e os Judeus têm direito à

vida, e provavelmente concordarei. Contudo, um homem tem o direito de se defender dos vermes.

A voz tornou-se menos audível. Na privacidade deste diário vejo-me forçado a apontar que o seu rosto macilento, o cabelo escasso e o tom de voz efeminado dificilmente correspondiam ao ideal do herói ariano. Reinhard Heydrich enquadra-se muitíssimo mais nesse tipo de figura. Não admira que se detestem e desconfiem um do outro.

Os olhos de Himmler percorreram-nos:

- Heydrich, Nebe, Blobel... todos os meus fiéis oficiais. Este tiroteio não é a resposta. Devemos procurar processos mais eficazes para levar a cabo esta missão.

Mais tarde, Himmler foi levado a visitar uma instituição de loucos. Ordenou a Nebe que pusesse termo à vida dos internados, mas de uma maneira limpa e eficiente, servindo-se de algo mais "humano" do que os tiros. Nebe sugeriu dinamite.

Ainda nessa tarde, voltei a encontrar o coronel Nebe e o coronel Blobel no quartel-general dos *Einsatzgruppen*, em Minsk. Heydrich mostrava-se preocupado com os acontecimentos do dia e esclareci que tanto ele como eu discordávamos de Nebe e o acusávamos de estar a conduzir a missão de uma

maneira errada.

Quando lhe falei não o tratei pela patente, e ele acusou o toque.

- Sou o coronel Nebe, major Dorf.

- Depois de toda a confusão de hoje, tem sorte em não ser sargento. Porque não afastou o *Reichsführer* daquela louca idéia de assistir a um tiroteio? E não tinha homens capazes de acabar com todos de uma vez?

Tanto ele como Blobel foram apanhados de surpresa ante o meu assalto.

- Não me fale dessa maneira, Dorf. Com os diabos! - exclamou Nebe.

- A sua operação foi um desastre! - retorqui.

Blobel, com as botas assentadas na mesa de Nebe e um copo de *uísqui* na mão, deitou-me um olhar faiscante:

- Cale-se, Dorf. Alguns de nós estamos fartos da sua maldita interferência.

- Ah, sim? Bom. Para sua informação, Blobel, Heydrich não ficou nada satisfeito com os resultados de *Babi Yar*. Informaram-nos que há tantos cadáveres enterrados no local que a atmosfera está cheia de gases. Queremos que esses corpos sejam tirados para fora e queimados. Queimados de maneira a que não fiquem vestígios.

- O quê? Todos esses corpos? Quem é você para...

Interrompi-o. Estes homens, lá bem no fundo, são uns covardes:

- Ponha o cu a mexer para a Ucrânia, Blobel, e faça o que lhe digo.

Nebe passeava, nervosamente, de um lado para o outro.

Através da janela, avistava os seus homens, ajudados por "voluntários" lituanianos e conduzindo mais judeus para a vala.

- Não tem o direito de nos falar dessa maneira insultuosa, major Dorf.

- Claro que tem - retorquiu Blobel. - o mascote de Heydrich, o seu favorito.

Você e esse meio judeu acham que...

- É mentira. E quem espalha tais mentiras terá de responder por elas.

- Vá para o inferno! - explodiu Blobel, ao mesmo tempo que pegava na garrafa. -

Estou a precisar de uma bebida.

Levantaram-se. Não fui convidado. No entanto, Nebe continuava a tentar apaziguar-me. Um homem fraco:

- Ouça, major. Julgo ter uma boa idéia do que se está a passar na cabeça de Himmler. Falei-lhe em dinamitar grande quantidade de indesejáveis. Contudo, há outros processos. Injeções. Gás. Já se tentou noutros lugares sabe...

- Que vá para o diabo, Nebe - exclamou Blobel.

Quando iam a sair, ouvi Blobel, que se dirigia ao companheiro num tom de voz intencionalmente elevado:

- Temos de tomar medidas contra aquele sacaninha!

***

Berlim

Maio, 1942

Encontro-me de novo em Berlim, exausto depois da viagem pelos territórios ocupados. Finalmente disponho da oportunidade de ter Marta nos braços, de lhe beijar o rosto adorado, passar-lhe a mão pelos cabelos, de juntarmos os corpos na mais terna das uniões.

Estou desejoso de ver as crianças. O Peter anda a treinar-se na *Jungvolk*, a organização preparatória para a Juventude Hitleriana. Afirma querer juntar-se às **SS**

quando tiver idade, a uma unidade de combate como uma divisão *Panzer*. Disse-lhe que nessa altura já a guerra terá terminado há muito tempo, e com a Alemanha vitoriosa. A minha pequena Laura está a revelar-se uma ótima

estudante. Os professores adoram-na: é muito bonita, vivaz e obediente.

O trabalho aumenta e o meu âmbito de responsabilidade aumenta de dia para dia. Heydrich diz que sofro da gula do trabalho. Consigo fazer mais num dia do que os seus outros ajudantes numa semana. Chama-me o major "especialista".

Esta manhã, 21 de Maio, discutimos métodos de alternativa no seu gabinete.

Há dois meses, o novo campo de Belzec começou a utilizar gás de monóxido de carvão, mas os resultados não se revelam satisfatórios. Heydrich deseja um relatório completo. E, em Chelmno, perto de Lodz, experimenta-se um método engenhoso: grandes caminhões nos quais o gás expelido pelo tubo de escapamento é metido e selado. Também existem dúvidas quanto à eficácia deste método.

Divertimo-nos um bom bocado à custa de Blobel. Devo ter-lhe pregado um susto de morte. Voltou à *Babi Yar* e mandou desenterrar grande quantidade de corpos, que reduziu à cinzas em piras feitas com chulipas da via férrea regadas com gasolina. É

surpreendente como nesta época de racionamento de guerra e com as reivindicações do Exército quanto à mínima gota de combustível, Blobel conseguiu arranjar o pretendido.

No entanto, o Exército salta ante as nossas ordens. E, possivelmente, não dei o devido valor à Blobel. O seu método de tratamento dos cadáveres é notório, a ponto de, como Himmler decretou, "as próprias cinzas desaparecem".

Preparava-me para me ir embora, quando Heydrich me chamou, estendendo-me uma folha de papel:

- O que acha disto, Dorf?

Li, e enquanto o fazia tive dificuldade em me controlar.

- Em voz alta - ordenou Heydrich.

- "O major Erik Dorf, do seu pessoal, foi, no princípio dos anos trinta, membro de um grupo de jovens comunistas na Universidade de Berlim. O pai era membro do Partido Comunista e suicidou-se devido a um escândalo que

envolveu dinheiro. É

possível que a família da mãe de Dorf tenha um judeu na ascendência. Todas estas questões merecem ser investigadas."

- Bom

- Não está assinado - observei.

- Nunca estão. O que pensa disso, Erik?

- Mentiras. Nas partes e no todo, como dizemos no tribunal. Ele e o irmão passaram essa fase. Nada de sério. O meu pai foi, durante muito pouco tempo, socialista.

- Oh, peço-lhe desculpa.

- Há uma parcela de verdade. Suicidou-se, mas sem haver escândalo. Foi atingido pela Depressão. A família da minha mãe está imaculada.

- Tem certeza?

- Fez-se a habitual investigação a meu respeito, em 1935, general! Porque é que, depois de sete anos de serviços dedicados, uma coisa como esta vem à superfície, Deus do céu.

- Estou de acordo consigo. Infelizmente, Himmler também recebeu uma destas comunicações. Temo que queira outro relatório a seu respeito, registros de família e coisas no gênero.

- Não lhe deu referências positivas a meu respeito?

- Sabe como ele é em questões de serviço. Eu e Himmler tivemos as nossas rivalidades. Receio que esteja a servir de bode expiatório.

- Faz alguma idéia de quem lançou este veneno?

- Posso pensar numa dúzia de pessoas. Uma forma de me atacarem.

- Mas o senhor é a segunda hierarquia no comando – redargüi, tomado da maior surpresa. -Todos sabem que dirige as **SS** e o programa de reintegração dos

Judeus.

- É esse o motivo por que não têm confiança em mim. A verdade, Erik, é que sei muita coisa sobre todos eles, do princípio ao fundo da escadaria. Sei a escumalha e escória, que muitos são úteis para nós, mas não o tipo que querem. Somos intelectuais, Erik. Intelectuais chamados de estirpe. Contudo, a maior parte deles não passa de uma maldita galeria de patifes.

Na parede estavam penduradas fotografias de alguns dos nossos líderes, e Heydrich foi-os apontando com o dedo:

- Goering, drogado e corrupto. Devia vê-lo com a sua toga romana, perfumado, de unhas dos pés pintadas e *rouge* na cara. Rosenberg, uma amante judia. Goebbels, escândalos sobre escândalos. Himmler, algo de duvidoso por parte da mulher. E, seguidamente, chegamos a dignitários como Streicher e Kaltenbrunner, que não se encontram muito acima de vulgares criminosos. Esse o motivo por que o *Führer* precisa de se ver rodeado de alguns cérebros, Erik. Pessoas como nós.

- Espero nunca vir a fazer parte da sua galeria de patifes - comentei.

Voltou até junto da escrivaninha, sorriu e dobrou o papel que continha as falsas acusações.

- Porque havia de fazer? Partindo do princípio - acrescentou, enquanto eu tremia interiormente - que, como diz, esta carta é uma série de mentiras...

Sinto-me perturbado. Não só pela campanha de infâmias que foi lançada contra mim como pelas revelações de Heydrich sobre os nossos líderes. O que haverá de verdade em tudo isso? E que percentagem será para me assustar, para me mostrar até

que ponto vão os seus poderes? Não consigo solucionar este assunto. Digo a mim mesmo que todos os homens importantes têm as suas falhas. Nos círculos das **SS**, por exemplo, acredita-se firmemente que Roosevelt é um sifilítico. Daí estar preso a uma cadeira de rodas. O mundo sabe que Churchill é um bêbado. Contudo, acho estranho que Heydrich fale tão livremente e de uma maneira tão trocista dos nossos chefes.

Detêm poder de vida e morte sobre milhões de pessoas. Haverá uma vaga e fraca

possibilidade de que exista algo de errado em alguns dos nossos líderes, no tipo de guerras que levam a cabo, no governo que criaram? No entanto, temos merecido o apoio de todas as camadas da vida alemã - igreja, indústria, corporações, sindicatos, educadores! O povo alemão, herdeiro de Goethe e de Beethoven, não veneraria criminosos como sendo os seus profetas e reis. Heydrich exagerou, provavelmente, com o objetivo de me assustar um pouco. Ou seria em ação a parte judia que existe nele?

***

Chelmno, Polônia

Junho, 1942

Hoje, 17 da Junho, andei com o coronel Artur Nebe atrás de um desses caminhões de experiências. Não me esquecerei. Fiquei tão profundamente perturbado que me esqueci da inquietação devido à campanha de infâmias contra mim.

Nebe e eu seguimos num automóvel de serviço com motorista, ao longo de uma estrada suja e secundária. A alguma distância, à nossa frente, um caminhão enorme esforçava-se por conseguir o objetivo pretendido. Era um veículo de um verde-acastanhado, totalmente fechado, sem janelas, e com o indicativo AUTOCARRO DE

GUETO.

- Está em funcionamento - esclareceu Nebe. - Leva perto de quarenta. Carga demasiada.

- Quanto tempo demora o processo?

- Oh, depende. De dez a vinte minutos. Mais tempo, quando o caminhão vai pesado como este. A pressão de gás pode ser irregular e algumas vezes leva muito tempo a morrerem.

- E é este o seu método mais eficiente?

- Estamos a tentar, Dorf. Estamos a tentar. Parece-me uma forma temporária de solucionar o problema. Camionetas e caminhões por toda a Polônia e Rússia

percorrendo ruidosamente as estradas? Em vez de permitir que o monóxido de carbono se escape para a atmosfera, pode ser circulado num espaço limitado e utilizado para

"reintegrar" os Judeus. Há instalações que utilizam permanentemente o monóxido de carbono dos motores *diesel* em vários campos, mas também este processo se encontra numa fase mais ou menos experimental. Por exemplo, quase todos os judeus de Lublin, receberam, no campo de Belzec, este tratamento especial com gases de tubos de escapamento. Outros centros do gênero encontram-se, presentemente, prontos para iniciar a operação: Treblinka, Auschwitz, Sobibor. Contudo, até agora, ainda não descobrimos um método perfeito que associe rapidez, eficiência, disponibilidade e, se é

que posso ser cândido, uma certa dose de humanidade a fim de acabar rapidamente com o sofrimento.

- O modelo destes caminhões terá de ser alterado - declarei.

- Não foram concebidos para este tipo de missão - retorquiu Nebe.

O caminhão continuava a avançar e quase parou, quando o motorista meteu nova mudança.

- Como é por dentro? - quis saber.

- Arranham e agatanham as paredes. De vez em quando ouvem-se os murros que dão.

Pus o ouvido à escuta.

- Agora, não. O ruído do motor do caminhão não deixa.

Decorridos mais cinco minutos, pela estrada suja - o motorista tinha agora hipótese de avançar com mais facilidade, pois o piso era um pouco mais regular -, o caminhão virou para um campo e, em seguida, meteu por um arvoredo. Um odor conhecido chegou-me às narinas: corpos em decomposição. As moscas rondavam-nos.

- Nada mau - observou Nebe, consultando o relógio. - Meia hora desde o campo de Chelmno. Decerto já morreram todos.

-Não é essa a nossa pretensão - declarei, sacudindo a cabeça. - Andaremos a desgastar os motores de caminhões por toda a Polônia. Demasiado dispendioso e complicado.

- Sim. Precisamos de métodos novos - concordou Nebe.- O coronel Blobe, o coronel Ohlendorf e eu discutimos freqüentemente o assunto.

- Precisam? E que mais discutem nesses encontros?

- Muitas coisas.

- Algumas vezes elaboram cartas anônimas a Himmler e a Heydrich sobre alguns dos vossos colegas?

- Não sei a que se está a referir, major.

- Não?

Recusou-se a acabar o diálogo. Em vez disso, fez-me sinal de que o seguisse até

junto do caminhão, onde o motorista e outro homem das **SS**, ajudados por alguns trabalhadores polacos, estavam a retirar corpos nus da retaguarda do caminhão.

Cobrimos os rostos com lenços. O cheiro a fezes e sangue era insuportável. Os corpos ofereciam um espetáculo grotesco, formando uma massa acastanhada e vermelha, olhos salientes, bocas torcidas, como se tivessem morrido em agonia.

Observei subitamente que o sargento arrancava um pequeno corpo a um cadáver. Em seguida, puxou e fez o mesmo a outro. Eram crianças, provavelmente, de seis ou sete anos de idade. Uma delas era um miúdo com a cabeça rapada e semelhante aos que vira entre os judeus ortodoxos de Leste. Ainda estavam vivos, gemendo e rastejando.

O sargento abateu rapidamente cada um deles com um tiro na nuca.

Aproximou-se do coronel Nebe e fez a continência.

- Todos mortos, senhor. Exceto as duas crianças - comunicou. - Algumas vezes, as mães protegem os filhos.

Regressamos ao automóvel de serviço.

- Muito, muito mal feito! - observei.

- Sim. Fica-se emocionado, mesmo sabendo tratar-se de judeus. Alguns dos homens desmaiam.

Olhei desprezivamente para Nebe. Ordenara o extermínio de centenas de milhares. Não tinha a menor dúvida de que as suas eram as mais verdadeiras lágrimas de crocodilo alguma vez derramadas por alguém. Duro e frio, numa imitação dos meus superiores, suprimi qualquer sentimento de compaixão. Tem-se-me tornado relativamente fácil suprimir a humanidade relativamente àqueles de quem estamos a libertar o Mundo. A força de vontade consegue milagres.

- Não era isso o que pretendia dizer - afirmei. - Apenas que é totalmente ineficiente e um desperdício.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Em Theresienstadt, Karl encontrava-se, agora, integrado no círculo de artistas que trabalhavam secretamente, com grande risco pessoal e das famílias, com o objetivo de deixarem atrás deles uma imagem verdadeira do campo.

Aderiu energicamente e com todas as suas qualidades artísticas ao grupo de Frey, Felsher e dos outros artistas. Deixou de ter notícias de Inga e fingia não se importar.

Maria Kalova, uma das artistas, recorda-se de lhe ter surpreendido uma expressão de raiva quando outro "grupo de inspeção" visitou o campo e concordou que, de fato, os judeus não tinham razão de queixa.

- Mais um grupo de inspeção da Cruz Vermelha – observou Maria.

- Enganaram o mundo - riu Karl amargamente. - Ou então, as pessoas nem se interessam. Surpreende-me que ninguém faça perguntas quanto ao direito que lhes cabe de nos meterem em prisões. Parece aceitar-se a noção de que está certo prenderem os Judeus e tratarem-nos como cães desde que não os matem.

Frey avançou até junto da janela do estúdio.

- Não estou assim tão certo de que não nos matem. E não me refiro a estas mortes causadas pela doença e pela morte, nem aos enforcamentos de represália.

- O que queres dizer com isso? - inquiriu Karl.

- Assassínio sistemático. Vastos grupos de pessoas. Um elemento da polícia checa falou-me em comboios enviados para a Polônia... histórias sobre novos campos.

Regressaram aos cavaletes.

Karl estava a trabalhar num cartaz enorme. Rostos felizes. Pessoas a trabalharem. Lia-se: TRABALHA, OBEDECE, AGRADECE. Pousou subitamente o pincel e escondeu o rosto entre as mãos.

- Não te censuro - disse Maria, tentando confortá-lo.- Todos nos sentimos assim de vez em quando.

- Porque se assenhorearam do poder desta maneira? Não haverá ninguém capaz de lhes dizer não? - Ergueu os olhos.- Alguma vez te falei do meu irmão mais novo, do Rudi?

- Não. Só dos teus pais e da tua irmãzinha – hesitou. - E de Inga.

- Aquele Rudi! Fugiu. Mais corajoso do que qualquer de nós. Agora está morto, ou talvez tenha liquidado alguns deles. Quatro anos mais novo do que eu, mas costumava defender-me nas lutas de rua. Penso muito nele.

- Fico com a sensação de que tinhas uma família maravilhosa. Gostava de os ter conhecido.

- Não os voltarei e ver. Nem a Inga, diabos a levem. Não desejo vê-la mais.

Pegou-lhe na mão. Era uma mulher na casa dos quarenta, ainda com interesse, e um coração generoso. O marido tinha sido um líder da comunidade judaica de Bratislava. Tinham-no levado e abatido a tiro no primeiro dia da ocupação alemã.

(Reside atualmente em Ramat Gan, perto de Telavive, e é diretora de uma escola de arte; tornamo-nos amigos.)

- Não deves condená-la, Karl, simplesmente por ser uma alemã, uma cristã.

- O motivo é outro. Levava-me cartas quando estive em Buchenwald e recebia as minhas. Havia esse tal sargento das **SS**, que ela tinha conhecido antes da guerra, um amigo de família. Servia-nos de correio.

- Não é crime nenhum.

- Fazia-lhe um preço pelos seus serviços. Ela prestou-se.

- Foi por ti, Karl. Para poder ter notícias tuas, escrever-te. Pelo que me contas, não tinha outro motivo.

Karl suspirou e inclinou-se para trás.

- O diabo, no meio disto tudo, Maria, é que foi sempre mais forte do que eu.

Aliás, queria que o fosse. E, depois... ceder àquele sacana do Muller...

- Não és tão fraco como pensas - interrompeu-o Maria Kalova. - És um artista de talento.

- Um borra-tintas! Um vendilhão! Fui uma decepção para os meus pais, especialmente para o papá. Eu e o Rudi. Nunca correspondemos às expectativas que depôs em nós.

- Tenho certeza de que vos amou muito. Tal como a Inga ainda te ama.

- Devia ter dito que não a Muller.

- Não deves odiá-la por isso. Quando a voltares a ver, e sei que voltarás, deves dizer-lhe que está perdoada.

Não havia hipótese de confortar Karl:

- Ouviste o que disse o Frey. Todos morreremos. Não haverá encontros felizes.

- A esperança nunca morre.

Karl levantou o cartaz que estava a acabar. Por baixo estava um esboço a carvão, um dos desenhos secretos que os artistas criavam no momento, histórias

pictóricas das terríveis condições dos campos, da desumanidade animalesca dos alemães. Intitulava-se *Rostos dos Guetos* e resumia-se a um aglomerado de crianças esfomeadas e de olhos cavados, estendendo os pratos e pedindo mais comida. Um desenho fantasmagórico e aterrorizador. Vi-os em Theresienstadt, quando visitei o campo depois da guerra.

- Tem cuidado, Weiss - avisou Frey.

- Deixa que me apanhem.

- Não és só tu que estás em causa: há muitos de nós envolvidas - retorquiu. -

Quando te nos juntaste, mostraste-te de acordo em conservar esse trabalho escondido e fazê-lo apenas durante a noite.

Fitou os rostos que desenhara. Maria jura que se recorda de o ouvir perguntar sem se dirigir especialmente a ninguém: "Rudi... onde estás, irmão?"

***

Em Julho de 1942, dispúnhamos de armas suficientes para começar incursões contra o nosso inimigo. Ou melhor, os nossos inimigos. Grande parte da Ucrânia estava patrulhada pela milícia local. Usavam uniformes idênticos aos das **SS**, com um emblema especial, e iniciaram energicamente o assassínio e tortura dos Judeus, e de quem mais que os *nazis* achassem consistir uma ameaça para o seu domínio da União Soviética.

Numa noite de uma umidade pegajosa, agachei-me numa mata junto à berma da estrada que levava à cidade mais próxima, em companhia do Tio Sasha, Yuri e mais quatro do nosso bando. Tínhamos os rostos enegrecidos e cada um de nós estava de posse de uma espingarda de modelo antigo.

- Assustado? - perguntou Sasha.

- Sim - respondi. - Nunca o estive tanto em toda a minha vida.

- Não te deixes apanhar. Recordas-te do que te disse?

- Torturar-me-ão, obrigar-me-ão a revelar o vosso esconderijo.

- Tens razão. Mata-te, se tiveres de o fazer.

Não queria que me apanhassem; não desejava suicidar-me; e, apesar de toda a minha fanfarronice perante Helena, a minha insistência de que lhes queria dar a devida conta, sentia-me aterrorizado, interrogando-me se conseguiria matar alguém. Vivia o ódio dentro de mim, um ódio enorme. Descobri, porém, que possuía muito menos coragem do que a que imaginara. Naqueles momentos de espera, verifiquei que, afinal, desprezava muito menos aqueles judeus que vira submeterem-se pacificamente, seguindo ordens sem protesto, de pé e em silêncio, junto das valas.

- Quanto falta? - quis saber.

- Chiu! - ordenou-me, levando um dedo aos lábios. -Estou a ouvi-los.

Também os ouvimos. Botas pisando a estrada. Um homem a cantar. Vozes.

- Alemães? - perguntei.

- Milícia ucraniana - respondeu Sasha.

- Servem-nos?

- Queremos as armas, as balas e as botas deles, rapaz. Além disso, assassinaram judeus desde que os primeiros alemães chegaram a este local. Sabes que os filhos da mãe têm um exército inteiro - um exército - a lutarem pelos *nazis*?

Senti que as mãos que apertavam a coronha e o gatilho da arma me tremiam.

Dispúnhamos de tão poucas munições que nem sequer praticar ao alvo nos era possível.

Treinávamos disparando armas vazias contra alvos de papel. E estava esfomeado.

Comíamos muito pouco no campo de família.

Vinham seis homens com o uniforme das **SS** a descerem a estrada. Era óbvio que não esperavam qualquer perigo, pois avançavam em formação unida, um deles a cantar enquanto os outros conversavam. Traziam as armas pendentes do ombro.

Aparentemente, um estava embriagado e era amparado por um companheiro.

- Fogo! - ordenou Sasha.

Precisei de um instante para reagir. Não me parecia justo. Estávamos a matá-los da mesma maneira que matavam os Judeus. Demasiados jogos de futebol, noções de bom desportista e ideais de estudante, segundo a opinião de Sasha, depois de tudo passado.

Fizemos fogo com as espingardas. Três caíram imediatamente por terra. Um gritou e começou a saltar sobre um pé. Outro procurou abrigo e começou a disparar uma metralhadora, na direção dos arbustos onde estávamos escondidos. O último desatou a fugir.

Yuri rastejou. Ele e Sasha iniciaram um círculo para apanhar o homem que disparava a *Schmeisser*. Sasha gritou na minha direção:

- Apanha o que vai a fugir!

Avistei-o a ziguezaguear pela estrada, de volta à cidade. Corria desajeitadamente, dobrado pelo peso da arma e a mochila. As balas desenhavam clarões amarelados na noite. Por sorte, o homem da metralhadora - e que devia ser o chefe da brigada dava toda a atenção aos atacantes. Poderia ter-me derrubado com um tiro no instante em que corri atrás do fugitivo. Tinha certeza de que o conseguiria apanhar. Quando estava a um metro dele - respirava dificilmente e ofegava - bati-lhe nas costas com a coronha da espingarda. Caiu e começou a gemer. Puxei-o pelos pés e olhei-o. Um miúdo. Dezesseis anos, talvez. Tinha um rosto corado e de lua-cheia, uma expressão estúpida e cabelo comprido da cor do trigo. Arrastei-o até junto do matagal. O tiroteio findara. Todos os outros ucranianos estavam mortos. Yuri e os restantes despojavam os corpos de armas, cintos de munições, botas e tudo o mais que achavam útil.

Desarmei o meu preso e empurrei-o na direção de Sasha. Caiu e estendeu a mão para as minhas botas. Soluçava, pronunciando frases em ucraniano, mas não entendi uma só palavra.

- Leva-o para os arbustos e mata-o - ordenou Sasha.

- Mato...?

- Já te disse que sim.

- Porquê? É um miúdo. Não o podemos mandar de volta?

Sasha tirou-me a espingarda.

- Se não és capaz, eu próprio o farei. Esse cabrão de merda matou judeus como se fossem moscas. Se ficar com vida, regressará à aldeia e voltará acompanhado das **SS**.

Mata-o.

Tinha razão. Estávamos numa guerra de morte. Arrastei o jovem para os bosques, empurrei-o à minha frente e murmurei qualquer coisa relativamente a amarrá-lo. Em seguida, ergui a espingarda à altura do crânio e estourei-lhe os miolos.

Tremiam-me as mãos e comecei a chorar.

Quando saí do matagal, Sasha não me prestou atenção. Gritava ordens para o grupo, dizendo-lhes que se apressassem.

- Basta. Basta. Não queremos as roupas interiores. Só botas, cintas e armas.

Vamos embora.

Fugimos da estrada para os bosques, mantendo-nos afastados. Avançamos rapidamente. O campo ficava, pelo menos, a duas horas de caminho.

Avancei sozinho, pelo bosque escuro, cambaleando, aos tropeções, sem perder de vista Yuri, que seguia à minha frente. Nunca tinha morto quem quer que fosse. Claro que me vangloriara e repetira a Helena vezes sem conta quanto desejava vingar-me.

Contudo, o espetáculo dos olhos aterrorizados daquele jovem estúpido, o saber que estava morto, que não voltaria a ver o nascer do Sol nem o rosto de uma rapariga, nem voltaria a nadar num lago de águas límpidas - tudo isto me sobressaltava e me levava a interrogar se, na realidade, seria o vingador sedento de sangue que me imaginara. Fiquei a saber algo a meu respeito. Matar era algo indigno e depravado. Não me habituaria a fazê-lo. Matava-se para sobreviver,

para manter a vida dos que se amava. Nada havia de bom ligado à eliminação da vida dos outros. Aquele jovem ucraniano tinha pais, uma família, esperanças. A semelhança de milhões de nós, que, agora, morríamos sem qualquer razão. Consolei-me. Eles eram assassinos conhecidos, bandidos pagos e impiedosos, na sua caça e morticínio dos Judeus. Deveria sentir uma sensação de triunfo e entusiasmo dentro de mim. Contudo, não era um guerreiro como o rei David, exultando com o aniquilamento de milhares de pessoas. Sentia-me infeliz, com frio e vazio. Pior ainda, pois comecei a interrogar-me se valeria a pena resistir, se existia algo de positivo no "campo de família" de Sasha, na sua determinada obstinação de invadir, atacar, matar. No entanto, decidi-me pela afirmativa. Todos estávamos marcados com o estigma da morte pelos *nazis*, e a morte que Sasha escolhera era preferível à que haviam planejado para todos os judeus a Europa.

De volta ao campo, atirei-me exausto para a pequena cama que partilhava com Helena e outro casal e fiquei a olhar as tábuas do teto.

- Era um miúdo. Não teria mais de dezesseis anos – voltei a dizer.

- Não fales mais no assunto, Rudi.

- O Yuri afirma que ele era do gênero dos que matam judeus a troco de um pedaço de pão.

- Por favor. Por favor, Rudi... Peça-te que pares com isso.

- Nunca matei ninguém antes.

- Tiveste de o fazer.

- Na nuca. Estourei-lhe os miolos. Olha, ainda tenho sangue na túnica.

Helena pegou num trapo molhado e começou a esfregar a mancha escura.

- Ter-te-ia morto. Matou centenas doutros.

- Sim. Deveria sentir-me feliz. Dançar de alegria. No entanto, não somos como os outros. Não conseguimos fazê-lo e ficar felizes. Provavelmente, depois de matarem judeus embriagam-se, dançam e fornicam.

Mantivemo-nos alguns momentos sem falar. Lá fora, ouvia Sasha, incansável, excitado, a fazer o inventário do resultado da nossa incursão. O primeiro prêmio coubera às metralhadoras. Agora, já estávamos em situação de perseguir mais alguns alemães.

- Meu querido, meu querido! - exclamava Helena. - Porque nos obrigam a viver desta maneira?

- Não compreendo. Tampouco aos meus pais, e, provavelmente, agora estão mortos. Talvez Sasha tenha a resposta. Talvez seja ele o único que compreenda. Matar ou ser morto.

- Apenas queremos viver, Rudi. Tu próprio o disseste.

- Não basta. Para onde iremos? Quem nos quererá?

- Oh, Rudi... para a Palestina. Eretz Israel. Senhor e senhora Weiss.

- Eu? A apanhar laranjas?

- Obrigar-te-ei, sou a tua mulher. Beija-me.

- Sim, és realmente.

Abraçamo-nos. Beijou-me uma e outra vez, nos olhos, nariz, ouvidos e pescoço.

- Pomares de laranjas e cedros. Aldeias de camponeses. E o mar azul.

- Quase te acredito. Não totalmente, mas quase.

- Tens de me acreditar.

Sentei-me na cama. De momento, fizera-me esquecer o jovem que tinha morto.

Fora da cabana soavam risos: judeus com armas. Desejei ser parte deles. É curioso como todas as minhas dúvidas e receios duraram tão pouco.

- Salvaste-me a vida em Praga - retorqui. - Devo-te uma viagem a essa grande pátria sionista de que passas a vida a falar.

- Não se trata de uma viagem, mas da nossa vida. Um local onde não nos possam

prender, nem espancar, nem matar. Tampouco insultar-nos.

Fitei-lhe os olhos escuros e ligeiramente rasgados:

- Minha pequenina e morena mulherzinha checoslovaca. Recordas-te da primeira vez que fizemos amor em Praga? Naquele apartamento frio?

- Não me atrapalhes, Rudi. Fazes-me sentir como... como uma mulher da rua.

- Foi maravilhoso. A melhor coisa que me aconteceu na vida.

- Para mim também, Rudi.

- De cada vez que estamos juntos, quase me sinto enlouquecer. Duas pessoas unidas assim. Não meramente os corpos, Helena, mas como se fôssemos dois num só, não sei... Como se Deus, a natureza, ou algo decidissem que assim fosse. A semelhança do nascer de uma flor.

- Eu sei, meu querido - replicou. - Por isso que nunca morreremos. Nunca morreremos.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Berlim

Junho, 1942

Heydrich morreu hoje. 4 de Junho de 1942.

O meu patrão, herói e ídolo. O homem mais inteligente que alguma vez conheci.

Sinto-me desfeito, inconsolável.

Há seis dias, quando percorria Praga, terroristas checos atiraram-lhe uma bomba para debaixo do automóvel.

Ofereci-me, imediatamente, para ir de avião e estar ao seu lado naquela hora, mas Himmler dissuadiu-me. O gabinete não podia deixar de funcionar. Heydrich foi atingido na espinha e teve uma morte extremamente dolorosa. Corre o boato de que, no leito de morte, expressou um profundo ato de contrição pelas ações cometidas.

Himmler não perdeu tempo a punir os culpados. Mais de mil e trezentas pessoas foram executadas em Praga para vingar a morte do nosso líder derrubado. E uma aldeia chamada Lidice foi arrasada, tendo sido todos os habitantes mortos ou metidos na prisão. Goebbels (que nunca tinha sido íntimo do meu falecido superior) mandou abater a tiro, em Berlim, cento e cinqüenta e dois reféns judeus. A partir de agora, o programa de reintegração dos Judeus será conhecido como "Operação Reinhard", em sua memória.

Senti-me tão afetado por este acontecimento que durante alguns dias não fui capaz de escrever as minhas memórias. Ainda não nomearam o sucessor de Heydrich (qual o sapato para a sua medida?), e com os inimigos que arranjei em vários departamentos, sempre protegido pelo apoio de Heydrich, estou agora preocupado com o meu futuro.

No dia em que atacaram Heydrich - 29 de Maio -, Marta e eu discutimos. O

ambiente em casa tem estado tenso. É dedicada, afetuosa... mas sempre me considerou com falta de ambição. E devo confessar que os meus apetites sexuais

e as atenções para com ela diminuíram. Talvez um psicólogo fosse capaz de explicar o fato. Contudo, tenho visto tantos corpos nus - corpos feios, sujos, condenados, de judeus -, vivos naquele momento e mortos e ensanguentados no minuto seguinte, que, estranhamente, me sinto revoltado com o próprio pensamento do corpo, seja de quem for. Será que a vida é mais importante no plano abstrato, nos nossos espíritos e mentes? Não estariam todos os veneráveis santos e eremitas, que ignoraram o corpo, muito perto de qualquer grande verdade?

E assim, naquela quente noite de Verão, antes de receber a notícia, estava sentado na cama, a fumar, incapaz de dormir, pensando naqueles cadáveres empilhados, na maneira como os judeus caíam uns por cima dos outros em Minsk, *Babi Yar*... centena de lugares.

- Erik! Passa-se alguma coisa de errado? - perguntou Marta, acordando.

- Não, querida. Desculpa se te incomodei.

- Nunca mais dormiste bem desde aquela última viagem que fizeste ao Leste.

- Tudo está a correr normalmente comigo. Apenas me sinto um pouco cansado.

Tu, minha querida, é que andas a descurar a saúde, por causa das crianças.

- Estou bem - garantiu, apoiando a cabeça no meu peito.

Um braço rodeou-me as ancas. Tive uma sensação de repulsa, mas não me mexi.

- Não o deves esconder, Marta. Desde aquele dia no consultório do médico (já lá

vão uns sete anos) que sei da tua doença. Nunca lhe deste importância e admiro-te por isso. És mais corajosa do que o teu marido com o seu uniforme preto e a *Luger*.

- Como é possível afirmares uma coisa dessas? Depois de todas as missões perigosas que desempenhaste, de todas as coisas importantes que fizeste para Heydrich?

Afastei-lhe o braço, sentei-me na beira da cama e acendi outro cigarro.

- Temo que a guerra esteja perdida, Marta. Talvez tenha ficado perdida no dia em que os Americanos decidiram entrar. A sua indústria e exércitos acabarão conosco.

Abastecerão os nossos, que não terão piedade de nós.

- Não. Não acredito.

-Tenho ouvido os grandes. Já andam a falar de acordos: lançar o Ocidente contra os Soviéticos. No entanto, não resultará.

- Vamos sair vitoriosos.

- Continua a pensar assim, se te sentes melhor, querida. No entanto, vejo perfeitamente o que está para acontecer.

- Não deves falar dessa maneira, Erik.

É uma mulher de aço.

- Escuta-me, Marta - disse-lhe, apagando o cigarro e voltando-me na sua direção.

Porém, logo em seguida calei-me.

Há uma semana, vira alguns dos homens de Nebe a empurrarem uma jovem judia para dentro de um caminhão de gás. Era loura, de pele clara, mais bonita que a minha mulher. Recusara despir-se. Tinham-lhe arrancado a roupa do corpo, depois do que lhe haviam dado pontapés nas nádegas, como se fosse um animal, e obrigado a entrar no carro da morte, a som de cassetete. Durante segundos, vi o rosto desta mulher em vez do da minha.

- Escuta-me - continuei. - Um dia, as pessoas podem contar mentiras terríveis a nosso respeito. Sobre o que fizemos na Polônia, na Rússia. Mentiras, tudo mentiras.

- Não as ouvirei.

- Tentarão forçar-te a que o faças. Quando o fizerem, deves dizer às crianças que fui sempre um bom e honesto servidor do *Reich*, que me limito a obedecer a ordens como um soldado de combate... ordens do topo.

- Não deixarei que mintam a teu respeito.

Nebe... Ohlendorf... Eichmann... Blobel. Os rostos desfilaram, à minha frente, envoltos em névoa. Seguros de si. Sem desculpas, nem dúvidas. Recebiam ordens e cumpriam-nas. Alguém perguntou, e brincar, ao coronel Biberstein, o nosso antigo capelão, se alguma vez pronunciara orações pelos judeus prestes a serem abatidos a tiro e ele respondeu, com um olhar jovial: Não se atiram pérolas a porcos."

Desejava falar-lhe dos meus camaradas, mas só consegui pronunciar algumas frases, sem nexo, a propósito das fanfarronices de Hans Frank, quanto a encarregar-se da morte de milhões, e de Hoess, que cumpria devotamente ordens constituindo essa fábrica de execução em Auschwitz.

- Também deves cumprir o teu dever. É assim que se vai subindo a escada.

- Sim, claro. O Hoess. Um indivíduo incrível! Passou oito anos na cadeia, por assassínio. No interesse do partido, evidentemente. Foi educado por judeus. Adora a mulher, os filhos, é naturalista, gosta de animais. A imagem do alemão ideal. E, no entanto, o que está e fazer agora...

- Pára. Não quero ouvir falar deles. És melhor que todos. És uma pessoa educada, requintada, inteligente. Mesmo melhor do que os que se encontram no topo!

De súbito, comecei a tremer e pedi-lhe que se agarrasse.

Ficamos abraçados na cama, durante uns minutos. Parecia sexualmente excitada, mas não me sentia capaz de responder.

- Oh, Erik! Meu querido! Estás a tremer.

- Abraça-me, Marta.

- Nunca deves duvidar de ti. Nunca ponhas em dúvida o que estás a fazer.

O que sabe ela do meu trabalho? Algumas das nossas mulheres estão a par de tudo. A de Hoess vive mesmo em Auschwitz. Outras mantêm-se no papel de *Hausfrau* (1) ignorante - igreja, cozinha, filhos - e não fazem perguntas.

[1-

Hausfrau: dona de casa. (N. da T.)]

Nesse momento tocou o telefone. Era do gabinete de Heydrich, com a notícia de que fora gravemente ferido num atentado de morte e se encontrava internado num hospital de Praga. Necessitavam da minha presença imediata na sede.

Esperava que Marta chorasse ou gritasse, mas em vez disso agarrou-me pelos ombros e pediu:

- Mostra-te agressivo e corajoso. É a tua oportunidade.

Nada disse, enquanto me vestia. Recusava-me a acreditar que Heydrich morresse. Não aquele homem imaginativo e dinâmico!

- Podes suceder-lhe - exclamou Marta.

Hitler chama "uma batalha perdida" à morte de Heydrich. Contudo, há suspeitas de que no íntimo o *Reichsführer* Himmler se sente aliviado. Foi Himmler quem pronunciou a elegia no funeral, e não se poupou a elogios. Chamou-lhe nobre, digno, um mestre, um educador. Seguiu o caixão, logo atrás da viúva de Heydrich, levando-lhe os filhos pela mão. Pressupostamente, Himmler confessou mais tarde a alguém que se

"sentiu um pouco deslocado com dois mestiços pela mão" - uma referência aos boatos do sangue judeu de Heydrich.

E, agora, não tenho protetor nem patrão. Em muitos círculos pensava-se que, quando a guerra acabasse e na altura em que Hitler estivesse pronto para se retirar, Heydrich teria sido o seu sucessor lógico - tão superior, a nível criativo e de imaginação, era ele em comparação com os outros. Presentemente, tudo isso recebeu ponto final. E

temo que para a Alemanha seja igualmente um ponto final.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

A *Organização de Luta Judia* ia-se formando pouco a pouco em Varsóvia.

O meu tio Moses encontrava-se agora profundamente implicado. Era um dos mais velhos, no início dos cinqüenta, sem se mostrar muito audacioso, possuidor de um tipo de humor calmo, mas apostando tudo juntamente com os mais novos, os sionistas e os ativistas políticos. O meu pai, que não se abria muito com a minha mãe, também fornecia o seu apoio aos lutadores da Resistência.

Em páginas anteriores desta narrativa já mencionei um rapaz chamado Aaron Feldman, um estudante da minha mãe na escola do gueto. Este miúdo, com cerca de treze anos, pequeno e destemido, tinha sido um contrabandista dos melhores e também agora aderia à Resistência. O seu conhecimento dos túneis, passagens e buracos no muro, bem como dos horários e temperamentos de vários guardas - polícia do gueto, polícia polaca e das **SS** -, provou-se de uma extrema utilidade.

A Resistência precisava de armas acima de tudo. E, portanto, estabeleceu-se contato com grupos polacos da Resistência que lutavam do outro lado do muro, com vista a obter a sua ajuda.

O tio Moses ofereceu-se como voluntário para acompanhar o jovem Feldman ao lado "ariano", a fim de comprar as primeiras armas, depois de já ter estabelecido contactos por mensagens. (Se se fosse apanhado fora do muro, a punição consistia em morte imediata por um pelotão de fuzilamento.)

Moses levou um pacote de medicamentos - a sua desculpa seria a de andar, numa missão de caridade, a distribuir produtos farmacêuticos a amigos gravemente doentes.

Não seria o suficiente para o salvar, mas era melhor uma desculpa do que nenhuma.

O meu pai tentou dissuadi-lo:

- És velho demais para isso.

- Velho demais para quase tudo - retorquiu Moses.- Se falhar, a única perda será

para a farmácia.

- Partam - ordenou Zalrzan.

E Moses perdeu-se na noite, acompanhado do miúdo.

Subiram escadas, andaram por telhados, desceram escadas, esconderam-se atrás de caixotes do lixo. A certa altura, pararam, enquanto a carroça diária da morte passava -

uma espécie de tarimba carregada com uma dúzia de cadáveres esqueléticos. A comida estava a faltar. As pessoas tratavam de si próprias. Quem as poderia culpar? Os Alemães haviam aprisionado meio milhão de pessoas na zona de Varsóvia, destinada a vinte e cinco mil. Viviam cerca de dez num quarto, apanhavam tifo e cólera uns dos outros, e aguardavam a morte.

Aaron sabia exatamente como evitar um policial que fazia a ronda, qual o esconderijo seguinte - um celeiro, uma cabana abandonada ou um monte de lixo - a utilizar.

Por fim, pediu a Moses que o ajudasse a remover uma enorme pedra do pavimento de um caminho lateral e, em seguida, uma outra. Dificilmente havia espaço para se introduzirem. Voltaram a colocar as pedras no mesmo local. Moses riscou um fósforo e verificou que estavam num túnel. Prosseguiram cerca de dez minutos, e Moses percebeu que passavam por debaixo do infame muro, para o distrito cristão da Polônia.

Uma vez, o miúdo deu a sensação de se ter perdido, pareceu confuso, e Moses (segundo contou posteriormente a Eva) teve a impressão de que iam sufocar no túnel ou vagabundear, ao acaso, até morrerem de fome. No entanto, Aaron parou subitamente e apontou para uma tampa de metal ferrujenta.

- Para cima - disse o miúdo. - Levanta-se. Empurre.

Ambos fizeram força contra a tampa metálica, que se ergueu lentamente no alto do túnel. Moses não teve dúvidas de que o miúdo se servira freqüentemente desta passagem.

Com um ruído que aterrorizou o meu tio, a tampa foi posta de lado e os dois saíram para uma rua empedrada. Estavam fora das paredes do gueto.

- O outro lado! - exclamou Moses. - Presumo que já aqui estiveste muitas vezes.

Contudo, o rapaz nem o ouvia. Com um sexto sentido, que também possuo devido aos muitos anos de fuga, puxou pela manga de Moses e arrastou-o para a entrada de um edifício. Esconderam-se, ao abrigo das trevas. Um segundo mais

tarde, um carro-patrulha das **SS** passou lentamente, enquanto os soldados inundavam de luz ombreiras, passeios, lojas. Em seguida, afastou-se.

- Como sabias que vinham aí? - perguntou Moses.

- Sinto-lhes o cheiro.

O meu tio não sabia se levava ou não a sério a frase de Aaron.

Mais becos, ruas, passagens sombrias e esconderijos. E, por fim, um edifício de apartamentos. Aaron levou-o para a entrada, desceram um lance de escadas e pararam diante de uma porta da cave.

Bateu quatro vezes.

A porta abriu-se e um jovem polaco, de que o meu tio se recordava como ativista em grupos patrióticas, franqueou-lhes a passagem. Chamava-se Anton. Havia um outro homem, mais velho, no quarto e cujo nome, Eva não se consegue lembrar.

- Você é o Anton - disse o tio Moses.

- Exato. Não quero saber quem é. Mas a ele conheço - retorquiu, indicando o miúdo de orelhas grandes e vestido com um casaco grande demais. - Tenho-o visto por aqui.

- Sim. Ele conhece bem estas bandas - concordou Moses.- Bom. Aqui está o dinheiro - acrescentou, entregando a Anton um volumoso sobrescrito.

Anton contou o dinheiro. Em seguida, recebeu uma caixa de madeira das mãos do companheiro e colocou-a em cima da mesa.

Moses ergueu a tampa. Lá dentro estava um único revólver, uma arma de fogo de aparência antiga.

- Disseram-me que tinha uma dúzia - retorquiu o meu tio.

- Uma arma. O máximo que nos é possível.

- Dei-lhe o dinheiro de doze.

- Ficamos a dever-lhe as restantes - replicou Anton.

- Não é justo. Devolva-me o resto do dinheiro. Tínhamos um contrato.

- Continuamos a tê-lo. Se não quiser a arma, deixe-a. A minha palavra é válida.

Quando tivermos mais armas, recebê-las-ão.

Moses sabia que não lhe restava alternativa. Ergueu os braços, desesperado:

- Porque não nos ajudam mais? Temos um inimigo comum. Os Alemães não fizeram segredo dos planos que fazem a vosso respeito. Serão seus escravos. Estão apenas um nó acima dos Judeus. Sei que nunca gostaram muito de nós. Mas nas atuais circunstâncias...

Anton não pronunciou palavra.

Aaron puxou pela manga de Moses como a comunicar-lhe:

- Daqui não levaremos mais nada. Vamos embora.

- Ajudar-vos-emos a lutar contra os Alemães – implorou Moses. - Se nos unirmos, seremos capazes de os repelir, de ajudar os Aliados.

Anton deitou-lhe um olhar quase de piedade.

- Mas os Judeus não lutam - observou o polaco. - Sabe bem que é verdade.

Sabem como ganhar dinheiro, dirigir negócios, rezam muito. No entanto, não lutam.

- A partir de agora, lutaremos - garantiu Aaron. - Verão.

O polaco fez-lhe uma festa na cabeça - o primeiro indício de humanidade que Moses lhe observava.

O polaco mais velho pronunciou-se:

- Vão-se embora. Os dois. Quanto mais tempo ficarem, mais riscos corremos.

Voltaram ao gueto por onde tinham vindo, em constante perigo de vida.

Contudo, Aaron conhecia os caminhos secretos e chegaram à sede do seu movimento com aquela simples arma.

***

Alguns dias mais tarde, Mordechai Anelevitz reuniu um grupo de membros da Resistência no seu quartel-general secreto. Os mais importantes que se encontravam presentes eram os jovens sionistas: rapazes e raparigas próximos dos vinte.

Os mais velhas - o tio Moses, o meu pai, Zalman, Eva - ficaram sentados junto da parede a observar. O próprio Anelevitz era um sionista devoto e fora, durante muitos anos, líder de um grupo chamado *Hashomer Hatzair*. Contudo, agora não se interessava pela política de ninguém. Queria treinar soldados, combatentes. Com uma única arma.

Pôs-se em frente dos jovens e mostrou-lhe o funcionamento da arma. Gatilho. Cano.

Câmara.

- Quem quer ser o primeiro? - perguntou, voltando-se para os rapazes e as raparigas.

Um rapaz avançou. Não tinha mais de dezesseis anos.

- Podia ser o Rudi - recorda-se Eva de ter ouvido o meu pai dizer.

Na parede havia um recorte de papel de um soldado alemão - capacete redondo, túnica e uma enorme cruz suástica.

Anelevitz rodou o rapaz na direção do alvo e meteu-lhe o revólver na mão:

- Olha ao longo do cano. Deves centrar a vista entre o *V* e apontar essa mira para o alvo.

O rapaz estendeu o braço.

- Respira fundo e agarra-o bem - ordenou Anelevitz.- Depois, não puxes o gatilho com força, mas lentamente, como se não soubesses quando irá disparar.

O rapaz seguiu as instruções. Todos o observavam. Puxou o gatilho e, evidentemente, só se ouviu o estalido. Não dispunham de um único cartucho de munições.

Contudo, todos aplaudiram e riram.

O tio Moses comentou para o meu pai:

- Aqui tens um exército judeu. Uma arma sem balas e uma série de opiniões.

- É um começo - retorquiu o meu pai.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Auschwitz

Outubro, 1942

Desde a morte de Heydrich, encontro-me praticamente numa situação suspeita.

Himmler, com receio de arranjar outro rival, não nomeou um sucessor, e está a tentar dirigir tudo sem ajuda - os transportes, os campos de trabalho, as novas instalações.

Hoje estive em Auschwitz, a antiga cidade polaca de Osweicim. Será a principal arena para a solução final. Fica perto de uma junção de linhas férreas, numa estação importante. Está rodeada de florestas. Há muitos guetos judeus nas proximidades. E em volta todo um complexo de fábricas de armamento bélico - *I.G. Farben*, *Siemens* e outras.

Rudolf Hoess, o comandante, escutava atentamente, enquanto Himmler desenrolava um enorme mapa diagrâmico e lhe explicava o que pretendia.

- Auschwitz será duplicada em tamanho. E estes novos sistemas imediatamente expandidos. Os sistemas são engenhosos - uma zona de espera, amplas divisões de mosaicos para a execução do ato, mecanismos transportadores dos corpos para as fornalhas. Já se encontram, como é óbvio, em funcionamento, se bem que em pequena escala.

- De onde virá a mão-de-obra? - inquiriu Hoess.

- Receberá mais mão-de-obra do que a que terá capacidade de dirigir. Há que instituir um processo de seleção. Os judeus que aparentarem capacidade de trabalho podem ser poupados e colocados na limpeza, na manutenção dos sanitários, etc. Os inúteis, os velhos, os doentes, os aleijados e as crianças podem ser enviados diretamente da estação de estrada de ferro para a fábrica de despiolhagem. Trata-se de outro dos nossos eufemismos. Despiolhamento significa uma coisa totalmente diversa.

- Terei de entrar em discussão com as *I.G. Farben*, a nível de operariado -

declarou Hoess.- Obedecerão a ordens dadas. Este trabalho tem prioridade sobre qualquer processo de manufatura.

- Mesmo o de material bélico? - retorquiu.

- Sim. Eichmann utiliza-se regularmente de comboios do Exército para transportes e o Exército não levanta objeções.

- Estamos a seguir um destino elevado, Hoess – declarou o *Reichsführer*. - Algo que a Providência, Deus ou a História nos destinou. Informaram-me de que a sua família desejava que tivesse seguido a carreira eclesiástica; portanto, deverá entender isto.

- Não o desapontarei. Desde a infância, *Reichsführer*, que me ensinaram a obedecer.

Falaram da morte de Heydrich, da trágica perda para o partido. Todos concordaram que uma aperação eficaz e produtiva de uma Auschwitz alargada, juntamente com os centros de Chelmno, Belzeko, Treblinka e Sobibor, seriam monumentos à altura daquele grande homem.

Himmler ergueu subitamente os olhos do enorme mapa e dos diagramas pousados em cima da mesa. O nariz tremia-lhe como o de um coelho e as lunetas, tipo professor, escorregaram-lhe.

- Este cheiro que vem das chaminés! - exclamou. - Veja se consegue tomar algumas medidas, Hoess. Apesar da nobreza da nossa missão, não a queremos divulgada.

É apenas para nosso conhecimento.

Senti-me tentado a rir. Como era possível exterminar onze milhões de pessoas -

como Hitler e Himmler ordenara-me manter o fato em segredo?

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Inga perdeu novamente o rosto a Karl. Sabia que estava em Theresienstadt, o chamado "gueto-paraíso", em Praga, mas não tinha hipótese de contactar com ele.

Quando esteve em Berlim, recusou-se a comunicar com Muller ou a vê-lo. Muller vangloriava-se de que fora essencial em conseguir o envio de Karl para a Checoslováquia, para o que designava como uma "estância de férias" para judeus; no entanto, não tinha de momento possibilidades de lhe fazer chegar correio às mãos.

Inga não mais daria o corpo a Muller, um indivíduo que detestava.

Nas suas visitas a Berlim ia, porém, invariavelmente a casa dela, implorava-lhe, fazia-lhe juras de amor, e sempre que se lhe tentava furtar seguia-a até à rua.

Um dia, quando ia a entrar na Catedral de Santa Hedviges - não era uma cristã

praticante mas sentia necessidade de falar com o padre Lichtenberg -, Muller abordou-a.

- Disse-lhe para não vir atrás de mim - acusou.

- Apenas tento ajudar. As orações não servem de nada.

Odiava-o. Inga era, no entanto, uma mulher decidida e cheia de recursos:

- O que poderá servir? Conseguirá arrancar o Karl ao outro campo?

- Não. Não lhe quero mentir - respondeu, pegando-lhe na mão. - Amo-a. Tenho direito ao seu amor.

- Largue-me.

- Pode divorciar-se dele. É um inimigo do *Reich*. Nada valerá quando o soltarem de Theresienstadt, se é que isso alguma vez virá a acontecer. É uma cristã, uma

ariana e pode ver-se livre dele agora. Escute-me bem. Desde aquelas vezes na caserna... que não consigo deixar de pensar em si. Amo-a.

- Afaste-se de mim - ordenou, esforçando-se por se libertar. - Não volte a aproximar-se de mim.

- Costumava implorar-me que lhe levasse as suas cartas. Chegou a minha vez de implorar.

- Odeio-o - retorquiu Inga. - Odeio-vos a todos. São incapazes de amar. Apenas conhecem a brutalidade e como infligir dor. Têm prazer nisso. E o pior é que nos deixamos vencer sem lutar. Uma nação inteira, a minha nação, com o prazer de ferir pessoas, de espalhar a dor e a morte. Sou tão diabólica como você, Muller.

- Nada disso. Estamos em guerra. Claro que é uma crueldade. As pessoas sofrem. Nada tinha contra o Karl. Pessoalmente, nada tenho contra os Judeus.

- Deixe-me em paz. Vá-se embora.

Entrou na catedral. Muller observou-a mas não a seguiu. Ficou à espera.

Como atrás mencionei, Inga não era uma praticante regular. Tal como Karl, não professava qualquer tipo de religião. Contudo, recordara-se dos sermões que o padre Lichtenberg pronunciara há dois anos e interrogou-se sobre se a poderia ajudar.

Foi encontrar lá dentro o velho sacristão, de que se recordava de há anos atrás.

Acendia velas. Estava escuro.

- Que deseja, senhora? - perguntou.

- O padre Lichtenberg está?

- Oh, não. O padre partiu.

- Partiu?

- Sim. Levaram-no.

- Levaram-no?

-

Gestapo - sussurrou. - Avisaram-no que deixasse de falar dos Judeus. Não era da sua conta. Revistaram-lhe o quarto e descobriram sermões que tencionava pronunciar sobre os Judeus, nos quais dizia que não os deviam fazer sofrer.

- Para onde o levaram?

- Um local chamado Dachau.

- Oh, meu Deus! Aquele bom homem!

O sacristão virou de costas, como se o assunto estivesse encerrado, continuando a acender velas e a falar num sussurro:

- Eu próprio o avisei, mas insistia que alguém tinha de se referir ao assunto. Mas porquê ele? Outros padres e pastores foram mais espertos. Conservaram a boca fechada.

Até ouvi dizer que, em Brema, estão a inaugurar igrejas dedicadas ao *Führer*. E não é

segredo que todos rezamos para que o Exército derrote os bolchevistas. Sendo assim, porque não esquecer esta questão dos Judeus?

Inga deteve-se em frente do altar, ajoelhou-se e benzeu-se.

Diante dela, e de cada lado, estavam penduradas duas fotografias: uma do padre Bernard Lichtenberg e outra do papa Pio XII.

Muller ainda não se fora embora.

- Posso acompanhá-la a casa? - perguntou. - Talvez depois de ter rezado se sinta mais compreensiva em relação a mim.

Segundo Inga me contou mais tarde, a idéia surgiu-lhe, subitamente, com a velocidade de um raio. Tal como o corajoso padre pudera sofrer o destino dos Judeus, também ela seria capaz.

- Pode fazer mais do que acompanhar-me a casa – respondeu.

- Ótimo. Se é isto o que a Igreja faz pelos crentes, talvez um dia me venha a converter.

Não queria dizer o que está a pensar.

- Sabe perfeitamente o que sinto por si, minha querida Inga. Estou disposto a fazer o que quiser.

- Denuncie-me - pediu parando. - Entregue-me à *Gestapo*. Tem mil argumentos: difamação do *Führer*, ajuda aos Judeus, divulgação de mentiras quanto aos esforços bélicos.

- Será metida na prisão.

- É isso o que desejo. Quero que me mandem para Theresienstadt. Sei que existe lá uma secção para presos cristãos e que nem todos são judeus.

Muller deteve-se, como se lhe tivessem batido com um tijolo na cabeça. Não conseguia entender a profunda impressão que lhe causara o destino do padre Lichtenberg. A idéia surgira-lhe praticamente de imediato. Alguns cristãos teriam de fazer frente, de demonstrar que apoiavam os Judeus. Pensou naquele padre generoso, grisalho e inteligente, metido num campo de concentração, apenas por viver a sua fé tal como a via, por pronunciar palavras caritativas. Faria o mesmo. Sem Karl, a sua vida tornara-se insuportável. Agora estava realmente só. Não tinha hipótese de comunicação com a família. Tornara-se um ser mecanizado e indiferente - casa, emprego, compras, dormir. Uma vida sem amor - mesmo num acampamento prisional - seria preferível à

vida que levava naquele momento.

- Lichtenberg era um velho insensato - observou Muller.- Está a agir da mesma maneira disparatada. Aviso-a, Inga, de que o melhor desses campos, como é o caso de Theresienstadt, não é um jardim florido. Também lá adoecem e morrem de fome. Ficará

com um estigma pior do que se fosse judia.

- Não me importo. Já tomei a minha decisão.

- Está disposta a abdicar da sua liberdade por Karl Weiss?

- Estou.

Muller ainda tentou agarrá-la pela cintura uma vez mais, mas, ao ver-se repelido, desistiu. Não pronunciou palavra. Limitou-se a olhá-la e a fazer um aceno de concordância.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Hamburgo

Janeiro, 1943

Recebo ordens do meu novo chefe, Ernest Kaltenbrunner, que foi nomeado para o lugar de Heydrich. Mandaram-me para aqui numa missão da mais alta importância.

Hoess está a construir Auschwitz a toda a pressa, transformando-a no maior centro do gênero em todo o Mundo. Não me refiro aos habituais aquartelamentos, fábricas, oficinas e cozinhas. Refiro-me aos centros de tratamento especial. (Poderia dar-lhe o seu verdadeiro nome: fábricas para assassínio em massa.) Além das antigas câmaras provisórias e de capacidade limitada, Hoess mandou construir dois anexos enormes, dispondo de ante câmaras, de câmaras de gás propriamente ditas e os crematórios para a fase final. A famosa empresa de construções *Topf*, especializada no fabrico de fogões, está encarregada da instalação dos crematórios. As mais importantes empresas privadas e firmas de projetos estão a auxiliar Hoess neste seu trabalho, e, posso acrescentar, com lucros elevados.

Tenho visto diagramas e planos. O mais impressionante é a câmara subterrânea, ou *Leichenkeller*, equipada com elevador elétrico para transportar os cadáveres para a fornalha. Hoess denota a maior preocupação em manter os curiosos - polacos, gente local, pessoas estranhas ao serviço – afastados destas unidades. Por esse motivo, mandou erguer uma bonita "sebe ajardinada", de árvores enormes, em seu redor. Continua, porém, e existir uma barreira muito concreta quanto ao desenvolvimento da solução final. Diz respeito ao agente atuante. O monóxido de carvão está a provar-se ineficaz.

Demora tempo demasiado. Os corpos ficam muito mutilados, dificultando o rapar das cabeças e a extração do ouro.

Enviaram-me, assim, à firma hamburguesa *Tesch & Stabenow* , a fim de procurar algo mais eficaz. Tem-se procedido a experiências, numa base limitada, por intermédio de um agente chamado *Zyklon B*, composto, na maior parte, de cianeto de hidrogênio, que é um produto de utilização simples.

O senhor Bruno Tesch levou-me ao seu pequeno laboratório, explicando, ao entrarmos, que a sua firma é em grande parte retalhista e distribuidora e que um amplo cartel, chamado *Degesh* e constituído por várias empresas privadas, é de fato o fabricante do material, tendo desenvolvido a sua utilização na fumigação em grande escala contra ratos, piolhos e outros parasitas.

Avançamos, ao longo de cadinhos, retortas e queimadores *Bunsen*, por entre químicos de bata branca. Tesch informou-me de que o *Zyklon B* tem uma base de ácido prússico. Ergueu uma lata do tamanho de uma embalagem de tomate, explicando que tinha de se conservar selada, não só devido ao seu carácter letal mas porque se vaporizava mal entrava em contato com a atmosfera.

Perguntei-lhe, num tom categórico, se já tinham feito testes com humanos.

Tesch não deu uma resposta concreta, observando que eu deveria saber. Ele não passava de um industrial. Insisti, servindo-me das informações recolhidas no Departamento de Higiene das **SS**. Não era verdade que tinham morrido pessoas, numa agonia terrível, durante os testes? De novo, negou qualquer conhecimento a esse respeito. Apenas podia recomendar o produto como seguro, rápido, letal e utilizável sem maquinaria, tal como um motor *diesel* na produção de monóxido de carvão.

Perguntei-lhe o que o levava a mencionar o monóxido de carvão e respondeu que ouvira boatos. Nada de positivo, assegurou; apenas boatos. Agitei a lata algumas vezes. Parecia-me tão inofensiva como uma embalagem de óleo de amendoim.

Em seguida, fiz-lhe uma encomenda. Os documentos de embarque deveriam especificar que se destinava "apenas a desinfecção". A carga deveria seguir para o nosso

"Departamento de Higiene", em Berlim. Compreendeu.

Parou junto de uma mesa com um tampo de pedra cinzenta e mostrou-me um prato *Petri* coberto com uma campânula de vidro. Estava interessado em ver como atuava? Respondi afirmativamente. Mas não haveria perigo? Não,

respondeu Tesch. Era apenas um cristal que se dissolveria na atmosfera. Além disso, tinha aberto a janela.

Tesch ergueu a campânula. Do grão pequeno e azul desprenderam-se vapores cinzentos, que encheram o ar de um cheiro intenso e acre. Levei um lenço ao nariz.

***

Berlim

Janeiro, 1943

Hoje, Hoess veio ao nosso quartel-general queixar-se de que não era justo afastarem-no da missão depois de todo o trabalho com que o sobrecarregáramos. No entanto, mostrou-se satisfeito com o meu relatório sobre o *Zyklo B.*

Mostrou-me fotografias do interior de uma câmara típica - cabeças de chuveiro (falsas), torneiras, canos, paredes de mosaicos. Lá fora, indicativos como *CASA DE*

BANHO - DESPIOLHAGEM.

Explicou as diferenças entre as quatro câmaras, as duas subterrâneas, com toda a complicada maquinaria, e as duas câmaras superiores. Havia aberturas no telhado, ou de lado, por onde se introduziriam os tubos de cianeto.

Sugeri-lhe que talvez fosse boa idéia colocar um pequeno postigo em cada uma das câmaras. Caso contrário, como saber o que se estava a passar? Concordou.

Elaborara planos para os seus enormes motores *diesel* no local e, de fato, já

estavam a "remodelar-se" milhares com o sistema do monóxido de carbono.

Comuniquei-lhe que já não seriam necessários. Eram pouco práticos e ineficazes e descobríramos um processo melhor.

Hoess, sempre obediente, fez um aceno de concordância.

- Acho conveniente mandar vir um carregamento. Auschwitz, Sobibor, Chelmno,

Maidanek, Treblinka não demorarão a entrar em plena atividade.

Tomei nota. Um fornecimento abundante constituiria um problema. Tesch informou-me de que o *Zyklon B* tinha uma durabilidade - mesmo quando enlatado - de apenas três meses. É inconcebível armazenar material inútil. Tornar-se-á, assim, necessário um fornecimento ininterrupto do agente, um sistema que permita aos centros estarem munidos de gás utilizável.

Enquanto tentava resolver mentalmente este problema- talvez a solução residisse num depósito de abastecimento central no Departamento de Higiene das **SS** - Ernst Keltenbrunner entrou no meu gabinete.

É um homem corpulento, com cerca de um metro e oitenta de altura, um rosto cheio de cicatrizes, não devido a um duelo ou combate mas a um acidente de automóvel.

Ignoro o que levou Himmler a designá-lo como sucessor de um indivíduo intelectual e criativo como era Heydrich. Kaltenbrunner foi, de fato, advogado, mas falta-lhe requinte e sutileza. É um homem que receio.

- Dorf. Hoess - cumprimentou, olhando para as fotografias que Hoess trouxera.

- O major Hoess e eu temos estado a rever os problemas de tratamento especial, general - esclareci.

- Tratamento especial! - riu Kaltenbrunner. - Deus do céu, Dorf! Quando aceitei o cargo, avisaram-me de que tinha um mestre de retórica no meu pessoal. Está a referir-se aos centros de aniquilamento, não?

- Evidentemente, senhor.

- Não se importa de nos deixar a sós uns momentos, Hoess? - pediu.

Hoess fez a saudação, pegou nas fotografias e nos diagramas e saiu.

Kaltenbrunner trouxera um objeto bastante curioso para o meu gabinete.

Dificilmente se poderia definir como o tipo de pessoa sensível, mas, pela aparência, tratava-se de uma pasta com desenhos.

Sorriu-me - o sorriso de um urso polar, de um tubarão.

- Já deve ter percebido que sou bem diferente daquele mestiço tocador de violino para quem trabalhou.

Respondi-lhe que estava a ser injusto para com a memória de Heydrich.

- Oh, que se foda! Está morto. Jesus! E todas aquelas baboseiras que pronunciou à hora da morte. Perdão pelo que fizera aos Judeus. Também ele era judeu.

- Estava em coma. Foi atingido na espinha. Delirava.

- Não se incomode a defendê-lo. Preocupe-se consigo. Qual a verdade sobre Heydrich? Foi um enigma muito maior do que alguma vez saberei. Será verdade, como alguns afirmam, que viveu apenas para "matar o judeu que nele existia"? Quem conhece a verdade? Já não interessa. Estamos afundados em sangue até aos joelhos. Qualquer hesitação, qualquer falha, darão a entender - como as pressupostas declarações de Heydrich no leito de morte - de que duvidamos da justiça da nossa missão.

Kaltenbrunner aterroriza-me tanto quanto preciso dele! Faço parte da causa, da grande campanha para transformar a Europa, da "santa cruzada". A lisonja levou-me longe no caso de Heydrich.

Tentei utilizar o mesmo processo com este gigante horrível.

- Porque havia de me preocupar? A missão está a ser cumprida, graças ao maravilhoso esforço que desenvolveu. Os guetos estão a diminuir. Os novos campos preparados para começarem a funcionar em larga escala.

- Deixe de tagarelices - retorquiu, erguendo o dedo, do tamanho de uma salsicha, na minha direção. - Está na lista negra, Dorf. Consultei as cartas do seu processo. O seu pai pode ter sido um "vermelho".

- Fizeram investigações e fiquei limpo.

- Blobel, Nebe e alguns dos outros queixam-se de si. Muito esquemático.

Informador.

Não pronunciei palavra. De que serve lutar contra mentirosos? Também eles estão com problemas. Os *Einsatzgruppen* andam a ser substituídos por um programa mais completo e rápido.

Kaltenbrunner deixou pender o assunto. Em seguida, abriu a pasta pousada em cima da mesa e, com as mãos enormes, espalhou cinco desenhos a carvão e lápis no tampo.

- O que se há de fazer disto, com os diabos? - explodiu.

Examinei os desenhos. Eram obviamente originais. Não estavam assinados. E

tinham sido feitos por profissionais, homens com talento.

Tinham títulos e tratava-se, obviamente, de representações da vida dentro dos nossos campos. O estilo era atemorizante, satírico, assemelhando-se ao de George Grosz na fase mais deprimente, imagens cheias de amargura e de raiva, distorções da condição humana.

Enquanto estudava cada trabalho, lia os títulos. *A Espera do Fim. Velhos. E este?*

Castigo de Rotina. Era o desenho de uma forca, com quatro judeus pendurados da trave principal. Os guardas das **SS**, representados como criaturas gordas e simiescas, observavam o espetáculo com esgares.

Havia um chamado *A Raça Superior.* Mais humanóides, de aspecto repelente. Um outro, *Crianças do Gueto* miúdos de olhos onde pairavam a fome e o medo. E um intitulado *Chamada*. Um mar bastante aterrorizador de pessoas que se mantinham de pé, como que cobertas por uma nuvem enorme, enquanto guardas das **SS** passavam revista.

- Um dos nossos agentes descobriu-os em Praga – declarou Kaltenbrunner. - Só

nos faltava que a Cruz Vermelha visse essa sujeira.

Entendia perfeitamente a sua preocupação. Vendemos ao mundo, com grande dispêndio e esforço, a imagem de Theresienstadt como um belo local, uma estância de férias para judeus. Recentemente, um dos nossas melhores realizadores de documentários rodou um filme intitulado *O Führer Dá Uma Cidade aos Judeus*. Era soberbo: mulheres judias felizes e sorridentes nas lojas

de modas, orquestras judias, uma padaria de onde praticamente se podia sentir o aroma a pão fresco, competições desportivas, tudo isto enquadrado num cenário maravilhoso. Destina-se a convencer os poucos judeus que restam na Alemanha - reféns ricos, "Vips", veteranos de guerra condecorados - a oferecerem-se, voluntariamente, para Theresienstadt. E o mais importante ainda consiste em ser uma comprovação para os que têm vindo a protestar em relação ao nosso pressuposto mau tratamento dos judeus. Contudo, este tipo de propaganda de horror, estes malditos desenhos podem destruir todos os nossos esforços nesse sentido, caso sejam postos em circulação.

- Quero que vá à Checoslováquia, Dorf, e se ponha em contato com Eichmann -

disse Kaltenbrunner. - Os dois serão capazes, sem dúvida, de descobrir quem desenhou esta merda.

- Garanto-lhe que descobrirei, senhor.

- Será melhor para si. - A sua figura, semelhante à de um ogre, dobrava-se sobre a mesa, examinando irritadamente os desenhos. - Se estes filhos da mãe desenharam cinco, é muito provável que tenham feito cinqüenta. Talvez tencionem passar clandestinamente esta coisa e dar cabo do nosso trabalho.

- Posso levar estes comigo? - perguntei.

- Pode. E descubra quem os desenhou, Dorf. Caso contrário, voltarei a debruçar-me sobre o seu processo.

Saudei-o, tentando dissimular o medo que sentia.

Quando saí, começou a censurar Hoess por não atuar com a rapidez necessária em Auschwitz.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Karl era atualmente membro de corpo e alma da "cabala dos artistas" em Theresienstadt.

Todas as noites, depois de corridas as persianas, ele, Felsher Frey e alguns outros trabalhavam na produção de um terrível registro, a lápis, carvão e aquarelas, de como era a vida naquele buraco pestilento. Sabiam do filme mentiroso que os

nazis tinham feito; enfrentariam tais mentiras com a sua arte. (A maioria das pessoas que apareciam nesse filme, *O Führer Dá Uma Cidade aos Judeus*, foram provavelmente mortas com gás em Auschwitz.)

Frey era o cabecilha do grupo. Uma noite, quando estavam a trabalhar, Frey começou a passar revista a uma das pastas. Notou qualquer coisa fora do lugar na pasta de Karl... de Felsher.

- Aqueles desenhos que fizemos na semana passada das crianças. E o intitulado *A Raça Superior*? Não consigo encontrá-las.

Felsher olhou em volta, nervosamente. Sabia que, se os desenhos fossem descobertos pelas **SS**, os resultados poderiam ser desastrosos.

- Eu... eu vendi-os - respondeu.

Os outros deixaram de trabalhar e fitaram-no.

- Vendeste-os? - repetiu Frey.

- Si... sim. Um dos policiais checos quis. É tipo decente e gosta de nós. Só vendi cinco.

Frey sentia-se preocupado.

- Concordamos que esses desenhos deveriam ficar escondidos no campo, Felsher. Se os *nazis* os apanham, é o nosso fim. Além disso, alguns eram meus e outros do Weiss.

Pobre Felsher! Maria Kalova recorda-se de que estava prestes a chorar.

- Escuta, Frey. Precisava de cigarros e de um bolão de doce. Não o farei mais.

Dividirei os cigarros.

- Quero que os cigarros vão para o diabo! - explodiu Frey.

Maria avançou.

- Puseste-nos num perigo enorme - acusou.

- Que mal faz? - interferiu Karl. - Entregamo-nos a este jogo com a idéia de que os nossos desenhos irão modificar a situação. Não te sintas culpado, Felsher.

No entanto, Frey estava preocupado.

- Rezo para que a *Gestapo* não lhes ponha as mãos. Rezem todos.

Felsher estava assustado e não parava de murmurar:

- É um crime desejar-se um maço de cigarros?

Voltaram aos cavaletes e aos pincéis.

- Pobre tipo! - exclamou Karl. - Algumas vezes pergunto a mim mesmo se todo este trabalho secreto valerá a pena.

- Eu também! - suspirou Maria.

Maria estava a fazer um desenho intitulado *Transporte para Leste*. Mais e mais velhos, doentes, os chamados "improdutivos" estavam a ser enviados para um local desconhecido, algures na Polônia. Casas de repouso, diziam-lhes; lugares onde receberiam maior assistência médica. O esboço revelava uma fila de judeus curvados e derrotados, todos marcados com a estrela amarela, a subirem para um comboio.

- O que é isto? - perguntou Karl. - Porque os mandam embora?

- Não tenho certeza - respondeu Maria com os olhos fixos no desenho que esboçava. - Mas correm histórias... claro que ninguém acredita nelas.

Ouviram-se passos do lado de fora. Normalmente, os guardas e a polícia do gueto não vinham ao estúdio durante a noite. Partiam do princípio de que os artistas amavam tanto o seu trabalho que trabalhavam fora de horas.

Todos começaram a esconder os trabalhos: nas mesas, nas gavetas.

- Vai ver quem é, Weiss - disse Frey.

Karl dirigiu-se à porta, abriu-a e viu-se frente a frente com a mulher, Inga.

- Inga...

- Karl. Meu querido!

Não se abraçaram logo, tal a surpresa de Karl. Trazia uma mala. Tinha o cabelo escondido por um cachecol. Acabara de chegar com um pequeno grupo de cristãos

"inimigos do Estado". Havia uma secção especial de Theresienstadt reservada para os não judeus; entre estes presos encontravam-se inúmeros padres checos, que tinham protestado contra medidas *nazis*.

Deteve-se, por momentos, iluminada pela luz escassa, fitando o rosto magro.

Teve de iniciar o primeiro gesto de amor. Aproximou-se dele e abraçou-o. Beijaram-se.

Contudo, ele comportava-se como um autômato, um *robot*, mal correspondendo. Quase parecia com medo.

- Como... como vieste ter aqui?

- Vir para um campo, não é problema. Decidi que não podia deixar que estivesses sem mim. Se não te conseguisse libertar, viria ter contigo.

Tentou falar, mas sentia a boca seca.

- Oh, meu querido. Como estás pálido e magro. Tens o cabelo grisalho. Mas estás elegante como sempre.

Embaraçado, Karl levou-a até ao estúdio principal.

- Estou bem, como podes ver. Tenho um trabalho fácil. Amigos.

Apresentou-lhe os outros:

- Frey, Felsher, Maria Kalova.

Maria avançou e abraçou Inga.

- Karl tem falado muito de si. Nunca a esqueceu.

- Tenho muito prazer em vos conhecer - sorriu Inga.

- Não sei o que sabe sobre este lugar - declarou Frey, tentando mostrar-se alegre.

- Contudo, para que se mantenha ocupado, é melhor do que os outros campos. E todos nos mantemos muito ocupados aqui.

- É verdade - concordou Felsher. - Ainda continuamos vivos.

Frey deu a chave do quarto de arrumações a Karl. Havia lá um divã onde algumas vezes a polícia do gueto passava pelas brasas quando estava de serviço:

- Vai para ali - disse. - Devem ter muito que dizer um ao outro.

- Talvez ainda reste um pouco de chá - acrescentou Maria.- Vão passar uns momentos felizes.

Assim que entraram na pequena divisão escura, Inga abraçou-o e beijou-o apaixonadamente. Desejava-o com todas as forças. Era como se desejasse apagar a mancha do estigma de Muller com o seu amor por Karl. De início, ele resistiu - não tanto resistir mas ficar frio e distante. Em seguida, quando ela lhe começou a explorar a boca com a língua, de rosto muito próximo do dele e as mãos percorrendo-lhe as costas magras, correspondeu.

- Oh, Inga! Minha querida! - soluçava. - Nunca pensei voltar a ver-te. Queimam todas as nossas esperanças. Obrigam-nos a odiar a vida e a nós próprios...

- Disse-te que não desesperasses, Karl.

- Sim. Recordo-me das cartas que mandaste para Buchenwald. Sempre cheias de esperança e de palavras bondosas. - Afastou-se dela e fitou a parede. - E recordo-me de quem mas levava.

- Muller contou-te - retorquiu.

- Vangloriou-se.

- Calculei. Não poderia deixar de o fazer.

- Porquê... Inga? - perguntou Karl, voltando-se e deixando que as lágrimas lhe corressem pelo rosto.

- Para contactar contigo. Para não nos afastarmos.

-Escolheste uma estranha forma. Quando penso naquele porco, naquele animal, contigo... juntos...- contigo, Inga...

- Tens de me acreditar, Karl. Tentei evitar. Nunca senti amor por ele. Odiava-o.

Sentia-me uma prostituta quando estava com ele. Agora, ainda o odeio mais.

- Céus. Preferia não ter tido notícias tuas.

- A sério?

- Outros tiveram coragem suficiente para ficarem sós, sem cartas nem família. E

sobreviveram. O velho Felsher não tem vivalma neste mundo. O marido de Maria Kalova foi morto a tiro pela *Gestapo* no dia em que ocuparam a cidade.

- Sentia que não eras como os outros. Que precisavas do meu amor, ainda que por meio de cartas.

- Queres dizer que sou mais fraco do que os outros. Sim, há algo de verdade nisso. O pobre Karl, o artista frágil que não seria capaz de sobreviver sem uma palavra da mulher.

- Devemos remeter tudo isso para o passado, Karl – disse, beijando-o de leve nos lábios. - Recordas-te de quando costumavas chamar-me a tua Saskia? A mulher de Rembrandt? Aproveitaremos o tempo. E conquistaremos a liberdade. Sei que será assim.

- Não. Darão cabo de nós, muito antes de se renderem. Corre o boato de que um desses malditos exércitos alemães foi totalmente capturado em Stalingrado. No entanto, lutarão até ao final. E quando começarem realmente a perder lançarão todas as culpas sobre nós e livrar-se-ão da nossa presença indesejável.

- Não cederemos. Enquanto eu estiver aqui, não!

- E o que recebes em troca? Um artista de terceira categoria. Tenho um pedaço de pedra no lugar do coração. Pensas que estes campos tornam as pessoas melhores?

Não. Os artistas daqui são uma exceção. Vivemos uma espécie de... camaradagem.

Contudo, a maioria dos presos estariam dispostos a matar-se uns aos outros por um pedaço de pão. Quase o fiz... há muito tempo.

Inga sentou-se na beira do divã, fazendo-lhe sinal para que se sentasse ao seu lado. Karl seguiu-a, como uma criança obediente.

- Recorda-te de quando o teu pai partiu para a Polônia- disse Inga. - De como beijou a tua mãe e pediu aos filhos que tivessem coragem e, em seguida, lhe acentuou que se lembrasse do latim - *Amor vincit omnia. O amor vence tudo.*

- Não há amor no mundo que consiga levar a melhor sobre as armas, os bastões e as prisões deles. E, pior do que tudo, sobre a da esperteza maquiavélica.

- Sei o que sofreste, Karl. Sei tudo. Mas estamos novamente juntos. Posso ajudar-te.

Ergueu-se do divã e escondeu a cabeça no regaço dela.

- Não devias ter vindo. Deixa-me aproveitar o melhor do que me resta. Tu e esse filho da mãe do Muller...

- Imploro-te que não fales mais dele. Por favor, Karl. Afirmaste que os campos retiram o que há de melhor nas pessoas. Matam por um bocado de pão. Eu e tu seremos diferentes.

- Diferentes como, quando tu...

Estava prestes a iniciar as acusações sobre Muller, más deteve-se. Sentada no divã estreito, de costas retas, as mãos cruzadas no regaço, tinha a mesma beleza e calma do dia em que a conhecera na escola, no papel de uma secretária bonita e eficiente. Karl travara uma batalha interminável com os meus pais para casar com ela. Pela primeira vez na vida, mostrara determinação e recusara dobrar-se à vontade da minha mãe (Anna e eu tínhamo-lo encorajado. Garantimos-lhe que o apoiaríamos até ao final.) Naquele momento, recordou-se de como tivera de lutar pelo amor dela. E do bem que recebera. Tinham feito visitas incansáveis aos museus, sem perder uma única estréia artística, e tirado cursos, quando tinham disponibilidades econômicas. Haviam chegado a falar numa viagem a Itália. O

bem mais valioso de Karl era um livro sobre arte renascentista que Inga lhe oferecera no dia dos seus vinte e dois anos. Talvez se deixasse inundar por todas estas recordações.

O pecado (se é que assim se lhe poderia chamar) que cometera com Muller tinha de ser encarado como um esforço para chegar junto dele, para lhe dar o apoio das suas cartas, dar-lhe a saber que não o esquecia. Começava a entender agora com mais clareza.

- Sei que um dia nos libertarão, Karl - disse. - Sofreste mais do que eu. Quero partilhar o teu sofrimento. Quero ter fome e frio e ser desprezada. Partilharemos os maus momentos, como partilhamos tanto dos bons. Recordas-te de quando passamos aquelas férias em Viena? E de que não te conseguia convencer a deixares as salas cheias de Rembrandts?

Ele sorria. O reavivar de recordações suavizava os sentimentos que o haviam acometido a seu respeito. Tinham partilhado muita coisa. Tinham experimentado muitas vezes aquela comunhão e elevação espiritual frente a uma grande obra. Uma vez, em Amesterdã, segundo Karl me contou, ele e Inga sentaram-se a pensar e a observar, em silêncio e de mãos dadas, na presença do Guarda da Noite.

- És o meu marido e amo-te - declarou. - Vem sentar-te junto de mim. Nunca te deixarei.

Karl caiu de joelhos em frente dela e escondeu a cabeça no regaço da mulher.

Envoltos pela escuridão, voltaram a ser marido e mulher.

Contudo, tal como Karl sabia e Frey tinha receado, a vida em Theresienstadt era uma enorme mentira. Inga foi remetida para os aquartelamentos das mulheres cristãs.

Karl permaneceu nas instalações de sempre, a abarrotar, com quatro pessoas em cada tarimba estreita e várias centenas num bloco destinado a acolher quarenta.

Um dia verificou-se um movimento desusado nas ruas. Frey olhou através da larga janela e avistou uma brigada das **SS**, de espingardas aperradas, correndo em fileira dupla pelas ruas. Dirigia-se para o estúdio.

A porta abriu-se de rompante, e os **SS** entraram no compartimento. Todos receberam ordem de se encostar à parede. Ninguém se atrevia a falar.

Maria recorda-se que vários dos artistas olharam para Felsher como que a dizer-lhe: "Deitaste-nos a perder; descobriram os desenhos."

Destruíram mesas, arrancaram placas de madeira, derrubaram cavaletes.

Rebuscaram o quarto de arrumações de uma ponta à outra, e as gavetas onde Frey guardava as tintas, os pincéis e outros instrumentos foram atirados ao chão e revolvidas.

Um soldado revistou o cavalete de Karl, passando a pente fino todas as pastas, e deitou todos os cartazes ao chão. O sargento manteve-se no meio do compartimento, batendo com o cano da espingarda no chão e gritando:

- Descubram-os, descubram-os, com os diabos!

O que os **SS** não podiam saber era que todos os desenhos incriminadores haviam sido feitos desaparecer no dia anterior. Estavam a salvo e protegidos. Continuavam no campo, mas escondidos noutro local.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Theresienstadt

Abril, 1943

Com grande surpresa minha, Eichmann mostrou-se bastante indiferente quanto ao assunto dos desenhos da "propaganda de horror". Sei, no entanto, porquê. Caiu nas boas graças de Kaltenbrunner, devido ao seu sistema de transporte - Auschivitz vai de vento em popa - e se vierem a surgir incriminações quanto ao assunto dos desenhos secretos, é sobre mim que o machado desabará. Não há segredos que esconder de Eichmann; sabe que me atribuíram a responsabilidade de descobrir os artistas culpados e as restantes obras de arte.

Rahm, o comandante de Theresienstadt, estava presente na altura em que examinamos os desenhos, que trouxera de Berlim.

- Tem alguma idéia de quem os fez? - perguntou-lhe Eichmann.

- Podia ter sido uma dúzia deles. Apaparicamos esses filhos da mãe, damos-lhes privilégios e vejam como nos pagam. Apetecia-me enforcar a maralha inteira.

- Acalme-se, major - pediu Eichmann.

Examinou, seguidamente, os desenhos com olhos de entendido. Eichmann possui essa maravilhosa virtude da objetividade. No meio da condenação de milhares que ordena diariamente, ainda consegue apreciar uma paisagem e uma bela peça de cerâmica.

Rahm e eu interrogamo-nos sobre o porquê de Berlim estar tão enraivecida por causa de cinco desenhos. E Eichmann dava igualmente a sensação de pouco perturbado.

- De fato, estes não são maus - pronunciou-se. - Fazem lembrar e fase decadente de George Grosz, mas quem quer que os desenhou tem talento.

- Berlim exige a identidade de todos os artistas implicados - esclareci. - E

pretendem todos os trabalhos secretos: pinturas, desenhos, o que quer que seja. E

também os conspiradores que os passaram para o lado de fora. Não podemos permitir que o mundo os veja. Theresienstadt não pode ficar caluniada por estes infames desenhos.

- Tanta confusão por causa de umas pinturas horrorosas - pronunciou-se Rahm, sacudindo a cabeça de touro.

- Temos de manter os Judeus calmos e crentes - retorqui.- Há que avançar com a solução final de uma maneira rápida e ordenada. Têm-se verificado revoltas de pouca monta nos campos de leste.

- Tragam-os - ordenou Eichmann, batendo com o pingalim no tampo da mesa.

Rahm deixou-nos sós.

- Parece-me que está um pouco sob pressão, major - retorquiu Eichmann, piscando-me o olho.

- Pressão?

- Que conhece do Antigo Testamento? "Então surgiu um novo rei no Egito que não conhecia José." Kaltenbrunner é o seu novo rei, *Herr* Dorf?

Sabia o que queria dizer, mas mantive-me em silêncio. A minha carreira fora fulgurante enquanto Heydrich vivera. E agora...

- Tem, no entanto, razão quanto aos não impedimentos ao plano de reintegração

- prosseguiu Eichmann. - Faz idéia das pressões sob que me encontro? Estamos a liquidar o último dos guetos polacos. Varsóvia é o último degrau que resta. Todos os judeus que restam em Viena, Luxemburgo, Praga e Macedônia estão a seguir diretamente para Treblinka, ao encontro do seu Deus judeu. Estamos a oferecer ao *Führer* a sua Europa liberta de judeus, Dorf.

- Cabe-lhe o maior crédito, Eichmann.

Rahm e um cabo **SS** regressaram acompanhados de três presos. Tinham um aspecto apagado. Contrariamente aos internados dos outros campos, que usavam os ternos de riscas, estes indivíduos apresentavam-se com roupas de civil - camisas de trabalho e calças, marcadas, evidentemente, à frente e atrás com a estrela amarela davam a sensação de terem um pouco mais de saúde do que o preso comum. Eram todos artistas e encontravam-se sob suspeita.

Eichmann apresentou-se e identificou-me na sua presença. Falava de uma maneira delicada, mas autoritária.

- Em troca, quero saber, se fizerem favor, os vossos nomes, naturalidade e restantes dados pertinentes.

- Otto Felsher, Karlsruhe - informou o mais baixo e o mais velho do trio.

- Emil Frey, Praga.

- Esse filho da puta alto é o cabecilha - retorquiu Rahm.- Uma hora com ele, e descobriremos a verdade.

- Karl Weiss, Berlim.

Era alto e magro, de costas curvadas e com um rosto de expressão triste, embora atraente. Um homem moreno e pensativo.

- Bom. Agora, peço o favor de cada um se aproximar - pediu Eichmann - e me indicar qual é o responsável por estes desenhos de horror.

- Para a frente! - ordenou Rahm, dando um empurrão a Frey.

Os três homens avançaram até junto da enorme mesa. (O gabinete está muito bem decorado e mobilado; o mobiliário veio de algumas das melhores casas de judeus de Praga.)

Dispus os desenhos em cima da escrivaninha - *A Espera do Fim, A Raça Superior, Crianças do Gueto* e os restantes.

- Então? - insistiu Eichmann.

Com grande surpresa minha, Frey, o indivíduo que fora chamado o cabecilha, apontou para dois dos desenhos.

- Estes são meus - respondeu.

- Meu - seguiu-se Felsher.

- Fiz estes - declarou Weiss, indicando os restantes dois.

- Ótimo! - exclamou Eichmann. - Assim, chegaremos a qualquer conclusão.

Sentem-se todos.

Os homens obedeceram. Eichmann ofereceu-lhes cigarros e contemplou-os com um sorriso. Estavam, obviamente, mortos de medo - sabiam o que se passava na *Kleine Festung* - e pareciam mais do que predispostos a cooperar.

- Agora, vamos ao assunto - prosseguiu Eichmann. - O major Dorf veio diretamente de Berlim para descobrir quantos mais destes horríveis desenhos existem, onde se encontram escondidos e quais os vossos contactos no exterior, que vos ajudam a passá-los para fora do campo. Decerto existem mais do que estes cinco, e a vossa intenção é, indubitavelmente, a de inundar o Mundo com eles e contar mentiras a nosso respeito. Frey?

- Não há mais desenhos.

- Weiss?

Este indivíduo, que me parecia vagamente familiar, baixou a cabeça:

- Não há mais. Foram os únicos que fizemos. - Percebi de imediato que estava cheio de medo; seria o homem indicado para nos fornecer informações.

- Felsher? - continuou Eichmann.

- Eles... Eles...

- Continue, por favor - insisti. - Conte-nos.

- São... são os únicos desenhos feitos dessa maneira. O comandante conhece o nosso trabalho. Cartazes, retratos.

Rahm deu com as costas da mão no rosto de Felsher.

- Judeu aldrabão e manhoso. Fala.

- Não... não há outros.

Eichtnanaz fez sinal a Rahm para que não lhe voltasse a bater e, à semelhança de um professor, começou a andar de um lado para o outro à frente dos três. Parou diante de Weiss e perguntou:

- Tu... Qual é a função da arte?

Oh! Como estava a gostar do desempenho daquele papel: o de homem de cultura, crítico, colecionador.

- A função da arte? - repetiu Weiss. - Berenson afirmou que a função da arte era incentivar a vida.

- Soberbo! - aplaudiu Eichmann com uma expressão que lhe iluminou o rosto. -

Incentivar a vida! - Apontou os desenhos: - Chamam a isto incentivar a vida? A esta porcaria, esta sujeira? Como conseguiram deturpar a realidade desta maneira e atrever-se a chamar-lhe arte?

- É a verdade! - declarou Weiss num tom de voz suave e convincente, que me fez

recordar, de súbito, o médico judeu que conhecera há anos atrás. No entanto, Weiss é um nome vulgar; há milhares em Berlim.

- Nessa caso explique-me porque é que a Cruz Vermelha inspecionou este campo a dúzia de vezes e nunca descobriu tais condições.

- Foram enganados - retorquiu Weiss.

Rahm atingiu-o em pleno rosto. Um fio de sangue começou a escorrer do nariz do indivíduo.

- Seja razoável, Weiss - aconselhei, levantando-me. - Sou berlinense como você.

E nós, os Berlinenses, somos pessoas práticas. Não será castigado. Vocês aqui gozam de privilégios. Limite-se a indicar-nos os vossos contatos no exterior. Como tencionam passar este material para fora.

- Não temos contatos.

- Nesse caso diga-nos onde têm os outros desenhos escondidos.

- Não há mais.

- Conceda-me uma hora com estes filhos da mãe e saberemos - sussurrou Rahm a Eichmann. - Com o devido respeito, coronel, permita-me que lhe diga que não apreciam as suas preleções sobre arte.

- Weiss, vocês dois? Estão interessados em mudar de opinião? - inquiri.

Mantiveram-se em silêncio. Frey, o indivíduo alto, olhou firmemente para os outros dois.

Tentei uma nova tática:

- Weiss. O comandante informou-me de que tem uma bela mulher ariana que chegou aqui recentemente.

Ficou muito tenso e empalideceu.

- Tenho certeza de que ela gostaria que contasse a verdade - disse.

- Estou a falar verdade.

- Felsher? - perguntei, com a certeza de que constituía o elo fraco da corrente.

- Eu... eu...

Com grande surpresa minha, o meu conterrâneo berlinense, Weiss, agarrou-lhe o braço:

- Nada há a dizer!

- Deixa-o falar! - gritou Rahm.

- Não... não é nada - decidiu-se Felsher.

Sussurrei a Eichmann a sugestão de me deixar falar com Weiss. Apesar das suas tentativas corajosas, é possível, através do diálogo, convencer muitos dos judeus a concordar e a submeter-se - provavelmente uma parte da sua herança do debate talmúdico.

Levei Weiss para um canto do gabinete.

- Será que não nos conhecemos? - perguntei.

- Duvido.

- Escute, Weiss. Esqueça esses austríacos e checos. Falemos de berlinense para berlinense.

- Os Berlinenses puseram-me quatro anos na prisão. Os Berlinenses enviaram os meus pais para Varsóvia.

- Bom. Talvez se possam corrigir erros. Diga-nos onde estão os desenhos, e é

possível que consiga fazer alguma coisa por si.

- Liberdade?

- Posso dar uma palavra. Caso contrário, será entregue à gente do Rahm. A sua mulher nem quererá olhar para si quando tiverem acabado.

Por momentos, o velho medo do gueto ensombrou-lhe o rosto - o receio da dor e da humilhação, que aperfeiçoamos e transformamos numa política nacional. (Heydrich, o meu mentor, percebeu isto: o modernismo absoluto, a utilização da tecnologia, a recusa de abstenção ante o emprego de todos os meios para manter o controle, domar vontades, forçar confissões.)

Deu, no entanto, a sensação de retomar coragem e declarou, tão obstinadamente como já o fizera:

- Não existem mais desenhos.

Sacudi a cabeça e voltei até junto de Eichmann, naquele momento sentado à

escrivaninha.

- Inútil - esclareci.

Eichmann deu ordem a Rahm para que os levassem. Obrigaram-os a marchar.

Felsher, o mais velho, chorava em silêncio.

- Está tão pálido como eles - observou-me Eichmann.

- Sim?

- Não fique preocupado. Os guardas de Rahm conseguirão a informação. Pode regressar a Berlim transformado num herói, com uma coleção de arte do gueto debaixo do braço.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Em Abril de 1943, Karl e dois outros artistas foram interrogados por Eichmann e mais algumas entidades superiores das **SS**. Nenhum deles se mostrou disposto a falar.

O meu irmão, que fugia das rixas nas ruas e se afastava a sete pés dos miúdos que o insultavam, estava a desafiar estes sádicos assassinos.

Inga recorda-se de que Karl e mais dois indivíduos, Emil Frey e Otto Felsher, saíram em fila do gabinete do comandante, foram metidos num caminhão e

levados para a *Kleine Festung* - as barracas de isolamento e punição.

Ela, Maria Kalova e mais algumas mulheres agarraram-se às traseiras do caminhão e tentaram puxar os homens para fora. Foram espancadas pelos *kapos*. Um cabo das **SS** disparou-lhes tiros por cima da cabeça.

Inga gritou que ele nada fizera, que o deviam soltar, mas o caminhão pôs-se em marcha. Karl sorriu-lhe e fez-lhe um gesto de polegar voltado para cima. Contudo, todos esperavam o pior. Poucas pessoas conseguiram sair da *Kleine Festung* com vida. Um clérigo hussita, um checo suspeito de contatos com a Resistência, tinha sido ali torturado até à morte semanas antes.

Os três homens foram metidos em celas separadas mas contíguas. Tinham portas de ferro com buracos para a comida, uma janela alta e estreita; paredes espessas e de pedra.

Podiam falar uns com os outros.

- O que nos farão? - choramingou Felsher.

- Tencionam espancar-nos, creio - respondeu Frey. - Recorda-te do acordo que fizemos, Felsher.

- Foi... foi tudo culpa minha. Não tinha o direito de vender os desenhos.

- Podes redimir-te, agora - retorquiu Karl. - Basta manteres a boca fechada.

- Mas não consigo suportar a dor, Weiss.

- Nem eu - disse Karl. - No entanto, acabaremos por aprender.

- Já tenho mais de sessenta - lamentou-se Frey. - Sofro dos rins e nunca tive tendência para herói.

Mais tarde, Inga contou-me que Karl percebeu que a sua surpreendente coragem resultava da necessidade de animar Felsher; caso não tivesse ali Felsher para dar forças e encorajar, teria possivelmente cedido.

- Não nos matarão - declarou Frey.

- Sim, e além disso garantiram-me que, passado um bocado, se deixa de sentir a dor - acrescentou Karl.

Felsher não parava de soluçar.

Karl abanou a portinhola de ferro para lhe chamar a atenção.

- Já alguma vez estiveste em Itália, Felsher?

- Não.

- E tu, Frey?

- Não, Weiss, mas há anos que tenho esse sonho.

- Bom. Vamos fazer uma combinação. Quando tudo isto acabar, faremos uma viagem os três. Veneza, Florença, Roma, Siena. Sempre desejei ver o *David* de Miguel Ângelo. Nada de uma fotografia ou uma cópia, mas a estátua enorme e resplandecente em toda a sua real beleza.

- Está combinado, Weiss! - garantiu Frey, entrando no jogo. - Os três e as nossas mulheres. Itália! Sim, uma viagem de artistas. Não podemos esquecer Arezzo. Eu próprio me sinto um Piero della Francesca. É a mais importante figura renascentista, Weiss.

O meu irmão riu. Felsher deixara de soluçar.

- Bom. O certo é que tenho um fraco por Pinturicchio - confessou Karl.

- Bah! - retorquiu Frey. - Um retratista. E sem a classe de Piero.

***

Felsher foi o primeiro a ser espancado.

Os guardas colocaram-no contra a parede, de costas para eles a bateram-lhe lenta e metodicamente com bastões de borracha, começando pela nuca e passando, em seguida, às costas, nádegas, pernas e pés.

Gritou, como é óbvio, e tanto o meu irmão como Frey não deixavam de lhe repetir que não dissesse nada.

- Que vão para o diabo! - gritava Karl. - Cedemos tempo demasiado. Manda-os para o raio que os parta, Felsher!

Os gritos foram diminuindo pouco a pouco. Devia ter desmaiado.

Karl foi o seguinte.

Os dois homens das **SS** entraram na cela:

- Então, judeu? Decidido a voltar ao gabinete do comandante e a dar à língua?

Viste o que fizemos ao velho?

- É mais fácil do que ser espancado - acrescentou o outro.

- Nada tenho a confessar-vos.

Repetiram o castigo com Karl. Mandaram-no despir, encostaram-no de frente para a parede, como se fosse tirar uma radiografia: com o peito e o queixo encostados à

pedra, as pernas bem para trás e os braços nas ancas.

Espancaram-no durante um quarto de hora, aplicando-lhe pancadas rápidas na cabeça, costas, rins, pernas, genitais e pés. Também gritou. Frey berrava-lhe que se mantivesse em silêncio e que não se rendesse. E nada confessou a respeito dos desenhos. Havia várias centenas de pinturas e de desenhos - o que os *nazis* designavam por "propaganda de horror" - escondidas pelo campo. Os artistas estavam determinados a não deixar que os encontrassem.

Frey também gritava, tentando que os seus gritos superassem os de Karl. -

Florença! - gritava. - Escuta-me, Weiss! Veneza, Perugia! Passaremos um dia inteiro na Galeria Uffizzi. Um dia na Bargello.

Karl acabou por desmaiar e cair no chão. O rosto estava reduzido a uma massa ensanguentada e o corpo cheio de nódoas negras.

- Falas? - perguntou um guarda.

- Não.

- Falarás para a próxima. Ponham-no de pé.

Voltaram a espancá-lo; desmaiou outra vez.

Em seguida, aplicaram idêntico castigo a Emil Frey, e também este se recusou a divulgar qualquer informação sobre os desenhos.

Quando os guardas regressaram à cela de Felsher, com a suposição de que um segundo espancamento lhe soltaria a língua, foram encontrá-lo morto. Segundo parece, seguiu-se uma pausa, enquanto os homens das **SS** foram ao gabinete de Rahm comunicar a morte de Felsher.

Inga e as outras mulheres que esperavam do lado de fora do gabinete, repelidas pelos *kapos*, gritaram aos homens das **SS** que não espancassem mais os homens.

Ninguém percebeu imediatamente que Felsher tinha sido espancado até à morte.

- Agora falarão - comunicou um dos guardas, com um esgar para Inga. - Ou falam ou vão para Auschwitz.

Na

Kleine Festung, Karl e Frey, ensopados de sangue, tão cheios de nódoas negras que nem se conseguiam mexer, perceberam o regresso dos guardas.

- Não nos matarão - sussurrou Frey. - A idéia desses desenhos consegue pô-los loucos. Querem encontrá-los seja como for. Os filhos da mãe têm um receio anormal de que os descubram. No mais íntimo dos seus seres corruptos, Weiss, sabem que são diabólicos e que, algum dia, receberão o castigo devido. Portanto, terão de nos conservar vivos.

- Não consigo agüentar - murmurou Karl.

- Também não tenho certeza. Faremos uma competição, Weiss. Quem conseguir agüentar mais tempo... fica com direito a um passeio grátis de gôndola, em Veneza.

Assim, os espancamentos sucederam-se. Os guardas voltavam de hora a hora.

No fim do dia, Karl e Frey tinham perdido a consciência e não passavam de

pedaços de carne inanimados, deformados, corpos gritantes de dor e rostos distorcidos como gárgulas. Contudo, as bocas não se tinham aberto.

Enquanto tudo isto se passava, Inga e Maria Kalova dedicavam-se a estender o último dos desenhos. Tinham-nos enrolado em papel à prova de água e metido em recipientes de metal. Em seguida, haviam-nos escondido numa dúzia de lugares – no pomar, nos canteiros, numa vala abandonada. Inga estava certa de que só os viriam a encontrar depois de acabada a guerra.

Quando as mulheres lançaram terra sobre o último dos trabalhos dos "Artistas de Terezin", Inga começou a chorar.

- Será que tudo isto significa alguma coisa, Maria? - lamentou-se. - Valerá a pena que sofram por estes desenhos? Porque não os entregamos muito simplesmente às **SS** ?

- Karl acredita neles, Inga. São as verdades, que o mundo terá de conhecer.

- Acho que tens razão. Contudo, confesso-te que me apetecia ir a correr ao gabinete do comandante e dizer-lhe: "Aqui tem o que quer. Devolva-me o meu marido."

- Sei que tanto ele como o Frey preferem que seja assim.

- Espero que sim. Espero bem que sim.

Frey e o meu irmão foram espancados durante quatro dias.

No último dia, Karl disse em voz rouca a Frey, por entre os lábios rachados:

- Quebraram-me as mãos. Todos os dedos. Partiram-me os ossos.

- A mim também - respondeu Frey.

- Não poderemos voltar a pintar.

- Depressa acabarão com isto. Sabem que não falaremos. Esquecerão esses malditos desenhos para passarem a ocupar-se de outra coisa qualquer.

- Ou matam-nos. As vezes, chego a desejar que o façam.

- Não, não, Weiss. Aguenta-te.

- Frey, estás a ouvir-me? Era muito covarde em miúdo. Um covarde durante toda a minha vida. Chorei no primeiro dia em que a minha mãe me levou à escola.

Talvez esteja agora a compensar tudo isso.

- É assim mesmo, Weiss.

Voltaram a falar de Itália, discutiram itinerários e decidiram que Ravena seria uma paragem obrigatória. E Frey tinha razão. Por fim, desistiram de os espancar. No entanto, conservaram-os no isolamento e nunca mais os deixaram regressar ao estúdio.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Theresienstadt

Abril, 1943

Dou graças a Deus por ter terminado todo este maldito assunto do punhado de artistas judeus. Nenhum deles falará. Talvez estejam a dizer a verdade. Talvez não existam mais desenhos e talvez não mantenham contatos com o exterior. Seja como for, falhei. Eichmann não deixa de troçar de mim porque tenho de enfrentar o "grande urso"

- Kaltenbrunner - quando regressar a Berlim. Não é uma perspectiva que me agrade, e sabe-o: ter sido vencido, ter falhado frente a três malditos judeus. No entanto, terá

outras coisas em mente, o que talvez me salve a pele. Os novos campos estão a superar todas as expectativas. Disseram-me que Hoess aperfeiçoou um sistema que permite o tratamento simultâneo de duas mil e quinhentas pessoas; os corpos são queimados e as cinzas enterradas logo a seguir.

A ofensiva mais recente contra a Rússia falhou. Os Aliados estão de posse de todo o Norte de África, invadiram a Sicília e mostram-se interessados na invasão da Europa. Entretanto, obedecemos à ordens, cumprimos o dever para com o *Führer* e a Pátria e continuamos com a solução final. Acredito ou não verdadeiramente nela? Tenho de acreditar. Agora, não posso parar, não posso ter

segundos pensamentos, nem me arrepender, ou tampouco duvidar da nossa missão. Contudo, não estou satisfeito com esta viagem de regresso a Berlim. Até as minhas relações com Marta estão a ser afetadas, devido à tensão sob que me vejo forçado a trabalhar. Mesmo assim, sinto-me sempre feliz por ver as crianças. São boas, leais e sempre alegres. Como desejava poder dizer-lhes que estamos a ganhar a guerra.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Vou agora recuar na narrativa até à descrição do destino dos meus pais em Varsóvia e relatar o seu envolvimento na deportação em massa dos Judeus daquela cidade (bem como de todos os polacos) para os campos de morte.

No Verão de 1942, foram passadas as primeiras ordens do comandante das **SS**, Hoefle, para o *Judenrat*. Diariamente teriam de ser enviados seis mil judeus nos transportes com destino a leste.

O meu pai, o tio Moses e o doutor Kohn encontravam-se entre as entidades notificadas para esta ação.

- Mas o que dizemos a esta gente - perguntou o meu pai.

- A verdade - respondeu Hoefle. - Vão para um campo de família na Rússia. Um campo de trabalho. Ar puro. Comida melhor. Os pais e os filhos ficarão juntos. É

melhor do que a permanência nesta pocilga em que deixaram que Varsóvia se transformasse.

- Provavelmente as pessoas resistirão - observou o meu tio Moses.

- Vocês até hoje ainda nunca resistiram - contrapôs Hoefle. - Não sabem o que é

lutar. E têm consciência de que, desde o assassínio de Heydrich, não podemos ser tão generosos nem compreensivos como éramos.

O meu pai fez alguns cálculos:

- Mas, à média de seis mil pessoas por dia, o gueto ficará vazio.

- Que disparate! - retorquiu Hoefle. - Queremos acabar com os excessos,

facilitar-vos a vida.

- Como se procederá à seleção? - perguntou o doutor Kohn.

- Esse trabalho é da minha competência e não da vossa. Contudo, quero seis mil, e com uma contagem exata por cabeça, uma lista com todos os nomes. Se as pessoas não aparecerem, serão apanhadas, ao acaso, nas ruas - sorriu. - É até muito possível que se comece com alguns de vocês.

E, assim, os comboios começaram a partir de Varsóvia.

Surpreendente a rapidez com que o gueto se esvaziava. No espaço de um mês, cento e oitenta mil pessoas foram enviadas para "leste". Contudo, a vida não se tornara mais fácil. Os alemães tinham posto termo a todo o comércio com o exterior; faltava comida e aumentaram as mortes por doença e fome.

Numa noite de Setembro, o tio Moses esperava escondido numa casa de ferramentas, junto da linha férrea.

Um comboio que regressava de "leste" rangeu e parou.

Zalman, o sindicalista, saiu de sob um vagão de mercadorias, rastejou ao longo dos carris e foi ter com Moses.

- O que há? - quis saber Moses.

Zalman levou uns momentos a retomar a respiração.

- Esses comboios não vão para a Rússia.

- Para onde, então?

- Um local chamado Treblinka. Fica a três horas daqui. Verifiquei os números dos vagões. Os comboios que partiram ontem estão de volta hoje.

- Treblinka? Um campo de trabalho?

- Uma fábrica de morte - retorquiu Zalman, sacudindo a cabeça. - Os cristãos polacos são enviados para um campo de trabalho. Os judeus vão para esse edifício enorme. As **SS** dizem-lhes que é para a desinfecção.

- Deus do céu! O que suspeitávamos!

- Tabuletas falsas por todo o lado, como se fossem registrar os judeus para o trabalho depois da desinfecção; fabricantes de chapéus, torneiros, ferreiros. Informam-nos de que, depois do banho, lhes distribuirão tarefas. Contudo, nunca chegam a sair.

Entram e são mortos com gás.

- Viste... viste isso?

- Foi um *kapo* quem me informou - respondeu Zalman.- Não sabia quem eu era.

Despe-os, manda-os esperar e fá-los entrar como se fossem rebanhos. Mulheres, crianças e velhos, todos. Todos os do gueto de Varsóvia acabarão ali.

- Tu, Anelevitz e Eva têm razão desde o início – disse Moses, pegando-lhe no braço. - Sabiam. Entenderam.

- Vem - disse Zalman, ajeitando o boné. - Temos de contar à Resistência.

***

Algum tempo depois, discutiram o relato de Zalman no quartel-general de Anelevitz, na Rua Lessano. Poucos dos que pertenciam à *Organização de Luta Judia* -

Kovel, Zalman, Eva, Lowy e todos os jovens - haviam acreditado nas mentiras dos *nazis*.

No entanto, o grosso dos habitantes do gueto, dada a sua infinita capacidade de auto-ilusão, a esperança nunca morta de que "as coisas melhorariam", continuava a acreditar nos "campos de família" e na "reintegração".

Escutavam as emissões em ondas curtas da *BBC*, com a esperança de qualquer alusão a que o mundo conhecia o seu destino e o tornaria público.

O locutor referia-se a vitórias no Norte de África, na frente libanesa, e a cento e quarenta surtidas pelos aviões dos Aliados, que sobrevoaram o canal.

"Chegam-nos informações da Resistência polaca de que os *nazis* cometem atrocidades contra polacos civis, particularmente sobre padres, professores e quem quer que possa formar um escol". Dizia o locutor da *BBC*. "A morte a tiro de civis polacos é

uma ocorrência diária por pequenas infrações."

Era, evidentemente, verdade. Mas nem uma só palavra se pronunciara a respeito do destino dos judeus da Polônia.

- Há semanas que estão informados sobre Treblinka – disse o tio Moses. - E

nem uma só palavra. Desde Julho que andam a liquidar o gueto de Varsóvia e... nada. O

que se passa de errado com a *BBC*?

- Sabe, agora, porque somos sionistas - retorquiu Anelevitz. - Fazemo-lo por nós, porque ninguém mais o fará.

- Talvez não acreditem nos relatórios - sugeriu o meu pai.

- Ou se recusem a acreditar - acrescentou Eva.

- Passamos a palavra por intermédio dos Suecos – declarou Zalman. - Os judeus da Polônia estão a ser sistematicamente destruídos. "Transmitam a notícia pela rádio!", imploramos. Sabem qual a resposta que nos deram? "Nem todos os nossos radiogramas se prestam a transmissão." O que quer dizer isto, com mil raios?

- Quer dizer que se decidiram a não acreditar – respondeu Anelevitz, desligando o rádio. - Ou que pensam que estamos a mentir. O crime é tão monstruoso que não acreditam. É com isso mesmo que contam os Alemães.

- Só existe uma resposta possível - disse Kovel com um aceno de cabeça. - Mais armas. O gueto está a ficar reduzido de dia para dia. Se algumas centenas dos nossos lutarem, significará alguma coisa.

Decidiu-se que o meu tio Moses e o jovem Aaron fariam outra viagem, várias se necessário, para lá do muro, a fim de tentarem conseguir o auxílio da Resistência

polaca.

O meu pai - a minha mãe, segundo Eva se recorda, também estava presente nesta reunião - teve a idéia de abrir uma clínica na estação de estrada de ferro, a Umschlagplatz. Tentaria arrancar pessoas aos transportes, gente dos mais novos e mais fortes, que pudessem ser úteis à Resistência e aderir à luta.

- Talvez ajude - concordou Zalman sombriamente. - Contudo, as armas são a única resposta.

Alguém deu sinal. Estava a fazer-se uma rusga.

Vários dos combatentes da Resistência subiram para um quarto de cima e, através das frestas de uma janela pregada com tábuas, avistaram guardas das **SS** que faziam seguir em marcha as pessoas com destino a Treblinka. Nessa altura, dois jovens tentaram fugir; um ainda lutou com o guarda das **SS**, antes de ser abatido a tiro. O outro foi arrastado para um edifício e igualmente morto a tiro.

- Até que enfim que não se submetem tão pacificamente - pronunciou-se Anelevitz.

- Mas porque não lutam todos? -interferiu Zalman.- nós somos centenas de milhares para um punhado de guardas.

- Seja como far, morreremos.

- Oh, Josef! - exclamou a minha mãe, levando a mão à boca. - O rapaz com a mala. É um dos meus estudantes. Tem treze anos.

- Não és obrigada a olhar, Berta - retorquiu o meu pai.

- Porque não? - perguntou Kovel, sem querer ser cruel.

E, assim, seguiram em fila, rumo ao destino fatal, seis mil judeus por dia, do gueto de Varsóvia para os campos de morte. Apenas resistiam de vez em quando, esporadicamente, com atos de desafio. Na maioria, partiam tranqüilamente, dizendo de si para si que os aguardava um "local melhor".

A tentativa do meu pai quanto a instalar uma clínica perto da estação de estrada de ferro, para salvar um punhado de judeus das câmaras de gás, pode ser

encarada, em retrospectiva, como uma medida insensata e trivial para se contrapor ao crime monstruoso.

A minha mulher, Tamar, uma realista, uma verdadeira sabra, denota tendência para troçar das minhas narrativas a esse respeito.

- Nada de importante! - afirma. - O mundo já recebeu, por parte dos Judeus, gestos de simbolismo que cheguem. Apenas interessa a ação em massa. Poder. Força.

Política.

Seja como for, durante as deportações para Treblinka, e numa manhã de Verão, reabriu uma loja vazia situada próximo da estação de estrada de ferro. As montras foram tapadas com cortinas brancas. Por cima da porta estava pendurada uma tabuleta com os dizeres: "Departamento das estradas de Ferro. Hospital do Gueto."

Max Lowy e a mulher contaram-se entre as primeiras pessoas que o meu pai salvou. Lowy era importante para a Resistência - tratava-se de um tipógrafo qualificado e crucial para a imprensa clandestina. Quando o meu pai o avistou, sentado desconsoladamente em cima da bagagem, à espera, juntamente com um grupo enorme de outros judeus, do comboio para "leste", entrou em ação. O meu pai aproximou-se dos Lowy, vestido com uma bata branca, de estetoscópio pendurado ao pescoço e bloco-notas na mão.

- O que está aqui a fazer, doutor? - perguntou o tipógrafo.

- Deite a língua de fora - ordenou o meu pai. - Deixe-me sentir-lhe o pulso. Está

doente de mais para viajar. A sua mulher também. Entre na clínica.

- O quê? As **SS** darão por isso.

- Não interessa. Já sabe o que lhe vai acontecer se entrar nesse comboio. Vamos.

Confie.

- Mas...

- Finja-se doente. Ponha a mão na cabeça. Está a incubar tifo.

- Não precisa de me repetir - disse Lowy, entendendo a estratégia. - Anda, Chana.

Foi desta maneira que o meu pai salvou uma família de três, alguns jovens fortes

- soldados potenciais da organização de luta - e outros mais.

No momento em que dirigia as últimas pessoas na direção da clínica, um *kapo* chamado Honigstein seguiu-o. Lá dentro, a minha mãe, vestida de enfermeira, obrigava as pessoas a deitarem-se em divãs, metendo-lhes termômetros na boca. O tio Moses encontrava-se à frente de um modesto dispensário.

O *kapo* entrou uns passos atrás do meu pai.

- O que se passa aqui, com mil raios? - perguntou.

- Aspirina para estes dois - pediu o meu pai, ignorando-o.- Aquele homem ali ao canto pode ter cólera. É preciso isolá-lo.

- O que é isto? - insistiu Honigstein.

- Clínica da estação de estradas de ferro – respondeu o meu pai sem sequer erguer os olhos. - Como garantia de que os comboios não ficam infectados.

- Se acharem este carregamento insuficiente, mete-se em problemas, doutor Weiss. E eu também.

- Temos autorização. Saia da minha clínica. Recebemos ordens para negar a entrada a pessoas que podem espalhar o contágio nos comboios.

O

kapo foi-se embora, mas a minha mãe, que se colocara junto da janela, viu-o a falar com um homem das **SS**.

- Oh, meu Deus... está a contar-lhe! - exclamou.

- Você e a sua mulher, Lowy, saiam pela porta das traseiras - ordenou o meu pai.

Moses deu aspirina com água aos restantes. Os dois jovens mantiveram-se deitados nos divãs, fingindo-se doentes.

O *kapo* voltou, acompanhado pelo homem das **SS**.

- Diz que é uma clínica especial - comunicou o *kapo*.

O homem das **SS** era uma "nódoa", de expressão estúpida, e pareceu convencido. Olhou para as pessoas deitadas nos divãs, para a minha mãe, vestida de enfermeira, e para Moses, que andava de um lado para o outro, movendo-se como uma ordenança respeitadora.

- Esta mulher tem tifo e é possível que os filhos estejam contagiados - explicou o meu pai. - Recebi ordens para não permitir que pessoas infectadas entrem nos comboios.

Deu um tom lógico às palavras. O homem das **SS** coçava o queixo, sem se decidir. Todos sabiam que, se o embuste fosse descoberto, os meus pais e Moses seriam os próximos a partir para Treblinka.

- Enfermeira. Tape aquela mulher - ordenou o meu pai.- É possível que os filhos tenham de ir para o hospital. Ainda temos sabão desinfetante? - perguntou, voltando-se para Moses.

- Vou tentar arranjar.

A farsa parecia estar a resultar. Lá fora, uma voz saída do alto-falante ordenava aos judeus que começassem a entrar nos comboios. Comunicavam às pessoas que se mantivessem juntas, para lhes destinarem habitação em comum nos "campos de família".

Ansiosos por empurrarem a carga, o homem das **SS** e o *kapo* foram-se embora.

Todos ficaram momentaneamente aliviados.

Os meus pais e o tio Moses ficaram a observar os judeus de Varsóvia a subirem para os comboios que os conduziriam à morte.

- E é assim que partem! - exclamou o meu pai. - Seis mil hoje, seis mil amanhã.

- Josef... Achas que os cinco ou seis que salvamos significam alguma coisa? -

perguntou Moses.

- Tenho de acreditar que sim - respondeu o meu pai.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Auschwitz

Maio, 1943

De certo modo, estou a ser punido. O meu malogro em esmagar os conspiradores-artistas de Theresienstadt em nada mudou a minha reputação junto de Kaltenbrunner. Ficou furioso com a maneira como os artistas judeus nos desafiaram.

Contudo, de momento, tem problemas mais importantes. A aniquilação dos Judeus, de fato, é um assunto premente, agora que os Russos tomaram a ofensiva.

Sendo um indivíduo falhado e paranóico, não chega de modo nenhum aos calcanhares de Heydrich, mas assumiu todos os postos de chefia deste último: o Departamento de Segurança, a *Gestapo* e a *RSHA*, que se encontra profundamente implicada no problema judeu.

Kaltenbrunner pressente o receio que lhe tenho. Designou-me para os centros de morte, na qualidade de uma espécie de repórter, com a função de o informar sobre o progresso de Maidanek, Sobibor, Belzec e, principalmente, Auschwitz, que se está a transformar no fulcro dos nossos esforços.

Hoess, o comandante, revelou-se um bom anfitrião para mim e para um tal professor Pfannenstiel, perito em higiene da Universidade de Marburg. O comandante explicou que cada um dos vários campos que existem em Auschwitz não só se encontra cercado por arame farpado como cada bloco, dentro do campo, numa área com cerca de quatro mil presos, está igualmente rodeado de arame farpado por todos os lados. O

arame farpado exterior forma uma sebe dupla, a que se segue uma zona cimentada, patrulhada por cães e guardas armados.

- Himmler receia um ataque aéreo dos Aliados - informou-nos Hoess. - Teme que alguns deles consigam escapar.

Interroguei-o sobre alguns relatórios respeitantes a sadismo deliberado por parte dos guardas. (Infelizmente, as nossas fileiras mais baixas nem sempre contam com o tipo mais exemplar do soldado alemão.) Hoess confessou que o famoso sargento Moll, cuja missão consiste em introduzir os cristais de *Zyklon B* na câmara, fez uma vez "tiro ao alvo" contra um grupo de mulheres judias. Escreveu-se em relatório que as mulheres estavam nuas, eram bastante bonitas e nem todas morreram imediatamente. Foi repreendido.

Uma guarda chamada Irma Grese, indubitavelmente uma paranóica qualquer, celebrizou-se por abrir os seios de mulheres judias à chicotada. Em seguida, estas mulheres eram operadas, sem anestesia, por um médico, enquanto Irma Grese observava. Hoess garantiu que examinaria o assunto, mas explicou que tais atividades eram conhecidas por "praticar desporto".

Quanto às experiências médicas, Hoess limitou-se a encolher os ombros.

Declarou receber ordens superiores para permitir que continuassem. O meu velho amigo Artur Nebe forneceu ciganos para experiências "aquáticas", em que os obrigavam a beber água salgada, depois do que morriam numa agonia insuportável.

Estava a par do processo de seleção e não me dispus a fazer observações. Os judeus chegam de toda a Europa em carruagens sujas e a abarrotar. Junto dos carris faz-se uma triagem. Os considerados aptos para trabalhar são enviados para os aquartelamentos; os idosos, doentes, crianças, mães com bebês e agitadores potenciais são mandados imediatamente para uma das quatro instalações de Hoess.

Nesta encantadora manhã de Maio, estive com Pfannenstiel no telhado de uma das câmaras. De um lado, numa espécie de coreto, uma orquestra de mulheres prisioneiras, fardadas de azul, tocava árias de *Die Fledermaus*.

No topo do edifício cultivou-se um relvado e sebes. A alguma distância ficam as famosas plantações de árvores de que já me tinham falado e onde obrigam os judeus a ficar à espera de vez.

Hoess e Pfannenstiel iniciaram uma discussão técnica de problemas de

disponibilidade. Discutiram as fornalhas relacionadas com os novos e mais amplos crematórios, onde os corpos são queimados logo, contrariamente ao sistema, fora de portas, das unidades mais antigas, onde os corpos têm de ser arrastados para o exterior pelos *Sonderkommandos* - brigadas especiais constituídas por presos judeus que, por seu turno, são eventualmente gaseados - e queimados ao ar livre.

- A gordura humana é um importante combustível – dizia Hoess. - Servimo-nos de conchas para a extrair e fazer novas fogueiras. Nos fogões, como é óbvio, tudo se consome imediatamente.

As chaminés atrás de nós estavam em funcionamento e tive de cobrir o rosto. O

cheiro era bastante acentuado. Os habitantes polacos sentiam-no a quilômetros de distância. Segundo parece, a nossa tecnologia ainda não descobriu maneira de eliminar o odor de carne queimada.

Assisti à aproximação das primeiras filas de judeus. Obrigavam-nos a correr desde e área das barracas até à pequena floresta. As mulheres tentavam esconder os seios e a região púbica. Vi que uma das mulheres, ainda em calças, implorava a um guarda que a deixasse conservá-las. Ele esbofeteou-a enraivecido e, em seguida, arrancou-lhes rasgando-as de alto abaixo.

Chegou-me o som de vozes.

- Não se preocupem - dizia um guarda em polaco. - E apenas uma operação de desinfecção. Assim que estiverem cá fora e libertos dos piolhos, serão distribuídos pelos diversos trabalhos.

Detive-me, por momentos, a olhar uma mulher que segurava uma criança ao colo. Dois velhos apoiando-se mutuamente. Uma bela jovem de olhos profundos.

Subitamente, começou e gritar para um guarda:

-Tenho vinte e dois anos! Tenho vinte e dois anos!

Ele silenciou-a com uma pancada, dada com o bastão de borracha.

Interroguei-me sobre o motivo por que uma mulher tão bonita não fora escolhida

para o bordel do campo. Não é segredo que existe tal instituição - várias, de fato, tanto para os oficiais como para os homens recrutados. No entanto, as mulheres são polacas e russas na sua grande maioria. Himmler é rigoroso quanto à "corrupção da raça" e presumo que, sendo assim, nem uma Vênus judia seria poupada.

Pfannenstiel afastou-se para estudar a porta e espreitar pelo ralo - a câmara não estava em funcionamento - e Hoess puxou-me para o lado:

- Então o Kaltenbrunner livrou-se de si?

- Não é verdade.

- Dizem-me que ele quer que você fique farto. Sei que não tem um estômago muito forte. Demasiado trabalho de escrivaninha em Berlim.

- Ainda aguenta bastante, Hoess.

- Sim. Estou de acordo. Foi você que nos ajudou a conseguir o *Zyklon B.*

O professor regressou e Hoess conduziu-nos até à ampla câmara. Apontou para as cabeças das duchas, os tubos, as torneiras, as paredes de mosaicos.

- Quando estão todas em funcionamento, conseguimos tratar de doze mil por dia - esclareceu.

Pfannenstiel mostrou-se impressionado:

- Incrível. Informaram-me de que, em Treblinka, apenas conseguiam aplicar o processo a uns oitenta mil por ano.

- Esse horroroso monóxido de carbono! - retorquiu Hoess.-Não prestava. Era lento. Por vezes, havia motins. Os Judeus suspeitavam do que lhes estava reservado e revoltavam-se. Aqui, operamos rapidamente e são enganados até ao fim.

- Ou querem ser enganados - observei.

- Que interessa, desde que o trabalho seja executado com rapidez e eficiência?

Mostrou-nos o mecanismo de transporte, os fornos com os jatos de gás a arder no interior. Notava-se um cheiro enjoativo, a carne carbonizada.

- Temos quarenta e seis fornos iguais - prosseguiu Hoess- além das valas, onde os corpos são queimados no exterior. Como vê, trata-se de uma operação em grande.

- Quantos comporta este? - perguntei.

- Cheio, aproximadamente dois mil e quinhentos - respondeu Hoess, depois de pensar um pouco. - Sem contar com as crianças. Conseguimos enfiá-las facilmente. Verá.

Isto é, se desejar ver.

- De onde são estas pessoas? - perguntei, no caminho de regresso à câmara.

Reparei nas goteiras ao longo da parede, que, segundo presumi, se destinariam ao escoamento do sangue e outros fluídos e a uma maior capacidade de limpeza. Havia uma enorme ventoinha elétrica num dos cantos, que, de acordo com as explicações de Hoess, se destinava a eliminar o gás quando uma operação terminava. Os *Sonderkommandos* tinham de entrar apressadamente, e servir-se de ganchos, com que arrastavam os mortos pelo queixo, carregando-os nos mecanismos de transportes.

- Saíram diretamente dos comboios para aqui – explicou Hoess. - São do transporte da manhã. Vieram de toda a Europa: França, Holanda, Polônia, Alemanha. O

Führer está a ver o seu desejo satisfeito.

- E os que são poupados? - quis saber.

- Acabarão, eventualmente, por cair. Depois de lhes terem sido distribuídos trabalhos no campo, são um bocado mais difíceis de enganar. Nessa altura já sabem, mas mesmo assim vão. A vida nas casernas não é um paraíso e, assim, julgo até que se sentem um tanto aliviados. Por ali que se lançam os cristais - indicou Hoess, apontando para uma abertura no telhado. - Um sistema melhor do que o dos velhos *diesel*.

Hoess começou a queixar-se dos problemas de armazenamento do *Zyklon B.*

Deteriora-se e organizou-se um sistema especial de distribuição, a fim de velar pela manutenção do abastecimento. Ouvi falar na companhia designada para manufaturar, vender e embarcar o produto e sente-se um tanto complicado. Sabe que se estão a verificar lucros elevados no que se refere ao *Zyklon B* e acha que deveria ter a sua parte.

Os grandes do partido, os industriais endinheirados estão a receber lucros com a venda do gás, enquanto ele e outros como ele levam a cabo o trabalho que dá origem à

procura.

- Estamos quase prontos - informou Hoess.

Levou-me a mim e ao professor para um ponto alto, de onde podíamos avistar os judeus a serem conduzidos como rebanhos, desde as árvores até à porta de aço aberta da câmara grande. Nas nossas costas prosseguia a música - melodiosa e alegre, como se estivéssemos a passar uma manhã de Primavera no parque.

- São tão surpreendentemente pacíficos...-observou Pfannenstiel. - É quase um rito religioso. Não sou um teólogo, sabem, mas tenho discutido este assunto com homens da Igreja e eles são da opinião de que, de certa maneira, os Judeus estão a ser sacrificados para que a Europa possa ser salva do bolchevismo. Quer dizer... que se sentem... bom, como Cristo, santificados... por se submeterem a este sofrimento.

- Que disparate! - contrapôs Hoess, fitando-o. - Sou um cristão de verdade, com mulheres e filhos cristãos, e o que está para aí a dizer é pura estupidez. São vermes.

Corrompem tudo. Recebo as minhas ordens e obedeço-lhes, sem que a teologia seja chamada para o caso.

Prosseguiu com a explicação de como os *Sonderkommandos* extraem dentes de ouro, olhos de vidro, próteses e rapam o cabelo das mulheres, antes de carregarem os corpos nos mecanismos de transporte. Trabalham rapidamente, para que tudo esteja pronto para o carregamento seguinte. Doze mil por dia é um milagre e Hoess merece os parabéns por o conseguir.

Lá embaixo, um sargento empurrava um grupo de mais idosos e hesitantes:

- Andem. Andem depressa. Cinco minutos e todos estarão cá fora limpos e lavadas. Depois, terão uma cama quente, café e bolos. Mexam-se.

Com grande surpresa minha e quando a câmara dava a sensação de estar a abarrotar, os guardas começaram a passar crianças pequenas e lamuriosas por cima das cabeças e dos braços dos que já lá se encontravam. Tudo decorria como se quisessem aproveitar a mínima partícula de cada metro cúbico.

- É importante que entrem todos - explicou Hoess. - Não queremos que alguns voltem para o campo e contem histórias capazes de perturbar os outros.

A porta de aço fechou-se. As paredes eram muito espessas e tornava-se quase impossível escutar sons que viessem do interior da câmara. A música aumentara.

No topo da câmara, havia uma espécie de cogumelos de formato estranho, semelhantes a maquinetas, e um sargento das **SS** estava, nesse momento, a retirar a tampa. Reparei numa ambulância do Exército alemão estacionada lá embaixo. Um soldado que transportava uma lata - uma embalagem semelhante à que ainda há pouco tempo tinha visto em Hamburgo - subiu pelo lado da câmara. Atirou-a ao homem que estava junto do "cogumelo".

Hoess fez um aceno de cabeça ao homem. Vim, mais tarde, a saber que se tratava do famoso sargento Moll.

Moll arrancou a tampa da lata e afastou-a do rosto. Em seguida, esvaziou os cristais azulados pelo "tronco" do "cogumelo", ao mesmo tempo que dizia:

- Ok. Dêem-lhes alguma coisa que mastigar.

Aguardamos uns momentos - Pfannenstiel, Hoess e eu.

Seguiu-se um sussurrar, um ruído semelhante ao levantar de vento e que deu a sensação de se gerar da câmara. Hoess deixou-nos, para ir observar a cena através do ralo. Convidou-nos a que o acompanhássemos. Pfannenstiel já vira o que se passava no interior. Dei uma desculpa qualquer.

- Leva cerca de doze minutos - elucidou o professor.- Arranham, esgatanham e tentam chegar à porta, mas debalde. Os corpos apresentam-se, freqüentemente,

cheios de sangue e de fezes. Sugiro-lhe que não olhe quando abrirem a porta, major Dorf.

Torna-se necessário um certo tempo de habituação.

Ajoelhou-se e encostou o ouvido ao telhado da câmara.

- Fantástico. Absolutamente espantoso - começou com um sorriso. - Assemelha-se aos lamentos que se ouvem numa sinagoga.

***

Berlim

Maio, 1943

Fiz um esforço para conquistar as boas graças de Kaltenbrunner: arranjei-lhe uma sessão de *slides* referentes a algumas das operações em Auschwitz.

Pareceu satisfeito com as fotografias que projetara no seu gabinete, outrora pertencente a Heydrich. Falei-lhe do excelente sistema de gestão de Hoess - distribuindo os saudáveis pelas empresas *Farben*, *Krupp* e *Siemens*, onde trabalhavam até morrer, e despachando os inúteis para as câmaras.

A certa altura, Kaltenbrunner citou Himmler, depois de olhar para uma fotografia de corpos amontoados à porta da câmara, a qual fazia lembrar uma cena do *Inferno de Dante*.

- O boss afirmou que o que as pessoas designam por anti-semitismo não passa de desinfecção. Eliminar piolhos não é uma questão de ideologia, mas de higiene.

São inúmeros os motivos que nos levam a matar judeus.

Para Himmler é tudo "desinfecção", para Heydrich era um instrumento político a vários níveis e para o *Führer* a concretização final do seu ponto de vista. Que assim seja.

Obedeço. Invadem-me o cérebro imagens de crianças nuas a serem passadas por cima da cabeça dos pais, para o interior das câmaras. Contudo, nada digo a Kaltenbrunner.

Que há a comentar, depois de se aceitar a necessidade do programa?

Quando o último dispositivo passou pelo ecrã, o rosto hediondo de Kaltenbrunner abria-se num sorriso que me era dirigido.

- Prestou a sua habitual dedicação ao novo trabalho de que foi encarregado, Dorf - observou.

- Agradeço-lhe, general.

- Agora, pode sair.

- Fazia tenção de lhe falar deste novo trabalho – retorqui, depois de uma pausa. -

Obriga-me e estar sempre em viagem: Polônia, Rússia. Esperava que me concedessem um trabalho fixo em Berlim. Para lhe poupar esforços.

- Não, não, Dorf. Quero-o na Polônia. Quero-o próximo dos campos. Recebi relatórios de que os judeus estão a infringir normas e a revoltarem-se.

Voltei a hesitar. Temia-o.

- O problema é o da minha mulher, general. Detesto abordá-lo.

- Ah! Um pouco de adultério, enquanto o "menino" está ausente?

- Nada disso, general. A senhora Dorf é doente. Há anos que sofre do coração.

Estas minhas ausências prolongadas estão a revelar-se negativas. Racionamentos de comida, os bombardeamentos...

- Interne-a no nosso hospital. Dê-lhe umas férias. Nada queremos que falte às mulheres dos oficiais das **SS**.

- É muita bondade da sua parte, senhor. Contudo, ela necessita da minha presença aqui.

Kaltenbrunner fez rodar a cadeira e ergueu-se. Perecia uma torre surgida diante de mim:

- Você surpreende-me, Dorf. Os nossos exércitos estão a ser dizimados em

Stalingrado. Toda a frente russa avança. Os Aliados vão a caminho de Itália. E vem queixar-se da sua mulher doente.

Apelei uma vez mais, e de novo Kaltenbrunner me repeliu. Fez referência aos rumores que corriam a meu respeito - as minhas pressupostas convicções de esquerda, inimigos que arranjara. Tentei defender-me, mas já não precisava de mim. Por momentos senti-me no papel de *Hamlet*, comparando o pai falecido a Cláudio – como Hiperion a um sátiro. A comparação era a mesma entre o meu chefe desaparecido e este selvagem bruto e de cabeça quadrada.

Esta noite o clima entre mim e Marta resumia-se a algo mais do que a habitual tensão. Desde a morte de Heydrich (já lá vai um ano) que pressentiu em mim um receio, uma incerteza, uma perda das garantias que usufruí enquanto ele foi vivo.

Comecei a beber um bocado. Não sou alcoólico, mas, à noite, alguns cálices de conhaque ajudam a descontrair-me. Esta noite, Laura estava a dormir. Peter encontrava-se num campo de treino. (Diz-se por aí que os miúdos de quinze anos serão organizados em batalhões de resistência caso os Russos alguma vez consigam quebrar as nossas barreiras de defesa da Alemanha.)

Marta abriu inesperadamente uma pasta castanha e começou a ler em voz alta.

Percebi imediatamente de que tinha em seu poder cópias das cartas que eu escrevera aos comandantes de campo. Não fiz qualquer gesto para a deter. Continuei a beber e a ouvir.

Expressava-se num tom de voz trocista e sublinhado a escárnio:

- "Todos os cadáveres enterrados em *Babi Yar* devem ser retirados para fora e queimados. Não deve restar qualquer vestígio. O seu trabalho, Blobel, foi desorganizado e descurou várias zonas. Trata-se de uma missão prioritária.

- Não tinhas o direito de as ler.

- Gosto do tom - continuou. - A Hoess: "Não me agrada o sistema de remoção dos restos queimados, para que o moinho os reduza à cinzas. Não podemos utilizar uma fornalha que destrua tudo? E durante quanto tempo conseguirá o rio Sola absorver estas toneladas e toneladas de cinzas? "

- Pára.

- Ou então esta - prosseguiu Marta, indiferente ao meu reparo. - "Há que exercer um melhor controle sobre os programas de experiências médicas. Compreendo o particular fascínio do *Reichsführer* pelos gêmeos, mas informam-me de que os médicos se estão a servir de gêmeos não judeus. É uma má política. Gostaria igualmente de receber relatórios sobre experiências de esterilização por injeção, bem como relativamente ao programa de esterilizar judeus pelos *raios X*. Para quê tanto alarido quanto a um programa de esterilização, se agora todos sabemos qual o seu destino eventual?

Pousou a pasta com um ruído seco.

- Não eram coisas para leres, querida - observei, cansado.

- Oh! Há muito tempo que andava desconfiada. Toda essa conversa sobre a execução de sabotadores e de espiões, de controle de doença para lá das linhas do inimigo.

Estava demasiado fatigado, mental e fisicamente, para conversar com ela.

- E agora sentes nojo de mim! - observei.

- Não. Pretendo ajudar-te.

Não fazia idéia do que quereria dizer. Juntei as cópias das cartas e voltei a metê-las na pasta, anotando mentalmente que, de futuro, não deveria guardar este tipo de documentos em casa.

- O que te disse hoje Kaltenbrunner? - quis saber.

- Regresso à Polônia amanhã.

- Não conseguiste impor-te, Erik? Depois de tudo o que fizeste por eles?

Servi-me de mais um conhaque:

- O local deixou de interessar: Polônia, Rússia, Berlim. As paredes não tardarão a desmoronar-se.

Sentou-se ao meu lado, no sofá. Devido à generosidade de Eichmann, adquirimos uma coleção de mobiliário maravilhosa, retirada dos seus armazéns

de Praga.

Condizem na perfeição com o velho *Bechstein*.

- Interessa, sim - contrapôs Marta.- Kaltenbrunner decerto tem consciência desse... desse ar de derrota que mostras quando falas. Não admira que a tua carreira tenha chegado ao fim. Tens sorte em que Heydrich te tenha promovido antes de morrer.

Essas cartas... o tom que utilizas... dão a entender que pareces revoltado com o teu trabalho, envergonhado dos teus atos.

- Talvez seja verdade, por vezes.

Ergueu o tom de voz.

- Não é possível. Tens de continuar! Se tu... se nós pararmos neste momento, o mundo pensará que somos culpados. Mas se prosseguirmos e explicarmos os nossos atos, conseguiremos vencer!

Dei um salto do sofá, entornando conhaque no tapete turco.

- Deus do céu, Marta! Como te interpretei mal! A minha frágil Marta! - comecei a rir. - E cheguei a pensar que estavas furiosa comigo por estar afundado até ao pescoço no sangue dessas crianças judias!

- Não digas essas coisas. Não.

- E apenas te irrita que não seja mais orgulhoso e mais dinâmico no exercício da minha tarefa.

- Deves ser! - gritava-me. - Faz o que te ordenam até ao fim. Isso convencerá as pessoas de que estás a agir justamente. Obedece. Obedece, como Hoess e Eichmann. De cada vez que te mostrares hesitante ou puseres algo em dúvida, como essas experiências, estarás a ajudar a cavar a tua própria sepultura.

Voltei a soltar uma gargalhada e afundei-me no sofá.

- E não te rias de mim!

- Não me rio. Sinto-me divertido com a minha estupidez. Claro que devo cumprir a minha missão com mais energia e dinamismo.

Ficou a olhar-me durante uns momentos. Em seguida, apagou a luz de cima. A única iluminação na sala provinha de um bonito candeeiro *cloisonné*, uma gentileza de Eichmann. Marta ajoelhou-se na minha frente e rodeou-me a cintura com os braços.

- Por vezes, Erik... sinto receio de que sejamos punidos - disse, num tom de voz fantasmagórico.

- Castigados?

- Todos nós.

- Tu nada fizeste. Tenho sido um bom saldado. *Un bom soldat*, como diria Eichmann.

- Essas cartas. Os fornos. As piras. As experiências. Um rio transbordante de cinzas. - Ergueu os olhos na minha direção. Estavam secos e os lábios não tinham cor. -

Esse o motivo por que todos devem morrer. Para que ninguém saiba. Para que não reste ninguém que possa contar. Para que ninguém conte mentiras a vosso respeito.

Entendes?

Fitei-a e apertei-a. Mas os nossos corpos estavam frios e com uma incapacidade mútua de transmitirem calor.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Durante toda a segunda metade do ano de 1942, o gueto foi-se esvaziando de judeus - enviados para Treblinka, Auschwitz, outros campos de morte. E as pessoas continuavam a cumprir o destino, silenciosamente, com escassos atos de resistência.

O doutor Kohn, o membro mais cooperante do *Judenrat*, suicidara-se com uma pílula de cianeto. Fê-lo depois de Hoefle, o comandante das **SS**, ter aumentado o

número diário de seis mil para sete mil.

Até ao momento, ainda não houvera hipótese de estruturação de qualquer resistência contra os Alemães. Não havia, muito simplesmente, armas suficientes nem tampouco munições. No entanto, o meu pai prosseguia com aquela pequena ilusão na clínica da estação de estrada de ferro, salvando agora uma dúzia de pessoas, meia dúzia depois, convencendo as autoridades de que o seu "departamento" hospitalar estava autorizado.

Um dia, ele e a minha mãe, olharam através da montra rapada com cortinas. Os *nazis* utilizavam uma nova tática. Ofereciam às pessoas uma fatia de pão e um boião de marmelada, como engodo para entrarem nos comboios. Mantinham-se confusas, fatigadas, apatetadas, apertando com força aqueles bens preciosos, sem perder a esperança até ao final.

Nesse dia, Zalman recebera ordens de embarque. O meu tio Moses arrancou-o ousadamente à multidão, explicando a um *kapo* que o homem estava muito doente, e encaminhou-o para a clínica.

- Vá ao lavatório - ordenou o meu pai. - Vomite. Meta os dedos na garganta.

- Estão a observar-nos - retorquiu Zalman, preocupado.

- O Hoefle está lá fora.

- Deixe-os por minha conta - tranqüilizou-o o meu pai.

Moses, que estava de vigia à janela, verificou que Hoefle e um tipo chamado Karp, o chefe da polícia do gueto, se aproximavam.

- Vêm aí - anunciou Moses.

- Sai pela porta das traseiras, Berta - ordenou o meu pai.- Vai para a escola. É

melhor esconderes-te com alguém. Acompanha-a, Zalman. Saiam os dois.

Hoefle e Karp entraram praticamente nessa altura. Este último era um instrumento dos *nazis*, um judeu convertido, que criara ódio em todos os habitantes do gueto.

- Todos de pé! - rugiu Karp.

- Estas pessoas estão doentes - protestou o meu pai.

- Cale-se, Weiss. De pé, em frente do major Hoefle.

A meia dúzia de pessoas que se encontrava na divisão pôs-se de pé.

- O que se passa aqui, com os diabos? - perguntou Hoefle.

Ele e os oficiais raramente punham pés no gueto. Apoiavam-se nas patentes inferiores - sargentos, milícia ucraniana e polícia do gueto.

- Esta clínica pertence ao hospital, senhor – elucidou o meu pai.

- Estas pessoas não têm aspecto de doentes – retorquiu Karp. - Onde está a autorização escrita para tudo isto?

- Existe - argumentou o meu pai, que se esforçava por não perder o controle. -

Não tenho culpa que o vosso pessoal não seja eficiente.

O chefe da polícia do gueto e o oficial das **SS** passaram revista à clínica, inspecionando os remédios da pequena mesa de dispensário do tio Moses e espreitando por baixo das camas.

- Que diabo de aldrabice dirige aqui, Weiss? - inquiriu Karp.

- Sou o doutor Weiss, Karp.

Hoefle sorriu ante o comentário: um judeu contra outro judeu.

Karp parou junto de um divã, ante uma mulher nova estava deitada. Era prima de Eva Lubin, uma mulher que se declarara disposta a lutar na Resistência.

- O que tem? - perguntou-lhe Hoefle.

- Febre.

Hoefle - um assassino monstruoso, um antigo oficial dos *Einsatzgruppen* -

colocou-lhe a mão de leve na testa. Olhou para Karp, não pronunciou palavra e saíram os dois.

O meu pai e o tio Moses viram-nos afastarem-se. Agora, sabiam que os aguardava o pior. Contudo, estavam decididos a manter a farsa. Talvez se desse qualquer milagre. O meu pai voltou a tentar convencer Karp de que seria um erro deixar que doentes fossem transportados no comboio. No entanto, Karp recusou-se a receber o meu pai no gabinete.

Hoefle não levou tempo a desfechar a seta.

Veio a saber-se posteriormente - através de um informante da força policial de Karp - que a clínica seria incendiada e todos os que de qualquer maneira com ela estavam relacionados tinham como destino um lugar no próximo carregamento.

O primeiro golpe abateu-se sobre a minha mãe.

Estava a ensinar as crianças a cantar canções populares judias, árias brejeiras (uma transformação de realce naquela nobre senhora, tão orgulhosa do seu Mozart e Beethoven), quando Karp e um ajudante entraram na sala de aula.

A minha mãe tinha uma presença de tal maneira digna e calma que se mostrou submisso, quase a pedir desculpa.

- Desculpe-me, senhora Weiss, mas tem de me acompanhar- disse.

- Podemos ensaiar a canção mais uma vez? É para a festa das crianças.

- Receio que não seja possível.

- Posso ver o doutor Weiss?

- O seu marido estará na estação.

Percebeu imediatamente o que estava prestes para acontecer. Calmamente (como me veio a contar um dos estudantes), pegou no casaco, no bloco de apontamentos e despediu-se das crianças.

- Vai voltar, professora? - perguntou Aaron Feldman.

- Claro. Encarregas-te da aula na minha ausência, Sarah?

A aluna, que fazia parte do grupo das mais velhas, fez um aceno de concordância e avançou até à frente da aula.

- Se não vier durante algum tempo, não devem pôr de parte as lições -

aconselhou a minha mãe. - Serão melhores se receberem educação, conhecerem Shakespeare e o teorema de Pitágoras. Adeus, miúdos.

Despediram-se dela. Tinham visto pessoas partir para a estação de estrada de ferro milhares de vezes; estavam informados sobre os transportes.

Na estação, estavam a reunir, a registrar e a agrupar o habitual grupo de sete mil.

A minha mãe olhou para a pequena clínica e viu que a tinham destruído. Fitou Karp.

- Obedeço a ordens, senhora Weiss.

Lowy e a mulher também estavam incluídos naquele carregamento. O meu pai tinha-os salvo uma vez. No entanto, o tipógrafo havia sido apanhado durante a caça mais recente às vítimas.

A senhora Lowy soluçava sem se conseguir controlar.

- Acaba com isso - ordenou Lowy. - Que mal pode acontecer? Deves sentir-te contente por sairmos desta pocilga.

O meu pai não demorou a aparecer, carregado com duas malas. Obteve permissão para levar alguns dos remédios. Tinha o chapéu de feltro coçado com que visitara os seus doentes em Berlim e o mesmo sobretudo escuro.

Ele e a minha mãe abraçaram-se.

Lowy e a mulher cumprimentaram-no.

- É uma pena, doutor. Depois de todos os seus esforços. Acho que estamos destinados a andar sempre juntos.

- É mesmo - concordou o meu pai. - De novo companheiros, Lowy.

As pessoas daquele grupo faziam parte de uma secção heterogênea do gueto -

pobres, esfomeados, judeus da classe média e até mesmo aristocratas, como os meus pais.

- Sabes, Berta? Quase me sinto como se o Lowy fosse um velho colega de escola

- disse o meu pai, tentando fazer espírito.

***

A Umschlagplatz era um local sombrio e deprimente – um campo com cerca de trinta por cinqüenta metros. A toda a volta erguia-se um alto muro de tijolos e as traseiras de um edifício abandonado. Os escolhidos para o transporte eram encaminhados como rebanhos através de uma sebe de arame. Lá dentro, sentavam-se em cima das malas e dos sacos, trocando alimentos, tentando cozinhar, fazendo os últimos esforços para se escaparem.

Os meus pais permaneceram aí doze horas, juntamente com os Lowy e centenas de outros, antes de chegarem os comboios. Foram horas de pavor. A dada altura, dois jovens tentaram fugir. Escaparam-se para o edifício abandonado e tentaram passar do telhado do mesmo para o prédio contíguo. Os guardas das **SS** abateram-os a tiro. As pessoas de mais idade começaram a gemer; crianças choravam. Não havia sanitários. As pessoas faziam as necessidades pelos cantos do pátio.

- Quem me dera que se despachassem! - exclamou Lowy.- O campo de família tem de ser melhor do que isto.

- Sim. Acho que estávamos a precisar de uma mudança. Não achas, Josef ? -

redarguiu a minha mãe.

E, no entanto, o meu tio Moses contara-lhes a verdade sobre os transportes: iam a caminho da morte. Mesmo assim, tentavam fazer espírito, tornar mais suportável o destino que os aguardava. Em breve se verificou um desdobramento dos guardas-policiais do gueto, **SS**. O fato significava que o comboio estava prestes a chegar.

- A Resistência perde assim o seu principal impressor - observou o meu pai a

Lowy. - Como irão arranjar-se?

- Andei a treinar a Eva. Se se mantiver no ofício dará uma boa profissional.

O meu pai fez um aceno afirmativo de cabeça. A Resistência.

Deixaria de fazer parte do movimento.

- E o meu irmão? - perguntou a Lowy.

- Escondido com o Zalman. Não será fácil. Os alemães estão a passar a pente fino blocos inteiros. Quem quer que apanhem escondido, é morto no local.

O comboio apareceu por volta das cinco da tarde. O alto-falante voltou a emitir ordens - as pessoas deveriam seguir em fila para os vagões, enchê-los e cumprir as regras de higiene. Havia um único balde em cada vagão para esse fim.

Dirigiram-se, pois, para o comboio. A minha mãe e o meu pai avançaram de braço dado. Uma mulher, com uma criança ao colo, implorou medicamentos ao meu pai. Ele respondeu que lhe daria assistência, assim que estivessem dentro do comboio.

Karp, uma das pessoas mais odiadas de toda a Varsóvia, aproximou-se dos meus pais.

- Lamento, doutor Weiss.

- Retire a minha mulher do transporte, Karp – apelou o meu pai pela última vez.

- É uma professora, uma intérprete. Fala melhor alemão do que os seus superiores. Faça um pedido a seu favor.

- Não há hipótese, doutor.

No fundo da multidão em movimento, um jovem perdera a razão, e lutava para fugir através do portão de ferro. Foi derrubado, metodicamente, com bastões até cair no chão.

- Não consegues ver-te livre de mim com essa facilidade, Josef - retorquiu a minha mãe.

- Oh! Apenas me estava a despedir do nosso amigo, o chefe Karp - sorriu.

- Não me culpe - pediu Karp. - Um destes dias também me vão cair em cima.

- Se não formos nós a fazê-lo primeiro - retorquiu Lowy.

Subiram para as plataformas de acesso aos vagões de gado.

As pessoas correram para os lugares que ficavam perto das aberturas. A respiração e os movimentos seriam algo difícil. A mulher de Lowy teve um ataque de histerismo.

- Deixa de balir para aí - ralhou Lowy. - O que esperavas? O Expresso de Paris?

- Não consigo. Tenho medo.

- Temos todos, senhora Lowy - retorquiu o meu pai.- Mas há que enfrentar os fatos corajosamente.

Soaram mais tiros na Umschlagplatz. Tinham morto o jovem enlouquecido.

Os meus pais entraram na carruagem de gado. O meu pai conseguiu um lugar e pousou a mala, reservando o espaço para dois.

- Reservas de primeira classe - disse. - Tenho de falar com o chefe, devido a estas condições deploráveis de viagem.

- Enquanto nos tivermos um ao outro, Josef, não conseguirão destruir-nos -

disse a minha mãe, pegando-lhe no braço.

- Tens toda a razão, minha querida.

Não sabiam, mas o comboio em que se encontravam seguia com destino a Auschwitz e não a Treblinka. Este último campo, mais primitivo e de menor capacidade, encontrava-se abarrotado de gente.

Em Janeiro de 1943, o nosso grupo de guerrilha, sob a chefia do Tio Sasha, fizera incursões sobre os colaboradores ucranianos por três vezes. Arranjamos armas e munições e matamos algumas dúzias deles. Chegara a altura de atacar os alemães.

Numa véspera de Ano Novo, em que caía neve, reunimo-nos num bosque nas cercanias da cidade de Bechak, onde acabara de chegar uma guarnição das **SS**. Samuel, o rabi que nos casara, celebrou uma breve cerimônia religiosa, enquanto a neve branca e silenciosa caía, cobrindo-nos os chapéus de pele e os pesados casacos. A maioria de nós calçava botas roubadas aos ucranianos. Todos estávamos magros e esfomeados. No Inverno, tornava-se difícil obter comida e víamo-nos forçados a nunca parar muito tempo no mesmo local.

- Escuta, Israel, o Senhor Nosso Deus, o Senhor, é um só- entoava Samuel num tom de voz suave.

Tinha-me esquecido de como se rezava. *Bar-naitzvah* e os feriados resumiam a extensão da minha prática religiosa. Assistíamos (quando o fazíamos) ao serviço religioso numa sinagoga reformada, onde grande parte se dizia em alemão. Reparei que o Tio Sasha não participava nas orações. Ele e eu ficamos de lado, protegendo as nossas espingardas, à espera.

- E tu, Weiss? Uma oração ou duas?

- Não sei rezar.

- Eu sei, mas não rezo. Desde que e minha família foi assassinada. - Ergueu os olhos na direção do céu invernoso.

A neve descia em nuvens de flocos, quase como se nos acariciasse.

- Dá-nos qualquer citação que ajude os Judeus a entrarem em luta, rabi.

Samuel findou as preces, sorriu para o Tio Sasha e disse:

- E David disse aos seus homens: "Dêem a cada um a sua espada. Amém. "

No grupo éramos sete - todos homens. Algumas vezes, as mulheres acompanhavam-nos nas incursões. Contudo, o Tio Sasha tinha decidido que, contra uma guarnição alemã, apenas os homens deveriam lutar. O rabi deixou-nos e regressou ao campo.

Não demorámos a avistar as luzes da cidade de Bechak. Dava a sensação de se encontrar muito distante, num outro planeta. O grupo parou. Tornei-me, subitamente, o alvo das atenções. Tiraram-me o barrete de pele e enfiei um

capacete alemão na cabeça.

Retirei a túnica larga que vestia. Por baixo, tinha um capote do Exército alemão, cintos e munições. Transportava uma espingarda *Marser*.

- Até a mim me enganavas - declarou Sasha, fitando-me.

- Quase me engano a mim.

- Pronto? Começa a andar. Seguiremos uns cem metros atrás de ti, um grupo à

direita, outro à esquerda.

- Não me esquecerei.

- Não te esqueças de outra coisa ainda - aconselhou Sasha.- Não hesites a matar.

Avancei sozinho, atento ao caminho, enterrando os pés na neve. Cheio de frio e assustado, pensei no meu irmão – segundo parecia, condenado a apodrecer, eternamente, na prisão. Em Anna, morta em circunstâncias que me enchiam de suspeitas. Nos meus pais, que viviam no inferno de Varsóvia. (Desconhecia que tinham sido enviados para Auschwitz e também o seu destino.) E nos meus avós, mortos pelas suas próprias mãos, incapazes de enfrentarem o terror.

Não demorei a chegar à cidade. Era bonita, assemelhando-se a uma pintura no meio da neve. Um cão ladrou-me. As ruas estavam vazias. Em todas as localidades ocupadas, observava-se rigorosamente o recolher obrigatório.

Já antes havíamos explorado a cidade. Yuri, disfarçado de caldeireiro, andara a vaguear por aquelas bandas há uma semana. Os alemães tinham estabelecido o quartel-general na Câmara da cidade. Tratava-se de uma unidade das **SS**, enviada provavelmente para apanhar quaisquer judeus fugitivos. Tinham um apetite de morte insaciável. Não estávamos certos do seu número – talvez uma companhia, talvez apenas um pelotão.

Fosse como fosse, as casernas dos homens recrutados situavam-se no extremo da cidade, num velho moinho. Os oficiais encontravam-se, porém, alojados no edifício da Câmara.

Entrei por uma rua lateral. As minhas botas esmagavam a neve. Havia duas

sentinelas de guarda do lado de fora da Câmara.

O edifício estava amplamente iluminado. Ouvia cânticos vindos do interior.

Claro! Uma festa de Ano Novo. Os alemães estavam acompanhados de putas russas e ucranianas e das namoradas.

As sentinelas cruzaram-se em frente do edifício. Seguidamente, uma delas afastou-se e desapareceu da nossa vista. Apressei-me a sair da rua lateral e avancei até

junto do soldado.

- Que raio de maneira de um homem passar o Ano Novo - disse.

- Eh!... Quem é você? - perguntou.

- Estafeta do batalhão. O maldito telefone está novamente avariado. Trago um recado para o capitão. Tinha-me aproximado com tanto à vontade, que nem sequer me perguntou pelo passe. Era muito novo e baixo. E eu tinha o aspecto e a pronúncia de um soldado alemão.

- Que capitão? - quis saber.

- Como diabo hei de saber? Espere. Tenho aqui.

Tirei um papel do bolso do casaco e entreguei-lhe. A sentinela avançou até ficar debaixo da luz que se escapava do edifício da Câmara e piscou os olhos. Aproximei-me por trás.

- Parece estar escrito capitão Van Kalt. É isso?

- Não há nenhum capitão com esse nome. Mas que diabo...

Rodeei-lhe o pescoço com uma tira de couro, enfiei-lhe o joelho nas costas e derrubei-o. Toda a raiva que fervera dentro de mim durante aqueles anos, envolveu-me os braços e as mãos. Debateu-se um pouco e, em seguida, parou. Dei mais alguns apertões com a tira de couro, a fim de me certificar. Depois, tirei-lhe a espingarda.

Arrastei o corpo para o lado dos degraus de pedra e encostei-me à parede do prédio.

Segundos depois, a outra sentinela virou a esquina. Não perdi tempo com diversões. Em vez disso, dei um salto do local onde me encontrava e esmaguei-lhe a cabeça com o cano da espingarda. O capacete voou-lhe e, antes de poder gritar, bati-lhe novamente. Os miolos estouraram.

O tio Sasha e os outros saíram a correr da sombra.

- Yuri e os teus homens, pela porta das traseiras - ordenou Sasha. - Os restantes, pela frente. Continuem a disparar, mas pelo amor de Deus não se firam uns aos outros.

Entramos de rompante pela sala principal sem um aviso nem uma palavra.

Havia uma dúzia de oficiais alemães e um número igual de mulheres. Um jovem tenente tocava piano.

Todos davam a sensação de cansados e satisfeitos. Não era uma festa de Ano Novo muito animada. E nós não contribuímos para a animar.

O Tio Sasha disparou as primeiras rajadas e matou três homens junto da porta.

Yuri fez pontaria ao homem sentado ao piano, que caiu ruidosamente sobre as teclas. As mulheres gritaram. Alguns - homens e mulheres - atiraram-se ao chão. Um capitão ergueu-se, de mãos levantadas.

- A sala das armas - ordenou o Tio Sasha, agarrando-o pela gola.

- Está bem. Mas não nos matem.

- Rápido. Fica de guarda aos outros, Yuri. Os restantes venham comigo.

O capitão - que ficara ligeiramente ferido num braço – deu a volta à fechadura do depósito das armas. Enfeitamo-nos com metralhadoras, espingardas e pistolas. Cada um de nós levou o máximo de munições possível. Havia uma mala de primeiros socorros, em que também pegamos.

- Sabes manejá-la, Weiss? - perguntou-me Sasha, apontando para uma

metralhadora ligeira.

- Tentarei - apanhei-a, pu-la ao ombro e segui-os até ao salão.

Lá dentro, Yuri começara a ligar as mãos dos alemães que restavam. Contudo, Sasha estava cheio de pressa.

- Há uma maneira mais rápida! - declarou.

Conduziu-nos através da porta. Em seguida, ordenou que atirássemos granadas para o quartel-general. Obedecemos. As explosões iluminaram toda a povoação.

Sabíamos que os soldados das casernas não demorariam a seguir-nos o rosto.

Começamos a correr.

Senti a bala de raspão no ombro. As minhas costas ficaram quentes e úmidas.

Levantei-me, mas tive de deixar cair a metralhadora. Yuri e outro homem ajudaram-me.

Quando chegamos ao campo, já eu havia perdido os sentidos. Só me recordo do Tio Sasha a cortar-me o tecido. Estava deitado de lado. O desinfetante tapava-me o nariz e queimava-me as costas. Em seguida, ouvi um ruído de tesouras e a dor no ombro tornou-se insuportável. Rugi. E acima dos uivos, ouvia Helena, que gritava:

- Parem! Parem! Estão a machuca-lo!

Correu para o outro lado do divã e começou a beijar-me, sem deixar, porém, de gritar.

- Quieta! - impôs-se a voz do Tio Sasha acima dos gritos dela. - Afasta-te ou ponho-te lá fora, sejas tu mulher dele ou não.

- Acabarão por o matar com essas malditas e estúpidas incursões - bramiu Helena.

- Como te sentes, Weiss? - perguntou.

- Cheio de dores.

- Quase extraí a bala. Não podemos poupar a morfina com estas coisas.

Aguenta-te. Ficarás bem.

O ruído da tesoura e dos instrumentos cirúrgicos de Sasha eram praticamente tão incomodativos como a dor. Até ao momento em que começou a entrar mais fundo, tocando nos nervos. O desinfetante, um poderoso ingrediente do Exército Vermelho, ajudou. O meu espírito estava tão absorvido pelo odor acre que rangi os dentes e gemi, decidido a não gritar.

Um dia em que o meu pai examinou as nódoas negras com que ficara depois de um duro encontro de futebol, concluiu que eu tinha um elevado poder de resistência à

dor; podia agüentar muito.

- É vulgar entre os atletas - observara o meu pai com um sorriso. "E entre os menos inteligentes e sensíveis", estivera prestes a acrescentar. No entanto, estou certo de que não tinha segundas intenções. Só que esperava que fosse o duro da família, e dispus-me ao papel. Tal como agora, em que, tomado de uma coragem machista, não queria gritar, berrar ou queixar-me em frente da minha mulher.

Helena chorava, sentada na beira do divã, e beijou-me a nuca.

- Já tive dores piores - tagarelei. - Piores... parti o tornozelo... Estive sem jogar um ano.

- Sai do caminho, com mil raios - berrou-lhe Sasha.

- Não.

- Nesse caso, levará mais tempo e vai ser maior o sofrimento dele.

Yuri, que se mantinha de parte, observando o sangue que tingia os lençóis, tentava acalmar todos.

- Valeu a pena. Um homem ferido. E que arsenal: espingardas, metralhadoras, munições. Devemos ter morto uns oito deles.

- Estou-me nas tintas para o vosso arsenal! - explodiu Helena, dando um salto do

divã.

- Ah! Com os diabos! Continua a sangrar – exclamou Sasha. - Passa-me um desses rolos de ligaduras.

Continuou a cuidar de mim durante outro quarto de hora. Helena recusou-se a sair do meu lado, fazendo-me festas na cabeça e beijando-me. Finalmente, Sasha ergueu no ar a bala deformada. Ligou-me as costas.

- Cá está ela, Weiss! - exclamou. - De uma *Mauser*. Algo para mostrares aos netos.

- Manda dar-lhe um banho de ouro! - riu Yuri.

Helena arrancou-a da mão do tio Sasha e atirou-a contra a parede.

- Calem-se! Calem-se! Odeio-vos a todos. Não posso suportar as vossas piadas, como se isto fosse um jogo. Claro que é um jogo, mas um jogo que nunca venceremos.

Ele está praticamente a sangrar de morte e vocês brincam sobre a bala que quase o matou. Estou farta deste campo e da forma como pensam que estão a conseguir qualquer coisa. Matam um alemão aqui, um ucraniano ali...e de que serve? Um dia todos morreremos... um Inverno mais matar-nos-á a todos...

A voz morreu-lhe num soluço sufocado. Caiu de joelhos e começou a bater de encontro aos barrotes gelados da cabana, não parando de gritar que estávamos todos condenados e que o melhor seria rendermo-nos aos Alemães.

- Não quero mais... não quero mais... - continuava a soluçar. - Mais não... mais não...

O Tio Sasha pegou na mala de primeiros socorros e fez um sinal de cabeça a Yuri, como se lhe dissesse: "É um assunto de marido e mulher."

Dirigiram-se à porta. Voltei-me com esforço, apoiando-me no cotovelo.

- Foi quase tão bom como o meu pai - elogiei. - Ninguém ligava tão bem como ele.

- Lamento não o ter conhecido - sorriu-me Sasha. - Talvez seja possível, um dia.

Verei se temos alguma coisa para te pôr a dormir. Podes ter de te arranjar com o resto do conhaque.

Saíram. Helena acocorou-se a um canto, limpando as lágrimas.

- Vem cá - pedi.

Levantou-se, aproximou-se do divã e sentou-se novamente ao meu lado. Era bonita, mesmo vestida com a roupa grossa de Inverno e as botas de feltro. Cortara o cabelo. Há anos que o rosto não recebia vestígio de maquiagem. E, no entanto, resplandecia, qual uma mulher para se olhar, desejar, amar.

- Oh, Rudi... Podias ter morrido. E para quê?

- Para lhes mostrar que não somos covardes – peguei-lhe na mão -, que não podem limitar-se a matar-nos sem mais nada.

- Mas sabemos que estão a matar milhões. E há tão poucos que lutam... tão poucos que escapam...

- Mais um motivo para os combatermos.

Não pronunciamos palavra durante uns momentos. Apoiou a cabeça no meu peito e acariciei-lhe o cabelo curto, beijando-lhe a orelha. Cada movimento causava-me uma dor que se propagava pelo ombro e por todo o braço, mas aparentemente o sangue parara.

- Repete-me quanto me amas - disse-lhe.

- Mais do que nunca. - Em seguida, recomeçou e chorar.- Mas virão atrás de nós.

Saberão onde estamos. Alguém contará, alguém será torturado. Depois seremos todos...

- Disseste um dia que nunca morreríamos.

- Já não acredito nisso - retorquiu a minha mulher.

- Viveremos, verás. Conhecerás os meus pais, Karl, Inga. E todos te amarão

tanto como eu. Troçarão por haver achado uma família, mas não passará de brincadeira.

Acabou por me sorrir e passou-me a mão pela testa, numa carícia. Nessa altura, tinha medo de morrer e ela também. Amávamo-nos muito. O inimigo pugnaria pela morte do nosso amor. Contudo, não nos atrevíamos a revelar um ao outro o medo que nos minava. Era errado da minha parte falar da minha família e de encontros felizes.

Tornava mais difícil mantermos a ilusão.

- Tenho um pedido a fazer-te, Rudi - acabou por dizer, erguendo os olhos.

- O que quiseres.

- Da próxima vez que saíres para lutar com Sasha e os outros, também quero ir.

- Oh! Isso não.

- Algumas das mulheres vão. A Nadya vai.

- A minha mulher, não.

- Mas tem de ser. Quero estar contigo o tempo todo.

Os olhos denotavam um brilho triste e sombrio. Há quatro anos que estávamos juntos, o que representava uma vida. Tínhamos sofrido muito, visto horrores, sobrevivido e aprendido a ser apaixonados, ternos e compreensivos. E, acima de tudo, a lermos o pensamento de cada um. Não podíamos ocultar nada um ao outro, nada. Sabia o que pretendia dizer. Havia muitas hipóteses de que os *nazis* nos viessem a apanhar.

Eles e os aliados locais estavam decididos a aniquilar-nos. Corriam rumores de que um batalhão das *Waffen* **SS** tinha sido mandado para aquela zona, a fim de nos descobrir e esmagar.

- Um dia, a nossa sorte esgotar-se-ia. Helena estava a dizer-me- tinha certeza, lia-lhe no rosto - que queria morrer comigo.

- Falarei com Sasha sobre esse assunto - prometi.

Sasha regressou com o conhaque. Passou a mão pela cabeça de Helena.

- Acabou a hora da visita. O doente tem de dormir.

Por motivos que ainda não compreendo, o meu irmão Karl conseguiu viver alguns meses no isolamento da *Kleine Festung*. Segundo a forma curiosa e imprevisível como funcionava a burocracia *nazi*, tanto ele como Frey eram espancados de vez em quando, e Frey acabou por morrer, umas semanas depois. No entanto, Karl manteve-se vivo - dificilmente - numa cela escura. Estava virtualmente transformado num esqueleto, o olhar desacostumado da luz e a voz reduzida a um grunhido. E as mãos, as mãos de um artista, eram dois pedaços de carne e osso deformado.

Um dia, o guarda veio uma vez mais abrir-lhe a cela.

- Vamos, Weiss.

- Não me espanque mais - implorou. - Desta vez morrerei.

- Não haverá mais espancamentos. Tem mais sorte do que os seus amigos Frey e Felsher.

- Mataram-os.

- Não quiseram falar.

- Também não falarei.

- E quem se importa com isso - retorquiu o guarda com um encolher de ombros.

- Vão mandá-lo para Auschwitz. Um local maravilhoso, melhor do que aqui. Um campo de família. Tratam melhor os Judeus do que os Alemães são tratados em Berlim.

Seguiu-se um verdadeiro negócio de loucos. Karl foi levado em passo de marcha até ao gabinete do comandante Rahm e obrigado a assinar uma "confissão" de determinados crimes contra o *Reich*. Rahm declarou que, quando a guerra terminasse, ele, Karl Weiss, artista de Berlim, judeu, teria de ser julgado por "graves crimes contra o povo alemão". Karl assinou. Que lhe interessava? Já fazia parte do número dos mortos em pé - o que os presos de longa data

designam por "muçulmano".

Informaram-no, em seguida, que dispunha de meia hora para ver a mulher, antes de ser colocado no comboio para "leste". O campo de Theresienstadt estava agora a ser esvaziado. Todos os dias partiam comboios com destino à Polônia. Tratava-se, evidentemente, de Auschwitz, e garantiam a toda a gente ser um "campo de família", onde todos se reuniriam - pais, filhos, avós - e poderiam contar com trabalho lucrativo, boa comida e uma casa decente para viverem.

Quando Karl cambaleou até ao estúdio pela última vez, Inga deixou escapar um grito. O uniforme de listas pendia no corpo magro. Tinha barba, olheiras fundas e as costas dobradas como as de um velho aleijado. Aparecia-lhe continuamente saliva aos cantos da boca.

Abraçou-o com força. Maria Kalova e alguns dos artistas que não tinham sido implicados na conjura avançaram ao seu encontro.

- Oh! Puseram-te em liberdade, Karl! - exclamou Inga.

Com a ajuda de Maria levou-o até uma cadeira e preparou-lhe chá. Quando lhe estenderam a malga de metal, tentou esconder as mãos.

- Oh, meu querido Karl! - chorou. - O que te fizeram... as tuas mãos.

Os outros tiveram vergonha de olhar. Afastaram-se. Maria dirigiu-se ao cavalete.

Os **SS** mantinham-nos ocupados a trabalharem em cartazes "moralistas", avisos de comportamento e promessas dos maravilhosos dias futuros.

- Continuo vivo - pronunciou Karl num tom de voz perdido e distante. - Nunca lhes contei. Os desenhos estão em segurança?

- Estão - sussurrou. - Maria e eu escondemo-los.

- Não voltarei a pintar - redarguiu, depois de um aceno de compreensão. -

Certificaram-se de que seria assim.

Inga agarrou-lhe naquelas mãos partidas e começou a beijá-las.

- Não as podes curar. É o mesmo de quando a minha mãe me costumava beijar as nódoas negras, em criança. Não resultava. - Olhou para as mãos. - Dizem que uma pessoa acaba por se habituar, mas nunca se consegue.

- Não fales nisso - pediu, ajoelhando-se e ocultando o rosto entre as mãos dele.

- Na *Kleine Festung*, para não enlouquecermos quando nos espancavam, Frey, Felsher e eu gritávamos sem parar que iríamos a Itália. Florença, Veneza. Frey também insistia quanto a Arezzo.

- Faremos essa viagem, Karl querido. Prometo-te.

Estremeceu, inclinou-se para e frente e apoiou a cabeça no cabelo louro da mulher.

- Nunca veremos a Itália, como marido e mulher. Os meus breves momentos de coragem terminaram. - Sentou-se. - Vão-me mandar para Auschwitz. Acabaram o que tinham a fazer comigo. Acho que nem consideram que valha a pena matarem-me, como assassinaram Frey e Felsher.

- Não partirás - garantiu. - Se te mandarem, irei também.

Karl sacudiu a cabeça negativamente.

Maria Kalova deixou a mesa de trabalho e aproximou-se. Olhou-os durante uns momentos e disse:

- Não podes, Inga. Deves contar ao Karl.

- Contar-me...?

- Pelo menos aqui, em Theresienstadt, tens uma oportunidade, Inga - prosseguiu Maria. - Podes trabalhar, poupar-te-ão, mas...

- De que estão a falar? - quis saber Karl.

Inga fitou-o:

- Karl. O teu filho está dentro de mim.

- Filho...?

- O nosso.

Recomeçou a tremer, empurrou a chávena de chá para longe e abraçou-a. Os braços estavam magríssimos:

- Não. Não o deves ter.

- Tenciono tê-lo. Esse o motivo por que a Maria diz que devo ficar aqui.

Nasceram crianças neste campo. Pelo menos há uma clínica e olharão por mim. - Vi as crianças nascidas aqui - retorquiu. - Ficam amaldiçoadas para o resto da vida. O olhar denota.

- Não será necessariamente como dizes.

- As mulheres protegerão a Inga, enquanto lhes for possível - garantiu Maria, dando um passo em frente. - Trataremos bem a criança.

- Não - negou-se o meu irmão. - Se me amas, acaba-lhe com a vida, antes que abra os olhos neste local maldito.

- Não, não o farei. Quero a tua bênção. Quero que santifiques a sua vida. Oh, Karl. Por vezes, chego a pensar que sou mais judia do que tu, ou o Rudi...

- Não quero um filho meu nascido aqui.

- Os rabis afirmam que cada vida glorifica o nome de Deus. Por favor, Karl.

- Nunca estiveram em Theresienstadt.

- Ela tem razão, Karl - interferiu Maria. - Deves permitir que o bebê nasça.

- De acordo - acabou por dizer, escondendo a cabeça entre as mãos. - Não importa, uma criança que nunca chegarei a conhecer.

- Claro que conhecerás. Prometo-te - redarguiu Inga.

Um

kapo apareceu e deteve-se na ombreira. Estava a arrebanhar as pessoas destinadas ao transporte. Não pronunciou palavra.

Karl olhou-o e ergueu-se lentamente.

- Quando a criança tiver a idade devida, mostra-lhe os desenhos - sussurrou a Inga. - Para que compreenda.

Beijaram-se pela última vez.

- Adeus, minha mulher adorada - despediu-se. - Talvez tudo corra bem. Talvez nos estejam a dizer a verdade. Sobrevivi em Buchenvald e em Theresienstadt por saber pintar. Talvez aconteça uma vez mais. - Contemplou, em seguida, as mãos deformadas e sorriu amargamente.

Inga não se decidia a deixá-lo partir e continuava a beijá-lo.

Finalmente, Maria teve de os separar, quando o *kapo* entrou na divisão, batendo com o bastão na perna.

- Tens de o deixar partir, Inga - disse Maria.

- Adeus, Karl. Adeus, meu amor.

Ficaram a observar, enquanto o empurravam para uma fila de gente confusa e assustada - os antigos presos privilegiados do "gueto-paraíso"-destinada ao campo de morte. Os guardas deram-lhes ordem de marcha.

Os meus pais estavam em Auschwitz. Contudo, o tio Moses, atualmente membro ativista da *Organização de Luta Judia*, escapara às rusgas. De uma população de quase meio milhão de pessoas, não restavam mais de cinqüenta mil judeus no gueto. E

os que ficaram para trás estavam doentes, apavorados e esfomeados.

Em 9 de Janeiro, Himmler visitou o gueto, a fim de examinar com os seus próprios olhos os dolorosos restos dos judeus da Europa. Ordenou uma liquidação final e definitiva. Deveriam ser enviados, até ao último, para Treblinka ou Auschwitz.

A

Organização de Luta Judia, que englobava cerca de seiscentos ativistas, mas se

encontrava apoiada talvez por cerca de outros mil "marginais", decidiu opor-se quando se verificasse a rusga seguinte. Os Alemães viam-se perante dificuldades cada vez maiores relativamente a enganarem os Judeus. Todas as promessas de campos de família, o pão e a marmelada eram, na altura, sobejamente conhecidas como mentiras.

Um dia, a meio de Fevereiro, o meu tio Moses e Aaron Feldman disfarçaram-se de vendedores ambulantes e empurraram uma carroça para uma parte do gueto que tinha sido evacuada.

Um policial avisou-os de que o recolher obrigatório seria dali a dez minutos.

- Não, senhor - anuiu o tio Moses, levando a mão ao chapéu. - Estamos a levar a nossa mercadoria para casa. Tachos e panelas, sabe? - Em seguida, inclinou-se para Aaron e sussurrou-lhe:

- Não te preocupes. Está subornado.

Quando o crepúsculo se abateu sobre a cidade invernosa e deserta, o homem e o rapaz aproximaram-se do muro.

Aaron saltou para a carroça e, com a ajuda de um pau com um gancho e de uma corda, escalou o muro. Ajoelhou-se lá em cima e soltou um ligeiro assobio. Dois homens da Resistência polaca - um era Anton – saíram a correr de uma porta. Atiraram um caixote de madeira a Aaron, que, por seu turno, o deixou cair na carroça que tinha por baixo. Repetiu-se o processo com um segundo caixote. Em seguida, Aaron escorregou de volta, pela corda. O tio Moses colocou os caixotes por baixo do sujo oleado que cobria a "mercadoria" e regressaram ao quartel-general da Resistência.

- Estão atrasados - observou o polícia do gueto.

- As minhas desculpas - retorquiu o tio Moses, que, ao passar por ele, o subornou pela segunda vez.

Nestes meses finais do gueto, bairros inteiros tinham sido esvaziados - os habitantes eliminados ou enviados a caminho da morte. Era em apartamentos secretos destas zonas que na altura viviam os chamados "ilegais"-os resistentes, os lutadores, os decididos a não serem arrastados.

O tio Moses e Aaron levaram os caixotes que tinham recebido dos polacos para um apartamento do último andar de um edifício aparentemente abandonado. Era um contributo insignificante. Nenhuma secção da Resistência, desde os vários grupos sionistas, aos budistas ou grupos de esquerda, tinha conseguido influenciar os polacos cristãos. Alguma simpatia, claro. Mas pouco no aspecto de fornecimento de armas.

Eva Lubin e outros mais encontravam-se presentes quando abriram os caixotes.

Num havia cinco revólveres novos com as respectivas munições. E também granadas.

- Como iremos começar uma revolta com isto? - perguntou Moses.

- Em princípio - observou Eva. - Vamos carregá-los.

Começaram a colocar balas nos revólveres.

- Se conseguirmos matar alguns - prosseguiu – podemos apoderar-nos de metralhadoras e espingardas, para aumentar o nosso pequeno arsenal. Poderíamos causar impressão.

- Não tenho certeza do que possa acontecer – observou Moses. - Corre o boato de que irão mandar as **SS** e os auxiliares lituanos. Para passarem todos os edifícios a pente fino. É muito provável que seja tarde demais.

Moses pegou em duas armas e fê-las girar entre os dedos:

- Não sou um *cowboy* muito convincente. Não fui predestinado para este tipo de ação. Aparentemente, os Judeus e as armas não ligam bem.

Ouviu-se um bater combinado na porta - duas breves pancadas, uma pausa e depois mais três. Moses fez sinal a Aaron para que destrancasse a porta.

Zalman entrou, respirando ofegantemente e coberto de poeira.

Rastejara pelo cascalho, a fim de vir ter com eles.

- As **SS** bloquearam a rua - comunicou Zalman.

- A rusga? - perguntou Moses.

- Sim. Von Sarmmern anunciou-a. Há que fazer sair o último dos judeus.

- Mas porquê aqui? - inquiriu o tio Moses. - É um bairro deserto.

Prossupostamente sem ninguém.

- Talvez te tenham seguido a ti e ao miúdo.

- Embalem tudo - ordenou Moses, assumindo o comando.

- Cada um que pegue numa arma. Granadas dentro dos bolsos. Escondam os caixotes. Sairemos pelo telhado.

Enquanto obedeciam às ordens recebidas, ouviram lá embaixo vozes de alemães, botas de encontro às portas e instruções gritadas.

- Todos os judeus cá para fora!

- Os judeus cá para fora!

- Saiam ordenadamente. Não vos faremos mal.

Aaran saiu do compartimento e espreitou pelas escadas. Lá embaixo, no rés-do-chão, avistou três soldados ao pontapé com as portas. Até essa altura ainda não tinham encontrado vivalma. O edifício, à exceção do apartamento onde se escondiam os combatentes, há muito que tinha sido abandonado.

Aaron e os outros ouviam as vozes.

- Mas o que andamos a procurar nesta espelunca, afinal?

- Alguém disse que se julga que os judeus roubaram armas.

Moses ordenou a todos que ficassem no apartamento. Mandou Eva, Zalman e Aaron para dentro dos roupeiros e para a divisão contígua. Ele escondeu-se atrás da porta.

Ouviam os alemães do lado de fora.

- Entra. Estás sempre para aí com gabarolices de merda.

- Avança. São apenas esses judeus fodidos.

- Julgas que tenho medo? Medo de Judeus?

Botas, espingardas e corpos pesados embateram de encontro à porta trancada. A fechadura rebentou e cedeu. Os alemães invadiram o apartamento.

Moses saiu do esconderijo e abateu o primeiro homem que tinha à frente, a cerca de um metro. Caiu, com o rosto transformado num bolo ensanguentado.

Antes que os outros dois pudessem levar a mão às espingardas, foram atingidos por uma chuva de balas disparadas por Eva e Zalman. Um, que estava menos ferido, arrastou o outro pelas escadas.

Zalman retirou a metralhadora das mãos do soldado morto. Aaron correu para o patamar e atirou uma granada através do corrimão. Os soldados enroscaram-se sobre si mesmos, e rolaram transformados em montes de carne, até ao chão.

Os judeus fitaram-se surpreendidos.

- Fugiram - observou Moses, admirado. - Fugiram, Deus do céu! Finalmente consegui ver. Sangram, morrem e assustam-se como nós!

Aaron desceu as escadas a correr e arrancou as armas e os cintos de munições aos outros dois soldados, depois do que voltou a subir com a mesma rapidez.

Lá em cima, Zalman tomara uma decisão:

- Vamos sair todos. Voltarão em força. Pelos telhados. Eu irei primeiro.

Naquela altura, completamente armados, fugiram pelo corredor e treparam a escada de salvação que levava ao telhado.

Tinham rebentado lutas esporádicas por toda a cidade. Anelevitz em pessoa chefiara um ataque contra um grupo de alemães que escoltava judeus, a caminho da Umschlagplatz. Com cinco granadas, cinco revólveres e alguns *Cocktails Molotov*, tinham obtido uma vitória parcial e libertado alguns judeus. Mesmo assim, os Alemães conseguiram deportar seis mil e quinhentos judeus durante

essa batalha de Janeiro. Foi, no entanto, um número muito inferior ao que tinham previsto.

Por toda a cidade em ruínas começaram a surgir novos folhetos impressos na tipografia de Lowy, com a finalidade de incitarem os judeus ao combate.

As forças de ocupação alemãs iniciaram a segunda fase do extermínio!

Não caminhem para a morte sem lutar!

Aguentem-se de pé!

Agarrem num machado, numa barra de ferro, numa faca,- em qualquer coisa - e tranquem-se em casa!

Desafiem-os a tentarem desarmar-vos!

Se se recusarem a lutar, morrerão!

Lutem. Mais e mais!

Após a troca de tiros no apartamento de Moses e de vários outros combates por toda a cidade, alguns dos combatentes da Resistência reuniram-se noutro apartamento.

Tomaram conhecimento de que muitos dos camaradas estavam mortos. Os alemães tinham sido combatidos na *Fábrica de Toebbens*, no centro da cidade, mas com grandes baixas de judeus.

O grupo de Moses reuniu-se com outros, neste segundo apartamento. Procedeu-se à distribuição das metralhadoras e das espingardas que haviam conseguido apanhar no primeiro confronto.

Aaron, de vigia à janela, avistou um caminhão com saldados das **SS** que entrava na rua. A viatura esvaziou-se, mas desta vez os alemães mostraram-se prudentes, avançando encostados ao edifício, e atentos ao fogo.

Zalman fez uma demonstração aos restantes de como funcionavam as metralhadoras.

- Não façam pontaria como se fosse uma espingarda - aconselhou. - Limitem-se a disparar.

- Quero uma - declarou Aaron.

- Espera até cresceres - respondeu Moses, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

Moses estava à janela. Observou os homens das **SS** a ocuparem posições na rua.

Deu um murro na palma da mão:

- Deus do céu! Chegou a altura de os combatermos no nosso terreno.

Enquanto falava, quatro alemães entraram no edifício.

- Para o *hall* - ordenou Moses. - Disparem, quando vos disser.

Correram para o corredor, esconderam-se em armários de arrumações, atrás das escadas - Moses, Zalman, Eva, Aaron e outros.

Desta vez os alemães nem uma porta conseguiram deitar abaixo.

Foram pelos ares, devido aos tiros e granadas vindos de cima, e não conseguiram replicar. Recuaram aos tropeções, ensanguentados e moribundos, até à rua, entraram nos caminhões e foram-se embora.

-Não consigo acreditar! - exclamou Zalman. - Vão-se embora... embora...

- Morrem como todos os outros - retorquiu Moses.

Não havia dúvida. Nessa batalha de Janeiro de 1943, os alemães estavam a ceder terreno - por uns tempos. Nunca esperavam que os judeus resistissem. Mais tarde, quando os chefes da Resistência se reuniram no quartel-general da Rua Mila, chegaram-lhes notícias da coragem - freqüentemente contada a cerca - dos judeus que estavam a enfrentar a tentativa dos *nazis* de limparem o gueto. Parece que a heroína que iniciou a resistência foi uma jovem chamada Emília Landau. Quando as forças das **SS** invadiram a loja de carpintaria onde trabalhava, lançou a primeira granada, matando alguns homens das **SS**. No entanto, foi morta no combate que se seguiu. No quartel-general do *Kibbutz Dror*, deu-se um outro combate. Aqui os alemães viram-se forçados a recuar. E em redor da própria

Umschlagplatz, onde o meu pai fizera a patética tentativa de salvar punhados de pessoas condenadas, travou-se uma série de combates.

Entretanto, do exterior do muro, iam chegando algumas ajudas por parte de polacos simpatizantes. A maioria recusou-se a prestar auxílio. Houve mesmo um grupo de polacos fascistas que avisou os seus membros de que não apoiassem os Judeus, porque o combate era uma farsa - os Judeus unir-se-iam aos Alemães para esmagar a Resistência polaca. (O fascismo não os auxiliou; os Alemães tencionavam eliminá-los também e escravizar os sobreviventes.)

Entre os abastecimentos enviados contavam-se minas, granadas, um morteiro e uma metralhadora.

- Finalmente! - exclamou Zalman.

- Sim - concordou o tio Moses amargamente. - Tudo pago. A pronto.

- Há qualquer esperança de que lutem ao nosso lado? - quis saber Eva.

- É pouco provável - respondeu Anelevitz, sacudindo a cabeça negativamente.

Não querem derramar sangue polaco em nosso benefício. Agora, sabemo-lo. Só nós nos poderemos salvar.

- Salvar? - repetiu Moses.

- Isso mesmo - retorquiu o jovem sionista. - Mesmo que tal signifique a nossa morte.

O meu tio pôs a cabeça de lado e olhou para a mina, metida em papel de embrulho à prova de água.

- O que nos diz o Talmude quanto a montarmos minas? - perguntou. - Ninguém riu.

- Recordem-se deste dia, 21 de Janeiro de 1943 – observou Anelevitz, apontando para o calendário. - Estamos em guerra, no gueto.

À chegada a Auschwitz, os meus pais foram poupados ao envio imediato para as câmaras de gás.

O processo de seleção foi levado a cabo na estação de estrada de ferro por um oficial das **SS**, impecavelmente fardado. Os considerados incapazes de produzir foram imediatamente condenados à morte. Os meus pais, que se encontravam num estado de saúde relativamente aceitável - tudo era uma questão de relatividade nos campos -, foram mandados com ordem de marcha para as casernas.

O meu pai recebeu, temporariamente, trabalho na enfermaria do campo, um local que mais parecia um sinal de humor negro dos Alemães. Deu o seu melhor para tratar os doentes e feridos. Pouco importava. Ao menor indício de fraqueza, de inutilidade para os patrões, as pessoas recebiam o estigma da viagem para a zona de

"despiolhagem". Praticamente não havia remédios, para os *nazis* convinha deixarem as pessoas morrer nas casernas. Era um peso a menos para os quatro complexos de gás, os quarenta e seis fornos.

A minha mãe trabalhava numa das cozinhas com Chana Lowy.

Embora, no campo, os homens e as mulheres estivessem separados, o meu pai, na qualidade de médico, conseguia escapar-se de vez em quando e ir visitá-la.

Um dia apareceu com o aspecto de quem tinha grandes novidades. Uma das ordenanças médicas, que prestara uns serviços nas casernas das **SS**, ouvira os alemães a falarem num tom de voz baixo e sombrio. Dizia-se que um exército inteiro alemão se rendera em Stalingrado. Não uma divisão, reparem, mas um exército.

O meu pai tentou alegrar a minha mãe. Estava a coser, sentada na beira do beliche que partilhava com a mulher de Lowy. A vida nos campos era um pesadelo de sujidade, piolhos, fome, água intragável, sopa de ossos e pão bolorento. Ela que presidira a jantares elegantes e tocara Mozart no *Bechstein*...

Por cima do divã, colocara retratos de Karl e Inga com os trajes de casamento e outro de Anna comigo. Sei qual é a fotografia. Estou vestido com uma camisa de futebolista, e a bola debaixo do braço. Anna tinha acabado de me dar um pontapé nas canelas, porque troçara dela. Não é, porém, coisa que se possa ver na fotografia.

- Se te apanharem aqui, castigam-te, Josef - disse a minha mãe.

- Está tudo em ordem. O Lowy falsificou-me um passe. Além disso, desculpar-me-ei com uma visita de médico.

- Tornaste-te muito ousado, Josef.

- E como te sentes? - perguntou, beijando-a na face.

- Ótima. Corre o boato de que um grupo dos que estão nestas casernas e têm forças, inclusive eu e a senhora Lowy, será levado amanhã para trabalhar na fábrica das *IG Farben*. São boas notícias.

- Talvez precisem de uma pianista de concertos.

- Ou talvez me pudesses requisitar como enfermeira.

Ambas conheciam as regras de Auschwitz: os que não tinham trabalho nem aptidões, não eram úteis ao funcionamento do campo nem ofereciam condições de produtividade às fábricas, as corporações gigantes que mantinham vivo o Exército alemão, de pouco tempo de vida dispunham.

- Pelo menos no teu trabalho hospitalar, estás a salvo - observou.

Não a informou de que tinham chegado ordens para reduzir a metade o pessoal da enfermaria. Prevaleceria a antigüidade; um dos membros mais novos perderia provavelmente o seu cargo.

- O Max disse que há trabalho de estrada – comunicou Chana Lowy, inclinando-se da parte superior do beliche. - Um engenheiro alemão anda à procura de pessoas para a construção de estradas.

Lowy trabalhava na lavandaria do campo, mas não se tratava de um local seguro.

Era mantida em funcionamento pelos mais fracos e com menos probabilidades de sobrevivência, e muitas vezes não representava mais que uma paragem antes das câmaras fatais.

- Trabalho de estrada? - interessou-se o meu pai. - Parece-me bom. Trabalho fora de portas.

- Tu, Josef? - riu e minha mãe. E de novo se abraçaram.

Ouviram os passos de uma mulher *kapo* lá fora, incitando os presos a que se apressassem a entrar na caserna.

- Tens de te ir embora, Josef.

- Deram-nos um bilhete para o Inferno, Berta – retorquiu, sem a largar -, mas devemos desafiá-los. Insisto em que tentemos viver, aguentarmo-nos. Penso muito nos rapazes e na Inga.

- Também eu. Não os consigo esquecer.

- Algo me segreda que o Karl e o Rudi estão vivos. Se um de nós morrer, o outro tem de os procurar. E amá-los, ficar ao lado deles. A família Weiss tem de reviver, Berta. Netos, um lar. Entendes?

- Claro que sim.

- Não apenas porque somos uma família e unidos uns aos outros, mas porque somos judeus. Uma vez que desejaram tão intensamente destruir-nos, somos decerto um povo digno e de valor. Talvez até tenhamos algo que ensinar ao Mundo. - Pestanejou e sacudiu a cabeça. -Deus do céu! Mais pareço um conferencista um rabi.

Verificou-se qualquer agitação na porta de acesso à caserna. Uma mulher *kapo* entrou, arrastando uma jovem magra, que não teria mais de dezessete anos. A certa altura, caiu redonda no chão, e a *kapo* obrigou-a a pôr-se de pé agarrando-a pelos cabelos.

- Você. Está a quebrar as regras. Fora - ordenou e *kapo*, fitando o meu pai.

- Ia a sair. Uma visita de médico. Sou o doutor Weiss.

- Não o quero ver novamente por estas bandas.

O meu pai foi-se embora.

A

kapo empurrou a rapariga para o compartimento fétido e abarrotado. A rapariga soltava gemidos e começou a gatinhar pelo chão.

- Arranjem-lhe um local. Qualquer local - ordenou a *kapo*.- É doida.

- O que lhe fez? - explodiu e minha mãe, erguendo-se do divã. - Não. Não lhe bata mais. Cuidarei dela.

- Não lhe fiz nada. Já saiu assim do comboio. Estava bem até mandarem os pais para a despiolhagem.

- E porque não os pode ver?

- Quem sabe? Talvez fosse uma desinfecção prolongada ou os tivessem mandado para outra parte do campo.

As mulheres presas mantinham-se silenciosas e tristes. Conheciam o significado da "desinfecção".

- Vigiem-na, para que não cause distúrbios - disse a *Kapo*, depois do que se foi embora.

A jovem era magra, muito bonita, com um cabelo negro e comprido e uma pele morena. A minha mãe ajoelhou-se ao lado dela e pôs-lhe a mão nas costas:

- Tudo corre bem, minha filha. Aqui não te faremos mal. Tens fome?

A jovem não falou, mas levantou-se e abraçou a minha mãe. Ao peito do velho casaco, junto da estrela amarela, alguém pregara uma etiqueta: SOFIA ALATRI, MILÃO, ITÁLIA.

Chana Lowy veio juntar-se à minha mãe e ambas ajudaram a jovem a pôr-se de pé e a caminhar até um dos beliches de madeira.

- Tens fome, minha filha? - perguntou a minha mãe.

A senhora Lowy sugeriu que talvez encontrassem pão na caserna ao lado; uma das mulheres, uma antiga prostituta, era uma negociante conhecida e, regra geral, tinha pão extra.

No entanto, a jovem não se decidia a falar. Escondeu a cabeça no ombro da minha mãe e continuou a gemer.

- Queres um pouco de água? - insistiu a minha mãe. - Foi mesmo ao ponto de lhe tentar falar em italiano. Devido ao seu treino musical, falava um italiano bastante bom.

No entanto, Sofia Alatri dava a sensação de ser um caso perdido. E, assim, a minha mãe decidiu que o afeto, o mero calor de outro corpo humano, era tudo o que lhe podia oferecer. É curioso como, ao escrever tudo isto através de informações que recebi de uma mulher que esteve em Auschwitz, nessa mesma caserna, consigo ver a cena com tanta nitidez. A minha mãe tinha o talento de imprimir encanto e dignidade a qualquer local. Comportava-se de uma maneira elegante e delicada, e esperava desta maneira modificar o Mundo.

- É difícil recordarmo-nos de que somos algo mais do que nomes numa etiqueta

- observou a minha mãe. - Ou um número azul tatuado no braço. Somos todos pessoas, sim, e continuamos a sê-lo, minha querida Sofia. Pessoas com nomes, lares e entes queridos. Não nos podem tirar isso.

- Mas tiraram - contrariou Chana Lowy.- E, assim, acabarão por dar cabo de nós.

Nada de nomes ou o que quer que seja. Para que nada sejamos.

A minha mãe começou a escovar o cabelo da jovem, e Sofia deixou de gemer.

Provavelmente, o resultado do toque de uma mão humana, a percepção de afeto e de calor.

- Pobre criança! - lamentou a minha mãe. - Fazes-me pensar na minha filha Anna. Como é possível existir tanta crueldade nas pessoas? Como é possível que façam estas coisas a inocentes?

- É uma velha história - retorquiu Chana Lowy. - Quando nada mais há a fazer, restam os Judeus para atormentar. Atravessámo-nos no caminho deles. É tudo.

- Podes falar comigo - convidou a minha mãe, colocando o braço em redor dos ombros de Sofia. - Sou tua amiga.

A jovem cobriu o rosto. O mesmo silêncio prevaleceu.

A minha mãe tirou as fotografias penduradas em cima do beliche.

- Vê. Os meus filhos. Jovens e bons como tu, minha querida.

Sofia não pronunciou palavra. No entanto, contemplou, tristemente, as fotografias velhas e amassadas.

- O meu Karl. E a Inga, a mulher dele. O da camisa às riscas é o Rudi. Tem agora vinte e quatro anos. Gostarias dele. É muito simpático. E a Anna vem a seguir a ele. Seria... seria agora um pouco mais velha que tu.

- Assustaram-na até mais não poder - observou a senhora Lowy. - Tenho tanto medo como ela, sabe, mas tento não o dar a entender.

- Não é motivo para se ter vergonha - comentou a minha mãe.

- Bom, talvez tenhamos trabalho amanhã. Quero dizer, trabalho a sério, nas fábricas, onde precisam de nós.

Sofia começou a tremer. A minha mãe tapou-lhe os ombros com um cobertor. A caserna apenas dispunha de um pequeno fogão, geralmente pouco quente.

- Estás fria, Sofia. Vem sentar-te mais perto. Fala-me da tua família. Da tua mãe e do teu pai. Oh! Conheço bem os judeus italianos. São ótimas pessoas. Sefardins, eruditos. Fala-me de Milão.

-Nada a fazer - redarguiu Chana Lowy, sacudindo a cabeça. - Mataram-lhe o cérebro. Talvez seja preferível que não se recorde. Talvez as recordações excessivas sejam o que há de errado com os Judeus.

A minha mãe ergueu o queixo da jovem e fitou-a bem no fundo dos olhos.

- Tão bonita. Como a minha Anna. Vem. Vou cantar para ti.

Num tom de voz baixo e suave, a minha mãe cantou o *Lorelei*, embalando a jovem nos braços. Durante uns momentos o único som nas casernas foi o canto da minha mãe. Algumas das mulheres juntaram-se e começaram a acompanhar num sussurro. Várias choravam, recordando-se da vida que tiveram outrora - casas, família, refeições em conjunto, a ida dos filhos para a escola, casamentos, todos os pedaços de felicidade que constituem uma vida agradável.

Em seguida, reinou o silêncio.

Duas

kapos e um guarda das **SS** com uma pistola-metralhadora apareceram a entrada da porta.

- Todos desta caserna lá para fora - expressou-se a primeira *kapo*.

- Porquê? - perguntou uma mulher. - Já fomos à inspeção médica.

- Tem trabalho para nós? - inquiriu Chana Lowy.

- Nada de perguntas - ordenou o homem das **SS**. - Lá para fora.

- Não há nada a temer - garantiu a *kapo*.

Contudo, todas sabiam. E as que não sabiam estavam a fingir. A ilusão acompanhá-las-ia até ao final.

- Despachem-se, senhoras - insistiu o homem das **SS**.- Era um indivíduo baixo e gordo, marcado pelas bexigas, e - recordava-se uma das mulheres - dado como incapaz para prestar serviço nas linhas da frente. - Formem duas filas lá fora. Rápido.

- Deve ser por causa dos empregos - insistia Chana Lowy.

A minha mãe escovou o cabelo. Iria, até ao final, o mais limpa e arranjada que conseguisse parecer.

- Receio que não, senhora Lowy. Devemos fazer o que nos dizem, e com dignidade.

A jovem italiana não quis levantar com as restantes presas.

A

mulher

kapo bateu-lhe com o bastão.

- Pare! - gritou a minha mãe. - Não lhe toque.

- É doida.

- Irá comigo. Não lhe bata.

A minha mãe, Berta Weiss, de Berlim, pianista e dona de casa, filha de um herói da Primeira Guerra Mundial, ergueu seguidamente Sofia do beliche e apertou-a com força. Beijou-a no rosto.

- Virás comigo, Sofia - disse.

Lá fora, as mulheres mais idosas eram ajudadas pelas mais novas. Sabiam: Dizem-me que a ocorrência era vulgar. Sempre que os carregamentos eram poucos, quando as câmaras e os fornos de Hoess tinham quantidades reduzidas, casernas inteiras eram esvaziadas, sem qualquer aviso. Não havia desculpas que salvassem quem quer que fosse; os privilégios não interessavam. Era uma questão de cumprimento de tarefa, de preenchimento de vagas. O objetivo cifrava-se em doze mil por dia, e tanto o *Führer* como Himmler teriam os seus doze mil.

Receberam ordem para marchar através da área das casernas, atravessaram um portão e dirigiram-se para as famosas fileiras de árvores que Hoess tinha plantado. A sua frente erguia-se a câmara de cimento com o enorme telhado plano. Era Inverno. Nessa noite, a famosa orquestra das mulheres não fazia serenata às vítimas.

Deram-lhes ordens para que se despissem, debaixo daquele frio gelado. As roupas foram empilhadas metodicamente. Os valores retirados para ficarem em

"segurança". Foram avisadas de que a fumigação e a despiolhagem levariam aproximadamente cinco minutos. Os bens se-lhes-iam devolvidos à saída.

- Ficarão mais aptas para o trabalho - comunicaram-lhes os homens das **SS**.

E fitaram as mulheres nuas.

- Ajudem-na. Louca - disse a mulher *kapo*, apontando para Sofia, que voltara a cair no chão. A minha mãe e Chana ajudaram-na a despir-se. Dava a sensação de infeliz e indefesa.

O

Reich estava a eliminar os seus inimigos de morte.

- Sentir-se-ão melhor depois - garantiu um guarda.

O despir das mulheres constituía, aparentemente, um acontecimento, uma diversão para muitos dos homens das **SS**. Reuniam-se em grupos, com a boca rasgada num esgar, e acotovelavam-se. Eram de uma bestialidade sem limites. Ainda ninguém me conseguiu explicar o fato.

A minha mãe voltou-se para uma das mulheres *kapos*, uma judia como ela e que, juntamente com os *Sonderkommandos*, arrastaria mais tarde os corpos para o exterior e para os fornos, e disse:

- Sou Berta Weiss, de Berlim, e esta é Chana Lowy, minha amiga. Por favor, contem aos nossos maridos o que aconteceu.

A mulher fez um aceno de concordância. Também as *kapos* e os *Sonderkommandos* acabariam por ser enviados para as câmaras na devida altura.

Estava frio e úmido e aparentemente algumas das mulheres davam a morte por bem-vinda. Ou preferiam acreditar até ao fim que os alemães não estavam a mentir.

- Dizem que é bom para os pulmões - observou uma mulher de idade à minha mãe.

- Respirem fundo - ordenou o guarda. - Ergam as crianças bem acima das cabeças, para que também possam respirar. É bom para vocês. Nada de constipações nem tosse.

Chana Lowy começou a chorar.

- Coragem, Chana - acalmou a minha mãe, enquanto mantinha Sofia, de pé, falando-lhe suavemente.

- Sairão dentro de cinco minutos - afirmou o guarda.

Uma jovem de cabelos ruivos escapou-se da fila de presas que estavam a ser encaminhadas em passo de marcha para a porta de metal aberta. Apanharam-na. Gritou, uivou, implorou, recusou-se a entrar na fila. Apareceu um oficial das **SS**.

Ordenou que a arrastassem para trás das árvores. Ouviram-se dois tiros. Os gritos extinguiram-se.

- Avancem. Avancem - gritavam os guardas. - São apenas chuveiros.

A minha mãe deteve-se na porta, virou a cabeça na direção do campo e disse:

- Adeus, Josef. Amo-te.

Os registros do campo revelam ter sido um dia de pouco movimento. Apenas sete mil morreram com o gás. Os corpos foram consumidos pelos fornos e as cinzas lançadas ao rio Sola, que corria perto do campo.

Por uma questão de sorte, o meu pai e Lowy não fizeram parte dos escolhidos para as câmaras nesse mesmo dia.

Lowy falara num trabalho de estrada, o que significava uma boa oportunidade.

Por uma coincidência estranha, eu e o meu pai foram deslocados dos seus cargos - onde as pessoas estavam a ser escolhidas ao acaso para a morte - e designados para esse grupo de trabalhos de estrada.

O trabalho fora de portas significava, geralmente, uma ração extra de comida.

Também era raro os judeus aguentarem este tipo de função durante muito tempo. Os alemães desprezavam-nos relativamente a trabalhos forçados. Davam preferência aos presos de guerra russos ou polacos.

No entanto, no dia a seguir ao que a minha mãe foi assassinada - o meu pai não tivera conhecimento -, Lowy e o doutor Josef Weiss viram-se a derramar alcatrão quente numa estrada situada nos arredores das casernas. Era um trabalho vital, pois estavam a construir uma nova ligação entre uma das fábricas fornecedoras de armamentos e um ponto extremo da via férrea. Eichmann e os seus comboios de judeus tinham-se assenhoreado a tal ponto das linhas férreas de saída e de entrada em Auschvitz que o material de guerra para a frente era freqüentemente posto de lado ou se atrasava.

Trabalhavam arduamente, mas tratava-se de algo duradouro. Além disso, o indivíduo encarregado de dirigir a obra, um engenheiro civil alemão chamado Kurt Dorf, conseguira uma certa reputação entre os presos. Dizia-se que salvara

centenas de judeus, escolhendo-os para trabalhar, insistindo na sua produtividade e furtando-se às garras dos insaciáveis subordinados de Hoesse.

Dorf era um indivíduo alto e bem parecido, de voz suave e movimentos lentos.

(Já o conhecia nessa altura e soube, evidentemente, do testemunho que prestou em Nuremberg. Ele e eu temos mantido uma correspondência bastante assídua e, como se verá no final desta narrativa, facilitou-me o acesso aos diários de Erik Dorf e outros documentos.)

Naquele primeiro dia, os vapores do alcatrão quente e o trabalho de estourar as costas, entonteceram, o meu pai cambaleou.

- Sente-se bem, doutor? - perguntou Lowy.

- Claro, claro. Estou ótimo.

- Talvez devesse ir ao hospital.

- Está a brincar, não, Lowy? Foi aí que estiveram prestes a selecionar-me para o tratamento especial. Graças a Deus que este engenheiro me arrancou de lá. Aprendi uma lição. Se se fizer o trabalho de que precisam, sobrevive-se.

- Provavelmente - comentou Lowy ceticamente.

Observaram Kurt Dorf - alto, fumando cachimbo, vestindo civil e examinando uma quantidade de projetos.

- Esse tipo, o Dorf, não é igual aos outros – observou Lowy.

- Porque nos poupou a vida?

- Claro. Acolheu talvez uns quinhentos de nós no seu trabalho. Ouvi dizer que os guardas das **SS** se queriam ver livres dele.

O meu pai dedicou toda a atenção ao trabalho com o alcatrão quente.

- Estranho! Onde estão os outros como ele? Em 1933, apenas trinta e três por cento dos alemães votaram a favor de Hitler. O que aconteceu aos restantes dois terços?

- Acabaram por o amar. Ou então é porque os *nazis* apavoraram toda a gente.

Prisão, assassínio, tortura. Mostraram ao Mundo os seus processos. Ouça uma coisa: tive como companheiros de sindicato montes de tipos cristãos. Amigos. Socialistas. Onde estão? Juntaram-se à parada.

O meu pai por pouco não desmaiou. Afastou-se da beira da estrada e apoiou-se num dos joelhos. Os vapores estavam a afetá-lo.

Kurt Dorf viu-o e saiu do barracão onde tinha o gabinete.

- Está doente? - perguntou ao meu pai.

- Não, não. Só um pouco cansado. Vou regressar ao trabalho.

- Como se chama? - quis saber Kurt Dorf, detendo-o.

- Weiss. Josef Weiss.

- Doutor Weiss - frisou Lowy que estava por perto.

- Médico? - inquiriu o engenheiro.

- Sim. Pratiquei clínica geral em Berlim. Tinha consultório próprio.

Kurt Dorf observou o meu pai durante uns momentos. Chegara um pequeno caminhão com abastecimentos. Procedia-se à descarga.

- Porque não trabalha no caminhão o resto do dia? Não é tão duro.

O meu pai fez um aceno de cabeça e começou a afastar-se.

Em seguida, voltou-se:

- Estamos-lhe gratos. Sabemos o que está a fazer.

Dorf sentiu-se embaraçado. Um grupo de **SS**, chefiado por um oficial, aparecera e estava à espera dele junto do barracão. Voltou-se e dirigiu-se-lhes, levando os projetos debaixo do braço.

Auschwitz

Fevereiro, 1943

Uma surpresa agradável, hoje, em Auschwitz, durante a minha inspeção semanal.

Bom, agradável, até certo ponto.

Fui descobrir o meu tio Dorf a trabalhar num novo projeto de construção de estradas. Este local é tão vasto e complexo, e estão em curso tantos trabalhos em benefício da guerra, que é possível desconhecer-se que um amigo ou um parente se encontram empregados aqui. Kurt esteve durante algum tempo na fábrica de borracha artificial de Buna, a renovar projetos de edifícios, e está atualmente ocupado com os trabalhos da estrada para as IG *Farben*.

Apertamos a mão, de início um tanto friamente e, em seguida, abraçamo-nos com bastante mais calor. Apetecia-me usufruir a privacidade do encontro e, assim, mandei embora os meus subordinados.

- Com que então o tio e sobrinho unidos? - comentou.

- Como passas, Erik?

- Bastante bem. Vejamos: quando nos vimos pela última vez... No Natal, há dois anos, em Berlim. Certo?

- Com Marta e as crianças. E a *Silent Night*, em redor daquele piano maravilhoso.

Sinto-me contente por te ver, Erik.

-

Sorriu.

- E eu estou encantado. Recorda-me de que tenho uma família.

Kurt convidou-me, em seguida, a entrar no seu pequeno gabinete, no barracão de madeira. Informou-me que tinha café a sério- e não de aveia - e que

celebraríamos aquele encontro com uma chávena.

Permanecemos em silêncio uns momentos, sorvendo o café quente e olhando para lá da ampla janela de vidros (o barracão situava-se num ponto alto) a cidade em que Auschwitz se transformara. A distância, erguia-se o fumo de quatro chaminés.

- As vossas estradas têm-nos ajudado muito - comentei.- Não só para o transporte de material bélico, mas como prevenção do contágio e simplificação dos processos de disponibilidade.

- Ouço dizer que existe uma elevada percentagem de doença neste campo -

observou, deitando-me um olhar estranho.

- Oh, é verdade. Os Judeus são um povo imundo.

- Presumo que a infecção também se tenha propagado aos que o chefiam?

- A alguns.

- Não tanto do corpo como da mente. Da alma, talvez.

Pressenti o rumo que a discussão iria tomar. Kurt sempre tendera um pouco para moralista. Nunca tinha sido um membro do partido e não compreendia os nossos objetivos, nem as nossas políticas a longo prazo.

- Tornou-se ainda mais indignado, tio. Fazemos tudo isto por uma questão de necessidade.

- Não precisas mentir - retorquiu, levantando-se.- Sou do teu sangue. Poupa as mentiras e enganos para os milhares e milhares de judeus inocentes que estão a assassinar neste local. Sim, bem como russos, polacos e quem quer que considerem vosso inimigo.

Não respondi e cruzei as pernas.

Afastou-se, subitamente agitado:

- O que é que em nome de Deus vos leva a obrigarem-nos a despir antes de

morrerem? Por uma questão de decência, não lhes podem deixar um mínimo de dignidade antes de os assassinarem? Já vi os vossos rústicos **SS** de tacha arreganhada para as mulheres judias, essas pobrezinhas que se tentam tapar. Só depois de vir para aqui comecei a acreditar que existia Satanás ou o verdadeiro mal no Mundo.

- Levou muito tempo - redargui. - Esteve em *Babi Yar*.

- Talvez quisesse acreditar nas vossas mentiras. Como tantos outros dos nossos compatriotas.

- Está a defender criminosos, espiões, sabotadores, tio. Esses judeus propagam o contágio físico e político. Estamos a proceder à limpeza da Europa, e eventualmente do Mundo. Há mais pessoas a acreditarem em nós do que imagina. - Falei calma e racionalmente, tentando vincar-lhe o compromisso que o dever me impunha.

Kurt fitou-me com aqueles olhos azuis, onde se lia uma expressão gelada; os mesmos olhos duros do meu pai sempre que me apanhava a mentir.

- Ouvi contar uma história inacreditável um dia destes - retorquiu. - Em Janeiro, os judeus do gueto de Varsóvia revoltaram-se. Chegaram a matar soldados alemães e obrigaram as **SS** a recuar. Pensa, Erik, nessa gente desarmada, desprezada e apavorada, tentando resistir aos senhores da Terra. Quase nos restaura a confiança na Providência Divina.

- Quase. Não totalmente.

Tinha ouvido falar na rebelião de Varsóvia, em Janeiro. Correm boatos de que os judeus continuam armados e se preparam para resistir aos nossos esforços de desalojar os últimos cinqüenta mil que aqui temos. Não é grave. Acabaremos por vencer. No entanto, senti que devia qualquer coisa ao irmão do meu pai. Na sua qualidade de engenheiro e construtor de estradas, poderia ver-se envolvido em grandes complicações se expressasse tais sentimentos.

Observei o seu grupo de trabalho através da janela.

- Contaram-me que tem estado a utilizar várias centenas de judeus como mão-de-obra. Rações reforçadas, privilégios. Há polacos disponíveis.

- E então?

- Os Judeus destinam-se a tratamento especial. Devem trabalhar até já não servirem para nada e, em seguida, ser marcados para tratamento especial.

- Chama as coisas pelo seu verdadeiro nome, Erik. Diz a palavra. Assassínio.

- Arranjar-lhe-ei alguns presos do Exército Vermelho - retorqui, ignorando o comentário. - Costas rijas e cabeça de burro. Podem substituir esses seus judeus. Se deixarmos que os Judeus vivam, ainda um dia acabarão por destruir a Alemanha.

- Quero que deixes os meus trabalhadores em paz.

- Está a favorecer inimigos do *Reich*, é isso? Os filhos desses judeus... os filhos que mandamos...

Com grande surpresa, correu na minha direção e agarrou-me pelo colarinho, quase me arrancando a insígnia. Nunca fui um indivíduo de medir forças. Detesto violência e lutas. O meu tio Kurt é um homem alto e entroncado. Anos de vida ao ar livre tinham-no fortalecido. Senti-lhe o impacto das mãos. Sacudiu-me como se fosse um boneco.

- Devia estrangular-te com as minhas próprias mãos, seu filho da puta assassino.

Como um favor ao meu falecido irmão. Quantos mortos mais o satisfarão, major Dorf?

Um milhão? Dois milhões? Quantos corpos mais queimará, antes de se sentir em segurança? Com mil raios, Erik. Mostra-me um pouco mais de humanidade, antes que tudo isto termine. Mostra-me que ainda tens um pouco de decência.

- Tire as mãos de cima de mim.

Encostou-me à parede de madeira. Não lhe ofereci resistência. Estava, obviamente, armado, mas nem pensar em me servir do revólver. Além disso, a raiva que revelava estava a ceder a um certo desdém e nojo.

Endireitei o uniforme, tentando certificar-me se algum dos meus homens fora testemunha daquela cena embaraçosa, e procurei dizer ao meu tio precisamente o

que Marta, com a sua intuição feminina, me dissera recentemente. Num tom persuasivo, observei-lhe que se agora deixássemos de matar judeus estaríamos a admitir a nossa culpabilidade. Quando existe a convicção de se estar a agir justamente, não é possível parar, simplesmente porque a atitude é desagradável, ou os outros não a interpretam devidamente. Aí que reside a verdadeira coragem: fazer o que muitas vezes nos enoja e aparentemente é brutal, mas necessário com vista a objetivo imenso, um plano a longo prazo.

- O que fazemos é um ato moral - afirmei. - Um preparativo histórico.

De novo avançou para mim, e desta vez julguei-me realmente perdido. No entanto, deteve-se e murmurou:

- Compreendo, até bem demais. Compreendo-vos a todos na perfeição.

Sai. A sua irritação e falta de lógica perturbaram-me. Contudo, desde que faça o trabalho para Hoess, construa estradas e modernize fábricas, é útil. Além disso, oculta, segundo parece, os seus pontos de vista traiçoeiros - exceto de mim.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Um dia depois do acontecimento, o meu pai soube que a minha mãe fora assassinada com gás. A noite, depois de ele e Lowy terem terminado o trabalho na construção da estrada, conseguiram ir ao setor das mulheres, servindo-se dos passes falsos. Encontraram o aquartelamento vazio. Uma mulher *kapo*, uma das que fizeram marchar a minha mãe a caminho da morte, informou-o de que todas as mulheres daquele bloco haviam sido enviadas para as câmaras de gás.

Os homens perderam o controle e choraram. Pouco podiam dizer um ao outro.

Faltavam-lhes palavras de consolo.

Alguém me contou que o meu pai entrou e ficou muito tempo sentado no beliche da minha mãe. Pegou na ala que lhe pertencera, tocou nos magros bens e retirou uma velha pasta de música - páginas velhas e amarelecidas de que se servira na nossa casa em Groningstarsse. Mozart, Beethoven, Schubert, Vivaldi.

- Diabos os carreguem! - chorava Lowy. - Porque é que ninguém diz não?

Porque é que os Aliados não bombardeiam as linhas férreas, os fornos, as

câmaras de gás?

O meu pai não lhe podia oferecer resposta nem conforto.

Num domingo, 18 de Abril de 1943, a *Organização de Luta Judia*, onde o meu tio Moses, outrora um tímido farmacêutico, era atualmente um elemento-chave, teve conhecimento de que os alemães estavam a preparar um ataque maciço sobre os judeus que restavam. Começaria às duas da manhã do dia seguinte.

Anelevitz reuniu os subcomandantes. Foram distribuídas armas. Os pontos-chave do gueto colocados sob vigia. Seria uma luta de morte. Os combatentes armados, de que o meu tio Moses fazia parte, eram cerca de quinhentos.

Só não sabiam que Von Stroop, o general das **SS**, encarregado de dirigir a operação, tinha sete mil homens prontos a destruí-los: *Waffen* **SS**, exército normal, com inclusão de artilharia, tanques e aviões, dois batalhões da polícia alemã, polícia polaca, membros-chave da *SD* e um batalhão de voluntários ucranianos, letões e lituanos.

Os judeus armados foram enviados em pequenos grupos para duas zonas principais do gueto - a área central, próximo das ruas Nalewki e Zemenhof, e a área junto da fábrica, perto da Rua Lesmo.

O tio Moses e Zalman esperavam à janela do andar superior de um apartamento.

O compartimento encontrava-se às escuras e por incrível que pareça, a família que lá

vivia preparava-se para a Páscoa. Uma mulher estava a pôr uma mesa com candelabros, *matzohs* e *haggadah*.

Ao destacamento de tio Moses pertenciam, além de Zalman, que se sentava ao lado dele na janela, Eva Lubin e Aaron. Aaron dormia ao fundo do quarto, em cima de um caixote de munições. Nas zonas que mencionei, estavam de guarda pequenos grupos de judeus armados. As ruas apresentavam-se desertas.

- Páscoa, Weiss - bocejou Zalman. -19 de Abril de 1943.

- Receio que nem tu nem eu tenhamos sede – observou o tio Moses.

- Podíamos ter assistido a um, na noite passada. Os **SS** convidaram-nos. Não ouviste o caminhão que enviaram?

- A sério? - retorquiu Moses. - Foi alguém?

-Nem sequer Elias, o Profeta.

- Que pena! Teria ido, caso não me competisse esta missão. Sabes, Zalman, quando era criança, nunca cheguei a fazer as quatro perguntas. Talvez, na noite passada, o general Von Strooti me tivesse dado essa honra.

- Talvez. Antes de te matar.

Eva recorda-se de que o meu tio começou, subitamente, a falar do irmão e da cunhada, dos meus pais. Sendo solteiro, não tinha mais família. Sentia-lhes a falta, desejava-os.

- Bem precisávamos de um médico agora – retorquiu Zalman.

- Para tratar dos feridos?

Zalman fez um aceno de cabeça afirmativo.

- Na minha opinião, deverão ser mortos quando não for possível salvá-los.

Conhecemos a espécie de gente que enfrentamos.

Falaram de novos boatos: um pelotão de polícia judaica, que, pressupostamente, participaria no ataque, tinha sido executado por um pelotão de fuzilamento; Himmler viera a Varsóvia, para assistir ao final do gueto.

- Desejava que fôssemos mais do que um punhado – disse Moses.

- Esta gente - respondeu Zalman com um tom de compreensão na voz - esta gente, o nosso povo, não foi treinado para disparar armas.

- E eu fui?

Os dois homens perscrutaram a rua às escuras. De muitos edifícios pendiam bandeiras sionistas - a estrela azul e branca, as barras azuis. Havia também bandeiras polacos e apelos aos Polacos para que aderissem à luta. Até ao final, nunca morreu a esperança de que o fariam.

- Amanhã é o aniversário de Hitler - prosseguiu Moses.- As **SS** prometeram-nos

como presente de anos. Varsóvia será limpa, como celebração do aniversário do *Führer*.

- Com velas no bolo - comentou Eva.

- Nunca pensei que me resignasse a morrer - suspirou Moses: Mas é o que acontece. Anelevitz ensinou-me muita coisa. O Mundo saberá que não marchamos ao encontro da morte docilmente e com uma estúpida aceitação.

Acendeu-se uma luz no quarto do fundo.

- Apague isso - ordenou Eva à mulher.

- Estou a fazer a limpeza da Páscoa.

- Limpe às escuras - respondeu Eva.

- Páscoa - repetiu Zalman. - Continuam a cumprir. Não os critico, Weiss; apenas me deixam sem fala. Talvez precisássemos de menos tradição, menos orações e mais armas.

Ao fundo do quarto, um homem de idade rezava – com xale, barrete e o livro de orações aberto. Inclinava-se, rogando num êxtase sagrado.

- Sê tolerante, Zalman. Foi esta a vida deles. Nada mais conheceram e, durante muito tempo, serviu para os manter unidos. Talvez nos conserve juntos quando este inferno acabar.

Da rua, lá embaixo, chegava-lhes o som de tambores e música marcial. O portão do gueto fora escancarado e um destacamento da polícia do gueto avançou, desarmado, pelas ruas desertas. Atrás vinham os auxiliares dos estrangeiros. Transportavam espingardas e pistolas-metralhadoras.

Apareceu um carro blindado que parou no meio da praça. O alto-falante deixou escoar uma voz amistosa:

Páscoa feliz aos nossos amigos judeus. Baixem as armas. Saiam em paz. Vamos preparar-lhes um *seder*. Esqueçam este combate insensato, pois estão a ser chefiados por traidores que apenas desejam a vossa morte, enquanto eles se escapam.

O tio Moses, que andara a praticar tiro ao alvo na cave, ergueu a espingarda e fez o alto-falante em estilhas. Ficou pendente dos fios destroçados.

O carro fez marcha-atrás. Obedecendo a ordens gritadas pelos **SS**; a polícia do gueto e os auxiliares formaram linhas de combate. Não se mostravam dispostos a ir-se embora.

Os tambores soaram novamente. Continuaram a avançar pela rua. Anelevitz e os restantes comandantes já haviam concordado anteriormente em poupar munições para os alemães.

- Primeiro a nossa polícia sem vergonha - disse Zalman.

- Deixa-os passar - interferiu Moses.

Eva arrastou-se até junto de uma outra janela e fez pontaria com a arma. Aaron desceu do caixote de munições e avançou com caixas de balas e mais armas.

- Lituânia, Letônia, Ucrânia - observou Moses. - Os velhos rostos familiares.

- Aguentem o fogo - sussurrou Zalman.

-Um dia destes, olharei um letão de frente e direi: "Salvei-te a vida no gueto de Varsóvia, irmão."

Continuaram a marchar, por mais inacreditável que pareça. A praça estava agora ocupada por um batalhão das *Waffen* **SS**. Colocaram escrivaninhas, telefones de campo, uma cozinha. Tratava-se de uma importante operação militar.

- Agora - gritou Zalman.

Trovejaram rajadas de uma dúzia de janelas em redor da praça. Os alemães, que cantavam em voz alta, marchando elegantemente para a esquina das Ruas Nalewki e Gensia, viram os seus intuitos frustrados. A formação desfez-se. Mortos e feridos foram deixados na rua.

Uma salva contínua de balas disparadas de sótãos, varandas e janelas dos últimos andares, como aquela onde se acocoravam Moses, Zalman, Eva e Aaron, fez com que a coluna *nazi* se retirasse em grande confusão.

Ouviam os oficiais alemães a gritarem lá embaixo:

- Onde estão eles, com os diabos?

- Recuem.

- Abriguem-se.

O tio Moses voltou a apontar a arma e afirmou:

- Afinal sempre existe um Deus no Paraíso. Já tinha começado a pôr as minhas dúvidas.

- Um homem já podia morrer feliz depois de ter visto um espetáculo destes- observou Zalman. - Vejam como estão a recuar.

- É a primeira vez na minha vida que sinto o sangue do rei David a ferver-me nas veias - retorquiu Moses, enquanto recarregava as espingardas. - Acreditem-me que é

melhor do que estar a aviar receitas.

- Não te excedas, Weiss - aconselhou Zalman.

Os alemães tentaram reagrupar-se várias vezes, voltar atrás para recuperarem os mortos e os feridos e, de cada uma das vezes, foram detidos por uma muralha de fogo.

Algumas vezes, grupos de judeus armados com pistolas desciam à rua e lutavam com os *nazis*, de edifício para edifício.

Este primeiro encontro armado prolongou-se por cerca de duas horas, das seis às oito da manhã, e, embora pareça inconcebível, não se verificaram baixas entre os combatentes judeus. Tinham apanhado os **SS** completamente desprevenidos.

Von Stroop, o general alemão, que se recusou a entrar no gueto e a rebaixar-se ao ponto de lutar contra judeus, declarou posteriormente no seu relatório: "A resistência judia foi inesperada, invulgarmente forte e uma surpresa enorme. Quando da nossa primeira penetração no gueto, os judeus e os bandidos polacos, de armas na mão, conseguiram repelir as nossas forças atacantes, inclusive os

Panzer s."

É tudo verdade à exceção da referência aos "bandidos polacos", na medida em que todos os combatentes eram judeus.

No entanto, os *nazis* regressaram, evidentemente, e em grande força -

empurrando, como era habitual. Os lacaios ucranianos e bálticos na sua frente -, mas abrigando-se atrás dos tanques, sem marcharem pelo meio da rua, pondo de lado os ares marciais e a pressuposição de que os judeus se renderiam ao avistarem um soldado alemão.

No apartamento, à luz do alvorecer, Moses e o seu grupo ouviam a família a ler o ofício religioso da Páscoa.

"Quando Moisés cresceu, encontrou um egípcio a matar um hebreu e matou o egípcio. Moisés fugiu da presença do faraó e foi habitar na terra de Midian..."

Um rapazinho que estava à mesa, perguntou:

- Porque é que esta noite é diferente das outras?

Zalman e Moses não conseguiram reprimir um sorriso.

Sim. Era diferente. Não se assemelhava a qualquer outra noite de Páscoa da história do povo judeu.

"E está escrito", continuava o velho a ler em hebreu, num canto afastado do quarto,"que erguemos a voz para o Senhor, o Deus dos nossos antepassados, e o Senhor ouviu-nos e deu-se conta do nosso sacrifício, tormento e apreenssão..."

Durante uns momentos, todos o ficaram a ouvir. Em seguida, Moses disse:

- Juntemo-nos a ele.

E todos recitaram juntos:

"E o Senhor arrancou-nos ao Egito com mão poderosa. O braço estendido, e propagou o terror, sinais e milagres."

Depressa a situação se tornou insustentável. Os tanques e a artilharia entraram

no gueto. Morteiros começaram a ser lançadas na direção dos andares mais altos e dos telhados, de onde partira o fogo. Moses ordenou à família que pusesse termo ao *seder*.

Deus compreenderia. Tinham de se ir embora dali. Um morteiro tinha explodido no telhado. A mulher pegou nos livros sagrados, no *matzoh*, nos pratos, nas taças de vinho.

Os outros seguiram-na.

Uma segunda bomba de morteiro explodiu contra um dos lados do edifício.

Zalman ficou ferido no braço esquerdo devido a um bocado de pedra.

- Não nos podemos agüentar aqui - afirmou Moses. - Têm uma força muito superior à nossa. Agarrem nas armas e munições e vamos para os túneis.

Dez minutos mais tarde e na pegada de Aaron, que conhecia o caminho pelos túneis tão bem como os ratos, foram dar a outro apartamento. Este apartamento dava para as Ruas de Mila e de Zamenhofa e os edifícios em redor dispunham de excelentes posições de tiro. Havia pelo menos uma metralhadora e uma série de combatentes escondidos, armados com *Cocktails Molotov*, granadas e espingardas automáticas.

Moses e o seu grupo tiveram o prazer de avistar o primeiro tanque alemão, que entrara na bifurcação, transformado num inferno pelos *Cocktails Molotov*. A tripulação foi queimada viva. Dois outros tanques recuaram. Os alemães açoitaram-se atrás deles, à

espera e interrogando-se.

- Estão a atacar de novo - declarou Moses.

- É fogo cruzado - retorquiu Zalman, que continuava a disparar, servindo-se de um braço, enquanto Eva lhe ligava o outro.

Alguém desdobrou mais uma bandeira sionista e a pendurou na janela.

- Ótimo - aplaudiu Moses. - Que esses filhos da mãe a vejam bem e saibam quem somos.

Estava a verificar-se mais uma retirada dos alemães.

- Como te sentes, Zalman? - interessou-se Moses.

- O braço está ótimo.

- Não me referia a isso, mas ao fato de veres esses filhos da mãe a fugirem.

- Isso é melhor do que tudo. Já derrotamos os Filisteus.

O combate prolongou-se por vinte dias. Von Stroop, farto dos desastres dos subordinados, assumiu pessoalmente o comando das operações. A Resistência manteve a posição na Praça Muranowski, durante dois dias, estando o meu tio e os amigos bem metidos no meio. Foi para este local que Von Stroop trouxe primeiramente a artilharia antiaérea, com o objetivo de aniquilar todos os pontos de resistência, edifício e edifício.

Devo anotar que nesta batalha um grupo de seis polacos cristãos, chefiados por um oficial chamado Iwanski, entrou no gueto e aderiu à luta contra os alemães.

Trouxeram novo abastecimento de armas. Quatro deles morreram em combate, lado a lado com os judeus. São o tipo de pessoas que precisam de uma menção especial; qualquer tributo.

Em 23 de Abril, os judeus continuavam a lutar, em abrigos dispersos pela cidade.

Himmler, furioso por o Mundo estar ao corrente da resistência dos judeus, enviou um telegrama irritado a Von Stroop:

"As rusgas no gueto de Varsóvía devem ser efetuadas com incansável determinação e da forma mais impiedosa possível. Quanto mais duro o ataque, melhor.

Os recentes acontecimentos demonstram como esses judeus são, de fato, perigosos."

Não sou psicólogo, mas a minha mulher debruçou-se bastante sobre esta matéria. Afirma que Himmler era no fundo um covarde, receoso dos fracos, com medo da humilhação e das críticas. Depois de ordenar o assassínio de milhões de pessoas desarmadas e inocentes indefesos, tremia ante algumas centenas de judeus

armados.

No mesmo dia em que Himmler enviou a mensagem ao general, Anelevitz dirigiu um apelo aos contatos no setor "ariano", com uma última esperança de que se decidissem a entrar no combate.

"Os judeus do gueto estão finalmente a defender-se, e a sua vingança assumiu uma feição positiva. Tenho testemunhado a soberba e heróica batalha travada pelos insurrectos judeus..."

O combate durante a noite foi pouco a pouco tornando-se regra geral. Os alemães hesitavam em avançar de dia. Em vez disso, bombardeavam do ar, serviam-se da artilharia e provocavam incêndios enormes. Deu-se início a um cerco sistemático do gueto. A Resistência sabia ter os dias contados. Os alemães estavam empenhados numa campanha militar.

Um dos aspectos mais revoltantes de todo o combate consistiu no fato de civis polacos se postarem do lado de fora do portão do gueto, dando vivas e aplaudindo, à

medida que homens e mulheres judeus, queimados pelas chamas, saltavam, para a morte, dos edifícios.

- Mais um! - gritavam.

- E outro!

Contudo, o corajoso Iwanski, o oficial do Exército polaco, voltou uma vez mais, a fim de combater ao lado dos judeus. O irmão foi morto e o filho ficou ferido gravemente. Poucos o conheceram. Embora muitos polacos nos abandonassem, e rissem enquanto morríamos, havia pelo menos um Iwanski, capaz de um pouco de honra.

Em 8 de Maio, a Resistência estava reduzida a uns quantos abrigos, de onde se fazia fogo. Tinham-se explorado túneis com fim a escapadas furtivas. Poucos restavam.

Os alemães tinham igualmente procedido à exploração das passagens subterrâneas e bloqueado a saída de muitas.

No abrigo do número 18 da Rua Mila, Anelevitz contactou, telefonicamente, com os seus comandantes. Pediu-lhes que aguentassem, que esperassem o auxílio vindo do exterior. Estavam em curso novos apelos aos Polacos. A rendição era algo impensável.

Na velha máquina de Max Lowy - há muito que Lowy tinha sido deportado para Auschwitz com o meu pai - imprimiu-se um último apelo.

Com as armas vazias de munições, Moses, Zalman e outros encostavam-se às paredes úmidas do abrigo.

- Quantos dias, Zalman?

- Começamos em 19 de Abril. Estamos a 9 de Maio. Vinte dias e ainda não nos venceram.

- Não demos o presente de aniversário e Hitler.

- Demos. Mas não o que queria.

Anelevitz tirou das mãos sujas de tinta de Eva Lubin a folha de papel acabada de imprimir e começou a ler:

"Milhares das nossas mulheres e crianças estão a ser queimadas vivas dentro elas casas. As pessoas, envoltas em chamas, saltam como tochas das janelas. No entanto, prosseguimos a luta. É uma luta por vós e pela nossa liberdade. Vingaremos Auschwitz, Treblinka, Belzec e Maidanek. Viva a liberdade. Morte para os ocupantes assassinos e criminosos. Acima a luta de vida ou de morte contra o bárbaro Alemão."

Um jovem combatente do gueto, vestido com um uniforme capturado aos alemães, deu um passo em frente. Anelevitz entregou-lhe os panfletos:

- Vê se consegues distribuí-los. Boa sorte.

- O último papel - observou Eva, olhando tristemente para a máquina de imprimir.

Entretanto, as **SS** tinham feito o reconhecimento da área. Todas as saídas possíveis, esgotos, adegas e buracos, estavam guardadas.

O jovem, carregado com os panfletos, surgiu da porta de um celeiro e foi abatido por dois homens das **SS**.

Lá dentro do abrigo, os outros esperavam.

- Nunca fui um homem de muita coragem - disse o tio Moses.

- Nem eu - acrescentou Zalman.

- Têm coragem que baste - sorriu-lhes Eva.

- Mas aprendi uma coisa - retorquiu Moses. - Já que todos temos de morrer, porque não morrer com dignidade?

Enquanto falavam em voz baixa, aguardando, ouvindo rajadas ocasionais da rua por cima das suas cabeças, Aaron regressou ofegante. Tinha guiado o jovem, vestido com o uniforme *nazi*, até à saída.

- Mataram-no a tiro - comunicou Aaron. - Sabem.

Por cima das cabeças, escutavam vozes, o ruído de um caminhão e ordens gritadas.

Um cheiro acre e sufocante começou, subitamente, a invadir o túnel.

- Qualquer gás - disse Moses. - Tapem os rostos. Com panos molhados.

Eva recorda-se das mães que apertavam muito os filhos de encontro ao peito. O

choro era enorme. Um velho começou a rezar.

- O final - anunciou Anelevitz erguendo-se e falando calmamente.

- As pílulas? - perguntou Zalman, aproximando-se.

- Não chegam para todos.

- Talvez alguns queiram sair, tentar a sorte lá fora.

- São livres de o fazerem - concordou Anelevitz com um aceno de cabeça.

As pessoas tossiam. Além do mais, a artilharia disparava contra as paredes pesadas, por cima do abrigo. Todo o longo e estreito abrigo estremeceu. O fim estava próximo.

- Eu chefio quem estiver disposto a sair - comunicou o tio Moses, avançando para um grupo de pessoas.

- Eu também levarei alguns - acrescentou Eva Lubin.

Aaron e outros escolheram Moses para os conduzir até um caminho de saída.

Eva encarregar-se-ia de um velho esgoto fora de uso, que levava para o exterior dos muros.

Moses abraçou Zalman e Anelevítz. - Adeus, amigos.

- Adeus, Weiss - despediu-se Zalman, apertando a mão do meu tio. - A verdade é

que nem nos chegamos a conhecer muito bem.

- Fica para a próxima, Zalman.

- Claro.

Alguém começou a entoar as canções do gueto. Em seguida, cantaram o *Hatikvah*, o hino sionista.

Uma coluna formou-se atrás de Moses, enquanto outra se alinhou atrás de Eva.

- Tenho o nome exato - declarou o meu tio -, mas receio não vos poder conduzir à Terra Prometida. Mantenham-se numa fila. A retaguarda fica por tua conta, Aaran.

Avancemos com dignidade e coragem.

Afastou-se numa direção e Eva na direção contrária.

Os

SS estavam à espera deles. Talvez tenham visto aquela famosa fotografia - os judeus pálidos e desarmados a saírem de um buraco no cascalho, enquanto os

soldadas observavam, de esgar nos rostos e espingardas apontadas na sua direção.

Lá embaixo, no abrigo, Anelevitz e muitos outros preferiram suicidar-se, como os heróis de Masada.

- Não vos farão mal - prometeu um tenente alemão.- Serão apenas revistados e depois registrados. Voltem-se para a parede, de mãos erguidas.

Voltaram-se. Moses, Aaron, todos os seus amigos da Resistência.

- Dêmos as mãos e rezemos, meus filhos - disse o tio Moses. - Alguém quer começar, por favor Estou um tanto destreinado.

Deu uma das mãos a Aaron Feldman e a outra e uma mulher idosa. O velho de barbas que presidira ao *seder* há vinte dias, deu início ao *Shema*.

Shema Israel Adonai Elohenu, Adonai Ehud...

Continuaram a rezar, reafirmando a sua fé, até as armas abrirem fogo. Morreram todos.

O grupo de Eva Lubin teve mais sorte. Vaguearam durante trinta horas pelos esgotos de Varsóvia. Uma manhã ouviram uma explosão por cima da cabeça, viram a luz do dia e surgiram nos arredores da cidade.

Tinha sido estabelecido contato com um grupo de guerrilheiros judeus. Um caminhão esperava-os. O punhado de homens que sobrevivera à rebelião do gueto de Varsóvia foi levado para as florestas. Na cidade, a resistência terminara.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Auschwitz

Agosto, 1943

Cada vez fico mais tempo afastado de Berlim.

Nunca vi tão grande determinação nos nossos oficiais - particularmente em Kaltenbrunner e Eichmann - relativamente à missão cumprida. Porquê? É a

pergunta que faço a mim mesmo.

É apenas uma questão de tempo, antes de a guerra estar perdida.

Mussolini foi preso no outro dia. A Sicília sofreu uma invasão.

A nossa última ofensiva na Rússia falhou. Existe mesmo um relatório arrepiante, segundo o qual uma força bastante grande de guerrilhas do Exército Vermelho penetrou na frente dos Cárpatos - uns oitocentos quilômetros para cá das nossas linhas.

Hoje estive em Auschwitz, a verificar junto de Hoess se o abastecimento de *Zyklon B* é suficiente e se os transportes de Eichmann andam à tabela.

A carga sobre Auschwitz e outros campos de extermínio - estranho, como me insensibilizei a ponto de utilizar esta palavra - será mais pesada. Himmler, agora que Varsóvia foi liquidada, ordenou a destruição imediata de todos os guetos polacos.

O fato apenas significa uma coisa: mais trabalho para nós.

Devo anotar aqui que alguns europeus não concordam com os nossos planos.

Os Búlgaros, por exemplo, um povo eslavo por quem não tenho a mínima consideração, desafiou-nos, dispersou e escondeu os judeus. E os Italianos continuam a mostrar-se difíceis, recusando-se a cooperar, enviando judeus para conventos e mosteiros e para as províncias italianas. Perturba-me que, quando as nossas unidades são desafiadas desta maneira, aquiesçam mais ou menos, voltando as atenções para outros assuntos.

Seja como for, neste entardecer quente, jantei na mesa dos oficiais em Auschwitz. Eichmann e Hoess estavam presentes. Mostravam-se, como habitualmente, frios e dedicados, cheios de novos planos. O rio está a transbordar de cinzas. Agora, estão a enterrar o produto dos fornos num local situado a alguma distância do campo.

Pelo canto do olho, vi que o meu tio Kurt entrava na sala de jantar. Evitou-me, escolheu um lugar afastado e sentou-se em silêncio, a puxar fumaças do cachimbo.

Desde aquela cena no gabinete dele, em que se atrevera a pôr-me violentamente as mãos em cima, não tínhamos trocado mais uma palavra.

Estava a meio de uma carta que Marta me escrevera, quando estremeci.

- Alguma má notícia? - perguntou Eichmann.

- Meu Deus! - exclamei. - A nossa rua foi bombardeada.

Eichmann comentou que os Ingleses e os Americanos eram bárbaros dos piores, sem qualquer respeito pela vida humana nem pela cultura das cidades. Para Hoess, Churchill não passava de um selvagem que descarregava planos de guerra sobre civis inocentes.

Na carta, Marta garantia-me que ela e as crianças estavam a salvo, no abrigo, durante o ataque aéreo. O apartamento ficara um tanto danificado. O nosso belo piano estava arranhado pelos estilhaços das bombas.

A carta de Marta trazia-me ainda mais novidades. O padre Lichtenberg, o agitador que desprezara o meu conselho relativamente aos sermões sobre os Judeus, morreu em Dachau, em circunstâncias desconhecidas. Sinto uma certa pena dele. Não compreendeu, muito simplesmente, a necessidade de acompanhar a maré, de aceitar o inevitável. Comuniquei a morte de Lichtenberg a Eichmann e a Hoess. Não se mostraram interessados. E porque haviam de estar? Que importa mais uma morte -

padre ou leigo, alemão ou polaco? O importante consiste em libertar a Europa dos Judeus; todos o sabemos; todos estamos a par da urgência da nossa missão. Esta campanha de extermínio é fulcral e vital para tudo o que o *Führer* nos ensinou. É o âmago, a alavanca, o núcleo do nosso movimento. Não se trata apenas de um meio ou de um fim, mas de um meio e de um fim para uma Europa racialmente pura, governada por aristocratas nórdicos.

Eichmann pousou a faca e o garfo. Recusou-se a comer a costeleta:

- É horrível o cheiro dessas chaminés, Hoess. Piora de dia para dia. Como é

possível apreciar a comida neste local?

O apetite de Hoess não se mostrava afetado. Bebeu a cerveja checa e engoliu o

schnitzel.

- Não se pode evitar, Eichmann. Continuamos a uma média de doze mil por dia, e que é superior à de qualquer outro campo. Ouço dizer que o de Theresienstadt também está marcado para a liquidação. A Romênia e a Hungria não demorarão a entregar-nos os judeus. Quarenta e seis fornos não serão suficientes.

- Todos temos os nossos problemas, Hoess. Continuo as minhas lutas com o Exército por causa dos comboios. Os filhas da mãe insistem que precisam dos transportes para os exércitos na Rússia. "O que tem prioridade?", perguntei-lhes, "A Rússia ou ficarmos livres de todos os judeus?" Não me deram resposta. Conhecem as ordens do chefe.

Enquanto Eichmann e Hoess erguiam as vozes, lembrei-me de que o meu tio Kurt estava a ouvir aquilo tudo. Não comera. Continuava a fumar e a beber café, com uma expressão sombria e aguentando a conversa.

Levantou-se subitamente, deixando alguns marcos em cima da mesa, e passou por nós. Ao fazê-lo, olhou-me com um desprezo e um ódio de que não o julgava capaz.

Em seguida, saiu.

Voltei a ler nos olhos de Kurt aquela mesma reprovação, a mesma cólera que vira no rosto do meu pai quando eu era miúdo. Será que os adultos percebem o mal que infligem nas crianças com a sua desaprovação?

Sinto necessidade de dar uma lição ao meu tio, de esmagar a superioridade moral que demonstra em relação a mim, aquela consciência ambulante em que se transformou.

Perguntei, pois, a Hoess qual era a política quanto à utilização de judeus em trabalhos forçados. Respondeu-me ser a mesma de sempre, mas mais "urgente". Ou seja, não deviam apenas ser esforçados até estarem prontos para o "tratamento especial": sempre que possível havia que os substituir por polacos e russos, mesmo quando se provasse estarem aptos para o trabalho.

- Tenho informações de que ainda há várias centenas de judeus a trabalharem nas estradas - observei. - E vi muitos cristãos com hipótese de os substituírem.

- Nesse caso, devem ser substituídos. Não posso encarregar-me de tudo, Dorf.

Insistiu que todos os judeus de Auschwitz e os que viessem estavam marcados para o tratamento especial. As aptidões, a força e os privilégios tinham deixado de contar. Anotei mentalmente a intenção de enviar a Hoess um memorando escrito sobre os judeus do tio Kurt.

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

O golpe atingiu o meu pai em Agosto de 1943. Não consegui estabelecer a data com exatidão.

A meio do mês, ele e o amigo Max Lowy, bem como os que trabalhavam na construção da estrada, foram enviados em marcha, diretamente, para as câmaras de gás.

O meu pai, Lowy e um outro homem - um sobrevivente que me contou tudo -

estavam a trabalhar com uma máquina de terraplanagem. O homem recebera notícias de um recém-chegado - o gueto de Varsóvia revoltara-se. Muitos alemães foram mortos.

Tinham utilizado tanques, aviões e artilharia para dominar os combatentes judeus.

Ambos lhe perguntaram se algum dos seus velhos amigos estivera implicado; no entanto, ele sabia muito pouco. A Resistência fora aniquilada, mas os Alemães tinham precisado de sete mil homens para o conseguir. Enquanto falavam, viram que um sargento das **SS**

se aproximava de Kurt Dorf e lhe entregava uma folha com ordens.

Seguiu-se uma discussão, mas Dorf, que era civil, usufruía de uma autoridade limitada. Ouviram o sargento dizer bastante claramente:

- Haverá substituições.

Apareceram meia dúzia de homens das **SS**. Os judeus que trabalhavam para Kurt Dorf receberam ordem de formação em filas de dois. Informaram-nos de que seriam levados para a despiolhagem, fumigação. Temia-se uma nova vaga de

tifo.

Seguiu-se uma pausa. Depois, os homens reuniram-se. Alguns começaram a chorar. Um dos homens caiu de joelhos e abraçou-se às botas do sargento das **SS**.

- Não o devia fazer - criticou o meu pai. - Devemos, quanto mais não seja, conservar o orgulho.

- Parece-me que é o fim, doutor - comentou Lowy, engolindo em seco.

- Sim. Tu e eu fizemos uma longa viagem.

- Mas não exatamente de férias, doutor.

Receberam ordem de marcha para o edifício de cimento e as chaminés distantes.

- Tens sido um bom amigo, Lowy - disse o meu pai.- E um bom doente, devo acrescentar. Sempre pagaste as tuas contas a tempo e pouco te queixaste.

Lowy tentou reter as lágrimas. Olhou para os guardas.

- Doutor... Porque não saltamos sobre eles? Seja como for, morreremos.

Levamos alguns para o outro mundo. O que se passa de errado conosco?

- Fomos treinados toda a vida para não o fazermos.

Atravessaram o traçado quente e poeirento da estrada que tinham ajudado a construir. Voltaram-se uma vez. O engenheiro observava-os, sozinho, de braços cruzados.

- Dá-me a mão, Lowy - pediu o meu pai. - Sinto-me como uma criança no primeiro dia de escola.

O meu pai tentou gracejar para afastar o medo:

- Trataste da tua vesícula, Lowy? Há anos que te venho a avisar, desde que foste pela primeira vez ao meu consultórioem Groningstrasse.

- Talvez me resolva este Outono.

Continuaram a marchar. Os homens andavam aos tropeções. Sabiam o que os esperava.

- Que diabo de maneira de um homem morrer - disse Lowy.

- Talvez seja o que eles dizem: apenas e despiolhagem - observou alguém atrás deles.

- Isso mesmo. Despiolhagem - repetiu Lowy, com um aceno de cabeça. - Olhou para as mãos, as mãos de um tipógrafo. - Com os diabos! Tenho tinta nas unhas, doutor.

Bom. Talvez os panfletos tenham servido para alguma coisa.

- Tenho certeza que sim - garantiu o meu pai.

Foram mortos com gás, horas mais tarde, juntamente com mais dois mil.

***

Em Setembro, o Tio Sasha soubera de um transporte de pilotos da Força Aérea alemã que deveria passar na linha férrea, a pouca distância do campo onde nos encontrávamos desde há pouco. Decidiu fazer explodir as linhas férreas e armar-lhes umaemboscada. Nessa altura, tínhamos feito uma dúzia de incursões contra a milícia ucraniana e os Alemães e sentíamos que esta seria a nossa melhor oportunidade.

Tínhamos sofrido baixas, mas o campo de família continuava intacto sob a sua firme chefia. Dispúnhamos de mais armas e comida do que nunca. Era surpreendente como os fazendeiros, ao verem-nos armados e audazes, aprenderam a respeitar-nos.

Helena insistia em nos acompanhar. Já fora conosco em várias incursões - contra minha vontade -, mas desta vez sentia-me particularmente preocupado. Era demasiado perigoso. Os comboios vinham sempre munidos de metralhadoras montadas à frente e à

retaguarda.

Sasha deu-me ordem para colocar as cargas de dinamite nas chulipas das vias

férreas. Estava um dia terrivelmente quente. Sentia a camisa de caqui ensopada em suor.

Uma dúzia de guerrilheiros, incluindo Helena, Yuri e Nadya, esperavam, escondidos entre árvores e arbustos, junto da linha férrea.

Tinha aprendido bastante sobre explosivos. Nenhuma destas coisas é difícil de aprender. Difícil é ganhar coragem para as pôr em prática. (Tamar afirma que, em Israel, os Judeus se transformaram em soldados de um dia para o outro. Armados e treinados, fazem com que o Mundo se esqueça de que foram habitantes de gueto apavorados.) Ouvimos o silvo do comboio à distância.

- Despacha-te,- apressou-me Sasha.

- Mesmo a tempo - gritei-lhe. - Certifiquei-me de que os fios estavam seguros e as cargas em posição. O passar das pesadas rodas faria com que explodissem. Assim que se verificasse a explosão, varreríamos as carruagens com o fogo das automáticas e granadas. Seria o nosso mais importante empreendimento até àquela data. Dei os últimos nós e abriguei-me por entre a folhagem, de metralhadora aperrada.

Helena mantinha-se ao meu lado. Parecia pequena e desprotegida. Mas também transportava uma metralhadora e tinha granadas presas ao pescoço.

- Um colar - comentei.

- Sinto orgulho nele.

Beijei-a na face. Estava assustada. Estávamos todos. No entanto, tínhamos aprendido a não o mostrar. Nunca imploraríamos piedade. Morreríamos antes de nos rendermos.

O Tio Sasha tinha o ouvido à escuta, na direção de onde vinha o comboio.

Parecia preocupado.

- O que se passa? - quis saber.

- Parece-me que estão a parar.

Todos nos pusemos à escuta. Para lá de uma curva dos carris, chegou-nos o som de uma locomotiva a abrandar. Em seguida, o som acabou e a máquina deu a sensação de suspirar.

Ficamos à espera. Raramente tinha visto Sasha tão perturbado. Fez um aceno de cabeça na minha direção.

- Vai até à beira da estrada, Rudi, e vê o que se passa - pediu.

Rastejei de barriga para baixo, segurando a metralhadora entre os braços, e cheguei perto da linha férrea. Avancei mais alguns metros e consegui avistar a locomotiva. Tinha parado.

No tejadilho do primeiro vagão havia uma metralhadora e o pessoal para manejar. Estavam de pé e olhavam em volta. O comboio estava ainda a alguma distância das cargas explosivas que eu tinha colocado. Algo lhes despertara suspeitas. Talvez se tratasse apenas de uma medida de segurança - sabiam que existiam guerrilhas na zona.

Vi, seguidamente, que meia dúzia de soldados saíam do comboio, prontos a combater. Começaram avançar lentamente pelo trilho, enquanto o comboio continuava parado.

Rastejei de volta até junto de Sasha e dos outros.

- Estão a mandar homens para fora - sussurrei.

- Foram avisados - retorquiu Sasha, franzindo o sobrolho. - Vamos sair daqui o mais rapidamente que pudermos.

- Bem podemos com eles - garanti. - Armamos-lhes uma emboscada. Deixa-os vir.

- Não. Só quando estivermos em vantagem. Vão matar-nos com aquelas metralhadoras. Todos em movimento.

Começamos a atravessar os bosques.

Os alemães suspeitavam obviamente de algo, pois ouvíamos ordens gritadas e homens a correrem ao longo do cascalho. O comboio também avançou, mas não

chegou aos explosivas.

Em seguida, e sem aviso, a metralhadora abriu fogo.

Os galhos e os arbustos quebravam-se e eram pisados à nossa volta.

- Dispersem - gritou o Tio Sasha.

Agarrei Helena por um braço e corremos apressadamente pela floresta. Os ramos feriam-nos os rostos e prendiam-nos a roupa. Desejava dar meia volta e disparar, tentar detê-los, pois ouvia-os atrás de nós - o som de botas, gritos em alemão, os estalidos das espingardas e rajadas da metralhadora montada.

E, subitamente, Helena foi atingida. Caiu sem uma palavra, continuando a agarrar-me a mão.

Parei e ajoelhei-me junto dela. O rosto estava pálido e a expressão era de tranqüilidade. Não denotava traços de agonia. As balas tinham-lhe penetrado nas costas, provocando-lhe uma morte instantânea. Estava prostrada por terra, parecendo ainda mais magra, mais bonita. Afundei o rosto entre os seios.

Ignoro porque não me mataram também. Um cano de espingarda bateu-me na cabeça e fiquei inconsciente.

Alguns dos nosso grupo tinham escapado. Quatro, incluindo Yuri e Helena, estavam mortos. Dois outros jovens e eu - igualmente por motivos que me escapam -

fomos postos em marcha, rumo a um ponto de reunião dos presos do Exército Vermelho.

A regra usual, quanto aos guerrilheiros, era abatê-los à vista. No entanto, planejavam provavelmente torturar-nos e obter informações sobre todo o movimento da guerrilha.

Não nos deram comida, apenas a água suficiente para não morrermos de sede, e, em seguida, mandaram-nos inesperadamente para dentro de um vagão de gado.

Enrosquei-me a um canto e senti que me transportavam a caminho da morte.

Provavelmente, andara a enganar a morte o tempo suficiente. Pensei em Helena, que morrera silenciosamente, sob a chuva de balas. Desejara acompanhar-me numa incursão, a fim de podermos morrer juntos. Agora, desaparecera; eu continuava vivo. Senti-me culpado, miserável, indigno. Deveria tê-la dissuadido daquele seu desejo insensato.

Chorei por muito tempo, permanecendo acocorado no vagão barulhento. A viagem foi interminável. Um dos homens disse que íamos a caminho da Polônia. Vira tabuletas na estrada.

A afirmação deu-me a certeza de que nos iam matar. Talvez nos utilizassem em trabalhos forçados durante uns tempos.

Finalmente, o comboio foi descarregado numa cidade chamada Sobibor.

Obrigaram-nos a andar cerca de um quilômetro e meio até um campo de concentração -

arame farpado pendente em pilares de cimento, holofotes, uma sebe elevada, cães, sentinelas. Um local sombrio e temível. A distância, via-se o fumo das chaminés. Um campo de morte.

Encaminharam-nos para uma caserna, onde trepei para um beliche e mergulhei num sono prolongado e cheio de pesadelos. Sonhei com a minha adolescência em Berlim, os jogos em que entrara - e tudo no meu cérebro se reduzia a uma sensação de medo e de derrota. Quando acordei, esperava ver Helena ao meu lado, como acontecera durante todos aqueles anos. É muito possível que a tenha chamado pelo nome. Mas não chorei mais. Gerara-se um vazio enorme dentro de mim e que se me apoderara do coração e de todos os sentimentos. Helena morrera. A nossa causa estava perdida. Não voltaria a ver Sasha nem os meus companheiros de guerrilha.

As casernas estavam a abarrotar, eram quentes e malcheirosas. Alguns homens falavam russo em voz baixa e consegui apanhar uma ou outra palavra. Fingi estar a dormir, voltei-me e avistei cinco ou seis homens de aspecto rude, vestidos com uniformes do Exército usados e sentados nos beliches. Estavam a olhar para qualquer desenho aberto em cima de um caixote.

Um dos homens estava entre nós, sem dúvida para me vigiar.

- Campo de minas - ouvi-o dizer. - Aqui e aqui também.

Aprendera bastante russo nos dias que passara com os guerrilheiros e também com Helena. Voltei a pôr o ouvido à escuta.

- Arame farpado e reforçado - dizia o homem. - Talvez precisemos de alicates.

- E as casernas das **SS** ? - inquiriu outro dos indivíduo- As armas da torre de vigia?

- Teremos de as eliminar - retorquiu o companheiro.

Não demorei a perceber que o homem encarregado de dirigir as operações era um capitão do Exército Vermelho. Chamava-se Barski. O homem que lhe dirigia a palavra, o seu lugar-tenente, chamava-se Vanya.

- Não temos uma única arma, capitão Barski – observou Vanya subitamente.

- Conseguiremos arranjá-las.

Ergui-me sobre um cotovelo. A cama estalou. O homem que me observava fez qualquer comentário aos outros.

- Este filho da mãe tem estado acordado e a ouvir - retorquiu Vanya.

Aproximou-se do beliche e puxou-me para fora. Lutei e quase chegamos a vias de fato. Os outros separaram-nos.

- Tire as mãos de cima de mim - ordenei num mau russo.

Vanya tentou dar-me um soco no estômago. Aparei o golpe e atirei-me novamente a ele. Com a ajuda dos outros, puxou-me para um dos beliches inferiores.

- O que ouviste exatamente? - quis saber o capitão Barski.

- Não entendi. Sou um judeu alemão. O meu russo não chega a tanto.

Barski mudou para *yiddish*, a fim de nos podermos entender:

-Anda. De que julgas que estávamos a falar?

- Parece-me que tencionam escapar-se.

- É um maldito espião, Barski - observou Vanya, sacudindo a cabeça em desaprovação. - Foram as **SS** que o puseram aqui. Judeu alemão, uma fava.

- Como te chamas, miúdo? - perguntou Barsli, dando-me uma palmada no ombro.

- Weiss. Rudi Weiss.

- E o que fazes aqui em Sobibar, com mil raios?

- Sobibor? Não sei. Puseram-me num comboio com um grupo de outros presos.

Era guerrilheiro na Ucrânia.

Entreolharam-se. Barski sentou-se na minha frente:

- Quero que me ouças bem, Weiss, se é assim realmente que te chamas. Se fores um espião, teremos de te matar. É um campo de morte. Há câmaras de gás e fornalhas aqui. Vamos fugir. Se os Alemães te puseram aqui a servir de espião, estrangulo-te com as minhas próprias mãos.

Contei-lhes, pois, a minha história: como tinha fugido de Berlim, há anos atrás, e vagueara através da Europa, Checoslováquia e Ucrânia. Quando cheguei ao ponto em que lhes contei ter-me juntado ao Tio Sasha, os olhos de Barski iluminaram-se.

- O que fazia ele antes de ser guerrilheiro? - perguntou o capitão do Exército Vermelho.

- Era médico. Numa aldeia chamada Koretz.

Fez-me mais perguntas: quem eram os outros membros do grupo e se havia um rabi entre eles. As minhas respostas deram a sensação de o satisfazer. Contei-lhe algumas das ações em que tinha participado - o ataque ao quartel-general das **SS** e outros assaltos.

Quando acabei, olhou para os outros.

- Acredito nele - declarou Barski -, embora tudo isto me pareça uma história de loucos. Um tipo de Berlim, um judeu alemão a lutar por estas bandas, mas já acontecera coisas mais inacreditáveis.

- Acho que era de o matar - sugeriu Vanya.

No entanto, Barski estava convencido e sacudiu a cabeça negativamente.

- Escuta uma coisa, Weiss. Sabes o que acontece neste campo? Matam dois mil, diariamente, na câmara de gás. Os homens das **SS** dormem em almofadas cheias com os cabelos das mulheres judias que assassinam e divertem-se a estourar os miolos das crianças. Fizeram lá fora uma vala onde enterram as cinzas dos judeus.

- Acredito - retorquiu, com um aceno de concordância. - Acredito em tudo sobre eles. Arranjem-me uma arma e lutarei com vocês.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Posen, Polônia

Outubro, 1943

O

Reichs führer convocou uma reunião de cerca de cem oficiais implicados na solução final.

Encontramo-nos no salão de um hotel, aqui em Posen. Estavam presentes muitos dos meus antigos colegas - amigos e inimigos. Entre o grupo contavam-se Blobel, Ohlendorf, Eichmann e Hoess.

Noutros tempos, teria ocupado o lugar junto de Heydrich, com o bloco de apontamentos na mão. Infelizmente, Kaltenbrunne não me queria perto dele. O ogre estava sentado ao lado de Himmler, escutando. Sentei-me ao fundo do salão. Sinto uma necessidade cada vez maior de ingerir largas doses de conhaque, para agüentar o correr dos dias. Também verifico uma menor capacidade de concentração do espírito em assuntos importantes. Outrora notado pelo pormenor que punha no trabalho, tenho-me vindo a tornar esquecido e desorganizado.

Blobel vangloriava-se do seu trabalho em *Babi Yar*. Todos os corpos (segundo declarara) tinham sido retirados e queimados. Piras enormes de chulipas de estrada de ferro, regadas com gasolina, tinham sido usadas, para "queimar provas", segundo a expressão de alguém.

Mas porquê?, interroguei-me. Para quê a preocupação?

Blobel afirmou que se tinha procedido assim com cem mil cadáveres. Em seguida, chegou a vez de Eichmann se referir orgulhosamente aos seus comboios. Hoess falou, de uma forma modesta e calma, sobre o funcionamento de Auschwitz.

Himmler perguntava continuamente se todas essas coisas se estavam a processar

"secretamente". Parecia mais preocupado do que nunca quanto ao fato de o mundo exterior poder vir a tomar conhecimento do que está a acontecer. E, no entanto, quando um dos oficiais sugeriu que parássemos com o extermínio, a fim de se poder utilizar a mão-de-obra judia, foi silenciado imediatamente pelo próprio *Reichsführer*.

No salão do hotel reinava uma atmosfera quente e asfixiante. Estávamos fatigados e interrogávamo-nos sobre o que teria levado Himmler a convocar a reunião.

Outra pessoa - provavelmente Globocnik - reivindicou uma dúzia de Cruzes de Ferro para os seus homens, pelo trabalho heróico que tinham efetuado na libertação da Europa dos Judeus, o que agradou a Himmler. Já distribuíra várias condecorações por oficiais implicados na aniquilação da revolta de Varsóvia.

Discutiram-se mais assuntos de carácter oficial. Blobel, sentado junto de Ohlendorf e a pouca distância do local onde me encontrava, deu uma cotovelada nas costelas do último e disse num tom de voz que me permitisse ouvir:

- Silêncio ante o "Grande Dorf".

- Talvez se tenha acovardado - comentou Ohlendorf, embora me fizesse um aceno de cabeça. É um indivíduo muito educado. Refere-se sem reticências ao fato de ter assassinado noventa mil judeus na região de Odessa.

De súbito - no meio da confusão -, Himmler perguntou:

- Será possível pedir-vos que me dêem sugestões quanto ao eventual desmantelamento dos campos?

- Desmantelamento? - admirou-se Blobel.

- Exato - anuiu o *Reichs führer*. - A nossa missão encontra-se praticamente cumprida. Não... não estou a imaginar que a Alemanha venha a ser derrotada, como é

óbvio. Contudo, as provas, os restos, conduzirão a interpretações erradas.

- Não me parece, senhor - interferi num tom de voz entaramelado, devido à meia garrafa de brande que bebera.

- Dorf ? Ah! O nosso incurável semântico - sorriu-me Himmler.

- Talvez devêssemos conservar os campos e as fornalhas como um monumento adequado ao nosso importante trabalho - prossegui. - O álcool ajudava a soltar-me a língua. - Talvez devêssemos dizer a todo o mundo como conseguimos...

- Cale-se, Dorf - interrompeu Blobel, agarrando-me no braço.

Todos desviaram os olhares. Era estranho. Reparei que na mesa estava a funcionar um pequeno gravador.

Himmler ignorou a minha interrupção e continuou a falar:

- Devo expor-vos francamente um assunto de gravidade. Terá de ficar entre nós e não ser divulgado publicamente. Refiro-me à evacuação dos Judeus, ao extermínio da raça judia.

Era óbvio que há muito que a idéia lhe germinava no cérebro.

- Trata-se de um dos assuntos de fácil menção – prosseguiu Himmler, cujos olhos miúdos davam e sensação de desaparecer por detrás das lunetas. - A raça judia está

a ser exterminada e não há dúvida de que do nosso programa consta a eliminação dos Judeus. E é o que estamos a fazer, a exterminá-los.

De certo modo, tornava-se refrescante. Depois de todo o jogo de palavras, dos eufemismos, das palavras codificadas (muitas das quais criei), tornava-se quase hilariante e saudável ouvir o nosso chefe chamar as coisas pelo devido nome. E a fita do gravador continuava a rodar.

Prosseguiu o discurso com a crítica daqueles alemães que conheciam "um bom judeu" ou pediam que um judeu fosse poupado.

- Nenhum dos que falam assim foram testemunhas nem passaram pelos acontecimentos - declarou. - A maioria dos presentes sabe o que significa cem cadáveres lado a lado, ou mesmo mil. Ter passado por tudo isso e conservar a dignidade foi o que nos endureceu. Trata-se de uma página de glória na nossa história que nunca foi escrita, nem nunca o será.

Não estou certo do que aquele discurso significava para ele pessoalmente, ou para nós. Tenho certeza de que o processo de aniquilação será acelerado. Contudo, a sua insistência no segredo e na possibilidade de um plano para desmantelar os campos de morte perturba-me.

Ergui-me com esforço e pedi que me ouvissem. Fez-se um silêncio absoluto na sala por parte dos oficiais que tinham assassinado - quatro milhões de seres?, cinco? -, o que me permitiu assumir o comando da situação.

- Permita-me dizer-lhe, *Reichsführer* -comecei-, que, se o nosso trabalho é assim tão nobre, o deveríamos dar a conhecer ao mundo.

- Bico calado, estúpido - rugiu Blobel.

- Julgo que o major não me está a interpretar devidamente - rugiu Himmler.

- Se me permite, senhor, vou continuar - disse. - O *Führer* frisou, muitas vezes que estamos a levar a cabo um serviço a bem da civilização ocidental, da Cristandade.

Estamos a defender o Ocidente do bolchevismo. Quanto aos Judeus, até a nossa grande figura religiosa, Lutero, os encarava como ameaças.

- Oh! Estou bastante de acordo com a sua teoria, major - retorquiu o *Reichs führer*. - Contudo, outros não verão tão claramente os nossos objetivos. E os Judeus propagarão mentiras a nosso respeito.

- Que propaguem - contrapus. - Que propaguem. Os que restarem. Continuo a afirmar, porém, que deveríamos inundar o Mundo de filmes, fotografias, depoimentos, listas de mortos, testemunhos. Devíamos construir modelos funcionais da Auschwitz de Hoess e contar ao Mundo, pormenorizadamente, todos os nossos feitos heróicos. E, acima de tudo, insistir que o que fizemos aos Judeus foi ditado por uma necessidade.

moral e racial. Decerto os aliados ocidentais apreciariam isso.

Dava a sensação de que os tinha petrificado. Distinguia aqueles rostos suados que não conseguiam despregar-se do meu, naquele desconfortável salão do hotel.

- Sim – continuei. - Defendamos que não cometemos qualquer crime, mas que nos limitamos a seguir os imperativos da história européia. Podem ser chamados filósofos e clérigos, como apoio à nossa causa. Como sabem, sou advogado. Estou a par destas coisas. Nada de vergonhas, meus senhores, de ilusões, desculpas pelos judeus mortos, capas ofertadas pelos rótulos de espiões, doença ou sabotagem. Devemos frisar bem ao Mundo que nos encontramos entre a civilização e a conjura judia para destruir o nosso Mundo, poluir a nossa raça e dominar-nos. Nós, nós sozinhos, fomos suficientemente homens para aceitar o desafio que nos impuseram. Porquê escondê-lo e fazer dele um segredo? Para quê inventar desculpas?

Reparei nos olhares de gelo. Himmler nem se mexia.

- Temos de convencer o Mundo (tanto amigos como inimigos) de que os Judeus nos obrigaram a esta guerra... que nós, sem a ajuda de ninguém... nós nos mantivemos...

nos mantemos entre a sobrevivência de... de...

A minha voz reduziu-se ao silêncio. Todos continuavam sentados, fitando-me como se fosse um cão condenado.

Finalmente, Himmler rompeu o silêncio:

- Presumo que o major Dorf tem uma teoria. Os pormenores das nossas futuras atitudes, relativamente ao nosso trabalho, serão o tema de uma outra reunião. O

importante é sentirmos dentro de nós que desempenhamos esta missão com amor

pelo nosso povo e que, durante todo este processo, a nossa consciência não foi afetada.

Levantei-me para retomar e palavra, mas desta vez Blobel e Ohlendorf agarraram-me por um braço e levaram-me para o corredor. Através das escadas daquele hotel sombrio, conduziram-me até ao meu quarto. Havia prostitutas polacas, algumas bastante bonitas, à disposição de todos, mas apenas desejava a minha garrafa de conhaque.

- Idiota chapado - insultou Blobel.

Continuava a ouvir e voz aguda de Himmler dirigindo-se aos homens.

- Continuamos homens decentes e com capacidade de amar, e por isso nos podemos orgulhar...

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Vanya, o preso que não tinha confiado em mim, levou pouco tempo a tornar-se meu amigo. Conseguiu arranjar-me trabalho na sapataria, onde se decidiu que começaria a revolta. Até essa altura, não tínhamos uma única arma.

Nessa manhã, antes de iniciarmos a marcha para o trabalho, recordo-me de Barski nos dizer, na caserna escura:

- Façam de maneira a que não soltem um som.

Meia dúzia de nós levava machadinhas nos cintos.

Abrimos a oficina do sapateiro. Vanya começou a pôr saltos.

Ajoelhei-me a um canto e comecei a engraxar as botas dos oficiais das **SS**.

Cerca de uma hora depois de ali estarmos, entrou um jovem tenente das **SS**.

Trazia uma *Luger* no coldre, pendurada no cinto.

- As minhas botas estão prontas? - perguntou a Vanya.

- Sim, senhor. Pode experimentá-las, se quiser.

O oficial sentou-se num desses bancos baixos que há nos sapateiros e esperou.

Viu-me ajoelhado a engraxar.

- Quem é aquele?

- Um novo preso, senhor.

Um brilho de suspeita iluminou-lhe momentaneamente a face. Em seguida, decidiu que nada tinha a recear. Eu estava magro, cheio de nódoas negras e vestido com os trapos da prisão.

Vanya puxou pelas botas do oficial que estava sentado na parte mais baixa do banco. Calçou-lhe a bota nova. Levantei-me com o par que estivera a engraxar e levei-as para a prateleira atrás do banco. Coloquei-as na prateleira sob o nome do proprietário. O

tenente deve ter pressentido algo.

Deu meia volta e, nessa altura, esmaguei-lhe o crânio com o machado. Foi estranho. Nem tempo teve para agarrar na arma ou soltar um som. Bati-lhe com tanta força que os miolos ainda atingiram Vanya, que estava a certa distância.

Vanya arrancou-lhe a *Luger* do cinto. Arrastamos o corpo para um armário, depois de limparmos os vestígios de sangue e de miolos.

Cerca de dez minutos depois, entrou um capitão das **SS**. Também ele vinha à

procura de um novo par de botas. Nem sequer lhe dei oportunidade a que dissesse "bom dia". Saltei sobre ele, vindo detrás da porta, e matei-o com um único golpe do machado.

Estremeceu, cambaleou, parecendo relutante frente à morte. Atingi-o uma segunda vez.

Seguidamente, tirei-lhe a pistola. Também o arrastamos para o armário.

Em simultâneo com estas ações, outros homens da unidade de Barski mataram alemães na alfaiataria, na marcenaria e na barbearia. Tivemos muita sorte. Os tipos tinham entrado sós ou aos pares, e foram derrubados antes de soltarem um

som.

Finalmente, Barski e um pequeno grupo, armados com revólveres, correram a toda a pressa para a sala de armas, mataram meia dúzia de guardas e destrancaram o local de armazenamento. Fomos encontrá-los nesse local, carregados de armas e de munições.

Nessa altura, cerca de uma centena de presos reunira-se na zona das casernas.

Barski distribuiu armas pelos homens. As mulheres foram dados machados, cabos de vassoura e pás. Mataríamos como nos fosse possível.

Tinha sido dado o alarme em qualquer lado.

O

klaxon arrancou guardas aos postos - víamos os alemães e os auxiliares ucranianos a correrem cá para fora, armados, confusos e a gritarem ordens.

Abrigamo-nos por detrás das casernas.

Barski designou-me para comandar um grupo de cerca de doze homens, alguns armados, outros dispostos a lutar e a morrer com pás e ancinhos nas mãos.

Um grupo de homens alistados nas **SS** carregou pela rua principal da área das casernas, e dei voz de fogo. Matámo-los a todos sete ou oito. Os outros grupos recuaram, pois não estavam preparados para nos deitar a mão.

Barski planejara um assalto ao arsenal do campo antes de fugirmos, para que todo o grupo ficasse armado e nos transformássemos num pequeno exército.

Alguns avançaram, mantendo-se colados aos lados dos edifícios e tentando chegar ao arsenal. Contudo, quando nos aproximamos, uma metralhadora colocada no cimo da torre abriu fogo e matou dúzias dos nossos.

Barski deu ordem de paragem aos chefes de grupo, por detrás do campo.

- Inútil - disse. - Temos de pôr de parte o arsenal. Dirijam-se para o portão.

Nessa altura já se nos tinha juntado um grande grupo – praticamente, seiscentos

judeus, ansiosos por conquistar a liberdade, dispostos a enfrentar as armas dos alemães e a correr desarmados para os portões, de preferência a irem, resignadamente para as câmaras de gás de Sobibor.

Segui na pegada de Barski. Vanya chefiava um outro grupo. Protegidos pelas barricas de água e casas de ferramentas, abrimos fogo sobre os guardas no portão central e matámo-los a todos.

Gerou-se uma confusão infernal. Os seiscentos judeus correram para e saída.

Alguns atiraram pedras aos guardas e tentaram cegá-los com areia.

Ouvi que Barski lhes gritava para não fugirem para e esquerda - onde o terreno estava minado e teriam de passar por uma sebe dupla de arame farpado. Foi um espetáculo horrível. As minas começaram a explodir e dúzias de fugitivos voaram, atingidos pelos estilhaços.

Barski conduziu-nos através de uma passagem por detrás das casernas dos oficiais, área que sabíamos não estar minada. As balas disparadas das casernas faziam ricochete à nossa volta. No entanto, Barski tinha razão. O campo não só estava livre de minas, como o arame farpado era fino e nos permitia que o ultrapassássemos.

As balas continuavam a cair em redor de nós. Homens caíam, mulheres cambaleavam. Pensei em Helena, morta na floresta. Continuei a correr. Cem metros...

duzentos metros...

Ao cair da noite paramos junto a um rio.

Do nosso grupo apenas restava um punhado. No entanto, tínhamos esperança de que outros se tivessem posto e salvo e fugido do campo.

Uma jovem chamada Luba, auxiliar do Exército Vermelho, veio ao nosso encontro, cambaleante, ao raiar da aurora. Estava coberta de sangue e ferida no braço e na mão. Sentou-se e chorou durante muito tempo antes de conseguir contar a sua história.

Seiscentos judeus tinham, de fato, conseguido fugir até aos portões.

Quatrocentos, na sua maioria desarmados, tinham chegado aos bosques e prados, nas cercanias do campo. Contudo, mais de metade destes tinham morrido devido a minas, a perseguições da polícia, das **SS** e das forças da Aviação. Vários milhares de fascistas foram enviados na perseguição dos fugitivos de Sobibor. E viemos a saber, posteriormente, que grupos polacos fascistas tinham acabado nas florestas com os que escaparam às **SS**. Uma velha história para mim.

Éramos cerca de sessenta os que estávamos com Barski. Estávamos agora mais bem armados, treinados e mais duros. Tentaríamos alcançar uma brigada de guerrilha soviética.

Anos depois vim a saber que tínhamos morto dez homens das **SS** e trinta e oito ucranianos. Mais quarenta guardas ucranianos fugiram, preferindo isso a ajustarem contas com os Alemães. E, dois dias após a nossa escapada, Himmler ordenou a destruição de Sobibor. Tínhamos inquietado aquele filho da mãe, pregado um susto ao imponente assassino.

Barski declarou que, juntamente com os companheiros, se dirigiria para leste, na tentativa de encontrar uma unidade do Exército Vermelho. Corriam rumores de que os Russos estavam prestes a reconquistar Kiev. Barski desejava participar nessa ação.

Kiev. Pensei em Helena e na altura em que roubávamos pão, escondidos dos alemães; em Hans Helms, que nos atraiçoara e, em seguida, morrera, e como fugíramos ao destino dos judeus condenados, assistindo, de longe, à chacina de *Babi Yar*.

O vazio no meu íntimo começou a devorar-me como um fogo acre e lento.

Desejei tê-la novamente ao meu lado, a compartilhar as parcas refeições e a dormir em celeiros. No entanto, nunca mais a veria. Nesse momento duvidei poder amar de novo, entregar-me outra vez a uma mulher.

Barski convidou-me a ir com eles, mas respondi que queria viajar só. Avisou-me de que correria o risco de me capturarem e que, ao dirigir-me para ocidente, avançava no sentido das linhas alemãs. Retorqui não me importar. Se morresse, paciência, e, além disso, ainda não me tinham apanhado.

- Boa sorte, miúdo - desejou, abraçando-me.

- Posso ficar com uma arma? - perguntei.

- Claro. Bem a mereces.

Afastei-me, seguindo o curso do rio e vendo o rosto de Helena em cada árvore e folha por onde passava.

O meu irmão Karl não aguentou mais outro Inverno. Tinha sido transportado para Auschwitz com um carregamento de outros presos de Theresienstadt, destinados a morrerem nas câmaras de gás. Seja como for - talvez se tivesse espalhado o boato de que era um artista de talento e poderia ser utilizado -, foi poupado a uma morte imediata.

O fato de ainda ter sobrevivido aquele tempo, deveu-se provavelmente à

bondade de um homem chamado Hirsch Weinberg e que me pôs a par dos últimos dias de Karl. Era o mesmo Weinberg que desempenhara as funções de alfaiate com Karl em Buchenwald, cinco anos atrás, depois das prisões que se seguiram à *Kristallnacht*.

Um dia, Weinberg reparou neste indivíduo alto e magro que escondia as mãos por baixo da túnica. Estudou o rosto e reconheceu-o.

- Conheço-o - declarou Weinberg. - Weiss... o artista...

Estavam no mesmo aquartelamento, e Weinberg cuidou dele, tentou arranjar-lhe trabalho e roubava pedaços de pão para lhe dar.

- Não te recordas de nada; Weiss? - perguntou Weinberg.- Daquele dia em que lutamos por causa do pão? E nos penduraram nas árvores?

Karl fez um aceno de concordância. Esboçou mesmo um sorriso.

- Claro que te recordas - prosseguiu o alfaiate. - Tinhas uma mulher cristã.

Costumava escrever-te às escondidas.

Karl fez novo aceno de concordância.

Weinberg pô-lo a par dos acontecimentos. Uma série de notícias tinha chegado

ao campo. O Exército Vermelho penetrara na Rússia Branca. Embora judeus de toda a Europa continuassem a ser enviados para Auschwitz, algo pairava no ar. Verificara-se uma pausa nas ações de extermínio. Dizia-se que Hoess estava a passar um mau bocado com os superiores.

Oh! Havia todo o gênero de boas novas. A Itália declarara guerra aos Alemães; Smolensk encontrava-se nas mãos dos Russos; a invasão dos Aliados estava iminente...

Karl expressava-se num tom de voz perdido, fraco:

- O meu pai... aqui... mãe...

Foi Weinberg a dar-lhe a notícia de que os meus pais tinham sido mortos com gás um ano antes. Fizeram parte dos dois milhões de vítimas que haviam alimentado as fornalhas. Weinberg falara uma vez com o meu pai; simpatizara com ele, como todos os dali.

Karl não conseguiu chorar. Escutou, fez um aceno de cabeça, pediu água.

(Que estranho. Também tive dificuldade em chorar durante muito tempo, desde a morte de Helena. O que nos aconteceu? Teremos ficado contaminados pelo mal que habitava os nossos perseguidores, pela sua falta de humanidade?) Em seguida, Weinberg viu as mãos de Karl:

- Deus do céu! O que lhe fizeram!

Estudou as mãos deformadas e quebradas e acariciou-as.

- Punido - informou Karl. - Por causa de desenhos.

- Ouve uma coisa, Karl. Já que chegamos até aqui, tens de agüentar. Ficaremos livres qualquer dia.

- Papel - disse Karl. - Lápis... carvão...

Weinberg procurou nas casernas e descobriu um pedaço enorme de cartão cinzento. Foi buscar um pedaço de carvão ao fogão. Soergueu Karl na cama e entregou-lhes.

A mão deformada de Karl só dificilmente agarrou no pedaço de carvão. Sorriu quando conseguiu e pediu a Weinberg que lhe segurasse o pedaço de cartão.

Em seguida, começou a desenhar, em linhas esboçadas.

Vi o desenho. Está na posse de Inga. Não sei muito bem o que significa. Um céu de pântano, escuro, nuvens, e, surgindo das águas lamacentas, uma mão erguida na direção do céu.

Continuou a desenhar, agradeceu a Weinberg e pediu-lhe que lhe guardasse o seu último desenho.

Karl morreu algumas semanas mais tarde - tifo, cólera, ninguém sabe. Talvez tivesse morrido de fome. Ou muito simplesmente perdesse o desejo de viver.

O corpo foi levado e queimado, e as cinzas misturadas com as dos nossos pais e milhões de outros.

O DIÁRIO DE ERIK DORF

Auschwitz

Novembro, 1944

Transformei-me em mensageiro ambulante do *III Reich* fazendo relatórios infindáveis sobre a solução final, elaborando estatísticas, mantendo contatos com Eichmann, Hoess e os demais implicados nesta missão.

Em Julho passado, os Russos invadiram o campo de concentração de Lublin. O

segredo divulgou-se - como se alguma vez fosse possível mantê-lo. Os chamados

"desenhos de horror" foram mostrados ao Mundo. Nós, como é evidente, negamos e proclamamos que se tratam na realidade de atrocidades russas, aplicadas aos Polacos.

No entanto, o fato de, o Mundo estar gradualmente a ficar a par dos nossos planos de "reintegração" não deteve Eichmann. Neste momento - mesmo depois de estarem a ser revelados pormenores sobre os campos de morte - está a

preparar a deportação em massa dos judeus da Romênia. Durante todo este Verão de 1944, Eichmann, com o meu apoio, tem mantido os transportes em funcionamento, vindos da Holanda, Bélgica, França. Sobreviventes do gueto de Cracóvia foram despachados para Auschwitz.

Só no mês passado, Eichmann enviou trinta e cinco mil judeus de Budapeste para vários campos e toda esta gente foi marcada com o estigma.

Em Lublin, os Russos detêm o nosso pessoal no campo de Maidanek. Contudo, Eichmann, Hoess e muitos outros, incluindo eu, persistem.

Himmler deu ordens para que os crematórios de Auschwitz sejam destruídos.

Em Auschwitz as mortes na câmara de gás estão praticamente suspensas. Entretanto, estamos a deslocar os presos desesperadamente para ocidente, mudando-os de campo para campo, um passo à frente dos Russos.

Acontece todo o tipo de coisas lunáticas e irracionais, como se ninguém estivesse no comando, nem soubesse a atuação exata ante a nossa derrota iminente. Hoje, chegaram ordens para se embarcarem apenas "judeus húngaros" de Bergen-Belsen para a Suíça - ordens de quem?, porquê? -, e amanhã é muito provável que receba um telegrama a ordenar que todos os de Auschwitz sejam enviados para ocidente, para locais como Gross-Rosen ou Sachsenhausen.

Será que Himmler pensa, de fato, ser capaz de dissimular a nossa tarefa?

Será que ele (bem como Kaltenbrunner e os meus restantes superiores) pensa, de fato, poder alterar a natureza dos nossos esforços, operando aquela deslocação de vários milhares de fantasmas esfomeados?

Mas a verdade é que mantemos em movimento, por toda a Polônia, Alemanha, Checoslováquia, dezenas de milhares destes judeus, em farrapos, a morrerem na estrada, sucumbindo à fome e à doença. Não faria mais sentido arrancá-los ao sofrimento pelo simples emprego do *Zyklon B*. Não poderíamos, nesse caso, afirmar que as nossas medidas eram humanitárias? Que, dado a resistência humana e a vontade de viver terem acabado nestes judeus- e noutros -, é mais decerto fazê-los morrer o mais rapidamente possível e sem dor? Mas não. Os meus chefes defendem a mesma teoria de que os campos nunca existiram, de que não ocorreram quaisquer mortes aqui e que nunca existiram coisas como câmaras de gás e fornos. Algumas vezes, eu próprio quase chego a acreditar.

A minha vida pessoal foi, evidentemente, afetada. Raramente vejo Marta, e não conversamos muito, quanto mais partilharmos o leito. Peter já anda de uniforme e em treinos com os chamados "Esquadrões de Lobos", que, pressupostamente, lutarão até à

morte com vista a salvar Berlim. É um jovem alto e elegante; quando o vi, no entanto, pela última vez pouco havia a dizer-lhe. Laura chora muito. Andava quase sempre com fome e, como é característico da forma de ser egoísta das crianças, lançava as culpas de tudo sobre mim e Marta. O *Bechstein* continua no nosso apartamento - danificado mas audível. Marta pensou em dar lições a Laura, mas foi um projeto que nunca se concretizou.

Assim, encontro-me hoje novamente em Auschwítz, numa tentativa de cumprir as ordens de Himmler - desmantelar, destruir, queimar, fazer desaparecer provas. Que farsa! Mas continuo a acompanhar o processo.

E, no entanto, há momentos em que me interrogo se estes esforços serão tão fúteis como parecem. Durante muitos anos, apesar dos boatos e mesmo dos relatórios diretos, o Mundo recusou-se a acreditar naquilo que andávamos a fazer. Fomos sempre bons em iludir. E encontramos crentes disponíveis. A nossa linguagem esópica funcionou às mil maravilhas. Evidentemente. Os judeus. Problemas. Têm de ser reintegrados, entendem?

E surpreendente a forma como o Mundo voltou costas, aceitou a nossa palavra, confiou em nós!

Já em 1942, o Governo sueco recebera informações relativas aos centros de morte, mediante o relatório de um dos seus diplomatas, conseguido através de um informante oficial das **SS**. No entanto, o Governo de Estocolmo não permitiu que esta informação visse a luz do dia. E até mesmo a *BBC* e outras vozes dos nossos inimigos se mostravam prudentes em não pronunciarem uma única palavra quanto ao destino dos Judeus. Talvez esteja, pois, a ser indevidamente cruel neste meu juízo dos nossos líderes das **SS**. Mediante uma condução exata, talvez possamos convencer uma vasta área da opinião pública de que nunca tocamos num cabelo de um judeu: apenas executamos criminosos e permitimos que os judeus vivessem tranqüilamente em pequenas cidades suas. Talvez.

Há pouco tempo, quando a artilharia russa atacava as minas de cálcio das *IG*

Farben, situadas no exterior do campo, e os aviões soviéticos nos

bombardeavam, estava ao telefone com um lacaio de Berlim que não parava de me gritar que os campos deviam ser destruídos, todos os registros queimados, os presos avaruados, mortos ou feitos desaparecer até ao último. Tudo é uma irracionalidade que desafia a fé.

No entanto, há muito que venho obedecendo a ordens e continuo a gritar a Joseph Kramer, que substituiu Hoess, para que faça ir pelos ares os crematórios e desmantele as câmaras de gás.

Hoje, Kramer riu. Estava a meter papéis numa pasta, a fazer uma mala - como um caixeiro-viajante que parte apressadamente para uma viagem.

- Esses filhos da mãe estão todos doidos - afirmou Kramer. - Esconder este local? Merda. Está tudo escrito, preto, no branco, tudo registrado. Eichmann já

comunicou a Himmler que matamos seis milhões - quatro milhões nos campos e o resto pela ação dos *Einsatzgruppen* . Está escrito em memorandos por toda a parte. O que significa fazer ir pelos ares alguns edifícios, com mil raios?

- Acabaram as mortes com gás - gritei. Existia um plano para eliminar com os últimos dos *Sonderlommandos*. - Não. - Para que Berlim possa afirmar que nós o fizemos e que desconheciam inteiramente o que se passava. Tal como essa cabeça de burro do Hans Frank, Quando os Russos o capturaram, garantiu que nunca tivera nada a ver com isso, que nunca matara um judeu. Tínhamos sido nós, as **SS**, a *RSHA*.

Comecei - ignoro o motivo - a abrir as gavetas dos arquivos de Auschwitz e a atirar processos para a lareira acesa. Rasguei documentos e atirei-os para as chamas, enquanto Kramer troçava de mim.

- Seria melhor que matasse mais judeus, Dorf.

- Não. Não. Berlim ordena que se desloquem todos para ocidente. Himmler está

convencido de que os Aliados compreenderão. A Grã-Bretanha e a América mostrar-se-

ão compreensivas. São os Russos o que temos de evitar. Himmler pretende entrar em negociações com os Americanos. Ele...

Kurt Dorf entrou subitamente na divisão. O meu tio viu-me a andar de um lado para o outro, a abrir gavetas, destruindo ficheiros e enchendo a lareira a mais não poder com documentação de Auschwitz.

O meu tio ficou a observar-me uns segundos:

- É inútil, Erik. Katowice foi evacuada. O Volksturm está a desfazer-se. O

Exército Vermelho chegará aqui dentro de um ou dois dias.

- E aplaudirá a sua chegada?

Não respondeu e limitou-se a abanar a cabeça:

- Sei que há sete toneladas de cabelo humano, metodicamente embalado e etiquetado no armazém, Erik. Não seria melhor mandar alguém queimá-lo?

Não prestei atenção e continuei a queimar papéis. Pode ser que Himmler seja mais esperto do que qualquer de nós. Podemos colocar os Russos contra os Aliados -

explicar os nossos motivos. O *Führer* tinha razão, estamos a salvar o Ocidente, a salvar a civilização. Não queríamos esta guerra; foram os Judeus que no-la impuseram e tivemos de os fazer pagar.

Kramer estava no outro telefone. Devo dizer que, embora planejasse uma partida rápida, se dedicava a cumprir algumas das minhas ordens. Ordenava aos subordinados que colocassem os cinqüenta e oito mil restantes presos em linha de marcha – naquele tempo gelado - e os obrigassem a caminhar para ocidente.

Kurt deteve-me e prendeu-me os braços. Muito mais velho, mas mais forte.

- Meu querido sobrinho - disse - não me afirmaste uma vez que deveríamos tornar públicos os nossos gloriosos atos? Que nos deveríamos vangloriar perante o Mundo de como resolvêramos o problema judaico? Porquê esta mudança de atitude? É

surpreendente como uma barragem de artilharia é capaz de modificar a maneira de pensar de uma pessoa.

Tentei desprender-me, mas ele empurrou-me de encontro a um dos ficheiros que tinha estado a tentar esvaziar:

- Meu querido sobrinho - disse -, não me afirmaste uma vez realmente, que conseguirás esconder o assassínio de seis milhões de pessoas?

- Não receio quem quer que seja, russos, americanos ou outros - gritava Kramer que estava ao telefone. - Cumpri uma missão. Obedeci a ordens. Sou um soldado.

- Eu também - retorqui.

Kurt deu-me um abanão.

- É possível que consigam enganar o carrasco com esse tipo de lógica. Mas espero por tudo que não.

- Mas que preleções nos está para aí a fazer? - interferiu Kramer em minha defesa. - Construiu estradas e fábricas com a ajuda de trabalhadores forçados, inclusive judeus.

- Sim, sim. Tem razão - disse Kurt. - Limitei-me a observar e a saber, mas sem tomar qualquer atitude. E quando o fiz, era tarde demais. Prolonguei a vida de alguns, quando deveria ter falado, fugido, deixar que as pessoas soubessem.

Afundei-me numa cadeira. Para onde ir? O que me reservava o futuro? Todo o meu desespero, desdém e ódio se concentraram no meu tio. "Há muito que o devia ter morto", lamentei.

A barragem de artilharia ouve-se agora melhor. As explosões são mais freqüentes. Ouço os bombardeiros soviéticos à distância.

***

Alt-Aussee, Áustria

Maio, 1945

Aqui, num vale escondido da Salzkammergut, na Áustria, há muitos de nós escondidos, e vestidos à civil.

Tentamos evitarmo-nos. Blobel anda de um lado para o outro e embaraça-nos a todos com e sua conversa de bêbado. Eichmann foi visto em vários locais, mas nos últimos dias desapareceu misteriosamente. Kaltenbrunner fez de um velho castelo o seu quartel-general; está convencido de que nada nos acontecerá. Nesse caso, porque nos escondemos desta maneira?

Uma palavra sobre Kalzenbrunner. Corre o boato de que tem tentado desesperadamente entrar em contato com a Cruz Vermelha Internacional e provar que tratou os judeus com humanidade e decência. E que, na realidade, sua mais importante preocupação nos últimos tempos foi a de libertar os judeus de Theresienstadt.

E correm por aí duas histórias ainda mais surpreendentes.

Alega-se que, em 19 de Abril, Himmler se encontrou numa herdade situada nos arredores de Berlim com um tal Dr. Norbert Masur, um judeu sueco e uma entidade do Congresso Mundial Judaico. O próprio Himmler convocou a reunião, que decorreu em segredo. O *Reichsführer* teve de arranjar uma desculpa para não comparecer no aniversário de Hitler e poder manter a entrevista. (Tudo isto se passou onze dias antes de o *Führer* se suicidar.)

Presumo que Himmler se mostrou delicado, cordial e lógico com esse Dr.

Masur. Explicou que os campos eram todos como Theresienstadt - pequenas e bonitas comunidades dirigidas pelos judeus. Ele e o seu muito querido amigo Heydrich tinham sempre desejado que estes campos funcionassem como organizadas comunidades judaicas, mas foram sabotados pelos próprios Judeus.

Quando Masur o interrogou sobre os campos de morte, câmaras de gás, fornos, etc., o chefe explicou calmamente que se tratava de "propaganda de horror" posta em circulação pelos ingratos Judeus e pelos Russos. Um tanque americano incendiara-se em Buchenwald, alguns presos morreram e a imprensa mundial começou a distribuir fotografias, afirmando que os guardas queimavam os presos. Mentiras, tudo mentiras.

Acrescentou ainda no seu encontro com Masur que os Judeus eram conhecidos espiões, sabotadores e propagadores de doença, particularmente na Europa Oriental, não restando assim outra alternativa senão a de os fechar nos campos. Masur perguntou como era possível que fossem espiões, se todos estavam metidos em campos ou guetos murados? Himmler não se deu por vencido; os

Judeus eram espertos e cheios de recursos e encontravam sempre maneira de atuar.

Discutimos esta entrevista e tivemos dificuldade em acreditar na sua veracidade.

Himmler, como é evidente, desapareceu. Também ele, como nós, vagabundeia e se esconde, com roupas de civil. Nunca veio nada a lume sobre a sua conversa com o Dr.

Masur.

Também é surpreendente a informação de que Eichmann, antes de ir para Alt-Aussee e de voltar a sair, convidou um tal Sr. Dunand, da Cruz Vermelha, a deslocar-se a Praga e, durante um jantar bastante formal, o puxou para um canto e explicou que os judeus em Theresienstadt viviam em muito melhores condições do que os alemães pobres de Berlim e outros locais.

De uma coisa estou certo. Não haverá colaboração da minha parte, nem pedido de piedade ou tentativa de explicação das nossos atos.

Não serei um Heydrich, implorando perdão no leito de morte; nem um Himmler, tentando alcançar as boas graças de um judeu importante; tampouco Eichmann, a apresentar desculpas à Cruz Vermelha.

Se me prenderem, serei tão corajoso como o *Führer* e direi aos captores que sou um digno oficial alemão: cumpri ordens, segui a minha consciência e acreditei profundamente nos atos que me ordenaram que cometesse, porque nada mais tinha em que acreditar.

Ainda nos restam esperanças. Conseguiremos arranjar uma explicação lógica para Auschwitz. Como advogado, sei que qualquer ação tem defesa.

Fiquei a admirar ainda mais Himmler quando nos dirigiu a palavra em Posen e nos afirmou que a verdadeira coragem residia em observar centenas de milhares de mortos e não pestanejar, mantendo-nos verdadeiros para com nós próprios. Agora, anda para aí com baboseiras sobre as "cidades autônomas judias." De lamentar!

Penso, freqüentemente em Marta. Foi, de certa maneira, o motor que impulsionou o meu cérebro. Quando desanimava, ela dava-me coragem. Quando

tinha dúvidas, dissipava-as. Devíamo-nos ter amado mais. Há anos que não dormimos juntos.

Estou a beber bastante mais do que seria aconselhável para a saúde. Anseio por um dia, um dia único, em que possa estar com Marta e as crianças. Dar talvez um passeio pelo parque, visitar o Jardim Zoológico. Farão muitas afirmações terríveis a nosso respeito. Não conseguirão, porém, manchar a nossa decência básica, o nosso amor pela família, pela pátria, pelo *Führer*.

(Termina aqui o diário de Dorf.)

A HISTÓRIA DE RUDI WEISS

Escolhi duas cartas dentre as centenas que recebi enquanto me dedicava à

missão de traçar o destino da minha família e de o incluir nesta narrativa.

A primeira foi escrita por um indivíduo chamado Arthur Cassidy, antigo capitão dos Serviços Secretos Americanos, atualmente professor assistente de línguas germânicas na *Fordham University*, em Nova Iorque.

15 de Março, 290

Departamento e Línguas

Fordham University

Bronx, N. I.

Senhor Rudi Weiss

Kibbutz Agam

Israel

Caro Senhor Weiss:

Deixe-me antes do mais dizer-lhe quanto admiro a sua perspicácia em me ter descoberto. Embora tivesse sido há apenas cinco anos que entrevistei o falecido major Erik Dorf, o Exército tem uma maneira muito sua de perder a pista destas coisas, particularmente depois de se regressar à vida civil.

Fui eu, de fato, o oficial que conduziu a entrevista com ele. Dorf foi apanhado para um interrogatório de rotina na cidade de Alt-Aussee, que era um esconderijo de oficiais das **SS**, tal como Hot Springs, Arcansas, no nosso país, tem fama de servir de local de "descanso" para criminosos da Máfia.

Não tomei parte na prisão, mas, segundo me parece, Dorf não trazia identificação, estava com roupas de civil e, de início, negou qualquer cumplicidade nos campos de morte ou nas **SS**. Foi traído pelas páginas de um diário cosido no forro do casaco. Confessou, posteriormente, que o grosso deste diário, mantido ao longo de muitos anos, se encontrava numa caixa de metal, em Berlim, no seu apartamento.

Era uma ocorrência vulgar entre estes homens. Frank, o governador da Polônia, possuía trinta e cinco volumes de notas sobre as suas atividades, tentou escondê-los e chorou como uma criança ao saber que tinham sido descobertos.

Dorf era um homem no começo dos trinta, magro, elegante, simpático. De início deu a sensação de confuso e nervoso; porém, mal percebeu que eu falava alemão fluentemente, descontraiu-se, sorriu e mostrou-se encantador e receptivo. Com dificuldade se pensaria num indivíduo implicado em assassínio em massa.

Contou-se entre as dúzias de criminosos de guerra que interroguei e conservei, evidentemente, registros dessas conversas. Existem, provavelmente, arquivados em qualquer ficheiro, e se Dorf tivesse ido a julgamento disporia provavelmente da hipótese de descobrir o rosto à minha entrevista. No entanto, darei o meu melhor para tentar reconstruir o fio da nossa conversa.

Tínhamos um processo sobre o major Erik Dorf e o seu nome encontrava-se em várias cartas e memorandos referentes aos Judeus, particularmente quando foi assistente de Reinhard Heydrich. Sabíamos, portanto, que não se tratava de um mero espectador.

Dorf insistiu continuamente em que não passava de um burocrata ou mensageiro. Reivindicou nada saber das chamadas atrocidades nem dos assassínios em massa, mas que, na minha qualidade de oficial como ele, decerto compreenderia que os espiões, sabotadores e criminosos eram freqüentemente condenados à morte.

Apresentei-lhe, seguidamente, algumas dúzias de fotografias dos campos de morte e pedi-lhe que me falasse a esse respeito. Decerto viu essas fotografias e

sabe como são - corpos empilhados, montanhas de cinzas, as pessoas nuas alinhadas do lado de fora das câmaras, os enforcamentos em massa. Não confessou qualquer conhecimento "direto" das mesmas. Continuou a insistir que os mortos eram provavelmente guerrilheiros, bandidos, pessoas destinadas a morrer devido às suas atividades e não à sua origem racial.

Dorf declarou - freqüentemente, recordo-me - que não tinha razões pessoais contra os Judeus e chegara até a proteger um médico judeu em Berlim, a quem admirara bastante.

Perguntei-lhe depois se tinha consciência de que, quando os últimos *Sonderkommandos* começaram a limpar Auschwitz, descobriram que numa das piras abertas havia uma camada de meio metro de gordura humana. Sacudiu a cabeça negativamente. Parecia querer dar a entender que corriam as histórias mais absurdas.

Continuou a comportar-se de uma maneira afável, cordial, a de um homem educado -

acentuou-me que era formado em Direito e insistiu no fato de que apenas transmitia ordens e eram os "outros" que elaboravam a política referente aos Judeus e outras minorias.

Finalmente, enquanto lhe mostrava fotografias de um grupo de crianças judias mortas, obviamente abatidas a tiro pelas *Einsatzgruppen* e empilhadas numa vala comum, informei-o de que tínhamos o testemunho de vinte e quatro pessoas, alemães e não alemães, que o haviam visto no local atuando com poderes oficiais nas câmaras de gás, nos fornos e nos fuzilamentos em massa. Uma das testemunhas ia a ponto de declarar ter visto o próprio Dorf a matar uma mulher judia, na Ucrânia, depois de desafiado pelo coronel Paul Blobel. (Deveria dizer o falecido Blobel, na medida em que o executaram há alguns anos.)

Neste momento, Dorf pareceu ganhar calor. Iniciou uma prolongada explicação de como os Judeus tinham de ser destruídos por serem os velhos inimigos da cristandade, os agentes do bolchevismo, os inimigos mais mortais da Europa, um vírus, etc.

- As crianças, major - chamei-lhe a atenção. - Porque assassinaram as crianças?

Respondeu que, por mais lamentável que fosse, se essas crianças não tivessem

sido mortas, viriam a constituir o núcleo de um novo ataque contra a Alemanha. O

Führer fornecera todas as explicações sobre o tema. (Se estiver familiarizado com alguns dos depoimentos de Nuremberg, recordar-se-á de que Otto Ohlenclorf, igualmente um indivíduo encantador, inteligente e educado, confessou sem peias que tinha ordenado a aniquilação de noventa mil judeus na Criméia, servindo-se da mesma linha de raciocínio.) Informei o major Dorf de que, se fosse satisfazer os meus desejos, lhe meteria de bom grado uma bala na cabeça naquele momento, dando-lhe as mesmas oportunidades que ele dera aos Judeus. Empalideceu. Apressei-me, porém, a acrescentar que vivíamos numa democracia e não procedíamos dessa maneira. Contudo, a sua confissão e informações que nos pudesse fornecer sobre a sua atividade nas **SS** e nas *RSHA* seriam úteis e talvez o beneficiassem quando fosse julgado, um acontecimento na minha opinião inevitável.

Dei-lhe mais uma série de fotografias, para que as observasse, acompanhadas de algumas cópias da correspondência que trocara com pessoas como Rudolf Hoess, Artur Nebe, Josef Kramer e outros elementos da solução final. Cometi seguidamente o erro de me dirigir à porta e de chamar o estenógrafo. (Até esse momento, estivera a tomar umas breves notas, mas desejava uma transcrição completa.)

Fosse como fosse, embora tivesse sido revistado, Dorf conseguira esconder - ou tinha-lhe sido passada furtivamente – uma cápsula de cianeto. Trincou-a no instante em que cheguei à porta. Quando o corpo atingia o chão, já estava morto. Como tantos da sua laia, preferira esta solução a enfrentar os monstruosos crimes que cometera. E, no entanto, era um jovem de uma simpatia enorme!

Lamento sinceramente o destino da sua família. Escreva-me se achar que lhe posso ser útil em qualquer outro ponto da sua investigação.

Cordialmente, Arthur Cassidy.

Uma segunda carta foca o destino da minha família e incluo-a nesta narrativa.

Foi escrita por Kurt Dorf, o tio do major Erik Dorf. Tive menos dificuldade em o descobrir. O seu nome consta no *Yad Vashem*, como um dos "cristãos justos" da Europa.

"Brema, Alemanha

10 de Julho, 19.50

Caro Senhor Weiss:

As suas fontes de informação não erraram. Sou tio do falecido major Dorf, de Berlim. Desconheço o que passo acrescentar à pesquisa que está a fazer sobre o destino da sua falecida família. Seria despropositado dizer que lamento e apresentar-lhe condolências. Que desculpa existe para um crime sem precedentes?

Conhece o testemunho que prestei em Nuremberg. Fui insultado e criticado por esse motivo e afetado na minha profissão de engenheiro. Espero emigrar para os Estados Unidos nos próximos seis meses. Alguns judeus amigos estão a tomar providências nesse sentido.

Erik Dorf suicidou-se em 16 de Maio de 1945, durante um interrogatório pela polícia secreta do Exército americano. O fato deu-se precisamente uma semana antes de o seu chefe Himmler se suicidar de maneira idêntica, depois de preso pelas autoridades britânicas em Luneburg.

Ao saber da morte do meu sobrinho, fui visitar a viúva e os filhos, logo na seguinte viagem que fiz a Berlim. Frau Dorf mostrou-me uma carta por assinar de "um camarada", onde se afirmava que Erik Dorf morrera como um herói em defesa do *Reich*.

Não permiti que o assunto ficasse por esclarecer e contei-lhes a verdade - que Erik era um criminoso, um assassínio de massas, um participante no crime mais monstruoso da história da Humanidade. Lamento declarar que nem Marta Dorf nem os filhos aceitaram o fato e me mandaram sair. A verdade é que Peter Dorf, o filho de quinze anos do major, me chegou a chamar "traidor".

Quanto ao seu pai, conheci-o em Auschwitz. Ele e um homem de nome Lowy faziam parte do meu grupo de construção de estrada. Leu o meu depoimento e está a par de que fiz esforços repetidos para salvar judeus das câmaras de gás, escolhendo alguns homens e quase os escondendo das **SS**. Lamento não ter conseguido proteger o seu pai durante mais tempo. Suspeito que o meu sobrinho, com quem me desentendera, teve a ver com o seu envio para as câmaras.

O seu pai pareceu-me um homem muito bondoso e digno e sinto-me cheio de vergonha e de culpabilidade por pertencer a uma nação que destruiu tal povo. Esse o motivo por que me decidi a falar e a ser ouvido. Embora de pouca consolação possa servir, recordo-me de que foi para a morte com coragem e até mesmo, segundo me recordo, um toque de humor. No meu espírito conturbado recorta-se a sua imagem a gracejar com o tal Lowy, enquanto seguiam em marcha, a caminho das câmaras.

Não. Não conheci a sua mãe nem o seu irmão. Ambos parecem ter sido pessoas maravilhosas, e mais uma vez me assalta o sentimento de vazio, horror e frustração ao recordar a destruição que infligimos sobre tantas pessoas nesses anos de pesadelo.

Falando em defesa própria - por fraca que seja -, ainda tinha quatrocentos judeus a trabalhar para mim, salvos das câmaras quando o campo de Auschwitz foi libertado.

Peço-lhe que me volte a escrever, se achar que lhe posso ser útil. O fato de me encontrar incluído entre os "cristãos justos" da Europa é uma honra que não estou certo de merecer. Contudo, aceito-a com humildade. Talvez um dia nos encontremos em Israel.

Sinceramente, Kurt Dorf."

Em 11 de Maio de 1945, desloquei-me a Theresienstadt, acompanhado de uma brigada checa. Muitos dos soldados eram judeus. Havia mesmo um homem que morava na rua de Helena, em Praga. Havia-a conhecido, assim como aos pais. Contou-me que estavam mortos há muito tempo, mas que desconhecia pormenores. Por meu turno, contei-lhe muito pouco sobre Helena. O silêncio que guardei serviu para fornecer algumas informações a meu respeito - um tipo estranho, este berlinense, um ex-guerrilheiro.

Continuava incapaz de chorar. Tentei não pensar nela. Amara-a demasiado, com uma intensidade excessiva. Tínhamo-nos apoiado em várias situações de perigo.

Vivêramos várias vidas nos nossos anos em comum. Tinha dificuldade em ser bom ouvinte. As pessoas fatigavam-me com as suas histórias. Houvera demasiado sofrimento e miséria. Cheguei à conclusão de que me apetecia estar sentado, sozinho, a meditar e sem me ligar a ninguém.

De regresso à Checoslováquia, vagueei por Auschwitz e soube, por intermédio de alguns sobreviventes, que os meus pais e o meu irmão tinham morrido naquele local.

Não restava, obviamente, qualquer vestígio deles.

Posteriormente, num campo chamado Gross-Rosen, encontrei Hirsch Weinberg, o alfaiate que conhecera Karl em Buchenwald e o tinha visto mais tarde, quando o meu irmão se encontrava à beira da morte, em Auschwitz. Weinberg falou-me do último desenho que saíra das mãos de Karl. Aquela coisa estranha - a mão erguendo-se de um pântano. Weinberg contou-me ter razões para pensar que a minha cunhada Inga ainda se encontrava no campo.

Cheguei a Theresienstadt numa soalheira manhã de Primavera. Um espetáculo surpreendente. A cidade acabara de ser libertada. Os judeus continuavam a morrer de fome e de doença - e os primitivos habitantes checos, que tinham sido expulsos pelos *nazis*, a fim de começarem a construir o campo, regressavam como se nada tivesse acontecido.

A Cruz Vermelha encontrava-se presente, a tratar os doentes e a dar comida às pessoas.

O mesmo se passava com uma organização chamada Agência Judaica para a Palestina, que montara um gabinete e segundo parece registrava antigos presos. Desci a rua - era um local atraente, apesar das coisas horríveis que tinham sido praticadas sobre as pessoas - e interroguei-me se conseguiria encontrar Inga.

Mantinha mentalmente uma lista dos mortos. Tentei apagá-la, mas os nomes e as circunstâncias continuavam a vir à superfície e em breve comecei a sentir-me culpado por ter tido a sorte, a resistência e a esperteza suficientes para estar vivo, enquanto toda a minha família morrera.

Os meus avós, os Palitz, suicidas em Berlim...

Os meus pais, mortos na câmara de gás em Auschwitz...

A minha irmã Anna, morta, só Deus sabe onde e em que circunstâncias. . .

O meu irmão Karl, morto de fome em Auschwitz...

O meu tio Mases, abatido a tiro no gueto de Varsóvia...

Custava-me a acreditar que tinha naquela altura vinte e sete anos e que passara os últimos seis anos da minha vida a vagabundar. E interroguei-me sobre o motivo que me levara ali. E também para onde iria.

Num campo lamacento perto do edifício assinalado com a tabuleta da Agência Judaica, alguns miúdos andavam a dar pontapés numa bola de futebol. Olhei-os. Pensei nas centenas de jogos em que participara, na carreira profissional para que todos me predestinavam e no dia em que me expulsaram do grupo dos semiprofissionais. Dava-me a sensação de ter vivido outra vida. Noutro planeta, séculos antes.

Um indivíduo corpulento, vestido com um uniforme de caqui, saiu do edifício da Agência Judaica e fitou-me por momentos. Estava a falar com um outro homem, mais baixo e mais velho. Olhavam-me?

Continuei a andar. Observei as lojas falsas, o banco falso, todas as armadilhas com que os *nazis* tinham imposto ao Mundo a noção de que os Judeus estavam a viver numa comunidade própria. Tudo isto enquanto doze mil eram mortos diariamente com gás só em Auschwitz, para não falar em Treblinka, Chelmno, Sobibor.

Há, no entanto, uma altura da vida em que se deve obstruir o cérebro ou pelo menos incentivá-lo numa outra direção. Mas como? Onde pertencia? Quem me desejava?

Avistei Inga.

Transportava ao colo um rapazinho, talvez com uns dez meses. Estava vestido com um casaco para o dobro do seu tamanho. Era um rapazinho de rosto corado e os olhos tristes de Karl.

- Rudi! - exclamou. - Sempre esperei que viesses.

Beijámo-nas.

- Dá um beijo no teu sobrinho - convidou. - o filho de Karl. Dei-lhe o nome de Josef, em memória do teu pai. As pessoas dizem que se parece com o Karl.

Dei um beijo na face da criança. Cheirava a leite azedo, como a maioria dos bebês.

- Acho-o mais parecido com o Churchill! - observei.

- Continuas o Rudi de sempre - retorquiu com um sorriso.

- Vem sentar-te e conversar um pouco comigo.

Mas o que podíamos dizer um ao outro? Sabia da morte de Karl, da morte dos meus pais, da morte do tio Moses no gueto de Varsóvia. E contou-me a verdade a respeito de Anna. Tinha sido informada sobre Hadamar e as "mortes piedosas" e sentia-se culpada por ter enviado Anna para lá, a conselho do médico.

- Recordo-me do dia em que saíste de Berlim - disse.

- Tu, só, contra o mundo.

- Tive sorte.

O bebê choramingou. Belisquei-lhe o rosto de leve.

- Sorri, Churchill. Sou o teu tio.

Contou-me a história de Karl e dos artistas, como os alemães o torturaram, como se recusou a revelar-lhes o que sabia sobre os desenhos escondidos e a denunciar outros artistas. Mantivera a coragem até ao final.

- E conseguirão ir para a frente com a sua versão - comentei -, porque ninguém será capaz de acreditar num crime tão monstruoso. Todos dirão: "É impossível. Não seriam capazes de matar tantos, torturar tantos, serem tão crueis." As pessoas afirmarão que existem limites, que há um ponto para lá do qual os seres humanos não avançam.

Mas eles não se detiveram.

- Podes odiar-me, se quiseres - redarguiu Inga.- Sou alemã como eles.

- Não. Não te odeio. De mim, apenas resta um vazio. Nem ódio, nem amor, nem esperanças. Continuarei muito simplesmente a viver. Como as mortos-vivos dos

campos.

- Não, Rudi. Tu não. Nunca.

Falei-lhe de Helena e de quanto nos amáramos. Deus sabe o que fizeram do seu corpo. Não iria procurá-lo. Provavelmente estaria em qualquer vala, queimado pelos alemães.

- Mas possuíram-se durante algum tempo - disse Inga - e amaram-se.

- Sim, é verdade.- Suspirei e fitei-a.- Para onde vais?

- Vou regressar à Alemanha. Mas não ficarei. Não quero criar o filho do Karl nesse país. Talvez me decida pela América. E tu?

- Não sei. Andarei por aí.

- Sozinho? Sem dinheiro?

- Tenho o suficiente para me agüentar por uns tempos.

Pediu-me que visitasse o estúdio onde Karl tinha trabalhado, onde fizera os desenhos secretos que tanto tinham enraivecido os Alemães e lhe tinham causado a morte.

Levantávamo-nos. Havia grande atividade no campo: cozinhas fora de portas, unidades de primeiros socorros, pessoas transportando os seus haveres em carroças, membros do Exército checo, os poucos judeus que haviam sobrevivido, cristãos checos que regressavam.

Passeamos pelas ruas cobertas de cascalho. Voltei a beliscar carinhosamente o rosto do meu sobrinho.

No estúdio, conheci Maria Kalova, que tinha trabalhado com Karl.

Ela e Inga espalharam dúzias de desenhos e esboços em cima das mesas. Eram produto de Karl e de outros homens. Continham a história verdadeira dos horrores do campo – enforcamentos, espancamentos, fome, degradação. Eram a resposta dos artistas aos *nazis*.

- O seu irmão era um homem de talento e bom – declarou Maria Kalova. -

Todos os desenhos serão expostos num museu de Praga, para que toda a gente os possa ver.

- Mataram-no por isso? - perguntei.

Inga começou a chorar.

- Se o tivesses visto, Rudi, com as mãos deformadas, aquelas mãos maravilhosas...

E havia ainda, evidentemente, o seu último desenho. A mão erguendo-se do pântano, numa tentativa de alcançar o céu.

Examinei os desenhos, e vi-me com Karl a brincar na rua em frente de Groningstrasse. Algumas vezes brincávamos de *cowboys* e peles-vermelhas. Karl detestava fingir que disparava uma arma.

Porém, não consegui chorar.

- Pobre Karl! - foi o que comentei estupidamente. - Magro, receoso. Mas não tinha medo deles. Mais corajoso do que eu.

Andei quase sempre armado. E, em seguida, surgiu-me subitamente a imagem do meu pai, vestido com a bata branca e o estetoscópio no bolso. O rosto bom e cansado a olhar pela janela. Batia nos vidros, chamando-nos para jantar. Começo de Outono em Berlim. As folhas caindo. Eu e Karl lutando por brincadeira e correndo para os degraus da casa. Sempre eu o vencedor.

Olhei para o bebê, interrogando-me sobre o tipo de vida que o aguardaria.

Velhas recordações agitaram-se no meu íntimo. Uma mãe afetuosa. Um pai bom. Irmão, irmã. Uma família que partilhava coisas, sorria, se irritava, achava beleza na música, encanto no desporto, todos admirando o meu pai, aquele médico sempre com os pensamentos ocupados por alguém doente, uma pessoa perdida. E todos nós um tanto receosos da minha mãe, tão digna, bonita e inteligente.

Todos destruídos. Queimados, as cinzas deitadas ao vento. E quantos milhões de outras famílias tinham destruído, sem o mínimo indício de piedade, sem motivo,

numa explosão monstruosa de matança e ódio que ainda não entendia. Senti a aproximação da vaga. Cedo lhes observei aquele ódio irracional no olhar e fugi. No entanto, continuo sem compreender o que os motivou.

- Parece-me um rapazinho saudável - observei, engolindo o primeiro sinal de emoção que me assaltava de há uns meses a essa parte.

- E é, Rudi.

Inga chorava, agarrando-me na mão:

- Deus abençoou-me ao permitir que fizesse parte da vossa família. Sinto-me envergonhada e culpada por ainda estar viva. Não tenho esse direito.

Sacudi a cabeça negativamente.

- Talvez nos amássemos demasiado. Provavelmente foi o que nos destruiu.

- Não, Rudi. Não deves acreditar nisso, nem tão pouco dizê-lo.

Despedi-me de Maria Kalova. Inga, sempre com o filho ao colo, acompanhou-me até à praça.

- Para onde vais? - perguntou.

-Não faço idéia. Sou um zé-ninguém. Sem família, sem pátria e sem documentos.

- Vem para Berlim comigo e com o pequeno Josef. Até te decidires.

- Nunca mais voltarei.

- Adeus, irmãozinho - despediu-se, dando-me um beijo.

Era o mesmo frio que me envolvia ainda e mal me fez sentir o beijo.

- Adeus, Inga - respondi. - Ensina-o a não ter medo - acrescentei, indicando o meu sobrinho.

Afastei-me. Tinha alguns amigos na Brigada Checa, aos quais queria ir falar.

Homens que tinham conhecido a família de Helena; talvez me soubessem aconselhar.

Passei uma vez mais pelo campo, onde os miúdos davam pontapés na bola de futebol. Eram rapazes com um aspecto estranho, muito morenos, de cabeça rapada, magros, de roupas em farrapos. Contudo, alguns sabiam jogar bem, transportar a bola, passá-la de cabeça.

Detive-me a observá-los. Nesse momento, o indivíduo corpulento que tinha visto antes apareceu na ombreira da porta. Estava a fumar um charuto.

- Alguns destes miúdos não são nada maus – comentei, dirigindo-lhe a palavra. -

Quem são?

- Judeus gregos. As famílias foram exterminadas em Salonica. Um presente de despedida dos Alemães.

Um olhar de raiva, o antigo desejo de matar alguém como vingança, deve ter alterado a minha expressão. Apenas conseguia pensar: "Onde estão os sacanas que lhes mataram os pais? Porque não os abatem? Porque é que o Mundo permite este tipo de coisas?"

- Você é o Rudi Weiss - disse o homem.

- Como sabe?

- Não existem segredos num campo liberto. Pelo menos, entre os judeus não. -

Estendeu-me a mão forte. - Chamo-me Levin. Trabalho na Agência Judaica para a Palestina. Sou americano.

- E então?

- Estou a par de algumas coisas a seu respeito.

- Como, por exemplo?

- Oh! Que foi guerrilheiro durante muito tempo. Dizem que escapou de Sobibor.

- Que mais sabe?

- Desculpe-me, Weiss. Os seus pais e o seu irmão morreram em Auschwitz. A sua mulher foi morta na Ucrânia.

- Sabe muitas coisas.

Sentia-me vagamente aborrecido com Levin. Desejava que me deixassem em paz, construir a minha própria vida, enterrar o passado. Comecei a afastar-me.

- Um momento, Weiss - deteve-me Levin.

- Porquê?

- Quer um emprego?

- Já que sabe tantas coisas sobre mim, também deve estar a par de que não acabei o liceu - retorquiu com um sorriso.

- Considero-o qualificado para este emprego.

Pegou-me no braço e levou-me até junto do campo úmido, onde as crianças gregas estavam a dar pontapés na bola.

- Está a ver estas crianças? - perguntou Levin. - Precisam de um pastor.

- Um pastor?

- Alguém que as introduza furtivamente na Palestina. São quarenta órfãos.

Alguém tem de cuidar delas. Interessa-lhe?

- Não falo grego. Nem hebraico. Não tenho certeza de ser suficientemente judeu.

- Considero-o o homem indicado - sorriu Levin.

Recordei-me de Helena, dos seus sonhos de Zion, do mar de águas quentes, das fazendas nas montanhas e no deserto.

- Não será tão perigoso como as guerrilhas, Weiss, mas tampouco um grupo Purim. Nada de armas, mas muita ação. O que me diz?



http://groups.google.com/group/digitalsource
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

Não pensei mais e respondi:

- Porque não?

Em seguida, deixei cair a mochila no chão e corri para o campo de futebal.

- Arranjar-lhe-emos passaporte - gritou Levin.

Dois miúdos tinham chocado e um caíra. Levantou-se, pronto a lutar. Separei-os.

- Se querem jogar futebol, deixem-se disso - exclamei.

- Dá-me a bola.

Comecei a rolar a bola suavemente pelo campo, passando-a por entre os jogadores, fintando, servindo-me da cabeça, dirigindo o ataque.

Corriam à minha volta, rindo e gritando numa língua que não entendia.

Alguém tinha colocado duas latas de óleo vazias na extremidade do campo, a a fim de marcar a baliza. Passei a bola para o lado, fiz uma finta e marquei golo.

Quando recuperei a bola e voltei até junto dos miúdos de cabeça rapada, já

sabiam o meu nome. Agarraram-se-me às pernas, apertaram-me a mão e um deles beijou-me.

FIM DO LIVRO.